

LIÇÕES

DE

Philologia Portuguesa

dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa

PELO

D.<sup>OR</sup> J. LEITE DE VASCONCELLOS

Primeiro Conservador da mesma Bibliotheca, e Professor do Curso  
de Bibliothecario-Archivista



LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA & C.<sup>TA</sup>

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

1911







# LIÇÕES

DE

# Philologia Portuguesa

dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa

PELO

D.<sup>OR</sup> J. LEITE DE VASCONCELLOS

Primeiro Conservador da mesma Bibliotheca, e Professor do Curso  
de Bibliothecario-Archivista



LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA & C.<sup>TA</sup>

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

1911

PC  
5043  
L4  
1911



AO EX.<sup>MO</sup> SR.

# Julio Moreira

consagra, *lubentissimo corde atque animo*, o antigo discipulo:

.. eu com teu juyzo tenho conta  
E com outros que sey que delle pendem.  
Os mais, que digão bem, que mal, — que monta?

(DIOGO BERNARDEZ, *O Lyra*, Lisboa, 1596, fl. 99,  
carta XII, ao D.<sup>o</sup> Antonio Ferreira)

J. L. DE V.





## PROLOGO

---

Em 1903 pediram-me alguns alumnos do Curso de Bibliothecario-Archivista que lhes fizesse na Bibliotheca Nacional de Lisboa umas prelecções de Philologia Portuguesa, principalmente a respeito da lingua archaica; accedi de bom grado ao seu pedido, e logo tratei de obter para isso auctorização superior.

Por Portaria de 31 de Dezembro de 1903, emanada do então Ministerio do Reino, sob proposta do Sr. Bibliothecario-Mór interino, fui oficialmente encarregado das referidas prelecções, sem encargo para o thesouro<sup>1</sup>. Já antes porém d'aquelle dia ellas tinham começado, com auctorização provisoria do Sr. Director da Bibliotheca.

As conferencias, que a princípio se destinavam, como disse, aos alumnos do Curso de Bibliothecario-Archivista, em breve começaram a ser assistidas de alumnos de cursos de fóra, e tambem de professores, escritores, e outras pessoas. Assim enthusiasmado e honrado com tal favor, que

---

<sup>1</sup> Vid. *Diario do Governo* de 8 de Janeiro de 1904 (n.º 5), p. 69.

menos dependia da capacidade do conferente, que da curiosidade que o assunto despertava no público, entendi que não devia circumscrever-me, nem na Philologia archaica, nem num anno unico, e por isso, não só perlustrei os varios campos da sciencia, mas continuei em annos successivos, ao todo, oito até hoje,—o que perfaz cento e doze conferencias, absolutamente gratuitas<sup>1</sup>.

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, já desde 1844 que existe uma cadeira de Numismatica<sup>2</sup>, á qual em 1887 se aggregou a de Bibliologia<sup>3</sup>; em 1864, um dos mais illustres Conservadores que na mesma Bibliotheca houve, o eruditissimo Antonio José Viale, hoje fallecido, recebeu do Governo a permissão de reger ahi uma aula de grego e latim, como auxiliar da 2.<sup>a</sup> cadeira do Curso Superior de Letras, d'onde Viale era lente<sup>4</sup>. Na Bibliotheca Nacional

<sup>1</sup> No 1.<sup>o</sup> anno vinte e duas prelecções; no 2.<sup>o</sup> onze; no 3.<sup>o</sup> dezoito; no 4.<sup>o</sup> quinze; no 5.<sup>o</sup> nove; no 6.<sup>o</sup> oito; no 7.<sup>o</sup> onze; no 8.<sup>o</sup> dezoito. Em alguns annos foram poucas, por eu ter de sahir da capital.

<sup>2</sup> Portaria de 19 de Dezembro.

<sup>3</sup> Decreto de 29 de Dezembro.

<sup>4</sup> Em 17 de Julho de 1867 apresentou Viale ao Governo um relatorio da regencia de 1866-1867, o qual lho mereceu uma Portaria de louvor com data de 29 do mesmo mês. Portaria e relatorio appareceram publicados no *Diario de Lisboa* de 9 de Agosto de 1867. D'aquella consta que a aula fôra auctorizada por outra Portaria, de 6 de Dezembro de 1864. Cfr. *Dicc. Bibliogr.* de Innocencio, VIII, 218. —Entre os discipulos que Viale teve, contam-se o Sr. Epiphanio Dias, o Sr. Gonçalves Viana, e o Sr. Pereira de Miranda. O ensino de Viale tinha character verdadeiramente classico, porque as traducções de grego faziam-se não raro para latim, e esto era ás vezes o

de Paris ensinou Oppert o sanscrito<sup>1</sup>. Em bibliothecas dos Estados Unidos existem salas especiaes para conferencias públicas, que lá se effectuam frequentemente: *c'est une extension du rôle éducateur dévolu à la bibliothèque*<sup>2</sup>. Eu tinha pois bons exemplos que seguir. Além d'isso, constituindo a Philologia para mim, desde os verdes annos, um dos estudos da minha paixão, não me era molesto o encargo que me davam, e pelo contrário me aprazia, e me estimulava a trabalhar mais.

A instancias do benemerito editor lisbonense o Sr. A. M. Teixeira, organizei um livro com as materias dos seis primeiros annos escolares, e hoje o dou a lume na sua casa<sup>3</sup>.

Para a organização eu dispunha de tres processos: apresentar as lições pela ordem em que foram dadas, taes quaes; apresentá-las em ordem methodica, dentro de cada

unico idioma que durante as lições se usava. — Convém accrescentar que nem os alumnos dispendiam nada, nem o professor recebia remuneração alguma: tudo gratis.

<sup>1</sup> *L'Anthropologie*, xvi, 597.

<sup>2</sup> *Courrier des bibliothèques*, 1901 (Paris), p. 115-116.

<sup>3</sup> Os resumos de algumas lições sahiram impressos em periodicos: do 1.º anno, na *Revista Lusitana*, viii, 159-170 (d'onde se fez separata, em opusculo); do 4.º anno, no *Seculo* de 20 de Novembro e 17 de Dezembro de 1906, e 22 e 28 de Janeiro de 1907, nos *Echos da Avenida* de 3 e 10 de Março de 1907, e no *Jornal do Commercio* de 22 de Março de 1907; do 5.º anno, nas *Noticias de Lisboa* de 24 de Janeiro, 19 de Fevereiro, 5, 8, 19 e 22 de Junho, e 8 e 16 de Julho de 1908; do 6.º anno, *ibidem*, de 23 de Janeiro a 6 de Março de 1909 (oito numeros). O que a pag. 355 digo do *Auto da Festa*, appareceu primeiro nos citados *Echos*, de 16 e 23 de Dezembro de 1906.

anno; tomar de cada grupo o que é commum a todos, e constituir com isso, embora completando-o ou ampliando-o, um tratado uniforme. O primeiro processo tornava-se fastidioso ao leitor, porque o obrigava, já a continuas repetições, já a grandes interrupções; o terceiro causava-me grande fadiga, porque eu precisava de desmanchar o plano dos respectivos grupos de lições, e aproveitar muito diversamente da intenção primitiva os meus apontamentos, visto que nunca pensára em coordenar um compêndio: adoptei pois um meio termo, isto é, o segundo processo. Ainda assim, não evitei por completo interrupções e repetições; mas obviei um pouco ao inconveniente, formando com as materias estudadas um quadro synoptico de Philologia Portuguesa, que vae no fim do volume.

Pois que as minhas prelecções não obedeciam a plano fixo, á mercê, como estavam, da frequencia e indole do auditorio, que não era sempre o mesmo, eu tinha liberdade de lhes dar a amplitude que me parecesse, com tanto que não ultrapassasse as fronteiras da sciencia: por esse motivo ás vezes occupo muitas páginas com um assunto que facilmente poderia versar em poucas linhas; e vice-versa.

Cada prelecção constou de duas partes: a primeira, destinada a interpretação de trechos antigos contidos na minha chrestomathia intitulada *Textos Archaicos*<sup>1</sup>; a segunda, destinada a factos varios, por exemplo, respostas a perguntas dos ouvintes, noticias de livros apparecidos, explicações de occasião. Em quanto interpretava os trechos,

---

<sup>1</sup> 1.ª ed., 1905; 2.ª ed., 1907-1908.

aproveitava o ensejo de desenvolver pontos de Grammatica, e apresentar etymologias. Assim se explica a feição polygraphica do livro. Neste supprimi, por superfluas, certas observações que já andam nos *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., a que a cima me referi.

Bem conheço a quão grande responsabilidade me sujeito, dando a lume o presente livro. Sirva-me comtudo de desculpa, por um lado, o querer eu, embora parcamente, concorrer para o progresso dos estudos philologicos entre nós, pelo que, segundo uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, não *me tenha ninguem a mal, particularizar tanto as cousas de Portugal*<sup>1</sup>, e por outro lado, o serem muito falhas de obras philologicas as livrarias públicas de Lisboa: basta lembrar que a Bibliotheca Nacional, a pesar de, na área das sciencias historico-philologicas, muito se ter enriquecido nestes ultimos vinte annos, como eu, na qualidade de Bibliothecario e frequentador d'ella, posso dar testemunho, não possui todas as revistas que cito a pag. 499-500, e das ahi existentes estão incompletas algumas. Ora é claro que um particular, por muito que compre, não póde comprar quanto vem ao mercado, tanto mais que a bibliographia romanica augmenta lá fóra cada dia prodigiosamente.

Campolide, 10 de Junho de 1911,  
dia da festa de Camões.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

<sup>1</sup> *Monarchia Lusylana*, liv. I, cap. XXIII (Alcobaça, 1597, fl. 70 v.).



## SIGNAES E ABREVIATURAS

---

- √ . . . . . denota thema ou radical.
- \* . . . . . posto antes de uma palavra designa que ella não se encontra nem na lingoa actual, nem em documentos, mas que deve ter existido; isto é, que é theorica, por ex. \*Cuda, fórma deduzida de *Transcudani*, nome de um povo que sabemos que habitava na antiguidade uma das margens do *Coa*.
- > . . . . . entre duas palavras indica que a segunda provém da primeira, por ex. bene > *bēe* > *bē* = *bem*.
- < . . . . . indica que a primeira provém da segunda: *bēe* < bene.
- <> . . . . . entre duas palavras, ou dois elementos de palavras, denota correspondencia na fórma ou no sentido: hesp. *solo* <> port. arch. *soo*.
- = . . . . . ou indica que as palavras entre que se colloca só differem entre si na orthographia, e se pronunciam do mesmo modo, por ex. *andam* = *andão*, ou indica o resultado de uma operação mental (vid. a alinea seguinte).

- + . . . . . denota « mais », por ex.: *escudrinhar* + \**esculdinhar* = *esculdrinhar*, isto é, que quem pronunciou as duas palavras as somou ou confundiu mentalmente, do que resultou uma nova com elementos de ambas;  $\sqrt{\text{casa}} + \text{-eiro} = \text{caseiro}$ .
- ˘ . . . . . (*bráshia* ou *bráquia*) collocado sobre uma vogal mostra que ella é breve, por exemplo vídeo.
- . . . . . (*mácron*) collocado sobre uma vogal mostra que ella é longa, por ex. lūna.
- \ . . . . . antes ou depois de um elemento de uma palavra, denota que elle é final (geralmente suffixo) ou inicial, e de cada lado denota que elle é medial: *P-*, *os-*, *-ista*, *-l-*. Em palavras como *bonu-*, *sole-*, *fructu*, *fide-*, denota que na pronuncia do latim vulgar cahiu o *-m* do accusativo.
- { . . . . . posto entre duas palavras quer dizer que a segunda provém do thema da primeira: *Narbo* { *Narbona*.
- Palavra espacejada denota etymo, por ex. *rota* > *roda*.
- .. . . . . entre palavras numa citação significam que se supprimiu alguma que não vinha ao caso.

*cfr.* = *confer*, imperativo do verbo latino *conferre*: « compara », isto é: « compare-se ».

*fr.* = francês.

*hesp.* = hespanhol.

*it.* = italiano.

*lat.* = latim.

*pr.* ou *prov.* = provençal.

*rum.* = rumeno.

E assim tambem: *mir.* = mirandês, *cat.* = catalão, *gal.* = gallego, *vb.* = verbo, etc.



- Zs. f. rom. Phil.* = Zeitschrift für romanische Philologie.  
*Gr. des l. rom.* = Grammaire des langues romanes.  
*Lat.- rom. Wb.* = Lateinisch-romanisches Wörterbuch.  
*Et. Wb.* = Etymologisches Wörterbuch.  
*Wb.* = Wörterbuch.

Ha outras abreviaturas, faceis de conhecer.



# TABOADA DAS MATERIAS

---

Dedicatoria . . . . .	V
Prologo . . . . .	VII
Sígnas e abreviaturas . . . . .	XIII

---

## I

(ANNO LECTIVO DE 1903-1904)

### Noções preliminares:

(Nomenclatura e definições) Grammatica e outras disciplinas.— Glottologia. — Historia de uma lingua. — Philologia . . . . .	3
--	---

### Origem e evolução da lingua portuguesa:

Latim vulgar em geral. — Lingoas romanicas. — Latim vulgar ibe- rico. — Latim barbaro. — Epocas da lingua portuguesa. — Onde póde estudar-se o português antigo. — Geographia da nossa lin- goa. — Dialectos . . . . .	11
---	----

### Fontes do lexico português:

O latim é a fonte principal. — Palavras populares e palavras littera- rias. — Fórmias divergentes. — Fontes pre-romanas. — Fontes ger- manicas e arabicas. — Outras fontes . . . . .	23
--	----

**Conspecto de phonologia historica:**

- Prosodia. — Classificação phonetica. — Relação dos sons portuguezes com os latinos. — Com os de outras linguas . . . . . 29

**Vestigios dos casos latinos:**

- Casos latinos e casos romanicos. — Genetivo possessivo no portuguez medieval. — Outros restos de casos . . . . . 41

**Pronomes e artigos:**

- Classes de pronomes (antigos e modernos). — Alguns usos syntacticos. — Connexão dos artigos com os pronomes e os numeracs. — Origens . . . . . 51

**Explicação de textos antigos:**

- Testamento de D. Affonso II. — Duas poesias trovadorescas (com uma noticia da poesia provençal). — Notas lexicologicas . . . . . 69

## II

(ANNO LECTIVO DE 1904-1905)

**Latim lusitanico, e portuguez archaico:**

- Vocabulos prè-romanos da Iberia. — Importancia do *Corpus Inscriptionum Latinarum*. — Summário de Grammatica do latim vulgar na parte com que se justifica a portuguesa. — Amostras do lexico. — Testemunho de S. Isidoro Hispalense. — Portuguez prè- e protohistorico. — Monumentos da lingua portuguesa archaica. 117

**Phenomenos archaicos no fallar hodierno:**

- A) **Grammatica:** Terminações *-om* e *-am*, e plural dos nomes. — Vogaes abertas de syllabas atonas. — Digraphos *-eo* e *-ea*. — Plu-

ral em <i>-les</i> (de <i>-l</i> ). — Genetivos medievaes mantidos em nomes proprios. — Adjectivos. — <u>Pronomes</u> . — Fórm <sup>a</sup> s verbaes. — Particulas. — Syntaxe.	
B) <b>Lexico:</b> Varios vocabulos . . . . .	139
 <b>Discussão grammatico-lexicologica:</b>	
Genero de certos nomes. — Comparativos. — <i>Anís</i> . — <i>Conradança</i> . — <i>Lavandeira</i> . — <i>Simildão</i> . . . . .	201
 <b>Exemplos de dissimilação:</b>	
Generalidades. — Dissimilação consonantica. — Dissimilação vocalica. — Haploglogia. — Appendice: a palavra <i>serrazina</i> . . . . .	213
 <b>Observações orthographicas:</b>	
Orthographia medieval. — Grammaticos dos seculos XVI, XVII e XVIII. — Verney. — Gonçalves Viana . . . . .	223

III

(ANNO LECTIVO DE 1905-1906)

**Plano de estudos philologicos:**

Lexico. — Onomastico. — Grammatica. — Fases da lingua portuguesa. — Poetica, etc. — Estudo de certos AA. ou obras. — Publicação de textos. — Historia da litteratura. — Geographia da nossa lingua. — Dialectologia. — Historia philologica, e Bibliographia . . .	229
--	-----

**Heraldica e Lingüística:**

Brasões de familias e de terras baseados em interpretações etymologicas erradas, que deram ás vezes origem a lendas heraldicas. . .	251
---	-----

**Vocabulos avulsos, e flexões verbaes:**

- Certo* como adverbio. — *Comparar*. — *Dia*. — *Eigleija*. — *Fazenda* e suas acceções. — *Namorado*, e o character dos Portugueses. — *Sazom*. — *Ventuira*. — Verbos archaicos e modernos; verbos defectivos e inchoactivos; nivelamento de flexões . . . . . 273

## IV

(ANNO LECTIVO DE 1906-1907)

**O estudo da lingua patria, e suas vantagens:**

- Palavras latinas e lusitano-latinas que se tornaram portuguesas. — Evolução no tempo e no espaço. — Habitos phoneticos. — Sciencia linguística, e patriotismo. . . . . 287

**O L latino em portugûes:**

- Especies de *l* portugûes. — Condições do *L* latino, e suas alterações. — Portugûes e hespanhol . . . . . 293

**Dos nomes numeraes:**

- Cardinaes, ordinaes, distributivos, multiplicativos e fraccionarios. — Numeros redondos. — Systema sexagesimal e vigesimal (vestigios). — Reflexo dos nomes numeraes no onomastico. — Varios caracteres demopsychologicos . . . . . 301

**Phenomenos de estilo e syntaxe:**

- Allitteração. — Attracção syntactica. — Collocação de varias palavras na oração. — Ellipse . . . . . 313

**Onomastico antigo e moderno:**

- Preliminares. — Nomes lusitano-romanos conservados até hoje. — Varios nomes de povoações. — Perda do «de» no onomastico. — Deminutivos. — *Saxonia* . . . . . 327

**Algo de Dialectologia:**

Crioulos. — Ceilão. — O ceilonense. — *No País do Sol* (Algarve) . . . 351

**Auto da Festa:**

*Auto da Festa, nouamente feito por Gil Vicente*, — publicado e commentado pelo Conde de Sabugosa, Lisboa, 1906 . . . . . 355

V

(ANNO LECTIVO DE 1907-1908)

**Erros de lingoagem no uso quotidiano:**

Considerações geraes. — Erros de Grammatica (pronúncia, orthographia, morphologia, syntaxe). — Erros lexicologicos, pela mór parte gallicismos . . . . . 363

**Dispensario:**

Condições de uma etymologia. — O suffixo *-ário*. — O fr. *dispensaire*. — *Dispensatorio* . . . . . 397

**As palavras < patena >, < figado >, e < fivela >:**

Accentuação de *patêna*. — Lat. vulg. ficatum. — Suffixos latinos *-ula* e *-ella* . . . . .

401

**< Passar uma pernetta >:**

*Perneta* por *planeta*. — Acção da Astrologia. — Palavras d'essa mesma familia sematologica. . . . . 405

**Euphemismos:**

- Influencia da religião na vida da linguagem.—Bibliographia do assunto . . . . . 413

**Palavras criadas pela rima:**

- Lista de algumas.—*Araganças*.—*Baldrocas* . . . . . 417

**Gama vocalica na derivação:**

- Suffixos que só differem uns dos outros na vogal tónica.—Differenças de terra para terra.—Agglutinação.—Suffixos mortos, e suffixos vivos . . . . . 421

**Nomes patrios e gentilicos:**

- Differentes maneiras de designar a patria de um individuo.—Suffixos ethnicos e geographicos . . . . . 423

**Nomes de ventos:**

- Nomes antigos.—Designações vulgares, usadas no continente e archipelagos dos Açores e Madeira.—Poesia popular . . . . . 427

**Classes de nomes pessoais:**

- A proposito de *Carlos*, *Luis*, e *Manoel*. . . . . 433

**Analyse lexicographica de duas poesias de Sá de Miranda:**

- (Vid. *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 69-70) . . . . . 441

**Noticias bibliographicas:**

- Trabalhos de Gonçalves Viana, J. J. Nunes, Julio Moreira, O. Nobiling, e Mario Barreto. . . . . 447



VI

(ANNO LECTIVO DE 1908-1909)

**< Vergílio > não < Virgílio > :**

Documentos epigraphicos.— Uso medieval.— Litteratura portuguesa. 453

**A terminação atona -ade e -ada :**

A proposito de *pleiade* ou *pleiada*.— Formação da palavra *Lusiadas* 459

**Um vocabulo com tres fórmaz :**

*Esquadrinhar*.— *Escudrinhar*.— *Esculdrinhar* . . . . . 463

**Noticia do idioma de Riodonor :**

Fallado no concelho de Bragança . . . . . 465

**Onomastico do concelho de Mertola :**

Estudo de vocabulos colhidos nas matrizes prediaes . . . . . 467

\*

Quadro synoptico de Philologia Portuguesa . . . . . 481

Bibliographia . . . . . 499

Indice dos vocabulos . . . . . 501

Addenda & corrigenda . . . . . 517



# I

(ANNO LECTIVO DE 1903-1904)



## Noções preliminares

(Nomenclatura e definições) Grammatica e outras disciplinas. — Glottologia.  
— Historia de uma lingua. — Philologia.

A *fortuna ajuda os fortes*. Eis aqui uma frase que é uma quanto ao conceito geral, mas decomponível em varios elementos. Primeiramente temos: *a fortuna*, sujeito da oração; *ajuda*, predicado; *os fortes*, complemento directo. A esta análise chama-se « syntactica ». Em segundo lugar notamos que *a* é artigo definido, *fortuna* substantivo, *ajuda* verbo, *os* outro artigo, *fortes* adjectivo substantivado. A esta análise chama-se « morphologica ». Por último podemos observar que *a* e *os* são monosyllabos atonos, aquelle constituido por um só som, e este por dois, e que as restantes palavras são polyssyllabos paroxytonicos, isto é, com o accento na penúltima syllaba, composto cada um d'elles de varios sons. A esta analyse chama-se « phonetica ». O conjunto das tres análises denomina-se « grammatical », e a respectiva sciencia GRAMMATICA.

A Grammatica applica-se ou a uma lingua considerada em si mesma e em certa epoca, — GRAMMATICA PRÁTICA; ou a uma lingua considerada em relação a todas as epocas da sua existencia, — GRAMMATICA HISTORICA. Quando estuda várias linguas entre si, para determinar as relações de umas com as outras, recebe o nome de GRAMMATICA COMPARATIVA. No citado exemplo averiguaríamos que antes de se dizer *a*, em alguns textos orthographado *ha*, se disse *la*, como em hespanhol, francês, ita-

liano provençal, e que esta fôrma do artigo vem do pronome latino *illa-illam*; que *fortuna* é palavra meramente latina; que *ajudar*, como o confessa o provençal *adjudar*, o italiano *ajutare*, o catalão *ajudar*, o hespanhol *ayudar*, o francês *aider*, vem do verbo latino *adiutare*; que *os*, com o hespanhol e provençal *los*, e o francês *les*, representante de *los*, é o accusativo *illos*; que *fortes* é o latim *fortes*. Se compararmos a mesma frase com a latina *fortes fortuna adiuvat*, que é citada por muitos auctores romanos á maneira de proverbio <sup>1</sup>, veremos que *adiuare* foi substituido na lingua popular por *adiutare*, verbo formado do thema de *adiutum*, participio d'aquelle; outros phenomenos parallelos temos em: \**ausare* (d'onde o francês *oser*, o provençal *auzar* etc.) em vez de *audēre*, *cantare* em vez de *canēre*, \**voltare* em vez de *volvēre*,—por quanto os verbos intensitivos assim formados ficavam com maior sonoridade que os de que derivam <sup>2</sup>. Tudo isto são factos pertencentes aos campos da GRAMMATICA HISTORICA e COMPARATIVA.

Além das tres citadas classes de phenomenos grammaticaes, —phoneticos, morphologicos, syntacticos—, a frase *a fortuna ajuda os fortes* dá origem ao estudo de outras classes. Assim *fortes* é, como disse, adjectivo substantivado, isto é, que passou para a categoria dos substantivos; perdeu a sua significação especial, e adquiriu outra: deixou de exprimir uma qualidade inherente num ser, para exprimir o proprio ser (nome concreto). A palavra *fortuna*, se significa de modo geral «acaso», «sorte», e por consequencia póde receber epithetos oppostos,—*fortuna prospera*, *fortuna adversa* (expressões que tanto são portuguezas como latinas)—, toma-se na nossa lingua hodierna principalmente em accepção benefica. O estudo d'estas transformações de sentido chama-se SEMASIOLOGIA ou SEMANTICA. Alguns aucto-

<sup>1</sup> Vid. Otto, *Die Sprichwörter der Römer*, Leipzig, 1890, pag. 144.

<sup>2</sup> Diez, *Gram. des lang. romanes*, II, 370; Meyer-Lübke, *Gram. des lang. rom.*, II, § 586.

res aggregam-no ao estudo da Grammatica.— Em certo modo é contrapêso da Semasiologia a ONOMASIOLOGIA, que estuda as várias maneiras de exprimir as ideias: assim a ideia de *ajudar* exprime-se por este verbo, e por *favorecer*; a ideia de *fortuna* exprime-se por este substantivo, e tambem por *acaso* e *sorte*. A Onomasiologia, applicada, como aqui, a um grupo de palavras pertencentes a uma só lingua, constitue propriamente o que d'antes se chamava SYNONIMIA; mas tambem se applica á comparação dos vocabulos que em differentes dialectos ou linguas irmãs traduzem uma ideia da lingua litteraria ou da lingua-mãe<sup>1</sup>. — Quando se acompanha, em determinado territorio, a distribuição dos phenomenos glotticos, as transformações e lutas reciprocas dos vocabulos, os differentes modos de declarar uma só ideia, temos o que modernamente se chama GEOGRAPHIA LINGÜISTICA; o seu principal representante é o *Atlas linguistique* de Gilliéron & Edmont, que está em publicação<sup>2</sup>.

A frase latina *fortes fortuna adiuvat* apresenta mais um phenomeno curioso: as duas primeiras palavras começam por *f*,

<sup>1</sup> Quem primeiro empregou a palavra Onomasiologia (derivada do gr. *ὀνομασία* «designação nominal») foi Zauner no seu trabalho intitulado *Die romanischen Namen der Körperteile*, Erlangen, 1902, pag. 4. Depois foi adoptada por C. Merlo num livro que chamou *I nomi romanzi delle stagioni e dei mesi* (saggio di Onomasiologia), Torino, 1904; acerca d'este último livro vid. *Revista Lusitana*, VIII, 226. — A palavra tem hoje acceitação geral: vid. *Romania*, XXXIII, 289 (Thomas), e XXXIV, 139 (Roques), e *Archivio Glottolog. Ital.*, XVI, 371 (Salvioni).

<sup>2</sup> [Gilliéron deu uma amostra d'elle no opusculo que publicou de collaboração com Mongin, intitulado «*Scier*» dans la Gaule romaine, Paris, 1905. Além do livro de Merlo, citado na nota antecedente, vid. sobre o assunto: Clara Hürlimann com *Die Entwicklung des lat. «aqua» in den roman. Sprachen*, Zurich, 1903; K. Jaberg, com *Sprachgeographie*, Aarau, 1908; Bertoni com *Le denominazioni dell' «imbuto» nell' Italia del Nord* (ricerca di Geografia linguistica), Bologna-Modena, 1909. — Acerca do *Atlas* vid. Roques no *Journal des Débats* de 5-11-1903, e Förster na *Zs. f. rom. Philol.*, XXVII, 494-496 (nota). De Geographia lingüistica em geral, tratou em importante artigo Huber no *Bullet. de Dialectologie Romane*, I, 89 ss.].

com intuito rhythmico, ou por outra, são allitteradas. Na traducção portuguesa a allitteração está um pouco obscurecida, porque entre *fortuna* e *fortes* se intercalou uma palavra que não principia por aquella letra; comtudo no *Florilegio dos modos de fallar e adagios da lingua portuguesa*, do P.<sup>e</sup> Bento Pereira<sup>1</sup>, dá-se outra traducção: *a fortuna favorece aos fortes*: e aqui a allitteração é completa. Este phenomeno não pertence propriamente á Grammatica, porque, se se empregarem palavras não allitteradas, como *audentes fortuna iuvat*, o que tambem se usou<sup>2</sup>, o pensamento ficará claro; mas com a allitteração fica mais realçado. O estudo dos factos d'esta natureza entra no campo da ESTILISTICA, disciplina que porém é muito mais complexa. A Estilistica, sem ser realmente parte da Grammatica, está em íntima connexão com a Syntaxe. Com a Grammatica e a Estilistica se relaciona tambem de algum modo a METRICA, ou estudo da constituição dos versos. Estilistica e Metrica aproximam-se da ESTHETICA. Alargando mais ainda o campo da investigação, chegaríamos a tocar nos limites da RHETORICA e da POETICA, as quaes por outro lado confinam com a HISTORIA DA LITTERATURA. — A Natureza é só uma. Pensamento e falla dependem um do outro. Nós é que, para occorrermos á difficuldade da comprehensão dos phenomenos, pretendemos decompôr o que originariamente é complexo, e d'isso resulta a inclusão de uma disciplina ora no grupo A, ora no grupo B, sem que possamos assignar-lhe zonas eternas e definidas.

\*

O estudo proprio de uma lingua não se circumscreve nas disciplinas que de relance ficam indicadas nas páginas antecedentes. Muitos outros assuntos se apresentam no horizonte

---

<sup>1</sup> Lisboa, 1655, fls. 43. — Cfr. *Prosodia*, pag. 181 da ed. de 1723.

<sup>2</sup> Otto, *Die Sprichwörter*, cit. a cima, *ibidem*.



do investigador, por exemplo: deslindar os elementos provenientes de outras línguas que entram na trama do organismo de que se trata (ETYMOLOGIA); diferenciação dialectal, ou DIALECTOLOGIA; maneira de denominar as pessoas e os lugares, ou ONOMATOLOGIA. A Grammatica faz por isso parte de outra disciplina mais vasta, a qual soe chamar-se GLOTTOLOGIA, GLOTTICA, ou LINGÜISTICA. O primeiro termo é melhor, por estar de accôrdo com denominações parallelas e muito correntes, em que entra o elemento formativo *-logia*, embora cada povo prefira este ou aquelle: os Franceses dizem commummente *Linguistique*; os Italianos *Glottologia*. Em Portugal ha exemplos do uso de todos tres <sup>1</sup>.

\*

A par de Glottologia, os especialistas dizem HISTORIA DE UMA LINGUA. Por exemplo, Littré escreveu uma *Histoire de la langue française*, á qual pôs por sub-titulo: *études sur les origines, l'étymologie, la grammaire, les dialectes, la versification et les lettres au moyen âge*. A Historia de uma língua trata effectivamente de tudo isso: do mesmo modo que a Glottologia, ella considera a língua nas suas fontes, e observa-a em toda a sua vida, no tempo e no espaço, dando tambem noticia dos mo-

---

<sup>1</sup> A palavra *Lingüística*, a par de *lingüista* e *lingüístico*, é já usada em 1844 por Herculano no *Panorama*, VIII, 392-394. Ignoro se antes d'então ha exemplos do uso d'ella entre nós. É imitada do francês. A palavra *Glottica*, importada directamente da Allemanha (Schleicher), supponho que fez a sua apparição em Portugal em 1868 na *língua portugueza* de Adolfo Coelho, pag. VII; em seguida figura num opusculo que o mesmo A. publicou com o titulo de *Sobre a necessidade do ensino da « Glottica » em Portugal*, Lisboa, 1870, e no livro de Manoel de Mello, *Da « Glottica » em Portugal*, Rio de Janeiro, 1872-(1889).— Quanto a *Glottologia*, data talvez só de 1881: nesse anno publicou Gonçalves Vianna os seus *Estudos glottológicos*, separata do *Positivismo*, n.<sup>os</sup> de Fevereiro a Agosto. Do mesmo anno, ou do seguinte, é a *A língua portugueza, noções de « Glottologia »*, de Adolfo Coelho, Porto, s. d. (o prologo tem a data de Outubro de 1881).

numentos litterarios, e dos trabalhos escritos a respeito d'ella; o remate natural é o VOCABULARIO ETYMOLOGICO. A differença, se alguma se quer achar, entre Glottologia e Historia de uma lingoa, não é pois grande. Ordinariamente emprega-se *Glottologia*, fallando-se da sciencia em geral, e *Historia* fallando-se de uma lingoa em especial: Glottologia de uma lingoa é a Historia d'essa lingoa.

\*

PHILOLOGIA chamam os philologos allemães ao estudo: 1) da Glottologia; 2) da Metrica; 3) da Historia da litteratura. D'estas tres partes, além de introdução sobre a bibliographia, classificação, fontes e linguas pre-romanas, se compõe uma obra publicada por G. Gröber, e collaborada por muitos sabios, com o titulo de *Grundriss der romanischen Philologie*, em tres volumes <sup>1</sup>. — A Litteratura popular (Romanceiro, Cancioneiro, Adagiario, Novellistica), que costuma incluir-se na Ethnologia, póde, quando considerada nos seus elementos formativos e na sua technica, entrar na Philologia. Por outro lado a Litteratura culta, ou Litteratura propriamente dita, cujo estudo entra de direito na Philologia, póde, quando se considera manifestação typica da vida de um povo, entrar na Ethnologia.

Ha tambem quem tome *Philologia* na accepção de *Glottologia*.

\*

Tamanha variedade de nomenclatura <sup>2</sup> provém de serem muito velhos alguns dos vocabulos, como *Grammatica* e *Philo-*

<sup>1</sup> O estudo das differentes linguas romanicas não está ahi feito, nem completa, nem uniformemente. A principal importancia é dada á Phonologia e á Morphologia; a Syntaxe quasi foi deixada, e a propria Morphologia está ás vezes tratada de modo muito summário.

<sup>2</sup> E ella não fica por aqui!

*logia*, já usados pelos Gregos, que no-los transmittiram por intermedio dos Romanos, e de ter havido o desejo de expressar com elles ideias novas; ao mesmo tempo a sciencia progrediu e alastrou-se tanto, que se tornou urgente criar outras denominações, como *Glottologia* e os seus synonymos, que foram cruzar-se e lutar com as denominações anteriores. D'aqui resultou certa confusão. A expressão *Historia de uma lingua* provém do gosto de comparar o que se passa na vida de uma lingua com o que se passa na vida geral da humanidade.

\*

Nas mihas prelecções entendo geralmente por PHILOLOGIA PORTUGUESA o estudo da nossa lingua em toda a sua amplitude, e o dos textos, em prosa é em verso, que servem para a documentar. Deixo de fóra a Historia da litteratura propriamente dita.



## Origem e evolução da lingua portuguesa

Latim vulgar em geral. — Lingoas romanicas. — Latim vulgar ibérico. — Latim barbaro. — Epocas da lingua portuguesa. — Onde póde estudar-se o português antigo. — Geographia da nossa lingua. — Dialectos.

A lingua portuguesa tem origem no latim vulgar trazido pelos Romanos para a Lusitania, e cá modificado <sup>1</sup>. Os Romanos vieram para a Peninsula no seculo III a. C.; os mais antigos testemunhos historicos da luta d'elles com os Lusitanos datam do anno de 193 a. C., e essa luta continuou até á conquista definitiva da Lusitania no tempo de Augusto <sup>2</sup>.

Outras lingoas se desenvolveram do latim vulgar no *orbis Romanus*. O conjuncto de todas fórma a *familia romanica* ou *neo-latina*. Os principaes membros da familia romanica são: *português, hespanhol, francês, provençal, italiano, e rumeno*, — todos elles providos de abundante litteratura. Mas além d'estes podem contar-se outros, que, se não apresentam tão rico peculio litterario como os antecedentes, apresentam comtudo caracteres glottologicos que lhes dão individualidade: o *ladino*, fallado em parte da Austria, da Suíça, e do Norte da Italia; o *sardo*, fallado na Sardenha. Ha tambem quem conte como tal um grupo

---

<sup>1</sup> Acerca do sentido da palavra «Lusitania» vid. as minhas *Religiões da Lusitania*: I, XXI-XXIII; e II, 7-47.

<sup>2</sup> [De tudo isto tratei nas *Religiões da Lusitania*, III, 100-153].

glottico (Sueste da França; Val Soana e Valle d'Aosta; e Suíça Occidental) que participa do francês e do provençal, e por isso se chama *franco-provençal*. Igualmente podemos considerar idioma romanico distincto o *dálmata* ou *dalmatico*, fallado outr'ora nas costas da Dalmacia, e hoje extincto. Concomitantemente com estes idiomas ha ainda mais, que estão para com elles na relação de intermedios, de co-dialectos, de dialectos, de sub-dialectos, — por exemplo o gascão, o catalão, o valão, o asturiano, para não fallar na immensa variedade de romances crioulos que se desenvolveram na Africa, Asia, America, e Oceania.

Sobre o assunto póde consultar-se o seguinte: *Grammaire des langues romanes* de F. Diez, tres volumes, obra fundamental, que rasgou novos horizontos á sciencia, e criou a Philologia romanica; *Grammaire des langues romanes* de Meyer-Lübke, quatro volumes; *Einführung in das Studium der romanischen Sprachen*, do mesmo (Heidelberg, 1901<sup>1</sup>); *Lingue neo-latine* de E. Gorra (volume da «Bibliotheca de Hoepli», de Milão); *Romanische Sprachwissenschaft*, de Zauner<sup>2</sup>; *Grundriss der romanischen Philologie* publicado por G. Gröber (já cit.), vol. I<sup>3</sup>.

O *latim vulgar*, na essencia, não era differente do *latim litterario*, ou latim propriamente dito: o que não quer dizer que os escritores escrevessem exactamente a lingoa do povo. Deve entender-se que em todas as nações onde se cultivam as letras, as pessoas cultas podem servir-se de expressões, distinguir sons, e usar vocabulos, diversos dos das pessoas incultas. No *orbis Romanus* os litteratos diziam, por exemplo, em lingoa apurada, *parca, minae, felis*; o povo dizia *fata, minacia, cat-tus*. Concorrentemente com *amabo* desenvolveu-se na lingoagem popular a periphase *amare habeo*, d'onde veio o portuguez *ama-*

<sup>1</sup> [Ha 2.<sup>a</sup> edição: 1909].

<sup>2</sup> [Nova ed., 2 vol., Leipzig, 1905 (da collecção *de Göschen*)].

<sup>3</sup> [Nova ed., Estrasburgo, 1904-1906].

rei. A gente culta pronunciou *homo*, com *h*, até certa epoca; a gente plebeia, desde muito cedo, omittiu o *h*, e fez *omo*. Em vez do *Petri domus* das classes elevadas, ouvia-se *casa de Petro* nas classes baixas. E assim por diante.—Dão-nos principalmente noticia do latim vulgar: as inscripções, quando gravadas por artifices pouco peritos, ou quando representam vocabulos locaes; os grammaticos, quando combatem e exemplificam o que elles chamam *fallar vicioso*; certos narradores, e poetas dramaticos, quando, para produzirem effeito comico, fazem que os seus personagens fallem a lingua quotidiana; alguns auctores da epoca da decadencia litteraria.

A respeito do latim vulgar veja-se: Schuchardt, *Vokalismus des Vulgärlateins*, 1886, tres volumes; Meyer-Lübke, *Geschichte der lateinischen Volkssprache* (no citado *Grundriss* de Gröber); Körting, *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch* <sup>1</sup>; Kempf, *Romanorum sermonis castrensium reliquiae*, Leipzig, 1901 <sup>2</sup>. Cfr. tambem Diez, *Grammaire*, I, 2 ss., e os indices do *Corpus Inscriptionum Latinarum*.

Da propagação do latim na Peninsula Iberica temos duas provas directas, além da que resulta do conhecimento geral da Historia: 1) num texto do geographo grego Estrabão († no sec. I da era christã), que reza assim: *os Turdetanos, e mormente os ribeirinhos do Betis, adoptaram de todo os costumes romanos, e até nem já se lembram da propria lingua* <sup>3</sup>; 2) milhares de inscripções latinas encontradas tanto na Hespanha como em Portugal, e colligidas pela mór parte no vol. II do *Corpus* da Academia de Berlim. Todavia houve um rincão da Iberia que resistiu á romanização, e onde se conservou até hoje uma lingua pre-romana: as Vascongadas. Esta lingua, chamada

<sup>1</sup> [Já ha 3.<sup>a</sup> ed.].

<sup>2</sup> [Junte-se Heraeus & Morf, *Sammlung vulgärlateinischer Texte*, Heidelberg, 1808 e 1809].

<sup>3</sup> *Geographia*, III, II, 15.

*vasconço* ou *basco*, ultrapassa a Peninsula, pois se falla em França, num territorio confinante com aquella provincia hespanhola.

Do latim vulgar da Peninsula trata em parte um opusculo de L. Carnoy, *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*, 1.<sup>a</sup> parte (Vocalismo): 1902. O titulo diz *Espagne*, mas entenda-se *Hispanie*, pois ahi se falla de Hespanha e de Portugal <sup>1</sup>.

Não devemos confundir *latim vulgar* com *latim barbaro*. Aquelle é lingua viva, que pouco a pouco se modificou, e deu origem ás linguas romanicas ou *romanço* <sup>2</sup>; este é o latim

<sup>1</sup> [Publicou-se 2.<sup>a</sup> parte (Consonantismo) em 1903, e 3.<sup>a</sup> parte (Morphologia, Syntaxe e Vocabulario) em 1906. Ha 2.<sup>a</sup> ed., mais desenvolvida: Bruxellas, 1906. A obra, nesta nova edição, consta de tres partes: Vocalismo, Consonantismo, e addições de Syntaxe, Morphologia e Lexico. Trabalho substancioso e meritorio, embora os resultados novos sejam poucos, pela escassez de documentos. — Ao auctor escapou o estudo de varios vocabulos epigraphicos latino-lusitanicos, taes como: *aedeolum*, *laciculus*, *mysticus*, *solutorius*. Do primeiro occupei-me no meu opusculo *Quid apud Lusitanos verbum « aedeoli » significaverit*, Lisboa, 1894, summariado no *Archiv für latein. Lexikogr.*, t. IX, fasc. II; do segundo occupei-me no *Archeologo Port.*, III, 179, num artigo tambem resumido no *Archiv für latein. Lexikogr.*, t. XI, fasc. 1. O terceiro e o quarto constam do *Corpus Inscr. Lat.*, t. II, pag. 1128 e 1132. — Farei a esse livro mais algumas observações miudas. Pag. 55: o port. *moimento* postula em lat. vulgar *monimentum* (e não *mūn*-). Pag. 121: o port. ant. *eigreja* postula em lat. vulg. *ecclesia* = *ekclesia* (e não *ecles*-). Pag. 197: o hesp. e port. *Luis* não vem de Ludovicus, mas do fr. *Louis*. Pag. 233: *-ez* nos patronimicos (*Alvarez*, *Rodriguez*, etc.), tanto hespanhoes como portuguezes, não é tónico, mas atono. Pag. 240: quatro não é o substrato latino em romanço, mas quattro. Pag. 257: o elemento celtico *nemeto*- não falta totalmente na Hispania, pois havia *Nemetobriga* na Gallecia; cf. *Religiões da Lusitania*, II, 103. Pag. 265: *sub ascia* é uma fórmula epigraphica muito vulgar no *orbis Romanus* (e *ascia* não póde ter a explicação que Carnoy lhe dá); cf. o *Arch. Portug.*, VIII, 164-165].

<sup>2</sup> Os nossos antigos diziam *romanço*, no sentido de « lingua vulgar », por opposição á latina, isto é, no sentido de « lingua neo-latina ». Por exemplo no codice dos manuscritos alcobacences da Bibliotheca Nacional, marcação <sup>ant. 326</sup> <sub>mod. 78</sub>, fol. 782, lê-se: « Açaba-se a regla de son Béento abbade exposta



dos escrivães da idade-media, latim não só estropiado, mas mesclado de palavras e expressões da lingua fallada. Pelo que toca a Portugal, possuímos textos em latim barbaro, do seculo IX em diante<sup>1</sup>. Antes de começar a usar-se o portugûes nos documentos (contractos, testamentos, etc.), elles escreviam-se neste

---

mays acerca do texto  $\bar{q}$  se pode fazer em *romanzo* > (sec. XIV). E vid. outro exemplo na *Rev. Lusit.*, IV, 125. Na *Estoria Troyã*, texto gallego do sec. XIV, publicado em parte por J. Cornu, Milão, s. d., pag. 12; lê-se tambem: «nã ha homem ãno mûdo tã sotil nã tã sabedor que podesse dizer *en latĩ nẽ en rromãço* as feyturas et as maravillas et as vertudes que en el avia». A esta fórma corresponde *romanzo* em italiano. No latim medieval *romancium*. — Além de *romanzo* tambem se diz *romance*, por exemplo: *Exercicios spũais & divinos. .tresladados de latim em ROMANCE PORTUGUES por hũ frade menor da provincia da piedade*, Evora, 1554. A tal proposito escreve J. F. Barreto, *Ortografia*, 1671, pag. 23: «Mas como que fosse, da lingua latina, ou romana, teve principio e nome o *romance*, de que agora usamos, e he cõmũ parecer entre todos os doutos, e o mesmo sentem da sua os Francezes». A palavra *romance* vem do advèrvio latiniõ \**romanice*, derivado de *romanicus*; o advèrvio substantivou-se, como *latim*, de *latine*, isto é, *latine loqui* «fallar latinamente» ou «em latim» ou «latim». Cf. Diez, *Etym. Wb.*, I, 4.<sup>a</sup> ed., 274-275. *Romance* usa-se não só como substantivo, mas como adjectivo: *lingoas romances*. Da ideia de «lingoa derivada da latina», passou *romance* a ter a de «lingoa vernacula» em geral, e assim fallou Camões nos *Lusíadas*, X, 96: «rio que o *romance* da terra chama Obi». Cf. Bluteau, *Vocabulario*, s. v. — Como na idade-media se escreveram em romance muitas narrações, tanto em prosa como em verso, a palavra tomou nas diferentes lingoas o sentido de «conto»; acerca d'esta evoluçãõ sematologica vid Vœlker na *Zs. für rom. Philol.*, X, 435, ss. — De \**romanice* fez-se em francês antigo *romanz*, que tambem foi considerado como substantivo; e por isso que os substantivos se declinavam em francês, criou-se analogicamente o caso obliquo *romant* (cf. *amanz: amant*). Vid. Diez, loc. cit., e Meyer-Lübke, *Gr. des l. r.*, II, § 24. E o *-t* do caso obliquo o que se encontra em *romantique* e *romantisme*, d'onde veio o port. e o hesp. *romantico*, e o port. *romantismo*. — Incidentemente notarei que o fr. *romance* (nome feminino) vem do hesp. *romance*, por causa da influencia litteraria. As lingoas estão sempre em relaçoẽs mutuas, contribuindo umas para a riqueza (ou pobreza!) das outras.

<sup>1</sup> Nos *Diplomata et Chartae*, pag. 1, n.º 1, vem um documento da-

latim. Fallava-se uma lingua (romanço), e escrevia-se outra (latim barbaro). Ha muitos documentos em latim barbaro nos *Portugaliae Monumenta Historica*, publicados pela Academia Real das Sciencias de Lisboa<sup>1</sup>; os mais antigos provém de cartorios conventuaes da Beira e do Minho.

As palavras e expressões portuguesas que transparecem nos documentos latino-barbaricos constituem o que costume chamar *português prôto-historico*, que é a primeira phase do *português archaico*. Esta primeira phase pôde dizer-se que dura até o sec. XII, pois em tal epoca principia a escrever-se a nossa lingua, ou pelo menos é d'então que datam os mais antigos documentos portuguezes que possuímos. Do sec. XII aos meados do XVI, a lingua differença-se bastante da actual: é a *lingua archaica* propriamente dita.

Distinguiremos pois as seguintes epocas do português: 1) *archaica* ou *antiga*, do sec. IX, e mais particularmente do sec. XII, aos meados do sec. XVI; 2) *moderna*, do sec. XVI ao sec. XX. Nestas duas classes ha ainda sub-divisões.

O português antigo, á parte certas peculiaridades dialectaes, está intimamente correlacionado com o idioma da Galliza, ou gallego; ás phases primeiras de ambos costuma até chamar-se *galleco-português*<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo que o latim vulgar se transformava em galleco-português na Lusitania do Norte (tomo a expressão *Norte* em sentido lato), devia tambem produzir no resto da Lusitania um idioma romanico que por ora não sabemos ao certo em que relação estava com aquelle: se lhe era igual,

---

tado do sec. VIII, mas com interrogação. E de facto na *Romania*, IX, 430, mostrou Tailhan que esse documento deve ser do sec. X.

<sup>1</sup> Os *Portugaliae Monumenta Historica* abrangem quatro collecções: *Scriptores, Leges et Consuetudines, Diplomata et Chartae, e Inquisitiones*. Esta obra é importantissima para o conhecimento da historia intima da nossa idade-media.

<sup>2</sup> [Vid. *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 86 ss.]

ou se differia d'elle, muito ou pouco <sup>1</sup>. Este idioma conservar-se-hia naturalmente no tempo dos Arabes (do sec. VIII ao XIII), porque elles eram tolerantes. Após as conquistas de D. Afonso Henriquez (dos meados do sec. XII em diante), o português do Norte, ou português archaico, propagou-se no Sul, e absorveu o romança ahí fallado, ou identificou-se com elle; exceptua-se, já se vê, o que de tal romança possa estar hoje representado no onomastico da Extremadura, Alentejo e Algarve, e na lingoagem corrente dos povos das mesmas provincias. — Do lado da Hespanha aconteceriam naturalmente factos analogos <sup>2</sup>.

Dispomos de numerosos elementos para o estudo do português antigo. Em primeiro lugar attrae as nossas vistas a Livraria de mão dos monges de Alcobaça, hoje encorporada quasi toda na Bibliotheca Nacional e na Torre do Tombo; alguns manuscritos estão já publicados, por exemplo nos *Ineditos* de Fr. Fortunato de S. Boaventura, na *Romania* <sup>3</sup>, na *Revista Lusitana* <sup>4</sup> e num opusculo de Vasconcellos Abreu <sup>5</sup>. Que util seria que um funcionario da Bibliotheca ou da Torre, ou um estudante de Philologia, dêsse a lume, segundo os preceitos da sciencia moderna, novo catalogo d'esta Livraria de mão, e indicasse, tanto quanto possivel, as fontes e a historia de cada codice! O mosteiro de Alcobaça jazia em risonha nesga da Extremadura, onde a fresquidão dos ribeiros pleiteia primazias com o viço dos arvoredos e a fertilidade dos campos: se por isso foi mansão paradisiaca de repouso carnal e espirital, não menos foi tambem foco de estudos litterarios na idade-média, e em

<sup>1</sup> [Vid.: *Revista Lusitana*, t. XI, pag. 354, de 1908 (artigo meu); e *Os Serões*, n.º 46, de 1909 (artigo de F. Adolfo Coelho)].

<sup>2</sup> [Cfr. *Discursos leídos ante la R. Academia Española* por F. Codera & M. Pidal, Madrid, 1910].

<sup>3</sup> Por J. Cornu (XI 337 ss.).

<sup>4</sup> Por F. M. Esteves Pereira (I 332 ss., e III 97 ss.), e por J. J. Nunes (VIII 239 ss., X 177 ss., e XI 210 ss.).

<sup>5</sup> *Texto critico da lenda dos santos Barlaão e Josafate*, Lisboa, 1898.

tempos subsequentes: os venturosos Bernardos, no remanso da clausura, liam e copiavam pergaminhos antigos, traduziam-nos por vezes em vernaculo, e entregavam-se ao cultivo da Grammatica e da Historia, — lembrados talvez do preceito de Plinio o Moço: *quatenus nobis denegatur diu vivere, relinquamus aliquid quo nos vixisse testemur*<sup>1</sup>. Quer a Bibliotheca Nacional, quer a Torre do Tombo estão senhoras de muitas mais riquezas manuscritas. Bens analogos, embora não tão vastos, se encontram noutras bibliothecas e archivis. Varios textos andam publicados em collecções, por exemplo (além' dos citados *Ineditos*): nas *Dissertações* de J. Pedro Ribeiro, nos *Documentos ineditos dos seculos XII a XVI* de Oliveira Guimarães, nos *Documentos historicos da cidade de Evora* de G. Pereira, nos *Portugaliae monumenta historica*, a que ha pouco me referi, no *Archivo Historico Português* de Braamcamp Freire, na *Revista Lusitana*, no *Archeologo Português*. Ha tambem publicações avulsas (de Sousa Viterbo, Brito Rebello, Pedro d'Azevedo, e d'outros). São dignos de nota, como grandes monumentos litterarios: os Cancioneiros (do Vaticano, de Colocci-Brancuti, da Ajuda, de Rêsende); o *Leal Conselheiro* de el-rei D. Duarte, cujo manuscrito se conserva na Bibliotheca Nacional de Paris; a *Demanda do Santo Graall*, romance de cavallaria, cujo manuscrito, na maior parte inedito, se conserva na Bibliotheca Palatina de Viena d'Austria; as Obras de Gil Vicente e de Sá de Miranda; as Chronicas. Infelizmente nem tudo está publicado, ou nem tudo o está bem. Pelo seu valor scientifico merecem porém toda a es-

---

1. Isto é: «poisque não nos é outorgado viver muito tempo, deixemos alguma cousa com que provemos que fomos vivos». *Cartas*, III, 7. — Acerca dos estudos alcobacences em geral, vid.: Fr. Manoel dos Santos, *Alcobaça illustrada*, Coimbra, 1710; e Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Historia chronolog. e critica da real abbadia de Alcobaça*, Lisboa, 1827; e o meu opusculo *A Philologia portuguesa*, Lisboa, 1888, pag. 24-25. Dos manuscritos ha catalogo antigo com o titulo de *Index codicum bibliothecae Alcobatiae*, Lisboa, 1775.

tima as edições dos Cancioneiros, por Kausler <sup>1</sup>, Monaci <sup>2</sup>, Molteni <sup>3</sup>, D. Carolina Michaëlis <sup>4</sup>, das Obras de Sá de Miranda por D. Carolina Michaëlis <sup>5</sup>, e das de Christovão Falcão por Epiphanio Dias <sup>6</sup>. A *Demanda do Santo Graall* começou a ser impressa no seu conjunto por C. Reinhardstoettner em 1877, mas parou no comêço <sup>7</sup>. O *Cancioneiro de D. Denis*, publicado por H. Lang em 1894 com apparatus philologico <sup>8</sup>, perdeu muito do seu valor primitivo, depois da critica extensa e substanciosa que lhe fez a sábia glottologa ha pouco mencionada <sup>9</sup>. Em Portugal, geralmente, quando se edita uma obra antiga, obedece-se a preconceitos pueris: altera-se o texto d'ella, e resulta d'isso um monstro, que não representa a lingua antiga, nem a moderna, e só serve para illudir os incautos.

O portuguez é fallado em grande área: no continente e ilhas adjacentes, em algumas partes da raia hespanhola, no Brasil, nas nossas colonias, e em varias outras regiões da Asia, da Africa, etc. Tambem outr'ora foi fallado em cidades da Italia, da França, da Inglaterra, da Allemanha, da Hollanda pelos Judeus de origem portuguesa. Occupei-me d'este assunto na minha *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris, 1901,

<sup>1</sup> *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, Estugarda (Stuttgart), 1846-1852, 3 vol.

<sup>2</sup> *Il Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana*, Halle, 1875.

<sup>3</sup> *Il Canzoniere Portoghese Colocci-Brancuti*, Halle, 1880.

<sup>4</sup> *Cancioneiro da Ajuda*, Halle, 1904.

<sup>5</sup> Halle, 1885.

<sup>6</sup> Porto, 1893.

<sup>7</sup> Berlin, 1887. Publicaram-se depois d'isso alguns fragmentos na *Revista Lusitana* (VI, 332: Otto Klob), e nos meus *Textos Archaicos* (2.<sup>a</sup> ed., pag. 38).

<sup>8</sup> Halle.

<sup>9</sup> Vid *Zeitschrift für rom. Philolog.*, XIX, 513-541, e 578-615.—Do *Cancioneiro de el-rei D. Diniz* ha uma edição portuguesa feita em Paris em 1847 por Caetano Lopes de Moura; posto que inferior á de Lang, prestou comtudo os seus serviços, e algumas vezes terei de a citar adiante.

pag. 15 ss., num capitulo consagrado á Geographia da nossa língoa <sup>1</sup>.

Em tão grande extensão territorial não póde esperar-se que exista uniformidade idiomática. De facto, no continente ha variações dialectaes do Norte para Sul: o Minhoto, o Trasmontano, o Beirão fallam de um modo, ou de muitos modos; os Meridionaes (Extremenhos, Alentejanos, Algarvios) fallam de outro, ou outros. Nas ilhas (Açores e Madeira), para onde o português foi levado pelos marinheiros e colonizadores no seculo xv, notam-se variações analogas. Com a propagação da nossa língoa nas longinquas regiões de alem-mar, ella scindiu-se muito desvairadamente: aqui ouvimos o fallar brasileiro; alli os romances crioulos da costa e archipelagos d'África; mais além os de Ceilão, da India, e do Extremo-Oriente. Grande povo, que assim deixou a sua alma *por o mundo em pedaços repartida!* <sup>2</sup> Vigorosa língoa, que no decurso de cinco seculos tem resistido, mais ou menos, ao embate de outras, e servido para exprimir as crenças, as paixões, as ideias das mais desencontradas nações da terra!—Conjunto com o português propriamente dito, temos o já referido idioma da Galliza, e alem d'isso, em relação um pouco mais remota, o mirandês, o quadramilês, e o riodonorês, fallados na raia trasmontana <sup>3</sup>. De todos estes quatro idiomas o mais

---

<sup>1</sup> [Vid. além d'isso: *Recherches sur les juifs espagnols et portugais à Bordeaux* por G. Cirot, Bordeus, 1909. Sobre os Judeus portugueses de outros países ha diferentes obras, que porém não posso aqui especificar, para não sair muito do meu campo].

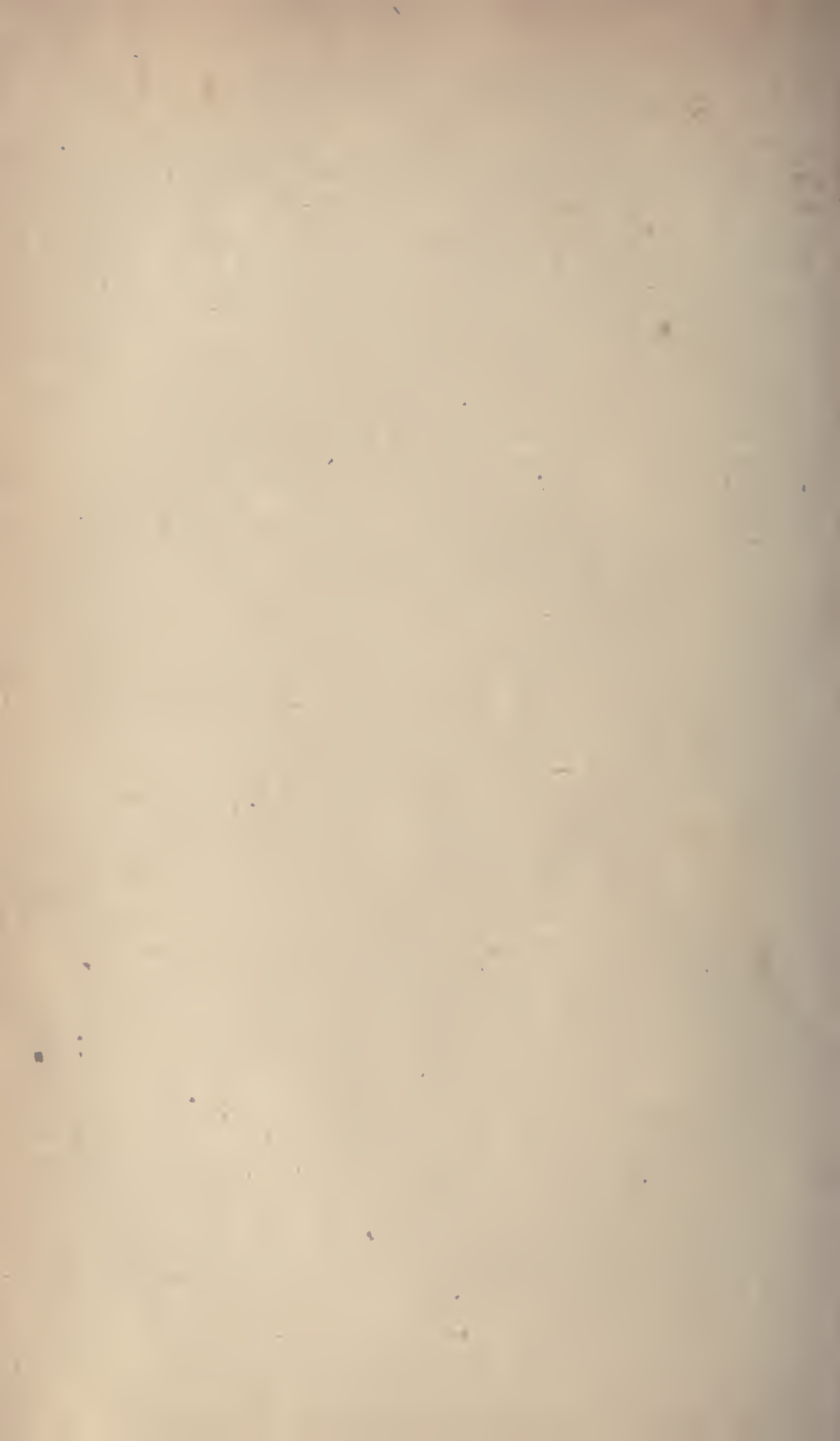
<sup>2</sup> Camões, canção x, na ed. de Barreto Feio & Gomes Monteiro, t. II, pag. 328.

<sup>3</sup> Sobre o assunto póde consultar-se o seguinte: *Gramática gallega* de Saco-Arce; os meus *Estudos de philologia mirandesa* e *Esquisse d'une dialectologie*; os trabalhos de Teza, Schuchardt, Adolfo Coelho, Sebastião Dalgado, Gonçalves Vianna, J. Joaquim Nunes, Marcellino de Barros. — citados na ultima das mencionadas obras; a *Revista Lusitana*, passim. [Ultimamente publicou Garcia de Diego os *Elementos de Gramática historica gallega*, Burgos, 1909].

importante, e o que apresenta litteratura mais antiga, pois ascende á idade-media, é o gallego <sup>1</sup>. No que toca ás differenciações dialectaes do portugûes, devo dizer que ellas não são muito grandes, excluindo os dialectos crioulos. Um habitante do Barroso entende, no geral, um ilheo ou um Brasileiro, mas nenhum d'elles entenderá um indigena de Cabo-Verde.

---

<sup>1</sup> [Das epocas do gallego me occupei succintamente nos *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 86-90].





## Fontes do lexico portuguez

O latim é a fonte principal.— Palavras populares e palavras litterarias.—  
Fórmãs divergentes.— Fontes pre-romanas.— Fontes germanicas e arabicas.— Outras fontes.

a) A principal fonte que contribue para a formação do lexico portuguez é o latim. Ás vezes acontece estar uma palavra latina representada por duas, uma de origem popular, outra de origem litteraria, ou de a palavras populares corresponderem derivados litterarios: *meão*—*mediano*, *feito*—*facto*, *logar* (*lugar*)—*local*; *vodo* (*bodo*)—*votar*, *antigo*—*antiquario*, *razão*—*racional*. As palavras da primeira classe provém do lexico primitivo dos Lusitano-Romanos; as da segunda, bem como os derivados litterarios, provém de palavras tiradas da litteratura latina em diferentes epochas, ou de outras lingoas romanicas <sup>1</sup>. Há muitas palavras que, comquanto de origem litteraria, se tornaram populares: *claro*—*craro* (arc.), *Claudio*—*Croyo* (archaico), *clamor*—*eramol* (dialectal).—Estas duas classes tem o nome de *divergentes* ou *allotropicas*. Factos analogos succedem noutras lin-

---

<sup>1</sup> Na serie *chão*, *prão* (arc.), *plano*, *piano*, *lhano*,— do lat. *planus*—, a fórma *piano* chegou-nos directamente do italiano, e a fórma *lhano* do hespanhol; as outras provém directamente do latim, mas em diferentes epochas. Com quanto a fórma *prão* se formasse em epocha mais moderna do que *chão*, não existe hoje na lingua commum.

goas; e ha a este respeito alguns trabalhos philologicos. E evidente que as leis a que obedece a evolução de uma d'estas classes não são as mesmas que aquellas a que obedece a outra, porque cada uma se verifica em circumstancias proprias.

b) Os Romanos introduziram no seu vocabulario commum várias palavras das lingoas que encontraram na Peninsula, as quaes palavras continuam hoje, em parte, a viver. Tambem no nosso onomastico existem vocabulos de origem pre-romana. Exemplos de um e outro facto: *lousa*, do thema de *lausiae*, que se lê numa das tabulas de bronze da mina lusitano-romana de Aljustrel, do sec. II da era christã; o suffixo *-arro* em *can-zarrão*; *Lima*, < *Limia*. A respeito das lingoas antigas da Peninsula vid. E. Hübner, *Monumenta linguae Ibericae*, 1893. Não raro acontece que uma palavra antiga saí do uso geral, e fica estereotypada em um adagio ou numa frase. Nesse caso está *braga*, isto é, *bragas*, que vem do gallo-lat. *bracae*. As *bracae* eram um vestuario das pernas <sup>1</sup>. J. Cardoso, *Dict. lat.-lusit.*, 1570, não cita *bragas*, e traduz *bracae* por «calções», mas Castanheda, *Hist. da India*, l. v, c. 59, pag. 169 da ed. de 1552-1553, tem este trecho: «e como ja era baixa-mar. ., e não podendo dali passar, arremessou-se logo a gête nagoa, que lhe dava pela *braga*, sem auer quem a podesse ter» [isto é, quem podesse ter mão na gente]: nós hoje diriamos «que lhe dava pelo joelho». Valentim Fernandes (1506-1510) <sup>2</sup> conta que os povos de S. Thomé usavam, como os de Portugal, *calças bragas*, expressão que parece corresponder a um vocabulo composto. Agostinho Barbosa, *Dict. lusit.-lat.*, 1611, diz: *calções compridos, aliás bragas*, o que traduz em latim por *bracae*; por outro lado, traduz o port. *bragas*, por *subligaculum*. Valia a pena que alguém profundasse a historia das accepções archai-

---

<sup>1</sup> Vid. Rich, *Dict. des antiquités rom. et grecques*, s. v. «bracae», e D'Arbois de Jubainville, *Les Celtes*, Paris, 1904, pag. 69.

<sup>2</sup> *Ilhas*, ed. (modernizada) de G. Pereira, pag. 34.

cas das palavras *bragas*, *calças*, *calções*, e bem assim *musgos*, *muslos*, etc., o que eu aqui evidentemente não posso fazer.— De *bragas* deriva na lingua antiga *bragal*, e d'este deriva *bragaadiga*<sup>1</sup>. Do uso de *bragas* temos ainda hoje um adagio que diz:

Não se pescam trutas  
A *bragas enxutas*,

onde *bragas* se costuma substituir pela palavra homophona *barbas*, por a significação de *bragas* estar obliterada. O sentido de *bragas* acha-se mais claro nest'outro, que se lê em Rolland, *Adagios*, 1780 (e ha um hespanhol, analogo):

Quem as *bragas* não ha endouto,  
As costuras lhe fazem nojo . . .

onde *endouto*, como mostrei na *Rev. Hispanique*, iv, 212, quer dizer «vestido» (participio), vindo pois o adagio a significar: «a quem não está costumado a vestir bragas, as costuras o incommodam»<sup>2</sup>, porque antes das *bracæ* usavam os Romanos as *tunicæ*, que eram vestuarios que não opprimiam as pernas, como as bragas. Ao mesmo tempo se vê que o segundo adagio, pelo menos no sentido, ascende a grande antiguidade, i. é, ao tempo em que as tunicas foram substituidas pelas bragas.

c) Depois dos Romanos vieram os Germanos e os Alanos para a Peninsula no seculo v. Os Alanos pouca importancia tem para o nosso caso. Na denominação de «Germanos» abrangem-se varios povos, entre os quaes os Visigodos.

Importa saber que as linguas germanicas são da mesma fami-

<sup>1</sup> Vid Viterbo, *Elucidario*, s. v.

<sup>2</sup> O primeiro verso do adagio offerece um exemplo de anacoluthia. A rima é toante (-outo, -ôjo).

lia que a latina (todas ellas pertencentes á familia *indo-europeia*), e se classificam em: *germanico do Norte* (lingoas escandinavicas); *germanico occidental*, tambem chamado *do Sul* (anglo-saxão, inglês; frisico; allemão); *germanico oriental* ou *vandilico* (gotico, vandilico etc.). Os Visigodos fallavam visigotico, um dos dois ramos do gotico (o outro ramo é o *ostrogotico*). A palavra *Visigodo* applica-se aos Godos do Occidente, mas originariamente tinha outra significação; a fórma theorica do seu nominativo singular é \*Wisi-Gota, correspondendo o primeiro elemento a *wisu-* (*wesu-*) « bom », em germanico, e o segundo, como se crê, ao islandês *gotnar* (plural) « homens », « heroes ». A graphia correcta é *gotico*, sem *h* <sup>1</sup>. Da lingua dos Godos restam varios monumentos; o mais importante é a traducção (incompleta) da Biblia, feita pelo bispo Wúlfila no seculo iv.

Para o estudo dos elementos germanicos da nossa lingua é de grande auxilio o onomastico (nomes de pessoas, e nomes geographicos) <sup>2</sup>. Exemplos de palavras germanico-portuguesas: *feltro*, *guerra*, *guisa*, *rico*, *trepár*; *Ermesinde*, *Recarei*, *Tågilde*. Apenas nomes, alguns verbos e raros suffixos (*-engo*, *-ardo*).

São fórmas allotropicas ou divergentes: *sala* e *Sá*. A palavra *sala*, a que corresponde *sala* em hespanhol, italiano e provençal, e *salle* em francês (allemão moderno *Saal*, em alto-allemão antigo *sal* « casa », « habitação »), é de origem relativamente moderna; *Sá*, pelo contrário, com quanto da mesma familia, é

<sup>1</sup> Vid. sobre estes pontos Streitberg, *Gotisches Elementarbuch*, Heidelberg, 1900, pag. 5-7.

<sup>2</sup> Vid. sobre este assunto: E. Förstemann, *Altdeutsche Namen aus Spanien* (na *Zeitschrift für vergleich. Sprachforsch.* de Kuhn, xx, 1872, pag. 430 ss.); Goldschmidt, *Zur Kritik der altgermanischen Elemente im Spanischen*, 1887; Pedro d'Azevedo, *Nomes de pessoas e nomes de logares* (separata da *Revista Lusitana*, vi, 47). [Ultimamente publicaram-se dois importantes trabalhos de Meyer-Lübke e Th. R. von Grienberger, de que se deu noticia na *Rev. Lusitana*, ix, 393 ss. Ha tambem alguns estudos de J. Jungfer].

antiga, genuinamente popular, e muito espalhada no onomastico galleco-português: *Saa-Vedra*, *Saas*, *Saas-Vinhas* (= *Saas das Vinhas*), *Saa*, *Sá*, *Sá de Arriba*, *Sá de Bajo* (i. é, *de Baijo* ou *de Baixo*)—na Galliza; *Villa Chã de Sá*, *Sá de Baixo*, *Sá de Címa*, *Sá de Sangalhos*, *Sá*—em Portugal.

d) No sec. VIII vieram os Arabes, vulgarmente chamados *Mouros*, por causa do elemento berberesco que entrava nêlles. O seu dominio foi mais intenso no Sul do reino do que no Norte.

Os Arabes mantiveram entre nós civilização relativamente brilhante. No sec. XII podemos mesmo apresentar alguns nomes de auctores arabicos: Bem Bassame, natural de Santarem; Bem Sahibaçalá, natural de Beja; Benamar, natural de Estombar; Bem Mozaim, filho de um principe de Silves; Bem Badrum, natural de Silves; Benabdum, natural de Evora; Alalame, natural de Faro. Uns foram poetas, outros foram historiadores <sup>1</sup>. Da civilização arabica restam ainda hoje cá alguns elementos materiaes: moedas, inscrições, esculpturas, ceramica, como póde ver-se no Museu Ethnologico Português, e noutros museus.

Pelo que toca á lingua, vid., entre outros trabalhos: Dozy & Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*; Sousa & Moura, *Vestigios da ling. arabica em Portugal*, 1830.—Temos palavras arabicas na lingua commum, como *alface*, *alfarroba*, *alfazema*, *azinha* (as quaes revelam o character agrario da civilização arabica), *fuão*, *xarope*, *zagal*; *Alcantara*, *Alfama*; a interjeição *oxalá*; o elemento *odi-*, *ode-rio* em *Odiana* (ant.), *Odeleite*, *Odesseixe*, *Odemira*, *Odiá-xere*, e simplificado em *Degebe* (= *Odegebe*), *Delouca* (= *Odelouca*). Geralmente é: *ode-* ou *de-* antes de consoante (*Odemira*, *Degebe*), e *odi-* antes de vogal (*Odiana*). O nome *Guadiana*

---

<sup>1</sup> Cf.: David Lopes, *Aljamia portuguesa*, 1897, pag. VIII-IX; Gabriel Pereira, *Estudos Eboresenses*, n.º 31, Evora 1893; Oliveira Parreira, *Os Luso-Arabes*, II (Lisboa, 1899), 233 ss.

(ou *Goadiana*), na nossa litteratura, é moderno, e introduzido de Hespanha. Problematico é por ora *Odivellas* (rio e povoação). Por etymologia popular: *Agua-de-Lupe* = Guadalupe; *Agua-Diana* = Guadiana.

e) Ha no nosso lexico elementos de outras especies, que não posso aqui especificar: palavras de origem judaica, hespanhola, francesa, italiana, allemã, inglesa; das lingoas da America, da Africa e da Asia; etc.

## Conspec̃to de phonologia historica

Prosodia.—Classificaçãõ phonetica.—Relaçãõ dos sons portuguezes com os latinos.—Com os de outras lingoas.

As pãlavras constam de uma ou mais syllabas, e as syllabas constam de um ou mais sons simples. As palavras que constam de uma só syllaba chamam-se *monosyllabicas*, ou *monosyllabos*,—por exemplo *ó*, *vi*; as que constam de mais chamam-se *polysyllabicas*, ou *polysyllabos*,—por exemplo *Lisboa*. O que dá vida às palavras é o *accento*, quer ellas sejam polysyllabicas, quer monosyllabicas. Conforme o *accento* occupa num polysyllabo a última, a penúltima ou a antepenultima syllaba, assim a palavra se chama *oxytónica* (ou *aguda*), *paroxytónica* (ou *grave*), *proparoxylónica* (ou *esdruxula*): *amar*, *ama*, *amabilissimo*. Tambem se diz substantivamente: oxytono, paroxytono, proparoxytono. Os monosyllabos são por natureza oxytonicos: *pé*, *ir*, *mar*. Ha casos em que uma ou mais palavras se aggregam a uma principal, submettendo-se ao *accento* d'ella, e perdendo pois o proprio, como *santo* em *Sant' Iago* (tambem escrita *Santiago* ou *S. Tiago*), e *se* e *lhe* em *deu-se-lhe*; no primeiro caso as palavras chamam-se *proclíticas*, e no segundo *enclíticas*. Os respectivos phenomenos tem o nome de *próclise* e *énclise*. Certas classes de palavras, além do *accento* primario, podem ter um *accento secundario*, principalmente em *emphase*, por ex.: *Guimarães* (*Gui-marães*).

Os sons simples da lingua portuguesa são de duas especies: vogaes e consoantes. As vogaes classificam-se em labiaes (*ó*, *o*,

*u*), palataes (*é, ê, i*), e gutturaes (*á, â*). As consoantes classificam-se em explosivas, fricativas, nasaes, lateraes e vibrantes; das explosivas e fricativas umas são surdas (*p, t; f, ç, x*), outras são sonoras (*b, d; v, z, j*); ás nasaes pertencem *m, n, nh*; ás lateraes pertence *l* puro, *l* gutturalizado (em *caldo*), *lhe*; ás vibrantes pertencem *r, rr*. Nesta classificação toma-se em conta só a lingua litteraria; a lingua popular tem maior variedade, tanto de consoantes, como de vogaes. A ella pertence por exemplo o som *ch* (explosiva surda), e os sons *s* (fricativa surda) e *s* intervocalico ou *ʃ* (fricativa sonora), sons que outr'ora pertenciam tambem á lingua litteraria. Do nome dos órgãos que concorrem para a produção das consoantes, estas, á maneira das vogaes, chamam-se *labiaes, palataes, gutturaes*, e alem d'isso *dentaes*, ainda com subdivisões, taes como *bi-labiaes, labið-dentaes, linguo-dentaes*, e outras <sup>1</sup>. Do agrupamento das vogaes resultam os ditongos, que são decrescentes (*áu, eu, ái, ou, ui*), e crescentes (*uá, ié, uó*); constam pois de dois elementos: um tonico, ou *base*; outro atono, que quando se segue á base se chama *subjunctiva* (por exemplo *i* em *ái*), e quando a precede se chama *prepositiva* (por exemplo *u* em *uá*). Quer a subjunctiva, quer a prepositiva são propriamente *semi-vogaes*, isto é, sons que participam da natureza das vogaes, e da das consoantes. Ditongos e vogaes podem ser oraes ou nasaes: *ão, ã*. Uma syllaba como *uão* ou *wão* em *quão* constitue um tritongo.

Busquemos conhecer agora algumas das principaes relações em que estão os phenomenos phoneticos da nossa lingua com os das suas fontes, mòrmente com os do latim. O estudo de taes relações denomina-se *phonologia* (ou *phonetica*) *historica* <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Consulte-se sobre o assunto: Gonçalves Vianna, *Éssai de phonétique*, Paris, 1883 (extracto da *Romania*, t. XII), e *Exposição da pronuncia normal portuguesa*, Lisboa, 1892; e bem assim a minha *Esquisse d'une Dialectologie portugaise*, Paris, 1901, pag. 81 ss.

<sup>2</sup> A este respeito vide, além das *Grammaticas* de Diez e Meyer-



Em regra o accento latino conservou-se em português na mesma syllaba: *calente* > *caente* > *queente* > *quente*; *mácula* > *mac'la* > *malha*. As apparentes excepções que ha, provém de analogia: *amávamos* > *amabámus*, por causa de *amava*, *amavas*, que tem o accento na segunda syllaba; mas o gallego mantém ainda o accento primitivo, pois diz *-abámos*.

As vogaes tónicas latinas transformaram-se em português de diferentes maneiras, conforme eram longas ou breves (o sinal de longa é -, o de breve é -):

ā > a	ī > i	ē > e	ō > o	ū > u
ǎ > a	ĩ > e	ě > e	ǒ > o	ũ > o

por exemplo: *cāsa* > *casa*, *cǎrru* > *carro*; *fīlu* > *fiu*, *cīto* > *cedo*; *vidēre* > *veer* > *ver*, *tĕrra-* > *terra*; *sōlu* > *soo* > *só*, *pōssum* > *posso*; *ūnu-* > *ũu* > *ũ* = *um*, *rŭmpo* > *rompo*. Já no proprio latim vulgar *ǎ* e *ā* se haviam unificado em *a*; *ē* e *ě* em *e* fechado ou *e*; *ō* e *ŭ* em *o* fechado ou *o*; *ě* havia-se tornado *e* aberto ou *e*; *ǒ* havia-se tornado *o* aberto ou *o*; *ī* e *ū* haviam passado a *i* e *u*. O accento substituiu assim a quantidade. — Isto é o que póde dizer-se de modo muito geral; esmiuçar particularidades, pertence mais a um tratado, do que a uma conferencia.

No decurso dos tempos as vogaes atonas latinas soffreram tambem mudanças ou suppressões. Assim o *e* cahiu depois de

---

Lübke, os seguintes trabalhos: Adolpho Coelho, *Questões da lingua portuguesa*, I, 1874 (trabalho hoje um tanto antiquado); J. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, 1888 (separata do *Grundriss* de Gröber, t. I); J. J. Nunes, *Phonetica historica portuguesa* (na *Rev. Lusitana*, III, 251 ss.). [Do livro de Cornu ha 2.<sup>a</sup> edição melhorada, com o titulo de *Grammatik der portugiesischen Sprache*, 1906. Nunes publicou ultimamente outro estudo de phonetica historica na sua *Chrestomathia Archaica*, Lisboa, 1906, pag. XXII-CVIII]. Os meus *Estudos de philologia mirandesa*, vol. I, pag. 171 ss., contém muita cousa que se applica tambem ao português.

consoante susceptível de formar syllaba com a vogal antecedente: *sol* de *sole-*, *cantar* de *cantare*. Deve escrever-se *cear*, *passear*, e não *ceiar*, *passaiar*, embora se diga *ceia* e *passaio*, pois *e* tónico antes de vogal soa *ei*, ao passo que *e* atónico antes de vogal soa *i*, posto que representado orthographicamente por *e*. Em português archaico dizia-se *enteiro*, e hoje diz-se *inteiro* (na lingua litteraria). A vogal nasal final dos verbos tornou-se ditongo: *erant* > *erã* > *erão* (escrito hoje *-am*).

O ditongo latino AV tornou-se *ou* ou *ôi*: *tauru-* > *touro* ou *toiro*; *autumnu-* > *outono*. Criaram-se ditongos novos, nascidos de alargamento de vogaes, como *areia* < *area* < *areua* (*harena*); ou de dissolução de consoantes, como *eito* < *actu-*, *oito* < *octo*, *fruito* < *fructu*, *Bautista* < *Baptista* (origem ecclesiastica); ou de condensação de dissyllabos, como *meu* < *meu-* (*meus*); ou de attracção, como *raiva* < *\*rabia-* (*rabies*); ou de syncope, seguida de condensação, como *soes* < *soles*; ou de nasalamento, como *mão* < *manu*, *cães* < *canes*, *melões* < *melones*, *muito* < *muito* < *multu-*. A palavra litteraria *quieto* < *quietus* póde pronunciar-se como dissyllabo, tornando-se *ié* (*yé*) ditongo crescente. O tritongo *quão* = *qwão*, de *quan(tu-)*, é novo. — Nos dialectos os ditongos estão muito modificados.

O destino das consoantes latinas, ao passarem para o português, variou conforme estas eram singelas, agrupadas ou geminadas, e também conforme a posição d'ellas na palavra (iniciaes, mediaes ou finaes), e ainda por outras circumstancias.

a) Consoantes consideradas em separado:

As consoantes latinas no principio das palavras conservam-se normalmente em português: *terra-* > *terra*, *dare* > *dar*; *caru* > *caro*, *gumma* > *goma*; *porta-* > *porta*, *bonu-* > *bão* > *bom*; *filiu-* > *filho*, *vadu* > *vao*; *\*seranu-* > *serão*; *lama-* > *lama*; *mola-* > *moa* > *moo* > *mó*; *nata* > *nada*; *radere* > *raer* > *reer* > *rer*. Em CE e CI o C assibila-se: *certu-* > *certo* (que soa *çerto*), *cineta-* > *cinta* (que soa *çinta*). Em GE e GI o G palatiza-se: *gente-* > *gente* (que soa *jente*), *gingiva* > *gengiva* (que soa *jenjiva*). Em JÁ o I latino (semi-vogal) de iam está

representado por palatal; em *vi* o *u* latino de *vidi* (*vidi*) está representado por *v*. O *h* não soava no latim vulgar.

Das consoantes finaes, -c cái (sic > *si* > *sim*, nec > \**ne* > *nem*); -t muda-se em -d, que tambem cái (erat > \**erad* > *era*); -m cái, excepto em certos monosyllabos (amabam > *amava*; cum > *com*, proclítico; rem > *rem*); -n nasala a vogal anterior e cái em in > *ẽ* = *em*, non > *nõ* = *nom* > *nãõ*; a preposição ad deu *a*; a preposição sub deu *so*; -s como sinal de flexão mantém-se (plural dos nomes, fórmas verbaes), e em algumas outras circumstancias (*cras*, *mais*, *Deus*), mas cái em foras > *fora*.

Entre vogaes -d- e -l- syncopam-se (féde- > *fee* > *fé*; do-lore- > *door* > *dõr*; -n- transforma-se em resonancia nasal, que em certa epoca e em certos casos desaparece (luna- > *lũa* > *lua*), mas que ás vezes permanece (sonu- > *sõo* > *som*, —oxytono). As consoantes surdas tornam-se sonoras:

- p- > *b*: lupu- > *lobo*;
- c- > *g*: amicu- > *amigo*;
- t- > *d*: pratu- > *prado*;
- f- > *v*: profectu- > *proveito*;

a labial -b- torna-se geralmente *v* (faba- > *fava*); -g- póde cair (legale- > *leal*), ou manter-se (Augustu- > \**Agustu*- > *Agosto*; rogare- > *rogar*); a semi-vogal -v- fica em niue- > *neve*, cái em boue- > *boi* e na terminação -ivv- (riuu- > *rio*; aestiuu- > *estio*), mas fica em *vivo* < uiuu-, por influencia de *viver*; a semi-vogal *i* dá *i* em *maior* < *maiore*-, e *j* em *cujo* < *cuiu*-; -s- torna-se sonoro (em *rosa*- > *rosa* = *rofa*); -m- e -r- ficam (*amore*- > *amor*, *hora*- > *hora*); ce e ci dão *ze* e *zi* (*acetu*- > *azedo*, *vicinu*- > *vizinho* (*vezinho*)).

#### b) Consoantes agrupadas:

Não posso aqui tomar em conta senão alguns grupos mais importantes. O destino dos grupos latinos varia ás vezes tambem com a posição d'elles na palavra. Demos exemplos:

PL- > *ch*: plus > *chus* (arc.); plorare > *chorar*;

-PL- > *lh*: \*manup'lu- > \**mãolho* > \**maolho* > *moolho* > *mólho*;

MPL > *ch*: *amplu-* > *ancho*; *implere* > *encher*;

FL > *ch*: *flamma-* > *chama*; *flore-* > *chôr* (dialectal);

cons. FL > *ch*: *inflare* > *inchar*; *afflare* > *achar*;

CL > *ch*: *clave-* > *chave*; *clamare-* > *chamar*;

-CL > *lh*: *grac'lu-* > *gralho*; *oc'lu-* > *olho*;

cons. CL > *ch*: *\*fasc'lu-* > *facho*, *\*manc'la-* > *mancha*;

GL > *l*: *glande-* > *lande*; *glattire* > *latir*;

-GL > *lh*: *teg'la* > *telha*; *\*cig'la* > *cilha*;

NGL > *nh*: *ung'la* > *unha*;

LT > *ut, it*: *altariu-* > *outeiro* (*oiteiro*); *cultellu-* > *cuitello* (arc.);

RS > *ss*: *persona* > *pessôa* > *pessoa*; *Sanctu-Thyrsu-* > *Santo Tisso* (arc. e pop.);

NS > *s* (já em lat. vulg.): *mensa-* > *mesa*, *\*tonsare* > *tosar*;

SCE > (*i*)*x*: *pisce-* > *peixe*; *mas nascere* > *nacer* (que se escreve com *sc*);

SCI > (*i*)*x*: *\*asciata* > gall. *eixada*, portug. *enxada*;

CT > *it*: *actu-* > *eito*, *octo* > *oito*, *fructu* > *fruito* (arc.);

NCT > *nt*: *iunctu-* > *junto*; *sanctu-* > *santo*;

GN > *nh*: *cognoscere* > *conhocer* > *conhecer*; *agnu-* > *anho*;

x = cs > *ix*: *axe-* > gall. *eixe*, portug. *eixo*.

Com relação aos grupos, convém observar que uns são originariamente latinos, como em *amplu-*, outros são de origem romanica, produzidos por syncope de consoante, como em *\*manup'lu-* (= *\*manupulu-* por *manipulus*). O ditongo *ui*, que nasce ás vezes de dissolução de consoantes em certos grupos, transforma-se frequentemente em *u*, ao passar da lingua antiga para a moderna: *cuitello* > *cutello*, *enxuito* > *enxuto*, *fruito* > *fruto*, *luita* > *luta*, *truita* > *truta*; é por isso illogico escrever *fructo*, porque, para se imitar o latim *fructus*, passa-se por cima de *fruito*. Em *chuiva* (arc.) o *ui* vem de pluvia; modernamente mudou-se tambem em *u*, pois dizemos na lingua litteraria *chuva*, embora o povo no Norte e Centro diga *chuiba* (*chuiva*) e *chúbia*.

c) Consoantes geminadas, dobradas ou duplas:

Simplificam-se, ao passarem ao português; embora ás vezes se mantenham na escrita, pronunciam-se sempre singelas. Por exemplo:

NN > n: annu- > *ano* (escreve-se *anno*);

LL > l: caballu- > *cavalo* (escreve-se *cavallo*);

PP > p: stuppa- > *estopa*;

MM > m: flamma > *chama* (*chamma*);

TT > t: gutta > *gota* (*gotta*);

RR tornaram-se *r* forte: carru- > *carro*; ss soam como s: ossu- > *osso*. — Devo observar que não é inteiramente rigoroso dizer que o *l* de *cavalo* ou *cavallo* soa singelo, pois em verdade soa *tl*, com *l* precedido de gutturalização de outro *l*, mas este phenomeno dá-se sempre que *l* esteja depois de vogal tónica, ainda que não provenha de LL: assim se diz ou póde dizer *sof*lo (*solo*).

d) As consoantes, quando ao contacto das semi-vogaes (*i*, *u*), merecem consideração especial:

<sup>vog.</sup> SI > j: visione- > *avejom* > *avejão*;

NI > nh: Iuniu- > *Junho*, linea- > *linha* } (pois *-ea* = *-ia*);

LI > lh: miliu- > *milho*, palea > *palha* }

<sup>vog.</sup> DI > j: hodie > *hoje*, mas modiu- > *moio*;

RDI > rç: ardeo > *arço*, \*vir'dia (de \*vir'dis, como *viridia* de *viridis*) > *verça*;

TI > z: iustitia > <i>justeza</i>	} mas também se estabelecem confusões entre estes sons: puteu- > <i>poço</i> , Gallicia > <i>Galliza</i> .
CI > ç: facio > <i>faço</i>	

STI > ch: mustione- > *mochão*.

Ha attracção em: cómedo > \*cómeo > arc. *coimo* (simplificação analogica moderna: *como*); pário > arc. *paíro*; apiu- > *aipo*; sapiam > *saiba*; rabia- > *raiva*. Quando a vogal tónica é *i*, a attracção fica imperceptivel: Limia- > \*Liima > *Lima*.

Outras:

ARI- > \*ERI- > *eir-*: primariu- > *primeiro*, area > *eira*;

ERI > *eir-*: monasteriu- (*monisteriu-*) > *môesteiro* > *moesteiro* > *mosteiro*, materia > *madeira*;

ORI > *oir-*: coriu- > *coiro*, sectoria- > *seitoira*.

Guttural + u:

QVA > *qua*, ca: nunqua(m) > *nunca*; quantu- > *quanto*, arc. e pop. *canto*;

-QVA- > *goa*: *agua*- > *agoa* (pop. *auga* e *augoa*).

O que fica exposto, é mera synopse muito summária. Algumas particularidades mais, serão mencionadas no decorrer das prelecções.

Ha-de entender-se que as leis deduzidas a cima se referem geralmente ás palavras de origem popular, isto é, ás que foram transmittidas, de boca em boca, desde a epoca lusitano-romana até hoje. Aquellas que entraram em epocas posteriores, ou provieram de origem ecclesiastica ou litteraria, podem ter tido várias transformações. Assim se *ancho* é palavra popular e antiga, evolução de *amplu-*, já não acontece o mesmo com *amplitude*, que é palavra litteraria e moderna. Não deve perturbar os principiantes esta apparente discrepancia. Já noutra occasião alludi a isto; mas convém sempre insistir.

As palavras que, sendo de origem pre-romana, ou por outra, pertencentes ás lingoas falladas na Lusitania antes e ao tempo da romanização, passaram para o lexico latino, foram tratadas como as palavras propriamente latinas: assim, *lousa*, que provém, como disse, do thema de *lausiae*, palavra lusitanica, apresenta o mesmo *ou* de *pouco*, que provém de *paucu-*, palavra romana; Portucale deu *Portugal*, como a palavra romana vocale- deu *vogal*, com a mesma transformação de -c- em *g*, e a mesma apocope de -E; o ditongo AE de *Gallaecu-* deu *e* em *Gallego*, como o de *laetu-* deu *e* em *ledo*. Até que ponto a phonetica, e em geral a grammatica, das lingoas indigenas influiram na transformação do latim, não o podemos bem saber, por falta de elementos de investigação.

Vimos ha pouco que o lexico latino encorporou vocabulos de lingoas post-romanas. Os sons d'estas lingoas adaptaram-se

pouco a pouco ao systema phonetico preexistente; não temos hoje na nossa lingua sons que sejam germanicos, ou arabicos.

O *e* germanico foi transformado em *i*, por exemplo mêrs «grande» em *Belmiro* e *Argemil*; a palavra wulfs «lobo», deu *-ulf-* na idade média, que se mudou ulteriormente em *-uf-*, por exemplo *Berulfi* > *Berufe* (*Brufe*); werra deu *guerra*; TH inicial deu *t*, e TH medial deu *d*, por exemplo: *Tugilde* < Teodegildi, que provém de thiuda «povo» e gilds «valor», e *Ermesinde* < \*Ermesindi, que provém de ermans «forte» e sinths «companheiro».

O *tā* arabico deu *t*, por exemplo: *tannōr* «forno» em *Atanor* = *At-tanor*; o *hā* arabico deu *f*, por exemplo: *al-buhaira* «o lago» em *Albufeira*; *az-zauca* tornou-se *azougue*. Os Arabes modificaram, d'accordo com os seus habitos glotticos, certos nomes que encontraram cá, os quaes depois passaram, assim modificados, para o nosso vocabulario: *Tagu-*, por exemplo, foi mudado em *Tejo* <sup>1</sup>, e *Pace-* (de *Pax Iulia*), certamente na fórma \**Paca* > \**Paga*, foi mudado em *Beja* <sup>2</sup>; no Algarve *castella* ou *castellum* tornou-se *Cacella* <sup>3</sup>, do mesmo modo que na lingua commum castru- se tornou *alcacer* = *al-cacer*. Mas os sons resultantes são perfeitamente portuguezes, e iguaes aos que se observam em palavras provenientes do latim. Dizemos *Tejo* como *inveja* (do lat. *invidia*), e *Cacella* como *cancello* (do lat. *cancellu-*). O mesmo notámos nas palavras de origem germanica.

<sup>1</sup> David Lopes, *Actes du XIV<sup>e</sup> Congrès International des Orientalistes*, t. III, pag. 244.

<sup>2</sup> David Lopes, loc. cit., pag. 245.—David Lopes suppõe *Pace-*, mas a mim parece-me que devemos presuppôr \**Paca*, pois não é crível que no tempo dos Arabes o *c* antes de *e* soasse ainda *k*. Além d'isso, para se passar nessa hypothese, de *Pace-* para *Beja*, seria preciso admittir como fórma intermedia \**Page*: ora nem os Lusitano-Romanos, nem os Arabes a podiam criar, porque na lingua d'aquelles *-ace-* daria *-az*, e na d'estes não havia *g*.

<sup>3</sup> Cf. David Lopes, *Toponymia arabe de Portugal*, Paris, 1902, pag. 10.

Factos analogos se deram com relação ás restantes lingoas que contribuíram para o lexico português.

O *j* hespanhol passou para cá, por intermedio da litteratura, com o som do *j* português, na palavra *Badajoz*; *xerez*, nome de um vinho, apresenta *x*, porque o nome proprio andaluz de que elle provém, e que hoje se escreve *Jerez*, escrevia-se outr'ora com *X*; pela mesma razão dizemos *quixotesco*, *quixotice*, de *Quixote* = *Quijote* <sup>1</sup>. Comquanto o hespanhol archaico possuísse os sons que em português correspondem hoje a *j* e *x*, as citadas palavras são de epoca posterior <sup>2</sup>. Na lingua chula ha porém uma palavra onde o som hespanhol de *j* está representado por *g*, que é o que mais se lhe avizinha; o mesmo se nota em *Aran-gués*, nome de uma quinta em Setubal, o qual provém de *Aran-juéz*, nome de um *sítio real* de Hespanha. O ditongo *ue* de *fruenta* foi simplificado em *e* na nossa palavra *frente*.

O som representado por *ggi* em italiano na palavra *arpèggio* deu *j*: *arpejo*. O som representado por *ce* em *violoncello* deu *xe*: *violonxelo* (como muitos dizem); a par ha *ce* em *violoncelo* (como vem nos dictionários). Implicitamente vemos *-ello* representado por *-elo*. Existem várias palavras portuguezas que se tem por italianas, e realmente o são na origem; todavia chegaram-nos pelo francês, como *charlatão*, *arlequim*: em francês *charlatan*, *arlequin*, em italiano *ciarlatano*, *arlecchino*, com outras terminações.

Não é possivel mencionar aqui todas as lingoas de que rece-

<sup>1</sup> Numa traducção portuguesa moderna do romance de Cervantes, o titulo foi escrito insensatamente *D. Quichote*, com *ch*, como se *ch* pudesse representar *x* na nossa orthographia! Os Franceses é que dizem *Don Quichotte*, com *ch*, porque não tem outro modo de representar o *x-j* do castelhano. O citado dislate veio certamente d'ahi.

<sup>2</sup> Os nossos antigos diziam *Badalouzi*, *Badalioz*, *Badalhouce*: vid. *Portug. Mon. Hist.*, *Scriptores*, pag. 2, 16, e 25. Num doc. do sec. XIV (*Archivo Hist. Port.*, I, 56) vem ainda *Badalhouce*, mas nos *Lusiadas*, III, 66, lê-se já *Badajoz*.



bemos palavras. Sempre o nosso ouvido as interpretou á portuguesa, e do mesmo modo as reproduziram os nossos órgãos phonadores.

Depois do estudo, embora tão succinto, dos phenomenos phoneticos que são, por assim dizer, normaes, seguir-se-hia fallar dos excepçionaes, e exemplificar as influencias da analogia, da etymologia popular, do cruzamento de palavras entre si, do euphemismo, e outras. Ao mesmo tempo poderia tratar-se de certos accidentes geraes, taes como assimilação, dissimilação, accrescentamento e suppressão de sons. Todavia não estou expondo doutrinas que constituam methodicamente uma grammatica; além d'isso terei ainda occasião de me referir a taes assuntos.



## Vestígios dos casos latinos

Casos latinos e casos romanicos. — Genetivo possessivo no português medieval. — Outros restos de casos.

As relações ideológicas que exprimimos hoje na nossa lingua, quer por preposições, quer por certa collocação das palavras na frase, exprimiam-nas os Romanos por *casos*. Nós dizemos *Publio vê Marco*, com *Marco* depois do predicado *vê*, porque se dissessemos *Marco vê Pedro*, o sentido era inverso; os Romanos podiam dizer indifferentemente *Publius videt Marcum* ou *Marcum videt Publius*, porque *Marcum* está em accusativo, e *Publius* em nominativo, exprimindo um o complemento objectivo, e o outro o sujeito. É certo que, por exemplo, em Gabriel Pereira de Castro, *Ulyssea*, VI, 72, se diz *Heitor Achilles chama a desafio*, quando o sujeito é *Achilles*: mas isto pertence ao estilo poetico; além d'isso deixou-se á intelligencia e saber do leitor a interpretação da frase historica. A aparente ambiguidade evitar-se-hia de todo, ou dispondo as palavras na ordem que chamamos logica, isto é, segundo a fórmula *sujeito + predicado + complemento objectivo*; ou juntando a preposição *a* ao complemento (*a Heitor Achilles chama a desafio*), ou repetindo pleonasticamente o complemento na fórma de pronome pessoal, se a metrica o permittisse (*Heitor, Achilles o chama a desafio*).

Em latim havia seis casos, ou mais exactamente sete: nominativo, vocativo, accusativo, dativo, ablativo, locativo e genetivo. Noutras linguas indo-europeias ha mais ou ha menos: em sâns-

crita oito, em grego, irlandês antigo, e gótico cinco, em alemão quatro ou cinco, conforme se contar o vocativo ou não, em inglês dois. Os casos latinos diminuíram gradualmente em romance. O francês na idade media possuía dois casos, e dizia por exemplo *murs* — *mur* no singular, e *mur* — *murs* no plural, o que correspondia ao latim *murus* — *muru(m)* e *muri* — *muros*; dos dois casos só persistiu o obliquo na lingua moderna: singular *mur*, plural *murs*, ainda que a pronúncia é igual. Cito a lingua francesa, por ser mais conhecida; podia citar, entre outras, tambem a provençal.

Os nossos documentos latinos da idade-média testemunhamos a existencia de um genetivo, usado só nos nomes proprios, mas com grande vitalidade: designava a posse e a filiação, tanto em nomes de origem latina, como nos de outra origem (principalmente germanica):

1) *villa Vermudi*, *villa Recaredi*, *villa Romarizi*, *villa Viliulfi*, *villa Vimarānis*, *villa Severi*, isto é: «villa, ou quinta, de Vermudo», «de Recaredo», «de Romarigo»; «de Viliulfo», «de Vimara ou Wimara», «de Severo»;

2) *Julianus Sandini*, *Arias Menendi*, isto é: «Juliano, filho de Sandino», «Arias (Aires), filho de Menendo».

A par com o simples genetivo do substantivo, havia um genetivo patronymico, terminado em *-ici* (*-iz*): *Didacus Fernandici* (=Ferdinandici); o *Fernandici* indicava que o pae de *Didacus* se chamava *Fernandus*.

Todas estas tres categorias se conservaram estereotypadas até hoje como nomes de povoações ou appellidos: *Vermoim*, *Recarei*, *Romariz*, *Guilhufe*, *Guimarães*, *Sandim*, *Mende Sever*, *Fernandez* (Fernandes), <sup>1</sup>. Nos primeiros tempos quem dizia,

---

<sup>1</sup> Vid. sobre o assunto: Gama Barros, *Hist. da administração*, II, 323; Alberto Sampáio, *As «villas» do Norte de Portugal*, Porto, 1903, pag. 42 ss.; Pedro de Azevedo na *Revista Lusitania*, VI, 47 ss.; os meus *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 58 e 78 ss.

por exemplo, *villa Recaredi*, fazia-o com plena consciencia de que indicava que o dono da *villa* se chamava *Recaredus* «Recaredo»; depois porém perdeu-se a consciencia d'isso, e *Recaredi* «Recarei» tornou-se mero nome topographico. O mesmo se applica ás outras categorias. Hoje *Fernandez*, e os nomes congeneres, como *Nunez* (Nunes), *Márquez* (Márques) etc., valem o mesmo que *Silva*, *Coelho*, *Mello*; já não denotam que os paes dos individuos assim designados se chamem *Fernando*, *Nuno*, *Marco*. Nos nomes de origem germanica é particularmente notavel o genetivo acabado em *-anis*; vimos agora *Vimaranis*, de *Vimara*, e temos muitos mais vocabulos nas mesmas condições, como: *Fafilanis*, de *Fáfila*, hoje «Fafiães», *Cintilanis*, de *Cintila*, hoje «Centiães», *Requilanis*, de *Réquila*, hoje «Requiães»,— todos elles terminados (no nominativo) em *-ila*. Explicação analoga devem ter outros nomes em *-ães* e *-iães*.

Na lingua moderna existem mais vestigios de casos obliquos, além dos precedentes <sup>1</sup>. *Sagres*, nome de uma povoação do Algarve, provém, quanto a mim, do ablativo *Sacris*, empregado em frases como *in rupibus Sacris* ou *in cautibus Sacris*, tanto mais que o poeta romano Avieno (seculo IV), fallando d'esta região no seu poema intitulado *Ora maritima*, vv. 215-216, edição de Holder, diz *Cautes Sacra* <sup>2</sup>. Do ablativo provém igualmente *Chaves*, em latim *Aquis Flaviis* > (Aquis) *Flavis*; a primeira parte do nome supprimiu-se por abreviatura, e o *FL* deu *ch-*, como em *chama* < *flamma*. Supprimir-se num nome composto a primeira parte, é phenomeno muito frequente: *Emerita Augusta*, na Hespanha, simplificou-se em *Emerita*, d'onde veio *Mérida*; *Aquae Sextinae*, na França, simplificou-se em *Aquae*, isto é, *Aquis*, d'onde veio *Aix*; *Augusta Praetoria*,

<sup>1</sup> [E além de outros, como *endêz* < (ovum) *indicii*, que designa o ovo que se colloca no local onde a gallinha deve fazer a sua postura: vid. D. Carolina Michaëlis, na *Zeitschrift f. rom. Philologie*, XIX, 607-616].

<sup>2</sup> Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 213.

na Italia, simplificou-se em Augusta, d'onde veio *Aosta*. O nosso povo hoje faz o mesmo. Nenhum habitante dos Arcos de Valdevez, de Villa Nova de Portimão, de S. Thomé de Covellas, fallando das suas terras, profere o nome por inteiro, mas resume-o respectivamente em *Arcos, Villa Nova, S. Thomé*. Por isso se comprehende perfeitamente que de *Aquis Flavis* ficasse só *Flavis*, que se tornou *Chaves* <sup>1</sup>. Se o intuito de quem falla é fazer-se entender claramente, por outro lado procura fatigar o menos possivel os órgãos da palavra: logo que diga o sufficiente, com isso se contenta. Está aqui o segredo de muitas transformações e mutilações vocabulares, como: *você* por *vossa mercê*; *s'*, *sé*, *sô*, *sôr* por *senhor* (junto a um nome proprio: *ô s' Fulano!*); *Dom* por *domine* ou *dono* (tambem junto a nomes proprios: *D. Fulano*). Nas palavras muito usuaes, que não passam de fórmulas, facilmente substituiveis por um gesto ou por uma inflexão no tom da voz (no exemplo supra, *vossa mercê*), e quasi tidas por inuteis, porque a principal significação reside na palavra seguinte (no exemplo supra, *Fulano*), dão-se frequentemente alterações mais violentas que nas outras. Taes palavras são, por assim dizer, vazias de sentido, não passam de meros acenos phonicos. Ao mesmo principio obedecem as abreviaturas dos nomes proprios: na lingua domestica, referindonos a um parente ou a um amigo muito conhecido, dizemos o *Adriano*, o *Meirelles*, e não o *Adriano de tal*, ou o *Fulano Meirelles*, pois basta a enunciação dos nomes proprios para que nos comprehendam logo. Vem a proposito notar que quando nos dirigimos a uma pessoa de certa cerimonia, a não tratamos pelo

---

<sup>1</sup> Num doc. de 1196 (*Leges et Consuet.*, pag. 504) lê-se *Chavias*, forma que está em contradicção com o que digo; mas a contradicção é só apparente, pois o doc. é latino, e o notario julgou que alatinava o nome escrevendo *Chavias*. Já num doc. de 1253 (*ibid.*, pag. 640) se lê *Chaues*. Outra forma é *Achaves*, isto é *Achaues* (com a prosthetico e fluctuante), como vem na *Chancelaria de D. Denis*, Liv. III, fl. 33, na Torre do Tombo; cf. *Elucidario*, 1.<sup>a</sup> ed., pag. 406, col. 2.

nome proprio, a não ser que este seja um pouco fóra do commum: não dizemos, por exemplo, *Sr. Antonio*, *Sr. João*, o que seria incivil, mas poderemos dizer *Sr. Martiniano*, *Sr. Anthero*.

Voltemos aos casos. Do ablativo hac hora veio *agora*, com o abrandamento do c em *g*, por ficar intervocalico; as duas palavras hac hora soavam como uma só. Phenomeno analogo observamos em hoc anno, que deu em portuguez antigo o adverbio *ogano*. Este adverbio gozou de muita vida até o seculo xvi ou começos do xvii; Sá de Miranda o emprega ainda:

E porém sabes que digo  
Pera que melhor me entendas:  
Fugi as grandes contendas,  
Como *ogano* fez Rodrigo...

segundo se lê nas *Poesias*, pag. 405 <sup>1</sup>; vem tambem a fl. 57 da *Origem da lingua portuguesa*, de Duarte Nunez de Lião, cuja primeira edição é de 1606 <sup>2</sup>. Os outros idiomas romanicos estão de accordo com o portuguez, quanto a este ablativo. O hespanhol tem *hogaño* ou *ogaño*, porque ao passo que -*nx*- latinos se transformaram em *n* em portuguez, transformaram-se em *ñ* = *nh* em hespanhol: é esta uma das differenças phoneticas que separam um do outro os dois idiomas; confronte-se igualmente *pano* — *pañ* < *pannu-*, *outono* — *otoño* < \**autunnu-* < *autumnu-*. Em provençal antigo era *ogan* e *ugan*, por exemplo:

Per mai *ogan* est envidatz...

E cossi n'isses mais *ugan*?

<sup>1</sup> Ed. de D. Carolina Michaëlis, Halle, 1885.

<sup>2</sup> Elle escreve *ogaño*, onde *ñ* equivale a *nn*, e não ao hespanhol *ñ*, como inexactamente pensou Moraes, que no *Diccionario* traz *oganho*, embora diga que *ogano* é preferivel.

versos que vem na *Flamenca*, romance do seculo XIII<sup>1</sup>; nesse idioma o -c- deu *g* como em hespanhol e português, mas o -o apocopou-se, phenomeno phonetico normal do provençal. Em dialectos italianos: *ogvano*<sup>2</sup>, *aguan*<sup>3</sup>; italiano archaico *uguanno*<sup>4</sup>. O sardo, como noutras circumstancias acontece, mantém a fórma latina quasi intacta: *occanu*<sup>5</sup>. As fórmas *ogano* e *agora*, provindas das latinas *hoc anno* e *hac hora*, podem comparar-se a *hoje*, que vem de *hodie*, pois *hodie* está por *hoc die*, isto é *\*ho die*. Todas estas palavras foram pronunciadas como uma só, o que succede com outras expressões temporaes: os italianos dizem por exemplo *stannótte*, *staséra*, *stamáne*; o nosso povo diz *istanoute*, *stanoute*. Em *ogano* e *agora* o *h* inicial deixou de se escrever, por se ter perdido a consciencia da origem latina; sem embargo os Hespanhoes podem escrever, como vimos, *hogaño*, e creio que já um caturra brasileiro escreveu *haghora*! A perda da consciencia da origem e sentido primitivo das palavras faz que ás vezes se commettam pleonasmos notaveis: a palavra *hodie*, ha pouco citada, produziu *hui* em francês antigo, e este *hui* foi incorporado em *aujourd'hui*, que litteralmente significa «no dia de este dia». Em italiano: *oggi* e *oggiorno*. Comtudo o pleonasmos nem sempre resulta da perda da consciencia glottica; póde resultar de emphase. Tambem os Franceses reforçam o adverbio: *au jour d'aujourd'hui*; os nossos antigos diziam: *hoje este dia*, *agora est' hora*; nós presentemente: *hoje em dia*<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Ed. de P. Meyer, Paris, 1901, vv. 2659 e 1518.

<sup>2</sup> Adolfo Mussafia, *Ein Beitrag zur Kunde der norditalienischen Mundarten*, 1873, pag. 23-24.

<sup>3</sup> *Archivio Glottologico Italiano*, xvi, 285.

<sup>4</sup> Mussafia, *loco citato*.

<sup>5</sup> Mussafia, *loco citato*.

<sup>6</sup> Cf. sobre tudo isto o meu opusculo *Remarques sur quelques vestiges des cas latins*, separata da *Revue Hispanique*, t. II, pag. 3 [e Julio Moreira, *Estudos da lingua portuguesa*, I, 129-120. Ao exemplo que elle cita



Do locativo latino serão vestígios actuaes: *Almoster* = *al-moster* < por *monasterii*, nome composto de um substantivo romanico precedido do artigo arabico; *Alter* por *Abelterii*, nome de uma cidade lusitanica; *Cidádelhe*, em Tras-os-Montes, por *\*civitatulae*.

Fabrica-se na Beira-Alta um pão que se vende em dia de Todos os Santos e se chama *santório*: esta palavra provém de *santoro*, que corresponde ao genetivo latino *sanctorum*; a terminação *-oro* mudou-se em *-ório* por influencia de *cartorio*, *oratorio*, *reportorio*, e outros nomes acabados em *-orio*, visto que é muito rara a terminação *-óro* (por motivo analogo se diz *códório*, que provém de *quod ore*, frase da missa). Evidentemente *santoro* allude á festa, e foi introduzido por via ecclesiastica.

Por igual via entraram no nosso lexico os nominativos correntes: *Marcos*, *Pilatos*, *Domingos*, embora o ultimo seja mais antigo que o penultimo, como se conclue das alterações phoneticas que soffreu. Ao lado de *Pilatos* vem na *Estoria de Vespesiano* (sec. xv) tambem *Pilato*, com fórma aportuguesada; igualmente ali se lê *Pilatus*, puro latim. De Gaius fez-se na mesma obra *Gais*; hoje dizemos *Gaio* e *Caio*. Tambem os nossos maiores diziam *Cristos*, por exemplo *bandeira de Cristos*<sup>1</sup>, *ábito de Cristos*<sup>2</sup>, *Marta de Cristos*<sup>3</sup>, no seculo xvi; quer então, quer em epochas anteriores, encontra-se mesmo o latinismo *Cristus* ou *Christus*, por exemplo, «caualeiro da ordem

---

de hoje este dia juntarei outro de Camões, *Filodemo*, I, III, ed. de Hamburgo, III, 392:

E se tal he, eu daria  
 Por conhecer a donzella  
 A razão d'hoje este dia ]

<sup>1</sup> *Cancioneiro Geral*, prologo (pag. xxix), ed. de Kausler, vol. I.

<sup>2</sup> *Archivo Historico Português*, II, 82; II, 111.

<sup>3</sup> *Archivo Hist. Port.*, I, 353.

de *Cristus* »<sup>1</sup>; «mestrado de *Christus* »<sup>2</sup>; modernamente o *-us* aportuguesou-se em *-o*. Num documento de 1523 lê-se: «a *Fruitos* de Guoees. . »<sup>3</sup>; este *Fruitos* representa o latim *Fructus*, que foi não só nome proprio de um martyr<sup>4</sup>, mas cognome corrente nas inscrições romanas da Iberia, por exemplo: CN. POMPEIO. FRVCTO (Tarragona)<sup>5</sup>, M. RVFIDIO. FRVCTO (Barcelona)<sup>6</sup>; em D. M. S. FRVCTVS VIXIT ANNIS XXX.V (Carmona)<sup>7</sup> figura como nome proprio; tambem se usava em latim o feminino *Frueta*, o que se mostra em *Annaria Frueta*, *Laetilia Frueta*, *Frueta soror*<sup>8</sup>. Da oscillação que ha pouco vimos existir entre *Pilatos* — *Pilato*, *Christos* — *Cristo*, *Gais* — *Gaio*, dá-nos mais uma prova *Luca*, por *Lucas*: esta ultima fórma é a hoje usada; aquella vem num documento do seculo xv: «dia de sã *Luca* euãgelista »<sup>9</sup>. No *Cancioneiro Geral*, I, 37, v. 17, lê-se *sam Marco*, ao passo que hoje dizemos *S. Marcos*. Por um lado os escritores queriam ir com o uso quotidiano, por outro gostavam de manter o respeito da tradição, principalmente quando ella impunha vultos venerandos.—No onomastico moderno ha varios nomes que ascendem sem dúvida a nominativos medievaes de nomes de pessoas, como: *Alvitos* < *Alvitus*, *Bertiandos* < *Bretenandus*, *Lobrigos* < *Loverigus* < *Leoverigus*; estão nas mesmas circumstancias que os genetivos de que fallei acima. É curioso saber que a taes nominativos correspon-

<sup>1</sup> Sec. XIV. *Archivo Hist. Port.*, I, 353.

<sup>2</sup> *Livro das Obras de G. de Rêsende*, Evora, 1554, fl. 34 v.

<sup>3</sup> *Archivo Hist. Port.*, II, 95.

<sup>4</sup> De Vit, *Onomasticon*, s. v.

<sup>5</sup> *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, 4164.

<sup>6</sup> *Corpus*, II, 4561.

<sup>7</sup> *Corpus*, II, 5418.

<sup>8</sup> De Vit, *Onomasticon*, s. v.

<sup>9</sup> *Archivo Hist. Português*, I, 339.

dem também genéticos: *Alvite* < *Alviti*, *Bretiande* < *Bretenandi*, *Lavoriz* < *Loveriz* < *Loverici* <sup>1</sup>.

Em *Dom*, nas expressões *D. João*, *D. Luis*, e congêneres, pôde ver-se o vocativo *dom'ne*; mas não seria impossível vir *Dom* de *dono* < *dom'nu* em próclise, do mesmo modo que *quão* veio de *quantu-*, *bel* de *bello* (em *a seu bel prazer*), etc.

Ao terminar a presente doutrina, que não fiz mais do que esboçar, embora ilustrando-a com alguns excursos, acrescentarei que o caso typico latino d'onde provieram as palavras portuguezas foi o accusativo. Muitas pessoas imaginam que o caso typico é o ablativo, por haver maior semelhança, v. g., de *forno* com *furno* do que com *furnum*, de *valle* com *valle* do que com *vallem*. Ao que objectarei o seguinte. Em primeiro lugar, essas pessoas esquecem-se do plural; se *forno* é aparentemente mais vizinho do ablativo singular *furno* do que do accusativo *furnum*, *fornos* é mais distante do ablativo plural *furnis* do que do accusativo *furnos*; se *valle* é aparentemente mais vizinho de *valle* do que de *vallem*, *valles* é mais distante de *vallibus* do que de *valles*. Em segundo lugar as mesmas pessoas calam, ou não sabem, que no latim vulgar o *-m* desapareceu em regra, e que *-u* soava *-o*, pelo que tanto fazia *furno* (ablativo) como *furnum* (accusativo), visto que *furnum* se pronunciava *furno*. Logo, nenhum obstaculo phonetico se oppõe a que as nossas palavras tenham como protótypo um accusativo latino <sup>2</sup>. Não são porém as razões phoneticas as unicas que fazem admittir o que digo. No latim vulgar o uso dos casos era restricto, e as preposições regiam frequentemente o accusativo,

<sup>1</sup> Cf. Pedro d'Azevedo na *Rev. Lusit.*, VI, 48-50.—As syllabas iniciais de *Bretiande* e *Bertiandos* differem somente na escrita.

<sup>2</sup> Palavras neutras, como *lac*, que tem em latim classico o accusativo igual ao nominativo, também não contradizem a regra, porque no latim popular o neutro foi absorvido pelo masculino; quanto a *lac*, ha mesmo exemplos de *lactem* na litteratura.

do que as inscrições dão numerosas provas: *a census* <sup>1</sup>, *cum filios eorum* <sup>2</sup>, *cum [q]uem* <sup>3</sup>, *pro se et suos* <sup>4</sup>, *cum filios suos* <sup>5</sup>, *ex litteras* <sup>6</sup>, *cum collegas* <sup>7</sup>, *cum heredes* <sup>8</sup>, *cum nepotes* <sup>9</sup>, *ex castra nova* <sup>10</sup>. Em todos esses exemplos as preposições deviam reger ablativo; o accusativo usurpa as funções d'elle. Deixo de parte frases como *pro salutem* <sup>11</sup>, *sine curam* <sup>12</sup>, *ab orientem* <sup>13</sup>, *cum coniugem suam* <sup>14</sup>, pois que, visto não soar o *-m*, essas expressões podiam corresponder realmente a ablativos no espirito de quem as gravou na pedra: *pro salute, sine cura, ab oriente, cum coniuge sua*. Escolhi de preferencia palavras no plural, para evitar todas as dúvidas.

O que fica exposto é com relação aos nomes (substantivos e adjectivos). No que toca aos pronomes, ha muitas particularidades, como veremos em seguida.

---

<sup>1</sup> *Corpus Inscriptionum Latinarum*, XIV, 4010.

<sup>2</sup> *Corpus*, II, 736.

<sup>3</sup> *Corpus*, III, 14524.

<sup>4</sup> *Corpus*, V, 4945; XII, 1185.

<sup>5</sup> *Corpus*, VIII, 3933.

<sup>6</sup> *Corpus*, VIII, 10570.

<sup>7</sup> *Corpus*, X, 1887.

<sup>8</sup> *Corpus*, X, 4360.

<sup>9</sup> *Corpus*, IX, 1933.

<sup>10</sup> *Corpus*, IX, 795.

<sup>11</sup> *Corpus*, II, 177; III, 14445; IX, 2164.

<sup>12</sup> *Corpus*, VIII, 2728.

<sup>13</sup> *Corpus*, VIII, 2728.

<sup>14</sup> *Corpus*, V, 7404.

## Pronomes e artigos

Classes de pronomes (antigos e modernos). — Alguns usos syntacticos. —  
Connexão dos artigos com os pronomes e os numeraes. — Origens.

É sabido que os pronomes se classificam em: pessoaes, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos, e indefinidos. E os artigos em: definidos e indefinidos, pertencendo originariamente os primeiros á classe dos pronomes demonstrativos, e os ultimos á dos indefinidos, ou mais propriamente aos nomes numeraes.

Todos os nossos pronomes e artigos tem origem latina.

A origem dos PRONOMES PESSOAES vê-se claramente na seguinte tabella:

*eu* < lat. vulg. *eo* < lat. classico *ego*;

*tu* < *tu*;

*elle*, arc. e pop. *el*, < pronome demonstrativo *ille*;

*ella* < pronome demonstrativo *illa*;

*nós* < *nos*;

*vós* < *vos*;

*elles* }

*ellas* }

} : formados do singular, por analogia com os nomes que

fazem o plural em *-s*.

Estas fórmãs estão no nominativo. *Eu* e *tu* só se empregam como sujeitos; os outros pronomes, embora também se empreguem como sujeitos, pois, como disse, são nominativos, podem ser regidos de preposições, e por tanto servirem de complementos: *a elle, d'ella, por nós, entre vós, sobre elles, com ellas*. Quando os pronomes da primeira e segunda pessoa do singular tem de desempenhar funções analogas, tomam outras fórmãs, isto é, passam a outros casos, ás vezes regidos de preposições: *me*; arcaico *a mi, a mim, te, de ti*; todavia os restantes também tem casos: arc. *li* e *lhi, lhe, o, a, nos, vos, lhes*. Tudo isso corresponde analogamente ao latim:

arc. *mi* < *mi* = *mihi*;

*me* < *mi*, e < *me*;

*mim*: de *mi*, com nasalamento do *i*, por influencia do *m* inicial, como em *muito* < *muuto* < *multu-*;

*ti* < *tibi* (com *Umlaut*) por influencia de *mi*;

*te* < *te*;

arc. *li* ou *lhi* < (il) *li*;

*lhe* < (il) *li*, tendo-se o *l* palatizado ao contacto de uma vogal, por ex.: *lio* > *lhio* > *lh'o*, e generalizado depois o phenomeno. Vid. *Revista Lusitana*, ix, 185;

*o, os* } tem a mesma origem que o artigo, de que se fallará  
*a, as* }

depois;

*nos (nus)* < *nos*;

*vos (vus)* < *vos*;

*lis* ou *lhis* e *lhes*: formados de *li* ou *lhi* e *lhe*, por analogia com os nomes que formam o plural em *-s*;

*se* < *se*;

*si* < *sibi* (*sibi* transformou-se analogamente a *tibi*).

Temos pois fórmãs atonas (*me, te, lhe, nos = nus, vos = vus, o*), e fórmãs tónicas (*mim, ti*). As fórmãs atonas *nos, vos*, quando ligadas ao pronome *o* (arcaico *lo*) desfiguram-se: *nolo =*

*no'-lo, volo* = *vo'lo*; arcaico *lhelo* < *lhes lo*. As fórmulas tónicas *mim* e *ti* hoje só se usam com preposições: *a mim, de ti*. Os outros pronomes não tem fórmulas tónicas, mas usam-se as do nominativo acompanhadas de preposições: *a elle, por vós, de vós, com elles*. Em vez de se juntar *com a mim, a ti, a si, a nós, e a vós*, diz-se: *comigo, contigo, comsigo, comvosco*, na lingua archaica simplesmente *migo* ou *mego, tigo* ou *tego, sigo, nosco* e *vosco*, dicções que vem das latinas *mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum*. Em *migo, tigo* e *sigo*, influiu o *i* de *mi*, de *ti* e de *si*; *nosco* e *vosco* vem de *nóbiscum, vóbiscum*, com o accento na primeira, por influencia do *de nobis* e *vobis*. Quando se diz *contigo*, e fórmulas congeneres, commette-se pleonasmio de *com*, pois que a preposição latina *cum* está já representada na syllaba *-go*; mas, por causa do seu desfiguramento phonetico, o povo perdeu a consciencia d'essa preposição, e entendeu reforçar o pronome, juntando, isto é, repetindo *com*. Em *comigo*, por *commigo*, a primeira nasal foi absorvida na segunda; o mesmo phenomeno se observa em *nomais*, isto é, *no' mais*, por *nom mais*, expressão estereotypada, que se lê n'Os *Lusiadas*, x, 145: *No'mais, Musa, no' mais*. Todavia o povo, em algumas localidades, restaura a preposição e diz: *commigo* = *cômigo*, por analogia com *contigo* e *comsigo*.

Além de *mi, li, lhi*, que citei ha pouco, a lingua antiga tinha outros pronomes pessoaes: *che* «te» [de que tratei na *Revista Lusitana*, ix, 184-186]; *xe, xi*, por «se», «si». Estes dois ultimos, sobre os quaes se póde vêr o que diz J. Cornu<sup>1</sup>, tem valor expletivo ou ethico, por exemplo: «e fazed de guisa que .. *xe* mi non envy'outra vez querelar»<sup>2</sup>, «de que *xi* mi partira»<sup>3</sup>, frases ambas do seculo xiv; a origem está em *si*, como proclitico e enclitico, havendo-se o *s* palatizado ao contacto do *i*,

<sup>1</sup> *Grammatik der portugiesischen Sprache*, § 312.

<sup>2</sup> J. Pedro Ribeiro, *Dissertações*, I, 293.

<sup>3</sup> J. Pedro Ribeiro, *Dissertações*, I, 296.

como em pop. *dixe*, *bexiga*, *sanguixuga*, respectivamente de *disse* (1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pess.), *vessica*, *sanguisuga* <sup>1</sup>. Também outr'ora se dizia *el* (*ell*) por *elle*, tanto em próclise, como em pausa.

Na lingua popular os pronomes tomam outras fórmãs, de que não posso aqui occupar-me detidamente: *el*, pl. *eis*; *le* «lhe», tanto no singular como no plural, por analogia com *se*, que é singular e plural; *sim* «si», e *tim* «ti», por analogia com *mim*. Em documentos do seculo XVI lê-se: «hos frutos que em *sym* tinham», «houesse seo filho pera *sym*» <sup>2</sup>. Uma cantiga popular, que ouvi em Penaguião, a uma velha, diz:

Mandei-te vir, tu vieste,  
Adeus cravo do jardim!  
Tu fijeste-m'a a vontade,  
Tamém t'a faço a *tim*.

Acerca de *ti* por «tu», vid. este texto de Gil Vicente:

Guarda-te Deos earamá!  
Pois que seria de mi?  
Mas casemo-nos eu e *ti* <sup>3</sup>.

Seguem-se os PRONOMES POSSESSIVOS.

A lingua antiga, para os pronomes femininos referidos ás pessoas do singular, tinha de um lado fórmãs atonas ou conjunctas, e do outro fórmãs tónicas ou absolutas. A lingua litteraria moderna só tem fórmãs tónicas.

Eis um quadro geral dos pronomes possessivos:

<sup>1</sup> [Cf. o que escrevi nO *Archeologo Port.*, XI, 333 (-334), nota].

<sup>2</sup> *Arc. Hist. Port.*, I, 189 e 190.

<sup>3</sup> *eu e ti*=eu contigo. *Obras*, ed. de Hamburgo, I, 140. [Cf. *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed. pag. 116].



Fórmulas tónicas	1. <sup>a</sup> pes.	{	<i>meu</i> < lat. <i>meu</i> -;
			arc. e pop. <i>mia</i> < lat. pop. <i>mia</i> < lat. litt. <i>mea</i> ;
			arc. <i>mãa</i> < <i>mia</i> , havendo-se o <i>i</i> nasalado ao contacto do <i>m</i> , como em <i>mim</i> (vid. supra);
	2. <sup>a</sup> pes.	{	<i>minha</i> < <i>mãa</i> , havendo-se desenvolvido <i>nh</i> , como em <i>vinho</i> < <i>vĩo</i> < <i>vinu</i> .
			<i>nosso</i> < <i>nostru</i> -;
			<i>nossa</i> < <i>nostra</i> -.
	3. <sup>a</sup> pes.	{	<i>teu</i> < * <i>teu</i> - em vez de <i>tuu</i> (m), por analogia com <i>meu</i> (m);
			<i>tua</i> < <i>tua</i> -.
			<i>vosso</i> < <i>vostru</i> -, fórmula pop. e arc.; a litteraria era <i>vestru</i> (m);
Fórmulas atonas (arc.):	{	<i>vossa</i> < <i>vostra</i> -.	
		<i>seu</i> < * <i>seu</i> - em vez de <i>suu</i> (m), por analogia com <i>meu</i> (m);	
		<i>sua</i> < <i>sua</i> -.	
Fórmulas atonas (arc.):	{	1. <sup>a</sup> pes.: { <i>mha</i> = <i>mya</i> (monosyllabo, isto é com o ditongo crescente <i>iã</i> ) <sup>1</sup> ;	
		<i>ma</i> .	
		2. <sup>a</sup> pes.: <i>ta</i> .	
			3. <sup>a</sup> pes.: <i>sa</i> .

<sup>1</sup> O *h* em *mha* e em combinações analogas (*sábham*) valia por *i* semi-vogal ou *y*.

Todos estes pronomes formam o plural com *-s*: *meus, tas, vossas, etc.*

Em vez de *meu, teu, seu*, também em textos antigos se encontra *meo, teo, seo*, mas *-eo* soava como ditongo (= *-eu*), e não como dissyllabo, senão ter-se-hia transformado em *-eio*: cf. arc. *veo* > mod. *veio*. Na lingua moderna as fórmulas absolutas ou tónicas podem servir de atonas, e isso ás vezes acontecia também na lingua archaica: dizemos hoje *minha irmã* e *esta cousa é minha*; em D. Denis, por exemplo, se se lê *mha mort(e)* <sup>1</sup>, *ma senhor* <sup>2</sup>, lê-se igualmente *minha fê* <sup>3</sup>; D. Duarte, na *Oração do Justo Juiz*, emprega *ta* e *tua*, segundo as necessidades metricas <sup>4</sup>. A lingua popular distingue hoje pronomes tónicos e atonos em certas circumstancias; assim usa como pronomes atonos ou conjunctos: *mê mou, tê tou, sê sou, inha* ou *'nha*. Gil Vicente, quando põe a fallar personagens populares, serve-se ás vezes de *enha*:

Os meninos por erguer,  
E *enha* mãe ensobradada,

nas *Obras*; III, 261, mas o *e* devia soar *e* surdo ou *i*, e não *ê*, como em certas peças ouvi erradamente pronunciar no Theatro de D. Maria em Lisboa.—Os pronomes *nosso* e *vosso* são por sua origem proclíticos, isto é, atonos ou conjunctos, pois só

<sup>1</sup> *Cancioneiro do Vaticano*, n.º 80, v. 8.

<sup>2</sup> *Canc. do Vaticano*, n.º 134, v. 5. O substantivo *senhor*, quanto ao genero, é commum de dois (em português antigo); neste exemplo vale por « senhora ».

<sup>3</sup> *Canc. do Vaticano*, n.º 119, v. 14. Na ed. de Lopes de Moura, pag. 59.

<sup>4</sup> No *Leal Conselheiro*, pag. 478 ss. (ed. de Roquete). Por exemplo:

Logr' eu aquella, meu Deos,  
Ta gloriosa paixom.

Per a *tua* forte deestra,  
Que os infernos quebraste.

assim se explica a mudança de *st* em *ss*<sup>1</sup>; mas o seu uso tornou-se geral. Na lingua antiga encontra-se *nostro* na locução petrificada *nostro Senhor*, referida a Deus, por exemplo em D. Dénis:

e tanto me vejo coitad' andar,  
que nunca mi valha *nostro Senhor!*<sup>2</sup>

locução para a qual já Diez chamou a atenção em 1863<sup>3</sup>; ella tem, quanto a mim, origem ecclesiastica. O pronome *vossa* em *você* e *vossemecê* (por *vossa mercê*), bem como nas expressões familiares e populares *vossenhoria*, *vosseoria*, *vossellencia* (*vocellencia*), *vossencia* (*vocencia*), apparece um tanto figurado.

#### PRONOMES DEMONSTRATIVOS.

A lingua antiga possuia maior número de pronomes do que a moderna. Aqui agrupo os antigos e os modernos:

#### ADJECTIVOS (1.<sup>a</sup> serie)

Masculinus		Femininus	
<i>este</i>	arc. <i>aqueste</i>	<i>esta</i>	arc. <i>aquesta</i>
<i>esse</i>	arc. <i>aqueste</i>	<i>essa</i>	[ <i>aquessa</i> ] <sup>4</sup>
—	<i>aquelle</i>	—	<i>aquella</i>

#### SUBSTANTIVOS (1.<sup>a</sup> serie)

Masculinus (isto é, neutros), sem distincção de número	
arc. <i>esto, isto</i>	arc. <i>aquesto, arc. aquisto</i>
arc. <i>esso, isso</i>	arc. [ <i>aquesso</i> ], pop. <i>aquisso</i> ou <i>quisso</i> <sup>5</sup>
arc. <i>ello</i> —	arc. <i>aquello, aquillo</i>

<sup>1</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, IV, 275-276.

<sup>2</sup> *Cancioneiro do Vaticano*, n.º 93, v. 4 (escrito *ñro*). Cf. a ed. de Lopes de Moura, pag. 21.

<sup>3</sup> Vid. *Ueber di erste portugiesische Kunst- und Hofpoesie*, pag. 114.

<sup>4</sup> Ponho entre colchetes aquellas fórmãs que é natural houvesse, mas que não encontrei ainda em documentos.

<sup>5</sup> Existe em Tras-os-Montes (Moncorvo, por exemplo): *d'aquisso*,

ADJECTIVOS (2.<sup>a</sup> serie)

Masculinos	Femininos	Sem distincção de genero, mas com distincção de número
<i>outro</i>	<i>outra</i>	—
<i>est'outro</i>	<i>est'outra</i>	—
<i>ess'outro</i>	<i>ess'outra</i>	—
<i>aquell'outro</i>	<i>aquell'outra</i>	—
arc. <i>meesmo</i> <i>mesmo</i>	arc. <i>meesma</i> } <i>mesma</i> }	arc. <i>medês</i>
—	—	<i>tal</i>

SUBSTANTIVOS (2.<sup>a</sup> serie)

Referidos a pessoas, sem distincção de genero nem de número	Referidos a pessoas ou consas, com distincção de genero e de número	
	Masculino	Feminino
<i>óutrem</i>	<i>a</i>	<i>o</i>

Os pronomes que tem plural, formam-no segundo as regras que se applicam aos nomes: *estes*, *aquell'outros*, *taes*, *medêses*<sup>1</sup>.

Os pronomes *este*, *esta*, *esto*, *ello*, vem respectivamente do latim: *iste*, *ista*, *istud*, *illud*; *esse* vem de *ipse*, *essa* de *ipsa*, *esso* de *ipsu(m)*. Os pronomes *aquelle*, *aquella*, *aquel-lo*, *aqueste* tem-se explicado por *eccu' + ille*, *illa*, *illud*, *iste*<sup>2</sup>; todavia Meyer-Lübke propõe atque<sup>3</sup>. O *i* de *isto*, *isso*, *aquillo*, deverá explicar-se como o dos pronomes gallegos *iste*, *ise*, *il*. Os pronomes *outro*, *outra* vem de *alt'ru-*, *altr'a-*.

por *quisso*, «d'aquillo» ou «d'isso», «por isso». Informação do Rev. Abb.<sup>e</sup> Tavares Teixeira.

<sup>1</sup> A par ha *medes*, invariavel: cf. Cornu, *Grammatik*, § 316.

<sup>2</sup> Diéz, *Gram. des l. rom.*, II, 416.

<sup>3</sup> *Gram. des l. rom.*, II, § 564 (atque *ille*, etc.). Quanto a mim, notarei que, visto ser a formação dos adverbios demonstrativos analogo á dos pronomes, o gallego *eiqui* se explica melhor por *eccu'* do que por *atque*.

O pronome *óutrem* devia soar primitivamente *outrém*, como o prova o hespanhol antigo *otrien*, resultando *-en* de influencia de *quem*; o accento passou para a syllaba inicial, por influencia de *outro*. A combinação *ess'outro* deu na lingua popular *sôtro* (= *soutro*), *sôtro*, e *sontro* <sup>1</sup>. *Meesmo*, *meesma* vem de \**medipsimu-*, \**medipima-*; *mesmo* e *mesma* são contracções das fórmas arcaicas. O pronome *tal* vem de *tale*, e *medês* vem de *metipse*; a par de *medês*, ha em portuguez arcaico a fórma nasalada *mendes*, que porém soaria *mêndes*, pois rima com *tendes* <sup>2</sup>. De *o*, *a* tratarei, quando fallar dos artigos. — Dos pronomes latinos *hoc* (ablativo de *hic*) e *hac* (ablativo de *haec*) ha vestigios arcaicos, como já vimos, quando nos occupámos dos casos, em *ogano* e *agora*; do pronome neutro *hoc* ha tambem vestigio arcaico em *pero* («por isso» e «comtudo») <per hoc.

O pronome *outrem* pôde antes ser considerado como indefinido, do que como demonstrativo, mas por causa de *est'outro*, etc., inclui-o aqui. O pronome *outro* e *mesmo* estão em iguaes circumstancias, pois tornam-se demonstrativos, quando precedidos do artigo definido, por exemplo, *o outro*, *os mesmos*.

#### Passemos aos ARTIGOS.

Occupei-me d'elles com algum desenvolvimento num opusculo que ha tempos publiquei <sup>3</sup>, e não repetirei agora tudo o que então escrevi.

<sup>1</sup> A nasal de *sontro* (em *sontro dia*) explica-se por analogia com a de *outro* (corrente no Sul; *outro dia*) por \**nontro*. Em \**nontro* a nasal resulta de influencia do *n* inicial, como em *nem* <ne(c)>, *nonjo* (Alandroal) «nojo», *nonte* (Alcoutim) <nôte «noute». Cfr. *Rev. Lusit.*, IV, 244.

<sup>2</sup> Cf. D. Carolina Michaëlis na *Zs. f. roman. Philologie*, VII, 432, nota.

<sup>3</sup> Intitula-se *As «Lições de Linguagem» do sr. C. de F.*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto, 1893. Vid. pag. 50-66. — Incidentalmente notarei que a doutrina ahí exposta em opposição á do meu adversario foi accete depois por este, não obstante haver elle mofado primeiro de mim, e do que eu disse. O mesmo fez com relação a outros assuntos em que o censurei. Ainda bem! Todavia nunca indicou a fonte em que bebeu.

O artigo definido (*o, a, os, as*) tem origem no accusativo latino *illu(m)*. De *illu-* veio *ello*, pois que o *i* inicial era breve, e dava *e*; *ello* soava *elo*, pela razão já dada de *-LL->l*. Como porém o artigo é essencialmente proclítico e atono, o *e* de *elo* facilmente se syncopava: *elo campo, elo amigo* tornavam-se *lo campo, lo amigo* (esta forma *lo* é, por exemplo, a do italiano antes de vogal e de *s*; a ella corresponde também o francês moderno *le*). O mesmo vale para o feminino e para o plural. Isto é, tivemos primeiro em português também *lo, las, los, las*, formas ainda mantidas em algumas línguas românicas, por exemplo (além do que já citei): *la* em hespanhol, francês e italiano; *los* e *las* em hespanhol, atenuadas no francês *les*. Todas as formas dadas como portuguesas são prehistoricas; não apparecem, assim puras, na lingua litteraria corrente, e só se encontram em algumas combinações que em breve indicarei, e em certos textos ainda não estudados philologicamente.

Quando *lo, la, los, las*, formas prehistoricas portuguesas, entravam em frases como *de lo chão, a la pedra, pera los rios, so<sup>1</sup> las torres*, em que estão intimamente unidas a outras palavras, com as quaes como que formam corpo, o *l*, por ficar intervocalico, syncopou-se, e d'ahi resultou: *de o (ou do) chão, aa pedra, pera os rios, so as torres*. O mesmo succedia noutras combinações onde *lo, la, los, las* serviam de pronomes: *vê-lo > vê-o, chama-la > chama-a, ouvê-los > ouve-os, bate-las > bate-as*. As formas assim singelas, que a principio tiveram uso restricto, generalizaram-se em seguida, e começou para todos os effeitos a dizer-se *o, a, os, as*, apenas com algumas restricções, como passo a notar<sup>2</sup>.

O *l* do artigo perdura, entre outras, nas seguintes locu-

<sup>1</sup> = *so(b)* «debaixo de».

<sup>2</sup> Sobre a origem phonetica do artigo vid. J. Cornu, *Grammatik der portugiesischen Sprache*, § 130.

ções: *almenos*<sup>1</sup> = a lo menos, *alfim*<sup>2</sup> = a la fim, *alpelo* = a lo pelo «ao correr do pelo»<sup>3</sup>, *alpardo* = a lo pardo «ao escurer»<sup>4</sup>, *alvez* = a la vez «ás vezes»<sup>5</sup>. Em todas estas circumstancias, por se seguir consoante á vogal do artigo, e este formar com a palavra seguinte, como já disse, uma locução, cahiu a vogal; o mesmo se observa em *a seu bel prazer*, onde *bel* está por *bello*<sup>6</sup>. Á mesma categoria pertence *el-rei*, que está por *el(o)-rei*; a linguagem da côrte manteve o arcaísmo. Tambem num documento gallego do sec. XIII se lê: «Páaos *del conde*»<sup>7</sup>, onde *del conde* provém de *de l(o) conde*.

Assimilado a sons vizinhos, temos vestigios do *l* de *lo*, tanto em função de artigo, como na de pronome, em: *pelo* = *pello* < per lo, arc. *sóbolo* = *sobollo* < \*sober lo<sup>8</sup>; *vê-lo* = *vello* < ver lo; arc. *todollos* < todos los; arc. *lhe' lo* < lhes lo; *no* < arc. *eno* < em no < em lo; *chamão-no* < *chamão-lo*. Ás vezes lêem-se em textos arcaicos expressões como *per lo* e outras; ellas não correspondem a pronúncia viva, mas são pura e simples restauração orthographico-etymologica: isto é, dizia-se *pelo*, e escrevia-se *per*

<sup>1</sup> Usa-se ainda em Alcobça. Cf. *al de menos* no *Leal Conselheiro*, pag. 66, e *almeo* na *Demanda do santo graall*, pag. 69.

<sup>2</sup> Embora não muito usada, é da lingua litteraria moderna. Conheci na minha infancia um prégador que a usava constantemente nos sermões.

<sup>3</sup> Vid. Moraes, *Diccionario*, s. v. «pello». Cardoso, *Dictionarium Latino-Lusitunicum*, Coimbra, 1570, traduz esta locução por *secundum pilum*; e B. Pereira, *Thesouro da ling. port.*, Lisboa, 1647, tradu-la por *secundum plura*.

<sup>4</sup> Da Madeira. [Apud G. Viana, *Apostilas*, II, 231].

<sup>5</sup> De Entre-Douro-e-Minho.

<sup>6</sup> Em textos antigos ha *a la fé* (vid. Moraes s. v., e o *Cancioneiro da Ajuda*, I, v. 3245, etc.), *a la mar* (vid. Moraes, s. v.), mas decerto são hespanholismos, pelo menos a última expressão (*mar* em hespanhol é masc. e feminino).

<sup>7</sup> Martínez Salazar, *Doc. gallegos*, pag. 49.—Creio que ha igualmente textos antigos portuguezes com *el conde*, mas não posso verificar neste momento.

<sup>8</sup> O e mudou-se em o, por influencia da consoante labial b.

lo. Também hoje se escreve *muito*, e se pronuncia geralmente *mũito*. Os antigos a cada passo escreviam *regno*, por attenção ao latim *regnum*, e pronunciavam sem dúvida *reino*.

Os artigos indefinidos *um* e *uma* tinham outr'ora as fórmãs *ũu* e *ũa*, ambas dissyllabicas. A última conserva-se ainda na lingoagem popular, quer assim mesma, quer com *n* guttural: *ũaia*. A fórmula *ũu*, de que *um* (= *ũ*) é mera simplificação, não anterior ao seculo xv, provém do lat. unu-, por nasalamento do primeiro *u*, e quéda subsequente do *n*, como em *sõo* < sonu-, *bõo* < bonu-; a simplificação a que ha pouco alludi, deu-se do mesmo modo em *jejum* (= *jejũ*), que provém do arcaico *jejũu*. O *m* que sé desenvolveu em *ũa*, d'onde *uma*, tem como paralelo o desenvolvimento de *nh* em *võo*, que se tornou *vinho*: aqui foi o som palatino-nasal *ĩo* que provocou a consoante palatino-nasal *nh*; alli foi o som labio-nasal *ũ* que provocou a consoante labio-nasal *m* <sup>1</sup>.

Como na nossa antiga orthographia a lettra *u*, além de representar a vogal que hoje pronunciamos *u*, representava em certos casos a consoante que hoje pronunciamos *v*, acontecia que, para evitar confusões, se escrevia *hũu* e *hũa*, com *h*. Igual orthographia se applicou ao artigo definido, que ao mesmo tempo ficava mais encorpado: *ho*, *ha* <sup>2</sup>. Isto foi motivo para alguns maniacos fantasiarem que *ho*, *ha* provinham do latim *hoc* e *hac*! Também não faltou quem explicasse *o*, *a* pelo grego!

Ampliarei com algumas observações o que fica declarado a respeito dos artigos.

A grande tenuidade do artigo, sobretudo do definido, faz que elle se incorpore facilmente noutras palavras: por um lado te-

<sup>1</sup> Vid. sobre isto *Rev. Lusit.*, iv, 40. Do opusculo que ahi cito, *Dialectos Interamnenses* (publicado em 1855, e onde primeiro aventei a explicação phonetica), sahi errada a menção do número: é III, e não 21. — Cf. também H. Schuchardt, *Kreolische Studien*, ix (1891), 183.

<sup>2</sup> Cfr. na antiga orthographia *he*, em vez de *e* (conjunção). O *h* também fazia de accento: *he* = *é* (verbo).



mos na lingua usual *do* < de o, *ao* (que soa *âu* e *ó*) < a o, *á* < a a, *no* (explicado ha pouco), *num* (analogo a *no*), *pelo* (tambem já explicado), na lingua popular *prà* = para a, *pró* = para o, na lingua arcaica *cõno* < *cõ no* «com o», *atēna* = até na «até a», *sobolo* (de que já fallei); por outro lado temos coalescencia d'elle com substantivos, como: *zorates*, que provém da expressão *casa dos orates*; e *maluta* «luta», palavra beirã, que nasceu de *uma luta*. Em *zorates* apparece o *s* de *dos*, que, por ser intervoalico, soava *z*: *casa dos orates* = casa do(s) zorates, d'onde se deduziu erroneamente *zorates* <sup>1</sup>. Em *maluta* apparece o *m* de *uma luta*, expressão que primeiro se pronunciou como uma só palavra: *umaluta*, d'onde *maluta*, com suppressão da vogal inicial; cfr. *menagem* por *homenagem*, e arc. *cajom* < lat. *occasione*.—Tratei d'este assunto na *Revue Hispanique*, v, 423-426, e ahi juntei muitos exemplos das diversas linguas romanicas.

Ao mesmo tempo que o artigo póde agglutinar-se á palavra a que se refere, póde tambem succeder que, começando certas palavras por *o*, este som desapareça (deglutinação), por se confundir com o artigo, por exemplo: *liado*, fórma pop. de *oleado*; *Degebe* <sup>2</sup>, *Deleite*, *Diáxere*, nomes de rios meridionaes, que vem respectivamente de *Odegebe*, *Odeleite*, *Odiáxere*. Em todas essas palavras o povo tomou o *o* inicial por artigo, e supprimiu-o. São tambem motivadas pela mobilidade do artigo oscillações como: *Zézere* e *Ozézere* (rio), *Zeive* e *Ozeive* (aldeia). Com relação a nomes femininos, deve haver oscillações semelhantes, mas ahi a averiguação torna-se mais difficil, porque

<sup>1</sup> *Casa dos orates* quer dizer «dos doidos». De *zorates* ou *zorate* veio o particípio *azoratado*, que presuppõe o verbo *azoratar*. O auctor do *Novo Dicc.* explica mal, tanto *azoratado*, como a palavra que elle escreve *zurato*. A base de tudo é sem duvida *orate*, como o prova o hespanhol, onde esta palavra existe tambem. O *Dicc.* da Academia Hesp. dá por etymo o grego *ὄρατος*, que porém suscita dúvidas.

<sup>2</sup> Garcia de Resende diz *Digebe*: «ribeira do *Digebe*» no *Livro das suas Obras*, Evora, 1554, fl. 8.

a adição ou a supressão de *a* podem ser phenomenos meramente phoneticos (prosthese e apherese), e não estamos sempre no caso de distinguir se, quando ellas se manifestam, isso se deve a causas physiologicas ou a psychologicas. Por exemplo, o povo diz no Sul *alagar* em vez de *lagar*: aqui evidentemente houve prosthese de *a* (phenomeno physiologico), visto que *lagar* é substantivo masculino, e não podia encorporar em si um artigo feminino (phenomeno psychologico); em *abomba*, porém, em vez de *bomba*, ha mera prosthese, ou ha agglutinação de *a*? Em *xorca*, por *axorca* (hesp. *ajorca*, arabe *ax-xorca*), ha apherese de *a*, ou ha deglutinação do artigo?

#### PRONOMES RELATIVOS E INTERRÓGATIVOS.

Em hespanhol antigo havia *qui*, que provém do latim *quī*; mas na nossa litteratura não se conhece fórma correspondente a essa, ha apenas *que*, embora pronunciado *qui* antes de vogal <sup>1</sup>. O accusativo quem conserva-se em *quem*, que é invariavel como *que*. Os outros pronomes relativo-interrogativos são: *qual* < *quale*-, *quanto* < *quantu*-, *cujo* < *cuiu*-. O pronome *cujo* na lingua moderna é apenas relativo (ex. *o homem cujas virtudes admiro*), mas na antiga é tambem interrogativo (ex. *cujas são estas casas?*). [A respeito de *cujo* vid. o que escrevi na *Revista Lusitana*, IX, 60-61].

Para concluir o que tinha de dizer dos pronomes, resta falar dos INDEFINIDOS.

#### 1. Pronomes adjectivos:

a) com distincção de genero e de número:

<sup>1</sup> Diez, *Gram. des l. rom.*, II, 88, cita um documento que vem no *Elucidario* de Viterbo s. v. «maninhadego» onde se lê *qui fillos ouwer*; mas ahi *qui* é puro latinismo, pois logo a seguir vem *que* em portuguez puro. Cf. noutro documento que Viterbo produz no mesmo lugar: *qui filium aut filiam non habuerit*.

*todo* (fem. *toda*) < lat. *totu-*, pois -*t-* deu *d* (pag. 33);  
*algum* (fem. *alguma*) < arc. *algūu* (fem. *algūa*) < lat.  
*aliq'unu*, com -*q-* > *g* (a respeito de *unu-* já fallámos);  
*nenhum* (fem. *nenhuma*) < arc. *nēūu* (fem. *nēūa*) < arc.  
*neūu* (fem. *neūa*) de *ne* (*nē*) *ūu* <sup>1</sup>;  
*nengūu* < *negūu* < \**nec unu-* (vid. infra);  
*certo* (fem. *certa*) < lat. *certu-*.

b) com distincção de genero, mas só usado como plural:  
*ambos* (fem. *ambas*) < lat. *ambos* (propriamente é dual).

c) sem distincção de genero, nem de número:  
*cada* < grego alatinado *cata*: vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*,  
s. v., onde se citam as fontes.

## 2. Pronomes substantivos:

arc. *al* «outra cousa» < lat. *ale* (cfr. Georges, *Wortform.*,  
s. v.), em vez de *aliud*, por analogia com *tale-*, *quale-*;

*algo* «alguma cousa» < lat. *aliquid* (o pronome *algo* usa-se  
hoje pouco, mas foi muito usado d'antes);

*alguem* < lat. *aliquem*, com accento no *e*, como em quem  
(propriamente houve recomposição: *ali-quem*);

*ninguem* < lat. *ne(c) quem*, com accento no segundo *e*  
(houve nasalamento do primeiro *e* por influencia do *n* inicial,  
como em *nengūu*; quanto ao *i*, cf. o hesp. *ninguno*);

*nada* < lat. (res) *nata*, com o deminut. *nadinha*, e o com-  
posto *nonada* = *no'nada* < *nom nada*.

arc. *todo* «tudo» < lat. *totu-* (não se confunda com o outro  
pronome *todo*, citado acima, e que é adjectivo) <sup>2</sup>;

<sup>1</sup> O *nh* intercalou-se como em *minha* < arc. *mñā*: vid. pag. 55.

<sup>2</sup> Eis alguns exemplos arcaicos de *todo* como substantivo: «*todo* esto me el rrogou que lhe eu dislese» (*Demanda do santo graall*, pag. 36); «os emiigos fazem *todo* pelo contrayro» (*Livro d'Esopo*, pag. 20-21); «onde achar tempo, vos fallarey de *todo*» (*Chronica de Guiné*, de Azurara, Paris, 1841, pag. 178). Nos principios do seculo xvi ainda se usa o mesmo pro-

*tudo*. O povo no Douro diz *tuido*, com *ui* por influencia do de *muito* na epoca em que ainda não havia aqui nasal.—A distincção que nós fizemos entre *todo* (que ficou como adjectivo), e *tudo* (que se tornou substantivo), não a fizeram os Castelhanos nem os Gallegos, pois uns e outros dizem *todo*, quer como adjectivo, quer como substantivô. Em gallego tambem ha *toido*, que corresponde ao port. *tuido*, como ha *moito*, que corresponde ao nosso *muito*.—[Cfr. Garcia de Diego, *Gram. hist. gallega*, Burgos, 1909, § 53, b].

*rem* «(alguma) cousa» <lat. rem. Precedido de *sem* ou de adverbio negativo, tem a significação de «nada»: vid. Moraes, *Diccionario*, s. v. «rem».

*homem*, na accepção do francês «on», <lat. homine- [vid. *Revista Lusitana*, IX, 57-60] <sup>1</sup>.

### 3. Pronomes compostos:

*cada um* (fem. *cada uma*; pl. *cada uns, cada umas*).

*qualquer* (masc. e fem.)=qual quer (no plural *quaesquer*).

*qualquer um*. Assim diz o povo (Minho), por influencia de *cada um*: «*qualquer um* homem».

*quemquer*=quem quer (empregado como substantivo).

*quem quer que* (subst.)=todo aquelle que.

arc. *qualxequer*=qual xe quer <sup>2</sup>. Acerca de *xe* vid. o que já se disse a pag. 53.

nome: «*todo* poemas em seu escolhimento» (anno de 1512: J. P. Ribeiro, *Dissertações*, I, 336). Já porém em documentos de 1548 e 1549, reinado de D. João III, se lê *tudo* (J. P. Ribeiro, *ob. cit.*, I, 337); Jorge Ferreira usa igualmente *tudo* (na *Comedia Ulysippo*, ed. de 1787, pag. 99 e 108). Vid. tambem sobre este assunto uma nota de Roquete no *Leal Conselheiro* de D. Duarte, pag. 60.

<sup>1</sup> Por exemplo: «esta he hũa das cousas per que *homem* pode conhecer sua [o A. está fallando de Negros] grande bestyallidade», na *Chronica de Guiné*, de Azurara, Paris, 1841, pag. 363.

<sup>2</sup> Cf. Diez, *Ueber die erste portug. Kunst- und Hofpoesie*, Bonna, 1863, pag. 112.

arc. *quexiquer* = que xi quer. Acerca de *xi* vid. o que já se disse a pag. 53.

arc. *quequer* = que quer: «qualquer».

arc. *nemigalha*, *namigalha*, *nem mingalha* «nada» = nem migalha <sup>1</sup>; na lingua chula antiga *nemichalda* (apud Moraes, *Dicc.*). Cfr. gallego *mingalhada*.

arc. *algorém* ou *algorrém* «alguma cousa». Pronome aparentemente pleonastico, pois creio que vem de *algo de rem*; cfr. pop. *tudenada*, por *tudo de nada* <sup>2</sup>. — Temos a par em port. arc. *algãa rem*.

Não é meu intuito esgotar o assunto. Isso porém basta para dar ideia da formação dos pronomes, e do modo como se procede neste estudo.

\*

De outros capitulos da Morphologia, por exemplo, numeraes, verbos e particulas, e de alguns pontos de Syntaxe, Semantica e Estilistica, fallarei mais adiante.

<sup>1</sup> Redondilha de Camões (*Rimas*, 1598, fl. 163 v.): «Tendes *nẽ migalha* assada». Em Gil Vicente, *Obras*, I, 180: «que não trago *nemigalha*». No *Auto da Festa*, pag. 101: «não duvides *nemigalha*» (como adverbio: nada absolutamente). No *Cancioneiro Geral*, I, 476: «Tornou-sse-m'em *namigalha*». No *Leal Conselheiro*, ed. de Roquette, pag. 425: «a quem nom deve dar *nem myngalha*» (onde *myngalha* tem o *y* nasalado por influencia do *m* inicial, ou de *mingar* < *mingoar*). Consta-me que *nemigalha* ainda hoje se usa na Beira-Baixa.

<sup>2</sup> Isto é: *tud'denada*. Tambem se diz *tudo-nada*, como que restaurando-se o primeiro pronome.



## Explicação de textos antigos

Testamento de D. Affonso II.—Duas poesias trovadorescas (com uma noticia da poesia provençal).—Notas lexicologicas.

Expliquei tres textos que não inclui no meu livro *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto, 1907-1908, e por isso aqui os transcrevo e commento. Um é em prosa, dois são em verso.

### A) Testamento de D. Affonso II <sup>1</sup>

(Texto do sec. XIII)

Convém fazer algumas observações preliminares.

Quanto á orthographia:

*n* = ~: *raina* = raia, *asunar* = as(s)uar, *una* = ua, *uindir* = uir, *sano* = são, *Lisbona* = Lisboa.

-*n* = -*m*: *don* = dom.

*ni* = nh: *senior* = senhor, *ténio* = tenho.

---

<sup>1</sup> O original está na Torre do Tombo (caixa 47 da Livraria, Maço 3 da Mitra de Braga). Foi publicado na *Revista Lusitana*, VIII, 82-84, pelo sr. Pedro d'Azevedo, que o antecede de util prologo. O mesmo Sr. teve a bondade de, a meu pedido, collacionar o texto impresso com o manuscrito, do que resultou melhoria para aquelle; e d'ella aqui me aproveito.

*li* = *lh*: *filio* = filho, *molier* = mulher, *uália* = valha, *aque-  
lia* = aquela.

*li* = *lhi*, *lis* = *lhis*.

*gi* = *j*: *ágia* = (h)aja, *ségia* = seja, *beigio* = beijo.

*z* = *ç*: *Alcobaza*, *fázam*, *servizo*, *undézima*.

*c* = *z*: *facer* = fazer.

Em notas indico a pronúncia de várias palavras que possam causar dúvida, e algumas poucas alterações que introduzi no texto. As outras alterações consistem em: escrever eu com lettra maiuscula os nomes proprios que tinham lettra minuscula; na l. 8 escrever *infante*, em vez de *Infante*; na linha 113 escrever *A outra* em vez de *a outra*, para manter a symetria. Conservei a pontuação originaria, por obedecer a um plano mais ou menos regular, embora diverso do que hoje adoptamos.

En o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus  
rei de Portugal. seendo sano e saluo. temête o dia de mia  
morte. a saude de mia alma. e a proe de mia molier raina dona  
Orraca. e de meus filios. e de meus uassalos. e de todo meu  
5 reino fiz mia mãda per que de pos mia morte. mia molier e  
meus filios e meu reino. e meus uassalos. e todas aquelas cousas  
que Deus mi deu en poder: sten en paz e en folgãcia. Primeira-  
mente mãdo que meu filio infante don Sancho que ei da raina  
dona Orraca agia meu reino entegramente e en paz. E ssi este  
10 for morto sen semmel: o maior filio que ouuer da raina dona  
Orraca: agia o reino entegramente e en paz. E ssi filio barõ nõ  
ouuermos: a maior filia que ouuermos: agia o <sup>1</sup>. E ssi no tẽpo  
de mia morte meu filio ou mia filia que deuer <sup>2</sup> a reinar nõ  
ouuer reuora: segia <sup>3</sup> en poder da raina sa madre. e meu reino

---

<sup>1</sup> = (h)aja-o.

<sup>2</sup> O ms. tem *deuer*; o supposto *u* desce um pouco, pelo que parece dever ler-se *deiuier*, e não *deuier*. Entenda-se que o *u* soa *v*.

<sup>3</sup> = seja.



- 15 segia en poder da raina e de meus uassalos ata quando agia reuora. E ssi eu for morto: rogo o apostoligo come padre e senior e beigio <sup>1</sup> a terra ante seus péés que el recebia <sup>2</sup> en sa comêda. e so seu difindemêto a raina e meus filios. e o reino. E ssi eu e a raina formos mortos: rogoli e pregoli que os meus
- 20 filios e o reino segião en sa comêda. E mândo da dezima dos morauidiís e dos dñeiros <sup>3</sup> que mi remaserũ de parte de meu padre que sũ en Alcobaza e do outrauer <sup>4</sup> mouil que i posermos pora esta dezima: que segia partido pelas manus do arcebispo de Bragáá. e do arcebispo de Santiago. e do bispo do Portu. e de
- 25 Lixbona. e de Coibria. e de Uiseu. e de Lamego. e da Idania. e dEuora. e de Tui. e do tesoureiro de Bragáá. E outrossi mândo das dezimas das luctosas e das armas e doutras dezimas que eu tenio apartadas en tesouros per meu reino. que eles as departiã <sup>5</sup> assi como uirẽ por directo. E inando que o abade dAl-
- 30 cobaza lis de <sup>6</sup> aquesta dezima que el ten ou teuer <sup>7</sup>. e eles as departiã segũdo Deus como uirẽ por directo. E mândo que a raina dona Orraca agia a meiadade de todas aquellas <sup>8</sup> cousas mouils que eu ouuer a mia morte. exetes aquestas dezimas que mândo dar por mia alma. e as outras que tenio en uoontade por
- 35 dar por mia alma. e nonas uuer <sup>9</sup> a dar. Et mândo que si a raina morrer en mia uida. que de todo meu auer mouil agia ende a

---

<sup>1</sup> = beijo.

<sup>2</sup> Com accento no *e*.

<sup>3</sup> No ms.: *dieiros*.

<sup>4</sup> = outr'auer.

<sup>5</sup> Lêde *depártiã*. Idem nas linhas 13 e 28.

<sup>6</sup> « dê ».

<sup>7</sup> Assim está no ms. (*teuer*), com o *u* um pouco afastado, o que faz ler *teiuer*. Cfr. *teuerẽ* nas ll. 99 e 108. — O *u* soa *v*.

<sup>8</sup> Assim está no ms., e igualmente na l. 85 (cfr. porém *aquellas* na l. 6). Mais notarei que entre o *i* e o *a* ha um respançado.

<sup>9</sup> = *vüer*. Não ha dúvida que o ms. tem *uuer*. O sr. Pedro d'Azevedo diz-me a este respeito: « na terceira haste ha um engorgitamento na parte superior, como tem neste documento alguns *ü* (não todos). Também não

meiidade. Da outra meiidade solten ende primeiramente todas mias devidas. E do que remaser fazam en tres partes. e as duas partes agiã meus filios e mias filias. e departiã se <sup>1</sup> ontreles <sup>2</sup> igualmente. Da terceira o arcebispo de Bragáá. e o arcebispo de Santiago. e o bispo do Portu. e o de Lixbona. e o de Coïbria. e o de Uiseu. e o dEuora fazã desta guisa. que u quer que eu moira quer en meu reino quer fora de meu regno: fazam aduzer meu corpo per mias custas a Alcobaza. E mândo que den a meu senior o papa .iiij. mr. <sup>3</sup> A Alcobaza .ij. mr. por meu ãniuersario. A Santa Maria de Rocamador .ij. mr. por meu ãniuersario. A Santiago de Galicia .ij. ccc. mr. <sup>3</sup> por meu ãniuersario. Ao cabidó da séé da Idania .mille. mr. por meu ãniuersario. Ao moesteiro de Sangurge <sup>4</sup> .d. mr. <sup>5</sup> por meu ãniuersario. Ao moesteiro de san Uicête de Lixbona .d. mr. por meu ãniuersario. Aos caonigos de Tui .mille. mr. por meu aniuersario. E rogo que cada ãn <sup>6</sup> destes ãniuersarios fazam sêpre no dia de mia morte. e fazam tres comemorazones en tres partes do ano. e cada dia fazam cantar una missa por mia alma por sêpre. E ssi eu en mia vida der estes ãniuersarios: mândo que orem por mi come por uiuo ata en mia morte. e depos mia morte fazam estes ãniuersarios e estas comemorazones assi como suso e <sup>7</sup> nomeado. assi como fazem enos outros logares u ia <sup>8</sup> dei meus ãniuersarios. E mândo que den ao maestre e aos freires dEuora .d. mr. por mia alma. Ao comendador e aos freires de Palmela .d. mr. por mia alma. E mândo que o que eu der daquesta mãda en mia vida.

---

obsta o não terem plicas as duas vogaes iguaes, porque tal uso tambem não é aqui geral».

1 = depártiã-se.

2 = ontr'eles.

3 = 3.000 moravidis. Cfr. ll. 20-21.

4 = S. Jorge.

5 = 500 moravidis.

6 No ms. *uu*.

7 «é».

8 = já.

que nono busque nengũn <sup>1</sup> de pos mia morte. E o que remaser  
daquesta mia terciã: mãdo que segia partido iguالمême en cin-  
que partes. das quaes una den a Alcobaza u mando geitar meu  
65 corpo. A outra ao moesteiro de Santa Cruz. A terceira: aos  
têpleiros. A quarta: aos espitaleiros. A quinta den por mia alma:  
o <sup>2</sup> arcebispo de Bragáã. e o <sup>2</sup> arcebispo de Santiago. e os <sup>2</sup> cin-  
que bispos que suso nomeamos. segũdo Deus. E den ende aos  
omêes dordin <sup>3</sup> de mia casa e aos leigos a que eu nõ galardoei  
70 seu seruízo: assi comeles <sup>4</sup> uirem por guizado. E as outras duas  
partes de toda mia meiadade segia departidas igualmente entre  
meus filios e mias filias que ouer da raina dona Orraca. assi  
como suso e <sup>5</sup> dito. E mãdo que aqeste auer dos meus filios  
que o tenia <sup>6</sup> aquestes dous arcebispos cũ aquestes cinque bis-  
75 pos ata quando agia reuora. E a dia de mia morte se algũs <sup>7</sup>  
de meus filios ouerẽ reuora: agia seu auer. E dos que reuora  
nõ ouerẽ: mãdo que lis tenia seu auer ata quando agia reuora.  
E mãdo que quen quer que tenia meu tesouro. ou meus tesouros  
a dia de mia morte: que os de <sup>8</sup> a departir aquestes <sup>9</sup> dous ar-  
80 cebispos e aquestes <sup>9</sup> cinque bispos. assi como suso e <sup>10</sup> nomeado.  
E mãdo ainda que se sasunar <sup>11</sup> todos nõ poderem ou nõ qui-  
serẽ: ou descordia for ontraquestes <sup>12</sup> a que eu mãdo departir  
aquestas dezimas suso nomeadas: ualia <sup>13</sup> aquilo que mãdarẽ os

<sup>1</sup> No ms. *nenguu*.

<sup>2</sup> o vale por « ao » e soava *ô* ou *ó*. Analogamente *os*.

<sup>3</sup> = omêes d'ordin.

<sup>4</sup> = com'elles = com(e) elles.

<sup>5</sup> « é ».

<sup>6</sup> Com accento no *e* (= *ténhã*). Idem nas ll. 77 e 78.

<sup>7</sup> No ms. *alguus*.

<sup>8</sup> « dê ».

<sup>9</sup> = *àquestes* « a aquestes ».

<sup>10</sup> « é ».

<sup>11</sup> = *s'asunar* = *s'assũar*.

<sup>12</sup> = *ontr'aquestes*.

<sup>13</sup> = *válha*. Idem na l. 87.

chus muitos per nōbro. Outrossi mando daqueles que mia mādã  
 85 an a departir. ou todas aquelias <sup>1</sup> cousas que suso sũ nomeadas.  
 que si todos nō se poderẽ assunar ou nō quizerem. ou descordia  
 for outreles: ualia aquilo que mādãrẽ os chus muitos per nōbro.  
 Mando ainda que a raina e meu filio ou mia filia que no meu  
 logar ouuer a reinar se a mia morte ouuer reuora. e meus uas-  
 90 salos. e o abade dAlcobaza sen demorancia. e sen contradita  
 lis den toda mia meiadade. e todas as dezimas. e as outras cou-  
 sas suso nomeadas. e eles as departiã assi como suso e <sup>2</sup> nomeado.  
 E ssi a mia morte meu filio ou mia filia que no meu logar ouuer  
 a reinar nō ouuer reuora: mādã empero que aquestes arcebis-  
 95 pos e aquestes bispos departiã todas aquestas dezimas e todas  
 aquestas outras cousas. assi como suso e nomeado. e a raina e  
 meus uassalos. e o abade sen demorãcia e sen contradita lis den  
 toda mia meiadade. e todas as dezimas e as outras cousas que  
 teuerẽ <sup>3</sup>. assi como suso e <sup>4</sup> dito. E ssi dar nō li as quizerem:  
 100 rogo [o]s <sup>5</sup> arcebispos e os bispos comeu <sup>6</sup>. en eles confio. que  
 eles o demãdem pelo apostoligo. e per si. E rogo e prego meu  
 senior o apostoligo e beigio a terra ante seus péés que pela sa  
 santa piadade faza aquesta mia mādã séer cōprida. e aguardada.  
 que nengũ <sup>7</sup> nō agia poder de uinir contra ela. E ssi a dia de  
 105 mia morte meu filio ou mia filia que no meu logar ouuer a rei-  
 nar nō ouuer reuora. mādã aqueles <sup>8</sup> caualeiros que os castelos  
 teen de mi e nas terras que de mi teem os meus riquos oméés:  
 que os den a esses meus riquos oméés que essas terras teuerẽ.  
 E os meus riquos oméés denos a meu filio ou a mia filia que no

---

<sup>1</sup> Cfr. a nota 8 de pag. 71.

<sup>2</sup> « é ». Idem na l. 96.

<sup>3</sup> Cfr. a nota 7 de pag. 71, e vid. infra, l. 108.

<sup>4</sup> « é ».

<sup>5</sup> O pergaminho está roto antes do s.

<sup>6</sup> = com'eu.

<sup>7</sup> No ms. *nenguu*.

<sup>8</sup> Talvez por *àquelles*.

110 meu logar ouuer a reinar quando ouuer reuora. assi como os  
 dariã a mi. E mandei fazer treze cartas cū aquesta tal una come  
 outra. que per elas toda mia mãda segia cõprida. das quaes ten  
 una o arcebispo de Bragáá. A outra: o arcebispo de Santiago. A  
 terceira: o arcebispo de Toledo. A quarta: o bispo do Portu.  
 115 A quinta: o de Lixbona. A sexta: o de Coïbria. A septima: o  
 dEuora. A octaua: o de Uiseu: A nouea <sup>1</sup>: o maestre do Têplo.  
 A dezima: o prior do espital. A undezima: o prior de Santa  
 Cruz. A duodecima: o abade dAlcobaza: A terciã dezima: facer  
 guarda en mia reposte. E forũ feitas en Coïnbria .iiij.<sup>or</sup> <sup>2</sup> dias por  
 120 andar de Junio. Era. M.<sup>a</sup> CC.<sup>a</sup> L<sup>a</sup>ij<sup>a</sup>.

*No verso:* Testamentum Regis domini Alfonsi secundj.

## COMMENTARIO

1. *gracia* = graça. Castelhanismo, ou latinismo.

2. *seendo* <se(d)endo, gerundio do verbo sedere, que no latim lusitanico substituiu algumas das fórmãs de esse.

*sano e saluo* = são e salvo. Frase allitterante. Noutras lingoas: *sain et sauf* em francês, *sano e salvo* em italiano, *sano y salvo* em hespanhol. Tudo do latim sanus et saluus. Para tornar mais expressivas certas ideias, a lingoa serve-se ás vezes de rhythm; a este junta-se não raro synonymia, como aqui, visto que *são* e *saluo* exprimem ideias semelhantes.

*temente o dia* «temendo (receando) o dia». Na origem *temente* é participio do presente: latim timens, timentem. O participio do presente latino conservou-se na nossa lingoa archaica, segundo se vê d'este exemplo; hoje na lingoa corrente substituímo-lo pelo gerundio. Todavia ficaram alguñs vestígios

<sup>1</sup> Assim está no ms.; póde ser realmente *nouea*, ou *novêa*.

<sup>2</sup> = *quatuor* (*quattuor*).

do uso antigo d'aquelle participio: *temente a Deus* «que teme a Deus», *tirante isso* etc. <sup>1</sup>.

*mia* «minha». Vid. supra, pag. 55.

3. *a saude* «para salvação»; *a* é o lat. *ad*, na fórmula e no significado.

3-4. *a proe* «para proveito», «para utilidade». — De *a* < *ad* fallei na nota anterior. Acerca de *proe*, palavra que está representada também noutras línguas românicas, com varios sentidos (italiano *prode*, francês *preux*, etc.), vid. Körting, *Lateinisch-romanisches Wb.*, s. v. *prode*; com ella se liga *proeza*.

*molier* = molher. A boa graphia d'esta palavra é com *o*, como aqui está, e não com *u*, como hoje escrevemos. De facto o *u* do latim *mulierem* era breve, e deu normalmente *o*: cfr. provençal *moiller*, italiano *moglière* (a par de *moglie*). O uso de *mulher*, com *u*, data de ha pouco tempo; na nossa antiga litteratura o geral é *molher*, e assim traz ainda Bento Pereira (sec. XVII) na *Prosodia* e no *Thesouro da lingua portuguesa*.

*mia molier raina dona Orraca*. Nota-se aqui a omissão do artigo definido antes do titulo *raina*, que serve de apposto syntactico a *molier*. Analogamente temos na l. 8 *meu filio infante don Sancho*. Em ambos os casos diriamos hoje «a rainha», «o infante». Quando *raina* não serve de apposto (l. 31-32), ou vem com a proposição *de* (l. 8), o nosso texto apresenta o artigo.

5. *mãda* «testamento». O substantivo *manda* foi tirado do thema do verbo *mandar*, como *roga* (de *rogar*), *rega* (de *regar*), *entrega* (de *entregar*): taes substantivos chamam-se verbaes, e fiz um estudo d'elles nos meus *Respigos Camonianos*, I (Lisboa, 1904), 41 ss. O verbo *mandar* vem do latim *mandare*, que significa «recommendar». Numa inscripção

---

<sup>1</sup> Vid.: Evaristo Leoni, *Genio da ling. port.*, I, 219-220; Adolfo Coelho, *Theoria da conjugação*, pag. 127; os meus *Estudos de Philologia mirand.*, I, 367, nota; [e Julio Moreira, *Estudos da ling. port.*, I, 92 ss.].

romana da Iberia lê-se: *heredibus..mando..ut* <sup>1</sup>. Da ideia de «mandar em testamento» nasceu a de «testar», «legar», que também em castelhano está contida em *mandar*. Segundo diz Viterbo, *Elucidario*, s. v.: «*manda* no sec. XIII e XIV era synonymo de testamento; depois se tomou por tudo o que o testador manda e determina além do seu testamento no codicillo. Propriamente a *manda* he *legado*». Num testamento de 1450 lê-se «sabam quantos esta *manda* e *testamento* virem, que eu..» <sup>2</sup>: São de certo palavras synonymas da linguagem tabellioa, pois é natural que *testamento* concorresse no uso com *manda*, antes de substituir esta palavra. A synonymia está mais declarada num documento de 1178: *karta mandationis seu testamenti* <sup>3</sup>. Como illustração do assunto direi que *manda* ainda hoje em algumas regiões se usa, segundo creio, em sentido de «testamento», e que a mesma palavra em Valpaços significa «pedido de dinheiro para festas religiosas» <sup>4</sup>; *mandar* no Norte de Tras-os-Montes, tem, além da sua acceção usual de «ordenar», a de «offerer (dinheiro)», quando se trata de negocios <sup>5</sup>. Tudo isto são casos de Semantica (cf. pag. 4).

*per que de pos*: «para que depois de». Da particula antiga *per* (lat. *per*) restam ainda vestigios em frases estereotypadas, como: *de per si*, *de per meio*, *pelo* = *per lo*. Hoje já não dizemos usualmente *de pos*, mas dizemos ainda *após*, *empós* em certas locuções; lat. *post* (cf. pag. 33).

*mi* «me»: vid. pag. 52.

7. *en poder*: «em posse», «para eu dispôr», «para eu governar».

*sten* = *estem* «estejam». Do latim *stent*. O antigo conjun-

<sup>1</sup> Vid. *Corpus Inscr. Latin.*, II, 2146.

<sup>2</sup> Da collegiada de S. Estevão de Valença, na Torre do Tombo.

<sup>3</sup> *Revista de Guimarães*, VI, 75.

<sup>4</sup> *Revista Lusitana*, II, 258 (J. de Castro Lopo).

<sup>5</sup> *Rev. Lusitana*, II, 108.

ctivo *estê*, *esteis*, *estêm*, etc. continuou a viver até tarde, pelo menos até o seculo XVI, pois é ainda usado por Sá de Miranda <sup>1</sup>, Duarte Pacheco <sup>2</sup>, Camões <sup>3</sup>. Como ha grande conformidade de emprêgo entre os verbos *ser* e *estar* (e antigamente ella era ainda maior), o conjunctivo d'aquelle influiu no d'este, e fez-se *esteja* por analogia com *seja*. A analogia exerce grande influencia nas fórmas verbaes. É pelo mesmo principio que o povo de Sul diz *stom* em vez de «estou», pois que diz *som* «sou». É tambem por analogia com *está*, do lat. *stat*, que explico *é*, do lat. *est*, em hespanhol *es*: isto é, como a *estás* corresponde *está* (a *dás* corresponde *dá*, a *vês* corresponde *vê*), tambem a *és* se fez corresponder *é*. O povo diz em muitas partes *estemos*, no indicativo, por analogia com *semos* «somos»; *semos*, pelo seu lado, resulta de influencia de outros verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação (*vemos*, *temos*).—Do uso de *ser* (ou *seer*) por *estar* na lingua archaica ha innumerados exemplos; basta abrir ao acaso qualquer livro antigo: «e sabees que ha tantos meses que lá *he*» <sup>4</sup>; «ouue recado certo como os Castellaãos *eram* antre Arrayolos e o Vimieyro» <sup>5</sup>; «Deus, que inda *see* onde *seía*» <sup>6</sup>; «*sou* contente de lhe responder» <sup>7</sup>. D'este archaismo conserva-se lembrança em frases actuaes, como: «Lisboa *é* na Extremadura» por «*está*» ou «fica».

---

<sup>1</sup> *Obras*, ed. de D. Carolina Michaëlis, pag. 910.

<sup>2</sup> *Esmeraldo*, ed. de Epiphanyo Dias, pag. 163.

<sup>3</sup> Por exemplo, entre outros, no soneto 54 da ed. de Hamburgo:

Mas como póde ser que na mudança  
D'aquillo que mais quero, *estê* tão fóra  
De me não apartar tambem da vida?

<sup>4</sup> Azurara, *Chronica de Guiné*, cap. 32 (pag. 163).

<sup>5</sup> *Chronica do Condestabre*, Porto, 1848, cap. 34 (pag. 109).

<sup>6</sup> *Obras* de Sá de Miranda, ed. de D. Carolina Michaëlis, pag. 390, nota.

<sup>7</sup> Jorge Ferreira, *Comedia Ulysippo*, Lisboa, 1787, pag. 277.



*folgâcia* «folgança», «descanso», «tranquillidade». Esta palavra, que vem de *folgar*, tem *-ancia*, em vez de *-ança*, ou por latinismo (*-antia*), ou por hespanholismo: cf. *folgança* no *Livro de Alexandre*, v. 268, ed. de Janer.—Na frase *en paz e en folgâcia* os dois substantivos são quasi synonymos. A synonymia era um dos meios de vivificar mais o estilo na lingua antiga <sup>1</sup>.

8. *meu filio infante don Sancho*. Vid. ll. 3-4.

*ei*=(*h*)*ei* «tenho». A lingua antiga fazia muito uso de (*h*)*aver* no sentido do moderno «ter»: vid. exemplos no *Diccionario* de Moraes.

9. *âgia*=(*h*)*aja* «tenha». Vid. o commento anterior.

*entegramente* «integramente», «inteiramente». Hoje escrevemos com *in-*, mas a lingua antiga usava *en-*, porque *integer* em latim tem o *i* breve, que deu *e* (vid. supra, pag. 31). Além d'isso a tendencia geral da lingua antiga nas palavras de origem popular, ou que se tornaram muito populares, é usar *en-* (*em-*), e não *in-* (*im-*): *endiva*, *enfermo*, *engenho*, *entrudo*, *enviar*, *embude*, palavras cujos etymos tem *i-*. A par de muitas palavras que hoje se escrevem com *i*, os textos antigos tem *e*, como: *encendio*, *encorrer*, *enculcar*, *enfusa*, *enjuria*, *entento*, *enveja*. Se por um lado escrevemos *inferno*, por outro lado temos nos textos *enfermeira*; se dizemos *inquirir*, os antigos diziam *enquerer*. Da palavra *infante* ou *iffante* não conheço fórmias com *e-*: todavia o francês tem *enfant*, e o provençal *enfantz*, onde *e-* representa o *i-* de *infantem*. Igualmente *inchar*, do latim *inflare*, não apresenta *e*; aqui influe a flexão rhizotonica (*incho*, *inchas*, *incho*, *inche* etc.); sem embargo outras linguas romanicas tem *e*, como o provençal (*enflar*), o francês (*enfler*), o ladino (*enflar*). Onde *in-* (*im-*) se mantém melhor é nos adjectivos compostos que exprimem negação do simples: *infeliz*,

---

<sup>1</sup> [Citei muitos exemplos na *Revista Lusitana*, ix, 64, nota].

*ingrato, improprio*; aqui porém poderemos citar exemplos de *e*, como *endino* num texto do século XVI<sup>1</sup>; em todo o caso esse uso de *in-* é de origem litteraria. Por outro lado o prefixo latino *in-* (*im-*) deu em português corrente sempre *en-* (*em-*): *encarrar, encordoar, emmalar, empobrecer*; escrever, por exemplo, *impedrar*, em vez de *empedrar*, é incorrecto, porque essa palavra vem de *pedra*, com o prefixo português *em-* (*en-*).—Os dialectos procedem de muitos modos quanto á representação do *in-* (*im-*) latino<sup>2</sup>.

*ssi* «se». Do latino *sī*. A conservação do *i* é mero latinismo ou hespanholismo; na pronúncia já elle então se havia mudado em *e*, pois na *Noticia de torto*, que é mais antiga que o testamento que estou analysando<sup>3</sup>, e neste mesmo texto (ll. 75, 81, 89), ha *se*. O *ī* mantem-se geralmente em português (vid. pag. 31), mas aqui mudou-se em *e*, por si ser proclítico, isto é, empregado sempre antes de outra palavra, o que tornou atono o *i*, e preparou o terreno para elle ensurdecer em *e*. Ha linguas romanicas que procedem como o português, outras conservam o *i*: o italiano, por exemplo, tem *se*; o hespanhol, como disse, tem *si*.—Quanto á duplicidade do *s* no principio, é ella frequente na nossa antiga orthographia.

10. *for morto* «for fallecido».

*semel* = sémel «descendencia». Do latim *semen*, que, além da sua significação primaria de «semente», tem a secundaria de «geração». O grupo *m'n* dissimilou-se em *m-l*, como por outro lado *n'm* se dissimilou em *l-m*, o que se vê em *alma* <an(i)ma, pop. *Jerolmo* <*Jeron(y)mo* <Hieronymus. Deve notar-se que o latim *semen* entrou por via ecclesiastica: cf. as expressões *semen Abrahæ*, *semen David*, como já notou

<sup>1</sup> *Archivo Hist. Port.*, IV, 55 (édina).

<sup>2</sup> Vid. *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 100.

<sup>3</sup> João Pedro Ribeiro, *Dissertações*, I, 274 e 275.

Schuchardt<sup>1</sup>; se *semen* evolucionasse do latim vulgar da Lusitania, o *-n* ter-se-hia transformado de outro modo.

*o maior filio* «o filho mais velho (a seguir)». Cf. em hespanhol *hijo mayor*.

11-12. *ssi filio barō nō ouuermos*. Ordem inversa. A directa seria: «se. não houvermos filho varão». A ordem inversa foi provocada pela ideia de «filho maior», expressa antes; começou-se o periodo pelas palavras que se julgavam mais importantes.

*barō* = *barom*. Em português antigo dizia-se *barom* (*barão*) no sentido do moderno *varão* e do latim «vir»<sup>2</sup>; hoje reserva-se *barão* principalmente para se exprimir um titulo nobiliarchico<sup>3</sup>. — Tambem em port. ant. ha *varom*.

*nō* = *nom* «não». Do latim *non*, cujo *n* se manteve transformado em resonancia nasal. O castelhano moderno suprime o *-n* e diz *no*. O italiano occupa meio termo, pois diz *non* em próclise, e *no* em pausa. A negação costuma ser expressa de modos variados, conforme é proclitica ou não: agora citei o italiano; o francês diz *ne* e *non*; na propria lingoagem popular e familiar de Portugal ha differenças: *num*, *nu*, *nã*, em próclise, *não*, *nõu* em pausa<sup>4</sup>.

13. *deiuver* ou *deuier* «devier»<sup>5</sup>. Futuro do conj. de *deuier* ou *deuër* «vir por fim», «acontecer», «succeder», «chegar» (como *teiver*). Cf. hesp. e fr. *devenir*. Lat. *devenire*.

14. *reuora* = *revora* «idade», «puberdade», «maior idade». Cf. estes textos medieuaes: «e deue aauer huum anno e huum

<sup>1</sup> Na *Zeitschrift für rom. Philolog.*, xxix, 452.

<sup>2</sup> Cf. o principio dos *Lusiadas*: «As armas e os *barões* assinalados».

<sup>3</sup> Acerca do etymo vid.: Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. «baro», e Meyer-Lübke, *Romanische Namenstudien*, I, Vienna, 1904, pag. 85.

<sup>4</sup> *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 142.

<sup>5</sup> Em textos antigos ha *ueenr* = *vēer*, e ha tambem *veer* e *veher*. Cfr. *viere* num texto raiano do sec. XII, em latim (*Leges*, pag. 380).

dia depois que forem de *rreuora comprida* <sup>1</sup> para demandarem o herdamento»; «e o menino he de *rrevora* de XIII anos, e a menina de XII anos» <sup>2</sup>. A par de *revora* ha tambem *robora*, e assim vem na redacção latina d'este testamento <sup>3</sup>. Além da accepção indicada, *revora* (*rebora*, *robora*) tinha outras: certo donativo que validava os contractos; e outorga ou confirmação <sup>4</sup>. A última é que é a primordial.

Quanto ao modo de pronunciar *revora*, e as suas diferentes fórmãs, notarei que geralmente se diz e accentúa *révora* (*rébora*) e *róbora*, mas eu, em virtude do que vou dizer, supponho que deve ser *revôra* (*rebôra*) e *robôra*. Com quanto a base primeira de todas estas palavras seja o latim *robur*, -*ōris* (do genero neutro), «carvalho», «fôrça», e fosse tentador deduzir o port. *robora* (pronunciado *róbora*) do plural latino *robōra* <sup>5</sup> (por isso que ha muitos pluraes neutros que em romança se tornaram nomes femininos do singular), tal deducção é inaceitavel, porque ao lado de *robora* temos *rebora*, e, se se dissesse *róbora*, a syllaba accentuada *ró-* não se mudava em *ré-* para dar *rébora*. Temos pois de seguir outro caminho. De *robur* fez-se em latim *roborare* «consolidar», «confirmar». A *roborare* corresponde em portuguez antigo *roborar*, e com dissimilação *reborar*: analogã dissimilação se observa em *Reboredo*, nome de um sitio no concelho de Ponte da Barca, o qual vem de *Roboredo* <*robo-retu-*, e em *Reboredã*, nome de outro sitio no concelho de Guimarães, o qual vem de *Roboredã* <*roboreta-*. Ora eu con-

<sup>1</sup> *Comprida* «completa».

<sup>2</sup> Citados por Cortesão, *Subsidios para um Dicc.*, s. v. — Vid. tambem o *Dicc.* de Moraes, e o *Elucidario* de Viterbo, s. vv.

<sup>3</sup> Vid. *Provas da Hist. Genealogica*, t. I, pag. 34. O mesmo testamento foi publicado na *Monarchia Lusitana*, pt. IV.

<sup>4</sup> Viterbo, *Elucidario*, s. v.

<sup>5</sup> Creio que é essa a ideia com que se diz no *Glossarium* de Du Cange, s. v., citando-se a *Monarchia Lusitana*: «*robora actas legitima, maioritas: cūm scilicet ad robur pervenit minor*».

sidero *robora* e *rebora* substantivos verbaes de *roborar* e *reborar*: cf. *esfréja*, de *esfregar*; *entréga*, de *entregar*; *descásca*, de *descascar*. A pronúncia é pois *robóra* e *rebóra*. Ainda que *rebóra* podia sair directamente de *robóra*, o mais simples é admittir que cada substantivo se relaciona com seu verbo, isto é: *rebóra* com *reborar*; e *robóra* com *roborar*. Nesta demonstração abstráio do *v* por *b*, pois tal phenomeno é muito conhecido.

Convém saber que em hespanhol ha *robra* «escritura ó papel autorizado para la regularidad de las compras y ventas»<sup>1</sup>: á primeira vista *robra* dará apoio aos que pronunciam *robóra*; comtudo explico essa palavra tambem como substantivo verbal, pois que em hespanhol ha *robrar*, que vem de *roborar*. Ao passo que o portugûes praticou dissimilação em *roborar*, fazendo *reborar*, o hespanhol praticou syncope, e fez *robrar*, como tambem a fez em *Robredo* e *Robleda*<sup>2</sup>, nomes topographicos. Ha parallelismo entre as duas lingoas peninsulares:

Latim	Português		Hespanhol
roborare	<i>roborar</i>	<i>reborar</i>	<i>robrar</i>
Roboretu-	<i>Roboredo</i>	<i>Reboredo</i>	<i>Robredo</i>
Roboreta-	<i>Roboreda</i>	<i>Reboreda</i>	<i>Robleda</i> .

Póde objectar-se-me que, assim como se diz *rúbrica* (verbo *rubricar*), *réplica* (verbo *replicar*), tambem era de esperar *rebóra* (verbo *reborar*) e *robóra* (verbo *roborar*). Em primeiro lugar responderei que não era de esperar, porque os substantivos verbaes que se esperam de *reborar* e *roborar* são *rebóra* e *robóra*, em conformidade, segundo já disse, com *entréga* (de *entregar*) e *esfréga* (de *esfregar*). Em segundo lugar: *rúbrica* e

<sup>1</sup> *Dicc.* da Academia Hespanhola.

<sup>2</sup> *Robleda* está em vez de *Robreda* (dissimilação); cfr. *roble*, a par de *robre*, em hespanhol commum.

*réplica* tem explicação especial. *Rúbrica* não é pronúncia boa, nem de todos; o correcto é *rubrica*, ou se attenda ao verbo *rubricar*, ou ao latim *rubrica* <sup>1</sup>. Pelo que toca a *réplica*, notarei que, visto haver de um lado *crítica*—*criticar*, *fábrica*—*fabricar*, *prática*—*praticar* (lat. *critica*, *fabrica*, *practica*)<sup>2</sup>, e do outro o verbo *replicar* (lat. *replicare*), se disse por analogia prosodica *réplica*, em vez de *replíca*. Por esse modêlo se fez *tréplica*. São palavras esdruxulas e terminadas em *-íca*; e todas de origem litteraria <sup>3</sup>. Tanto os Hespanhoes como os Ita-

<sup>1</sup> Cfr. o meu opusculo *As «Lições de linguagem» do sr. C. de F.* (análise crítica), 2.<sup>a</sup> ed., pag. 34-35.

<sup>2</sup> Cfr. além d'isso: *prédica*—*predicar*, *súplica*—*supplicar*; e como substantivos masculinos com seus verbos: *cáustico*—*causticar*, *médico*—*medicar*, *tráfico*—*traficar*. O substantivo *magnífica* não pertence a esta classe, porque não é mais que o verbo latino *magnificat* que S. Lucas, *Evangelho*, I, 46, põe na boca da Virgem Maria: *Magnificat anima mea Dominum*, verbo que depois se tornou nome de uma oração. Ha outros substantivos que não passam de verbos latinos, como: *récipe* («um *récipe*»), imperativo de *recipere*; *hábitat* («o *hábitat* de uma planta»), presente indicativo de *habitare*; *déficit* («o *déficit*»), presente indicativo de *deficere* «faltar». — A propósito de *tráfico*, citado acima, observarei que a fonte d'esta palavra como das suas congeneres *tráfico*, em hespanhol, e *trafic*, em francês, é o italiano *tráfíco*, que tem como verbo *trafficare*, formado certamente do latim *trans*+*ficare* (do suffixo *-ficus*). De *\*tra(n)sficare* veio tambem o nosso antigo verbo *trasfegar*, com as suas variantes *tresfegar* e *trafegar*, pela conhecida correspondencia de *trans-*, *tras-*, *tres-*, *tra-* (cfr. *Transmontano*, *Trasmontano*, *tresmudar*, *tramontana*: já em latim *traveho* a par de *transveho*, *tramitto* a par de *transmitto*, *traversarius* a par de *transversarius*, etc.); a *trasfegar* e *trafegar* correspondem os substantivos verbaes *trasfêgo* e *trafêgo*: cfr. *arremêdo*—*arremedar*, *conchêgo*—*conchegar*, *estrago*—*estragar*.

<sup>3</sup> A palavra *fábrica* tem como correspondente na linguagem popular *frágoa* «forja de ferreiro», por intermedio de *frávega* e *\*frágova*. A villa de *Frágoas*, na Beira, tira d'ahi o seu nome: vid. *Elucidario* de Viterbo, s. v. «Frávegas». Hoje *frágoa*, no sentido indicado, não se usa em todo o país; substitue-se-lhe mais geralmente *forja*, do francês *forge*, que vem tambem do lat. *fabrica*, mas por outro caminho, pois as leis do francês não são as

lianos dizem analogamente a nós: *réplica* e *rúbrica*, bem como *critica*, *fábrica*—*fábrica*, *práctica*—*prática*, *prédica*, *súplica*—*súplica*, com verbos correspondentes: *criticar*—*criticare*, *fabricar*—*fabbricare* etc. Em italiano o pronunciar-se *réplica* e *rúbrica* está de accôrdo com a morphologia, pois que os verbos *replicare* e *rubricare* se conjugam respectivamente *réplico*, *réplichì*, *réplica*, e *rúbrico*, *rúbrichì*, *rúbrica*, ao passo que em português é *replico*, *rubrico*. Em hespanhol, onde ha *cónclave*, *hipógrifo*, *intêrvalo* <sup>1</sup>, e outros proparoxytonos em vez de paroxytonos, tambem *réplica* e *rúbrica* não destoam do gôsto do público. Para justificar a prosodia de *réplica*, *rúbrica*, e parallelamente de *prédica* (o verbo *predicar*, embora em latim se diga na 3.<sup>a</sup> pessoa *praedīcat*, pedia em português *predica*), e *súplica* (o verbo *supplicar*, embora em latim se diga *supplīcat*, em português pedia *supplica*), ha ainda até certo ponto outra razão geral, qual é a confusão que algumas vezes se estabeleceu entre os suffixos e terminações *-īcus* e *-īcus* <sup>2</sup>: é ãssim que o Sardo diz *léttiga* (lat. *lectīca*), o Hespanhol diz *lóriga* (lat. *lorīca*), *púdico* (lat. *puđīcus*), *vértigo* (lat. *vertīgo*), o Hispano-Americano diz *cólega* e *méndigo* <sup>3</sup>. Por terem confundido tambem a terminação *-īmo* de *opīmo* (lat. *opīmus*) com a dos superlativos (por exemplo *óptimo* < lat. *optīmus*) é que alguns

---

mesmas que as do português. Dão-nos pois *frágoa* e *forja* um exemplo de palavras allotrópicas ou divergentes, de que fallei a pag. 23.— Como *replicare*, de que se tirou *replicar*, é formado de *re* + *plicare*, posso acrescentar que a fórma popular d'este verbo é *chegar*, pela mudança do PL- em *ch-* (vid. pag. 33) e -C- em *-g-* (vid. pag. 33). Comprehende-se que da ideia de *plicare* «dobrar», «enroscar-se», se passasse para a de «chegar», tendo-se em mente o latim *applicare* (= *ad* + *plicare*) «arrimar», «encontrar», «aproximar-se». É um caso de Semasiologia ou Semantica (cf. pag. 4).

<sup>1</sup> Citados por Menéndez Pidal, *Gram. hist. esp.*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 29, nota.

<sup>2</sup> Meyer-Lübke, *Gram. des lang. rom.*, I, § 605.

<sup>3</sup> R. J. Cuervo, *Apuntaciones sobre el lenguaje bogotano*, Paris, 1907, pag. 7 e 13.

Hespanhoes dizem erroneamente *ópimo*. Apesar porém de quaesquer principios philologicos que possam invocar-se, porque os phenomenos da lingoagem, como todos os mais phenomenos, provém sempre de causas (claras ou obscuras), deveremos, quando ùma pronúncia etymologicamente inexacta não se aclimou ainda inteiramente, e uns proferem as respectivas palavras de uma maneira, e outros de outra, regular-nos pela melhor pronúncia: diremos pois *rubrica*, e não *rúbrica*. Pelo contrário, não pódemos mudar *réplica* em *replica* (apesar de ser esta a fórma rigorosa pedida pelo verbo *replicar*), por isso que *réplica* já se aclimou; do mesmo modo havemos de nos agüentar com *oceano*, comquanto lhe corresponda em latim *oceānus* <sup>1</sup>. Se não fosse a persistente influencia das maiorias, devida a condições de vária especie (physiologicas, psychologicas, sociaes), e assim que se manifestasse um phenomeno glottico d'encontro ao uso preestabelecido, o atabafassem para logo os puristas, corresponderia a cada uma das actuaes familias lingüísticas apenas um idioma, sem dialectos nem variedades; cada povo fallaria uniformemente, como a lenda ensina que fallavam os herdeiros de Adão até os bons tempos da Torre de Babel. Evoco a Torre, porque ella para a Glottologia é como que um symbolo, não só concreto, mas bem explicito, d'aquella contínua e effervescente actividade ethnica d'onde resultam as transformações da lingoagem.

Aos argumentos que produzi para justificar a pronúncia de *rebóra* e *robóra* juntarei mais um. Se taes palavras se proferissem esdruxulas, era mais que provavel que a parte postonica se modificasse, em vez de se conservar nitida, visto que ellas tiveram grandissimo uso. Existem effectivamente com terminação analoga palavras que apresentam mudanças nella; por exemplo: *vibora*, que na bôca do povo soa *vibra* <sup>2</sup>; *Evora*, que soa

<sup>1</sup> Ha quem diga *púdico*, á maneira hespanhola. É erro facilmente evitavel. Por outro lado, não deve dizer-se *aulico*, mas *áulico* (lat. *aulicus*).

<sup>2</sup> Monte Carmelo, *Orthografia*, pag. 713.



Evra<sup>1</sup>; *arvore*, que soa *arvre* e *arve*<sup>2</sup>; *abobora*, que soa *abobra*; e assim por diante<sup>3</sup>.

Resta agora saber como é que da ideia de «confirmação» contida em *rebora* se passou para a de «maior idade», «idade». Provavelmente, quando se dizia que alguém era *de revora*, queria dizer-se que já estava em *idade de revorar* contractos; e esta ideia, a princípio restricta, generalizou-se depois, com a correspondente palavra. Também tenho ouvido: *F. é de confissão* ou *de communhão* por «está já em idade de se confessar» ou «de commungar»; aqui porém as palavras *confissão* e *communhão* mantiveram-se na acceção propria. Cfr. «Fulana é já *casadoira*», — está em idade de poder casar. Não faltam outros parallelos. *Ter barbas na cara* significa ter já a idade em que ha barba. Cfr. Bluteau: «BARBAS, —idade, annos: *estas barbas não fazem isto*, ou *hum homem com estas barbas não faz isto*»<sup>4</sup>, e em hespanhol: «*tener poca barba*: . . pocos años ó poca experiencia»<sup>5</sup>. De ser a barba character frisante da virilidade masculina vem o dizer-se em rumeno *bărbăt* (lat. *barbatus*) por «homem». E tanto a palavra de que estou fallando calou no animo dos povos, que do sentido de «virilidade» se subiu á de «dignidade» e «nobreza». Os Allemães tem um proverbio que reza: *Der Bart wackert den Mann* «a barba faz valente o homem», e nós outro analogo: *Queixadas sem barba* || não

<sup>1</sup> Assim ouvi no concelho de Alcacer etc. com relação a Evora cidade. E também assim se diz no concelho de Obidos com relação a Evora d'Alco-baça.

<sup>2</sup> *Rev. Lusitana*, II, 42 e 43. São fórmulas vulgaríssimas.

<sup>3</sup> Sei perfeitamente que de palavras graves ou paroxytonicas o povo faz muitas vezes esdruxulos ou proparoxytonos: de *Cesar* faz *Zêzaro*, de *casca* faz *cascara*: vid. D. Carolina Michaëlis no *Bulletin Hispanique*, VII, 194 ss. Ha como que continuação oscillação nas terminações. Em *rebora*, porém, e em *robora* não houve nenhuma.

<sup>4</sup> *Vocabulario*, II, 44.

<sup>5</sup> *Diccionario de la Academia*, s. v.

*merecem ser honradas* <sup>1</sup>. Com esta qualidade que de tão boa mente se descobriu nas barbas se relaciona o estranho rasgo de D. João de Castro, que, por não possuir certa quantia de que precisava para reedificar Dio, arrancou uns pelos da cara, e empenhou-os á camara de Goa, em guisa de fazenda valiosa <sup>2</sup>. E se á barba, considerada assim em geral, se dá tanto aprêço, muito mais se dá quando ella é branca, isto é, quando está na cara de um velho, ou de alguém que caminha para a velhice: *A caães honradas || não ha portas fechadas* <sup>3</sup>.

Voltemos porém propriamente á explicação do testamento de Affonso II, da qual me afastei algo, visto que pela natureza do meu posto, não estou expondo methodicamente uma doutrina, mas fallando um tanto ao sabor da successão das ideias.

*seja en poder*. O sujeito é *meu filio ou mia filia* (l. 13). Quando os sujeitos do singular estão ligados pela conjuncção *ou*, o predicado vae em regra para o singular, como aqui.

*sa* «sua». Vid. pag. 55.

*madre* «mãe», do latim *matre-*. Analogamente na l. 16 *padre* «pai», do latim *patre-*. Estas duas palavras deixaram de se usar, na sua accepção primitiva, depois dos sec. xv-xvi, mas conservaram-se de modo restricto no sentido de «utero» (madre) e «ecclesiastico» (padre), e em algumas expressões estereotypadas, como *Santa Madre Igreja*, *madre abbadessa*, *Madre de Deus*, *Padre Nosso*, bem como nos compostos *comadre* <\*com-matre-, e *compadre* <\*com-patre-; os respectivos temas conservam-se em *madrinha* <\*matrina-, e *padrinho* <\*patrinu-. De *madre* e *padre* passou-se para *mãe* e *pai*, provavelmente por influencia da lingoagem infantil: \**made*, \**pade* <sup>4</sup>. Entre \**made* e *mãe* houve *mae*, conservado ainda em

<sup>1</sup> *Adagios* de Rolland, Lisboa, 1780, pag. 35.

<sup>2</sup> Jacintho Freire, *Vida de D. João de Castro*, Paris, 1779, pag. 320.

<sup>3</sup> *Adagios* de Rolland, Lisboa, 1780, pag. 50.

<sup>4</sup> *Evolução da lingoagem*, Porto, 1886, pag. 74.

gallego e mirandês (*mai*); em *mãe* o *a* foi nasalado pelo *m* inicial,—cf. *mũito* < *muito*, *mim* < *mi*.

15. *ata* = *atá* «até». [Vid. *Revista Lusit.*, ix, 11].

16-17. *ssi eu for morto*. Tem o sentido de «quando eu for morto», «quando eu tiver morrido».

*rogo o apóstoligo*. .*que*. O verbo *rogar* está construído á maneira latina: *te rogo*. .*ut*, a não ser que o esteja por *ó* «ao», visto que hoje diríamos: *rogo ao apóstoligo*. .*que*. Na linguagem provinciana (Beira etc.) *rogar* é comtudo transitivo, no sentido de «convidar gente para o trabalho campestre».

*apóstoligo* «pápa». Vid. Viterbo, *Elucidario*, s. v.—Tambem antigamente se dizia em hespanhol *apóstoligo* e *apostólico* no mesmo sentido, e em italiano *apostólico*.—Lat. apostolicu.—Cf. provençal *apostóli*, e em francês archaico *apostoile*, um e outro porém de \*apostoliu-.

*come* «como». Acerca d'esta palavra vid. J. Vising nas *Abhandlungen Herrn Tobler*. .*dargebracht*, Halle, 1895, pag. 113 ss. A par de *come*, aqui e nas ll. 55 e 111, o manuscrito tem *como* (ll. 29, 31 e 58).

*pées* «pés». Os antigos costumavam plicar duas vogaes seguidas como aqui. Os *éé* são étymologicos: lat. pe(d)es.

*el* «elle». De *elle* passou-se para *el*, como na linguagem usual se passou de *valle* para *val*. Em Tras-os-Montes (Norte) diz-se *el*, pl. *eis*<sup>1</sup>; cfr. *val*, pl. *vaes* ou *vais* na lxtrema lura.

*recébia* «recebia». Cfr. lat. *recipiāt*.

17-18. *en sa comêda*: «sob a sua encommendação ou guarda». *Commenda* é nome verbal correspondente a *commendar*: lat. *commendare* «entregar», «recommendar».

*no seu difindemento*: «sob a sua defesa», ou «protecção». Em *difindemento*, por *-imento*, haverá dissimilação vocalica.

20-21. *dézima* «decima parte». Vid. a este respeito o *Elucidario*, s. v. «decima». Em *dézima* o *z* vale *c*.

<sup>1</sup> *Rev. Lusit.*, I, 64, e *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 128.

*moravidis*. O *moravidil* não só era moeda arabiga corrente por este tempo entre nós, mas foi também moeda portuguesa.

*dēiros* «dinheiros». O *dinheiro* foi moeda antiga portuguesa. Lat. *denari-*, que no latim iberico parece soaria \**dinari-*: o *n* intervocalico nasalou o *e*, d'onde ficou *dēiro* > *dinheiro*. O *nh* intercalou-se como em *minha* < *mãa*, *vinho* < *vño*. Com *dēiro* cf. o hesp. *dinero*.

*remaserũ* «restaram», «ficaram». Preterito perf. de *remaer* < \**remãer* < lat. *remanere*, cujo pret. é *remanserunt*. O grupo *ns* reduziu-se a *s*: vid. pag. 34. A terminação *-erũ* no nosso texto está por *-erõ* = *-eroñ*. — O verbo *remaer* creio que não estava ainda archivado; junte-se pois a *maer*, estudado por D. Carolina Michaëlis na *Revista Lusitana*, III, 171 ss.

22. *sũ* = *sõ* ou *som*: «são», «estão». Cfr. lat. *sunt*.

*auer mouil* = (h)aver móvil: «bens moveis». O adjectivo *móvil* é latinismo: *mobilis*.

*i* «ahi». Lat. *hic* (outros propoem *ibi*).

*pora* «para». Ha outros exemplos nas *Inquisitiones* do Alto-Minho, I, 301, 309, etc. Também em gallego e hespanhol archaicos.

23. *manus* «mãos». Latinismo graphico.

27. *luctosas*. Nos documentos antigos também *loitosa*, *luctuosa*, etc. Certo direito que se pagava por morte de alguem: vid. *Elucidario* de Viterbo, s. v. «loitosa».

28-29. *depártiã* «repartam». Latinismo graphico: (de-)par-tiant.

29. *assi* «assim». Do lat. *ad-sic*. O *i* nasalou-se ulteriormente como em *sim* < de *si*; a nasal do moderno *sim* imita talvez a de *nom*, por estas palavras serem antitheticas.

*derecto* «justo». Latinismo: *derectus*. A fôrma corrente era *dereito* (cfr. *Leges*, pag. 164 e 232), representada hoje na voz do povo em algumas regiões por *dreito*; cf. hesp. *derecho*.

*uirẽ por derecto* «julgarem justo». Cfr. *virem por guisado* na l. 70, e o respectivo commento.

30. *lis* = *lhis* «lhes». Vid. pag. 52.

*aquesta* «esta». Vid. pag. 57.

*teiuier* (= *teiver*). Assim parece, e não *teuier*. No ms. das *Inquisitiones* (sec. XIII), fls. 57 v. e 58 v., ha positivamente *teiuie* e *teiuierē*, com *i* plicado. De \**tenui(u)érit* > \**tenvier*. — Cfr. *seiuie* = *seive* «foi» (por analogia) ib. 58 v.

31. *segūdo Deus* «segundo a lei de Deos», «conforme ao direito divino». [Vid. *Revista Lusitana*, IX, 17-18].

32. *meiadade* «metade». Do lat. *medietate*-.  
*aquelias* = *aquelhas*. Hespanholismo: *aquellas*. Vid. l. 85.

33. *mouils* «móveis»: pl. irregular de *móvil* (l. 22), por *móviles*. — Cfr. ainda no sec. XVI *dóciles*, *estériles*, *fértiles*, etc.  
*a mia morte*: «á hora da minha morte»; *a* é preposição.

*exetes* = *excetes* «excepto». Do lat. *exceptis*. Na origem *excepto* não era preposição como hoje, mas participio, e concordava com o nome a que se referia (ablativo oracional), por exemplo: «exceptos aquelles»<sup>1</sup>. Pelo hábito de se empregar *excepto* sempre nas mesmas circumstancias, e em frases como que estereotypadas, por exemplo *excepto isso*, tomou-se tal palavra como invariavel, e por tanto como preposição. É frequente as palavras passarem assim de uma categoria ou classe para outra. A cada passo empregamos adjectivos como substantivos, por exemplo *o sabio*; tambem empregamos adjectivos como adverbios, por exemplo, *custaram caro*, e infinitivos como substantivos, por exemplo *o prazer*. Em frases da lingua familiar, como: «não fomos lá, devido aos calores», o participio tornou-se invariavel, e *devido a* tem a função de «por». São tudo casos de Semantica. A proposito ainda de *exetes* notarei que d'aqui se deduziu *exete* invariavel: «*exete* aquestas coussas» num texto antigo<sup>2</sup>.

34. *uoontade* «vontade». Os *oo* são etymologicos: *uoluntate* -> \**vo(l)ontade*: vid. pag. 33. — *Voontade por*: «para».

35. *nonas* «não as». Por *no'nas* < *nō nas* < *nō las*. Houve aqui dois phenomenos phoneticos: assimilação do *l* á na-

<sup>1</sup> Arraiz, *Dialogos*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 6. Cfr. Moraes, *Dicc.*, s. v., e o meu opusculo *As Lições de linguagem do sr. C. de F.*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 24-25.

<sup>2</sup> Citado por Cortesão, *Subsídios para um Dicionario*, s. v.

sal precedente, do que resultou *n*; e absorpção da nasalidade do *nõ* nessa consoante nasal. Com o segundo phenomeno cfr. *nonada* (pag. 65) e *nemigalha* (pag. 67); do primeiro tratei a pag. 61.

*uuer* = *viier*. Ou engano por *vier*, *viner* = *vīer* (cf. *uuir* = *vīir* na l. 104), ou de um \**ueni(u)érit*, que não seria mais estranho que o \**ueni(u)i* que explica o provençal *venguii*, e o \**tenui(u)érit* de pag. 91.

*et* «e». Latinismo graphico.

36. *ende* «d'ahi», «d'isso». Lat. *inde*. — Pleonasm.

37. *soltén* «separem». — O verbo *soltar* formou-se do participio *sólto*, e este vem de \**solitu* - < > \**solūtus*; cf. *volta* < \**uolita* < > \**uoluita* < *volūta*.

*dêuidas* (assim, e não *devidas*) «dividas», como nas *Leges*, I, 232. Lat. *debita*. Cfr. hesp. *deuda*.

38. *remaser* «restar», «ficar». Futuro do conjunctivo de *remaer*. Vid. o commentario da l. 21.

*façam en tres partes* «façam d'isso tres partes», pois *en* é simplificação de *ende*, de que fallei supra, e está aqui, como *alli*, usado pleonasticamente, visto que já antes se lê *do que*.

39. *ontre* «entre». Também na *Vida de S. Nicolau*, ed. de P. d'Azevedo, pag. 2 e 4, e em gallego antigo (*Cronica Troiana*, II, vocab.). [Cf. Cornu, *Gram. der port. Spr.*, 2.<sup>a</sup> ed., § 79].

42. *guisa* «maneira». Do germ.: *wīsa*. Cfr. pag. 37.

*u quer que* «onde quer que»: *u* < lat. *ūbi*, cujo *ū* deu *u*, e não *o*, por influencia do *i* final (*Umlaut*).

43. *moira* «morra». Do lat. vulg. *moria(t)* < > *moriatur*. Os verbos depoentes latinos, como é *morior*, tomaram a fórmula activa em romance. — A terminação *-oria* mudou-se em *-ôira*, como em *seitoira*, de *sectoria*-. Se existem palavras como *gloria*, *historia*, *memoria*, *Victoria*, com *-ória*, é que ellas são de origem litteraria. introduzidas da idade-media para cá; o povo, ainda assim, diz *gloira*<sup>1</sup>, *histoira*, *memoira* (*mi-*

<sup>1</sup> A par ha *glora* [vid. *Rev. Lusit.*, x, 90], *groria* (sec. XVI: *Archivo Hist. Port.*, I, 242), e com dissimilação *grolia* (sec. XVI: *ibidem*, IV, 59).

*moira*), *Vitoira* (nome de mulher), mas com *ói*, e não com *ôi*, como em *môira* e *seitôira*, palavras que datam da época lusitano-romana.

*regno* «reino». Outro latinismo graphico (*regnum*). Na mesma linha se lê porém a forma normal.

*aduzer* «trazer». Lat. *adducere*, tornado *adducere*, pois que os verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação latina passaram geralmente uns para a 2.<sup>a</sup>, como aqui, outros para a 4.<sup>a</sup>

44. *per mias custas* «a minhas expensas», «á minha custa». *Custa* é substantivo verbal, correspondente ao verbo *custar*, que vem de *co(n)stare*.

48. *cabidóo* «cabido». Os *óo* são originarios, pois que o etymo é *capitulu-*. A palavra não provém da época romana, e tem pelo contrário origem ecclesiastica mais recente, como o prova o *i* de *capitulu-*, que é breve; se a palavra fosse primitiva, elle tornar-se-hia *e*: vid. sup. pag. 31.

*sé* «sé». De *se(d)e-*.

*mille* «mil». Latinismo.

49. *moesteiro* «mosteiro». A serie das formas foi (até hoje): \**monisteriu-* > *môesteiro* > *moesteiro* > *mosteiro*. A forma \**monisteriu-*, reclamada não só pelo português, mas por outras lingoas romanicas (francês *moutier*, provençal *monestiers*), provém de *monasterium* por analogia com *baptisterium* (e *coemeterium*, pop. *cimiterium*).

51. *caonigos* < *cāonigos* «conigos» («conegos»). De *canonicu-*. Esta palavra é também semi-popular, como *cabidoo*; se fosse completamente popular, devia ter outra forma.

52. *fazam* «façam». O verbo está impessoalmente.

53. *comemorazones* = *commemorações*.

54. *por sēpre* «para todo o sempre», «perpetuamente». Uso de *por* em vez de «para».

56. *ata en mia morte*: «até a hora da minha morte». Em *atá en* temos duas preposições seguidas; cfr. *atēna*, supra, pag. 63, e em latim *usque ad* (embora *usque* seja propriamente adverbio).

*depos mia morte.* Cf. latim *post mortem meam.* Hoje dizemos «depois de», com duas preposições.

57. *suso* «acima». Lat. *sūsum (sursum).*

58. *enos* «em os». Vid. pag. 61.

59. *maestre* «mestre»<sup>1</sup>.

*freire.* Esta palavra, como varias outras, está ligada com a historia das ordens religiosas entre nós. Não pôde ter vindo directamente do latim *fratre-*, pois que *fratre-* deu *frade*<sup>2</sup>. A origem directa ou indirecta está no provençal *fraire*; digo directa ou indirecta, porque pôde ter servido de intermedio o hespanhol antigo *fraire* (mod. *fraile*)<sup>3</sup>. Os nossos documentos dos seculos XII e XIII apresentam *freire* (freyre), e com dissimilação do grupo *fr-*, tambem *fleire*<sup>4</sup>; o ditongo *ei* é evolução normal de *ai*<sup>5</sup>; ainda porém no sec. XIV ha *fraire*<sup>6</sup>. D'aqui

<sup>1</sup> [Cfr. *Rev. Lusit.*, IX, 30, nota 3]. — É mais natural explicar *maestre* como palavra importada de fóra, do que como formada de \**magistre-* por *magistru-* (influencia de nomes da 3.<sup>a</sup> declinação: *pater-patrem* etc.); a fórma *maestre* em português e em hespanhol moderno (o antigo tem *maestro*) é unica em romance. O *-e* do francês *maître* e do provençal *maistre*, *maestre*, explicam-se por *-u*, segundo as leis phoneticas d'essas lingoas. Já isso não succede em português.

<sup>2</sup> O lat. *frater*, *fratre-*, no sentido de «irmão», foi no lat. vulg. da Iberia substituido por *germanu-*, donde vem o port. *irmão* e o hesp. (*h*)*ermano*. A palavra *frade* foi certamente introduzida pela Igreja. Todavia no *Livro de Apollonio*, poema hesp. medieval, ha *fradre* no sentido de «irmão», no v. 591 (*Poetas anter. al siglo XV*, pag. 303), como Diez notou: *Et. Wb.*, 4.<sup>a</sup> ed., pag. 459. Em um doc. latino-barbaro do mosteiro de Pedroso, do sec. IX (*Dipl. et Chart.*, pag. 7), lê-se já *iermana*.

<sup>3</sup> Cfr. Diez, *Et. Wb.*, 4.<sup>a</sup> ed., pag. 452, e Baist no *Grundriss der rom. Philologie*, I, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 886.

<sup>4</sup> Vid. *Leges et Consuetud.* (nos *P. M. H.*), vol. I, pag. 497, 560, 573, 579, 665.

<sup>5</sup> Alguns tem explicado *freire* pelo francês *frère*, por exemplo André de Rêsende, *Hist. das antig. da cidade de Evora*, cap. XVI; mas mais natural é a explicação que acima se dá, por causa do hesp. *fraire* (e *fraile*). A nossa palavra é inseparavel da hespanhola.

<sup>6</sup> *Vida de Eufrosina*, ed. de Cornu na *Romania*, XI, 35S.



vem o feminino *fraira* e *freira*. — Da França, relacionado com o monachismo, passou para cá também o vocabulo *monje*, e (como creio) *granja*, ambos elles existentes em provençal; com *granja* cfr. também o fr. *grange*. — De *freire* fez-se *frei* em proclise; de facto, *frei* só se usa antes do nome a que se refere. Syncope analoga se observa em *Castel-Branco*, *Fonseca* <Fonte secca, *Monsanto* <Monte Santo. — No onomástico da Beira ha *Cásfrei-res* <Casa dos freires <sup>1</sup>.

61. *daquesta* = d'aquesta. Vid. pag. 57.

62. *nono* = no'no. Vid. o commento da l. 35. O pronome *no* está repetido pleonasticamente (complemento directo de *busque*), visto que já antes estava *o*. Cf. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 250-b. — *Nono busque*: « não o reclame », « não o requeira ».

*nengũu* « nenhum ». Ao passo que *nenhum*, ant. *nenhũu*, se formou, já em portugûês, da frase *nẽ ãu*, a fórma *nengũu* provém directamente de *nec-unu-*, que deu *\*negunu-*, e com nasalamento do *e* pelo *n-*, *nengũu*. Esta fórma é vulgar em textos antigos <sup>2</sup> (embora muito menos que *nẽũu*). Em Vi terbo, *Elucidario*, s. v., e em J. P. Ribeiro, *Dissertações*, I, 284, vem *neguum*; se não ha falta de til (como parece), *neguum* seria intermedio a *\*negunu-* e *nengũu*. — Não se estranhe que na idade-media coexistisse *nengũu* com *nẽũu*, pois também agora a par de *nenhum* se ouve *nem um*. Por um lado o povo conserva expressões tradicionaes, por outro lado tradu-las na lingoagem que usa; é assim que hoje tanto podemos dizer *pelo* como *por o*, tanto *num* como *em um*. — Neste texto *nengũu* vale por « ninguem », analogamente ao que succede noutras lingoas romanicas. [Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 60]. Também em latim se usa *nullus*, em certas circumstancias, por *nemo*: vid. Madvig, *Gram. lat.*, § 91-5.

<sup>1</sup> Cf. *Estudos de Philolog. mirandesa*, I, 445 (-446), nota 11.

<sup>2</sup> *Leges et Consuet.*, pag. 205, 206, 439; cf. Figanière, *Mem. das rainhas*, pag. 278.

63-64. *tércia* «terça». Latinismo; cfr. *tertia* nas *Inquisitiones*, I, 295 e 385, em docc. portuguezes.

*cinque* «cinco». Do lat. *quinque*, dissimilado em *cinqué*, que já se lê numa inscrição da Lusitania hespanhola, do sec. VI<sup>1</sup>. Hoje dizemos *cinco*, com -o, por influencia do -o de *quatro*.

*den* «dêem». Lat. *dent*. Hoje dizemos *dêem*, que é propriamente um falso plural de *dê*; de modo semelhante o povo baixo e a gente pouco culta de Lisboa dizem *hadem* «hão de», a par de *handem*. A mesma explicação tem: *vêem*, falso plural de *vê*; *vêem*, isto é, *vêem*, falso plural de *vem*; e *têem*, isto é, *têem*, falso plural de *tem*. Do latim *vident*, \**venent* (por *veniunt*) e *tenent* veio realmente *veem*, *vêem* e *têem* em português archaico; mas os digraphos reduziram-se depois a *e*, d'onde resultou *vem* (de *ver*), *vem* (de *vir*), e *tem*. Depois o povo, julgando que formava melhor o plural, fez outra vez *vêem*, *vêem* (ou *vêem*), e *têem* (ou *têem*); quem usa estas fórmulas e *dêem*, commette pois o mesmo plebeísmo que quem usa *hadem* ou *handem*. Todavía *vêem* (de *ver*) e *dêem* mal podem já evitar-se, ainda que eu tive um professor de Medicina que dizia na aula aos discipulos: «os senhores *vem*» por *vêem*; mas *têem* e *vêem* devem continuar a usar-se, porque essa é a pronúncia corrente.

64. *geitar* «deitar». Do latim *iactare*. O grupo consonantico *ct* deu *it* (vid. pag. 34). De \**jaitar* passou-se para *jeitar*, como de \**faitor* < *factore*- para *feitor*.

66. *têpleiros* «templarios», isto é «cavalleiros da ordem do *Templo* (de *Jerusalem*)». Variante phonetica é *tempreiros*. Vid. sobre este assunto: Viterbo, *Elucidario*, s. v. «tempreiros»; Bluteau, *Vocab.*, s. v. «templarios»; Gama Barros, *Hist. da administração*, I, 360 ss.

*espitaleiros*: cavalleiros da Ordem do Hospital, tambem chamados de *S. João de Jerusalem*, e depois *cavalleiros de Malta*;

---

<sup>1</sup> Hübner, *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, n.º 22. O texto diz: SEPTVAZINTA ET CINQV.

hospitalarios. Cfr. Gama Barros, *Hist. da administr.*, I, 365 ss. — Nos documentos antigos encontra-se a cada passo *espital* «hospital»<sup>1</sup>. — A evolução phonetica foi: (h)ospital > spital > *espital*. O povo diz frequentemente *sprital* (com *r* epenthetico, por influencia do de *sprito* «espírito»), fôrma que provém de *spital*, ou esta represente a que citei acima, ou seja modificação de *espital*. — Ha outras palavras em que oscilla *os-* com *es-* e *-s*, como: *escuro* > *obscuru-*, *esmar* < > *osmar* < *aestimare*. A explicação d'estes factos não deve ser a mesma para todos. Em *escuro* podemos ver confusão com o prefixo *ex-*, que deu *es-*; em *spital* haveria quéda de *o-* por confusão com o artigo, e depois prothese normal de *e-*; em *osmar*, o *o* resultará de labialização do *e-* pelo *m*. Cf. alem d'isso *estao* e *ostao* (por ex. em *Paço dos Estaos*).

69. *oméés d'ordin* «religiôsos», «frades». *Oméés* = *omêes* < (h)omi(n)es, com nasalamento do *i*, devido ao *n*. — *Ordin* é fôrma litteraria < *ordin(em)*; cfr. *Leges*, I, 231.

70. *assi come* depende syntacticamente de *den*.

*guisado*: conveniente, justo. A expressão *ver por guisado* apresenta a mesma construcção syntactica que *ter por conveniente*, como hoje dizemos (cf. Epiphanio Dias, *Gram. part.*, § 121-a, obs. 1); *por guisado* é nome predicativo de *dar*, que se subentende, ou de *fazer*, se antes se quizer empregar o verbo *vicario*<sup>2</sup>, isto é: *den aos oméés d'ordin.. e aos lei-*

<sup>1</sup> Por exemplo: nos *Ineditos da Academia*, IV, 585; no *Instituto*, XLVI, 1008. Seculo XIV.

<sup>2</sup> *Verbo vicario* (do latim *vicarius* «substituto», derivado de *vicis*) é o que se emprega para evitar a repetição de outro já empregado, por ex.: «desejo lá ir, mas não o faço hoje». Vid. varios exemplos em Moraes, *Dicc.*, s. v. «fazer» (a pag. 16, col. 1.<sup>a</sup>, na 4.<sup>a</sup> ed.). Ao assunto se referiu tambem o Dr. Mario Barreto nos *Estudos da lingua portuguesa*, Rio de Janeiro, 1903, pag. 97 ss., onde a par com o português cita o francês. [De uso semelhante em italiano (no *Tristano véneto*) tratou G. Vidossich nos *Bausteine zur romanischen Philologie*, Halle, 1905, pag. 162 ss.]. — Isto acontece tambem em

gos. . *assi com'elles viren por guisado* [sc. *fazer*]. — Tanto *ver por guisado* como *ter por conveniente* são construcções de origem latina: *pro certo scire, pro infecto habere*.

73-74. *e mândo que aqieste auer. . que o ténã*. Repetição pleonastica de *que*, como em 78-9. [Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 57].

*cũ* = *cum* «com». Latinismo orthographico.

75. *a dia de mia morte* «ao chegar o dia de minha morte»; *a* é preposição como em 104: *a mia morte* «a hora de minha morte» (hoje dizemos *á hora*). Cfr. a frase moderna: *a principio*.

76-77. *e dos que reuora nã ouuerẽ*. Ordem inversa, provocada pelo *reuora* antecedente.

78. *quen quer que*. Pronome composto: vid. pag. 66.

79. *departir* «repartir».

81. *asunar* = *assũar* «reunir». De ad-su(b)-un-are: vid. D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lusit.*, I, 125-126.

84. *os chus muitos per nãbro* «a maioria». Litteralmente: «os mais por numero». *Chus* < plus «mais»; *chus muitos* é comparativo; *nãbro* < número-. A forma *nãbro* é regular: cfr. *ombro* < ũmeru-, e o francês e provençal *nombre*; essa forma foi porém ulteriormente substituída pelo latinismo *número*, com o qual o povo tambem depois não se aveio, porque a transfórma em *nũmaro* (como na Galliza) e *numbro*.

*daqueles*: a respeito d'aquelles.

85. *an a departir* «hã de repartir» ou «devem repartir». Infinitivo regido de *a*, depois de (*h*)*aver*, como nas ll. 89 e 93-94.

*aquelias*. Vid. o commento da l. 32.

90. *demorancia* = demorança «demora» (com *-ancia* por latinismo directo, ou por hespanholismo: cfr. *matançia* e *demonstrançia* no *Livro de Alexandre*, est. 268). De *demorar*.

91. *lis* = *lhis*. Refere-se aos que hã de dar comprimento ao testamento, ou testamenteiros, mencionados antes.

---

lingoas não romanicas, por exemplo, em inglês (*to do*): cf. Julio Moreira, *Gram. inglesa*, 6.<sup>a</sup> ed., § 336-a-4.

94. *empero*. Parece ter o sentido de «por isso».
97. *lis*. Refere-se aos arcebispos e bispos das ll. 94-95.
99. *teuerē*. Vid. l. 30 e o commento, e l. 108.
100. *rogo* [o]s *arcebispos e os bispos*. Vid. a annotação ás ll. 16-17.

101. *prego*. «supplico». De *precare* (que apparece nos auctores da decadencia; a fórma classica é *precari*).

*rogo e prego*. Propriamente *rogar* «pedir por favor», *pregar* «fazer oração», «supplicar». Empregaram-se dois verbos synonymos um do outro para se reforçar o pedido da graça que o rei desejava do pontifice.

103. *piadade* «piedade»: *pietate*-. Ainda actualmente popular.

*cōprida e aguardada*. Outra expressão synonymica, pois que *aguardada* quer dizer «guardada», «comprida». Origem germanica: \**warda* «observação»; *w > gu* (vid. pag. 37).

104. *nengũu nō ágia*. Em portugûes antigo repetia-se *nom* depois de uma negação, contrariamente ao uso da lingua moderna: hoje diriamos *ninguém haja*. [Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 63].

*uinir* = *vir*: lat. *uenire* «vir».

106. *mãdo aqueles caualeiros*. Ou o verbo *mandar* está transitivamente, ou *aqueles* se entende por *àquelles* = *a aquellos*, como nas ll. 79 e 80 *aquestes* = *àquestes* = *a aquestes*.

107. *teen* = *têem*: *tenent*. Vid. o commento ás ll. 63-64.

*nas terras que de mi teem os meus riquos oméés*. «O *rico-homem* era o funcionario regio mais elevado de cada uma das circumscripções menores em que o reino se dividia; e ao districto a que se estendia a sua auctoridade, administrativa e militar, dava-se o nome de *terra*»<sup>1</sup>.—Em *riquos* temos

<sup>1</sup> Gama Barros, *Hist. da administração publica*, I, 395-396. Vid. também Herculano, *Hist. de Portugal*, t. III, 5.<sup>a</sup> ed., pag. 304. E cf. os meus *Estudos de Philol. mirand.*, I, 36-41.

-*quos* em circumstancia em que hoje empregariamos -*cos* (nos textos latinos da idade media é frequente: *riqus omo, riqui homines*). Na orthographia antiga usava-se *qu-* com o valor que hoje damos ao simples *q* ou *c*: o *u* como que fazia parte da letra; se depois d'essa guttural queriam expressar uma vogal labial, repetiam-na, como vimos acima (*riquos*). [Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 50]. — Tambem se encontra nos docc. *ricomem*.

109. *denos* = *de'nos* « dem-nos ».

116. *novea* < *novēa* « nona ». Do lat. *novēna*. Emprega-se o distributivo em vez do ordinal (nona).

118. *tercia dezima*. Latinismo.

118-120. *facer guarda* = guardar. Aqui o infinitivo *facer* = *fazer* tem apparencia de valer por imperativo, mas realmente depende da ideia de *mandar*, contida na mente do testador, para não dizer que está expressa na l. 111: *mandei fazer treze cartas. . . ; a terciã dezima* (mandei) *fazer guarda en mia reposte*. Modos de dizer analogos se encontram num documento de D. Denis, no *Instituto*, vol. 46: « e todo vezino de vila Real *nom hyr* em anuduva » (= não deve ir), pag. 944; « e todo homem que quyser vyr morar a vila Real *nom no embargar nemguum* » (= não no possa embargar), pag. 945; « que as levem a esse meu castelo de vila Real e dali *as comprar* quem as quiser » (= as possa comprar), pag. 947, etc. E ha outros textos onde se observa o mesmo phenomeno.

*reposte* (subst. fem.). Moraes, *Diccionario*, dá-o como masculino, e define-o « casa de guardar móveis ». — Cfr. hesp. *reposte* (masc.). — Provavelmente, tanto o português como o hespanhol vieram do francês archaico *repost* « appartement secret », substantivo participial de *repondre*<sup>1</sup>. Proponho esta explicação, porque a vogal final de repositu- não dava normalmente -e nem em português, nem em hespanhol. A par de *reposte* ha

---

<sup>1</sup> Usado, por exemplo, nos *Miracles de Nostre Dame*, ed. da *Soc. des Anciens Textes*: vid. t. VIII, pag. 214.

tambem em portugûes antigo *reposta*, como se vê da *Chronica do Infante Santo* de Fr. João Alvarez (sec. xv), onde este diz, fallando de um servidor do Infante: «Christovão Alemão, homê *da reposta*»<sup>1</sup>. Entre *reposte* e *reposta*, ha, quanto á fórma e quanto ao genero, a mesma relação que entre *açude* e *açuda*.

*IIII<sup>or</sup> dias por andar de Junio* «26 de Junho». Cfr. Viterbo. *Elucidario*, s. v. «andado». Imitação do uso romano.— *Quatuor* ou *quattuor* mostra como os escrivães viviam dentro das fórmulas latinas.

\*

Neste importante documento encontramos como principaes phenomenos de grammatica: os digraphos *aa, ee*, etc., resultantes de syncope de consoante; *vñir*; *ĩ + vog.*; *-om*; *-ã* atono; absorção de nasal, em *no'nas, de'nos*; o comparativo *chus muitos*, os numeraes *cinque e novea* (ou *novẽa*); os pronomes *mi, el, mia, sa, enos, ãu, nengũu, aqweste*: as flexões verbaes *som, forom, remaser, deiver* ou *devier, teiver, den, moira, temente*; as particulas *assi, ata. empero, u*, etc.; expressões como *ata en. roontade por, a dia, fazer guarda*, e inversões e pleonasmos. Entre os vocabulos que hoje não se usam, ou tem outra fórma ou accepção, deparam-se-nos: *aduzer, assũar, caonigo, dereito, dêvida, exetes, madre, meialade, nombro, ordim, proe, remaer, revóra, sêmel*.

Talvez o testamento fosse escrito por um Hespanhol que sabia bem o portugûes, mas que apesar d'isso deixou, pela fôrça do habito, transparecer alguns hespanholismos: assim se explica a fórma (repetida), que acima assignalei, *aquelia* = *aquelha*, á qual acrescencarei *Galicia*. Cfr. tambem *gracia, folgancia, demorancia, si*.— Attribuo a causa semelhante os hespanholismos que igualmente se lêem em documentos portuguezes do sec. XIII publicados no *Archivo Hist. Port.* IV, 41 (n.<sup>os</sup> III e IV).

---

<sup>1</sup> Vid. fl. 112 da 2.<sup>a</sup> ed. (1577), que existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa. A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1527, mas não se conhece d'ella hoje exemplar nenhum: vid. Mattos, *Manual bibliogr.*, pag. 17.

## B) Duas poesias trovadorescas

(Sec. XII-XIV)

A nossa primitiva poesia artistica apresenta notavel florescimento, revelado em tres vastos cancioneiros manuscritos, que se chamam respectivamente *da Vaticana*, *de Colocci-Brancuti*, e *do Collegio dos Nobres* ou *da Ajuda*. Taes denominações provém: de pertencer á Bibliotheca do Vaticano o codice (do seculo xv-xvi) que contém o primeiro Cancioneiro; de haver pertencido ao Conde italiano P. A. Brancuti <sup>1</sup> o codice (tambem do sec. xv-xvi) que contém o segundo Cancioneiro, e nelle se reconhecer a mão do célebre humanista Angelo Colocci, que abi preencheu lacunas, e juntou a paginação e notas; de ter estado primeiramente no Collegio dos Nobres, e agora na Bibliotheca do Palacio da Ajuda, o codice (do sec. XIII) que contém o terceiro Cancioneiro.

Os Cancioneiros da Vaticana e da Ajuda foram publicados na integra por Ernesto Monaci <sup>2</sup> e D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos <sup>3</sup>; o de Colocci-Brancuti foi publicado por Enrico Molteni (com um prologo de Monaci) na parte que completa o

---

<sup>1</sup> Hoje pertence ao Dr. Ernesto Monaci, Professor da Universidade de Roma.

<sup>2</sup> Halle, 1875.

<sup>3</sup> Halle, 1904, 2 volumes: o 1.º é propriamente o Cancioneiro; o 2.º é de investigações bibliographicas, biographicas e histórico-litterarias: falta ainda um 3.º volume, que será dedicado ao estudo da lingua.



codice vaticano <sup>1</sup>. Todos os tres Cancioneiros mantêm intima relação entre si, porque se referem á mesma epoca litteraria. Alem das citadas publicações elles deram origem a outras secundarias, cuja resenha crítica se póde ver no vol. II do *Cancioneiro da Ajuda* de D. Carolina Michaëlis, pag. 1-98 <sup>2</sup>.

Duas correntes litterarias se patenteiam naquelles variegados vergeis que encerram as flores poeticas da alma portuguesa medieva: uma de origem nacional, outra de origem provençal. A ultima é a mais importante, e a mais amplamente representada.

A par com os Cancioneiros podem collocar-se as *Cantigas* de Affonso o Sabio (sec. XIII), em gallego, contidas em codices tambem do seculo XIII, das quaes ha uma edição feita em Madrid em 1889 pela Academia Real Hespanhola, — dois volumes.

Sem poder dar aqui extensa noticia da lingua e poesia provençaes da idade-media, convém porém indicar brevemente alguns factos <sup>3</sup>. A palavra *Proensa* (assim se diz em provençal; francês *Provence*; português antigo *Proença*) vem do latim provincia, isto é, *provincia Romana*, na Gallia. A lingua tinha differentes nomes: *proensal*, *lengua d'oc*, e outros <sup>4</sup>. *Proen-*

<sup>1</sup> Halle, 1880 (em commemoração do 3.º centenario de Camões).

<sup>2</sup> Nesta resenha, para ser completa, falta a menção de alguns opusculos, como: *Peccati veniali* de A. Gabrielli, Roma, 1891, onde a pag. 35 o A. reproduz um estudo publicado em 1886 com traducções italianas de poesias do Cancioneiro vaticano; *A lirica LV do Cancion. port. da Vaticana*, interpretada em versos modernos por João de Deus, Padoa, 1896.

<sup>3</sup> Os que quizerem mais lato conhecimento sirvam-se das seguintes obras: *Chrestomathie* de Bartsch (6.ª ed., Marburgo, 1904, a qual porém não dispensa a 5.ª ed.); *Chrestomathie* de Appel (Leipzig, 1895); *Manualetto* de Crescini (2.ª ed., Verona-Padoa, 1905); *Altprovençalisches Elementarbuch* de Schultz-Gora; *Letteratura provençale* de Restori; *Grundriss der romanischen Philologie*, vol. I (2.ª ed.), pag. 712 ss., e vol. II-2, pag. 1 ss.

<sup>4</sup> Vid. sobre o assunto *La langue romane du Midi de la France et ses différents noms* por Paul Meyer, Tolosa de França, 1889 (separata das *Annales du Midi*, t. I).

*sal* deriva de *Proensa*, e corresponde ao latim provincialis; *lengua d'oc* provém da particula affirmativa *oc* (latim *hoc*), por contraposição a *lengue* ou *langue d'oïl*, que se applicava ao francês. (<lat. *hoc illi*, moderno *oui*). De *oc* veio *occitanico*, isto é, *lingua occitanica*, expressão que alguns empregaram em escritos latinos. O provençal comprehende tres ramos: a) provençal propriamente dito; b) gascão; c) catalão, — cada um com suas variedades, ou sub-dialectos. Relaciona-se estreitamente com o provençal o franco-provençal, grupo idiomatico que o philologo italiano Ascoli estabeleceu, e a que me referi a pag. 12. — A poesia provençal nasceu da poesia popular do Sul da França; nobilitou-se porém e desenvolveu-se sob a influencia feudal, allegando alli durante alguns seculos os salões dos castellos e dos paços. Essencialmente lyrico-amorosa, é porém tambem religiosa, politica, moral, satirica e narrativa, ora expressa em composições de pouco alento (*canço*, *planh*, *descort*, *sirventes* <sup>1</sup> etc.), ora

---

<sup>1</sup> Incidentalmente notarei que Theophilo Braga, referindo-se a esta fórma poetica, escreve em seus livros, por exemplo na *Antologia Portuguesa*, Porto, 1876, pag. xvi, *sirvente*, plural *sirventes*, fazendo do genero feminino a palavra. O auctor do *Novo Diccionario* adopta inconscientemente a fórma e o genero, e tem tanto desvanecimento com a palavra, que a acompanha de um asterisco, para designar a novidade da adopção d'ella. Como em provençal ha, segundo disse, *sirventes* (*sirventesc* etc.), com o accentto no segundo *e*, o que se prova pelas rimas: *Far volh un nou sirventes || e dirai de pretz on es ||* (*Chrestomathie* de Bartsch, 5.<sup>a</sup> ed., col. 195); *ni sirventesc, || ni balaresc* (ib., col. 84), — é claro que em português devemos dizer *sirventês*, e assim diz já a sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis, por exemplo no *Cancioneiro da Ajuda*, II, 991. Além d'isso a palavra é masculina em provençal, como se viu de um dos versos que citei acima; por tanto é tambem esse o genero que deve ter em português, e não o feminino. Embora *sirventês* seja invariavel no plural em provençal, poderemos aporuguesá-la em *os sirventeses*. Os Italianos italianizam-na em *il sirventese* (e *sirventesco*). — Não ignoro que em alguns dictionarios franceses se lê *sirvente*, do genero feminino; mas outros prescrevem o genero masculino, e ha pelo menos um, o de Littré, que propõe *sirventois*; em todo o caso o que nos deve regular não é o francês, mas o provençal, pois é a esse idioma que a palavra pertence.

em obras desenvolvidas. Os seus inícios estão nos seculos x-xi; o seu esplendor principalmente no seculo xii; a sua decadencia manifesta-se nos seculos xiii-xiv. Os poetas tinham o nome geral de *trovadores*<sup>1</sup>. Chamavam-se *jograes*<sup>2</sup> os cantores ambulantes e mercenariós que cantavam nas festas, nos torneios etc. as poesias dos trovadores, e ás vezes as acompanhavam de musica instrumental. Todavia nem sempre ha distincção no emprêgo das duas palavras. Nomes de varios poetas: Arnaut Daniel, Bernart de Ventadorn, Bertran de Born, Cercalmont, Folquet de Marselha, Guillem de Poitiers, Marcabrun, Peire Cardenal, Peire Vidal, Raimbaut de Vaqueiras. Algumas obras chegaram anonymas até nós, como o poema ou romance de *Flamenca*<sup>3</sup>, e o poemeto ou canção de *Sancta Fides*<sup>4</sup>. A poesia provençal diffundi-se pelo Norte da França, pela Italia, pela Allemanha e pela Iberia, onde foi apreciada e imitada. Na Iberia exerceu pouca influencia em Castella, onde só se ouvem uns ecos no seculo xv; exerceu porém muita em Aragão e Catalunha, e na Galliza e Portugal. O ideal poetico do Castelhana medieval vivia menos de finezas lyricas, do que da guerra e da religião:

<sup>1</sup> Em provençal: nominativo sing. *trobair* (*trobaires*), accusativo *trobador*; nominat. pl. *trobador*, accus. *trobadors*. Deriva de *trobar*, cuja etymologia, ainda não clara, tem dado origem a grande polemica philologica. — A palavra portuguesa medieval era tambem *trobador*: vid. D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Aj.*, II, 628. Já no sec. xvi porém apparece com *v*: na *Comedia Eufrosina*, III, 1 (pag. 97 da ed. de 1616).

<sup>2</sup> Em provençal: *joglars-joglar*, *joglar-joglars*. Tambem se escreve com *u*, e com *c*. Do latim ioculátor, que do sentido de «zombador» passou no latim da idade-media a significar *histrio* «histrião», e depois «jogral». — No português medieval *jogral* e *juglar*: D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Aj.*, II, 628. Depois houve dissimilação, como em *prior* > *priol*. A fórma moderna ascende já a Fernão Lopes: vid. Moraes, s. v.

<sup>3</sup> Publicado por Paul Meyer: 2.<sup>a</sup> ed., Paris, 1901.

<sup>4</sup> O unico manuscrito, hoje conhecido, d'este poemeto está na Bibliotheca de Leiden, onde o encontrei em 1901. Publiquei-o na *Romania*, xxxi, 177, ss. (de que se fez separata).

« Ferid los, caualleros, por amor de caridad!  
 « Yo so Rui Diaz, el Çid Campeador de Biuar! »  
 Todos fieren enel az do está Pero Vermuez.  
 Trezientas lanças son, todas tienen pendones;  
 Seños Moros matáron, todos de seños colpes;  
 Ala tornada que fazen otros tantos son.  
 Veriedes tantas lanças premer & alçar,  
 Tanta adagara foradar & passar,  
 Tanta loríga falssa desmanchar,  
 Tantos pendones blancos salir vermeios en sangre,  
 Tantos buenos cauillos sin sos duenos andar.  
 Lõs Moros laman Mafomat, & los Christianos santi Yagu[e].  
 Cayen en un poco de logar Moros muertos mil & [ccc ya]...

como se lê no *Poema del Cid* <sup>1</sup>. Fazem perfeito contraste com este arranco de epica ferocidade as branduras de um trovador galleco-português apaixonado:

Quando vos vi, fremeosa mia senhor,  
 logo vos soube tan gran ben querer,  
 que non cuidei que ouvesse poder,  
 per nulha ren, de vos querer melhor;  
 e ora ja direi-vos que mi avén:  
 cada dia vos quero mayor ben!

no *Cancioneiro da Ajuda* <sup>2</sup>. Ha poetas italianos, como Bonifacio Calvo e Sordello, que poetaram em provençal. Raimon Vidal, catalão (seculo XIII), escreveu as *Razõs de trobar* (prosa). Acham-se diversas allusões a Portugal na poesia provençal, v. g. en Marcabrun (sec. XII), e na *Cruzada contra os Albigenses* (sec. XIII). Bonifacio Calvo, a que já me referi, natural de Ge-

<sup>1</sup> Ed. de Menéndez Pidal, Madrid, 1900, vv. 720-732.

<sup>2</sup> Ed. de D. Carolina Michaëlis, I, 372.

nova (sec. XIII), compôs poesias na lingua lusitana <sup>1</sup>. Tambem ha ensaios provençaes de poetas portuguezes <sup>2</sup>.

Á nossa poesia trovadoresca, segundo os recentes estudos da sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis, póde assignalar-se como comêço o seculo XII (reinado de D. Sancho I); ella tem o seu maior brilho no tempo de D. Afonso III, *periodo aureo* ou *affonsino* (sec. XIII); e extingue-se no seculo XIV.

A mais antiga canção que possuímos parece ser uma de Paay Soares, de Taveiros (de cêrca do anno de 1189) <sup>3</sup>. O mais notavel poeta é el-rei D. Denis (sec. XIII-XIV); d'elle escreve Duarte Nunez: «teue algũa policia.. e compos muitas çousas em metro aa imitação dos poetas proençaes» <sup>4</sup>; e d'elle canta em nobres versos Antonio Ferreira:

Quem he este de insignias diferentes,  
Cetro e picaõ, e liuro, e espada, e arado?  
Este foy paz de reys, e amor das gentes,  
Grande Dinis, rey nunca affaz louuado.  
Outros foram nũa só confa excellentes;  
Este com todas nobreceo seu estado:  
Regeo, edificou, laurou, venceo,  
Honrou as Mufas, poetou, e leo <sup>5</sup>.

Vou reproduzir e analysar duas poesias d'aquelles dois trovadores medievaes, como amostra do genero.

a) *Poesia de Paay Soares* <sup>6</sup>:

<sup>1</sup> Vid.: *Vita e poesie di Bonifazio Calvo* por Mario Pelaez, Torim, 1897, pag. 73; e *Cancioneiro da Ajuda*, I, 521.

<sup>2</sup> Vid. D. Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, II, 685.

<sup>3</sup> D. Carolina Michaëlis in *Zs. f. r. Phil.*, XXVIII, 385.

<sup>4</sup> *Origem da lingua portuguesa*, Lisboa, 1606, pag. 32-33.

<sup>5</sup> *Poemas Lusitanos*, Lisboa, 1598, fl. 200 v.

<sup>6</sup> Vid. *Cancioneiro de Colocci-Brancuti*, n.º 123 (150), e *Cancion. da Ajuda*, vol. I, n.º 35, cuja lição adopto, com uma excepção. Lições d'aquelle: 1, 6, 14 e 16: *moireu*; 3, *eque*; 5, *moyreu*; 8, *de ã*; 7, 8 e 17: *lhi*; 11, *comoomẽ*; 12, *ãneu*; 13, *dormni*; 14, *epois*; 18, *equeua uir*; 19, *enõ, nena*.

Como morreu quen nunca ben  
 ouve da ren que mais amou,  
 e quen viu quanto receou  
 d'ela, e foi morto por en:

5                   Ay mha senhor, assi moir' eu!

Como morreu quen foi amar  
 quen lhe nunca quis ben fazer,  
 e de que lhe fez Deus veer  
 de que foi morto con pesar:

10                   Ay mha senhor, assi moir' eu!

Com' ome que ensandeceu,  
 senhor, con gran pesar que viu,  
 e non foi ledo, nen dormiu  
 depois, mha senhor, e morreu:

15                   Ay mha senhor, assi moir' eu!

Como morreu quen amou tal  
 dona, que lhe nunca fez ben,  
 e quen a viu levar a quen  
 a non valia, nen a val:

20                   Ay mha senhor, assi moir' eu!

Esta poesia é notavel pela profundidade do sentimento que revela, o que a differença da maior parte das dos Cancioneiros, frias e convencionaes. Sem embargo, um mesmo pensamento se repete nella várias vezes, segundo o gosto da epoca. Uma poesia não é a demonstração rigorosa de um theorema, nem um syllogismo: o poeta canta as suas emoções, levado só d'ellas, e não da logica do raciocínio; por isso repisa o que mais o impressiona, ao sabor do rhythm.

Temos aqui quatro estancias ou *coblas*, da fórmula *abba*, acompanhadas de um estribilho. O estribilho faz que a poesia ou *cantiga* se chame *de refram*. Os versos constam de oito syllabas metricas, isto é, são octonarios masculinos ou agudos. Na poetica do tempo não se evitam sempre os hiatos, como hoje:

assim no v. 4 *ela e* contam-se como tres syllabas; no v. 11 *que ensandeceu* contam-se como cinco; quando se annulla o hiato, supprime-se tambem a respectiva vogal atona, v. g. no v. 4 *d'ela* = *de ela* (tradição orthographica que a respeito d'esta expressão ficou até hoje), no estribilho *moir'eu* = *moiro eu*, no v. 11 *com'ome* = *como ome*. No estribilho e no v. 14 o *h* do pronome *mha* vale pela semi-vogal *i* (vid. supra, pag. 55 e nota); por isso a palavra é monosyllabica. Cada verso tem dois accentos principaes: um sempre na 8.<sup>a</sup> syllaba, por isso que os versos são agudos; outro regularmente na 4.<sup>a</sup> syllaba, com algumas excepções. Ao passo que os bons metrificadores modernos não accentuam syllabas de palavras procliticas, os antigos faziam isso ás vezes: na poesia de Paay Soares vemos que o accento está, por exemplo, em *gran* no v. 12.

Passarei ao estudo grammatical e lexicologico.

1-2. *quen nunca ben ouve da ren que* = quem nunca possuiu nenhum bem que lhe proviesse da cousa que.

*ren* «cousa», palavra delicadissima da poesia trovadoresca, tanto portuguesa como provençal, applicada á mulher amada. Do lat. rem. Esta palavra, no seu sentido geral de «cousa» (não unicamente *cousa amada*, como diria Camões), teve uso, pelo menos, até o seculo xv. — Vid. supra, pag. 66.

4. *por en* «por causa d'isso»; *en* < lat. in(de).

5. *moiro* «morro» < lat. morio = morior, pois, como já disse a pag. 92, os verbos depoentes latinos tomaram em romance fórma activa.

5. *senhor* < lat. seniore-, em portugûes arcaico, é o que em grammatica se chama nome cõmmum de dois; aqui significa «senhora».

6. *foi amar* = *amou*. [Cf. *Rev. Lusitana*, VIII, 224-225].

8. *de que*. Pronome relativo a pessoa, e precedido de preposição: uso antigo [cf. Nobile, *Mélanges Chabaneau*, pag. 350]. A sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis emendou desnecessariamente em *de que(n)*.

8-9. Isto é: «acerca da qual Deus lhe fez ver cousas (pas-

sar trabalhos) de que elle morreu com pesar»: *de que foi morto com pesar* é oração interrogativa indirecta, dependente de *veer*, e corresponde a uma prática usada em latim (Madvig, *Gram. lat.*, § 492-*b*, obs. 1).

17. *dona* «senhora»: lat. dom'na.

19. *val* «vale»: lat. ualet. Analogamente se escrevia: *fal* <fallit (de \*fallire = fallĕre); *sal* <salit etc. E hoje: *apraz* = a-praz <placet, *diz* <dicit, *quer* <quaerit. Embora se pronuncie ou possa pronunciar *val*, restaurou-se o *-e* antigo, por analogia com o infinitivo, e escreve-se agora *vale*.

b) *Poesia de el-rei D. Denis* <sup>1</sup>:

Quer' eu en maneira de Proença  
fazer agora hun cantar d'amor,  
e querrei muyt' i loar mha senhor,  
a que prez nen fremusura non fal  
nen bondade; e mais uos direy en:  
tanto a fez Deos conprida de ben,  
que mays que todas las do mundo ual.

5

Ca mha senhor quiso Deos fazer tal,  
quando a fez, que a fez sabedor  
de todo ben, e de mui gran ualor;  
e con tod' est[o] <sup>2</sup> é mui comunal  
aly hu dene; er deu-lhi bon sen,  
e desy non lhi fez pouco de ben,  
quando non quis que lh' ontra foss' igual.

10

---

<sup>1</sup> Do *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 123 (pag. 52). Cfr. Lopes de Moura, pag. 64, cuja lição foi reproduzida e melhorada por Diez, *Ueber die erste port. Kunst. u. Hofpoesie*, Bonna, 1863, pag. 88.

<sup>2</sup> O texto tem *todeste*. Deve emendar-se *tod' est[o]*, como já fez Diez, e não em *todo est'*, porque na poesia do Rei ha varios exemplos de *tod'*, assim escrito, antes do pronome demonstrativo.



15

Ca en mha senhor nunca Deos pos mal,  
 mays pos hi prez e beldad' e loor,  
 e falar mui ben, e rijr melhor  
 que outra molher; desy é leal  
 muyt', e por esto non sey oi'eu quen  
 20 possa conpridamente no seu ben  
 falar, ca non á, tra'lo seu ben, al.

20

D. Denis declara expressamente nestes versos que seguia a corrente provençalesca (*en maneira de Proençal*).

A poesia ou *cantar* tem o nome de *maestria*, por ser sem estribilho. As *coblas* constam de sete versos agudos de dez syllabas metricas, com as rimas symmetricamente ignaes em cada estrophe, dispostas segundo a fórmula *abbacca*. O accento, além de recair obrigadamente na 10.<sup>a</sup> syllaba, recae tambem na 4.<sup>a</sup> (em geral), ou noutra. No v. 20, como o adverbio *compridamente* = *comprida mente* tem dois accentos, um primario, outro secundario, é o secundario que coincide com o do verso.

1. *Proençal*. Vid. supra, pag. 103-104.

2. *hun* < *hūu* < lat. unu. D. Denis faz a crase, o que de certo já correspondia á pronúncia popular. A crase era facilitada pela próclise; cfr. arc. *bon* a par de *bōo*.

*cantar*, termo tecnico, synonymo de *cantiga*. A palavra *cantar* é tambem da poetica provençal.

3. *querrei* = *quererei*.

*i* «abi». Vid. supra, pag. 90.

*loar* «louvar»: lat. \**lodare* < *laudare*.

4. *a que* «a quem». Vid. supra, pag. 109.

*prez* «merito». Do provençal *pretz* (lat. *pretium*).

*fremusura* «formosura». Deriva de *formoso* com dissimilação: *fermoso*, *fremoso*.

*fal* «falta». Vid. pag. 110.

*a que prez nem fremusura non fal*. Hoje não omittiriamos *nem* antes do primeiro sujeito. A nossa litteratura antiga apresenta outros exemplos d'esta omissão. Cfr. tambem em proven-

çal: *joi ni deport non puese aver*<sup>1</sup>.—O *non* pleonastico (*non fal*) era corrente na lingua archaica: vid. supra, pag. 99, nota á l. 104.

5. *e mais uos direy en*. Cfr. *Canc. da Vat.*, n.º 180 (pag. 72), e n.º 97 (pag. 44), v. 3.

6. *conprida* «cheia». No mesmo sentido ha em provençal *complida*.

7. *todas las*. O primeiro *s* julgo-o puramente orthographico (etymologico); a pronúncia devia ser *tôda's las* = *totalas* ou *totalas*, cfr. *tra'lo* no v. 20.

*ual*. Vid. pag. 110.

8. *ca* «por que».

8. *mha senhor*. Complemento directo de *fazer*.

*quiso* «quis». Galleguismo. Cf. v. 14, onde está a fôrma portuguesa.

9. *sabedor* adjectivo uniforme; aqui «sabedora». A razão está em porvirem de nomes latinos acabados em *-tor* os adjectivos d'este typo. Taes nomes são na origem substantivos: *lector* «pessoa que lê»; depois muitos tornaram-se adjectivos: *abrasador* («sol abrasador»); póde um mesmo nome ser empregado ora substantiva, ora adjectivamente, como *salvador*, do lat. *salvator*, isto é *salvatore*:- o «*Salvador*», «acção *salvadora*».—Na lingua moderna estes adjectivos em *-dor* tomam, como vimos, fôrma feminina, por analogia com os adjectivos biformes. Por motivo analogo se diz *parenta*, fem. de *parente*, e o baixo povo diz *petisa*, fem. do franco-port. *petis*.

11. *con tod' esto*: «apesar de tudo isto».

*comunal* «affavel». Tem o mesmo sentido que ás vezes tem *communis* em latim; e d'esta palavra deriva: \**communale*.

12. *aly hu deve*: «quando deve».

---

<sup>1</sup> Raynouard, *Lexique roman*, iv, 306, col. 1.

*er* (soava *ér*). Particula reforçativa que se junta aos verbos. Póde aqui traduzir-se por «de mais a mais». [Cf. *Rev. Lusitana*, IX, 21-22].

*lhi*. Vid. pag. 52.

*sen* «senso». Do provençal *sen* (origem germanica: *sin*, all. *Sinn*).

13. *desy* = *des y* «d'ahi», «alem d'isso».

*pouco de ben*: «pouco bem», «pequeno bem». *De ben* é complemento de genero, e *pouco* está substantivado; cfr. latim *paulum* com genetivo.

*mays* «mas».

16. *loor* «louvor». Deriva do thema de *loar*, como *queimor* do de *queimar*; tambem em hespanhol ha *loor*. Cf. lat. *sapor*, *-ōris*, do th. de *sapio*.

17. *riyr* = riir «rir». Do lat. *ridēre*, que passou para a 3.<sup>a</sup> conjugação: \**ridire* > riir, hesp. *reir*.

18. *molher*. Vid. pag. 76.

19. *esto*. Vid. pag. 57.

*oï* = oj(e).

20. *compridamente* «de modo completo».

21. *tra'lo*: «excepto o». De trans + art. *lo*<sup>1</sup>. Propriamente: «alem do seu bem».

*al* «outra cousa». Vid. pag. 65. Isto é: «não ha nada que exceda os bellos dotes que ella possue».

\* \* \*

Estes tres textos dão ideia da lingua usada em Portugal, do seculo XII aos começos do XIV, isto é, no mais antigo periodo da epoca archaica propriamente dita; só ha-de entender-se que as

<sup>1</sup> Lang, na sua ed. do *Cancioneiro*, pag. 169, não interpreta bem esta palavra, porque a põe em connexão com *trager*, quando ella nada tem com o verbo.— Cf. tambem D. Carolina Michaëlis na *Zs. f. rom. Phil.*, XIX, 540.

poesias apresentam provençalismos, que, por serem de origem litteraria, não existiam no fallar quotidiano, ao qual o testamento, apesar dos seus latinismos, se cinge um pouco mais. O galleguismo *quiso* da poesia de pag. 110, v. 8, tambem não se usava na prosa portuguesa commum, pertencia apenas ao estilo poetico <sup>1</sup>; o usual era *quis*, como se lê *ibid.*, v. 14.

---

<sup>1</sup> A isto me referi no meu opusculo *Uma chronica de 1404*, Lisboa, 1903, pag. 5 s.

## II

(AÑO LECTIVO DE 1904-1905)



## Latim lusitano, e português arcaico

Vocabulos prè-romanos da Iberia.—Importancia do *Corpus Inscriptionum Latinarum*.—Summário de Grammatica do latim vulgar na parte com que se justifica a portugueza.—Amostras do lexico.—Testemunho de S. Isidoro Hispalense.—Português prè- e protohistorico.—Monumentos da lingua portugueza archaica.

No 1.º anno estabeleci que o portugês proviera do latim vulgar trazido pelos Romanos para a Lusitania<sup>1</sup>. Este latim não pôde estudar-se separadamente do do resto da Hispania ou Iberia, porque a Lusitania fazia parte d'ella,—o que não quer dizer que o nosso não contivesse uma ou outra particularidade sua, como veremos no decurso das lições.

Do latim vulgar da Peninsula não possuímos documentos extensos que nos habilitem para o avaliarmos plenamente: apenas se respigam alguns elementos em passos de auctores romanos e gregos, e nas inscripções epigraphicas. Como porém o que nos transmittiram aquelles auctores é pouco, pois não vae alem de alguns vocabulos, em parte prè-romanos, encorporados no lexico latino, em parte gregos e romanos, adaptados ao fallar hispanico, e o que consta das inscripções tambem não é muito, resta-nos, como fonte da nossa informação, o confronto do romance consigo mesmo, e com o latim litterario.

---

<sup>1</sup> Vid. supra, pag. 11.

Alguem objectará que estamos em círculo vicioso: é do latim vulgar que se pretende deduzir o romanço, e é com o romanço que se pretende conhecer o latim vulgar; a objecção teria pêsso, se não viesse em nosso auxilio o latim litterario, como já notei, e o methodo lingüístico geral. Exemplos tornarão sensivel o que affirmo.

Da comparação do verbo portuguez *trazer* com o latim litterario *trahere* resulta que aquella palavra não se explica bem por esta, visto que o *h* não deu *z*, nem mesmo soava na linguaagem do povo romano, e *tra(h)ere* só podia transformar-se paralelamente a *aere(m)*, que deu *ar*, ou, quando muito, tornar-se *traer* ou *trer*, por causa da evolução que os verbos em *-ere* tiveram <sup>1</sup>: d'onde é necessario admittir que, assim como o infinitivo *dicere* correspondia ao preterito *dixi*, assim tambem ao preterito *traxi*, de *traho*, os Lusitano-Romanos fizeram corresponder, criando-o por analogia, o infinitivo *\*tracere*, que em seguida, por motivos que não vem agora a pêlo expôr, se transmudou em *\*tracere*, como *dicere* em *\*dicere* <sup>2</sup>. Achada assim a palavra *\*tracere*, cuja formação só no periodo prè-portuguez se justifica, por causa do preterito em *-xi*, dizemos depois correntemente: de *\*tracere* veio *trazer*, -- o que quer significar que não existe fórma que explique *trazer* senão uma que no latim vulgar da Lusitania soasse *\*tracere*, fórma theorica, quanto á maneira como chegámos á noção da existencia d'ella, mas que foi viva, e successora de *trahere*. — Se dirigirmos a nossa attenção para fóra da Lusitania, e já se vê tambem, para além dos Pyreneus, encontraremos a cada momento factos semelhantes. O cotejo, por exemplo, do portuguez *singelo* e do hespanhol *sencillo* com o latim litterario *singulus* mostra-nos a impossibilidade de con-

<sup>1</sup> As antigas fórmas portuguezas *trey*, *tréyde*, *tréydes* (vid. D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lusit.*, III, 188-189), ou se expliquem por *trahe*, *trá-hite*, *trahitis*, ou por *\*trage* etc., são vestigios da conjugação em *-ere*.

<sup>2</sup> Vid. o que escrevi na *Rev. Lusit.*, II, 269 ss. e 349.



siderar esta palavra etymo das outras, e que é necessario pre-suppôr que no latim vulgar da Hispania se disse \*singellus <sup>1</sup>, que estava para *singulus* como *cistella* para *cistula*, e *vitellus* para *vitulus*. Por considerações analogas induziremos que no latim vulgar de toda a Romania houve o infinitivo \*potēre em vez do classico *posse*: com effeito, só por elle se explica o italiano *potere*, o rumeno *puteá* (como substantivo *putere*), o ladino *pu dair*, o francês *pouvoir* (com as suas fórmãs antigas *pouvoir*, *poir*, *poeir*, *podeir*), o hespanhol *poder*, o portugûes *poder*, e o provençal moderno *poudé* (antigo *poder*).

D'entre os vocabulos citados como hispanicos pelos auctores classicos mencionarei aqui os seguintes, a titulo de amostra:

arrugia, galaria nas minas metallicas: Plinio, *Naturalis Historia*, xxxiii, § 70.—D'aqui se tem tirado o hispano-portugûes *arroyo-arroio* <sup>2</sup>. Em documentos medievaes das Asturias ha de facto *arogium* e *arrogium* <sup>3</sup>; em documentos medievaes portugueses ha *arrugium* e *aroió* (= *arroio*) <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Cfr. Cornu, *Études de phonologie esp. et port.*, pag. 37 (separata da *Romania*, t. IX).

<sup>2</sup> Meyer-Lübke, *Gram. des l. rom.*, I, § 21, diz que mal pôde estabelecer-se conexão entre *arrugia* e *arroyo-arroio*, porque ha grande differença no genero e no sentido. A isto objectarei que a mudança do genero não é mais estranha do que em *ria* a par de *rio*, e em *ribeiro* a par de *ribeira* (cf. hesp. *ribero-ribera*), *corgo* a par de *Corga*, e que pelo que toca á Semantica, temos com analogas mudanças de sentido *quélho-quélha* «viella», de *canaliculus*-*canalicula* «canalzinho», e *córrego-corgo*, de *corrugus* «canal de lavagem nas minas» (alguns dictionarios tem *corrūgus*). Quanto á substituição do *-gi* de *arrugia* pelas semi-vogaes *i* em portugûes, e *y* em hespanhol, cfr.: *Pelagiu-*, que deu *Paaió-Paio* em portugûes, e *Pelayo* em hespanhol; *Tugia*, nome de uma cidade iberica, que deu *Toya* em hespanhol moderno.

<sup>3</sup> Vid. Tailhan na *Romania*, IX, 430. Já *arróium* no sec. IX.

<sup>4</sup> Vid. Cortesão, *Subsidios para um dicc.*, s. v. «arroio».

- bacca, variedade de vinho, como diz Varrão, *Lingua Latina*, VIII, 87: «vinum in Hispania bacca».
- caelia (ou *celia*) e cerea: variedade de cerveja, como diz Plinio, *Nat. Hist.*, XXII, § 164.
- dureta, banco de madeira: Suetonio, *Vida de Augusto*, cap. 82. Cfr. Diez, *Etym. Wb.*, 4.<sup>a</sup> ed., pag. 445.
- lancea, lança: Quintiliano, *Inst. orat.*, xv, 30, 7, que se reporta a um texto de Varrão, hoje perdido. — D'aqui vem o port. *lança*, e o hesp. *lanza*.
- viriae, bracelete: Plinio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 40. D'aqui vem provavelmente a palavra *Viriato*: cfr. *O Archeologo Portug.*, II, 23 <sup>1</sup>.

As inscrições epigraphicas da Hispania Romana (hoje Hespanha e Portugal) estão pela maior parte contidas no vol. II, e seus supplementos, do *Corpus Inscriptionum Latinarium* da Academia de Berlim, volume que só trata d'aquella região. Ha muitos mais volumes, referidos a outras regiões romanas. O *Corpus* é obra monumental de erudição, e incomparavel repositorio de factos concernentes á vida antiga: religião, costumes, leis, artes, officios, lingoas, classes sociaes, historia, geographia, organização administrativa. O vol. II, que é o que mais nos importa, foi coordenado por Emilio Hübnér, bem como os citados supplementos. Ao mesmo epigraphista se devem os volumes que encerram as *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, principalmente do sec. V ao VIII, isto é, da epoca visigotica; nesses volumes ha tambem elementos latino-vulgares <sup>2</sup>. A par com os trabalhos de

<sup>1</sup> Acerca dos vocabulos iberico-latinos vid.: Diefenbach, *Die alten Völker Europas*, Francfort, 1861, pag. 217 ss., onde elles vem encorporados com outros de outros povos antigos; Diez, *Gram. des l. rom.*, I, 85-86; Hübnér, *Monumenta ling. Ibericae*, pag. LXXX ss.

<sup>2</sup> No *Archeologo Port.*, VI, 49 ss., fiz uma resenha dos trabalhos que Hübnér deu a lume no campo da archeologia lusitano-romana.

Hübner hão-de ter-se presentes muitas obras e revistas archeologicas que os ampliam, pois nellas se encontram colligidas diversas inscripções; mas não necessito de as especificar.

As referidas inscripções pertencem a lapides, placas metallicas, aneis, estátuas ou estatuetas, vasilhame, lucernas, etc. Alguns d'estes objectos perderam-se, e só conhecemos os respectivos lettreiros por cópias que antigos escritores nos deixaram d'elles; outros existem ainda, quer em museus e em collecções particulares, quer noutros locaes (ha muitas lapides, por exemplo, que fazem parte de paredes e de muros). Destinavam-se as inscripções lapidares especialmente a commemorar actos religiosos, fallecimentos, honrarias, itinerarios, serventias; as das placas metallicas representavam leis, documentos de character juridico ou militar, dedicatorias; as dos barros designavam a fabricação; as dos aneis a posse, ou outra qualquer circumstancia. O que digo é tudo de modo muito generico; não desço a minudencias.

Deve entender-se que os lapicidas, os oleiros, e os diversos artífices que gravaram as inscripções do *orbis Romanus* enthesouradas no *Corpus*, com quanto muitas vezes se servissem de manuaes tradicionaes, ou tivessem diante dos olhos o modelo escrito de cada uma, nem sempre possuíam sufficiente instrucção; deixaram pois aqui e além transparecer phenomenos da lingoagem fallada que estavam em contraste com os da lingoagem litteraria, como hoje acontece a um aldeão que rabisca uma carta, ou a um pintor popular que faz o lettreiro de umas *almi-nhas*. São esses phenomenos os que o philologo aproveita para conhecer alguns dos caracteres da falla vulgar dos Romanos, da qual sahiram as illustres lingoas de Vieira, Cervantes, Froissart, Mistral, Dante, Aaron, Sandri,—para citar exemplos de toda a Romania.

\*

O latim vulgar epigraphico da Hispania foi estudado, como já sabemos, por Carnoy: *Le latin d'Espagne* (i. é, *Hispanie*), 1.<sup>a</sup> parte, vocalismo, Lovaina, 1902; 2.<sup>a</sup> parte, consonantismo;

ibid., 1903<sup>1</sup>. Os indices do vol. II do *Corpus* e das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, na parte grammatical, assignalam tambem os principaes phenomenos lingüisticos.

Vejamos, no que toca ás origens do português, alguns retalhos de latim vulgar, os quaes podem verificar-se facilmente nos citados indices do *Corpus* e das *Inscriptiones*:

a) PHONETICA:

AE, ditongo representado por E: *Igeditani*, *Celius*, *presente*, *Aquali* (nome proprio), *Grecus* (respectivamente por: *Igaeditani*, *Caelius*, *praesente*, *Aequali*, *Graecus*). — Está aqui o germen do que aconteceu em português, onde temos: *ceu* (*ceo*), que provém de *caelu-*, e além d'isso *presente*, *igual* (*equal*), *Grego*, que correspondem ás tres últimas palavras citadas. De *Igeditani* veio \**Igeditania* (= *Igaeditania*), que deu em latim medieval *Egitania*, d'onde veio *Idanha*.  
-E- syncopado em *calfacere* (= *caefacere*). Já porém em A. A. romanos se encontra *calfecit*, etc.<sup>2</sup> Esta syncope explica palavras portuguesas como *malfeitor* < *malefactore-*.

AV, ditongo que deu A em *Agusti* (= *Augusti*), no sec. VI *Agustas*. — Temos em português *Agosto*, que representa *Agūstu-* < *Augustu-*; o *u* de *au* syncopou-se por dissimilação (havia dois *uu*). A mesma tendencia existe na lingua moderna, onde as palavras *Augusto* e *Augusta*, de origem litteraria, soam na boca do povo *Águsto* e *Águsta*.

V representado por I em *monimentum* (= *monumentum*), fórma que tambem é da litteratura, mas que explica

<sup>1</sup> [Vid. supra, pag. 14, nota, onde me referi á 3.<sup>a</sup> parte, e á 2.<sup>a</sup> ed., e fiz algumas observações criticas á obra].

<sup>2</sup> Vid. Georges, *Larik. der lat. Wortformen*, s. v.

a palavra portugueza *moimento* e *Moimenta* (que na Beira se pronuncia *Mumenta*).

vv > v: *Ingenus*, nome proprio (= *Ingenuus*)<sup>1</sup>. — Isto explica que de *mortuus* viesse *morto*. Cfr. *antiquus* > \**anticus* > *antigo*; *antiqua* devia dar *antigoa*, como aqua deu *agoa*, mas a terminação \*-icus > -igo do masculino provocou -iga para o feminino, e diz-se pois *antiga*. Sem embargo, já ouvi no Norte *antigoamente*; e cfr. hesp. *antiguamente*. Outr'ora era frequente escrever -gu- em circumstancias em que hoje escrevemos -g-<sup>2</sup>. Nos *Lusiadas*, I, 3, ha *Musa antiga*, mas -igua soava -iga, como se mostra de I, 26, onde *antigua* rima com *inimiga* e *obriga*.

IIS > IS em *alis* (= *aliis*) e *Flavis* (= *Flaviis*). — A fórma *Flavis* explica a moderna palavra *Chaves*; vid. supra, pag. 43-44.

IVV > IV em *Aestius* (= *Aestiuss*), *Lascius* (= *Lasciuss*), *Datius* (= *Datiuss*), nomes proprios. — A lingua portugueza hodierna tem *estio* < *aestiuu-*, *rio* < *riuu-*, e o suffixo -io < -iuu-, onde o mesmo phenomeno se observa.

v syncopa-se em *figlina*, *auunculus*, e nos nomes proprios *Specla*, *Vernacla*, *Apricla* (por: *figulina*, *auunculus* etc.). — Cfr. as palavras *telha* < *teg(u)la-*, *espelho* < *spec(u)lu-*, *governalho* < *gubernac(u)lu-*, *abelha* < *apic(u)la-*, *funcho* < \**fenuc(u)lu-* < > *feniculum*, que apresentam syncope analogá, depois da qual os grupos -GL- e -CL- se tornaram -lh-.

-VLA > -OLA em *insola* (= *insula*). — Em portuguez temos

<sup>1</sup> Com quanto os lapicidas evitassem ás vezes gravar *uu*, substituindo-os por *u*, sem sentimento phonetico [cf. Carnoy, *Lat.*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 52], não ha duvida que no andar dos tempos a pronúncia de *uu* se tornou naturalmente *u*.

<sup>2</sup> [Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 50].

*insoa*, embora não seja da primeira epoca romana. como se vê da manutenção de *ns*.

Y = V em *Murtale* (nome proprio). — Outro exemplo nos offerece a lingua moderna em *murta*, que presuppõe *murta-*, fórmula que effectivamente é attestada por varios documentos, em vez de *myrta* (*myrtum*).

-T- > -D- em *imudavit* (= *immutavit*), *quodanis* (*quotannis*), *Adaegina* <> *Ataegina* (nome de uma divindade lusitânica) <sup>1</sup>. — O portuguez actual tem *roda* < *rota-*, os participios em *-ado*, *-ido* (de *-atu-*, *-itu-*) etc. — Os citados exemplos latino-vulgares mostram concomitantemente MM simplificados em *m*, e NN em *n*.

-T soa -D, pois que se encontra nas inscripções *haut* = *haud*, *quit* = *quid* (no espirito do canteiro *-t* equivalia a *-d*). — Assim se explica que de *aut* viesse *ou*; houve intermediariamente *\*aud*. De *erat* veio *era*, por intermedio de *\*erad*. De *et* veio *e*, por intermedio de *\*ed* (cf. ital. *ed*).

-M apocopa-se: *anoru* (= *annorum*), *ara posuit* (= *aram posuit*), *meu* (*accus.*). — Já me referi a isto (pag. 49), quando disse que o accusativo se tornou o caso normal em portuguez: *casa* < *casa(m)*, *lobo* < *lupu(m)*, *vide* < *vite(m)*. — Vid. sobre o assunto: Diehl, *De «M» finali epigraphica* (1899), e a discussão de Carnoy, *Latin d'Espagne [et de Portugal]*, 2.<sup>a</sup> parte, Lovaina 1903, pag. 206 ss; e supra, pag. 49.

-G- syncopa-se em *Conimbriensis* (= *Conimbrigensis*), nome derivado de *Conimbriga*. — A moderna palavra *Coimbra* tem esse fundamento.

H omitte-se: *onoravit*, *aruspici*, *Crestina*; como elle não

<sup>1</sup> Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 148-149.

soava. accrescentaram-no indevidamente em *hest* = est, *Hoctavius* = Octavius. — Em portuguez moderno escrevemos *haver, homem, honra, horta*, apenas para nobilitarmos as palavras com orthographia que pertence ao latim classico; mas os nossos antigos escreviam essas e analogas palavras sem *h*: na Torre do Tombo ha, por exemplo, um precioso manuscrito do seculo XIV intitulado *Orto do Esposo*, e tivemos no seculo XVI um botanico muito notavel que se assignava *Garcia de Orta* <sup>1</sup>.

PH = F: *triumfator, Elefantus* (nome proprio), *Stefanus* (sec. VII). — A última palavra mostra claramente como do *Stephanus* greco-latino veio o port. *Estevão*.

PT > BT: *babstista* = baptista (sec. VII). — Em portuguez antigo *Bautista*, palavra de origem ecclesiastica.

RS > S: *supestat* (= *superstat*). — Este phenomeno verifica-se hoje em *pessoa* < *persona*, *coçsoiro* < *cursorium*. As inscrições offerecem igualmente *suçum* = sur-

<sup>1</sup> É sem razão que Innocencio da Silva diz no *Dicc. Bibliogr.*, III, 116: «segundo a orthographia mais correcta, parece deveria escrever-se *Garcia da Horta*». Quanto ao *H* de *Horta*, já a cima me expliquei. Quanto ao *da*, notarei que *Horta*, antes de se tornar appellido, foi nome topographico, e que é tendencia da lingua portuguesa simplificar (e mesmo supprimir) *do* e *da* (e o plural) em *de*, antes dos nomes de terras, quando estes provém de substantivos communs, ou de nomes que se acompanham do artigo: assim diz-se *Val d'Anta* (Tras-os-Montes) por *V. da Anta*, e póde dizer-se *Ponte de Lima* em vez de *P. do Lima*. Além d'isso *de* tem-se como particula nobiliarchica. Por tal motivo o poeta Anthero, que em alguns seus primeiros escritos, d'accôrdo com as tradições da familia (vid. *In Memoriam*, pag. VII-IX), adoptava *do Quental*, passou depois a adoptar *de Quental*. Na origem *Quental* é o mesmo que *Quintal*, nome geographico; o *en*, por *in*, provém talvez de pronúncia dialectal. *Quintal* é appellido antigo na ilha da Madeira, diz A. R. d'Azevedo nas notas ás *Saudades da Terra* de G. Fructuoso, Funchal, 1873, pag. 530, onde cita exs. do sec. XVII.

sum, mas ali *s* tinha outro valor, pois se tornou sonoro em português (archaico): *suso*; a forma *susum* é também antiga, e muito corrente nos AA. latinos.

Accidentes geraes: prosthese de *i* em *Iscolasticus* (nome proprio) = *Scholasticus*, e *Ispumosus* (idem) = *Spumosus*; syncope de *i* em *domno* = *domino*, *Prepostus* (nome proprio) = *Praepositus*. — O primeiro phenomeno dá-se também nas palavras portuguezas *estar* < \**istare* < *stare*, e *esposo* < \**isposu* < *sposu* = *sponso(s)*; o segundo em *dono* < *dominu-*, e *posto* < *positu-*.

#### b) MORPHOLOGIA:

Ha mudança de genero em *munimentus* por *monimentum*. — Está aqui em germen um phenomeno que depois apparece geral em português e em romanço, qual é o da substituição do neutro singular pelo masculino: pois hoje dizemos *moimento*, plural *moimentos*.

Como é sabido, e várias vezes se diz nestas lições, o neutro plural latino foi em certas circumstancias considerado como feminino singular, por causa do *-a*: é assim que de *fata*, plural de *fatum*, se fez o singular feminino *fata*. Ora *fata*, como nome feminino, e de mais a mais na forma plural *fate* = *fatâe*, apparece numa importante inscripção romana de Viana do Alentejo; d'ahi vem o port. *fada*.

Nas inscripções acha-se frequentemente *mi* por *mihi*. — Esta forma nada em verdade tem especial, pois se encontra na propria litteratura romana; todavia é nella que assenta o nosso archaico *mi*, que depois se mudou em *mim*. Vid. supra, pag. 52.

Das formas verbaes com character vulgar citarei *posit*, preterito de *ponere*. Ella chama principalmente a nossa attenção, porque d'ahi veio o português *pôs*.

Um dos caracteres da conjugação portuguesa (e romanica) em face da latina é a substituição das formas depoentes por formas activas. Uma inscripção da Tarraconense tem *miseravit* por *miseratus est*, o que a este proposito diz muito.



## c) SYNTAXE:

Por falta de textos propriamente populares, não sabemos quasi nada da syntaxe. O mais notavel é a troca dos casos na regencia das preposições (cfr. supra, pag. 49-50): *pro salutem* em vez de *pro salute*, *cum filios* em vez de *cum filiis*; todavia o primeiro exemplo prova pouco, por isso que na pronúncia vulgar o *-m* havia desaparecido, e podia ser que na linguagem do lapicida tanto valesse *salute* como *salutem*.

## d) VOCABULARIO:

Respigarei: *barca* «barca», numa inscrição do Algarve, do sec. II ou III; *caballus*, numa inscrição de Aljustrel, do sec. II, no sentido de «cavallo» propriamente dito, e não no de «senheiro», que tinha em latim; *lausiae*, na mesma inscrição de Aljustrel, palavra com a qual se relaciona *lousa*; *părămus* numa inscrição de Lião, dos começos do sec. II, no sentido de «planície inculta» (ou em sentido semelhante), em português *páramo*<sup>1</sup>. Nesta última inscrição lê-se ò adjectivo poetico *altifrons*, formado segundo as regras do latim (cfr. *sonipes*), embora não se encontre na litteratura romana.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> A inscrição é metrica, e *paramus* lê-se na seguinte estancia:

Ceruoin altifrontum cornua  
dicat Dianae Tullius,  
quos uicit in parami aequore  
uectus feroci sonipede,

i. é: «Tullio dedica a Diana os galhos dos veados de cabeça alta, que elle caçou na campina erma, levado em fozoso cavallo». *In parami aequore* corresponde ao *aequore campi* vergiliano. Os versos são dimetros jambicos. O primeiro e segundo obedecem á fórmula: -- 0 - -- 00. O terceiro á fórmula: -- 0 - 00 - 00. O quarto á fórmula: -- 0 - -- 00 00. D'onde se vê que se pronunciava *părămus*, com o que está de accordo *páramo* em hespanhol e português.

<sup>2</sup> [Na 2.<sup>a</sup> tabula de Aljustrel, encontrada ultimamente, e conservada hoje no Museu Ethnologico Português, lê-se o vocabulo lusitanico-latino

Pertencente ainda ao periodo abrangido pelas inscripções epigraphicas é o escriptor latino S. Isidoro, bispo de *Hispalis* «Sevilha», chamado por esse motivo *Hispalense*: viveu nos seculos VI-VII, e deixou-nos algumas informações a respeito da lingua vulgar da Peninsula nas suas *Origines sive Etymologíae*, em vinte livros, especie de encyclopedia de definições e noticias litterarias, historicas e scientificas, extrahidas de obras da antiguidade, como elle proprio honradamente declara.

Não deixa de ser curioso o que ahi se diz do character phonetico do fallar iberico: *Omnes Occidentis gentes verba in dentibus frangunt, sicut. Hispani* <sup>1</sup>. Mal poderá determinar-se com rigor o que S. Isidoro entendia por *palavras quebradas nos dentes*, embora elle tivesse em mente sem dúvida as consoantes sibilantes, acaso em palavras como *gracia*, *precium*, *tercia*, que as inscripções hispanicas do seculo VI documentam, em vez de *gratia*, *pretium*, *tertia*, isto é, palavras com *ci* por *ti* <sup>2</sup>. Já Diez assignalou a importancia do testemunho de S. Isidoro para o conhecimento da lexicologia peninsular <sup>3</sup>. Alguns dos vocabulos populares citados pelo bispo pertencem ao patrimonio commum romanico, outros são exclusivamente hispano-lusitanos, outros perderam-se. Mencionarei varios:

*amma*, certa ave nocturna; *cama* «leito», *capanna* «cabana», *francisca*, arma de origem germanica, *lorandrum* «alandro» ou «loendro», *mantum* «manto», *sarna* «sarna».

---

*ternagus*, parece que no sentido de «sondagem» (em flexão, tambem: *ternagum*, *ternagos*, *ternagis*); lê-se além d'isso *occupator*, nome que não ocorre muitas vezes na litteratura romana, embora seja regularmente formado do thema de *occupare*].

<sup>1</sup> Liv. IX, cap. 1.

<sup>2</sup> Cf. Carnoy, *Le lat. d'Espagne [et de Portugal]*, 2.<sup>a</sup> parte, Lovaina, 1903, pag. 149. Estes vocabulos vem na *Anthologia Hispanica* (sec. VIII), e pertencem ao epitaphio de um bispo do sec. VI: vid. *Inscript. Hisp. Christ.* de Hübner, pag. 85.

<sup>3</sup> *Gram. des l. rom.*, I, 87-88.

Não com a nota de vocabulos provincianos, mas usados por elle mesmo, na sua propria linguagem latina, proporciona-nos S. Isidoro o conhecimento de outros mais:

*aera*, no sentido «era», «epoca», liv. v, cap. 36.

*Galicia* e *Gallicia* (xiii, 21; xiv, 4), fórmãs que provém de *Gallaecia*, e que mostram já o «Umlaut», ou metaphonia<sup>1</sup>, que hoje se nota no hesp. *Galicia* e no port. *Galiza* (= *Galliza*)<sup>2</sup>. A fórmula latino-vulgar *Galicia* é-nos conhecida por outros textos antigos, por exemplo pela *Divisio orbis terrarum*<sup>3</sup>.

*Mineus* = *Minius*, rio (xiii, 21; xiv, 4). Hoje diz-se no

<sup>1</sup> Isto é: inflexão da vogal tónica por acção do *i* seguinte. A palavra *Umlaut* é da grammatica alemã, mas por vezes usada pelos romanistas.

<sup>2</sup> Em gallego diz-se hoje *Galicia*, certamente por influencia do hespanhol; por outro lado o hespanhol moderno tem *l*, e não *ll* (= *lh* port.), por influencia do gallego. É curiosa esta acção reciproca entre os dois idiomas em uma mesma palavra. Digo que o hespanhol tem *l*, e não *ll*, pois era de esperar *ll*: cf. nessa lingua *gallego* < *Gallaecu-*; e de facto em hespanhol antigo havia *Gallizia*. O gallego archaico dizia porém *-iza*: cf. «ricome en *Galliza*», sec. xiii, nos *Doc. gallegos*, impressos (mas ainda ineditos) por Martínez Salazar, pag. 75.

<sup>3</sup> [Vid. *Religiões da Lusitania*, iii, 165, nota]. Até o sec. v, a palavra de que estou fallando escreveu-se com *c* inicial; é só d'então em diante que nos textos apparece *g*: vid. Boissevain, in *Mnemosyne* («Bibliotheca Philologica Batava»), xx (1892), 286-293. Carnoy, *Le lat. d'Espagne [et de Portugal]*, 2.<sup>a</sup> parte, Lovaina, 1903, pag. 160, explica a transformação do *c* em *g* como «évidemment intentionnelle, due au désir de rappeler l'origine celtique de plusieurs peuplades de cette région, par un rapprochement avec le mot *Gallus*». Isto é muito pouco provavel. Note-se que estamos, como se viu, no sec. v, ou ao menos no sec. iv, se se quiser admittir que, embora a escrita seja d'aquelle seculo, a pronúncia a antecedeu. Quem havia de intencionalmente mudar *c* em *g* por influencia de *Gallus*, isto é «Gaulês» ou «Celta»? O povo? Mas este no sec. v ou iv não se preocupava com genealogias celticas, tanto mais que mal conheceria os Gallos. Os eruditos? Mas estes escreviam nos seus gabinetes, e não influíam no povo com relação a uma palavra geographica nas condições d'esta. A transformação de *c* em *g* é difficil de explicar, não o nego. Talvez de *Callaecus* se fizesse *Gallaecus* por dissimilação; em tal caso *Gallaecia* assentaria em *Gallaecus*.

romanceo peninsular *Minho-Miño*. A graphia de S. Isidoro mostra a confusão de *-ius* com *-eus*, exemplo que merece juntar-se aos que Carnoy reuniu no seu livro, 1.<sup>a</sup> parte, pag. 34 ss.

*Vlyssipona* por *Olisipo* «Lisboa» (xv, 1). A mudança de o- em v- era já antiga, pois em Pomponio Mela (sec. i) se lê *Vlisippo*<sup>1</sup>, e numa inscripção romana de Coruche ha o adjectivo *Vlisiponensis*<sup>2</sup>. Facto mais moderno é a transformação de *Vlisippo* ou *Vlisipo* em *Vlisipona*; esta substituição de um nome da 3.<sup>a</sup> declinação em *-o(n)-* (*Olisipo-Olisiponis*) por outro da 1.<sup>a</sup> em *-ona* deu-se tambem em *Barcino* { *Barcinona* > *Barcelona* > hesp. *Barcelona*, *Narbo* { *Narbona* > fr. *Narbonne*, *Tarraco* { *Tarracona* > hesp. *Tarragona*, e tem já o seu protótypo em latim, onde ha *Ancōna* a par de *Ancon*, *Crotōna* a par de *Croto* e de *Croton*, *Marathōna* a par de *Marathon*, nomes cujas fórmas gregas tem o accusativo em *-ōna*, o qual certamente serviu de norma para o nominativo latino em *-ōna*. É em *Ancōna* que assenta a actual fórma italiana *Anconā*. — Á par de *Vlisipona*, em S. Isidoro, temos na *Cosmographia* do Ravenate, iv, 43, *Olisipona*.

Ao terminar este brevissimo esbôço do latim vulgar hispano-lusitano, convém observar que tal latim nada, ou pouco, tem especifico, pelo que toca á Grammatica; os phenomenos que nelle se encontram, encontram-se geralmente tambem noutras regiões da Romania, e até já ás vezes na litteratura. Em todo o caso estão ahi algumas das raizes da lingua portuguesa, e por isso o tomei em consideração, apesar da sua escassez. Pelo que toca ao lexico, devo observar que ha hoje palavras que parece se encontram, umas, só em hespanhol e português, como *redor-rededor*, de *rotatore*, outras, só em português, como *cossoiro*, de *cursoriu-*,

<sup>1</sup> *Chorographia*, III, 7.

<sup>2</sup> *Corpus*, II, 124.

*vassoira*, de *versoria*, *vindoiro*, de \**venitoriu*<sup>1</sup>: taes factos é claro que ascendem á epoca romana.

\*

Considerámos atéqui o periodo do latino vulgar. Vem depois o periodo que chamo *português prehistorico*, e que decorre desde as origens da lingua até o seculo IX. A nossa lingua nesse periodo não nos é testemunhada por documentos escritos; só por inducção a reconstituimos.

Os limites dos dois periodos são completamente vagos, pois, por um lado, não se determina á origem d'uma lingua epoca fixa,—uma lingua não nasce de pronto como um individuo, em dia e hora susceptiveis de se marcarem no calendario e no quadrante, mas evoluciona lentamente, como o feto no seio materno; por outro lado, se do seculo IX em diante possuimos textos latino-barbaros onde o português transparece, o que elles nos dizem não basta para se conhecer a lingua em seu pleno desenvolvimento, e torna-se ainda necessario recorrer ao methodo inductivo; além d'isso uma palavra deixaria de se denominar prehistorica, logo que por acaso se descobrisse um texto latino-barbaro que a contivesse. Todavia comprehende-se que entre a epoca do latim vulgar em que se dizia \**medecina* (*medicina*), e as epocas historico-portuguesas onde nos documentos se encontra *mezinha* e *meezinha*, houvesse um tempo em que se dissesse \**medezina* e \**meezina*, fórmas que já não tem caracter latino, e que por tanto são portuguesas prehistoricas.

Se uma lingua constasse só de uma serie de palavras que obedecessem á mesma norma, seria facil ou possivel dizer quando ella começa, e quando a lingua-mãe acaba: no citado exemplo \**medezina* contrasta com *medicina*, porque em latim não exis-

---

<sup>1</sup> [Os Lusitanos gostavam de nomes em *-orius*, (*-torius*, *-sorius*); cf. tambem *solutorius*, citado supra, pag. 14, nota 1].

tia som igual ao que em português representamos por *z*. Na realidade porém as cousas passaram-se de modo diverso. Concorrentemente com uns phenomenos que se delimitam bem, notam-se outros que não se delimitam. De mais a mais, com a Phonetica vem complicar-se as restantes partes da Grammatica: aos factos de uma não correm parallellos os de outra. E ha vocabulos que são ignaes em latim e português, como *ama* (imperativo), *casa*, *de*, *mi*, *rosa*, *se* (pronome), *sol*, *te*, *testa*, *tres*, *tu*, *uva*: quando é que elles deixam de ser tidos, isto é, sentidos, como latinos, para o serem como portuguezes?

Por isso não se falla com absoluto rigor quando se diz: o português provém do latim. Rigoroso seria dizer: o latim continúa a existir modificado, e essa modificação tem o nome de — português; pois que, olhado cada um dos dois idiomas no seu conjuncto e na sua complexidade, de maneira alguma se assignala numa linha contínua, que os representasse, um ponto em que um termine e o outro principie.

\*

Ao português prehistorico segue-se o *português protohistorico*, já revelado nos documentos latino-barbaros. Transcreverei d'ahi alguns vocabulos: *abelia* «abelha», *conelium* «côelho» (arc.), *estrata* «estrada», *ovelha* «ovelha». Nenhuma de taes fórmulas era da lingua viva, pois *abelha* vem de *apicula*, *côelho* de *cuniculus*, *ovelha* de *ovicula*, e não podiam passar por aquelles estadios latino-barbaros; os escrivães medievaes é que, como sabiam que o port. *lh* corresponde ao lat. *li*+vogal, o que achavam exemplificado em *folha*<*folia*, *evangelho*<*euan-gelium*, etc., conjecturaram erradamente que a *abelha*, *coelho* e *ovelha* correspondiam palavras latinas em *-lia* e *-lium*, e re-latinizaram-nas do modo que fica indicado. A palavra *estrata* tambem não existia na epoca a que me estou referindo, pois já -*t*- latino havia dado *-d-*, mas os escrivães, que tinham diante dos olhos *-ada*<*-ata* em *amada*<*amata*, e centenaes de outras palavras com *-d-* por *-t-*, forjaram por esse modêlo *estrata*.

Compreende-se por tanto que nas palavras latino-barbaras possam descobrir-se as verdadeiras palavras portuguesas do tempo. A expressão *protohistorico* é, como *prehistorico*, inteiramente fortuita e transitoria. Suppondo que appareciam documentos portuguezes com todas as palavras que podemos reconhecer no latim barbaro, ella não mais teria cabimento.

\*

Do seculo XII em diante começam a encontrar-se nos cartorios dos mosteiros textos redigidos em portuguez, e com elles se inicia a *epoca historica* da nossa lingua, ou *archaica* propriamente dita, a qual perdura, por causa dos caracteres grammaticaes e lexicologicos, até os meados do seculo XVI, embora nem sempre uniforme.

Aqui cito alguns dos seus monumentos mais notaveis. Com quanto já em parte me referisse a elles na primeira serie d'estas lições (vid. pag. 17-18), os estudiosos não desestimarão o que vou dizer.

A) Sec. XII-XIV:

Cancioneiros trovadorescos, — vid. supra, pag. 104.

Nobiliarios. Possuimos quatro textos: dois na *Historia Genealogica*, um na Bibliotheca Real da Ajuda, e outro na Torre do Tombo. Publicados nos *Port. Mon. Hist.* («Scriptores»).

Varios chronicões publicados tambem nos *Port. Mon. Hist.* («Scriptores»).

Obras mysticas manuscritas, guardadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa e na Torre do Tombo, como: *Orto do Esposo*, *Vergeu de prazer e consolação*, *Tungalo*, *Barlaam*, *Castello Perigoso*, *Santos Martires*, *S. Aleixo*, *S. Bento*, *S. Agostinho*, *S. Nicolau*, *S. Amaro*, *Santa Eufrosina*, *Santa Maria Egypcia*, *S. Eloy*, *Biblia*, *Dialigos de S. Grigorio*, etc.,

—algumas já publicadas no todo ou em parte por Fr. Fortunato de S. Boaventura nos *Ineditos de Alcobça*, e por J. Cornu, Otto Klob, Esteves Pereira, Vasconcellos Abreu, J. J. Nunes, A. Hincker, Pedro d'Azevedo, em revistas ou em opusculos.

*Flores de dereyto*, ms. inedito da Torre do Tombo.

*Livro d'alveitaria*, ms. da Bibliotheca Nacional <sup>1</sup>.

*Demanda do Santo Graall e Livro de Joseph ab Arimathia*, aquella na Bibliotheca palatina de Viena, este na Torre do Tombo. Manuscritos. Cf. supra, pag. 18.

B) Sec. XIV-XV:

*Estoria Geral* (tradução da *Cronica General* ou *Estoria de España*), obra inedita, de que ha quatro codices <sup>2</sup>.

*Côrte Imperial*, ms. da Bibliotheca Municipal do Porto <sup>3</sup>.

*Estoria de Vespesiano*, Lisboa 1496. Ainda que impressa então, é porém muito mais antiga. Esta obra constitue um dos primeiros momentos da nossa imprensa: está na Bibliotheca Nacional de Lisboa o unico exemplar conhecido d'ella.—Nova ed., Lisboa 1905, por F. M. Esteves Pereira.

*Vita Christi*, tradução portuguesa de Fr. Bernardo de Alcobça, publicada em Lisboa em 1495. É tambem um dos nossos poucos incunabulos.

*Cronica da fundaçam do moesteyro de sam Vicente*, Lisboa, 1538, «a qual foi imprimida' . . em a propria lingua antigua em ã foy achada». Cfr. Herculano nos *PMH, Scriptores*, pag. 392.

<sup>1</sup> [Publicado por Gabriel Pereira na *Rev. Lusit.*, XII, 1 ss.].

<sup>2</sup> [Vid. *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 43-44].

<sup>3</sup> [Cf. *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 39-40. — Já depois de redigido o que fôa dito, foi o manuscrito publicado na integra (em 1910, Porto) por José Pereira de Sampaio, director da Bibliotheca do Porto].



c) Sec. xv-xvi:

*Ho Flos Sanctorum em lingoajẽ portugues*, Lisboa, 1513. Ha um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa <sup>1</sup>.

*Cancioneiro Geral* de Garcia de Rêsende, que representa a actividade litteraria dos poetas das côrtes de D. Afonso v, D. João II, e D. Manuel: 1.<sup>a</sup> ed., Almeirim-Lisboa 1516; 2.<sup>a</sup> ed. por Kausler, Estugarda 1846-1852. A 1.<sup>a</sup> ed. foi reproduzida em *fac-simile* na America em 1904 por A. M. Huntington, de Nova-York.

Obras de D. Duarte,—edd. de 1842 (Paris) e de 1843 (Lisboa).

*Livro da montaria*, por D. João I, copia ms. na Bibliotheca Nacional de Lisboa. [Cfr. *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 54].

*Livro de Esopo*, ms. do sec. xv, que deve porém ascender ao xiv <sup>2</sup>.

*Virtuosa Bemfeitoria*, do Infante D. Pedro, que foi morto em Alfarrobeira, ms. da Bibliotheca da Academia Real das Sciencias, cópia de um da Cartuxa de Evora, feita em 1813 <sup>3</sup>.

Chronistas maiores: Fernão Lopez, e Gomez Eannes de Azurara,—cujas obras, já impressas, são bem conhecidas <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Cfr. sobre o assunto: A. Fernandes Thomas, *Cartas Bibliogr.*, II, 77 ss., e o *Catalogo* da Livraria do Nepomuceno, Lisboa, 1897, pag. 84.

<sup>2</sup> [Publicado por mim na *Rev. Lusit.*, vols. VIII-IX, de que se fez separata].

<sup>3</sup> [Tambem publicado em 1910, no Porto, por J. Pereira de Sampaio].

<sup>4</sup> Vid. Innocencio, *Dicc. Bibl.*, s. vv.—Da *Chronica de D. João I* de F. Lopez existe na Torre do Tombo um ms. que está sendo reproduzido como appendice ao *Archivo Hist. Port.* pelo benemerito director do mesmo, o sr. Braamcamp Freire.—Das outras edd. modernas, feitas com intuitos meramente commerciaes, e sem valor philologico, é inutil fallar aqui.

*Chronica do Condestabre* <sup>1</sup>.

*Sacramental*, tradução portuguesa de uma obra de Clemente Sanchez de Verchial, Lisboa, 1502. Na Bibliotheca Nacional ha um exemplar d'esta edição, que é muito rara.

*Boosco delleytoso*, Lisboa, 1515. Obra rarissima, de que se conhecem apenas dois ou tres exemplares <sup>2</sup>.

*Espelho de Christina*, obra moral, mandada traduzir do francês pela rainha D. Isabel, mulher de D. Afonso v, e impressa em Lisboa em 1518 por ordem da rainha D. Leonor, mulher de D. João II. Existe

<sup>1</sup> Várias edd.; as mais recentes são de 1623 e de 1848.

<sup>2</sup> Na Bibliotheca Nacional ha um sem rosto (na subscrição final lê-se *Boosco delleytoso*, e é por isso que o cito assim). Esta obra, ainda que impressa no primeiro quartel do sec. XVI, representa porém uma fase lingüística muito mais antiga, dos começos do sec. XV, ou mesmo dos fins do sec. XIV, pois ahi se lê: *eu som*, que, se ainda vem no *Leal Conselleiro*, já no sec. XVI é posto pelos comicos na bôca dos plebeus; *-om* e *-õe* (*tribulaçom, estávom, disserom, entom, multidoem, mansidõe*), que cessam de existir no sec. XV; *-de, -des* nos verbos (*sodes, cobrade, aueredes, dedes, consoledes, seredes, pi-dyde, receberedes*), que duram até á 1.<sup>a</sup> metade do sec. XV; *sey*, imperativo de *seer*; *escolheytos* «escolhidos»; *para mêtes* («attende»); *sabe por çerto*; *fuy tam coychado*; *muy boo sembrâte e ja quanto* («um pouco») *doroso*, cap. v; *cousas simprezes*; *chegamos a huã virgeu* («vergel») *comprido* («cheio») *de aruores muy fremosas*, cap. v; *entõ tiue mêtes* («olhei») *aa minha parte deestra, e vy*; *graue me he de veer toda criatura*; fórmas muito archaicas, como: *assesego* «sossego», cap. VI (cf. D. Carolina Michaëlis, in *Miscel. di Filolog.*, pag. 155); *congradoar*, (l. congratulari) cap. VII; *dor* mascul., como em latim (*todo o dor luxurioso*, cap. I), *goyvo* (l. gaudium) cap. VII, *grillanda* «grinalda» capp. II e V (cf. ital. *ghirlanda*, fr. *guirlande*), *mana* f. «o manná» (*ha mana*, cap. VI; lat. *manna*, f.); *mezquindade* «mesquinhez» (arab.); *segur* f. (lat. *securis* «machadinha»). O estilo é o mesmo das obras mysticas do sec. XIV e da *Côrte Imperial*. Talvez o *Boosco delleytoso* não passe de reproducção de uma obra impressa no sec. XV, de que não se conheça hoje nenhum exemplar; não era natural que imprimissem pela primeira vez no sec. XVI um antigo texto manuscrito, sem o modernizarem.

na Bibliotheca Nacional de Lisboa o unico exemplar conhecido <sup>1</sup>.

Obras de Gil Vicenté e de Sá de Miranda.

<sup>1</sup> O original francês intitula-se *Trésor de la cité des dames* ou *Livre des trois vertus pour l'enseignement des princesses* por Christine de Pisan, impresso pela primeira vez em 1497 (ha outras edd.). Acerca d'esta auctora (sec. XIV-XV) e de suas obras vid. R. Thomassy, *Essai sur les écrits politiques de Christine de Pisan* suivi d'une notice littéraire et de pièces inédites, Paris, 1833; a pag. LXXVI falla do *Trésor* e da traducção portuguesa; a pag. 185 dá uns extractos franceses. Na Bibliotheca Nacional de Madrid examinei um codice do sec. XV com a traducção portuguesa, em cuja primeira página se lê: *Aquy secomeça o liuº das tres uertudes a inssinança das damas: o 1º capítº deuisa as tres uertudes p cujo mandamento Xpina fez e conpillou o liuº dacidade das damas E lhe aparecerom outrauez e lhe mandarom que fizesse esta presente obra, o qual liuº foi tornado deffrançes em esta nossa linguaem portugues per mandado da muyto exçellente e conprida de muytas uertudes Sñora Rª dona Isabel, molher domuyto alto e muyto exçelente pñcep e Sºr El Rey dom à oquynto deportugal e do algarue e Sñr deçcepta. Visto que D. Isabel foi rainha desde 1447 até 1455 (*Hist. Genealog.*, III, 63-65), a traducção que ella mandou fazer pertence aos meados do sec. XV, e assenta pois num ms., e não na edição francesa, porque esta, como vimos, é posterior. Na Bibliotheca Nacional de Paris compulsei tres mss. franceses: n.º 177 (ant. 7395 e 741); n.º 1180 (ant. 7398 e 849); n.º 452 (ant. 7039 e 675). Não admira que houvesse muitas cópias manuscritas, attenta a notoriedade da obra. Por um lado, o ms. português de Madrid não combina nem com o original francês impresso, nem com a ed. portuguesa, pelo menos nos lugares que cotejei; por outro lado, os extractos de Thomassy, nos mesmos lugares, differem dos mss. franceses de Paris n.º 177 e n.º 1180; finalmente, o ms. português de Madrid tambem não combina com o ms. francês n.º 452. — Aqui deixo estas indicações, para que alguém, que disponha de mais tempo do que eu, possa proceder ao estudo da traducção portuguesa, e dar d'ella uma edição critica, baseada no cotejo com o ms. congenere madrileno, e com os textos franceses, tanto impressos, como manuscritos. A lingoagem do texto impresso em Lisboa está modernizada.*

Correia da Serra, *Inedit. de Hist. Port.*, I, 3 ss., suppõe que o célebre Matheus Pisano, mestre de D. Affonso V, seria filho de Christina de Pisan. Cfr. sobre isto Sousa Viterbo, *Archivo Hist. Port.*, II, 256-257, o qual porém não se inclina muito a tal hypothese.

Varias obras historicas contidas nos *Portug. Mon. Historica*  
e nas *Provas da Hist. Genealogica*.

Collecções de documentos, leis e foraes.

Creio que para o meu intento bastará o que deixo indicado. Os estudiosos tem ahi de sobra com que se occupem, pois os assuntos são variados: poesia, romance, historia, moral, philosophia, sciencia, direito, religião, — todos os sinaes da vida d'este povo, outr'ora forte e emprehendedor, que, a despeito da porfia que punha na conquista da independencia, e em, cobiçoso de conhecer o mundo, se ir derramando por longinquas terras, não descurava de exprimir litterariamente aquillo que sentia, e aquillo a que aspirava, — á parte, já se vê, o que pela natureza das cousas (v. g. um testamento) devia por fôrça ficar escrito.

## Phenomenos archaiços no fallar hodierno

- A) **Grammatica:** Terminaçõs *-om* e *-am*, e plural dos nomes.—Vogaes abertas de syllabas atonas.—Digraphos *-eo* e *-ea*.—Plural em *-les* (de *-l*).—Genitivos medievaes mantidos em nomes propios.—Adjectivos.—Pronomes.—Fórnas verbaes — Particulas. — Syntaxe.
- B) **Lexico:** Vários vocabulos.

Quando um phenomeno qualquer está sujeito a evolução, pôde acontecer que no momento B se encontrem indícios do momento A; e assim como no organismo se vêem órgãos atrophia-dos, numa religião official abundam superstições que são restos de religiões anteriores, nos usos da vida ordinaria ha velharias que ascendem a outras civilizações: assim tambem no idioma quotidiano de uma epoca apparecem muitos archaismos que correspondem a fases já antes deixadas por esse idioma.

Vou citar alguns, no que toca ao portugûês, e dispô-los-hei por ordem. Acharemos ahi curiosos factos da vida da lingoagem.

### A) **Grammatica:**

Os nomes da 3.<sup>a</sup> declinação latina acabados em *-onem* deram em portugûês antigo nomes acabados em *-om*, terminação que se manteve litterariamente até o seculo xv. No *Leal Con-selheiro* de el-rei D. Duarte <sup>1</sup> lê-se, por exemplo: *consolaçom*,

---

<sup>1</sup> Redigido entre 1428 e 1433.

*conversaçom, coraçom, deleitaçom, desposiçom, entençom, enxeçuçom, repartiçom.* E na *Chronica de Guiné* de Gomes Eannes, que a escreveu no tempo de el-rei D. Affonso v<sup>1</sup>: *compreiçom, coraçom, criaçom, devaçom, jeeraçom, povoraçom, questom, rezom.* Algumas d'estas palavras não são de origem popular, mas isso pouco importa para o caso, pois obedecem aos typos populares. Antes de *-om* deve ter havido *-õe* em tempos prehistoricos. Quando pois o povo observava uma palavra como *carvoeiro*, que corresponde ao lat. *carbonarius*, estabelecia conexão entre *-eiro*, e a terminação *-om (-õe)* de *carvom*, e pelo mesmo môdêlo formava outras palavras, umas que não ascendiam directamente ao latim, outras que nem mesmo eram de procedencia latina, por exemplo: *algodoeiro, colchoeiro, latoeiro, limoeiro*, — respectivamente de *algodom, colchom, latom, limom*. E com diversos suffixos: *abotoar, affeioar, colchoaria, coãdoaria, se-roar*, — de *botom, affeioçom*, etc.

Andando o tempo, a terminação *-om* tornou-se *-ão*, outr'ora tambem orthographada *-am*. No *Cancioneiro Geral* de G. de Rêsende, que encerra poesias das epocas de D. Affonso v, D. João II e D. Manoel, temos, de um lado, *-am* ou *-ão*, proveniente do lat. *-ANV-* e *ADVNT*, a rimarem com *-am*, proveniente do arc. *-om*, e portanto do lat. *-ONE-*, *-ON-*, *-VN-* etc.; d'outro lado, aquelle mesmo *-am* ou *-ão* a rimar com *-am*, proveniente do arc. *-ã*, e portanto do lat. *-ANE-*, *-ANT* etc.; finalmente, *-am*, proveniente do arc. *-om*, a rimar com *-am*, proveniente do arc. *-ã*. Isto é:

*-am (-ão)* rima com *-am (<-om)*,

*-am (-ão)* rima com *-am (<-ã)*,

*-am (<-om)* rima com *-am (<-ã)*,

o que tudo se vê melhor dos seguintes exemplos, tomados da ed. de Kausler:

A) *vilaão-coraçam* (I, 396), *maão-deuisam* (I, 440), *mão-*

<sup>1</sup> A *Chronica* chega até o anno de 1443.

*tençam* (I, 505), *vilão-nam* (I, 209), *vão-rrezom* (II, 3), *irmão-deuaçam* (II, 294), *vam* adj.-*coraçam* (II, 457), *maão-rrezam* (II, 470), *vaão* vb.-*coraçam* (II, 507), *vam* vb.-*nam* (II, 458), *maão-ordenaçam* (II, 493), *loução-rrazam* (II, 493), *irmão-conclusam* (II, 301), *mão-comparaçam* (II, 513), *mam-decraraçam* (II, 517), *Loruam-payxam* (III, 195), *maão-afeyçam* (III, 225), *veram* sbst.-*tençam* (III, 583), *vylam-melam* (III, 588), *mão-condiçam* (III, 659);

b) *veram* sbst.-*capitam*, cfr. hesp. *capitan*, (II, 298), *ueram* sbst.-*Joham* (II, 354), *mão-Joham* (II, 356), *mão-Rruam*, fr. *Rouen*, (II, 182);

c) *rrepartiçam-dam* (I, 142), *rrazam-Joham* (II, 193), *tençam-pam* (III, 583).

D'isto resulta claramente que no *Cancioneiro Geral* a graphia *-am* tem, como disse, o valor de *-ão*<sup>1</sup>, e corresponde tambem aos já então archaicos *-ã* e *-õ* (*-om*).

Parallelamente aos documentos poeticos, dão-nos os documentos officiaes da epoca de D. João II *criaçam*, *diminuiçam*, *instruçam*, *soçesam*<sup>2</sup>, o que porém não quer dizer que antes não possa já encontrar-se *-am*, ou que depois não continue a usar-se *-om*,—não só porque phenomenos d'estes não se reali-

<sup>1</sup> É curioso observar que em I, 258, ha uma estancia (ou antes pseudo-estancia) de dez versos, cuja primeira parte contém as rimas *podam-payxam*, e cuja segunda parte contém *cortesaão*, *louçaão*, *maão*. Poderia crer-se que taes rimas não eram iguaes, por isso que nas restantes estancias da poesia o auctor rimou a primeira parte de cada uma differentemente da segunda, o que contradiria a conclusão que tirei; mas aquellas rimas são sem dúvida apenas para os olhos: o auctor regulou-se pela orthographia tradicional, e d'ahi lhe proveio como que uma illusão acustica, favorecida tambem acaso pela consideração de que o plural das duas palavras do principio era em *-ões*, ao passo que o das tres ultimas era em *-ãos*. Não faltam imperfeições analogas, mesmo nos poetas mais apurados. As mencionadas graphias em *-am* não podem pois servir de argumento phonologico contra tantos exemplos como os que citei em cima.

<sup>2</sup> Do anno de 1483: *Archiv. Hist. Port.*, I, 394.

zam d'um jacto, mas porque a orthographia, que é quasi sempre muito conservadora, não assignala logo o que a boca diz e o que o ouvido escuta <sup>1</sup>.

Fosse todavia como fosse, vê-se que, comquanto ao *-om* dos primeiros tempos do reinado de D. Affonso v correspondesse *-am* ou *-ão* nos tempos e reinados seguintes, perdurou no espirito de quem fallava a noção do archaismo *-om*, e quando hoje queremos formar certos derivados de palavras acabadas em *-ão*, tenham a origem que tiverem, consideramos nellas como terminação thematic a antiga vogal *-o*, e dizemos pois *-oeiro*, *-oal*, *-oar*, por exemplo *leiloeiro* (de *leilão*), *seroar* (de *serão*) etc. <sup>2</sup>, apesar de ser mais natural dizermos *-ão-z-*, como se vê em *mãozada*, *carvãozinho*.

Temos de modo semelhante *Falcoa* (appellido), *meloá*, *Moiroa* (appellido), que fazem presuppôr masculinos archaicos em *-om*, embora os masculinos contemporaneos d'esses nomes sejam *Falcão*, *melão*, *Moirão*.

Vestigio de um processo archaico filiado no antecedente é tambem o plural *-ões*: *carvão* (*carvom* < carbone-)—*carvões*. A par temos o plural *-ães*: *pão* (*pã* < \**pãe* < lat. pane-)—*pães*. As nasaes do singular alteraram-se, mas o typo morphologico persistiu, e tanto, que *-ões* tornou-se o plural normal dos nomes em *-ão*, procurando os fallantes nivelar por elle todos os outros: é corrente ouvir-se nas provincias *groês* «grãos», *capitoês* «capitães», *cidadoês* «cidadãos», e diz-se por graça *mões* «mãos», não obstante notarem-se oscillações, já na lingoagem popular, como *capães* «capões», *chães* «chãos», *coraçães* «corações», *grães* «grãos», *malães* «melões», *piães* «piões», *pinhães* «pinhões», que se usam, segundo a regra do dialecto local, no

<sup>1</sup> O *-om*, na fórma *-on*, que vale porém *-om* (isto é, *-ō*), continúa a viver em gallego hoje; o mesmo *-om* ficou tambem no Minho e em parte da Beira, mas ahí evolucionou em *-ou*, como actualmente se diz.

<sup>2</sup> Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 92-b, obs.



concelho de Obidos, já na linguagem litteraria, onde ha para *alão* os pluraes *alães*, *alãos* e *aloês* <sup>1</sup>, para *aldeão* os pluraes *aldeãos* e *aldeões*, para *ancião* os pluraes *anciães*, *anciãos* e *anciões* <sup>2</sup>, para *gavião* os pluraes *gaviães* (ant.) e *gaviões* (mod.), para *truão* os pluraes *truães* (ant.) <sup>3</sup> e *truões* (mod.) <sup>4</sup>.

Fica assim desfeita a estranheza que a muitas pessoas causa, e já aos nossos antigos tambem causava <sup>5</sup>, que os nomes que terminam no singular em *-ão* façam o plural, ora em *-ães*, ora em *-ãos*, ora em *-ões*. De facto *-ão* é principalmente a resultante moderna das terminações latinas *-anem*, *-anum*, *-ūdinem*, e *-onem* <sup>6</sup>; os respectivos pluraes são *-anes*, *-anos* (*-anus*),

<sup>1</sup> Vid. o *Dicc.* de Moraes, s. v.

<sup>2</sup> *Dicc.* de Moraes, s. v.

<sup>3</sup> *truães emmascarados* diz Arraez, *Dialogos*, 2.<sup>a</sup> ed., fl. 15 v.

<sup>4</sup> A palavra *dom*, do lat. *donum* «dadia», faz hoje *dons* no plural, mas antigamente fazia *doens*, por exemplo em Camões, *Lus.*, IX, 58, e em Diogo Bernardes, *O Lyra*, 1820, pag. 32. Deve entender-se que serviram de modelo os antigos nomes em *-om* da 3.<sup>a</sup> decl., mas que a par havia na linguagem commum a fórma normal *dons* (<*dōos*), que depois prevaleceu.

<sup>5</sup> Vid.: Fernão d'Oliveira, *Grammatica*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 107-108; e Duarte Nunez, *Orthographia*, Lisboa, 1576, fls. 29 v.-30 v.

<sup>6</sup> Porque é que *pã* e *razom* se mudaram em *pão* e *razão*? ou por outra, porque é que *-ã* e *-õ* (*-om*) deram *-ão*? Supponho que em certa epoca repugnaram ao ouvido as vogaes *nasaes -ã* e *-õ* em fim de syllaba, e que ellas receberam o apoio da vogal *-o*, d'onde *-ão* e *-õo* (não é raro ainda hoje ouvir ao povo *fĩe*, *tũe*, *pẽi*, etc.). Depois *-õo* desenvolveu-se em *-ão*, ou por dissimilação, ou por confusão com a outra terminação *-ão* dos nomes que vinham de *-ANV* e *-ANE*, ou espontaneamente. Os nomes em *-õe* deram *-õ*, porque o plural *-ões*, que era igual nesses nomes e nos que vinham de *-ONES*, provocou um mesmo singular: isto é, a *razões* correspondia *razõ*, e por isso a *multidões* fez-se corresponder *multidõ*; em seguida *multidõ* seguiu a mesma via de *razõ*, tornando-se *multidão*. Perguntar-se-ha, comtudo, porque é que, havendo-se *pã* alterado em *pão*, e *razõ* em *razão*, não se alterou *lã* em *lão*, nem *bõ* em *bão*. É que *lã* vem de *lãa* <lat. *lana*, e *bõ* de *bõo* <lat. *bonu-*, e na epoca em que *pã* se transformou em *pão*, e *razõ* em *razão*, ainda *lãa* e *bõo* não haviam evolucionado em *lã* e *bõ*, e não podiam pois amoldar-se a *pã* e

-udines, -ones, que tiveram evolução regular em *-ães*, *-ãos*, e *-ões*; por isso:

{ panem > \**pãe* > *pā* > *pão*,  
 { panes > *pães*;  
 { germanum > *irmão*,  
 { germanos > *irmãos*;  
 { manum > *mão*,  
 { manus > *mãos*;

*razõ*. Figuro no seguinte eschema, em linhas verticaes, os factos taes como imagino que aconteceram (não se dê porém ás epocas valor absoluto):

	1	2	3	4	5	6
epoca A (lat. vulg.):	-ONE	-VDINE	-ANV	-ANE	-ONV	-ANA
epoca B (prè e protohist.):	* <i>-õe</i>	<i>-õe</i>	<i>-ão</i>	* <i>-ãe</i>	<i>-õo</i>	<i>-ãa</i>
epoca C (até o sec. XIV):	<i>-õ</i>	<i>-õe, -õ</i>	<i>-ão</i>	<i>-ã</i>	<i>-õo</i>	<i>-ãa</i>
epoca D (sec. XIV-XV):	<i>-õ, *-õo</i>	<i>-õe, -õ, *-õo</i>	<i>-ão</i>	<i>-ão</i>	<i>-õo, -õ</i>	<i>-ãa, -a</i>
epoca E (do sec. XV-XVI em diante):	<i>-ão</i>	<i>-ão</i>	<i>-ão</i>	<i>-ão</i>	<i>-õ</i>	<i>-ã</i>

Convém notar que a fase \**õo* está ainda hoje representada no fallar interamnense e em parte do beirão (costumo escrever *-õu* para maior clareza), vid. supra, pag. 142, nota 1. Nesses fallares o povo confunde os ditongos, e diz por exemplo *põu* por *pão*, *bão* por *bõ*; tal confusão resulta de influencia da lingua litteraria, porque os rusticos, ouvindo dizer aos cultos *pão* e *bom*: como que os corrigem.

O moderno ditongo *-ão* tem não só a origem indicada nas tabellas 1 a 4, mas ainda outras:

*alçapão*, por *alça* + *põe*, foi tirado do plural *alçapões*, por causa da correspondencia entre *-ões* e *-ão*: vid. D. Carolina Michaëlis in *Miscellanea di Filologia*, Florença, 1885, pag. 117.

*alinhavão* provém de *a linha vã*: vid. eandem, *ibid.*, pag. 118.

*Requião* vem do germanico-latino Riquilani: vid. Pedro de Azevedo, in *Rev. Lusit.*, VI, 49.

Além d'isso o suffixo *-ão*, do lat. *-anus*, pôde juntar-se a nomes que não são de origem romanica, o que se vê em *aldeão*, derivado de *aldea*, nome arabico.

{ multitudine- > *multidõe* > *multidõ* > *multidão*,  
 { multitudines > *multidões*;  
 { rationem > \**razõe* > *razom* > *razão*,  
 { rationes > *razões*.

O methodo historico-comparativo dá grande luz para a comprehensão dos phenomenos glottologicos. Com razão disse Duarte Nunez que *pela analogia e correspondencia de hũas lingoas a outras se póde saber a origem de muitos vocabulos e fórmãs grammaticaes* <sup>1</sup>.

\*

Continuando o nosso rebusco, de archaismos na grammatica moderna, acharemos outros.

É sabido que nas syllabas atonas repugnam á nossa lingoa as vogaes oraes (ou abertas, ou fechadas) *à, è, ê, ò, ô*, que por isso se pronunciam *a* (fechado), *e* (surdo), *u*; de *fãca* fez-se *facada*, e não *fãcada*; de *abérto* fez-se *abertura*, e não *abèrtura*; de *rêde* fez-se *enredar*, e não *enrêdar*; de *pórta* fez-se *porteiro* (escreve-se *porteiro*), e não *pòrteiro*; de *pôço* fez-se *pucinho* (escreve-se *pocinho*), e não *pôcinho*. As excepções a esta regra geral estão sujeitas a várias condições, que porém não posso aqui estudar desenvolvidamente. Assim o povo do Norte e Centro do reino, ao formar deminutivos em *-inho* de polyssylabos cuja vogal tónica é *o* ou *e* abertos, conserva estas vogaes: *rôca-ròquinha*, *pérto-pèrtinho* <sup>2</sup>, e não *ruquinha* e *pertinho*, como em Lisboa. Quando o suffixo deminutivo se liga ás palavras primitivas por intermedio de *-z-*, as vogaes abertas d'aquellas mantem-se: *rôcazinha* (em todo o reino), e não *ruca-*

<sup>1</sup> *Orthographia*, Lisboa, 1576, fl. 29 v.

<sup>2</sup> As outras vogaes ficam ensurdecidas: *cása-casinha*, *pêra-perinha*, *fôrno-furninho*.

*zinha*. Antes de *l* as vogaes abertas ou fechadas mantem-se tambem na lingua litteratura: *fũlcão, bêldade, sôldado* <sup>1</sup>; a lingua popular procede de várias maneiras. Os Brasileiros dizem *sôprar, pêqueno*.

Outra excepção notavel á regra geral, e d'ella vou agora tratar, porque depende tambem de um typo phonetico archaico, dão-no-la as seguintes palavras: *caveira, padeiro, sadio, vadio; aquècer, crêdor, empècer, geração, esquècer, mêzinha, prègar, vèdor; corado, pop. dorido, mordomo*. Esperar-se-hia *caveira, aquecer* (como creio que se diz na India), *curado*, etc. Litterariamente diz-se *durido* (escreve-se *dorado*), não por atenuamento da vogal, devido á tendencia commum, mas por um motivo que adiante indicarei.

1) Com *à*:

*caveira*. Fórmãs anteriores: *\*caaveira* < *\*calaveira*; esta ultima é justificada pelo hespanhol *calavera*. O etymo está no lãt. *calvaria*, que tem a mesma significação; intercalou-se um *a* no grupo *-lv-*, phenomeno a que se chama *suarabhacti* ou *anaptyxe* (anapticse) <sup>2</sup>: d'onde resulton *\*calavaria*. Deram-se phenomenos analogos em: *carapinteiro* < *carpinteiro* e *caravão* < *carvão*, palavras tão mofadas na lingoagem vulgar de Lisboa; *Selivana* < *Silivana* < *Silvana*, na lingua popular do Norte; *Silverio* < *Silverio*, no Alemtejo <sup>3</sup>. Já Diez notou isto em portugûes e hespanhol <sup>4</sup>. A vogal que se intercala é do mesmo timbre da da syllaba anterior: *i* em *Silverio*, *a* em *carvão*, etc. <sup>5</sup>.—De *\*calava-*

<sup>1</sup> Cf. Gonçalves Vianna na *Romania*, XII, 55.

<sup>2</sup> O primeiro termo é usado na grammatica sanscritica; o segundo tem origem grega (ἀνάπτυξις; « desenvolvimento »).

<sup>3</sup> A. Th. Pires na *Rev. Lusit.*, x, 243.

<sup>4</sup> *Etym. Wb.*, 4.<sup>a</sup> ed., pag. XIII.

<sup>5</sup> [Cf. Carnoy, *Le lat. d'Espagne [et de Portugal]*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 108].

ria passou-se para \**calaveira*, pela mudança de -aria em -eira, o que também se vê em *primaria* > *primeira*, e pela syncope do -l-, o que também se vê em *mala* > *maa* > *má*.

*pãdeiro*. Fórmulas anteriores: *paadeiro*<sup>1</sup> < \**pãdeiro* < \**panadeiro*. Estas últimas correspondem ao hesp. *panadero*. O etymo está no lat. vulg. \**panatariu* } \**panata*, como se houvesse nesse latim o verbo \**panare*, derivado de *panis*; cfr. de um lado (quanto ao sentido), o lat. *panarius* «*pãdeiro*», e do outro (quanto a \**panata*), o port. *pada* «*pão pequeno*»<sup>2</sup>. O suffixo -eiro < -arius, junto a temas de substantivos, denota agente, artifice: *livreiro* «o que vende livros», *ferreiro* «o que trabalha o ferro».—De \**panatariu*- passou-se para \**pãdeiro*, pela mudança de -ariu em -eiro, como ha pouco vimos, pela mudança de -t- em -d-, como em *prado* < *pratu*, e pelo nasalamento de *a*, como em *rana* > *rãa*; depois \**pãdeiro* deu successivamente *paadeiro* e *pãdeiro*, como *gãado* deu *gaado* e *gado*. Além de se justificarem, segundo vimos, as alterações de \**panatariu*-, esta palavra acompanhava os destinos de \**panata*: \**panada* > *pãada* > *paada* > *pada*, visto que \**panata* lhe era vizinha na forma e na significação.

*sádio*. Fórmulas anteriores: \**saadio* < \**sãadio* < lat. \**sanativu*-, forma derivada de *sanatus*, participio de

<sup>1</sup> Cf. *paadeira* nas *Leges et Cons.*, pag. 410, forma archivada por Cortesão, *Subsidios*, s. v.

<sup>2</sup> Usa-se em Guimarães um pão, de certa forma e tamanho, chamado *pádoa*. Supponho que esta palavra vem de \**panatula*; o mesmo suffixo diminutivo -*ula* se vê em (gallego) *bágoa* «*lagrima*» < *bacula*, *Châmoa* (nome ant.) < *Flammula*, *mágoa* < *macula*, *nódoa* < *notula*.

sanare<sup>1</sup>. Outros exs. de junção do suffixo -ivus ou -ivus < -io a themas de participios ou de adjectivos são: *corradio*—*corredio*<sup>2</sup>, *correntio*, *doentio*, *erradio*, *escorregadio*, *fugidio*, *lavradio*, *prestadio*, *regadio*, respectivamente dos themas de *corrido*, *errado*, *escorregado*, *prestado* etc., ou dos typos latinos dolente-, erratu-, prestatu- etc., por isso que o latim nos mostra o mesmo processo: *captivus*, *fugitivus*, *nocivus* (cfr. *nocuus*), *vacivus* (cfr. *vacuus*). Visto que o português possuía o suffixo -io, tanto podiam algumas d'essas palavras vir já formadas do latim vulgar, como formarem-se em português. Do latim veio porém directamente *vazio*, que não podia formar-se em português, porque não ha nenhum adjectivo com a fórma *vaz*.—De \**sana-tivu*- passou-se para \**sãadio* > *saadio* > *sádio* por processos analogos aos que vimos a proposito de *pãdeiro*. A terminação -ivu- deu -io, como em *rivu*- > *rio*; cfr. supra, pag. 33.

*vádio*. Fórmãs anteriores: \**vaadio* < \**vagativu*-. Formação analogã á de *sádio*. O adj. \**vagativus* assenta em *vagatus*, e é synonymo de *vagabundus* e *vagulus*. — O -g- syncopou-se, como em *ligare* > *ligar*; cfr. supra, pag. 33. — Acho mais natural explicar assim *vádio*, do que pelo arabigo *baladî* (G. Viana)<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Este verbo deu *saar* em português e gallego antigo (fórma anterior deve ter sido \**sāar*). De *saar*, duplicando-se a terminação, veio *saarar* > *sarar*, segundo a explicação de Cornu, *Die portug. Sprache*, § 255.

<sup>2</sup> A segunda fórma é a mais usual, mas a primeira tambem existe (vid. o *Dicc.* de Moraes). De *corradio* passou-se para *corredio* por dissimilação de *i-i*, como de *Zephyrino* (= *Zefirino*) para *Zeferino*.

<sup>3</sup> Vid. *Rev. Lusit.*, III, 189 (D. Carolina Michaëlis). [Cornu, que na 1.<sup>a</sup> ed. da *Gram. der port. Spr.*, § 131, aceitára o etymo arabigo, prefere-lhe na 2.<sup>a</sup> ed. tambem o etymo latino].

2) Com *è*:

*aquecer*. Fórmãs anteriores: *aqueecer*<sup>1</sup> < *acaecer*<sup>2</sup> = *a-caecer* < lat. *calescere* (verbo inchoativo de *calère*). — Da syncope do *-l-* fallei ha pouco. Nos verbos inchoativos a terminação *-scere* deu *-cer*, do que vamos já vêr outro exemplo. Os verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação latina passaram em latim vulgar, como já sabemos, ora para a 2.<sup>a</sup>, ora para a 3.<sup>a</sup>; *calescere* tornou-se *calescere*.

*crêdor*. Fórmãs anteriores: *creedor*<sup>3</sup> < \**crededor* < lat. *creditor-*, que tem a mesma significação. O *-d-* syncopou-se como noutras palavras que em breve vou citar.

*empêcer*. Fórmãs anteriores: *empeecer*<sup>4</sup> < lat. \**impediscere* (inchoativo de *impedire*).

*esquêcer*. Fórmãs anteriores: *esqueecer*<sup>5</sup> < *escaecer*<sup>6</sup> < lat. \**ex-cadescere*. — O *-d-* cahiu como em *videre* > *veer* > *ver*. \**Excadescere*, verbo inchoativo, deriva de *cadere* «cahir», porque «esquêcer» é como que cahirem da memoria as ideias pouco a pouco; o prefixo *ex-* denota procedencia. O vb. \**excadescere* tinha pois no latim vulgar da Lusitania accepção metaphorica muito material. Este verbo parece que não se encontra noutras lingoas romanicas. — A passagem da ideia de «cahir» para a de «esquêcer»,

<sup>1</sup> [Cf. *queente* na *Rev. Lusit.*, IX, 37].

<sup>2</sup> [Cf. *acaentar* na *Rev. Lusit.*, XII, 21-6].

<sup>3</sup> Cf. *pódeses creer* em D. Denis, *Cancioneiro*, ed. de Lopes de Moura, pag. 51.

<sup>4</sup> Cortesão, *Subsidios*, s. v.

<sup>5</sup> [Vid. *Rev. Lusit.*, IX, 22].

<sup>6</sup> Em D. Denis, vid. *Cancioneiro*, ed. de Lopes de Moura, pag. 57 (*non pod' escaecer*); no *Cancioneiro da Ajuda*, I, v. 661, v. 1074 (*escaecer*).

tal como fica exposta, é um caso de Semasiologia ou Semantica (cf. p. 4).

*gèração.* Fórmãs anteriores: *geeração*<sup>1</sup> < \**gēeração* < lat. *generatione*-. Esta palavra está hoje algumas vezes attenuada em *geração* (com *e* surdo).—A par temos *gèral*, como em algumas partes se ouve; o mais corrente porém é *geral* (e no povo *jaral*, porque *e* atono muda-se facilmente em *a* antes de *r*: cf. *sargento* < ant. *sergento*, pop. *amaricano* < *americano*, etc.)<sup>2</sup>.—Em *gerar* < lat. *generare* hoje ninguém diz senão *e* surdo, apesar de dever ter havido \**gèrar*, \**geerar* e \**gēerar*.

*mèzinha.* Fórmãs anteriores: *meezinha*<sup>3</sup> < \**meezĩa* < \**meezina* < \**medezina*<sup>4</sup> < lat. *medicina*.

*prègar.* Fórmãs anteriores: *preegar*<sup>5</sup> < \**predegar* < *predigar*<sup>6</sup> < lat. *praedicare*.—O *-c-* abrandou normalmente em *g*, como em *plicare* > *chegar*. Da syncope do *d* fallei acima.

*vèdor.* Fórmã anterior: *veedor*<sup>7</sup>, derivada do thema de *veer*<sup>8</sup> < *videre*, porque *vèdor* é, segundo diz o povo, o que «vê onde ha fontes encobertas»<sup>9</sup>:

<sup>1</sup> Cortesão, *Subsidios*, s. v. Cf. tambem: *geerar* no cod. ms. n.º 244 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, fl. 74 v.—No *Cancioneiro Geral* ha *geeraçam*, I, 244, mas ahi *ee* valem *e*, como hoje se diz.

<sup>2</sup> Fórmãs anteriores de *geral*: *geeral* (secc. XIV e XV) < \**gēeral* < lat. *generale*-. Cf. *geeralmente*. Vid. *Ineditos da Academia*, IV, 583, 596 e 603, e Oliveira Guimarães, *Doc. Ined.*, pag. 156 (*geerall*).

<sup>3</sup> Cf. *ameezinhar* no *Boosco delleytoso*, cap. VI [e vid. *Rev. Lusit.*, IX, 30].

<sup>4</sup> Cf. supra, pag. 131.

<sup>5</sup> Cortesão, *Subsidios*, s. v. -

<sup>6</sup> Cortesão, *Subsidios*, s. v. «preegar». Seculo XI. Documento latino.

<sup>7</sup> *Ineditos d'Alcobaça*, IV, 603.

<sup>8</sup> [*Rev. Lusit.*, IX, 44].

<sup>9</sup> Cf. Moraes, *Dicc.*, s. v.—Sobre esta superstição; vid. *Trad. Pop. de*



suffixo *-dor* < lat. *-tore-*, que se junta aos themas verbaes para formar nomes de agente (*matador*, *corredor*, *abridor*). Ao passo que *crêdor* pôde ter vindo directamente do latim (onde ha *crêditor*), *vêdor* pôde ter-se formado directamente em portugêes. São cousas que não é facil decidir, porque nos faltam textos que documentem todas as palavras latino-portuguesas, desde a origem; mas tambem isto não tem importancia nenhuma, porque se trata de suffixos moveis e vivos que se juntam ou não aos themas, á vontade da pessoa que falla, a qual não tem de obedecer a typos estaveis. — A proposito de *vêdor*, no sentido de « *vêdor d'agoas* », notarei de passagem que não deve confundir-se essa palavra com *veador* ou *viador* (da casa real), porque *veador-viador*, se provém indirectamente do lat. *videre*, provém directamente, quanto a mim, do hespanhol *vèèdor* (no mesmo sentido): o port. arc. *veedor*, não podia dar de um lado *vêdor* e do outro *veador-viador*, ao passo que o hespanhol *vèèdor*, introduzido numa epoca em que *-ee-* já não se simplificavam em *ê*, modificava-se sem difficul-

---

*Portugal*, § 376. — Em poder de Monsenhor Ferreira, illustrado Prior de Villa do Conde, vi um ms. do sec. XIX, onde se dão regras aos *vêdores* para descobrirem agoas: *Alguas* (sic) *regras ou observaçoens sobre a vedoria das agoas*. Em contraposição com elle conheço tambem um folheto intitulado *Arte de descubrir as aguas em toda a qualidade de terreno sem auxilio dos vêdores* por João M. F. de Magalhães, Porto, 1870. — Como na mente popular a ideia de « *vêdor* » desperta a de « *pessoa sisuda, pensadora* », passou a respectiva palavra tambem a significar isso: « *esteve aqui um vêdor* », disse-me uma vez um moleiro em Guifões (Bouças), fallando-me de certo archeologo, já de idade madura (hoje fallecido), que alli fôra ver umas ruinas antigas. Eis ahi mais um exemplo semasiologico, semelhante a *esquêcer*, de que fallei ha pouco.

dade em *-ea-*, *-ia-*<sup>1</sup>, e explica satisfactoriamente *veador-viador*<sup>2</sup>.

3) Com ò:

*còrado*. Fórmãs anteriores: *coorado*<sup>3</sup> < \* *colorado* < lat. *coloratu-*, participio de *colorare* «córar», «tingir». — Cf. o vocabulo seguinte.

*dòrido* «dorido». Fórmãs anteriores: *doorido*<sup>4</sup> } *door*<sup>5</sup> < lat. *dolore-* «dor». Acerca d'esta formação com o suffixo *-ido* < *-itu-*, que denota provisão, e, embora com o typo de participio, se junta a themas de substantivos para formar adjectivos, vid. Diez, *Gr. des l. rom.*, II, 329-330. Analogamente dizemos hoje *dorido* e *espavorido* = *es-pavorido*. — Em vez de se deduzir *doorido* directamente de *door*, podia tambem admittir-se que provinha de \**dolorido* } \**dolor*. — Em textos antigos (sec. XVI) encontra-se *dolor*<sup>6</sup>, mas como latinismo litterario, acaso provocado pelo hespanhol *dolor*; não é d'ahi que vem *door*, por isso appus asterisco ao primeiro \**dolor*. É porém do segundo *dolor* que vem ò moderno *dolorido*. Ás

<sup>1</sup> Cf. pop. *piadade* < *piidade*. Na mudança do hesp. *vèedor* em *veador* influiria acaso tambem a antiga palavra *veador* «caçador», do lat. *venatore*. Ainda no sec. XVII se dizia *veador* no sentido a que me estou referindo, como se vê d'este titulo: *Honras christans* por Vicente da Costa Mattos, Lisboa, 1625, «debaixo da protecçam do .. marques de Castel Rodrigo .. gentilhomem da camara de S. M., e *veador* de sua fazêda».

<sup>2</sup> Já Moraes, *Dicc.*, diz que *veador* se formou de *veedor*, mas vê nesta palavra o português archaico, e não o hespanhol. O auctor do *Novo Dicc.* suppõe *veador* êrro em vez de *viador*, e explica *viador* por *via*, sem lhê importarem os textos em que vem *veador* e *veedor*, citados por Moraes!

<sup>3</sup> Por ex.: «e a face della era muy alua he [= e] *coorada*», no *Boosco delleytoso*, cap. v.

<sup>4</sup> Vid. exemplos em Cortesão, *Subsidios*, s. v.

<sup>5</sup> Cortesão, *Subsidios*, s. v.

<sup>6</sup> Moraes, s. v.

vezes dão-se d'estes phenomenos, que são apparentemente contradictorios, e podem embarçar os principiantes, posto que sejam de explicação clara. Devem ter-se sempre em mente as irrupções que de vez emquando fazem na lingua, causadas pelos eruditos, ou noutras circumstancias, os latinismos e estrangeirismos, que embatem com palavras da mesma fonte, e já preexistentes. Resumindo o que acabo de expôr, vemos: *dolore* > \**dolor* > *door* > *dor*, fórmas naturaes e successivas, desde a epoca do latim vulgar até hoje. No seculo XVI, ou antes, aceita-se na lingua o latinismo *dolor*, que ficou a coexistir com *dor* ou *door*, mas que nada tem com \**dolor*, fórma extincta em tempos anteriores. A segunda palavra *dolor* entrou numa epoca em que -l já não cahia, e por isso manteve-se intacta. — *Dòrido*, como já disse, é fórma provinciana; na lingua litteraria diz-se *durido* (embora se escreva *dorido*), porque se formou de *dor* immediatamente um adjectivo: á tradição archaica de *doorido* contrapôs-se a concepção recente, e aquella palavra foi pois substituida por *durido* (*dorido*).

*mòrdomo*. Fórmas anteriores: *moordomo*<sup>1</sup> < *maordomo*<sup>2</sup> < *maiordomo*<sup>3</sup> < lat. maior-domūs, litteralmente «o (criado) maior da casa», sentido 'que depois se modificou. O adjectivo *mor* (*moor*) era corrente em português antigo na acepção em que hoje emprega-

<sup>1</sup> Cortesão, *Subsidios*, s. v.

<sup>2</sup> Cortesão, *Subsidios*, s. v., cita *maordomo* como das *Leges et Cons.*, pag. 836, mas o texto em que essa palavra se lê não é puro português. No Minho, comtudo, é hoje corrente *maor*. Em leonês antigo ha tambem *maor*: vid. Gessner, *Das Allleonesische*, Berlim, 1867, pag. 16.

<sup>3</sup> *Inquisitiones*, pag. 90; cf. hesp. *mayordomo*.

mos *maior*<sup>1</sup>: ainda no sec. XVI o empregam Sá de Miranda<sup>2</sup>, Camões<sup>3</sup>, e Arraiz<sup>4</sup>. Mas *maior* (ou *mayor*) usava-se a par: *Monte Mayor* no *Cancioneiro da Ajuda*, I, 663, e *mayor*, I, 1079, 4827, etc.; *mayor* em D. Denis<sup>5</sup>; *mayor* e *moor* (= *mor*) numa mesma poesia do *Cancioneiro Geral*, t. I, pag. 82; numa sextina de Camões<sup>6</sup>, etc. Na lingua moderna ficou *mór* apenas em nomes compostos que se applicam, quer a cargos de character mais ou menos antiquado, como *bibliothecario-mor*, *guarda-mor*, *mordomo-mor*<sup>7</sup>, quer a objectos do mesmo character, como *altar-mor*, *capella-mor*; tambem se usa a expressão estereotypada *pela mor parte*. Todavia *mor* no Norte de Tras-os-Montes vive como comparativo usual de «grande», exactamente como *maior* na lingua commum; no Minho dizem *maor*, fórma que representa a transição de *maior* para *moor* e *mor*. — Semelhante a *mòrdomo* temos *mòrgado*, que vem de \**maioricatus*<sup>8</sup>, por intermedio de \**maiorgado*

<sup>1</sup> [*Rev. Lusit.*, IX, 32].

<sup>2</sup> «em estremo me espanto com usares tam facilmente cousas dos *mores* inimigos» (*Obras*, ed. de D. Carolina Michaëlis, pag. 432); «os *mores* principes do mundo» (*ib.*, pag. 528).

<sup>3</sup> Que *mor* cousa parece que tormenta (*Lus.*, v, 38).

Que seja *mor* o dano que o perigo (*ib.*, v, 43).

<sup>4</sup> «.. nem corrompas muytas boas partes .. nem a graça de tão grandes meritos com *mòr* culpa, que a causa della». *Dialogos*, 2.<sup>a</sup> ed., fl. 49 v., col. 1. A par usa *maior*: «a *maior* perda que nos pode vir», *ib.*, fl. 50, col. 1.

<sup>5</sup> «E se mi non fosse *mayor* prazer» (*Canc.*, ed. de L. de Moura, pag. 21).

<sup>6</sup> «Mas sobre a *mayor* dor que soffro e passo» (*Rimas*, ed. de J. F. Barreto, II, pag. 115).

<sup>7</sup> Em *mordomo-mor* figura duas vezes; mas na primeira parte do nome, quem diz a palavra, já não tem a consciencia de que entra ali *mor*.

<sup>8</sup> Nem Adolfo Coelho no *Dicc. Manual*, nem o auctor do *Novo Dicc.* acertaram com a etymologia, pois ambos propoem \**maioratus* (nessa hypo-

> \**maorgado* > \**moorgado*. Tanto *morgado* como *mordomo* acompanharam, já se vê, a evolução do simples *mor*. Com \**maioricatus* correlecionam-se os nomes geographicos *Maiorga* e *Maiorca*, de povoações da Beira e da Extremadura: um e outro provém de \**maiorica*, o primeiro, por intermedio de \**maióriga*, com abrandamento do *c* intervocalio em *g*, e consecutiva syncope do *i* (cfr. *manga* < *manica*, *Domingo* < *Dominicu-*, *sirgo* < *Sericu-*), o segundo com syncope antiga do *i*, e manutenção do *c*, por não ficar entre vogaes (cfr. *Salamanca* < *Salmantica*). Na Hespanha temos *Mayorga* nas provincias de Valladolid e de Badajoz, *Mallorca* nas Baleares<sup>1</sup>; cfr. *Menorca*, igualmente nas Baleares, de \**minorica*. Comprehende-se que, havendo duas localidades vizinhas, mas de desigual grandeza, as suas denominações traduzam isso, e que uma se chame pois «maior» que a outra; contrapostas a *Maiorca* e *Maiorga* (*Mayorga*) é natural que houvesse denominações correspondentes á ideia de «menor» ou de «pequeno», do mesmo modo que a *Mallorca*, ilha «maior», corresponde *Menorca*, ilha «menor». Na origem *Maiorga* e *Maiorca* eram adje-

---

these fica sem explicação o *g*). E comtudo o ultimo, se lesse a *Rév. Lusit.*, lá achava, vol. IV, pag. 335, a etymologia verdadeira.

<sup>1</sup> Esta ultima palavra dizia-se em portugûês do sec. XVII (*Dicc. de Poyares*) *Majorca*; no sec. XVIII (*Bluteau*, etc.) já com ella concorre *Malhorca*, por influencia da correspondente palavra hespanhola. Todavia, ainda nos meados do sec. XIX, se usava nas aulas *Majorca* (e *Minorca*). [Acerca da origem da palavra *Mallorca* < *Mayorca* vid. B. Schädel na *Rev. de Dialectologie romane*, I, 267-268: como os Malhorquinos pronunciam com *y* palavras catalãs que os Barceloneses pronunciam com *ll*, estes viram em *Mayorca* um malhorquinismo, e como que o corrigiram em *Mallorca*, fórma que depois prevaleceu oficialmente.]

ctivos, que deviam concordar com *villa* ou outro substantivo, o qual, como acontece frequentemente, deixou de se usar, concentrando-se toda a significação no epitheto: a par, por exemplo, *Villa Chã* e *Cabeça Gorda*, temos tambem, sem substantivo, *Chã* e *Gorda*. Talvez a expressão que contrastava com *Maiorga* e *Maiorca* fosse *Villa Pouca*, isto é «villa pequena», — tão vulgar no onomastico —, ou outra analoga (visto que tambem ha *Villa Maior*; e cfr. *Villa Meã*); só investigações locais poderiam acaso resolver a dúvida.

Do que expus vê-se que a abertura das vogaes nas palavras *caveira*, *crêdor*, *mòrdomo*, etc., nasceu da duplicidade de vogaes archaicas (*caaveira*, *creedor*, *moordomo*), — vogaes que se simplificaram, — e que essa duplicidade provém, quer de syncope de consoantes que ficavam entre ellas (\**calavaria*, \**crededor*), quer de assimilação (*maordomo*). A lingua antiga mantinha, com effeito, ainda no tempo de D. Denis (sec. XIII-XIV), vogaes duplas, como se mostra da contagem das syllabas nas poesias d'este rei, por exemplo: contam-se como duas syllabas *veer* 51<sup>1</sup>, *doo* 32, *loor* 62, *seer* 171, *rijir* (=riir) 65, *têer* 115<sup>2</sup>, e contam-se como tres syllabas *creede* 33, 51, *têedes* 18<sup>3</sup>, *veede* 13, *mercee* 44. Ao mesmo tempo ha oscillações phoneticas nas mesmas poesias: contam-se como monosyllabos *fe* 22, *ben* 171, *seer* 24, *ir* 42<sup>4</sup>. Taes oscillações deviam corresponder ás da pro-

<sup>1</sup> O numero indica as paginas na ed. de Lopes de Moura (*Cancioneiro d'el-rei D. Diniz*).

<sup>2</sup> Tanto Moura, como Lang (v. 1507) imprimiram *teer*, mas falta til. O mesmo vale de *têedes*, que os dois imprimiram tambem sem til (Lang, v. 229). Cf. sobre isto D. Carolina Michaëlis na *Zs. f. rom. Phil.*, XIX, 516-517. O rimar *têedes* com *queredes* e *devedes* não impede que se faça a emenda, visto que, sendo só nasal o primeiro *e*, a consonancia metrica fica perfeita.

<sup>3</sup> Vid. a nota anterior.

<sup>4</sup> Acerca d'estes caracteres da phonetica dionisiana cf. Diez, *Ueber die*

núncia geral; o poeta adoptava uma ou outra fôrma, segundo as necessidades da metrica e da rima, o que hoje tambem acontece em certos casos, pois se lê nos poetas *p'ra* e *para*, *ouro* e *oiro*, *val* e *valle* ou *vale* (verbo), *aldeões* e *aldeãos*, *soidão* e *solidão*, etc. <sup>1</sup>. No *Cancioneiro da Ajuda* acontecem factos semelhantes: as vogaes duplas contam-se como duas syllabas em *creede* v. 48, *seer* v. 152, *veer* v. 159, *doo* v. 1498, *mercee* v. 7627; ao mesmo tempo temos *fe* v. 266, *seriã* v. 1304, *serei* v. 3439, *conven* v. 4062, *averei* v. 8231, *vedes* v. 9894. A oscillação que vemos nos Cancioneiros vemo-la igualmente no *Livro d'Esopo* (sec. XIV-XV), onde ha, embora em prosa, *braadar* e *bradava*, *coobra* e *cobra* <sup>2</sup>. Os casos em que apparecem as geminações são, ao todo, quatro: ou o accento tonico está na primeira vogal (*maa*); ou na segunda (*seello*); ou antes das duas vogaes (*Bráгаа*), ou depois (*preegar*). Além d'isso, a primeira das duas vogaes pôde ser nasal (*gãado*, *têer*, *vĩir*, *bão*, *ũu*). Era natural que a crase e a simplificação não succedessem de um jacto, tanto mais que de um dos citados casos permaneceram vestigios até o presente. Às vezes a duplicidade da fôrma correspondia á duplicidade da posição da respectiva palavra na frase, por ex. *bon* ou *bom* (em próclise) e *bão* (em pausa); mas a próclise não era necessaria para a simplificação, como o prova *som* de *são*, e *dom* de *dão*.

No *Cancioneiro Geral* de G. de Rêsende (sec. XV-XVI) estão já os dois sons voalicos substituidos por um só, isto é, os respectivos poetas pronunciavam *aa*, *ee*, *oo*, etc. como *á*, *ó*, *é*, pois contavam taes graphias como uma só syllaba <sup>3</sup>: ahi se lê, por

---

*erste portug. Kunst- u. Hofpoesie*, Roma, 1863, pag. 51 [e cf. tambem *Rev. Lusit.*, IX, 48, n. 1].

<sup>1</sup> Do emprêgo de *ũa* por poetas portuenses fallei nos meus *Dialectos interamnenses*, pag. 23 (separata da *Rev. de sc. nat. e soc.*, vol. II).

<sup>2</sup> [*Rev. Lusit.*, IX, 47-48].

<sup>3</sup> Vid. Diez, *Ueber die erste portug. K. u. H.* (já cit.), pag. 51, e J. Cornu na *Romania*, XII, 295.

exemplo, *moor* 1, 2, *fee* 1, 2, *beems* 1, 4, como monosyllabos, e *alguum* 1, 85, *sabees* 1, 167 como dissyllabos; *geeraçam* 1, 244 tem tres syllabas metricas. A tradição orthographica conservou-se, porém, até tarde, e como as graphias antigas *aa*, *ee*, *oo* correspondiam ás vogaes abertas *â*, *ê*, *ó*, começaram a escrever-se vogaes duplas em palavras onde ellas não representavam sons anteriores, mas serviam apenas de accento: *jaa*, *antii-guo*, *hee*, *poobré* <sup>1</sup>. De modo que quando o principiante encontrar *aa*, *ee*, *oo*, etc., não ligará sempre a essas graphias valor absoluto. Umaz vezes ellas traduzem realmente sons vivos (até o sec. XIV), ou são tradição orthographica de pronúncia anterior á epoca a que pertencem (sec. XV-XVI); outras vezes porém não passam de mero recurso orthographico, em vez de accentos (do sec. XVI em diante). Exceptuam-se as palavras que acima estudei, e as analogas que omitti, por quanto, se em textos do sec. XVI ou em textos posteriores apparecerem graphias como *vaadio*, *preegar*, *coorado*, ahí aos sons *â*, *ê*, *ò*, indicados por *aa*, *ee*, *oo*, correspondem germinações phoneticas antigas. — A tendencia geral é ensurdecer as vogaes abertas; e esse ensurdecimento realizar-se-ha mais tarde ou mais cedo, mesmo nas palavras que estudei, como *geração* e *geral* a par de *geração* o fazem antever. Ora é a força do habito que deixa viver palavras que tem feição archaica; ora é o impulso phonetico que provoca a alteração d'ellas <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Cf. Epiphanyo Dias, *Obras de Ch. Falcão*, Porto, 1893, pag. 92-93.

<sup>2</sup> Outros vestigios archaicos de geminação vocalica (atona) temo-lho em *parvoice*, e nas palavras da mesma familia *parvoeira*, *parvoeirão*, *parvoinha*, *parvoejar*, que não vem, como diz Adolfo Coelho e o auctor do *Novo Diccionario*, de *parvo*. Se o etymo estivesse em *parvo*, os derivados soariam *parveira*, *parvinha*, *parvejar*, etc., sem o -o do thema. É isto um principio muito elemental de morphologia. O etymo está em *parvo*, que se lê em textos antigos (vid. Cortesão, *Subsidios*, s. v.), ou directamente no lat. *paruulu*. — Ainda hoje no Alemtejo (Alandroal) se usa *párvoa* como deminutivo de *parvo*, isto é de *parvo*; cf. na Beira *mélroa*, feminino de *melro*. Temos assim *párvoa* < *paruula*, e *melroa* < *merula*.



Depois de ter citado exemplos de manutenção de *à, è, ò* atonos em palavras da lingua commum, convém citar alguns do onomastico. É o que vou fazer.

- **ÀRIZ**, nome de uma freguesia no concelho do Marco de Canaveses. Fórmias anteriores: \**Aariz* < *Alariz* (sec. XI) <sup>1</sup> < *Alarizi* (sec. XI) <sup>2</sup> = *Alarici*, genetivo de um nome gotico, alatinado na idade-media em *Alaricus* <sup>3</sup>. Na origem era *villa Alarici*, isto é, quinta de um individuo que em português moderno podemos chamar *Alarico*; já acima, pag. 42, me referi a este modo de denominar as propriedades. Depois de perdida a noção do genetivo, o nome pessoal tornou-se meramente topographico.

**ÀVEIRO**, nome de cidade. Fórmias anteriores: *Aaveiro* (sec. XV) <sup>4</sup> < *Alaveiro* (sec. XI) <sup>5</sup>. O etymo é obscuro, mas para o meu caso basta saber que a fórmula antiga tinha *aa*, hoje pronunciados *à* <sup>6</sup>.

**BÊSTEIROS**, nome de varias aldeias e sitios <sup>7</sup>. Fórmias anteriores: *Beesteiros* <sup>8</sup> < *Baesteiros* <sup>9</sup> < *Balesteiros* <sup>10</sup> (em lat. barbaro do sec. XI *Balestarios* <sup>11</sup>). A par de *Bêsteiros* ha no onomastico tambem *Bêsteiro* e

<sup>1</sup> *O Archeologo Português*, VIII, 196 (Cortesão).

<sup>2</sup> *O Arch. Port.*, VIII, 196 (Cortesão).

<sup>3</sup> Cf. *Rev. Lusit.*, VI, 49 (Pedro A. d'Azevedo).

<sup>4</sup> *Archivo Hist. Port.*, II, 61.

<sup>5</sup> *O Arch. Port.*, VIII, 196 (Cortesão).

<sup>6</sup> Talvez a palavra seja de origem iberica, isto é, prè-romana. Cf. em vasconço *Álava*, e no antigo onomastico iberico *Alaba* < *Albacete*.

<sup>7</sup> Vid. a *Chorographia* de Bätista, indice, s. v.

<sup>8</sup> *Leges et Consuet.*, pag. 364.

<sup>9</sup> *Leges et Consuet.*, pag. 713.

<sup>10</sup> Cf. *Leges et Consuet.*, pag. 889, num texto porém que não é português puro.

<sup>11</sup> *O Arch. Port.*, IX, 30 (Cortesão). — Cf. *balistarios* na *Leges et Consuet.*, pag. 162, etc.

*Bêsteira*. Como o meu intuito não é historico, mas philologico, abstenho-me de estudar cada palavra em separado, e limitar-me-hei a fazer algumas considerações geraes. Em português antigo *bêsteiro* significava «soldado armado de bésta». A *bésta* (*beesta*, *baesta*, \**balesta*) era uma arma portuguesa com que se arremeçavam settas de várias especies (garrochas, viotes, etc.) e balas <sup>1</sup>: do lat. *balista* «machina de guerra (romana). ou trabuco, que servia para atirar pedras volumosas» <sup>2</sup>; deu-se pois mudança semasiologica (cf. pag. 4), porque o objecto attenuou-se, ao passo que o nome permaneceu, por causa da parecença do novo objecto com o antigo, isto é, da *bésta* com a *balista* <sup>3</sup>. Comprehende-se que haja localidades chamadas *Bêsteiros*, havendo-as tambem com os nomes de *Cavalleiros*, *Escudeiros*, *Monteiros*, e semelhantes.— Quanto a *Bêsteira*, creio que temos aqui outra cousa, embora a palavra pertença á mesma familia. Os *bêsteiros* hervavam as settas com helléboro fetido (*Helleborus foetidus* de Linn.), chamado por

---

<sup>1</sup> Vid. Viterbo, *Elucidario*, s. v. — Numa estampa que acompanha a *Cartinha* de João de Barros (sec. XVI) vem pintada, um pouco porém eschematicamente, uma *bésta*.

<sup>2</sup> Em latim ha *balista* e *ballista*. A primeira fórma existiu no lat. vulgar da Lusitania, e d'ella veio o port. *bésta*; a segunda no da Hespanha, e d'elle veio o hesp. *ballesta*. Está pois aqui uma das particularidades (de lexico) do nosso latim vulgar, ás quaes alludi a pag. 117.

<sup>3</sup> Mudança analogica se observa na palavra *arcabuz*, que, tendo significado outr'ora certa arma de fogo, de fórma especial, se applica hoje na Beira a um brinquedo infantil com que se atiram balas de estopa (compõe-se de um cabo com uma especie de vareta, que penetra num tubo feito de pau de sabugueiro). Este instrumento tem no Baixo-Douro o nome de *estoque*, o qual lhe provém da sua fórma.— Póde ver-se um exemplar na secção ethnographica do Museu Ethnologico Português.

isso dos nossos antigos *herva de bêteiros* ou *herva bêteira*<sup>1</sup>; foi esta herva que, no meu entender, se tornou nome geographico.— Na *Chorographia* de Bâtista cita-se *Bêstal* e *Bestares*, que, pelos seus suffixos, parecem igualmente nomes de origem botânica, relacionados com *bêsta*. Não me espantaria de que, ou porque concomitantemente com *herva de bêteiros* se disse *herva de bêsta*, ou por outra qualquer razão, existisse uma planta denominada *bêsta*. Quando de um nome se queria antigamente formar um derivado com o typo *-al* ou *-ar*, adoptava-se em regra *-ar*, se o nome já continha *l*, e adoptava-se *-al* nas outras circumstancias (o que tem origem no latim): por isso o portuguez nos mostra *Avellar*, de *avellana*, e *pinhal* de *pinu-*. Actualmente *-ar* é suffixo immobilizado ou morto; só *-al* é movel e vivo. D'aqui se infere que *Bêstares* vem de \*balistares ou \*balestares, formado na época em que o radical ainda continha *l*, e que *Bêstal* é formado em época mais moderna, directamente de *bêsta*, ou das suas fórmãs anteriores *beesta* ou *baesta*.— Como, segundo se disse a pag. 160, n.º 2, ao port. *bêsta* corresponde *ballesta* em hespanhol, mencionarei, em confirmação do que asseverei acima, as seguintes palavras do onomastico do vizinho reino: *Balletes*, parallela a *Bêteiros*; *Balletera*, parallela a *Bêteira*; *Ballestar*, parallela a *Bêstal* e *Bestares*. O hespanhol possui a mais *Ballesta*, que não tem, que eu saiba, correspondencia na nossa toponymia.

CÂMÕES, appellido não só do nosso epico, mas de uso geral, embora não muito vulgar. Tambem se encontra no

<sup>1</sup> Viterbo, *Elucidario*, s. v.; e *Flora Pharmaceutica*, de J. J. de Figueiredo, Lisboa, 1825, pag. 303.

onomastico do Alemtejo, da Extremadura e da Beira. Fórmulas anteriores: *Caamões*, em um ms. do sec. xv, que existe na Torre do Tombo, e me foi indicado pelo sr. Pedro d'Azevedo. Na origem é nome geographico, ou elle provenha do nome da ave *camão*, como dizem muitos, ou de *calamus* (i. é \**calamones*), como em tempo *suppus*, — etymo pelo qual, porém, não quebro lanças<sup>1</sup>.

ESPÒSENDE, nome de uma villa do Minho. Originariamente é genetivo de *Spanusindus*, nome germanico que se lê em documentos nossos (latinos) do sec. x<sup>2</sup>, isto é: (*villa*) *Spanusindi*. Nas *Inquisitiones*, pag. 312, col. 1.<sup>a</sup>, lê-se *Esposendi* (sec. XIII), não por erro typographico, mas porque assim está no original da Torre do Tombo (fl. 59 v.), como o sr. P. d'Azevedo verificou; talvez haja êrro do escriba por *Esposendi*, pois só *oo* antigos explicariam bem a fórmula contemporanea (o digrapho *oe* daria *o*, como em *moesteiro*, que deu *mosteiro*).

LÒRDELLO, nome de várias localidades. Fórmulas anteriores: *Loordelo* (sec. XIII), *Laordelo* (sec. XIII), *Lauridello* (sec. XI) < *Lauritello* (sec. X)<sup>3</sup>. A base é *Laurito* (sec. XI)<sup>4</sup>. De *laurus* «louro», «loureiro»<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> O meu amigo Dr. Joaquim da Silveira indica-me *caamom* como fórmula antiga de *camão* (ave), no sec. XIII (*PMH, Leges et Consuet.*, pag. 195), e *alquimão-alqueimão*, *caimão* e *cãmão* como fórmulas populares modernas. Cfr. o hesp. *calamón*.

<sup>2</sup> *Dipl. et Chartae*, pag. 37 (*Spanusindo*) e 564 (id.). Vid. tambem pag. 40 e 49.

<sup>3</sup> Vid.: *Inquisitiones* (nos *Port. Mon. Hist.*), pag. 459 e 372; *Dipl. et Chart.*, pag. 262 e 17.

<sup>4</sup> Vid. *Dipl. et Ch.*, pag. 199.

<sup>5</sup> Explicação analogica deve ter *lòreiro*, que se usa no Norte e Centro do reino: supponho \**loreiro* < \**laoreiro* < \**laureiro* = \**laüreiro* (cinco syllabas). Todavia, a par, ha *loureiro*.

O suffixo *-ito* ou *-itu-* equivale ao lat. *-etu(m)*, que se junta a themas de nomes de plantas ou de frutos, para indicar collectividade de vegetaes: cfr. *lauretum* «loureiral», *pinetum* (de *pinus* «pinheiro») «pinheiral» ou «pinhal». Por isso *lauritu-* é synonymo de *lauretum*. Assim como a *etu-* corresponde *-edo* em português moderno, assim a *-itu-* corresponde *-ido*. Exemplos de *-edo*: *Carqueijedo*, *Meixedo* (de *ameixa*), *Roboredo*; no feminino ha *-eda*: *Avelleda* (de *avellana* «avellã»), *Castatanheda*. Exemplos de *-ido*: *Cebolido*, *Lourido* <sup>1</sup>.

MÓFREITA, nome de uma aldeia em Tras-os-Montes (Vinhaes). Supponho provir de \**Moofreita* < mola fracta «pedra quebrada». Tanto *Mó* < ant. *Moo* (sec. XIII) <sup>2</sup>, como *Freita* e *Freitas* se encontram na toponymia, em separado; *Freitas* tornou-se também appellido corrente. Na Galliza: *Freita*; nas Asturias e noutras provincias hespanholas: *Frecha* e *Frechilla*, por isso que a *-ct-*, que deu *ei* em português, corresponde *ch* em hespanhol. Póde ser que o sentido de fracta não seja sempre propriamente «quebrada» ou «rachada», mas metaphorico <sup>3</sup>.

PÃO, nome de muitas aldeias. As fórmulas antigas são \**Paaço*, *Paacio* <sup>4</sup>, *Palaciolo* <sup>5</sup>, do lat. \**palatiolu-*, deminutivo de *palatium*; a terminação

<sup>1</sup> Torno a tocar no assunto na parte VI d'estas Lições.

<sup>2</sup> *Port. Mon. Hist., — Inquisit.*, pag. 295.

<sup>3</sup> [De *Frettes*, *Fretae* em docc. franceses do sec. XIII diz Leclerc, conforme a Longnon, *Origines des noms de communes*, Langres, 1908, pag. 25: «L'etymologie est fournie par le mot roman *frete* ou *frette*, du lat. *fracta*, au sens de brèche, d'ouverture, et par suite de défilé»].

<sup>4</sup> Cortesão, *Onomastico* s. v.

<sup>5</sup> Id. *ibidem*.

-iolu- na lingua vulgar soava -iólu<sup>1</sup>. O *pala-tium*, i. é, *paacio*, *paazo*, ou «paço», era na idade-media a habitação do senhor de uma *villa* ou «quina-ta»<sup>2</sup>. Logo *pâçô* é na origem um «paço pequeno»<sup>3</sup>, a não ser que o diminutivo, no onomastico, se originasse da pequenez do terreno a que a palavra se applicava, comparado com outro grande.

RÊSENDE, nome de um concelho na Beira e de várias localidades. Fórmãs anteriores: *Réésendi* e *Reesendi* (sec. XIII), *Reesende* (sec. XVI)<sup>4</sup>. No *Cancioneiro Geral* vem escrito *Rresende* (I, pag. XXIX) e *Rreseende* (III, 271). Na origem é genetivo possessivo, de origem gotica<sup>5</sup>.

RÔSENDE, nome de um sitio na freguesia de S. Torquato, concelho de Guimarães. As fórmãs immediatamente anteriores devem ter sido \**Roosende*, \**Raosende*, correspondentes a *Ranosendi* (sec. XI), *Ranosindi* (sec. X), genetivo de *Ranosindus* «Ranosindo»<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Cf. Meyer-Lübke, *Gram. des l. rom.*, I, § 593. — Acêrca d'este suffixo, vid. Mirisch, *Geschichte des Suffixes -olus in den romonischen Sprachen*, Bonna, 1882.

<sup>2</sup> A. Sampaio, *As «villas» do N. de Portugal*, 1903, pag. 51<sup>e</sup> e 57.

<sup>3</sup> [E não se cuide que mesmo um *paço* propriamente dito, fosse sempre muito grande. Vid. o que de um dos fins do sec. XIII, em Rêsende, diz Braamcamp Freire no *Archivo Hist. Port.*, IV, 16].

<sup>4</sup> Vid. *Archivo Hist. Port.*, IV, 42 e 39, e II, 125.

<sup>5</sup> A segunda parte da palavra é o gotico *sinths* «companheiro», que está representada no onomastico por *-sende*, como em *Rêsende*, e por *-sinde*, como em *Ermesinde* (e *Reesindi*): cf. P. d'Azevedo na *Rev. Lusit.*, VI, 50. Tambem em docc. antigos se lê *Ranosendi* e *Ranosindi*. Se existe relação phonetica entre *Rêsende* e *Ranosindi* ou *Ranusindi* (cf. D. Carolina Michaëlis na *Zs. f. rom. Ph.*, XXIX, 688-690, nota), ella não é muito clara. De *Ranosindi* esperar-se-hia *Rôsende*, como digo adiante.

<sup>6</sup> *Dipl. et Ch.*, pag. 304 (sec. XI), pag. 18 (sec. X), e 168 (sec. XI). E vide a nota anterior. — Hoje temos *Rosendo*, como nome de homem, e de um bêco em Lisboa; a fórmula immediatamente anterior deve ter sido \**Rôsendo*.

RÒRIZ, nome de várias aldeias no Norte, o qual também se tornou appellido. Fórmulas anteriores: *Rooriz* (sec. XIII) <sup>1</sup> < *Rodoriz* (sec. XI) <sup>2</sup>, genetivo de *Rodoricus* ou *Rodorigus* (sec. IX) <sup>3</sup>. Deve entender-se que houve « quintas » chamadas cada uma *villa Rodorici* « de Rodorigo », e que ellas depois se tornaram aldeias.

TÀGILDE, nome de uma freguesia no concelho de Guimarães. Fórmulas anteriores: \**Taagilde* < *Taagildi* ou \**Tāagildi* (sec. XIII e XIV) <sup>4</sup> < (*villa*) *Atanagildi* (sec. X) <sup>5</sup>. Entre \**Tāagildi* e *Atanagildi* deve ter havido *Tanagildi*, pois no sec. IX encontra-se o nome proprio *Tanagildus* <sup>6</sup>. — Devemos entender que *Tågilde* foi na origem uma « quinta » de um individuo que se chamava *Atanagildo* (nome gotico).

TÀVARES, TÀVEIRA, e TÀVEIRO. Fórmulas anteriores: *Thalavares* (sec. XII) <sup>7</sup> > *Taavares* <sup>8</sup>; \**Talaveira* <sup>9</sup> >

<sup>1</sup> *Inquisit.*, pag. 164.

<sup>2</sup> *Dip. et Chart.*, pag. 497.

<sup>3</sup> *Dip. et Chart.*, pag. 2.

<sup>4</sup> Vid. um opusculo de Oliveira Guimarães, intitulado *Tagilde*, Porto, 1894, pag. 66 ss. — Escreve-se geralmente *Tagilde*, mas melhor seria, como eu faço sempre, escrever *Tågilde*, para não induzir em erro de pronúncia as pessoas que não conhecem esta terra; escrevendo-se *Tagilde*, o natural é ler *Tågilde*, ao passo que na localidade se diz *Tågilde*.

<sup>5</sup> Oliveira Guimarães, *Tagilde*, pag. 7.

<sup>6</sup> *Dipl. et Ch.*, pag. 4 (do doc. n.º V), onde se lê *Tanagildus*, como nome de homem.

<sup>7</sup> *Leges et Consuet.*, pag. 359.

<sup>8</sup> Na *Chronica de Guiné*, pag. 177, como appellido (*Fernam Taavares*).

<sup>9</sup> Em Hespanha ha várias povoações com o nome de *Talavera*, que evidentemente presuppõe como etymo \**Talaveria*. Num *Livro de Linhagens* dos *PMH, Scriptores*, pag. 353, lê-se *Tallaveyra*, como aportuguesamento do hespanhol *Talavera*. A mesma explicação tem, quanto a mim, *Talaveira*, nome de um casal e de uma herdade do districto de Evora (em Bätista, *Corographia Moderna*, pag. 520): foi na origem certamente appel-

*Taaveira*<sup>1</sup>; *Talaveiro* (sec. x)<sup>2</sup> > \**Taaveiro*. Os nomes *Távares* e *Tàveiro* são geographicos; o primeiro é também appellido frequente; *Tàveira* não o conheço senão como appellido, mas deve ter sido originariamente geographico, como se vê do hesp. *Talavera*, que é forma parallela. Á mesma familia linguística pertence sem dúvida *Taveiroos*, sobrenome geographico de um trovador do *Cancioneiro da Ajuda*<sup>3</sup>; esta palavra estará por \**Taaveiroos*, deminutivo plural de *Taaveira*<sup>4</sup>.—É possível que a base de todas estas palavras esteja em *Talavus*, nome proprio pre-romano de homem, que apparece em inscrições latinas de Braga e das Asturias<sup>5</sup>; dá-se mesmo o caso de ter apparecido perto de Talavera-la-Vieja uma lapide romana com uma inscripção mutilada em que se lê *Talev-*, provavelmente por *Talevus*<sup>6</sup>, que póde considerar-se variante phonetica de *Talavus*<sup>7</sup>. A ser exacta esta explicação, ha-de entender-se que *Talavus* foi na origem nome commum, designativo de um ser natural (planta, animal, etc.), e que depois se tornou proprio, como

---

lido de um proprietario, appellido que depois se applicou á terra. Ha entre nós varios outros appellidos de procedencia hespanhola, analogamente assim aporuguesadas: *Contreiras*, *Lacerda*, *Salazar*, etc.

<sup>1</sup> Num *Livro de Linhagens* dos PMH, *Scriptores*, pag. 194, como appellido (*Maria Gomez Taaveira*).

<sup>2</sup> *Dipl. et Chartae*, pag. 79. — Cf. em Hespanha *Talavero* (Asturias).

<sup>3</sup> Vid. a ed. de D. Carolina Michaëlis, t. II, pag. 307.

<sup>4</sup> Cf. na Hespanha *Talaveruela* (Cáceres), por \**Talaveriola*.

<sup>5</sup> *Corpus inscript. Latinarum*, II, 2442 e 5750.

<sup>6</sup> *Corpus*, II, 5350.

<sup>7</sup> Também numa inscripção de Nisa (*Corpus*, II, 171) ha *Talabarus*.

Não posso dizer se esta palavra tem alguma relação com *Talavus*; em todo o caso, como nos é desconhecida a lingua ou linguas ibericas, não hesitei em fazer a citação.



tantissimas vezes acontece. As fórmulas romanicas que citei provém de um nome commum, como o mostram os suffixos *-ares*, *-eira*, e *-eiro*: cfr. *Gulpilhares*, *Felqueira*, e *Barreiro*, derivados respectivamente de *vulpecula* «raposinha» ou *golpelha*, filix «feto», e *barro*.

Ha outros nomes cujas fórmulas antigas não posso consignar, mas que devem explicar-se analogamente aos precedentes: *ÀVÕES*, nome de uma aldeia ao pé de Lamego; *SÀBOR*, nome de um rio trasmontano; *SÀMEIRO*, nome de um monte ao pé de Braga, com um santuario famoso; *SÈTIL*, nome de uma estação de caminho de ferro na Extremadura (assim ouvi pronunciar, embora, por se regularém pela escrita, quasi todos pronunciem *Setil*, com *e* surdo).

Nem dos nomes cujas fórmulas anteriores se conhecem, nem d'aquelles cujas fórmulas antigas se ignoram, pretendi esgotar as listas. Muitos poderia ainda citar, se fosse necessario. Mas passarei a outro assunto phonetico.

\*

Na *Orthographia da lingua portuguesa*, Lisboa, 1576, fl. 32 r., diz Duarte Nunez do Lião: «... muitos teem errada opinião, »cuidando que são diphthongos, quando concorrem estas vogaes . . *ea*, como *cea* . . Porque a orelha nos ensina, que são »letras soltas, e sem vinculo, que fazem cada hũa per si syllaba». Esta observação é curiosa, ainda que entendo que não devemos ligar-lhe grande importancia, porque, por exemplo, nos *Lusíadas*, ha estas rimas: *receio-alheio*, II, 9; *alheia-recreia-arreceia*, II, 60; *rodeios-alheiros-frêios*, III, 110; *receio-Orpheio*, III, 2; *alheio-arreceio-creio*, III, 4; *seio-meio-cheio*, III, 14, onde o escrever-se *-ei-* não deixa dúvida nenhuma acerca da pronúncia no seculo XVI. Sem embargo tambem em Camões ha *-ea*, como em *Cytarea-Dea-arrecea*, I, 34, em *fea-area-arrecea*,

II, 81, em *Febea-Amalthea-rodea*, II, 72,—umas vezes pelo respeito da orthographia tradicional portuguesa, outras pelo d'esta combinado com o da orthographia latina. Tão forte era porém o instincto phonetico, que o poeta, para fazer rimar com *receio* uma palavra portuguesa correspondente ao latim *Orpheus*, desfigurou esta em *Orpheio*, como vimos. De modo que Duarte Nunez, para dizer o que disse, regulou-se mais pelos olhos do que pelo ouvido, apesar de afirmar o contrário. Elle tinha diante de si a orthographia antiga, e foi esta que o illudiu. Como grammatico, mostrou-se escrupuloso sectario de regras archaicas, já desvalorizadas na lingua viva.

As graphias *eo ea* encontram-se com frequencia no *Cancioneiro Geral* (sec. XV-XVI), e não vale a pena citar exemplos; todavia tambem ahi lemos: *meo-descreo-creyo*, II, 168; *veyo-cheo*, II, 283-284.

Anteriormente a *eio eia* o normal foi realmente *eo ea*, e isso achamos no *Livro d'Esopo* [vid. *Rev. Lusit.*, IX, 47], e se conserva em gallego moderno: *chêo, chêa*, cada uma d'estas palpalavras com duas syllabas (*chêo* não póde rimar com os monosyllabos *meu, teu*).

Em determinadas condições *eo ea* provém directamente do latim por quêda de consoante não nasal; noutras, por existirem em latim *n* intervocalico, notam-se as fases intermédias *êo êa*. Exemplos:

1) *candea* < *candela*, *correa* < *corrigia*, *creo* < *credo*, *feo* < *foedu-*, *lea* < *legat*, *meo* < *mediu-*;

2) *altheo* < *alhêo* < *alienu-*, *amea* < *amêa* < *mína*, *area* < *arêa* < (h) *arena*, *balea* < *balêa* < *ballaena*, *cea* < *cêa* < *cena*, *centeo* < *centêo* < *centenu-*, *cheo* < *chêo* < *plenu-*, *freo* < *frêo* < *frenu-*, *seo* < *sêo* < *sinu-*.

D'algumas das fórmulas nasaladas eu não poderia de pronto produzir documento escrito; não devemos porém deixar de as aceitar theoreticamente todas, tanto mais que o hespanhol as confirma: *ajeno, almena, arena, ballena, cena, centeno, freno, lleno, seno*.

Temos successivamente: *êo eio*; *ẽo êo eio*; *êa eia*; *ẽa êa eia*.

Quando se dizia *arêa*, *cêa*, *fêo*, *frêo*, *alhêo*, etc., os verbos correspondentes eram *arear*, *cear*, *afear*, *refrear*, *alhear*, com *êá*, os quaes hoje, embora assim se escrevam, se pronunciam *ciar*, *afiar*, *alhiar*; igualmente *meôlo* (arc.), *têor-teor* (archaicos), *conteudo* (arc.) soam actualmente *miolo*, *tior*, *contiudo*.

Dois casos se nos apresentam acima: *êo êa* archaicos deram em portuguez moderno *eio eia*; *êo êá* archaicos deram em portuguez moderno *iô iá*, ou por outra: *e* tonico antes de vogal atona ditongou-se em *ei*, isto é: *cea* > *ceia*; *e* atono antes de vogal tonica reduziu-se á semi-vogal *i*, isto é: *cear* > *ciar*.

Muita gente, por causa do *ei* de *areia*, *ceia*, *feio*, *freio*, *alheio*, etc., escreve *areiar*, *ceiar*, *afeiar*, *refreiar*, *alheiar*, e concomitantemente *passeiar*, *ideial*, etc. Tudo isso é erroneo, porque, segundo mostrei, a lingua portuguesa não admitte ditongo *ei* atono antes de vogal tonica. O exacto e correcto é *arear*, *cear*, *afear*, *refrear*, *alhear*, *Baleal*, porque taes palavras não derivam de *areia*, *ceia*, etc.: ou vem do latim immediatamente, como *cear* < *cēar* < *cenare*, ou nasceram das fórmas archaicas *feo*, *balea*. E *passear* formou-se de *passo*, por intermedio do suffixo *-ear*; *ideal*, por impulso do francês *idéal*, amolda-se ao latim *idealis*, do greco-latino *idēa-îdēa*. A pronúncia natural *ciar*, *idial*, *passiar* oppõe-se mesmo a que se escreva *ei*.

As fórmas *cear*, *teor* e todas as do mesmo typo são, pois, por causa da graphia *eo*, *ea*, vestigios da phonetica antiga, e por tal motivo as inclui neste estudo. Tambem poderia escrever-se *meolo*, assim como se escreve *teor*; ahi porém, visto *meolo* ter fraca tradição escrita, por haver pouca occasião de empregar litterariamente tal palavra, e não se relacionar com nenhuma outra onde exista *êo*<sup>1</sup>, a pronúncia viva prevaleceu á antiga orthographia, e escreve-se hoje *miolo*. A fôrça phonetica

<sup>1</sup> *meolo* faz presuppôr \* *medüllu-* no latim vulgar iberico (masculino de *medulla*). Cf. hesp. *meollo*.

ha-de continuar a actuar, e tempo chegará, talvez, em que se escreva *ciar*, *afiar*, etc. O escrever-se *tear* <lat. \*telare-, ainda que se pronuncia *tiar*, resulta da influencia do *e* de *tea* (*teia*): é outro archaismo.

\*

No presente estudo mal posso separar nitidamente entre si as diferentes partes da grammatica, porque umas dependem muitas vezes das outras: assim mesclei ha pouco factos phoneticos (e orthographicos) com factos sematologicos e morphologicos, embora dando preferencia aos primeiros; no que vou dizer, continuarei a mescla, mas fazendo predominar a morphologia.

Os pluraes em *-ões* e *-ães*, de que me occupei a pag. 142 ss.; não são os unicos archaicos que perduram. Outro, e notavel, é *males*, de *mal*. O plural dos nomes em *-al*, forma-se com *-aes*, que soa *-áis*; a base está no latim *-ales*: cfr. *aequales* > *iguaes*; mas entre o lat. *-ales* e o port. hodierno *-aes* houve o port. prehistorico *-ales*, que não passa de continuação do typo latino. Por isso *males* representa um archaismo.

A passagem de *-ales* para *-aes* depende de uma condição phonetica geral: a da suppressão do *-L-* intervocalico (vid. pag. 33). À mesma condição obedeceram os outros pluraes de nomes em *-l*, como *vis* de *vil*, *crueis* de *cruel*, etc., porque vem de nomes latinos que no plural terminam em *-les*: *viles*, *crudeles*. Todavia, já depois de fechado o cyclo chronologico em que a suppressão do *-L-* aconteceu, continuaram a usar-se em portugêz, em certas circumstancias, e até tarde, pluraes em *-les*, como *soles*<sup>1</sup>, *roles*<sup>2</sup>, *meles*<sup>3</sup>, *remeles* = *re-meles*<sup>4</sup>,

---

<sup>1</sup> [*Rev. Lusit.*, IX, 52].

<sup>2</sup> [*Rev. Lusit.*, IX, 52].

<sup>3</sup> *Archivo Hist. Port.*, IV, 77.

<sup>4</sup> *Archivo Hist. Port.*, IV, 77; cfr. *queijo* e *requieção*, e hesp. *remiel*.

*cales*<sup>1</sup>, *froles*<sup>2</sup>, que o são, como se vê, de nomes monosyllabicos. A essa classe pertence *males*, que se manteve talvez por causa da confusão que causaria com o adverbio *mais*, se admitisse o plural normal<sup>3</sup>.

\*

Quando no 1.º anno d'este curso (vid. pag. 41 ss.) fallei de vestigios de casos latinos conservados em portuguez, referi-me a vários appellidos modernos que provinham de nomes medievaes em genetivo. Volverei aqui ao assunto, por isso que elle entra tambem no meu quadro; e amplia-lo-hei um pouco, o que me dará azo para fazer uma digressão acerca das denominações pessoaes.

Na antiguidade hebraica, e na grega mais recuada, havia para cada pessoa geralmente um só nome. Na Biblia achamos *Abrahão*, *Adão*, *Isaac*, *Noé*. Nos poemas homericos: *Achilles*, *Agamemnon*, *Heitor*, *Pátroclo*. Os Romanos, nos primeiros tempos da sua historia, usavam geralmente tambem um unico nome: dão-nos d'isto exemplo *Romulo* e *Remo*. Em compensação os nobres das epochas posteriores ostentavam tres nomes, *tria nomina*, que eram: *praenomen*, *nomen gentilicium*, e *cognomen*; como: *Marcus Tullius Cicero*; ás vezes mesmo tinham mais, como numa inscripção romana do Alemtejo: *Marcus Coc-*

<sup>1</sup> Moraes, *Dicc.*, s. v.

<sup>2</sup> De *frol* < flor >. No *Boosco delleytoso*, cap. iv, etc. Tambem escrito *frolles* no cap. ii.

<sup>3</sup> Arraiz, *Dialogos*, 2.<sup>a</sup> ed., fl. 16, e Camões, *Amphytriões*, I, vi, usam *rcales*. Ha tambem *pénsiles* (nome esdruxulo): vid. Moraes, s. v.; elle é propriamente latinismo como *estériles* no *Esmeraldo*, ed. de Epiphanyo Dias, pag. 84, e em Arraiz, fl. 18 (*stériles*), *fértiles*, tambem em Arraiz, fl. 110 e 117, *inútiles*, ib., fl. 34, *estábiles*, ib., fl. 36. Na lingoagem popular não faltam casos de *-les*: vid. *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 124. Pelo contrário, na Extremadura diz-se *vâes* (i. é, *vâis*) por *valles*, por isso que *valle* se pronuncia *val*, principalmente em próclise, por exemplo *Val-da-Lapa*.

*ceius Craterus Honorinus*<sup>1</sup>. Os prenomes só excepcionalmente se escreviam por extenso; indicavam-se por abreviaturas (a letra inicial, e as duas ou tres primeiras): T= *T(itus)*, TI= *T(iberius)*, SER= *Ser(vius)*. Alguns prenomes designavam a principio ordem de nascimento: *Q(uintus)*, *Sex(tus)*, o quinto filho, o sexto, mas depois foram empregados indifferentemente. Os *nomina gentilitia* terminavam de ordinario em *-ius*, como *Horatius*, *Publicius*. As mulheres raro adoptavam prenomes. Ao passo que tudo isto succedia nas pessoas qualificadas, os escravos, como os Romanos primitivos, não tinham mais que um nome, o qual correspondia ao *cognomen*. Nos povos bárbaros acontecia o mesmo: *Viriatius*, entre os Lusitanos, é bem conhecido de toda a gente. E podem citar-se outros nomes lusitanicos: *Bovius*, *Sunuà*, *Tongius*. Sem embargo, ha nomes barbaros acompanhados de sobrenome, v. g. *Madigenus Calaetus*, embora por vezes o sobrenome possa ser ethnico ou geographico.

O nosso onomastico medieval offerece muita variedade de nomes, uns de origem romana, outros de origem diversa, consoante os povos que vieram habitar o territorio que hoje se chama «Portugal». Nas inscrições da epoca germanica (sec. v-viii) temos, por exemplo, *Adiutor*, *Amanda*, *Andreas*, *Britto*, *Hilarinus*, *Rogata*, *Simplicius*, *Tiberius*, nomes que são, uns de origem latina, outros de origem grega, outros de origem germanica. Todos se apresentam desacompanhados de sobrenomes. Nos mais antigos documentos em latim barbaro (sec. ix-xi) abundam tambem nomes germanicos, como *Adaulfus*, *Alaricus*, *Atanagildus*, *Attila*, *Randulfus*, *Sendinus*, *Theodoricus*, *Trastemirus*, *Vimaredus*. A par surgem nomes latinos: *Donado*, *Dulcidus*, *Flamula*, *Lucidus*; hebraicos: *Daniel*, *David*, *Sa-*

---

<sup>1</sup> Cfr. sobre o assunto: Alvaro Ferreira de Vera, *Origem da nobreza politica*, Lisboa, 1631, fls. 12 v. e segg., repetido por Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, Lisboa, 1655, pag. 88-89, e Villas-Boas e Sampaio, *Nobiliarchia Portuguesa*, Lisboa, 1676, pag. 16.

*lomon, Samuel*; arabicos: *Zalama, Zidi*. Predominam porém os germanicos, por que os Germanos haviam vencido os Lusitano-Romanos. No Norte de Portugal, d'onde provém a maioria dos documentos latino-barbaros, a influencia arabica fez-se sentir pouco; e no Sul, embora ahi esta influencia tivesse grande importancia, havia os Mozarabes ou Moçarabes, que mantinham os seus costumes: por isso não admira que no onomastico geral appareçam nomes arabicos em número pequeno. Deve entender-se que todos os nomes citados o são de christãos; alguns são mesmo de presbyteros, como *Zidi*, apesar de arabico.

Nas inscrições epigraphicas da epoca lusitano-romana os individuos indicam frequentemente a sua filiação apenas com o nome do pae em genetivo, o que serve como que de sobrenome. Isto acontece tanto em relação aos nomes barbaros, como aos nomes latinos. Eis uma amostra:

Rufus <i>Luci</i> , nO <i>Archeologo</i>	Reburinus <i>Bouti</i> , ib., ib., 144;
<i>Portug.</i> , v, 139;	Rufinus <i>Rufi</i> , ib., ib., ib.;
Amoena <i>Severi</i> , ib., ib. ib.;	Calaitus <i>Caieli</i> , ib., ib., 253;
Placida <i>Calvi</i> , ib., ib., ib.;	Cicero <i>Manci</i> , ib., vi, 134;
<i>Firmina Firmi</i> , ib., ib., ib.;	Severus <i>Tangini</i> , ib., viii, 170.

O costume (que, direi de passagem, não era peculiar dos Lusitano-Romanos) não se extinguiu na idade-media, antes perseverou. Aqui apresento uma lista de genetivos em *-i* e *-is* (2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> declinação), extrahida de documentos dos seculos IX-XII:

Gundisalvus <i>Moneonis</i> , sec. ix,	Petrus <i>Vellini</i> , ib.;
<i>Diplomata et Chartae</i> , p. 2;	Vermudus <i>Arnotati</i> , ib.;
Cresconius <i>Migiti</i> , sec. x, p. 11;	Gundisalvus <i>Sesmondi</i> , sec. x,
Lucidus <i>Vimarani</i> , sec. x,	p. 14;
p. 12;	Exemenus <i>Gunsalvi</i> , sec. x,
Vermudus <i>Lucidi</i> , ib.;	p. 18;
Vimara <i>Froilani</i> , ib.;	Vistremiri <i>Mondini</i> , sec. x,
Ermogius <i>Cresconi</i> , ib.;	p. 19;

Froila <i>Gundesindi</i> , sec. x, p. 20;	Johannes <i>Pelagii</i> , sec. XII, Oliveira Guimarães, <i>Docc.</i> <i>ined.</i> , p. 4;
Gresomarus <i>Didaci</i> , <i>ib.</i> ;	Pelagius <i>Menendi</i> , <i>ib.</i>
Pelagius <i>Catonis</i> , sec. XI, p. 125;	

Concomitantemente com este systema de denominação apparece-nos outro, em que se vê tambem um genetivo, mas de fórma especial: o protótypo latino da sua terminação é -ICI, a que se seguiu successivamente -izi, -iz, -ez, -es. Às vezes um mesmo nome tem dois genetivos, um em -I, outro em -ICI, como Lucidus: *Lucidi*, *Lucidici* (*Lucidiz*); Roderigus: *Rodorigi*, *Rodoriguiz*.— Vou dar muitos exemplos, colhidos nos *Diplomata et Chartae*, nas *Dissertações Chronologicas* de J. Pedro Ribeiro, nos *Documentos Ineditos* do Abb.<sup>e</sup> Oliveira Guimarães, e no *Archivo Historico Português* de Braamcamp Freire, obras que citarei abreviadamente:

Sec. IX-XII:

Eita <i>Balthazariz</i> , <i>ib.</i> , p. 2;	Didacus <i>Fernandit</i> (= -iz), <i>ib.</i> , p. 20;
Tello <i>Teonanizi</i> , <i>ib.</i> , p. 8;	Roderigus <i>Tedoniz</i> , <i>ib.</i> , p. 21;
Torsario <i>Daviz</i> , <i>ib.</i> , p. 11;	Ermegildus <i>Gundisalviz</i> , <i>ib.</i> , <i>ib.</i> ;
Nausti <i>Truitemiriz</i> , <i>ib.</i> , <i>ib.</i> ;	Froila <i>Absalonizi</i> , <i>Dipl.</i> p. 98;
Nunu <i>Gutierriz</i> , <i>ib.</i> , p. 12;	Froila <i>Atanagildizi</i> <sup>2</sup> , <i>ib.</i> , p. 98;
Didacus <i>Fernandiz</i> , <i>ib.</i> , p. 14;	Alvitus <i>Alvitizi</i> <sup>3</sup> , <i>ib.</i> p. 101;
Gundesindus <i>Fredenandiz</i> , <i>ib.</i> , p. 15;	
Gutierre <i>Lucidiz</i> <sup>1</sup> , <i>ib.</i> , <i>ib.</i> ;	
Osoredo <i>Ordoniz</i> , <i>ib.</i> , p. 18;	

<sup>1</sup> Deve vir d'aqui o appellido moderno *Luzes*.

<sup>2</sup> Cfr. *Atanagildus*, supra, pag. 165.

<sup>3</sup> D'aqui vem o nome geographico moderno *Alvites* (= *Alvitez*), por exemplo o de uma quinta no concelho de Baião; deve entender-se que na idade-media esta quinta pertenceu a um individuo chamado *Alvito* ou *Alvitus*.



- Pelagius *Pelaiz*<sup>1</sup>, *ib.*, p. 151;  
 Arias *Salamoniz*, *ib.*, *ib.*;  
 Lourenço *Fernandiz*, *Diss.*,  
 I, p. 275;  
 Vermudus *Adefonsizi*, *ib.*, p.  
 224;  
 Cidi *Adaredici*, *ib.*, p. 280;  
 Louerigo *Aderetici*, *ib.*, p. 344;  
 Stephano *Aderetiz*, *ib.*, p. 228;  
 Adefonso *Fernandici*, *ib.*, p.  
 336;  
 Abregano *Ansilizi*, *ib.*, p. 98;  
 Zasnario *Blandilizi*, *ib.*, p. 98;  
 Didago *Bavaldizi*, *ib.*, p. 334;  
 Garsea *Sarazinici*, *ib.*, p. 344;  
 Garsea *Alvitizi*, *ib.*  
 Vutierre *Mendiz*, *ib.*, *ib.*

## Sec. XIII:

- Meem *Fernandez*, *Diss.*, I,  
 p. 283;  
 Petro *Dominguiz*, *ib.*;  
 Pedro *Rodriguez*, *ib.*;  
 Pedro *Meendiz*, *ib.*;  
 Martin *Periz*, *ib.*, p. 291;  
 Maria *Suariz*, *Doc. Ined.*, p. 83;  
 Johanj *Menendiz*, *ib.*;  
 Maria *Periz*, *ib.*, p. 86;  
 Joham *Dominguez*, *ib.*, p. 87;  
 Stevam *Perez*, *ib.*;  
 Maria *Fernandiz*, *ib.*, p. 88;  
 Soeyro *Meendiz*, *ib.*;  
 Lopo *Paez*, *ib.*, p. 89;  
 Lourenço *Perez*, *ib.*;  
 Johann' *Estevez*, *ib.*, p. 90;  
 Domingos *Migeez*, *ib.*;  
 Maria *Perez*, *ib.*;  
 Margarida *Rodrigiz*, *ib.*;  
 Gonçalo *Perez*, *ib.*, p. 91;  
 Joham *Dominguiz*, *ib.*

## Sec. XIV:

- Pedro *Paez*, *Diss.*, I, p. 295;  
 Domingos *Dominguiz*, *ib.*;  
 Silvestre *Dominguez*, *ib.*;  
 Roy *Vaasquez*, *ib.*, p. 297;  
 Domingos *Stevez*, *ib.*, p. 304;  
 Martim *Pirez*, *ib.*;  
 Domingas *Stevez*, *AHP*, I, p.  
 352;  
 Lourenço *Stevez*, *ib.*;  
 Gonçalo *Fernandiz*, *ib.*;  
 Costança *Rodriguez*, *ib.*;  
 Afonso *Luquez*<sup>2</sup>, *ib.*;

<sup>1</sup> D'aquí vem o appellido moderno *Paes*.

<sup>2</sup> Genetivo de *Luca*, por *Lucas*, que vimos supra, pag. 48.

Martí <i>Estevez</i> , ib.;	Pero <i>Dominguiz</i> , ib.;
Pere <i>Estevez</i> <sup>1</sup> , ib.;	Maria <i>Gomez</i> , ib.;
Stevã <i>Dominguiz</i> , ib., p. 353;	Lianor <i>Alvarez</i> , ib.;
Vasco <i>Martinz</i> , ib.;	Gonçalo <i>Fernandiz</i> , ib.;
Guiomar <i>Martinz</i> , ib.;	Florida <i>Dominguiz</i> , ib..
Maria <i>Ffernandiz</i> , ib.	

## Sec. xv:

Stevom <i>Perez</i> , <i>Doc. Ined.</i> , p. 75, e 147;	Margarida <i>Gonsalvez</i> , ib., p. 78;
Pay <i>Rodriguez</i> , ib.;	Nicolao <i>Steves</i> , ib., p. 146;
Maria <i>Vaasquez</i> , ib.;	Gomes <i>Martinz</i> , ib., p. 149;
Pero <i>Alvarez</i> , ib.;	Estevom <i>Perez</i> , ib., p. 149;
Joham <i>Vaasquez</i> , ib.;	Vasco <i>Gonçalves</i> , ib., p. 149;
Lourenço <i>Periz</i> , ib., p. 78;	Alvaro <i>Gonçalves</i> , ib., p. 150;
Affonso <i>Miguez</i> , ib., p. 148, e 149;	Martim <i>Rodriguez</i> , ib., p. 154;
Gervaz <i>Giraldez</i> , ib., p. 150;	Lopo <i>Gonçalves</i> , ib., p. 160;
Lopo <i>Vaasques</i> , ib.	

## Sec. xvi:

Fernão <i>d'Alvares</i> <sup>2</sup> , <i>Diss.</i> <i>Chron.</i> , I, p. 338;	Antonio <i>Paaes</i> , AHP, II, p. 471;
---	--

<sup>1</sup> = *Per' Estevez*. Quando um appellido começa por *E-*, e o nome precedente acaba em vogal, esta pôde cair, e o nome fundir-se com o appellido em uma só palavra. Os docc. trazem muitas vezes o nome com *-e*, como aqui (e outros mais exemplos posso citar: *Pere Enes*, *Suere Enes*, *Steve Enes*), o que não denota pronúncia; outras vezes nos proprios docc. se nota a fusão: *Perestaço*, *Dominguenes*, *Steveanes*.

<sup>2</sup> Cfr. *Fernão D'ALVAREZ do Oriente*, auctor da *Lusitania Transformada*, 1607. *Alvarez* não devia estar precedido de *de*, por ser patronymico; creio que *Fernão d'Alvarez* neste caso e no que cito acima está por *Fernand' Alvarez* = *Fernando Alvarez* — Ha oscillação analoga em *Fernão d'Oliveira*, *Fernandoliveira* e *Fernando Oliveira*, como elle proprio escre-

- Afonso Gomez, *ib.*, p. 473;  
 Nuno Martinz, *ib.*;  
 Lopo Fernandez, *ib.*, p. 435;  
 Gil Alvarez, *ib.*;  
 Antonio Rodriguez, *ib.*, III,  
 p. 190;  
 Afonso Memdez, *ib.*, p. 193;  
 Bertollameu Fernandez, *ib.*,  
 p. 244;  
 Thomé Lopez, *ib.*, p. 291;  
 Amtam Gonçalves, *ib.*, p.  
 303;  
 Diogo Bernardes, auctor d-*O Lyra*, 1596.
- Martim Gonsalves, *ib.*, IV,  
 p. 423;  
 Lião Anriques, *ib.*;  
 Jorge Gonsalves, *ib.*;  
 Ruy Mendez, auctor da *Prac-  
 tica d'arimetica*, 1540;  
 Pero Rodriguez, nos *Lusita-  
 das*, 1572, VIII, 33;  
 Martim Lopez, *ib.*, VIII, 23;  
 Gil Fernandez, *ib.*, VIII, 34;  
 Duarte Nunez, auctor da *Or-  
 thographia*, 1576;

Da inspecção das tabellas precedentes resulta que a mudança de *-iz* em *-ez* ascende ao seculo XIII. Antes de *-iz* disse-se *-izi* e *-ici*. A última, nos textos, é meramente orthographica, e não phonetica, porque em documentos do sec. IX *-iz* alterna já com *-izi*: num do anno de 897 lê-se *Menendus Gutierizi*, *Tello Teonanizi*, a par com *Menendus Menendiz*, *Teodila Gudiniz*, e *Gudinus Gundesalbiz*<sup>1</sup>; mas devia pronunciar-se realmente *-ici* em tempos prelitterarios<sup>2</sup>. No sec. XIV concorre ainda *-iz*

---

ve na *Grammatica*, 1536, e na *Arte da Guerra*, 1555. No seu importante livro sobre este escritor, o sr. Lopes de Mendonça adoptou como titulo *O Padre Fernando Oliveira* (Lisboa, 1898). Hoje o appellido *Oliveira* escreve-se com ou sem *de*; mas primitivamente escrevia-se com *de*, por isso que *Oliveira* é na origem nome geographico.

<sup>1</sup> *Dipl. et Ch.*, pag. 8.

<sup>2</sup> Quem primeiro determinou a origem d'estes patronymicos (genetivo *-ici*) foi Cornu no *Grundriss der romanischen Philologie*, I, 773 (§ 222), onde remette o leitor para o *Corpus Inscript. Latin.*, II, 514. — Como *-icus* é suffixo adjectivel, provavelmente na origem dizia-se *ille patris -ici* (por ex. *Tello patris Alvitici*, isto é: Tello, filho de pae que se chamava Alvito). D'algunha maneira isto se confirma com o que se lê nos docc.: *Gondesindus prolis Erus*, *Letula ploris Truitero* (nos *Dipl. et Ch.*, pag. 7 e 11), onde

com *-ez*, ou por tradição orthographica, ou porque a mudança não se realizou d'um jacto. No seculo xv, se ainda, pela força do hábito, se encontra um ou outro raro *-iz*, o corrente é *-ez*, e já ha algum *-es*. No seculo xvi só ha *e*, isto é, *-ez* ou *-es*, e difficilmente apparecerá *-iz*.

A graphia *-es*, por *-ez*, está de accôrdo com a alteração que começava a dar-se na pronúncia de *s-ç*, e de *ſ-z*<sup>1</sup>: na antiga lingua litteraria distinguia-se claramente *s* de *ç*, e *ſ* de *z*<sup>2</sup>, como hoje ainda acontece popularmente em algumas regiões<sup>3</sup>;

*prolis* ou *ploris*, por *proles*, indica a descendencia. [Afasto-me assim da explicação dada por Carnoy, *Le latin d'Espagne (et de Portugal)*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 234-235].

<sup>1</sup> Com *f* denoto o som do *-s-* intervocalico, por exemplo em *casa* (na pronúncia da raia transmontana, etc.): cf. supra, pag. 30.

<sup>2</sup> Essa distincção baseia-se na etymologia. Os sons que se representavam por *ss* ou *f* tem uma origem, e os que se representavam por *ç* ou *z* tem outra. Por ex.: *f* e *ss* vem do lat. *-s-*, como em *rosa* <rosa; do lat. *-ns-*, como em *mesa* <me(n)sa; do lat. *ss*, como em *passo* <passu-; do lat. *rs*, como em *peessoa* <persona; do lat. *si* <sic, etc.; *ç* e *z* vem do lat. *œ*, *ci*, como em *concertar* (derivado de *certo* <certu-); *azedo* <acetu, *vezinho* <vicinu-; do lat. *ti* + vog., como em *justeza* <iustitia. Cf. supra, pag. 32 ss. Quem escrevia *Sintra* pronunciava *s-*; só tarde se começou a escrever *Cintra*, com *c-*, como mostrei nas *Religiões da Lusitania*, II, 217 e 219, notas. Quem escrevia *Ansiães*, nome geographico, pronunciava tambem *-s-* (este nome é um genetivo possessivo do nome gotico *Ansila*); hoje escreve-se *e*, por confusão com o pl. de *ancião*. Quem escrevia *Paços* pronunciava *-ç-*; depois confundiram essa palavra com *passos*, e agora usa-se a fórma erronea *Passos* (vid. um artigo de J. de Castro Lopo na *Rev. Lusit.*, II, 255-256). Outras muitas palavras andam erradas na escrita, como *Ceia* (villa) em vez de *Scia*, *acear* em vez de *assear*, *sujo* em vez de *çujo*, *assucar* em vez de *açucar*: todas ellas na lingua antiga se pronunciavam ao contrário da escrita moderna, isto é, a primeira e segunda com *s-* e *-ss-*, a terceira e quarta com *ç-* e *-ç-*.

<sup>3</sup> Vid. *Esquisse d'une Dialectologie*, Paris, 1901, pag. 114-115. — Nessas regiões o som que na escrita se representa por *-z* vale *-ç*. Nos documentos antigos, pelo menos de certo tempo em diante, tambem *-z* devia ter esse valor.

só em certa epoca, isto é, pelo sec. XVI, e d'então para cá, se confundia *s* com *ç*, e *ſ* com *z*, e se encontra, por exemplo, *mesquinho*, *mesquita* em Duarte Nunez, apesar de philologo, na *Origem da lingua portuguesa*, pag. 58<sup>1</sup>, palavras que Jeronymo Cardoso, outro philologo, no *Dictionarium Latino-Lusitanicum*, 1570, 2.<sup>a</sup> parte, pag. 58, escreve com o *z* etymologico. Não obstante isso, Duarte Nunez estatue, quanto ao uso da letra *z*, o seguinte, na *Orthographia*, 1576: « com ella screuere-mos todolos nomes patronymicos Portugueses, como de Alvaro, *Alvarez*; de Nuno, *Nunez*; de Pedro, *Pirez*; de Antonio, *Antunez*; de Paio, *Paez*... »<sup>2</sup>. De facto era essa a boa tradição litteraria no seculo XVI, como vimos dos exemplos que adduzi; e elle proprio se assina *Nunez* no rosto das obras philologicas que citei.

A mesma tradição perdurou no seculo XVII:

Fernão d'Alvarez do Oriente, auctor da *Lusitania Transformada*, 1607 (cfr. supra, pag. 176, nota 2).

Antonio Gomez d'Oliveira, auctor dos *Idylios maritimos*, 1617;

Francisco Rodriguez Lobo, auctor da *Corte na aldeia*, 1619;  
*Livro de Nossa Senhora do Desterro* (por Francisco Matos de Sá), dedicado a Antonio Gomez da Mata, 1620;

João Nunez Freire, auctor d-*Os Campos Elysios*, 1626;

Antonio Fernandez, auctor da *Arte de musica*, 1626;

*Jornada de Goa* (de Frei Antonio de Gouveia), impressa por Diogo Gomez Loureiro, 1606.

<sup>1</sup> A 1.<sup>a</sup> ed. da *Origem* é de 1606, mas as licenças da impressão são de 1601, pelo que se póde admittir que a obra foi escrita ainda no sec. XVI, e por isso a cito aqui. — Fallando do *z*, diz elle na *Orthographia*, 1576 (obra escrita em sua *verde idade*, como affirma na *Origem da ling. port.*, prologo): « a qual letra, porque muitos a confundem com o *s*, e aas vezes com *ç*... », fl. 22 v.

<sup>2</sup> Fl. 22 v. — Cf. tambem João de Barros, *Compilação de varias obras*, Lisboa, 1785, pag. 86 (*Grammatica*. A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1540).

Comtudo não faltam provas de *-es*: Matheus Soares, auctor da *Pratica e ordem pera visitadores*, 1602; Iorge Rodrigues, editor das *Sentenças de Dom Francisco de Portugal*, 1605; Philippe Nunes, auctor da *Arte poetica da pintura*, 1615; Domingos Lopes, editor do *Gentio de Angola*, 1642. O proprio Severim de Faria, tão sabedor do passado, escreve nas *Noticias de Portugal*, Lisboa, 1655: «patronimicos *Dias, Esteves, Fernandes, Gonçalves, &*, que se derivarão de Diogo, Estevão, Fernando, Gonçallo»<sup>1</sup>. — O *-ez*, quando o escreviam no seculo xviii, era só por prática tradicional, pois que *-z* na lingua viva do geral das pessoas cultas já estava substituido por *-s*; por isso tantas vezes apparece *-es*.

No seculo xviii, e d'esse seculo em diante, o *-ez* perde cada vez mais campo, e chega a desaparecer. Só nos tempos d'agora o restauraram com intuitos historico-scientificos: vid. Gonçalvez Viana, *Ortografia Nacional*, Lisboa, 1904, pag. 117, 124, e 290.

Os nomes que hoje se usam como appellidos, — *Alvares (Alves), Domingues, Fernandes, Gonçalves, Henriques, Lopes, Márques, Mendes, Peres, Rodrigues, Sanches* — (ou com *-ez*), indicavam pois originariamente filiação, eram patronymicos: *Alvares* ou *Alvarez*, filho de Alvaro; *Sanches* ou *Sanchez*, filho de Sancho, etc.; em seguida, assim como entre os Romanos *Quintus, Sextus* deixaram de designar propriamente o 5.º e o 6.º filho, e passaram a empregar-se como meros prenomes, sem mais ideia accessoria, assim tambem os nossos patronymicos começaram a desempenhar apenas função de appellidos: quem hoje se chama *Nunes* ou *Nunez* póde não ser filho de um Nuno. Nós temos menos ordem nos nossos appellidos que outros povos: nos Hespanhoes, por exemplo, o 1.º appellido provém do pae, e o 2.º provém da mãe, o que explica que haja appellidos como *Gonzalez y Gonzalez* (o 1.º *Gonzalez* é paterno, e o 2.º é materno). Nos Portugueses nada d'isso acon-

---

<sup>1</sup> Pag. 89.

tece, ainda que frequentemente um individuo, com o appellido ou appellidos que toma do pae, adopta algum ou alguns da mãe, visto que, ao contrário da maior parte das nações, usamos muitos appellidos. Um vestigio dos antigos patronymicos está em se escolher ás vezes como sobrenome o nome do pae: *Manoel João, Luis José, Manoel Bernardo*, o que não impede que se juntem appellidos. Nas aldeias diz-se: *o Manoel do Bernardo, o José da Rita*, isto é, *Manoel*, filho de um Bernardo, e *José*, filho (ou esposo) de uma Rita.

A proposito de nomes notarei mais o seguinte: que os nossos appellidos, se ás vezes se originam de nomes paternos ou maternos, como temos visto, outras resultam de ideias religiosas, v. g. *Reis, Xavier*<sup>1</sup>, *Bátista, Felipe Neri*<sup>2</sup>, *Assis*<sup>3</sup>, *Assumpção, Ascensão, Conceição, Dores, Natividade, Encarnação*; de nomes de localidades, v. g. *Barbosa, Cardoso, Guimarães, Lisboa, Mello, Porto, Vasconcellos*; de simples alcunhas e condições, v. g. *Calvo, Cão*<sup>4</sup>, *Collaço, Mangancha*<sup>5</sup>, *Monteiro*<sup>6</sup>;

<sup>1</sup> Vulgar na India, por causa de S. Francisco Xavier.

<sup>2</sup> Provém de S. Felipe Néri, santo italiano do sec. XVI, fundador da Congregação do Oratorio; *Neri* (e *Negri*) é appellido vulgar na Italia. Em Portugal tambem ha exemplos de *Néri* avulso, sem *Felippe*, ou porque se perdesse a consciencia da ligação primitiva das duas palavras, ou porque esse appellido tenha origem directamente no appellido italiano. — Várias pessoas escrevem hoje *Nery*, com -y, erro manifesto (*Néry* é o nome de uma aldeia franceza, no departamento de Oise). Outr'ora escrevia-se com exactidão, por exemplo: *Dittos, dictames e documentos moraes e espirituaes de S. Philippe NERI. . traduzidos do italiano em portuguez* (1708). A quem me objectasse que esta obra foi impressa em Roma, e que será por isso que o appellido apparece correcto, lembrarei outra: *Nova Gramatica da lingua ingleza* por Agostinho NERI da Silva, impressa em Lisboa em 1779. — Note-se que, ao passo que nós dizemos *Néri* ou *Néry*, com é, os italianos dizem *Neri* com e fechado (isto é, com o nosso ê).

<sup>3</sup> Por S. Francisco d'Assis. O santo era de Assisi, na Italia.

<sup>4</sup> Na lingoa antiga *cão* significava «de cabellos brancos» (lat. *canus*).

<sup>5</sup> = *manga ancha* (larga).

<sup>6</sup> «caçador de monte» etc. Vid. Moraes, s. v.

ou tem origem estrangeira, v. g. *Belford*, *Bettencourt* (ant. *Betancor*), *Blanco*, *Castilho*. Não posso espriar-me agora em mais amplas considerações.

\*

Usa a lingua popular a palavra *petis* ou *petiz*, que é desfiguração da francesa *petit*. Já de si é isto grande abuso, porque não precisamos d'ella <sup>1</sup>; mas o abuso chega a ponto de se lhe dar como feminino *petisa*. Em verdade digo «abuso», mas na vida da lingoagem não raro um «abuso» se torna lei, ou pelo menos obedece a tendencias geraes. O que hoje parece censuravel, amanhã todos o aceitam. Quem sabe? Talvez *petis* e *petisa* venham ainda a pertencer á lingua classica dos nossos vindouros, visto como a dos nossos antepassados está condemnada a soffrer contínuas lesões e invasões.

Dizer *petisa* é tão natural como dizer *portuguesa*. Na origem só se dizia *português* para os dois generos. Em 1533 imprimiu-se em Coimbra uma obra denominada *Espelho de perfeicam* (sic) *em lingua portugues*. O *Breve memorial de pecados* de Garcia de Rêsende, impresso em 1545, tem esta subscrição final: «acabou-se ho cõfessionario em *lingoagem portugues*». Na *Asia* de J. de Barros, Lisboa, 1553, dec. II, liv. III, c. 3, fl. 42 r., lê-se: «liuro de orações em *lingua Portugues*». E assim devia ser, pois o suffixo *-ês* vem do latim *-ense(m)*, accusativo uniforme. No processo do tempo desejou-se assinalar melhor o feminino, e juntou-se *-a* ao masculino, e assim se formou *portuguesa*. Phenomeno analogo se mostra noutras palavras: *elefante-~~elefanta~~*, *infante-~~infanta~~*, *monge-~~monja~~*, *parente-~~parenta~~* <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> No Porto publicou-se em tempos um periodico com o insolito titulo de *Petiz-Jornal*, — traducção avariada do francês *Petit-Journal*!

<sup>2</sup> [No *Correio da Manhã* (Brasil) de 29 de Dezembro de 1907 e de 12 de Janeiro de 1908 tratou do assunto, reunindo muitos exemplos, o Dr. Mario Barreto].



Do uso archaico de *português* como nome uniforme ficou um vestígio na lingua moderna nos adverbios em *-mente* derivados de adjectivos gentilicos em *-ês*; a regra é dizer *portuguêsmemente*, etc.<sup>1</sup>, e não *portuguesamente*, como seria de esperar, visto que *-mente* é na origem o substantivo feminino *mente*, do latim *mens*, *-entis*, «tenção», pelo que se diz, com outros adjectivos, *sabiamente*, *vistosamente*. Em português antigo separavam-se mesmo os dois elementos do adverbio: *mente*, na sua qualidade de substantivo, e o adjectivo correspondente, por exemplo, *cortês mente*<sup>2</sup>; nas locuções *á boa mente*, *de boa mente*, as quaes, por causa do *a* e do *de*, é menos exacto escrever *boamente*, mostra-se ainda *mente* como substantivo.

De uma parte, o adverbio *portuguêsmemente* tem uso restricto, e não ha pois muita occasião de attentar nelle, e observar a discordancia dos dois elementos que o compoem; de outra parte, está em certo parallelismo com *cortêsmemente*, *felizmente*, *velozmente*, e os restantes adverbios cujo radical seja um adjectivo oxytonico uniforme: por isso não admira que se diga *portuguêsmemente*, de preferencia a *portuguesamente*, como, segundo já disse, se esperaria.

\*

Segundo foi ponderado na primeira parte d'este Curso (vid. pag. 57), havia na lingua antiga, com os pronomes demonstrativos simples *este*, *esta*, *esto* (*isto*), os pronomes compostos *aqueste*, *aquesta*, *aquesto* (*aquisto*), e do mesmo modo *aquelle*, *aquella*, *aquello* (*aquillo*).

É natural que na origem a fórma composta se differençaes da simples por certa emphase. Outras linguas reforçam a cada passo os pronomes com particulas: cfr. latim *hice*, *haece*, *hoce*, a par de *hic*, *haec*, *hoc*; grego ἔδῃ; irlandês *mesi* «eu»

<sup>1</sup> Vid. Epiphanio Dias, *Gram. Portug.*, § 98.

<sup>2</sup> [Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 56].

(emphaticamente); all. *etwas*; francês *celui-ci*. Todavia já no *Livro de Esopo* (sec. XIV-XV) não ha differença sensível entre *este* e *aquêste*. Taes pronomes tornaram-se synonymos entre si, e a fórma simples veio pois a supplantar a sua congenere. Assim desapareceu na lingua litteraria tambem *aquesse* perante *esse*. O pronome *aquelle* permaneceu até hoje, porque a fórma simples era *elle*, que não funciona como pronome demonstrativo, embora em latim o fosse, mas funciona como pronome pessoal. Ao dizer *aquelle*, entenda-se igualmente *aquella*. Quanto a *aquillo*, não havia inconveniente em ter sido substituído por uma fórma simples (cfr. *isto* e *isso*); mas a symetria com *aquelle* e *aquella* provocou a sua conservação.

Comparando-se *aquelle* (*aquella*, *aquillo*) com *este* (*esta*, *isto*) e *esse* (*essa*, *isso*), encontra-se-lhe sabor archaico, e por isso o incluo nesta serie.

Da fórma *lo* do artigo-pronome existem tambem varios vestigios na lingua actual; mas já me referi ao assunto a pag. 60-61. — Aos exemplos que nesse capitulo dei de deglutinação do artigo, na fórma *o*, posso juntar um, muito curioso, do mesmo phenomeno, relativamente á fórma *lo* do artigo: é o nome de terra moderno *Urbão* ou *Orvão* (na Beira-Alta), cuja fórma antiga era *Leoruani* (sec. X)<sup>1</sup>; devemos entender que de *Lorvão* se deduziu *Orvão*, por se suppor que aquella palavra era composta de *lo* + *Orvão*, — o que só podia acontecer na epoca em que o artigo ainda tinha *l* inicial.

\*

O verbo *pesar* admite dois sentidos principaes em portugês, um physico, outro moral: «avaliar pêso», e «sentir dôr»; do primeiro sentido veio a mais o de «considerar», «reflectir». Comprehende-se que da ideia de pêso physico se passasse para

---

<sup>1</sup> Vid. Pedro d'Azevedo nO *Arch. Portug.*, IV, 203.

a de incómodo ou dôr, porque o incómodo é como que um pêso moral; por outro lado examinar com a mente uma circumstancia é como que pesar com uma balança um objecto material. Já tambem em latim *ponderare*, verbo derivado de *pondus*, e que deu o nosso *ponderar*, significava « pesar », (« medir »), e « julgar », e no mesmo caso está *pensare*, d'onde veio o nosso *pensar*, e *aestimare* « taxar », « avaliar », d'onde veio o nosso archaico *esmar* (*osmar*), e por via litteraria o moderno *estimar*. São exemplos de Sematologia (metaphoras).

Na accepção de « sentir dôr moral », o verbo *pesar* é impersonal, e pronuncia-se com *ê*: *pêsa-me* (*pêsa-lhes*, etc.); usa-se principalmente no acto-de-contrição, na Beira-Alta, Douro e Extremadura, pelo menos: « *pêsa-me*, Senhor, de todo o meu coração, de vos haver offendido ». De *pêsa-me* nesta accepção veio o substantivo *pêsame*, plural *pêsame*s. Outros exemplos de transformação de flexões verbaes em nomes dão-no-los: *prasme* = *praz-me* (« o regio *prasme* », beneplacito); *acórdão*, 3.<sup>a</sup> pessoa pl. de *acordar* « resolver de acôrdo » (« o acórdão », « os acórdãos »), *o atrêveste* = *atreves-te* (jogo trasmontano). São igualmente factos sematologicos.

*Pesar* vem do latim *pē(n)sare*, e por isso o *ê* explica-se como os de *mêsa* < lat. *mē(n)sa*, *mês* < lat. *mē(n)se-*, *têso* < lat. *tē(n)su-*, isto é: *pêsa* < lat. *pē(n)sa(t)* <sup>1</sup>. É natural que em todas as accepções do verbo *pesar* se dissesse primitivamente *pêsa*, e por tanto tambem houvesse *ê* nas restantes flexões rhizotonicas: *pêso*, *pêsas*, *pêsam*, *pêse*, *pêses*, etc. Parallelamente se diz ainda hoje *chêgo*, *chêgas*, *chêga*, *chêgue*, e do mesmo

---

<sup>1</sup> É evidente que *pesar* tem origem mais antiga que *pensar*, porque este apresenta intacto o grupo latino *ns*. Incidentalmente notarei que *pensar*, como o francês *panser* (*panser*, *pancer*), tambem significa « cuidar de », por ex.: *pensar o gado*, *pensar uma ferida*, ao que se liga o substantivo verbal *penso*. Os verbos *pensar*, nas duas accepções, e *pesar* pertencem á classe das palavras allotropicas (vid. pag. 23).

modo outros verbos <sup>1</sup>; tudo isto depende de condições phoneticas geraes, que não posso aqui expôr. Como porém na maioria dos verbos *e sôa é*, por exemplo *aprêso-aprêssa, alêgro-alêgras, trêpo-trêpas*, etc., veio *pêso-pêsas* a amoldar-se analogicamente a elles, e passou a soar *pêso-pêsas*, excepto no caso restricto e rarissimo de *pêsa-me (pêsa-lhes, etc.)*, em que a flexão antiga ficou como que estereotypada.

\*

Até o seculo xv as 2.<sup>as</sup> pessoas pluraes dos verbos terminavam em *-des* e *-de*, como: *cuidades, guardedes, morásedes, metede*, do lat. *-tis, -te* <sup>2</sup>. Estas terminações foram no primeiro quartel d'aquelle seculo substituidas na lingua litteraria por terminações syncopadas; hoje diz-se *cuidaes, gardeis, morasseis, metei* <sup>3</sup>.

Comtudo, sem fallar da lingoagem popular de Gil Vicente (sec. xvi), onde ha *amanhade, corregede* <sup>4</sup>, do gallego moderno, onde é normal *falades, falabádes, falade* (a par porém de *falai*), e do dialecto interamnense, que diz *andaides* <sup>5</sup>, existem no nosso idioma corrente muitos vestigios das terminações archaicas *-des* e *-de*: ellas persistem em todos os verbos, sempre que estão depois de *r* e de nasal, por exemplo *amardes, quiserdes, tendes, vînde, ponde*, e nas seguintes flexões de verbos monosyllabicos: *crer, ler, ser, ver, ir, rir*, a saber:

<sup>1</sup> Vid. Epiphania Dias, *Gram. Portug.*, § 80-c. Nos exemplos ahi citados ha porém variantes dialectaes.

<sup>2</sup> Cf. Adolfo Coelho, *Theoria da conjugação*, pag. 25 ss. — No *Boosco deleytoso*, impresso em 1515, ha *pidyde* e *reseberedes* (cap. II), mas esta obra é anterior ao sec. xvi: vid. supra, pag. 136, nota 2.

<sup>3</sup> [Tratei do assunto nos *Mélanges Chabaneau*, Erlangen, 1907, pag. 175 ss].

<sup>4</sup> Vid. *Rev. Lusit.*, II, 342.

<sup>5</sup> Vid. *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 135.

*credes-crêde, ledes-lede, sede, vedes-vede, ides-ide, vades<sup>1</sup>, rides-ride.* A razão da persistencia do *-d-* está, quanto a mim, em se desejar evitar que da syncope resultasse confusão com outras flexões: effectivamente resultaria *amares, quiseres, tens, vim, pom* ou *põe, crês-crê, lês-lê, vês-vê, ris-ri*, que já correspondem a outras pessoas. Sómente de *ides-ide*, syncopados em *is-i*, não resultaria confusão: mas *is* e *i* existiram de facto, como se viu na nota 1, e se não se mantiveram, foi porque *i* é palavra muito tenue, e procurou-se encorpá-la, não deixando pois morrer a fórma archaica *ide*; *is* seguiu o mesmo destino da flexão do singular, isto é, ficou supplantada por *ides*. Ha em romance muitos exemplos, quer de rejeição de palavras extremamente exiguas, e sua substituição por outras mais amplas, quer de repugnancia a homonymos<sup>2</sup>.

A syncope em *cuidaes, metei*, etc., por *cuidades, metedes* deve ser de origem morphologica, e não phonetica, visto que *-ades, -edes* se mantiveram nos substantivos (*verdades, redes*); mas d'onde partiu o impulso? É difficil responder.

\*

Ao tratar de verbos com prosodia e flexões archaicas, lembra mencionar alguns participios tambem archaicos que se mantiveram no fallar hodierno, embora com outra accepção (Sematologia).

O participio presente latino vivia em portugûes antigo nas fórmas *-ante, -ente* e *-inte*, como *estante, sabente, complinte*.

---

<sup>1</sup> Em textos antigos ha *is* por «ides» segundo a regra geral (Moraes, *Gram. Portug.*, pag. 143), e *i-vos* por «ide-vos» (por ex.: «*hi-vos*, minhas cabras, *hi-vos*», Bernardim Ribeiro, Egloga 3.<sup>a</sup>, na ed. de 1785, pag. 299), onde houve propriamente syncope de *-de-*, em próclise.

<sup>2</sup> Vid. Diez, *Gram. des l. rom.*, I, 46-48, que porém não trata dos casos de que me occupo aqui.

Estas fórmulas tornaram-se depois normalmente substantivos e adjectivos: *andante*, *temente*, *pedinte*<sup>1</sup>. A par temos hoje (cfr. supra, pag. 76) *tirante* e *salvante*, que, comquanto na origem fossem participios, passaram a ser meras preposições: «*tirante* isso»<sup>2</sup>, «*salvante* os noivos... não houve ninguem que desprezasse as iguarias»<sup>3</sup>.—Compreende-se facilmente que um participio se torne adjectivo, e este se torne substantivo: «um homem *estante* aqui» isto é: «um homem *que está* aqui», como quem dissesse: *estavel*. Já num documento do seculo xv *estante* significa «residente», «morador»: F. é F. «*estantes* na cidade de Lisboa»<sup>4</sup>. E em Garcia d'Orta, *Coloquios dos simples*: «Coge Perculin... *estante* em Goa»<sup>5</sup>.—Tambem se comprehende sem difficuldade a passagem da noção de participio para a de preposição. *Tirante* *isso* é frase estereotypada, que se repete muitas e muitas vezes, sempre a mesma, e corresponde a *sem isso*; por consequencia *tirante* ficou a valer por preposição. *Salvante* seguiu caminho analogo. Cfr. o que se disse de *devido* a pag. 91.

O participio latino em *-utus*<sup>6</sup> deu um participio português archaico em *-udo* (na 2.<sup>a</sup> conjugação), o qual ainda no seculo xv concorria com o participio em *-ido*. D'elle restam agora, entre outros, os seguintes representantes: *teuda* e *manteuda*, frase juridica; *Temudo*, isto é, «temido», sobrenome; *conteudo*, substantivo.—A razão da manutenção está em ser *teuda* e *manteuda* frase estereotypada, e em serem *Temudo* e *conteudo* usados como substantivos. Em todas estas circumstancias se perdeu a primitiva noção participial.—O adjectivo *miudo* não

<sup>1</sup> Cf. Ad. Coelho, *Theoria da conjugação*, pag. 127.

<sup>2</sup> Passim.

<sup>3</sup> Silva Campos, *Noites de Vianna*, I, 12.

<sup>4</sup> *Archivo Hist. Port.*, I, 318.

<sup>5</sup> Sirvo-me da 1.<sup>a</sup> ed. (Goa, 1563), fl. 20 v.

<sup>6</sup> Cf. Zimmermann no *Archiv* de Völflin, XIII, 130 ss., e na *Zs. f. r. Phil.*, XXVIII, 97.

corresponde a um participio português, mas ao latim *minutus*, participio de *minuere*, já porém empregado com funcções adjetivas.

Do participio *excepto* fallei a pag. 91.

\*

No que toca ás particulas, secção final da Morphologia, notarei o seguinte.

Em português antigo coexistia, ainda que com diferenças de sentido, a preposição *per* com *por*. Esta suplantou porém aquella, que hoje só se conserva estereotypadamente em várias locuções, como disse a pag. 79: *de pèr meio*, *de per si* (mais correntemente *por si*), *perante*, isto é, *per ante*. De *pelo* = *per lo* fallei a pag. 61<sup>1</sup>.

A preposição *so* «debaixo», do lat. *sub*, correntissima na lingua archaica, desapareceu do uso actual, mas conserva-se em compostos: *sopapo* = *so-papo*, *soerguer* = *so-erguer*. Do seu uso no onomastico do Minho, por exemplo *Sua Torre* = *so a torre*, tratei na *Rev. Lusitana*, VIII, 67-69.

A respeito de *após* e *empós*, vid. pag. 77.

Tambem outr'ora se dizia *em que*, na accepção de «ainda que», «com quanto», por exemplo em Gil Vicente, III, 207 («*em que* a renda seja curta»); cfr. hesp. ant. *anque*, e hesp. mexicano *enque*<sup>2</sup>. Essa conjunção ficou hoje em: «*em que vos*

<sup>1</sup> Alguns puristas, como o P.<sup>e</sup> Cardoso Borges de Figueiredo, pretenderam em vão restaurar o *per*: este escreve, por exemplo, na *Rhetorica*, 11.<sup>a</sup> ed.: «repartir *per* outros», pag. VII; «*per* uma face .. *per* outra», pag. 18; «*per* todo o discurso», pag. 33. Em casos taes não se póde remar contra a maré; o uso geral tem de prevalecer.

<sup>2</sup> A Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis trata do assunto na *Zs. f. rom. Philol.*, VIII, 109-110, onde junta muitos exemplos.

*pése*». Não chego a comprehender porque é que Adolfo Coelho lhe chama pouco logica <sup>1</sup>.

Assim como incluí *aquelle* (vid. pag. 184) na lista, que estou organizando, de archaismos, assim também posso incluir *aqui*, comparado com *ahi* e *alli*, visto que em *aqui* entra o elemento *aqu-* que entra em *aquelle*. Por outro lado *hi* tinha independencia na lingua antiga; hoje, por ser palavra muito exigua, agglutinou-se-lhe *a*, e formou-se *ahi*.

*No'mais*, por *nom mais*, nos *Lusiadas*, x, 145:

*No'mais*, Musa, *no'mais*, que a Lira tenho  
Destemperada, e a voz enrouquecida,

bem como nos *Amphytriões*, ed. de Hamburgo, III, 310 («mas d'isto agora *no'mais*»), é igualmente archaismo, quanto á epoca de Camões, em que o adverbio *nom* já havia sido substituido na lingua commum por *não*.

O antigo adverbio *chus* (cfr. supra, pag. 98) ficou fossilizado na locução usual: «não disse *chus* nem bus», isto é, nem palavra.

\*

Para concluir o que pretendi dizer dos vestigios archaicos que se observam na grammatica moderna, e para considerar esta em todas as suas principaes partes, vou agora juntar duas palavras a respeito de Syntaxe.

Dizia-se em latim: *rogare aliquem ut*. D'esta construcção se aproxima a nossa lingua antiga em frases como: «*roqueyo que me guiasse e encaminhasse* <sup>2</sup>; «eu *ho roquarey* e *forçarey*

<sup>1</sup> *A lingua portuguesa*, Porto, 1887, pag. 175.

<sup>2</sup> *Boosço delleytoso*, Lisboa, 1515, cap. IV (exemplar da Bibliotheca Nac. de Lisboa).



que se hamierçee de ty»<sup>1</sup>. Vid. outros exemplos supra, pag. 71 e 74, e as respectivas annotações. Hoje taes frases traduzir-se-hiam assim: *roguei-lhe que*, porque *rogar* construe-se normalmente com complemento indirecto, seguido de uma oração de *que* (integrante). Todavia nas provincias é corrente, como já disse a pag. 89: «*rogar homens* para o trabalho»,— onde *homens* serve de complemento directo de *rogar*, e onde este verbo tem o sentido de «convidar». Do verbo *rogar* vem o substantivo verbal *rôga*, que se tornou concreto, pois significa no Douro: conjunto de gente que vai *rogada* para a vindima (só para a vindima, e não para outros trabalhos campestres)<sup>2</sup>. Á mesma categoria syntactica pertence a expressão *rogar pragas*.

Em português archaico o pronome *outro* podia pospôr-se ao substantivo: «algũa pêsõa *outra*» (sec. xv)<sup>3</sup>. Este modo de dizer perdeu-se, mas usa-se parallelamente a elle (sem intercalação de substantivo): *nenhum outro*, *algum outro*; e com pronomes analogos: *cousa nenhuma*, *cousa alguma*<sup>4</sup>.

Do emprêgo do modo infinitivo como sujeito, regido de preposição, do que ha vários documentos na lingoa antiga, temos exemplo hoje em: *convem a saber*, *custa a crer*<sup>5</sup>. Ha um grammatico antigo que explica *convem a* por *como vem a* (êrro manifesto); mas já Bluteau, no *Vocabul.*, s. v. «convem», remette judiciosamente o leitor para *convir*.

Os pronomes *um . . outro* eram outr'ora precedidos de artigo

<sup>1</sup> *Boosco delleytoso*, cap. v.

<sup>2</sup> É frequente naquella região, no tempo das vindimas, ver passar nas aldeias bandos do homens e mulheres, que por vezes cantam, tocam e dançam, exactamente como os romeiros quando vão para as romarias, ou voltam d'ellas. Estes bandos são as *rôgas*. [Cf. tambem Julio Moreira, *Estudos da ling. portug.*, I, 201-202].

<sup>3</sup> Num doc. publicado por Sousa Viterbo no opusculo *Duarte Galvão e sua familia*, Lisboa, 1905, pag. 59.

<sup>4</sup> Cf. *Rev. Lusitana*, IV, 122.

<sup>5</sup> [Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 62].

definido, analogamente ao que se dá com o francês *l'un . . . l'autre*<sup>1</sup>, por exemplo: «*a huũa dellas tynha huũa pedra esmeralda muy verde, e a outra tijnha huuã muy grande pedra çafira coor d'çeeo, e ha outra huuã pedra roby em as coroas*»<sup>2</sup>. Como primeiro notou o douto humanista Julio Moreira, ficaram vestígios de tal uso «na expressão *á uma e á outra*, com o sentido de:—*por uma parte e por outra*;—*por um lado e por outro*;—*primeiramente, depois*; . . . *á* é a crase da preposição e do artigo, valendo por tanto *á uma* o mesmo que *a a uma*, como *á outra* vale por *a a outra*»<sup>3</sup>. Quando na propria lingua litteraria se diz *um . . . o outro*, com determinação articular do segundo pronome, por exemplo em Arraiz «*hũ d'elles era rico . . . o outro era hũ cavaleyro . . . da cõrte*»<sup>4</sup>, deve entender-se que *um* está por *o um*, havendo-se o *o* fundido com o *ũ* seguinte; o feminino *uma . . . a outra* seguiu a analogia do masculino.

### B) Lexico:

Se na grammatica moderna se mantem processos da grammatica antiga (phoneticos, morphologios, e syntacticos), tambem no lexico perduram, em certas circumstancias, palavras que já ha muito deixaram de se usar na lingua corrente, como veremos em seguida.

algaravia. Vid. infra «ingresia».

braga. Vid. supra, pag. 24-25.

cãs. Esta palavra, que quer tanto dizer como «cabellos brancos», é um *plurale tantum*, isto é, só usada no plural, pelo menos na lingua moderna. Na origem era porém adjectivo,

<sup>1</sup> [Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 61].

<sup>2</sup> *Boosco delleytoso*, Lisboa, 1515, cap. V.

<sup>3</sup> In *A Revista* (Porto, 15 de Dezembro de 1905), pag. 91-92. [Cf. do mesmo A., *Estudos da lingua portuguesa*, I, 1-2].

<sup>4</sup> *Dialogos*, Lisboa, 1604, fl. 52, v., col. 1-2.

*cão*, *-ã*, pois deriva do latim *canus*, *-a*, *-um* «branco». Lá diz Bernardim Ribeiro:

Vi hum homem todo *cam*,  
Que lhe dava pelo *chan*  
A barba, e o *cabello*...

na *Menina e Moça* ou *Saudades*<sup>1</sup>.—O adjectivo substantivou-se na fôrma feminina, por vir junto a qualquer substantivo d'esse genero, por exemplo *crenchas*, isto é, *crenchas caãs*. Já em latim se usava o plural substantivado, mas na fôrma masculina: *cani* (sc. *capilli*) «as caãs, ou cabellos brancos»<sup>2</sup>.—Creio que é de *cão*, como adjectivo, no sentido indicado a cima, que vem o appellido do célebre descobridor do Congo, Diogo Cão (sec. xv)<sup>3</sup>.

desleixado. Usa-se em frases como: «F. é um *desleixado*». Participio do verbo classico *desleixar* = *des-leixar*. O verbo *leixar* vem do lat. *laxare* (*\*laiszar*, *\*leissar*), e tem como fôrmas parallelas em romanço: prov. *laiszar*, fr. *laisser*, hesp. ant. *lexar*, etc.; viveu na lingoa, pelo menos, até o sec. xvi, como o mostra este lugar do *Clarimundo*: «convem que por huns dias *leixes* esses cuidados»<sup>4</sup>, e este da *Menina e Moça*: «e apos hum grande suspiro, se *leixara* estar assi»<sup>5</sup>; depois foi substituido completamente por *deixar*, cuja origem ainda não está bem esclarecida<sup>6</sup>.—Com *desleixado* concorre na lingoa moderna o substantivo verbal *desleixo*.

<sup>1</sup> Ed. de 1785, pag. 354.

<sup>2</sup> B. Pereira, *Prosodia*, s. v.

<sup>3</sup> *Asia* de João de Barros, Lisboa, 1552, I, 1, 3: «Diogo Cam, descobriu o reyno de Congo». — Cf. supra, pag. 181.

<sup>4</sup> *Chronica do emperador Clarimundo* de João de Barros, III (1791), 7.

<sup>5</sup> De Bernardim Ribeiro, ed. de 1785, pag. 73.

<sup>6</sup> Cf. sobre o assunto: F. Adolfo Coelho, *Questões da ling. port.*, I, 291-292; Morel-Fatio na *Romania*, III, 312, e Tailhan *ibid.*, IV, 262. — Em

esfaimado e faminto. Á letra: «cheio de fome». A base d'estas palavras é o antigo substantivo *fame*, que se encontra constantemente nos textos, por exemplo: «*fame* e sede de justiça» (sec. XIV)<sup>1</sup>, «sobre todos vem tal *fame*» (sec. XV)<sup>2</sup>, «auer *fame* e sede», e «auia *fame* e cansaço» (sec. XV)<sup>3</sup>; tambem se lê *fame* na *Miscellanea* de G. de Rêsende (sec. XVI). No *Dict. Latino-Lusitanicum* de J. Cardoso, 1.<sup>a</sup> ed., Coimbra, 1570, fl. 69, o lat. *fames* está traduzido ora por *fame*, ora por *fome*; no *Dict. Lusitanico-Latinum* vem igualmente *fame* e *fome*. É de facto pelo sec. XVI que a palavra *fome* deve ter substituído *fame* na lingua litteraria<sup>4</sup>. Em gallego e mirandês usa-se porém ainda hoje *fame*.—Do thema de *fame*, com o suffixo *-ear*, fez-se *esfamear*, verbo attestado por Cardoso (sec. XVI)<sup>5</sup>; d'ahi, com metathese, sahiu *esfaimar* (agora em desuso), e por tanto o participio *esfaimado*, que chegou até á actualidade. Com o suffixo *-ento*, formou-se do mesmo thema o adjectivo *famento*; cfr. *fastiento* (de *fastio*), *friorento* <lat. \**frigorentu-* (em hesp. ant. ha *frior* <lat. *frigore-*); esse adjectivo vive ao presente em gallego e mirandês, ao passo que na nossa lingua litteraria se mudou em *faminto*, por influencia

---

hesp. medieval apparece já *dexar*; mas em portuguez não encontrei textos com *deixar* anteriormente ao sec. XVI, embora o verbo devesse já então existir na lingoagem popular.

<sup>1</sup> *Ineditos de Alcobaga*, I, 142.

<sup>2</sup> Alvaro de Brito, no *Canc. Geral*, I, 184.

<sup>3</sup> *Vita Christi*, trad. port., Lisboa, 1495, liv. II, fl. 2.

<sup>4</sup> Segundo diz Cornu, o *a* de *fame* mudar-se-hia em *o*, por acção das duas labiaes vizinhas, *f* e *m*: vid. *Die portugiesische Sprache*, Estrasburgo, 1888, pag. 4. Creio que foi Schuchardt quem primeiro deu esta explicação, mas não posso agora verificar. Comparaveis a *fome* são *fom* (no dialecto de Como) e *foame* (em valão), como Diez notou no *Et. Wb.*, 4.<sup>a</sup> ed., pag. 458. Todavia é notavel que o *a* permanecesse intacto em *fama*, *fava* e *favo*, palavras que estão em condições analogas á de *fame*.

<sup>5</sup> *Dict. Lusit.-Lat.*, pag. 44 (ed. de 1570). Este verbo está hoje representado em mirandês no participio *sfamiado*.

talvez do *-in-* de *pedinte*<sup>1</sup>. Vem a pêlo notar que na lingoagem dos Arcos de Valdevez se diz *fòmento*, palavra moderna, formada já depois de se dizer *fòme*, e que em gallego, a par com o citado *famento*, ha *famelgo*, do lat. *famelicu-*. B. Pereira, *Thesouro da ling. portug.*, cita *famaco*.

haver. Na lingua antiga *haver* emprega-se frequentemente na accepção de «ter», por ex.: «a manha de seer boo cavalgador he hũa das principaes que os senhores cavalleiros e scudeiros devem *aver*» (sec. xv)<sup>2</sup>, «e como todas estas cousas *houveraõ* fim»<sup>3</sup> (sec. xvi). Cfr. supra, pag. 79. Este emprêgo cessou, ficando porém vestigios em certas locuções: *hei por bem* (na lingoagem da chancellaria), *bem haja* (onde *bem* é substantivo).

ingresia. De *inglês*, palavra que temos em commum com o hespanhol, fez-se na lingua antiga *ingrês*, fôrma já testemunhada em textos medievaes<sup>4</sup>. A par havia *Ingraterra*, ainda no sec. xvi: «o duque de Lemcastro de *Ingraterra*»<sup>5</sup>. Depois foi restaurada a palavra primitiva, que é hoje a unica usada, mas ficou um derivado da outra, isto é, *ingresia*, que quer dizer «algazarra», etc. Lê-se em Costa e Silva (sec. xviii-xix):

Huma sombra esgalgada pedia  
A Charonte com grande *ingresia*  
A quisesse depressa embarcar<sup>6</sup>,

versos a que elle junta uma nota explicativa. A palavra *ingresia* originou-se evidentemente de relações extensas de Ingleses

<sup>1</sup> Meyer-Lübke, *Gram. des l. rom.*, I, § 181. Elle diz que se esperaria *-ento*; e de facto *-ento* existe, como mostrei.

<sup>2</sup> D. Duarte, *Ensinança de bem cavalgar*, ed. de Roquete, pag. 497.

<sup>3</sup> *Clarimundo*, I (1791), 93.

<sup>4</sup> Vid. Cortesão, *Subsidios*, s. v.

<sup>5</sup> Duarte Pacheco, *Esmeraldo*, ed. de Epiphanio Dias, pag. 67. E cf. G. de Resende, *Livro das Obras*, Evora, 1554, fl. 45 v.

<sup>6</sup> *Poesias*, II, 20.

com Portugueses, que ouviam fallar aquelles, e os não entendiam, ou isto succedesse na epoca de D. João I, como quer Costa e Silva na nota alludida acima, ou nos primeiros tempos da monarchia, por occasião da vinda dos Cruzados. Não raro palavras que designam lingoas tomam accepções como esta. Outros exemplos dão-no-las: 1) *aravia*, que, significando propriamente «lingoa arabica», passou a significar «lingoagem pouco explicita», como se vê d'este passo de Jorge Ferreira: «tudo são patranhas, ninguem me fale *aravia*, sabem mays dezaceys annos dagora, que os sessenta dos passados»<sup>1</sup>; 2) *algaravia*, que está no mesmo caso que *aravia*: significou primeiro «lingoa arabica», por exemplo no proverbio «Em casa de Mouro não falles *algaravia*», e depois «falla confusa»<sup>2</sup>; 3) *vasconço*, que é o nome da lingoa que se falla nas Provincias Vascongadas, em parte da Navarra, e no *Pays Basque*, e se toma entre nós por «lingoagem embarçada, irregular, inintelligivel»<sup>3</sup>. Esta lista podia ainda prolongar-se, se o que fica exposto não bastasse ao meu intento, que é mostrar mais uma vez que a lingoagem obedece a leis geraes.

madre. Vid. pag. 88-89.

mór. Vid. pag. 153 ss.

orelha. Outr'ora dizia-se *orelha* e *orelhas*, não só no sentido moderno, senão tambem no de «ouvido» e «ouvidos», por exemplo: «torna a mim tua *orelha*, e triga-te<sup>4</sup> para me sal-

---

<sup>1</sup> *Aulegrafia*, Lisboa, 1619, fl. 79. [Em port. ha *aravia*, substantivo, como aqui, e *aravia*, adjectivo, por exemplo, «as cartas *aravias* e indias» (sec. XVI), apud Sousa Viterbo, *Noticia de alguns arabistas*, Coimbra, 1906, pag. 36, onde *aravia* é feminino de *arabio*, que se lê *ibid.*, pag. 68: «e sabe a llingoa do *arabio*»; do lat. *arabius*, -a. A palavra *aravia* é formada de *arabe*, com o suffixo -*ia*: cf. Meyer-Lübke, *Gram. des l. rom.*, I, § 405].

<sup>2</sup> Vid. o *Dicc. da Academia*, s. v., e Viterbo, *Elucidario*, s. v. «*algaravia*».

<sup>3</sup> Moraes, *Dicc.*, s. v.

<sup>4</sup> «*apressa-te*».

vares»<sup>1</sup>; «çarra as tuas *orelhas* com spinhas»<sup>2</sup>; «Ó quantas vezes os seos amoestamentos soaram em minhas *orelhas!*»<sup>3</sup>; «desto foram cheas minhas *orelhas*»<sup>4</sup>. Cfr. em francês: *avoir de l'oreille*, e *avoir l'oreille dure*. Em Arraiz (sec. XVI) lê-se, por um lado: «he mui necessario não lhe darmos *orelhas*» (= ouvi-dos)<sup>5</sup>, e por outro, com a distincção que fazemos agora: «o *ouvido* deve poder mais que a lingoa, visto como em cada qual dos homens ha duas *orelhas*»<sup>6</sup>. Da antiga accepção portuguesa ficaram na lingoagem d'hoje estas locuções: «fazer *orelhas* de mercador» (= não dar attenção), e «a palavras loucas || *orelhas* moucas» (adagio). Vê-se que os adagios, pelo seu caracter de estabilidade, conservam expressões antiquadas. Já acima encontramos outro exemplo, a proposito da palavra «braga». E muitas mais expressões podiam citar-se.

ouvida. Contrapõe-se na lingoagem juridica *testemunha d'ouvida* a *testemunha de vista*, e na lingoagem commum diz-se «saber uma cousa *d'ouvida*». Antigamente *ouvida* tinha accepção mais geral: «Per huñ de dous amamos alguã cousa, s.<sup>7</sup> ou per vista, ou per *ouvida*»<sup>8</sup>.

padre. Como se disse a pag. 88, *padre* significava «pae». Isso mesmo o confirma o Poeta:

*Padre?! Padre... é o Pai — só — que nos cobrê,  
E a todos com a mão afaga e amima*<sup>9</sup>.

<sup>1</sup> *Ineditos de Alcobaca*, I, 205.

<sup>2</sup> *Ibid.*, I, 158.

<sup>3</sup> *Ibid.*, I, 174.

<sup>4</sup> *Ibid.*, I, 201.

<sup>5</sup> *Dialogos*, Lisboa, 1604, fl. 32, col. 1.

<sup>6</sup> *Dialogos*, ed. cit., fl. 30 v., col. 2.

<sup>7</sup> = *scilicet* «a saber».

<sup>8</sup> *Ineditos de Alcobaca*, I, 224.

<sup>9</sup> A. de Quental, *Odes Mod.*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 42.

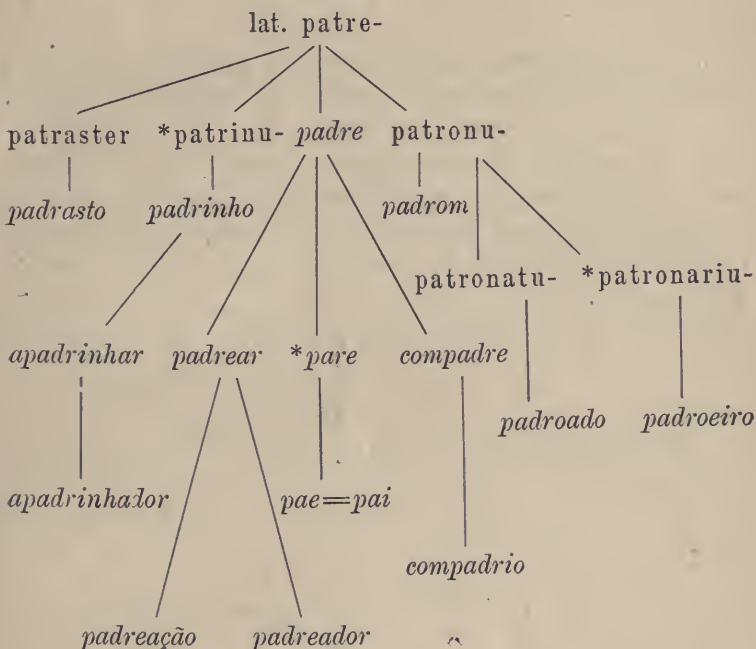
Quando hoje chamamos «padre» a um ecclesiastico, empregamos pois uma palavra que d'antes tinha significação mui diversa. Já os Romanos applicavam *pater* respeitosaente aos deuses, aos heroes, aos velhos: *Iuppiter deorum hominumque pater*; *pater Tiberinus*; *pater Aeneas*. A palavra passou d'esse uso para o da Igreja: *Padre Eterno*, «em nome do *Padre*, do Filho, e do Espirito-Santo», *Santo Padre*, «nosso *Padre* S. Bernardo». Certas instituições sociaes de character mais ou menos estavel fazem que as respectivas palavras se mantenham com tenacidade. Isso vemos tambem em: *el-rei*, já citada a pag. 61; *almoxarife*, que só se usa com relação á casa real; *môr* em *bibliothecario-môr*, etc., como se disse a pag. 154; *provedor* (de Misericordias). Por isso se manteve *padre* facilmente<sup>1</sup>. *Padre-nosso*, onde *Padre* significa «Pae do Ceu», tornou-se nome de uma oração, por ser o comêço d'ella, o que tambem acontece com *credo*, *salve-rainha*, *ave-maria*, substantivos communs, que podem ser precedidos de artigos; de modo semelhante se procede em Tras-os-Montes com os romances populares, que tomam denominação da primeira palavra ou frase d'elles, por exemplo, *Conde preso*, *Cruelvento*, *Alta vai a lua alta*. Além das palavras *compadre* e *padrinho*, connexas com *pae* e *pater*, as quaes mencionei a pag. 88, ha muitas mais: *compadrio*, de *compadre*; *padrasto*, do lat. *patraster*, que se lê em inscrições lapidares<sup>2</sup>;

<sup>1</sup> O que acontece com as palavras, acontece com os usos: os fidalgos nas cerimoniaes da côrte vestem calção, e certos militares graduados trazem chapéu embicado, porque este chapéu e o calção eram antigamente peças de vestuario correntes; os tumulos tem fórma de casas, porque os antigos acreditavam que as almas dos mortos viviam e repousavam alli; nos altares ha a *pedra d'ara*, porque os Romanos na epoca da introdução do Christianismo, sacrificavam aos deuses em aras de pedras; nas repartições publicas terminam-se os officios com «Deus guarde a V.», porque era esta d'antes a fórmula final das cartas, como se vê, por exemplo, das do Padre Antonio Vieira (sec. xvii).

<sup>2</sup> A «*padrasto*» correspondia *vitricus* em latim classico, e essa palavra conserva-se em rumeno (*vitreg*, -a) e em sardo (*birdiu*, -a). — De *patraster*



arc. *padrom* < *patronu-*, com *padroeiro* < \**patronariu-*, e *padroado* < *patronatu-*; *apadrinhar*, derivado do thema de *padrinho*, e *apadrinhador*, derivado do thema de de *apadrinhar*; o verbo *padrear*, com os seus derivados *padreação* e *padreador*, palavras que talvez não sejam muito antigas na lingua, mas que em todo o caso tem *padre* como protótypo theorico. Reunindo numa arvore genealogica todas estas fórmas:



constituimos o que em grammatica se costuma denominar **familia de palavras**.

---

fez-se em latim vulgar o femin. \**matrastra*, por analogia com outros femininos; d'ahi veio o port. *madrasta* (por dissimilação), o hesp. *madrastra*, o fr. *marâtre*, etc. — Cf. *afilhastro* em Tras-os-Montes (e o hesp. *hijastro*, o ital. *figliastro*, etc.).

ser, no sentido de «estar»: vid. pag. 78.

tamanho. Compõe-se de *tam* + *manho*, com absorpção da primeira nasal na segunda, como em *no'mais* (vid. pag. 190). *Manho*, que também se encontra no adjectivo arcaico *camanho* < *quam* + *manho*, vem do lat. *magnu-* «grande». Cfr. sobre o assunto Moraes, *Dicc.*, s. v.

\*

A lista precedente, que eu poderia alongar muito mais, mesmo sem recorrer ao lexico popular e ao onomastico, poisque, se recorresse, não teria fim, mostra que os vocabulos arcaicos se mantêm ou em adagios e locuções (como *orelha* e *haver*), ou em compostos e derivados (como *desleixado* e *ingressia*), ou na fórmula de *plurale tantum* (como *cãs*), ou, emfim, relacionados com instituições especiaes, segundo disse a proposito de *padre*.

## Discussão grammatíco-lexicologica

Genero de certos nomes.—Comparativos.—*Anis*.—*Contradança*.—*Lavandeira*.—*Simildão*.

Um dos meus ouvintes chamou-me a atenção para varios artigos que com o titulo de *Fallar e escrever* vem publicados no *Diario de Noticias*, e pediu-me que dissesse alguma cousa a respeito d'elles. Aqui satisfarei o pedido, apenas para aproveitar o ensejo de expôr alguns principios elementares de Glottologia, e não com intuitos de polemica.

### 1. Genero de certos nomes.

Lê-se no referido jornal, de 15 de Janeiro de 1905, que alguém teve dúvida se se deve dizer *o quercus*, *o pinus*, *os quercus*, ou *a quercus*, *as quercus*, por isso que taes substantivos latinos são femininos; e o auctor do artigo responde:

«O processo mais seguro, a meu ver, é o dos que dizem . . . *o quercus alba*, *o pinus pinea*: . . a concordancia não é aparente, é latente: . . o não concorda com *quercus* ou *pinus*, mas com outra palavra, que se subentende: *o quercus alba* quer dizer—*o carvalho*, que a botanica chama *quercus alba*; *o pinus pinea* quer dizer—*o pinheiro*, que se conhece em botanica pelo nome de *pinus pinea*.»

Mas, objecto eu: e se, em vez de se traduzir *quercus* por «carvalho», se traduzir por «carvalha», que é que se subentende? Melhor é pois dizermos com a concordancia latina *a quercus*, *a pinus*, do mesmo modo que dizemos *os Portugaliae*

*Monumenta Historica*. A regularmo-nos pela regra do auctor do artigo estampado no *Diario de Noticias*, como é que haviamos de proceder com a ultima expressão? Empregar *a*, subentendendo «obra», ou empregar *o*, subentendendo «trabalho»? Vêem-se as incongruencias. Vale mais seguir uma regra geral.

Se ha muitos nomes de plantas que se traduzem por nomes masculinos, como *buxus* «buxo», ou por masculino e feminino, como *quercus* «carvalho» e «carvalha», ha outros que só se traduzem por feminino, como *malus* «macieira» ou «maceira». Segundo o preceito do articulista, tem de se dizer *o malus*; como porém «macieira» é feminino, com quem ha-de concordar *o*?

Este assunto relaciona-se com outro mais geral, qual é o do genero que daremos aos nomes estrangeiros, ao citarmos-los em nossa lingua. Quando existe semelhança entre a palavra estrangeira e a que lhe corresponde em português, dá-se geralmente àquella o genero d'esta, como se á semelhança exterior correspondesse a interior: assim, por isso que o francês *étude* significa «estudo», palavra masculina, não será raro ler ou ouvir dizer «os *Études*» com relação a obras francezes d'este titulo, quando a palavra *Études* em francês é do genero feminino. No meu entender, devemos empregar o genero da lingua respectiva, por ex. «as *Études et glanures* de Littré», ou então; querendo evitar insignificantes dissonancias, antepôr ao titulo um nome comum: «o livro que se chama *Études* etc.» Analogamente: «as *Annales maritimes et coloniales*», «a *Banque de France*» (se for necessario dizer assim, em vez de «o Banco de F.»).

O que fica expôsto acêrca do genero applica-se tambem ao número, como vimos do modo como citei *Monumenta historica* e *Études*, expressões ambas no plural.

Não ha dúvida, porém, que devemos, por exemplo, dizer *peras* é *feminino*, não que se subentenda «nome», porque tambem podia subentender-se «palavra», e então seria *peras* é *feminina*, mas porque, segundo já estabeleceu o sr. Epiphanio Dias, as palavras tomadas materialmente, isto é, como designação da sua

propria fôrma externa, consideram-se masculinas e no singular <sup>1</sup>. Os Romanos em taes circumstancias empregavam o genero neutro e o singular <sup>2</sup>, e d'ahi veio o uso portuguêz; ao neutro em latim corresponde na nossa lingoa o masculino.

## 2. mais bem.

Assim como ninguem dirá — « a obra melhor feita, » — mas sim, — « a obra *mais bem feita*, » — nem « o *melhor* aventurado, » — mas, sim, — « o *mais bem* aventurado, » corrente e correcto será dizermos — « as obras *mais bem* acabadas, » « os livros *mais bem* impressos, » « os concorrentes *mais bem* classificados. »

A meu ver, a razão filológica de que o *mais bem* é ali a fôrma exacta, é que o advérbio *bem*, anteposto a um adjectivo qualificativo, é uma *proclitica*, isto é, um elemento que perde a sua acentuação própria, subordinando-se á do adjectivo, e constituindo com elle como uma só palavra. Em *bem aventurado* até se reuniram os dois termos, formando realmente uma só palavra. — (*Diario de Noticias* de 19 de Fevereiro de 1905).

Com o vocabulo *proclitica* pertenderá acaso o articulista deixar boquiabertos os seus leitores habituaes; todavia não faz mais do que regular-se pelo que vem na *Grammatica Portuguesa* do sr. Epiphanio Dias, § 7. Alem d'isso as suas razões são imperfeitas.

Poderá dizer-se *mais bem aventurado*, não porque *bem* seja puramente proclítico (phonetica syntactica), mas porque, quanto ao sentido, fôrma corpo com *aventurado* (phenomeno psychologico). Por isso *bemaventurado*, numa só palavra, figura como adjectivo, e recebe o advérbio *mais*. A subordinação de *bem* a *aventurado* é anterior á junção de *mais*, e não devida a querer formar-se um comparativo. No mesmo caso está *bem feito*. Quando dizemos *mais bem feito* não temos (para o espirito, está claro) *mais bem* junto a *feito*, temos *mais* junto a *bem feito*. Compara-se *bemfeitor*, em uma só palavra, e *malfeitor*, tambem

<sup>1</sup> *Grammatica Portuguesa*, § 119-9.

<sup>2</sup> Madrig, *Grammatica Lat.*, § 31.

em uma só palavra; ha de mais a mais a locução *em corpo bemfeito*, onde *bemfeito* funciona como adjectivo; *malfeito* chegou mesmo a substantivar-se: assim vem no *Vocabulario* de Bluteau, e creio que é algures o nome popular do Diabo, como o *Maffi* da Suíça romanica <sup>1</sup>.

Em vista do que fica exposto, não ha dúvida que, se é perfeitamente correcto o dizer-se *mais mal feito*, *mais bem feito*, *mais mal aventurado*, *mais bem aventurado* (isto é: *mais malfeito*, *mais bemfeito*, *mais malaventurado*, *mais bemaaventurado*), não menos correcto é o dizer-se *melhor* (*pior*) *classificado*, por isso que *bem classificado* são duas palavras distintas.

### 3. anís.

Segundo se affirma no *Diario de Noticias* de 3 de Fevereiro de 1905, a palavra portuguesá *anís* vem do latim *anisum*. Tão peremptoria affirmação é pouco exacta. O *-u* final latino (= *o* na lingua popular), em regra geral, não se apocópa em portugúês; só cae em certas circumstancias em que porém não está comprehendida aquella palavra. Ha mesmo a tal respeito differenças fundamentaes entre as linguas romanicas.

O francês e o provençal deixam perder o *-u*, excepto quando as consoantes anteriores formam grupo que precisa de se apoiar em um *-e*, por exemplo:

bonu-: { fr. *bon*,  
pr. *bon*; campu-: { fr. *champ*,  
pr. *camp*; pratu-: { fr. *pred* > *pré*,  
pr. *prat*;

o portugúês, o hespanhol (normalmente <sup>2</sup>) e o italiano mantem o *-u* > *-o*: *bão* > *bom*, *bueno*, *buono*; *campo*, *campo*, *camp*; *prado*, *prado*, *prato*.

As palavras em *-isu-* estão pois no mesmo caso: *risu* *deu*

<sup>1</sup> *Bullet. du Gloss. des patois de la Suisse romande*, 1, 29.

<sup>2</sup> Acerca das excepções, que são raras, vid. Menéndez Pidal, *Manual element. de gram. esp.*, 2.<sup>a</sup> ed., § 29, 2.

fr. *ris*, pr. *ris*, port. *riso*, hesp. poetico *riso* (o usual é *risa*), it. *riso*; paradisu- deu fr. mod. *paradis*, pr. *paradis*, port. *paraíso*, hesp. *paraíso*, it. *paradiso*.

O nosso *anis* não pôde explicar-se immediatamente por anisum; esta palavra daria uma que terminasse em *-iso*. Pelo que toca a outras lingoas romanicas, achamos *anis* em hespanhol, tambem de encontro á phonetica, e *anis* em francês, d'accôrdo porém com a phonetica. O ladino *enìs* e o provençal estão para nós fóra do combate. O ital. *ánice* sahio do gr. *ἀνίσον*<sup>1</sup>. Portanto só a phonetica francesa explica o port. *anis* e o hesp. *anis*. A palavra portuguesa veio de França. ou por via directa, ou por intermedio da Hespanha. Creio não ser muito antiga entre nós. Os primeiros dictionarios que, segundo o meu conhecimento, a citam, são o de Bacellar (1783), o da *Academia* (1793), e o de Moraes na 4.<sup>a</sup> ed. (1831); os ultimos reportam-se a um texto da *Summula de Alveitaria* de Pereira do Rego, Lisboa, 1679. Em hespanhol apparece já no sec. XVI, pelo menos<sup>2</sup>.

A presente discussão mostra que as leis phoneticas tem de ser attendidas quando se propõem etymologias. Que o auctor do *Fallar e escrever* as não senhoreia, di-lo o exemplo supra-mencionado, e o attribuir no *Novo Diccionario* ao port. *anis* como etymo o gr. *anison*, sem pôr accento nenhum, o que leva o leitor a crer que tal palavra se pronuncia accentuada no *i*, ao passo que o accento recae na primeira vogal: *ἀνίσον*<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo vê-se que para elle é indifferente tirar uma palavra, já de uma lingoa, já de outra. Em verdade o lat. anisum vem da referida palavra grega, e o fr. *anis* vem d'aquella palavra latina; mas quando em Glottologia se diz que tal palavra vem de tal outra, entende-se que vem immediatamente, pois, se

<sup>1</sup> Ascoli no *Archivio Glott. Ital.*, I, 9, nota.

<sup>2</sup> Em Hernandez de Oviedo, cit. no *Dicc.* da Academia Hespanhola.

<sup>3</sup> Ainda assim, este desacôrto foi copiado do *Dicc. manual etymologico* de F. Adolfo Coelho, s. v.

assim não fosse, andariamos sempre á toa. No nosso caso, entre o grego e o portuguez interpõe-se o latim, o francês, e talvez o hespanhol; pelo menos é só a phonetica franceza que justifica a fórma com que *ἄνισον*—*anisum* se apresenta cá e em Hespanha.

A palavra nacional que corresponde a *anis* é *herva doce*<sup>1</sup>. Como porém *herva doce* cheirava a modesto cubiculo de herbolario, quis-se honrar a planta, dando-lhe nome estrangeirado e novo, visto que ella tem applicação pharmacologica. Houve para isto duas razões importantes. D'uma parte, os Portuguezes, como observa Fr. Heitor Pinto, «per cima de muitas cousas que tem boas, tem esta má, que he serem muito de novidades»<sup>2</sup>. D'outra parte, vale por principio geral de Philologia que, assim como os individuos na vida quotidiana procuram de ordinario nobilitar-se, assim a cada passo se substituem na lingoagem palavras corriqueiras por palavras de aspecto solenne.

Em vez da antiga *botica* diz-se hoje hellenicamente *pharmácia*<sup>3</sup>, e o respectivo *boticario* passou a chamar-se *pharmaceutico*; o *dentista* antepõe ao seu titulo o de *cirurgião*, como de elevado grau, e o *medico-cirurgião* deixa o *cirurgião*, por ser de categoria inferior á de *médico*; nos consultorios dentarios não se diz *tirar um dente*, mas *extrahir*; o misero *barbeiro* não o quer ser, e quando á franceza não se bätiza com *coiffeur*, troca o nome pelo de *cabelleireiro*, que elle suppõe mais fidalgo e mais sonoro, embora o uso das cabelleiras desaparecesse desde os principios do seculo XIX; a sua *loja* transformou-se em *salão de barbear*, por imitação do *salon* francês, imitação estólida, pois acontece ser geralmente pequena aquella loja, enquanto *salão*, em portuguez, é sala grande; ao *mestre de meninos* de Tolentino,

<sup>1</sup> Assim vem, e não de outro modo, na *Flora Pharmaceutica* de J. J. de Figueiredo, Lisboa, 1825, pag. 149.

<sup>2</sup> *Imagem da vida christam*, ed. de 1535, fl. 109.

<sup>3</sup> Só conheço em Oeiras uma botica que resistiu á tentação. Tem como rotulo «botica», e não «pharmacia».



Em rotos pergaminhos encostado,  
Sobre nua cadeira ao alto erguida <sup>1</sup>,

ninguém o trata hoje senão por *professor*; qualquer senhora que assiste a um baile ou a uma festa, vem depois nas notícias jornalísticas laureada com os flammandes títulos de *madame* ou *mademoiselle*, conforme o estado; os *caixeiros* annunciam-se em toda a parte como *empregados de commercio*.

E não necessito de trazer á balha mais exemplos. Às vezes a innovação lexical funda-se realmente em se quererem exprimir de modo particular ideias antigas que se modificaram; outras, todavia, não passa de mera ostentação. A aristocracia lingüística é um caso de aristocracia social.

#### 4. **contradança.**

«*Contradança* é formada de dois elementos, — *contra* e *dançar*, como quem diz que os pares *dançam* uns contra os outros.» — (*Diario de Noticias* do 18 de Fevereiro de 1905).

A explicação não é tão simples como o articulista inculca. Em primeiro lugar a nossa palavra *contradança* não se formou de *contra* e *dança*, veio-nos, já formada, do francês *contredanse*, como o provam ainda as marcas. Em segundo lugar, se alguns, como Littré, interpretam *contredanse* por *contre* + *danse*, outros, como os AA. do *Dictionnaire général*, vêem nessa palavra uma deformação, por etymologia popular, do inglês *country-dance*, «*proprement danse de campagne, où le mot country, campagne, a été confondu avec le français contre*», — posto que também não falta quem pelo contrário tire do inglês o francês <sup>2</sup>.

#### 5. **lavadeira.**

Do *Diario de Noticias* de 12 de Janeiro de 1905:

«— *Lavadeira* ou *lavadeira*?

<sup>1</sup> *Obras*, I (1801), 48.

<sup>2</sup> R. de Gourmont, *Esthétique de la lang. fr.*, 4.<sup>a</sup> ed., pag. 143, nota.

Temos *lavandeira*, em várias accepções, mas é corruptela de *lavadeira*, que é a fôrma exacta e mais geralmente usada.

O peor é que de *lavandeira* derivaram *lavandaria* e, peor ainda, *lavanderia*. *Lavandaria* é que pouca gente diz, talvez porque é assim que devia dizer.»

Conclue-se d'aqui: 1) que *lavandeira* é deturpação de *lavadeira*; 2) que *lavandeira* e *lavanderia* (isto é, *lavandaria*) são erros. Discutamos o assunto, e mostremos qual é o methodo que deve empregar-se no estudo d'estas cousas.

A palavra *lavanderia* tem muita voga. Cita-a o *Diccionario* de Cardoso, no sec. XVI, bem como a *lavandeiro* (nem esse *Diccionario* conhece *lavadeira* ou *lavadeiro*). No seculo XVII vemos *lavandeira*, *lavandeiro* e *lavandaria* no *Thesouro da ling. portug.* de B. Pereira; no mesmo seculo usa-se *lavanderia* nada menos que na *Historia de S. Domingos* de Fr. Luis de Sousa, 2.<sup>a</sup> pt., 56, col. 2<sup>1</sup>. No seculo XVIII Monte Carmelo, *Orthografia*, pag. 629, dá «lavandaria ou lavanderia» como fôrmas legitimamente litterarias; e Bluteau, *Vocabulario*, s. v., só cita *lavandeiro*, *lavadeira* e *lavandaria*, e não *lavad-*. O *Diccionario* de Moraes é que é o primeiro, ou um dos primeiros, em que se lê *lavadeira*, mas tambem ahi se lê *lavandeira* e *lavanderia*, e não ha lá outra fôrma em vez da última. Os dictionarios posteriores, embora tragam as fôrmas com *lavad-*, não deixam geralmente de trazer as com *lavand-*; comtudo o *Novo Diccionario* omitta *lavandeiro*, *-a*, e apenas cita *lavadeiro*, *-a*, e *lavanderia*, que dá como corruptela de *lavandaria*, palavra esta que creio ser invenção do auctor.

No uso popular coexiste actualmente *lavadeira* (por exemplo no Norte e na Beira), e *lavandeira* (por exemplo em Lisboa); como tanque ou lugar de lavagem, corresponde *lavadoiro* àquella palavra, e *lavandaria* a esta.

---

<sup>1</sup> Apud Bluteau, s. v. — Na ed. de 1767 da *Hist.* corresponde á pag. 95 (pt. II, liv. II, cap. 3), como verifiquei.

No onomastico encontra-se com preferencia *Lavandeira*, *Lavandeiro*, *Lavandeira*, e *Lavadeiras*. A *Chorographia* de J. M. Bâtista menciona oitenta e cinco lugares, quintaes, casaes ou sitios com esses nomes em Tras-os-Montes, Entre-Douro-e-Minho, Beira, e Estremadura.

Fóra de Portugal achamos tambem *lavandeira* em gallego, e as seguintes fórmas parallelas noutras lingoas romanicas: *lavandera*, *lavandero*, *lavandería*, em hespanhol (onde, de mais a mais, não ha *lavad-*); *lavandier* «employé chargé, chez les princes, de faire blanchir le linge», e *lavandière* «femme qui lave le linge», em francês (*Petit Larousse*); *lavandaia* e *lavandaio*, em italiano. A par com as suas fórmas da lingoa corrente, tem o hespanhol no onomastico *Lavandera*, na provincia de Lião; e o gallego tem *Lavandeira* repetidamente.

Estas coincidencias que se notam nos idiomas romanicos, — e citei os principaes —, hão-de ter causa mais geral do que a commoda corruptela preconizada pelo auctor do *Fallar e escrever*. De facto, assim é, como vamos ver em seguida.

O verbo latino *lavare* «lavar» tem como participio gerundivo *lavandus*, *-a*, *-um*. Por tanto *lavandum* significa «uma cousa que deve ser lavada». Do plural (em *-a*) dos neutros em *-um* fez-se em latim vulgar um feminino singular em *-a*<sup>1</sup>, como se vê em: *lenda* < *legenda*, nome feminino que corresponde ao plural de *legendum* «cousa que deve ser lida»; *merenda*, de *merenda* < > *merendum* «cousa merecida»; *moenda* < *molenda* < > *molendum* «cousa que deve ser moída»; *offerenda*, de *offerenda* < > *offerendum* «cousa que deve ser dada». Aparece-nos assim *lavanda*. E d'aqui sahiu: 1) *lavandarius*, que explica *lavandeiro*, *lavandeira* e as outras fórmas romanicas parallelas, visto que o suffixo *-arius*, póde denotar «o que faz uma cousa» (*nomen agentis*); 2) *la-*

<sup>1</sup> Cf. supra, pag. 82.

*vandaria*, por meio do suffixo composto -ar-ia, muito vivaz em romanceo <sup>1</sup>.

Semelhantemente a *lavandeiro*, -a, temos em português *curandeiro*, -a, e *fiandeiro*, -a, palavras de origem gerundiva. Na Beira e no Minho usa-se o verbo *serandar* «fazer serão», onde -andar se relaciona analogicamente com a terminação das palavras precedentes <sup>2</sup>; do thema d'este verbo deriva *serandeiro* (Minho), que está nas mesmas circúmsancias dos substantivos supra-citados.

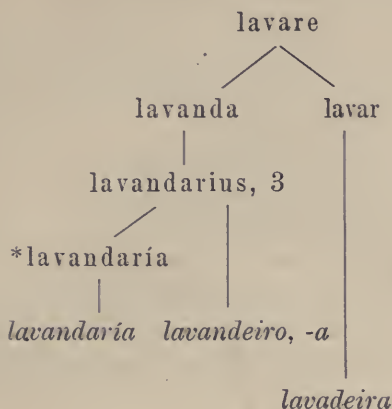
Resta agora definir a relação em que *lavad-* está com *lavand-*. Esta relação é muito simples. *Lavadeira* e fórmias congeneres provém do latim *lavanda*; *lavadeira* formou-se, já em português, do thema de *lavar*, com o suffixo -deira, que fórma aqui um *nomen agentis*; cfr. *lavradeira* = lavra-deira, *tecedeira* = tece-deira, *brunideira* = bruni-deira <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Cfr. Meyer-Lübke, *Gr. des l. rom.*, II, § 406.

<sup>2</sup> *Serandar* é synonymo de *seroar*. Este último verbo formou-se de *serão* por analogia com outros, como *razoar* comparado com *razão*, *perdoar* comparado com *perdão*, e não directamente, pois *serão* vem do lat. \*seranu-, e não tem pois originariamente terminação -om que pudesse provocar -oar. Evidentemente *seroar* não ascende a grande antiguidade: provém do tempo em que -om, de -one-, já se havia transformado em -ão (cf. supra, pag. 140 ss.); só então era possível a confusão de palavras em -ão < -om, com palavras em -ão < -anu-.

<sup>3</sup> Incidentalmente se vê que o thema é em -a, -e, -i, conforme a conjugação é a 1.<sup>a</sup>, a 2.<sup>a</sup>, ou a 3.<sup>a</sup>. — O suffixo -deira apparece em muitas outras palavras derivadas de themas verbaes, e ás vezes designativas de occupaões só femininas: *benzedeira*, *caideira*, *cantadeira*, *carpideira*, *dobradeira*, *engommadeira*, *serzideira*, *vendedeira*. Corresponde no sentido a -dora, e até podem os dois suffixos alternar entre si: *cantadeira* (Minho) - *cantadora*, *lavradeira* (Minho) - *lavradora* (Alentejo). A fórma masculina é rara: *aguadeiro*, *benzedeiro*. Algumas vezes o thema não é verbal, mas nominal: *commendadeira*, mero feminino de *commendador* (por isso que, como vinhos, -deira é synonymo de -dora, e -dora é o fem. de -dor). Em *estalajadeiro* - *estalajadeira* temos um derivado anormal de *estalagem*, por influencia de *pousadeiro* - *pousadeira*, *hospedeiro* - *hospedeira*, palavras em que o -d- pertence ao thema, e não ao suffixo, que é -eiro.

Se formarmos um quadro genealógico, teremos:



A doutrina geral que desenvolvi, é ha muito conhecida dos romanistas <sup>1</sup>. O auctor do *Fallar e escrever* é que estava completamente em branco a respeito d'ella.

#### 6. simildão.

Diz o articulista (*Diario de Noticias* <sup>2</sup>):

«*simildão* é má traducção do francês *similitude*».

É admiravel a facilidade com que elle dá sentenças!

Se a palavra francesa *similitude* se houvesse introduzido em portuguez, era natural que conservasse o *-ude*: cfr. *atitude*, que vem do fr. *attitude*.

<sup>1</sup> Vid.: *Dict. génér. de la langue fr.* de Hatzfeld, Darmesteter, & Thomas, t. I, pag. 66; *Zs. für roman. Philologie*, xxvii, 457 (Silvio Pieri, que estuda também as influencias do participio do presente). E cf.: Diez, *Gr. des l. rom.*, II, 348; e Meyer-Lübke, *Gr. des l. rom.*, II, § 512.

<sup>2</sup> [Perdi a indicação do n.º do *Diario de Noticias* em que vem o artigo a que me refiro aqui; mas veja-se o volume intitulado *Fallar e escrever*, Lisboa 1906 (3.ª serie), pag. 234].

Mas a verdade é que o articulista ignora que *simildão* tem raízes antigas na nossa litteratura, como vamos ver.

Nos *Ineditos de Alcobaça*, II, 4, num texto do sec. XIV, lê-se: «Façamos homê aa nossa ymagem e á nossa SIMILIDOË», o que é traducção d'aquillo do *Genesis*, I, 26: *Faciamus hominem ad imaginem et SIMILITUDINEM nostram*.

No *Orto do Esopo*, ms. do sec. XIV, existente na Bibliotheca Nacional, lê-se a fl. 37-r.º b.: *simildô*.

No *Fabulario* ou *Livro de Esopo*, ms. do sec. XV, que publiquei no vol. VIII da *Rev. Lusit.*, lê-se, fabula XX, 14, *ssimildom*, e fab. XV, 6, *ssimildoões*.

Para explicarmos estas fórmãs não precisamos de recorrer ao francês, temos o latim: *similitudine* -> *similidoẽ* > *simildõe* > *simildom* > *simildão*.

A terminação latina *-udine*- deu regularmente *-oẽ (-õe)* em portugûes antigo, como J. Cornu mostrou na *Romania*, IX, 97-98, onde cita muitos exemplos: *servidoẽ* <l. *servitudine*-, *multidoẽ* <l. *multitudine*-, *certidoẽ* <l. *certitudine*- etc. Depois *-oẽ (-õe)* transformou-se successivamente em *-om*, *-ão*, como vimos a pag. 143-144, e hoje diz-se: *servidão*, *multidão*, *certidão*.

Logo, se alguém usar *simildão*, nada ha que se lhe objecte.

## Exemplos de dissimilação

Generalidades.—Dissimilação consonantica.—Dissimilação vocalica.—Haplologia.—Appendice: a palavra *serrazina*.

Quem falla, tem por fim exprimir não só nitidamente, e ás vezes até com emphase, os estados do seu espirito, senão tambem com a commodidade possível.

Para attingir o primeiro alvo repete, por exemplo, certos sons ou palavras, com synonymia ou não; sobrepõe umas palavras ás outras; substitue as que considera frouxas por aquellas que lhe parecem mais sonoras. Ha repetição em: *bule-bule* (planta), *fede-fede* (animal), *torna-torna* («agoa de torna-torna»), e com synonymia *quite e livre*. Ha sobreposição em *p'ri alem* (Beira) = per hi além, *desde* = de ex de, it. *oggi* = hodie die, fr. *aujourd'hui* = au + jour d'hui, prov. *consi* = com + si, hesp. *estonce* = ex-tun-ce. Ha substituição em *genuc'lu-* por *genu* (deminutivo por primitivo), d'onde o port. arc. *geolho*, em sperantia por *spes* (nome verbal pollysyllabico por monosyllabo), d'onde o portuguez *esperança*. Deixo de parte os recursos do estilo; fallo só do que é propriamente da grammatica e do lexico.

Para attingir o segundo alvo, recorre, entre outros processos, ao da dissimilação.

Quando uma palavra apresenta dois sons iguaes ou parecidos, quer consoantes, quer vogaes, procura-se evitá-los, supprimindo

ou modificando um d'elles. A isto se chama DISSIMILAÇÃO, que, como se vê, pôde ser total ou parcial, e consonantica ou vocalica.

Não vou aqui proceder a um estudo desenvolvido e methodico do assunto, como entre outros fez Grammont em um livro especial <sup>1</sup>. O meu intuito é mais modesto: desejo apenas dar alguns exemplos d'este processo glottologico em português, colhidos tanto na linguagem litteraria, como na popular. Para o purista só tem valor os textos dos grandes escritores; o philologo porém vê nas lingoas phenomenos resultantes da actividade geral humana, e por isso tanto lhe serve uma expressão plebeia, como um trecho classico. Aquelle assemelha-se ao jardineiro que presta cuidados ás flores mais bellas, de melhor colorido e aroma; este é como o botanico, que procura conhecer a Natureza na sua espontaneidade. Os meus exemplos provém de differentes epochas: uns ascendem ao latim vulgar, outros são de datas mais recentes.

### I. Dissimilação consonantica.

As consoantes mais sujeitas a dissimilarem-se são as lingoas (R, L, N); mas ha outras que tambem se dissimilam.

#### a) Consoante R.

1. Havendo dois grupos de consoantes, um atono (inicial ou medial), e outro tonico, aquelle perde o seu r (dissimilação total):

*proprio* > pop. *propio* (cfr. it. *propio*, hesp. *propio*);

lat. *fratre* -> *frade*;

lat. *cribru* -> *crivo*;

lat. *patrastru* -> *padrasto*;

lat. \**matrastra* > *madrasta*;

---

<sup>1</sup> *La dissimilation consonantique*, Paris, 1895. Vid. a seu respeito G. Paris no *Journal des savants*, Fevereiro de 1898 (separata em um opusculo de 18 paginas).



lat. *prostrare* (em S. Isidoro)<sup>1</sup> > *postrar* (vid. Moraes, s. v.);  
*Frederico* > *Federico* (assim se diz em hespanhol) > pop.  
*Fedrico*. Esta palavra é de origem germanica (cfr. all. *Friderich*  
 = *Friederich*), vinda para nós talvez por intermedio da França;  
 decompõe-se em dois elementos, um que corresponde ao all.  
*Friede* «paz», e o outro ao gotico *-reiks* «rei», e quer pois  
 dizer «rei» ou «principe da paz».

2. Havendo um grupo atono inicial, e um *r* em syllaba atona final, este modifica-se em *l*:

lat. *priore*-> arc. *priol* (hoje diz-se *prior*, porque se restaurou<sup>o</sup> a fórma latina);

*clamor* > arc. *cramor* > pop. *cramol* (Minho);

*clyster* > \**crister* > pop. *cristel*;

*flor* > arc. *fror* > pop. *frol* (restaurou-se *flor*, por causa do latim, ou por metathese).

3. Havendo *r* em syllaba tónica, e um grupo atono, este perde *o r*:

*rostru*-> *rostro* > *rosto*;

*aratru*-> \**aradro* > *arado*;

*rastru*-> *rastro* > *rasto*;

*rutru*-> \**rodro* > *rodo*.

4. Exemplos varios, que poderão formar novas categorias:

germ. \**hariberg* (all. *Herberge* «hospedaria») > *albergue*;

lat. *arbitrare* (*arbitrari*) > *alvidrar*;

Arcóbriga > Alcóbria (sec. x)<sup>2</sup>;

lat. \**adreturare* (vb. deriv. de *ad* + *retro*) > *arredar*;

<sup>1</sup> O pret. *prostravi*, e o supino *prostratum*, de *prosternere*, fizeram que se imaginasse *prostrare*. Cfr. Bréal, *Essai de sémantique*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 81.

<sup>2</sup> *Alcóbria* vem nos *PMH, Dipl. et Ch.*, pag. 51.

do lat. *arbore*->*arvore* veio, por um lado, o arc. *árvol* (cfr. hesp. *árbol*), e por outro o pop. *arbe* (cfr. fr. *arbre*); além d'isso ha *àlvored* (cfr. ital. *albero*, e albor em Corippus<sup>1</sup>);

a Bertrand corresponde *Beltrão*: cfr. Diez, *Gram. des l. rom.*, I, 289;

ao all. *Bernhard* (em fr. *Bernard*)=Bär+hart, litteralmente « firme ou forte como um urso », corresponde a fôrma pop. e ant. *Bernaldo*, com as derivadas *Bernaldim* e *Bernaldino*;

da fôrma ant. *Brácara* (sec. XI) veio \**Bragala*, que deu depois *Bragaa* e *Braga* (vid. adiante);

*Cárquere*, nome de uma frêguesia no concelho de Rêsende, notavel por seus vestigios lusitano-romanos, e igreja medieval, soa na boca do povo, pelo menos em Baião: *Cacre*, que vem de *Carcere*, pronúncia corrente<sup>2</sup>;

á fôrma litter. mod. *cirurgia* corresponde nos textos antigos *celurgia*, como a *cirurgiã* corresponde no povo *cerugiã* e *curgiã*;

*clerigo*>*crerigo*>*creligo* (sec. XIV)>pop. *crelgo*<sup>3</sup>;

*martyr* soa popularmente *mártel* (cfr. lombard. *mártol*);

o lat. *peregrinus* está representado numa inscripção christã de Roma do sec. IV por *pelegrinus*, d'onde veio o ital. *pelle-rino*, e o fr. *pèlerin*<sup>4</sup>; a estas fôrmas junte-se o port. popular (de origem ecclesiastica) *peligrino*, que além da dissimilação de *r-r*, apresenta nasal no *i*, talvez por cruzamento com *pelintra*;

lat. *raru*->litt. *raro*>pop. *ralo* (cfr. hesp. ant. *ralo*);

*redor*>pop. *redol* (ó *redol*);

lat. mediev. *registrum*>*registro*>*registo*<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Meyer-Lübke, *Einführung in das Stud. der roman. Spr.*, § 137.

<sup>2</sup> Em docc. mediev. *Cárcary* e *Cárcadi*: vid. *Archivo Hist. Port.*, IV, 41. Na origem é provavelmente um genetivo pessoal.

<sup>3</sup> No *Elucidario* cita Viterbo *crérga* « religiosa » e *crerizia*.

<sup>4</sup> Meyer-Lübke, *Einführung*, § 137.

<sup>5</sup> Vid. o meu opuseulo *As « Lições de linguagem »*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 32, e *O Galtho depennado*, pag. 38.

## b) Consoante L.

Quando ha l-l, um d'elles muda-se em r ou em n:

*aluguel* > *aluguer*;

lat. *melimellum* > *marmello*;

ao greco-lat. *melancholia* corresponde *melanconia* em português antigo (e *melenconia* em hespanhol); cfr. *merencório*;

ao all. Wilhelm corresponde *Guilherme*;

litter. *pilula* > pop. *pírula*;

arc. *Lalini* > *Larim*, que concorre com *Lalim*<sup>1</sup>;

*Neutel*, appellido, por «Eleutherio», assenta em \**Leutel*, e provém talvez do fr. *Eleuthère*, de origem grega (tambem ha em Chaves um forte chamado de *S. Neutel*);

do ital. *Pallastrelli* veio o appellido *Perestrello*<sup>2</sup>.

## c) Consoante N.

Quando numa palavra concorrem n-m ou m-n, o n dá l:

lat. *anima* > \**an'ma* > *alma*;

*animal* > *alimal*; cfr. *almalho* < \**animaliu-*, deduzido de *animalia*;

*astronomia* > *astrolomia* (Gil Vicente);

*Conimbriga* > *Colimbria* > *Coimbra*;

lat. *excommunicatu-* > arc. *escomulgado*, que vem na trad. port. da *Vita Christi*, Lisboa, 1495, liv. II, fl. 2 v.;

*Jeronymo* > pop. *Jerolmo*;

*Menendo* > arc. *Melendo*;

lat. *monimenta* > \**molimenta* > *moimenta*;

arc. *nembrar* > mod. *lembrar*;

lat. *nominare* > pop. *a-lomear* (cfr. *lome* «nome», *lumero* «numero» na Alta-Italia<sup>3</sup>);

<sup>1</sup> O *Arch. Port.*, IX, 221-222 (P. d'Azevedo).

<sup>2</sup> Peragallo, *Collonia ital. in Portogallo*, pag. 54.

<sup>3</sup> Salvioni, *Note di toponom. lomb.*, II, 11.

greco-lat. *oeconomus* > *icólemo* (sec. xiv) «ecónomo» (cfr. *colomia* «economia» na Alta-Italia <sup>1</sup>);

*physionomia* > pop. *fisolomia* (Carmelo, *Orth.*);

lat. *semen* > arc. *sémel* «geração», «descendencia»: vid. supra, pag. 80.

d) Consoante m.

Quando ha *m-m*, um d'elles dá *n*:

lat. *memorare* > arc. *nembrar*, de que fallei ha pouco;

*pantomimeiro* > pop. *pantomineiro*. O *pantomimus* teve grande importancia artistica em Roma, nas representações scenicas: da ideia de «representar» e «fingir», veio para *pantomimeiro* a de «falsario», «trapalhão»; tambem de uma acção embrulhada e pouco licita dizemos que é uma «comedia», e de alguem que faz na sociedade em certas circumstancias papel enganador, com apparencia de leal, dizemos que é um «actor» ou «comediante». São tudo casos de Semantica.—*Pantomimeiro* deriva de *pantomima* «representação scenica por gestos», palavra que tem como irmãs em romance o hesp. *pantomima*, o fr. *pantomime*.

e) Consoantes várias:

Em *malvaisco* < lat. *malva* + *ibiscum* (gr. *ἰβίσκος* «malvaisco»), e em pop. *Genoeva* < *Genoveva*, houve dissimilação de *v-v*.

Em pop. *Jorze* < *Jorge*, e pop. *ingiva* < *gingiva*, houve dissimilação de *j-j*.

Em *Riengo* < *Reguengo* (no concelho da Lourinhã; assim ouvi lá), houve dissimilação de *g-g*.

## II. Dissimilação vocalica.

Podemos estabelecer as seguintes fórmulas:

---

<sup>1</sup> Salvioni, *Note di toponom. lomb.*, II, 11.

*a-á > e-â*, por exemplo: *salada > pop. selada*. Cfr. pop. *Selamanca < Salamanca*. Acerca de *serrazina* vid. adiante.

*i-í > e-í*, por exemplo: *seringa < lat. syringa, Zeferino < Zephyrino* (deriv. originariamente de *zephyro*). Embora se escreva *ministro, visita*, a pronúncia usual é *e-í*<sup>1</sup>. A orthographia antiga notava mesmo *e-í*, como em *vesytar, vezinho* (já *vecinus* em lat. vulg.), *ofeciada, veril, dezya, serveria* etc., que se encontram em textos do sec. XIV, XVI e XVII. Este phenomeno é geral em romança.

*o(u)-ô(ó) > e-ô(ó)*, e *u-ú > e-ú*, por exemplo: *redondo < \*rotondo < lat. rotundu-*, *redor < odor, arc. fermoso < formoso*, pop. *Kedeçoso < Codeçoso, senoras < sonoras*, pop. *feturo < futuro*, pop. *menumento < monumento*, e num documento do sec. XV *jmpertunidades*<sup>2</sup>. O mesmo phenomeno se observa tambem noutras lingoas romanicas.

\*

A este capitulo da DISSIMILAÇÃO subordinarei o phenomeno da HAPLOLOGIA, que consiste na suppressão total de uma syllaba que concorre com outra igual, ou quasi igual, no mesmo vocabulo. A palavra *haplogia* vem de duas gregas, *ἁπλοῦς* « simples », e *λόγος* « discurso ». — Por exemplo: *Madre-Deus < Madre de Deus, juiz-dreito < juiz de direito, trêstões < tres t(e)stões* (= *tre-st-st-ões*) « tres tostões »<sup>3</sup>, que pertencem á lingua popular. Na lingua litteraria temos: *perda < \*pérdida*<sup>4</sup> < lat. *pérdita*, *venda < \*véndida* < lat. *véndita*, *redor < \*rodador* < lat. *rotatore-*. Já em latim classico ha *stipendium < stip-pendium*,

<sup>1</sup> Cf. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique*, pag. 29.

<sup>2</sup> No *Archivo Hist. Port.*, I, 417.

<sup>3</sup> Acerca de *testão* vid. *Rev. Lusit.*, IV, 233.

<sup>4</sup> Ainda em hespanhol ha *pérdida*.

*vipera* < \**vivipera* <sup>1</sup>, e no baixo-latim *idolatria* < *idololatria* <sup>2</sup>. Noutras linguas romanicas: fr. *contrôle* < *contre-rôle* <sup>3</sup>, hesp. *cejunto* < *cejijunto* <sup>4</sup>. E mais casos poderiam citar-se <sup>5</sup>.

### Appendice: A palavra SERRAZINA

Supponho que *serrazina* (cf. supra, pag. 219) está pōr *sarrazina*, que tambem se usa <sup>6</sup>. O lexicographo Moraes attribue a *serrazina* (no genero feminino) duas accepções: 1) importunação que causa o que insiste muito; 2) a pessoa que causa o tal incómmodo <sup>7</sup>. O mesmo faz Monte Carmello <sup>8</sup>. A primeira d'estas accepções é archaica. Hoje na lingua corrente só se acceita a segunda accepção, e a palavra é masculina.

No *Dicc. manual etymologico* dá Adolfo Coelho a *serrazina* como etymo *serra*, com interrogação. O auctor do *Novo Diccionario* foi mais longe, porque, aproveitando a ideia de *serra*, suggerida por Coelho, acceita-a sem ponderação, e diz positivamente que *serrazina* vem de *serra*. De certo estes dois lexicographos basearam-se em que uma serrazina é qualquer cousa como o movimento e som de uma serra. Em verdade ha palavras que tem origem semelhante, mas no nosso caso tornava-se necessario explicar o *-zina*, o que elles não fizeram. Ora,

<sup>1</sup> Bréal, *Dict. etymolog. lat.*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 368-369.

<sup>2</sup> E paralelamente ha *idolatra* e *idololatra* em portuguez. Acerca da última fórma cf. o meu opusculo *O texto dos Lusíadas*, pag. 56-57.

<sup>3</sup> *Dict. Général*, § 361.

<sup>4</sup> Menéndez Pidal, *Manual elemental*, 2.<sup>a</sup> ed., § 663.

<sup>5</sup> [D'este assunto tratou Gonçalves Vianna nas *Apostillas*, I, 159. Cf. tambem Julio Moreira no *Correio do Norte*, n.º 498, e D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lusit.*, XI, 43].

<sup>6</sup> Vid. *Diccionario de rimas* de E. de Castilho, s. v.

<sup>7</sup> *Dicc.*, s. v.

<sup>8</sup> *Compendio de Orthografia*, Lisboa, 1767, pag. 685.

quando se propõe uma etymologia que não explica satisfactoriamente todos os elementos componentes da palavra de que se trata, ella é inaceitavel.

Segundo o methodo que no decurso d'estas lições tenho adoptado, a primeira cousa que devemos fazer, é buscar ou fórmas antigas, ou fórmas parallelas. De *serrazina* não conheço fórmas de epoca anterior ao seculo XVIII, isto, é á *Orthografia* de Monte Carmelo (1767). Ha todavia em hespanhol a palavra feminina *sarracina*, que, conforme ao *Dicc.* da Academia, significa: «pelea . . con confusión y sin orden», e tambem «riña ó pendencia en que hay heridas ó muertes».

Parece-me estar em *sarracina* o etymo do nosso *serrazina*: da ideia de luta desordenada, um dos elementos da qual é a balburdia ou algazarra, passar-se-hia á de teimosia de palavras.

O hesp. *sarracina* vem do lat. vulg. \**Sarracina*, por *Sarracena*, feminino de *Sarracenus*, «por alusión á la griteria y el desorden con que éstos acostumbraban pelear»<sup>1</sup>. Em hespanhol ha tambem os adjectivos *Sarracin*, *Sarracina*; em portugûes antigo ha *Sarrazii* (i. é *Sarrazĩi*); cfr. fr. *Sarrasin*<sup>2</sup>. Tudo isto revela que o etymo tinha -INUS.

Digo que a palavra vem do hespanhol, e não directamente de \**Sarracina*, porque a terminação -ina devia em tal caso estar representada em portugûes moderno por -inha. Do hespanhol penso que vem igualmente, por analogo motivo, *bozina*, *carabina*, e *clavina*.—Com quanto eu não possua textos do hespanhol archaico em que appareça a palavra que estou estudando, ella devia ter em epocas antigas *z*, que soava como o nosso *z* do Porto ou de Lisboa: assim se explica, e perfectamente, o *z* da palavra portuguesa.

<sup>1</sup> *Dicc.* da Academia Hespanhola.

<sup>2</sup> No sec. XVI temos *Sarracinos* no *Lyra* de Diogo Bernardes em rima com *dí(g)nos*: vid. pag. 95 da ed. de 1820. Fóрма litteraria, imitação do hespanhol.

Não causará estranheza<sup>o</sup> que uma palavra que significa povo, propriamente a lingoa de um povo, adquirisse, como aqui, a significação que tem *serrazina*. Phenomenos analogos vimos já quando tratei de *ingresia*, a pag. 195.

*Serrazina*, tanto pela sua fórma, como pela sua significação, entrou na nossa lingoa com o genero que tinha em hespanhol, isto é, com o genero feminino. Na acceção moderna de agente, em que corresponde ao verbo *serrazinar*, tornou-se, como já disse, do genero masculino, contrariamente ao uso da lingoa classica, em que se dizia *uma escuta* «individuo que escuta»<sup>1</sup>, *uma guia* «individuo que guia»<sup>2</sup>; hoje diz-se geralmente *um guia*, no sentido indicado.

---

<sup>1</sup> Vid. Moraes, *Dicc.*, s. v.

<sup>2</sup> «*Uma boa guia*, que se te guiar mal, será tua culpa, e se bem, o louvor teu» (*Comedia Ulysippo* de J. Ferreira, I, 9, pag. 98 da ed. de 1787); «Quando pisando vai terras estranhas, || Ha mister *certa guia*» (*O Lyra* de D. Bernardes, 1820, pag. 123); «*Certa e sabia guia*» (*Lusiad.*, II, 63).



## Observações orthographicas

Orthographia medieval. — Grammaticos dos seculos XVI, XVII e XVIII. — Verney. — Gonçalvez Viana.

É sabido que cada moderno escritor nosso adopta, por assim dizer, sua orthographia. Isto vem já de longe.

O portuguez, segundo temos visto, começou a escrever-se no seculo XII. Até então escrevia-se em latim barbaro, embora aquelle existisse, havia muito, como idioma oral.

Os primeiros que tentaram representar graphicamente o portuguez viram-se em fortes embaraços: de um lado tinham o modelo tyrannico do latim, a que mal podiam subtrahir-se (como entre nós ainda hoje em parte succede), e do outro precisavam de representar os sons da lingua viva com sufficiente exactidão, sons que por vezes eram absolutamente estranhos ao latim, como os ditongos *nasaes* e as palataes *x*, *ch*, *lh*, *nh*, para não fallar de *j*, visto que este som se dava na pronúncia escolar ao *I consonans*.

De taes embaraços resultou um mixto na orthographia, não sòmente na medieval, senão tambem na dos tempos posteriores.

Em um documento portuguez do seculo XII acha-se *fecerum* = fizeram, *uno* (= ão; cfr. *neu* = *neũ*), *seuo* <> *suo*, *forum* = foram, *irmana* = irmã (que já havia nasal, mostra-o *quinmons* infra), *isto* = este, *oetra* = outra (por haver ás vezes *-ut-* em port., proveniente de *-ct-* lat.), *nunqua*, *lecxassem*, *flarum* = filháromi, *quinmons* = quinhões, *unde* = onde, *quiniom* e *qui-*

*nom* = quinhom, *Carvalio* = Carvalho (por que ás vezes ao lat. *-lio* correspondia o port. *-lho*), *multo* = muito, *vices* = vezes, *forum* = foram, *vino* = vinho, *plus* = chus <sup>1</sup>. Noutro documento do mesmo seculo: *notitia* = noticia, *eygreyga* = eigreija, *en nu* a par de *no*, *Agiar* = Aguiar, *vallam* = vâlhã <sup>2</sup>.

Em um documento dos meados do sec. XIII: *una* = ãa (a par de *yrmaom* e *maaons*), *y* = (h)i, *derectos* = direitos, *precio* = preço, *dublo* = dobro, *compona* = componha, *quinentos* = quinhentos, *unas* = ãas, *nemigalia* = nemigalha, *fecto* = feito (subst.), *tentatiom*, *pecte* = peite, *ffacer* = fazer <sup>3</sup>. Num de 1237: *Mēedit* = Meendiz, *Gumet* (e *Gomet*) = Gomez <sup>4</sup>, com *-t* por *-z*, como também em gallego medieval: *Fernandit* = Fernandiz, *Pirit* = Piriz <sup>5</sup>; visto que *-t* latino se pronunciava *-d*, som que se tinha por mais vizinho de *-z*, representou-se este som por aquella letra <sup>6</sup>.

Em um documento do principio do seculo XIV: *sabham* «saibão», *Octubro, dicto* <sup>7</sup>.

No seculo XV as oscillações de *m* e *n* são grandes: *corementenas*, *costr'angam* = costranjam, *comsentades*, *conpraaes*, *querendo*, *amdar*, *pendente* <sup>8</sup>.

No sec. XVI ha numerosos latinismos: *recepta*, *sobceder*, *sobpricante*, *regno*, *escripvão* <sup>9</sup>. Neste seculo temos já os tratados orthographicos de João de Barros e de Duarte Nunez.

<sup>1</sup> J. P. Ribeiro, *Dissert. chron.*, I, 273-275.

<sup>2</sup> Id. *ib.*, I, 275-276.

<sup>3</sup> Id. *ib.*, I, 276.

<sup>4</sup> *Rev. Lusit.*, VIII, 191.

<sup>5</sup> *Doc. gallegos* de Martinez Salazar, pag. 7.

<sup>6</sup> Cf. *lapiz* (em port. e hesp.) < *lapid(em)*. Em Hespanha é corrente pronunciar-se *Madrid* como *Madriz*.

<sup>7</sup> J. Pedro Ribeiro, *Dissert.*, I, 299.

<sup>8</sup> Sousa Viterbo, *Tapeçarias*, pag. 19-30.

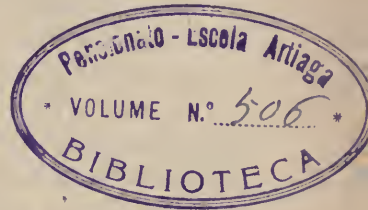
<sup>9</sup> *Archivo Hist. Port.*, I, 166, 189, 301, etc.

Aquelle escreve: *letera, syllaba*; oscilla entre *todolos* e *todollos*.  
Duarte Nunez: *screuer, patriarcha*.

No sec. xvii o grammatico João Franco Barreto escreve *vam, portugueza, apellativo, quizera*.

No sec. xviii apparecem os famosos orthographos Monte Carmelo, e Madureira Feijó. Este, a julgar do número das edições do tratado de *Orthographia*, e da quantidade de exemplares que tenho visto (quasi não ha livraria antiga onde não se encontre um), foi muitissimo estudado, e até figura proverbialmente numa quintilha de Nicolau Tolentino, que assim zomba do seu mestre de grammatica:

D'entre o sordido roupão,  
Com a pitada nos dedos,  
E o Madureira na mão,  
Revelava altos segredos  
Do adverbio e conjunção <sup>1</sup>.



Madureira, como Transmontano que é, nota as diferenças phoneticas que existem entre *s* e *ç*, e *ſ* e *z*, mas escreve: *portugueza* e *quizesse*; escreve além d'isso *orthographia, chimerica*. O livro de Monte Carmelo tem no rosto *Orthografia*, com *th* e *f*. No mesmo seculo preconiza Verney no *Verdadeiro metodo d'estudar*, t. I, 1746, pag. 16 ss., a simplificação das consoantes dobradas, o uso de *f* por *ph*, o de *s* por *ç* antes de *a*, *o*, *u*, o de *-am*, por *-ão* (ex. *terminasam* = terminação), etc. O seu systema foi posto em prática não só por elle, mas por outros auctores, por exemplo, Jozé Manoel Ribeiro Pereira no *Compendio das orasoens funebres de M. Flexier, bispo de Nymes, vertidas de fransez em portuguez*, Lisboa, 1764, e F. P. D. S. A. nas *Novas observasoẽs sobre os diferentes methodos de prègar imprésas em frances . . e traduzidas em portugues*, Lisboa, 1765. O último precede o seu livro de uma

<sup>1</sup> *Obras Poeticas*, I (1801), 91.

*Advertencia sobre a ortografia*, que começa assim: «O tradutor se vále muito da Ortografia do *Verdadeiro Methodo d'Estudar*, que já vê seguida em grande parte n'algumas obras, que correm impressás com aceitasam; e muito principalmente depois do año de 1759 com que S. Magestade F., que Deus guarde, se dignou determinar nas paternaes Instrucsoes, que mandou imprimir para os Regios Profesores da Gramatica, e Retorica»; em seguida apresenta várias considerações orthographicas, para justificar o escrever *tivése*, *aqueles*, *prezente*, *pásas* (=peças), *corasoens*, *axaráõ* (=acharão).

Soares Barbosa em 1822 na *Grammatica philosophica* escreve erradamente *louva-los* (pag. 49), e apregoa *n'o* (pag. 323). Garret faz perturbações escrevendo *incontrar*, *incanecido*, *licão*; escreve porém acertadamente *achamo-lo*. Às vezes o prurido etymologico é tal, que já vi um Brasileiro escrever *haghora* por *agora*, pois que esta palavra vem de *hac hora*!

Não pretendo aqui fazer a historia da nossa Orthographia; quis só mostrar as titubeações que tem havido. Parece á primeira vista que devia escrever-se absolutamente como se falla. Isto póde fazer-se, e de certo se faz, com um dialecto modesto e inculto. Com uma lingua nacional, de longa tradição litteraria, e de phonetica difficil, como a nossa, é impossivel, porque se deve ter em conta a litteratura antiga, e porque cada localidade falla de seu modo. Em todo o caso convém estabelecer uma norma, e é isso o que procura com louvavel empenho o sr. Gonçalves Viana: vid., entre outros trabalhos, a sua *Ortografia Nacional*, Lisboa, 1904.

### III

(ANNO LECTIVO DE 1905-1906)



## Plano de estudos philológicos

Lexico. — Onomastico. — Grammatica. — Fases da lingua portuguesa. — Poetica, etc. — Estudo de certos AA. ou obras. — Publicação de textos. — Historia da litteratura. — Geographia da lingua portuguesa. — Dialectologia. — Historia philologica, e Bibliographia.

Apesar dos progressos que a Philologia romanica tem tido em Portugal, não está ainda entre nós tão adiantada, que não seja preciso appellar constantemente para os estudiosos, sobretudo para aquelles que começam a ganhar o gôsto da sciencia, e instigá-los a percorrerem com actividade e zêlo este vasto campo de investigação. Muito ha que fazer!

Sem poder sequer esboçar aqui um programma geral do estudo da nossa Philologia, vou contudo indicar alguns themas que merecem ser profundados, esplanados, ou continuados.

1. **Lexico.** O ideal seria formar um thesouro total da lingua, que por consequencia abrangesse: *a)* as palavras do uso litterario moderno; *b)* as do uso litterario antigo; *c)* as palavras populares modernas do portugûes do continente, do das ilhas, e do não-crioulo do ultramar; *d)* as palavras populares archaicas, reveladas em varios documentos.

Para cada vocabulo deviam indicar-se as pronúncias, as variações orthographicas, e os textos que o authenticam, dispostos methodicamente; alem d'isso as locuções respectivas, e os adagios. Uma ideia pôde ser expressa por muitas palavras, uma

palavra póde corresponder a muitas ideias: o plano de pedra que está na parte superior de uma escada exterior chama-se, conforme as terras, *páteo*, *patim*, *balcão*; por outro lado *balcão*, a par com a significação indicada, e com as que vem em Moraes, tem a de «socalco» (leira dividida em *balcões*, Alto-Minho). Nos dictionarios hão-de fazer-se as respectivas referencias, para que se torne proficua e facil a consulta. Tambem ha-de ahí indicar-se a maneira de exprimir as ideias geraes. Por exemplo, como se exprimirá «difficuldade»? Póde exprimir-se não só com os synonymos da palavra que emprégo, como *embaraço*, *empacho*, *estorvo*, etc., mas com frases, ás vezes pittorescas, v. g. «tirar mel d'odres», «passar as passas do Algarve», «passar uma pernêta». É no dictionario da lingoa que tudo isto se estuda. E para se conseguir o *desideratum*, necessitam-se estudos parciaes. Que tarefa agradabilissima não se patenteia assim aos olhos de um investigador dedicado? Que manancial de resultados inesperados? Sempre que fosse possivel, conviria juntar desenhos que esclarecessem o sentido das palavras explicativas de objectos materiaes pouco conhecidos.

A etymologia é parte obrigada de um bom dictionario. Para se fazer porém um dictionario etymologico, torna-se indispensavel que possua bastantes conhecimentos de Glottologiã a pessoa que o empheenda, de modo que quando um facto se apresente ao seu espirito, elle se aggregue á categoria a que pertence, e não fique avulso; e precisa a mesma pessoa de correr e estudar primeiro todo o vocabulario da lingoa, para que compare uns com os outros os vocabulos comparaveis, e que se explicam entre si, por exemplo os da mesma familia, os que tiverem o mesmo suffixo, etc. Do contrário o trabalho de buscar etymologias responderá ao de decifrar charadas, e os phenomenos de identica natureza serão explicados cada um de seu modo, sem se ver connexão entre elles, como acontece no *Novo Dictionario da lingoa portuguesa* (1899).

O nosso mais antigo dictionario impresso é o de Jeronymo Cardoso, Coimbra, 1570, a que se seguem no seculo xvii os de



Agostinho Barbosa (1611) e Bento Pereira (1647)<sup>1</sup>. Não passam todos elles porém de meros vocabularios com correspondencias latinas<sup>2</sup>. No seculo XVIII publica-se em dez volumes o *Vocabulario* de D. Raphael Bluteau (1712-1721), e o 1.º vol. do *Diccionario* da Academia (1793), obras que obedeceram a planos vastos: a primeira pôde mesmo chamar-se monumental, porque ficou completa; a segunda tambem assim se chamaria, se fosse alem d'aquelle volume (letra A). O *Elucidario* de Viterbo (1798-1799) é precioso para o conhecimento do portuguez archaico: como se baseia quasi sempre em manuscritos, e estes em parte se perderam, os extractos feitos por Viterbo adquirem incalculavel importancia. Antonio Moraes no *Diccionario da lingua portuguesa*, cuja 1.ª ed. é de 1789, e cuja 4.ª ed., feita segundo apontamentos do auctor por Theotónio Velho, é de 1831, aproveita os trabalhos anteriores, e dá, com o esforço proprio, impulso importante á lexicographia nacional. Os Diccionarios de Bluteau, da Academia, e de Moraes citam os textos classicos em que as palavras se encontram, e tornam-se por isso instrumentos imprescindiveis de quem quizer saber a lingua, e escrevê-la com acêrto. Como o primeiro e o segundo não apparecem no commercio facilmente, terá o estudioso de contentar-se com o de Moraes; mas não fica mal armado. Devo notar que ha

---

<sup>1</sup> O Diccionario de Bento Pereira intitula-se *Thesouro da lingua portuguesa*. Sirvo-me da ed. de 1647, de que possuo um exemplar (comprei-o na Livraria de Moraes), e de que a nossa Bibliotheca Nacional possui dois. As licenças para a impressão são de 1638 (e não de 1628, como por equívoco se diz no *Dicc. da Academia*, pag. LXVIII). Haveria alguma ed. entre 1638 e 1647? Não se conhece nenhuma, nem no rosto da obra se diz nada. Barbosa só cita a de 1647. Innocencio diz «1646», mas é engano. — Os exemplares d'esta obra são muito raros. Ella foi encorporada na *Prosodia*, pelo menos em edd. posteriores ás primeiras, pois nunca pude examinar estas.

<sup>2</sup> Da idade-media possuímos na Bibliotheca Nacional um Diccionario de verbos latino-portugueses manuscrito, e Fr. Fortunato de S. Boaventura falla de outro diccionario latino-português, que se perdeu. Vid. o meu opusculo intitulado *A Philologia Portuguesa*, 1888, pag. 24-25.

muitas edições do *Diccionario* de Moraes posteriores á 4.<sup>a</sup>; o que hoje tem esse nome é porém cousa mui diversa da obra primitiva. Dos quatro Diccionarios citados em último lugar, isto é, dos de Bluteau, da Academia, de Viterbo, e de Moraes, derivam outros. Ha derivados maiores e menores (*opera maiora*, e *opera minora*). Entre os maiores está o de Constancio, o de Faria, o de Lacerda, e o attribuído a Fr. Domingos Vieira, cujo tamanho não corresponde á qualidade; entre os menores está o de Fonseca & Roquete, como mais desenvolvido. Os principaes diccionarios apparecidos a lume depois, são o *Contemporaneo*, o de Adolfo Coelho, o *Novo Diccionario*, e os *Subsidios* de Cortesão. O primeiro contém, como o titulo o diz, a lingua do uso moderno, e este é justificado com muitas citações. O segundo pretende ser etymologico; todavia nada ou pouco adianta ao que se lê em Diez, e pécca por methodo e por definições. O terceiro, de que fallei na *Rev. Lusit.*, VII, 307-312, apresenta-se mais copioso que os anteriores, embora contenha muito joio, e no que toca a etymologias copie sem criterio o de Adolfo Coelho. Os *Subsidios para um diccionario completo (historico-etymologico) da lingua portuguesa* de Cortesão (1900-1901) encerram numerosos vocabulos archaicos, com os respectivos textos, e prestam neste sentido bons serviços á Philologia.

2. **Onomatologia.** Muito raramente se tem ainda tratado este assunto; e comtudo está aqui fecundissimo campo, quer no que concerne á Philologia, quer no que concerne á Historia, e á Geographia, visto que as denominações pessoaes e topicas dependem frequentemente das vicissitudes sociaes, e das condições do solo.

A tarefa preliminar é colhêr materiaes, antigos e modernos. Para os antigos é valiosissimo auxilio o *Onomastico medieval* que o Dr. Cortesão está publicando no *Archeologo Português*; possuimos alem d'isso vários indices, taes como o do *Elucidario* de Viterbo, feito por Fernandes Pereira em 1836 (intercalado na 2.<sup>a</sup> ed., de Innocencio), o das *Leges et Consuetudines* nos *Portugaliae Mon. Hist.* (1873), etc. Como fonte moderna cita-

rei em primeiro lugar a *Chorographia do reino de Portugal* de J. M. Bätista, cujo indice ou *Diccionario chorographico* (1878), que constitue só por si o vol. vi da obra, é extremamente rico de nomes proprios de povoações, propriedades, sitios (os nomes de rios e montes acham-se alfabetados no vol. I, pag. 157-174, e 249-259); em caso analogo está o *Diccionario postal* de Silva Lopes, tres volumes (1891-1894); appellidos vem muitos no *Almanach Commercial*, e eis ahi tambem um manancial de informações que o estudioso pôde aproveitar; para os nomes proprios lembrarei o *Catalogo alfabetico em portuguez dos nomes dos santos* (1847), e o *Dicc. de nomes de baptismo* de Silva Mengo (1889). O *Ementario laico-brazileiro de nomes proprios e patronymicos* de Albuquerque e Meneses (sem data, mas sei que foi impresso em 1897) contém materiaes antigos e modernos; no mesmo caso está, embora com outra riqueza de informações historicas, o «Vocabulario de nomes proprios» que vem appenso ao vol. II do Supplemento do *Vocabulario* de Bluteau.

Prestaria excellente serviço á sciencia o Ministro de Estado que organizasse e publicasse um registo alphabetico dos nomes de todas as propriedades urbanas e rusticas do continente e ilhas, que se consignam nas matrizes prediaes das repartições de fazenda dos concelhos. Esta tarefa seria facillima: cada escrivão de fazenda mandaria escrever em seu verbete o respectivo nome, com a indicação succinta da propriedade que elle designa, e da frêguesia e concelho a que esta pertence (por exemplo: *Carapuço*, casal, f. do Peral, c. do Cadaval); estes verbetes, remetidos a Lisboa em maços, seriam alfabetados, e entregues assim mesmo na imprensa. Quantas cousas uteis não se fazem por falta de attenção? Lá fóra existem registos semelhantes, que auxiliam immenso as investigações historicas e philologicas.

Colhidos os materiaes, procede-se ao estudo scientifico dos vocabulos, applicando o methodo geral da Glottologia. Torna-se necessario, nos casos difficeis, conhecer as fórmas antigas, para que a explicação etymologica seja convincente. Á falta de fór-

mas antigas, podem prestar subsidio as fórmias parallelas, encontradas noutras lingoas. Uma palavra não servirá de etymo a outra sem que na filiação se observem as regras phonologicas e morphologicas, e o sentido convenha com as condições naturaes (orographicas, botanicas, zoologicas, etc.), e sociaes ou historicas.

Ha, por exemplo, em Rêsende uma povoação e uma quinta solar chamadas respectivamente *Saes de Cima* e *Saes de Baixo*; por brevidade direi aqui apenas *Saes*. Quando se pronuncia este nome, junta-se-lhe o artigo: *os Saes, vou aos Saes, estive nos Saes*. Na *Visitação do mosteiro de Carquere*, ms. da Universidade, do sec. XVI, lê-se «no lugar *de Saes*, concelho de Rêsende», sem artigo, porque na lingua litteraria usa-se muitas vezes supprimi-lo; todavia este documento mostra-nos que *Saes* é fórmula seiscentistica. Que significa *Saes*? Á primeira vista parece termos aqui o plural de *sal*; mas alem de não ficar Rêsende á beira-mar, nem no concelho se conhecerem fontes salgadas, ou minas de sal, clama contra esse plural o insolito que seria um nome de terra assim formado. *Sal* no plural, porque? Seguiremos pois a via methodica, procurando alguns textos antigos em que se trate da localidade. Nas *Inquirições* de D. Affonso III de 1288 falla-se de um «Domingos Mēediz de *Ossaes*»<sup>1</sup>; ainda que nas *Inquirições* de 1258 se leia *Saes*, sem *O*-<sup>2</sup>, esta fórmula não invalida aquella. Vemos por consequência que no sec. XIII, a par de *Saes*, se dizia *Ossaes*. Do sec. XVI já apresentei um documento com *Saes*, mas ha outros do mesmo seculo, com *Ossaes*: «Chãos dos Regatos do casal *d'Ossaes*, Rêsende» (1512)<sup>3</sup>, «Casal *Dosaes*» (1520)<sup>4</sup>. A tradição orthographica de *Ossaes* manteve-se até tarde, pois o último senhor da Casa dos Saes de Baixo escrevia *Ossaes*, isto é, *Caza*

---

<sup>1</sup> *Archivo Hist. Port.*, IV, 41.

<sup>2</sup> *Ib.*, *ib.*, *ib.*

<sup>3</sup> G. Pereira, *Pergaminhos da Universidade*, pag. 84.

<sup>4</sup> G. Pereira, *loc. cit.*

de *Ossaes*, o que consta de cartas datadas de 1821, que eu possuo. Ora *Ossaes* é morphologicamente o plural de *ossal*, e *ossal* deriva de *osso*, que em português archaico significava «urso», como ainda hoje *oso* em hespanhol e em gallego: o etymo está no latim *ursu-*, em que *RS* deram *SS*, como no arc. *verso* < lat. *versu-*, e em *pessoa* < arc. *pessõa* < lat. *persona*. *Ossal* e *Ossaes* estão para *osso*, como *Lobaes* (S. Tiago de Cacem) para *lobo*, *Raposal* (Ponte do Lima) para *raposa*, *Coelhal* (Pampilhosa e Pedrógão) para *coelho*; temos aqui nomes de covis e de ninhos de animaes bravos. Fórmas parallelas a *Ossaes*, com outros suffixos, são: *Osseira* (Caldas da Rainha e Obidos), e provavelmente *Ossella* (Oliveira d'Azemeis); aquella fórma assemelha-se a *Raposeira*, *Lobeira*, *Coelheira*; ésta póde ser deminutiva de *ossa* «ursa», como *Covella*, *Quintella*, *Paradella*. Incidentemente notarei que *Ossa* se chama uma serra no Alemtejo, e um lugar no concelho de Arouca. De *Ossella* fez-se novo deminutivo, em *-óó* e *-ós*: *Osselóó* (sec. XIV)<sup>1</sup>, *Osselós* (sec. XIII)<sup>2</sup>. Na Galliza temos: *Oseira* e *Oseiro*. Noutras regiões de Hespanha: *Osera*, *El Oso*. A palavra *osso* é, como disse, archaica (sec. XII e XIII, por exemplo<sup>3</sup>). Depois, por causa talvez de confusão com a sua homonyma *osso*, do lat. *ossum*, foi substituida por *urso*, tirada directamente do lat. *ursus* pelos litteratos, e assim vive hoje; comtudo *urso* não deixou de experimentar a acção da bôca popular, pois mudou-se por vezes em *usso*, como se lê, entre outros textos (cfr. infra), nO *Lyma* de Bernardes (sec. XVI),

Os *ussos* nos destruem ás colmeas<sup>4</sup>,

<sup>1</sup> G. Pereira, *Pergaminhos da Univ.*, pag. 48.

<sup>2</sup> G. Pereira, ob. cit., pag. 41 e 42.

<sup>3</sup> Vid. os textos em Cortesão, *Subsidios*, s. v.

<sup>4</sup> A pag. 67 da ed. de 1820.

e, com *h-*, em textos de D. Duarte e Fernão Lopez, que a baixo adduzirei <sup>1</sup>. Derivados com *u-* inicial temos na Galliza *Useira*, e *Useras* (com terminação castelhana). Derivado de *urso* ha em Mertola uma courella chamada *Ursal*; o feminino vê-se em *Ursa*, nome de um sitio no Torrão.—De *Ossaes* passou-se para *Saes* pela suppressão da vogal inicial, que se confundia com o artigo, por isso que *d'Ossaes* e *a Ossaes* tem respectivamente o mesmo valor phonetico que *dos Saes* e *aos Saes*; cfr. *Zeive*, em Trassos-Montes, a par de *Oseive* (que creio vir de Eusebii), *Degebe*, no Alentejo, por *Odegebe*, e na lingua commum *liado* (popular) por *oleado* <sup>2</sup>.—Não ha pois duvida, philologicamente fallando, que *Saes* vem de *Ossaes*, e que *Ossaes* vem de *osso*; phonetica, morphologia, fórmas antigas, fórmas parallelas, tudo conspira para fazer aceitar esta explicação. E com as disquirições da Philologia combinam as da Historia <sup>3</sup>. Possuimos, de facto, muitos documentos que testemunham a existencia do urso por todo o Portugal em tempos antigos. No foral dado pela rainha D. Theresia em 1126 a Ferreira d'Aves, estatue-se que os caçadores que matarem um urso, dêem de foro uma das mãos do animal <sup>4</sup>. Bastava este testemunho, pois elle é da Beira-Alta, onde fica Rêsende, e anterior ao mais antigo documento que citei do nome *Ossaes* (sec. XIII). Como porém com *Ossaes* mencionei mais palavras, que pertencem a outras regiões, e a várias épocas, aqui produzirei novos documentos. A carne do urso comia-se, como a de zebra, de vacca, de veado, de gamo, de porco, etc., e ven-

---

<sup>1</sup> Os nossos lexicographos citam a *herva ussa* como synonymo vulgar de « serpol ». Esta expressão vem certamente de *herva do usso*. Em Alcanena e arredores, como me informa o Dr. Joaquim da Silveira, o povo conhece a palavra, mas diz *hervaunça*; a nasalção provém, quanto a mim, de influencia da terminação de *junça*, e acaso tambem da de *maunça*.

<sup>2</sup> Sobre a deglutinação (e agglutinação) do artigo, vid. supra, pag. 62-63.

<sup>3</sup> Do urso entre nós na epoca neolithica fallei no *Portugal Prehistorico*, pag. 27.

<sup>4</sup> Viterbo, *Elucidario*, s. v. « apeiro ».

dia-se com esta nas praças: determina-se a tal proposito nos costumes de Terena (Alemtejo), sec. XIII, que se pague de brangagem, ou direitos, *de usso III dinheiros* <sup>1</sup>. Do sec. XIV ha uma sentença que mantém o mosteiro de Pendorada (Entre-Douro-e-Minho) na posse de receber o direito do condado (um tributo) no Monte da Rocha, a saber: . . . *do urso as mãos* <sup>2</sup>. A caça, se constituia com frequencia na idade-media uma das occupações d'aquelles que precisavam de ganhar a vida trabalhando <sup>3</sup>, proporcionava habitualmente aos reis, aos principes, e aos nobres, predilecto desenfadamento de negocios mais graves, ou exercicio educativo das fôrças physicas <sup>4</sup>. Então os nossos montes abundavam de animalias bravias. Entre ellas o urso tinha lugar conspicuo, e a sua caça attrahia muito os monteadores. Fallando dos *boons montes d'hussos* da Beira, *per riba de Coa*, traz Fernão Lopez na *Chronica de D. Fernando* uma narrativa *do que aveo ao iffante Dom Joham com huum HUSSO e com huum porco, amdando ao monte* naquella comarca <sup>5</sup>. O infante D. João, de quem falla o chronista, era irmão do mestre d'Avis, e filho de D. Pedro I. Na mesma ordem de ideias nota el-rei D. Duarte que os caçadores habeis guardam *em geeral ladeiras aos HUSSOS, sopee aos porcos, cumyadas aos cervos* <sup>6</sup>. A el-rei D. Affonso V diz o poeta Alvaro Barreto a respeito de Alvaro de Moura:

Poder-lh'es, senhor, mandar  
ter carrego dos lyões,  
poys se nam pode acupar  
se nam em *vsos* criar  
de muy dyuersas feyções,

<sup>1</sup> *Leges et Consuetudines*, II, 84.

<sup>2</sup> Viterbo, *Elucidario*, s. v. « condado ».

<sup>3</sup> Cf. Viterbo, *Elucidario*, s. v. « apeiro ».

<sup>4</sup> Cf.: Gama Barros, *Hist. da administração pública*, I, 425; G. Pereira, *Estudos Eborenses*, n.ºs 29 e 33 (« As caçadas »).

<sup>5</sup> *Ineditos da Academia*, IV, 339.

<sup>6</sup> *Leal Conselheiro*, cap. XVI (pag. 258 da ed. de Roquette).

segundo se vê do *Cancioneiro Geral*<sup>1</sup>. De ursos no sec. xvi vimos a cima um testemunho num verso de Diogo Bernardes; com quanto eu omitta outros exemplos poeticos (Sá de Miranda, etc.), não quero deixar passar o que conta Fr. Bernardo de Brito nos fins do mesmo seculo: «o Gerez .. tem .. algũs *vsços*»<sup>2</sup>. Com relação a tempos posteriores não colligi notas, mas é provavel que o urso continuasse a existir muito tempo entre nós, como ainda hoje existe no Norte da Hespanha<sup>3</sup>. De praticarem a caça do urso pessoas de condição social elevada, na qual se deve admittir, pelo menos algumas vezes, certa illustração, explica-se que a antiga palavra *osso* fosse, como disse, substituida por outra de recente importação latina.

Alonguei-me um tanto neste exemplo, para melhor mostrar que um problema onomatologico tem de se encarar por diferentes fases, e assim precaver aquellas pessoas que julgam que para se determinar a origem de uma palavra só se necessita buscar ao acaso outras que se pareçam com ella.

Por utilidade dos estudiosos, mencionarei alguns trabalhos sobre onomastico geral romanico:

*Nomenclatura geográfica de España* de Fermín Caballero, Madrid 1834;

*Ensaio hist. sobre os nomes proprios, entre os povos ant. e mod.*, trad. do fr. por J. M. Silva Vieira, Lisboa 1845;

*Étude sur la signification des noms de lieu en France* por A. Houzé, Paris 1864;

*De la formation française des anciens noms de lieu* por J. Quicherat, Paris 1867;

*Noms propres anciens et modernes* por R. Mowat, Paris 1869;

<sup>1</sup> Vol. I, pag. 278.

<sup>2</sup> *Geographia de Lusytania*, 1597, fl. 4.

<sup>3</sup> Valladares y Nuñez, *Dicc. gallego-cast.*, s. v. «oso».



- Di alcune forme de' nomi locali dell' Italia Superiore* por Flecchia, Torim 1871;
- Ensaio hist. etimolog. filolog. sobre los apellidos castellanos* por Godoy Alcántara, Madrid 1871;
- Etymologie du nom propre « Littré »* por R. Mowat, Paris 1873;
- Etymologies familiales de la topographie de la France* por Le Héricher, Paris-Avranches 1881;
- Origine et formation des noms de lieu* por H. Cocheris, Paris 1885;
- Ueber die franz. Eigennamen in alter u. neuer Zeit* por Ch. Bonnier, Halle 1888;
- Recherches sur l'origine de la propriété foncière et des noms de lieux habités en France* por H. d'Arbois de Jubainville, Paris 1890 (cfr. *Rev. Lusit.*, II, 182-184, art. de F. A. Coelho);
- « Die Ortsnamenforschung », cap. da *Einführung in das Studium der roman. Spr.* de Meyer-Lübke, Heidelberg 1901, pag. 186-206<sup>1</sup>;
- Étude hist. et étym. des noms de lieux . . de la Côte-d'Or* por Berthoud & Matruchot, Semur 1901-1905;
- Les suffixes toponymiques dans les lang. fr. et prov.* por Isak Collijn, Upsala 1902;
- Studi sulla toponomastica veneta* por Dante Olivieri, Palermo 1903;
- Herkunft u. Gestaltung der französischen Heiligennamen* por J. Schätzer, Münster da Vestfalia 1905;
- Die Entwicklung franz. Orts- u. Landschaftsnamen aus gallischen Volksnamen* por H. Gröhler, Breslan 1906;

---

<sup>1</sup> [Na 2.<sup>a</sup> ed., 1909, este cap. recebeu o titulo de « Namenforschung », subdividido em dois (« Personennamen » e « Ortsnamen »), — e vem a pag. 222 ss.].

*Die mit den suffixen -ācum, -āñum, -ascum u. -uscum gebildeten sudfranz. Ortsnamen* por Stock, Halle 1906.

Nem todos os citados trabalhos são de igual valor, e alguns d'elles estão um pouco antiquados; mas mesmo estes contém cousas aproveitaveis. Uns referem-se aos nomes geographicos, cujo estudo se chama especialmente *Toponymia*; outros aos nomes de pessoas, cujo estudo se poderia de modo paralelo chamar *Anthroponymia*. Alem do que mencionei, ha muitos artigos em revistas.

Pelo que toca a Portugal, já no decurso d'estas lições se tem citado algo: pag. 26, nota 2 (fontes germanicas), pag. 27 e 37, notas (fontes arabicas), pag. 42, nota 1 (patronymicos), pag. 172, nota 1 (Nobiliarchias). Merece tornar a ser lembrado o «Vocabulario de nomes proprios» de Bluteau, citado a pag. 233.

3. **Grammatica.** Já no seculo XVI ha em Portugal generosas tentativas de codificação das leis da nossa lingua. D'então para cá abundam as grammaticas. Exceptuando o pouco conhecido *Epitome* de Moraes e Silva, Lisboa, 1806 (tambem incluso no *Diccionario*), e a várias vezes imitada *Grammatica elementar* de Epiphanio Dias, cuja 1.<sup>a</sup> ed. data de 1876, todas as outras tem geralmente pouco valor. O *Epitome* encerra muitas observações, e está bem documentado com textos classicos. A *Grammatica elementar*, com quanto destinada ás escolas primarias, e aos lyceus, recommenda-se não só tambem pelas observações novas, como pelo methodo scientifico. Falta-nos porém ainda uma verdadeira e ampla Grammatica historica; possuimos apenas ou breves ensaios, ou estudos parciaes, principalmente no districto da phonologia.

Como trabalhos preparatorios podiam emprehender-se, por exemplo: analyses da grammatica de certos auctores em especial, —de D. Duarte, de João de Barros, do P.<sup>o</sup> Vieira, de D. Francisco Manoel, etc.; de como é a syntaxe de que elles se servem, quaes as fórmãs verbaes, o estado da phonetica, e assim por

diante. Os nossos philologos do seculo XVIII tentaram algo neste sentido.

Outros trabalhos dignos de realisação: estudo da formação das palavras, no gôsto dos livros de Darmesteter *Traité de la formation des mots composés* (1875), e *De la création actuelle de mots nouveaux* (1877), e segundo os principios expostos por Diez e Meyer-Lübke nas suas respectivas Grammaticas; explicação etymologica dos verbos irregulares, e systema geral da conjugação portuguesa, por isso que a *Theoria* de Adolfo Coelho (1871), alem de estar antiquada, obedece a um plano discutivel <sup>1</sup>.

Mesmo o conhecimento pratico da Grammatica está entre nós muito menosprezado. Raro será o escritor que faça uma busca para saber como ha-de manejar uma frase em que tiver dúvida, ou raro será o novato que comece por se equipar primeiro de sã doutrina classica, antes de se metter a escrevinhar. Os Brasi-leiros cuidam d'isso mais que os Portugueses, como o provam os escritos philologicos que elles publicam.

4. **Fases da lingua portuguesa.** A lingua portuguesa no seu conjuncto. Variações de seculo para seculo, e documentos comprovativos. Influencias sociâes e historicas: aqui as relações com a Hespanha, a Italia, a França, o ultramar; alli a acção dos grandes escritores, e a invasão de novas artes, industrias e sciencias, que modificam o vocabulario, e ás vezes mesmo a gram-matica. Quando se estuda a phonetica historica, diz-se, por exemplo: o lat. ponere deu successivamente \*ponere, pōer, poer, pôr; mas importaria, neste e em casos analogos, averiguar sempre, quanto possivel, a epoca a que pertence cada fórma. Até o sec. XVI o s intervocalico differençava-se de z na pronúncia litteraria geral, como ainda hoje se differença em alguns fallares das provincias; qual foi o motivo porque os Meridionaes unificaram os dois sons em um unico. que é z? Comparação dos mais antigos documentos medievaes com a *Demanda do santo graall*,

<sup>1</sup> Cf. o que disse G. Paris na *Romania*, I, 241.

o *Leal Conselheiro*, as *Chronicas* de Fernão Lopez, as *Decadas* de Barros, os *Dialogos* de Arráiz, os *Sermões* de Vieira, a *Côrte na aldeia*, os opusculos candentes do P.<sup>o</sup> José Agostinho, a *Historia* de Herculano, e o *Crime do Padre Amaro*, em estilo genial, mas ennegrecido de impertinentes gallicismos. — Eis ahi uma serie de trabalhos e problemas, que podem cativar a attenção dos estudiosos.

5. **Poetica, Rhetorica, Estilistica, Esthetica.** Os tres primeiros assuntos, se não são de todo novos, não estão ainda esgotados, e são sempre convidativos. Ha estudos parciaes: de Diez <sup>1</sup>, D. Carolina Michaëlis <sup>2</sup>, Mussafia <sup>3</sup>, Lang <sup>4</sup> sobre a Poetica; de vários AA. do sec. XVIII sobre o estilo <sup>5</sup>; mas faltam bons estudos geraes <sup>6</sup>. O que se tem escrito sobre Rhetorica, é só para aulas, e ainda assim, baseado em Quintiliano. De Esthetica da lingua portuguesa nada ha por ora.

6. **Estudo de certos auctores ou obras em especial.** Acima toquei já por vezes no assunto. Agora torno a fallar, por isso que um auctor ou uma obra podem ser estudados de modo particular. Quem se occupasse, por exemplo, da lingoagem do *Cancioneiro* de Resende, exporia a grammatica, analysaria o estilo, formaria o lexico, — e tudo isto com as necessarias referencias ás paginas do texto tomado por base. Assim se pratica hoje frequentemente lá fóra, quando se publica um manuscrito, ou se faz nova edição de uma obra já conhecida; a respeito de Portugal temos tambem alguma cousa, embora pouco por ora.

<sup>1</sup> *Ueber die erste portugiesische Kunst- u. Hofpoesie*, Bonna, 1863.

<sup>2</sup> Nas edd. de Sá de Miranda e do *Cancioneiro* da Ajuda, etc.

<sup>3</sup> *Sull'antica metrica portoghese*, Viena, 1895.

<sup>4</sup> Na ed. do *Liederbuch* ou «Cancioneiro» de D. Denis.

<sup>5</sup> Citei-os no meu opusculo *A Philologia portuguesa*, Lisboa, 1888, pag. 38 ss.

<sup>6</sup> A *Antologia Portuguesa* de Th. Braga (1876) contém uma *Poetica historica*, que se differença das poeticas usuaes ou escolares, mas não é de certo a última palavra da sciencia. Cf. a respeito d'ella: W. Storck, na *Zeitschrift f. g. u. rom. Phil.*, I, 453-461.

Dando á palavra *Philologia* accepção lata, o investigador ampliaria o seu estudo com o das fontes litterarias da obra de que trata, e o das relações d'ella com o ambiente social em que foi produzida; e explanaria a poetica e a metrica. Quantos auctores e obras, além do referido *Cancioneiro*, não podiam assim ser explicados e commentados? Que bellos assuntos para applicar engenho, desenvolver fôrças, esclarecer problemas, e contribuir para o conhecimento da nossa lingua e litteratura?

Por occasião do tricentenario de Camões publicou-se tanta cousa superflua a respeito do Poeta, e ninguem se lembrou de, por exemplo, formar um vocabulario, extrahido de todas as obras d'elle, com as respectivas referencias aos textos e ás edições, ou um rimario, isto é, um dictionario das rimas camonianas, quer dos *Lusiadas*, quer das outras obras, provido tambem, já se vê, das necessarias indicações bibliographicas. Seriam obras meritorias, especialmente uteis aos estudiosos da Philologia.

7. **Publicação de textos.** Quando a pag. 17 ss. fallei dos nossos grandes monumentos litterarios, alludi a edições criticas, e disse que em Portugal, com raras excepções, não se sabe como ellas se fazem, pois se alteram os textos antigos que se publicam. Não me parece inutil insistir no assunto, e incitar os moços a informarem-se da maneira como os philologos procedem.

Estes, quando editam uma obra ainda não publicada, ou reeditam uma antiga, o que procuram é dar ao leitor um texto que corresponda o mais exactamente possivel ao que sahiu das mãos do auctor: caso haja mais de um manuscrito, ou mais de uma edição, constituem o texto comparativamente, ou escolhem a melhor lição, apresentando em nota as variantes, quer todas, quer as necessarias, segundo pertencem ou não a manuscritos ou edições de valor. Em notas se inscrevem analogamente as lições que o editor tem por defeituosas, e que elle corrige. Não se procedendo assim, o leitor pôde ser enganado.

Um exemplo. Na edição que em 1878 se fez (Lisboa) do *Cancioneiro portuguez da Vaticana* ha, a pag. 52 (poesia n.º 69), o seguinte verso, que se repete como estribilho mais

tres vezes: *oj'em dia cuydades que venha*. Visto que não se lhe juntou nota nenhuma, fica o leitor pensando que no original está *oj'em dia*, e comtudo o que lá se lê é: *oie dia* (e *oiedia*)<sup>1</sup>, também quatro vezes. O editor regulou-se pela frase moderna *hoje em dia*, e emendou arbitrariamente *oie dia* ou *oje dia* em *oj'em dia*, sem se lembrar que também em italiano se diz *oggi di*, e em hespanhol *hoy dia*, em ambos os casos sem preposição. Frase paralela é *oj'este dia* no *Cancioneiro da Ajuda*<sup>2</sup>, conservada ainda no tempo de Camões, pois que elle a usa no *Filodemo*, I, III<sup>3</sup>. A maioria das edições nossas são feitas por este processo; não tem pois grande valor.

Melhor que formular regras<sup>4</sup>, ou citar exemplos, é aconselhar aos estudiosos que recorram aos trabalhos modelares, os compulsem, e meditem no que lá virem. A pag. 17 ss. mencionei alguns, e outros é facillimo conhecê-los pelos catalogos de Philologia românica<sup>5</sup>, e pelas indicações bibliographicas dadas nas revistas especiaes<sup>6</sup>; em quasi todas estas estão mesmo publicados muitos textos, conforme ás exigencias scientificas. Comquanto eu não possa demorar-me muito sobre o assunto, não me furtarei ao gôsto de especializar aqui, entre os trabalhos d'este genero, o que em 1872 publicou Gaston Paris com o titulo de *La vie de saint Alexis, poème du xi<sup>e</sup> siècle, et renouvellements*

<sup>1</sup> Na ed. diplomatica de Monaci, pag. 101-102, n.º 269.

<sup>2</sup> Ed. de D. Carolina Michaëlis, pag. 581, v. 6406, e nas *Trovas e Cantares* (de Varnhagen), Madrid, 1849, pag. 121.

<sup>3</sup> A pag. 392 da ed. de Hamburgo, 1834.

<sup>4</sup> [Cfr. porém a *Instruction pour la publication des anciens textes français*, de Paul Meyer, Le Puy 1910 (extr. do *Bullet. de la Soc. des Anciens Textes*, 1909), e bem assim o que diz M. Roques da publicação de *Les classiques français du moyen âge*, Paris 1910].

<sup>5</sup> Os livreiros allemães, e outros, publicam-nos frequentemente.

<sup>6</sup> *Romania*, *Zeitschrift für rom. Phil.*, *Rivista di filologia rom.*, *Giornale di filolog. rom.*, *Stulj di filolog. romanza*, *Literaturblatt f. germ. u. rom. Phil.*, *Revue des langues romanes*, etc. Os indices facilitarão a consulta.

du XII<sup>e</sup>, XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles<sup>1</sup>, porque elle fez epoca na Philologia: ahi se põem em prática todos os preceitos (estudo dos manuscritos e sua classificação, exame da linguagem, indicação das variantes graphicas, notas lexicologicas, glossario-indice). Ninguem que emprehenda edições criticas deve desconhecer esta obra, ou alguma congenera.

Alem de *edições criticas*, ha tambem *edições diplomaticas*, e *edições commentadas*. Com as edições diplomaticas pretende-se reproduzir o mais fielmente possivel, embora com critica, o original: vid., por exemplo, as do Cancioneiro portuguez da Vaticana, e do Cancioneiro de Colocci-Brancuti. Com as edições commentadas pretende-se habilitar o leitor, por meio de informações de toda a ordem (litterarias, historicas, glottologicas, etc.), para comprehender cabalmente o que lê. Uma edição pôde ser ao mesmo tempo critica e commentada, como a das *Obras* de Sá de Miranda feita pela sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis. Ás vezes ha graus intermedios: um editor pôde reproduzir uma obra sem muitas alterações, v. g. contentando-se com desdobrar as abreviaturas, pontuar, uniformizar o uso das lettras maiusculas e minusculas, etc.

Certos escritores portuguezes tem o preconceito de que, passando ás mãos do leitor de hoje uma obra antiga com a sua orthographia propria d'ella, esta obra difficilmente é lida pelo geral das pessoas, e por isso modernizam-na, como fez, entre outros, Alberto Pimentel na sua edição das *Obras do poeta Chiado* em 1889; vid. a judiciosa critica que de tal edição publicou o sr. Epiphanio Dias na *Zs. für roman. Philologie*, xv, 550-558: onde por exemplo o original tem *hũa, assi, vizinhença, vezinho, nemigalha*, que correspondem á pronúncia ou ao uso popular da epoca (sec. XVI), Pimentel põe *huma, assim, vizinhança, vizinho* ou *visinho, nem migalha*, alterando até

---

<sup>1</sup> A ed. está exausta, mas fez-se em 1837 uma reproducção da obra (Paris, — F. Vieweg).

por vezes as rimas de Chiado! Outras criticas do mesmo genero, e a respeito de várias obras, publicou o sr. Epiphanio não só na mesma *Zeitschrift*, XI, 42 (*Cancioneiro Vaticano*), XVII, 113 (*Cancioneiro de Rêsende*), XXVII, 465 (*Lenda de Barlaão e Josaphate*), mas na *Revista Lusitana*, I, 86 (*Autos de Prestes*), II, 274 (*Versos de Bernardim Ribeiro*), VIII, 179 (vários textos). — Convém que os escritores principiantes leiam sempre criticas de livros, quando feitas substanciosamente, e por pessoas competentes: assim se illustram e se acautelam de cahir em erros possiveis, visto que ha um proverbio que diz que *quem vê as barbas do vizinho a arder, põe as suas de mólho*, — o qual, a pesar da sua fórma um tanto familiar, traduz grande verdade, filho, como é, da experienciã dos seculos.

Tornando á maneira como em geral se reeditam entre nós obras antigas, notarei que os que suppõem que essas obras, sendo apresentadas taes quaes se escreveram, não se apreciam, ou não se entendem, estão em grave êrro e contradicção: em grave êrro, porque devemos comprehender que uma obra antiga, como as *Chronicas* de Fernão Lopez, o *Leal Conselheiro*, os *Autos* de Gil Vicente, os *Lusiadas*, não são para todos, e pelo contrário demandam habilitações litterarias em quem as quizer conhecer; em contradicção, porque, ao passo que elles traustornam a orthographia, ou substituem fórmas obsoletas por outras recentes, deixam intacta a syntaxe, como se frases fossem mais claras do que verbos e substantivos avulsos!

Ao fallar da publicação de textos, insistirei mais uma vez na necessidade de organizar catalogos de todos os nossos manuscritos, não só dos da «Livraria de mão» dos monges de Alcobça, como disse a pag. 17, mas de outros que estão dispersos em bibliothecas de cá e de fóra. Já existe algo neste sentido; todavia muito se precisa ainda fazer. Taes catalogos não deviam ser secos; deviam, quanto possivel, conter a historia de cada manuscrito, e extractos, resumos ou summarios, — tudo com a indispensavel exacção. Por infelicidade nossa, ha muitos codices portuguezes em bibliothecas estrangeiras: se uns são conhecidos,



ou estão mesmo já descritos e publicados, como os de Azurara e D. Duarte, e a *Estoria Geral*, que estão em Paris, a *Demanda do santo graall* e o *Livro de Esopo*, que estão em Viena, dois Cancioneiros medievaes, que estão em Roma, o *Espelho de Christina*, que está em Madrid,—outros jazem ineditos. Não podiam as embaixadas e legações que temos por toda a parte prestar neste caso grandes serviços á nossa litteratura, investigando tudo o que houver, e obtendo photographias ou cópias do que fôr necessario? Carlos Stuart, quando esteve em Portugal como embaixador de Inglaterra, tomou cópia do Cancioneiro da Ajuda, e publicou-a em Paris em 1823; foi esta a 1.<sup>a</sup> edição do precioso codice. O dr. Lopes de Moura, para a publicação do *Cancioneiro d'el-rei D. Diniz*, valeu-se tambem de meios diplomaticos (Visconde da Carreira), segundo confessa a pag. v-ix. Eis ahi notaveis exemplos (entre outros), dignes de contínua imitação.

8. **Historia da litteratura.** Theophilo Braga introduziu aqui espirito novo, e os seus trabalhos avantajam-se aos que havia antes, quer na concepção do que é litteratura, e *ipso facto* no que é Historia da litteratura, quer nos processos de elaborar esta; comtudo o que elle escreve, embora suggestivo, é ordinariamente muito precipitado, e por tanto nem sempre digno da confiança do leitor; além d'isso, como pretende, sem fundamento firme, basear o estudo da litteratura no da Ethnologia, pondo em correlação com o genio do povo os productos intellectuaes d'este, acontece que muda de opinião com frequencia, e a cada passo apresenta uma theoria nova: umas vezes dá toda a importancia ao elemento germanico ou moçarabico, outras, em pleno campo da poesia, declara-nos sob o influxo dos Turanianos ou dos Ligures. É pena que, possuindo Theophilo Braga os meritos que possui, e incontestavel tenacidade no trabalho, não applique continuamente bons methodos, para tambem continuamente produzir obras solidas <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os trabalhos de Th. Braga acerca da nossa litteratura, quer da culta,

Feitos com outra riqueza de materiaes, e outra segurança, são os escritos de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, os quaes muito influiriam no nosso ambiente litterario, se todos estivessem em português; infelizmente alguns, e entre elles especifico o que inseriu no *Grundriss der romanischen Philologie*, e os que tem dado á *Zeitschrift* de Gröber, redigiu-os e publicou-os em lingoa allemã, pelo que constituem lettra morta para a maioria d'aquellas pessoas que mais os poderiam aproveitar.

A par com o que fica indicado ha ainda, sem dúvida, muita cousa, quer de nacionaes, quer de estrangeiros. Torna-se porém necessario coordenar tudo, e com isso, e com elementos novos, formar não só uma obra ampla e geral, senão tambem resumos, tanto quanto possivel, perfeitos, para uso do commum dos leitores. Dos compendios que existem, uns estão incompletos ou antiquados, outros, por se destinarem ás aulas, obedecem meramente aos programmas escolares <sup>1</sup>.

A Historia de uma litteratura póde fazer-se debaixo de aspectos variados. Taine, por exemplo, procurava nella a psychologia do respectivo povo, e via na litteratura o producto de tres factores: a raça, o ambiente ou «meio», e o momento, isto é, as circumstancias de tempo em que as duas fôrças anteriores operam <sup>2</sup>. Os philologos,—tomando eu aqui esta palavra em sentido lato—, vão mais terra a terra: se procuram conhecer os resultados a que chegam os ethnologos e os philosophos, e se attendem a todas as condições que determinam a producção de uma obra d'arte (genio do artista, correntes litterarias, influencias

---

quer da popular, são muito numerosos: até 1893 vid. Teixeira Basto, *Theophilo Braga e a sua obra*, pag. 427 ss. D'então para cá tem augmentado.

<sup>1</sup> Os principaes compendios que conheço d'esta última classe são: *Curso de historia da Litterat. Port.* de Th. Braga (synthese methodica dos trabalhos do mesmo A.); *Hist. da Litterat. Port.* de Mendes dos Remedios (com as necessarias indicações bibliographicas, e uma anthologia de poesia e prosa).

<sup>2</sup> *Hist. de la littérature anglaise*, t. I <sup>2</sup>, pag. XLVIII e XXIII.

sociaes, etc.), attendem muito particularmente á esthetica de cada uma e á morphologia (mecanismo, lingua, estilo), ás edições ou manuscritos, ás biographias dos auctores, ás datas,— de modo que se saiba com critica, exactidão, e minucia o que se precisa saber. Ha a tal respeito livros, que são só para se lerem ou saborearem, como os de Taine; e ha outros que são para consulta, como a *Historia da Litteratura Romana* de Teuffel.

9. **Geographia da lingua portuguesa.** Estudei este assunto na minha *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Paris, 1901, pag. 15-28; todavia não ficou esgotado, e ainda resta que fazer aos investigadores. Não basta saber-se que a nossa lingua se falla neste e naquelle ponto (fóra de parte Portugal e Brasil), em Ceilão, em Malaca, etc.; convém averiguar o grau de vitalidade d'ella, a população que a usa, as circumstancias em que se emprega, a concorrencia que lhe fazem outras lingoas, e concomitantemente citar a litteratura.

10. **Dialectologia.** A nossa lingua varia de terra para terra, embora as variações no continente e ilhas não sejam tantas, como, por exemplo, na Suíça, na França, e na Italia. O que se refere á grammatica está já quasi tudo estudado; falta porém ainda acabar de colligir o vocabulario provincial, que é muito rico. O portuguez ultrapassa a fronteira, e falla-se em alguns rincões hespanhoes, como mostrei na *Rev. Lusitana*, VII, 133 ss.; por outro lado ha fallares gallegos no nosso territorio. O estudo do gallego relaciona-se com a dialectologia portuguesa, porque esse idioma e o portuguez foram na origem um mesmo. A par com o portuguez propriamente dito, temos o mirandês em Miranda-do-Douro, o quadramilês em Quadramil, e o rionorês em Rionôr ou Riodonor; as duas ultimas localidades pertencem ao concelho de Bragança. Fóra do continente e das ilhas o portuguez apresenta numerosos dialectos crioulos, alem de modificações menos importantes no uso geral das nossas possessões ultramarinas, e da sua variedade brasileira, onde o lexico local nativo lhe dá physionomia especialissima. Sem embargo dos

artigos, livros e memorias que existem sobre o assunto, abre-se ainda aos investigadores área extensa em que podem exercer actividade proficua. — Cfr. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Paris, 1901.

11. **Historia e Bibliographia.** Da Historia da nossa Philologia me occupei num opusculo publicado em 1888 com o titulo de *A Philologia Portuguesa*: vid. pag. 23-53; não só porém é succinto o que lá escrevi, senão que de 1888 em diante muita cousa nova ha. Vid. tambem Adolfo Coelho, *A Lingoa Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 180 (cap. sobre «Grammaticos e humanistas portugueses»). Muito util sería desenvolver este assunto, e formar uma bibliographia completa de todos os livros portugueses e estrangeiros que concernem á nossa Philologia, — Grammaticas, Diccionarios, tratados, artigos, etc.; a tarefa está facilitada pela *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, que tem de mais a mais um indice methodico, pelo *Dicc. Bibliographico* de Innocencio & Aranha, por muitos catalogos de livrarias, etc.

## Heraldiça e Lingüística

Brasões de familias e de terras baseados em interpretações etymologicas erradas, as quaes deram ás vezes origem a lendas heraldicas.

Terra de fidalgos, que a fidalgos armados de escudo e espada deve originariamente a independencia politica (assente, porém, em bases ethnicas antiquissimas, que dependiam de condições historicas e mesologicas), não admira que Portugal tenha o culto da heraldica, que as livrarias estejam pejadas de calhamaços nobiliarchicos, e as familias illustres tentem fazer ascender a sua prosapia ás mais remotas eras, doirando de aventuras maravilhosas os seus pergaminhos, ainda que, segundo pondera o sentencioso Sá de Miranda,

Nem todos são Scipiões;  
E podem cheirar ao alho  
Ricos-homens e infanções <sup>1</sup>.

Tal culto faz que concomitantemente as aldeias, as villas, e as cidades criem lendas para explicarem os nomes, e se organizem por vezes brasões fundados nellas.

Como entra nisto a Philologia, vou dar alguns exemplos.

### 1. **Antas e Dantas.**

Por um lado diz Villas-Boas na *Nobiliarchia Portuguesa* que o timbre das armas dos Antas é uma *anta* (mammifero), e

---

<sup>1</sup> *Obras*, ed. de D. Carolina Michaëlis, pag. 524.

por outro que o solar d'elles está *no lugar de Antas, no concelho de Coura* <sup>1</sup>.

Os linhagistas, quando attribuem como solares a certas familias terras homonymas, estão no bom caminho da explicação glottologica; para logo porém se transviam, interpretando demasiadamente á lettra os appellidos.

No caso presente poremos de parte o mamífero *anta*, porque elle não é nativo de Portugal, nem conhecido do geral das pessoas <sup>2</sup>, ao passo que de *Anta* é *Antas* ha dezenas de exemplos na geographia, bem como dos deminutivos *Antella*, *Antellas*, e *Antinhas*. O appellido tem pois, como muitos outros, origem geographica.

A palavra *anta*, no último sentido, vem do latim *antae* (*plurale tantum*), i. é, anta, e significa «dolmen», monumento sepulcral que data dos tempos prehistoricos. Como os dolmens ou antas abundam em Portugal, abundam tambem as designações geographicas d'ahi sahidas, pois facilmente um sitio toma o nome de um monumento que nelle existe, como *Capella*, *Moimenta* <monimenta, *Torre*. Synonimos de *anta* são *arca* e *orca*, que tambem se tornaram nomes locativos <sup>3</sup>.

Um individuo nascido em um povo chamado *Antas*, ou ahi domiciliado, ficou a chamar-se *Fulano de Antas*, e assim nasceu

<sup>1</sup> Ed. de 1727, pag. 235.

<sup>2</sup> *Anta*, em accepção zoologica, tem como fórma parallela em hespanhol, tanto *anta*, como tambem *ante*, *danta* e *dante*, com varias significações; em portuguez encontro igualmente *danta* como termo de historia natural no *Nouveau diction. port.-fr.* de Roquete, Paris, 1869. — Acerca de etymologia vid.: Dozy & Engelmann, *Gloss. des mots esp. et port. dér. de l'arabe*, Leiden, 1869, pag. 195; e Yanguas, *Glosario etimológico*, Granada, 1886, pag. 267-268. — A nossa palavra *anta*, assim em sentido zoologico, talvez viesse directamente do hespanhol.

No Tamega ha um peixe com o mesmo nome de *anta*: vid. *Rev. Lusit.*, III, 61.

<sup>3</sup> Vid. sobre tudo isto *Religiões da Lusitania*, I, 249 ss.

o appellido *Antas*. Da fusão da particula com o substantivo originou-se outro appellido, *Dantas*, assim mesmo escrito em uma só palavra, em vez de *D'Antas* ou *d'Antas* <sup>1</sup>. Adiante citarei exemplos de fusões semelhantes.

## 2. Arcos:

No brasão da familia d'este nome figura um centauro com uma flecha sanguinha e uma setta de prata, em acção de atirar: vid. *Thesouro da Nobreza*, ms. da nossa Bibliotheca Nacional <sup>2</sup>. No ms. estabelece-se differença entre *flecha* e *setta*, tomando-se *flecha* no sentido de « arco ». Noutro lugar, em que se trata da familia dos Guantes, diz-se mesmo: « em campo . . hũ arco o[u] flexa (*sic*) de oiro ».

Evidentemente o linhagista pretendeu pôr em relação o appellido de familia com a palavra « arco ». Mas neste, como em muitos outros casos, o appellido provém de um nome de lugar, pois ha muitas localidades chamadas *Arcos* e *Arco*, o que de certo se originou em arcos monumentaes que ahi houve, ou ha. Conheço, por exemplo, um sitio entre Mondim da Beira e S. João de Tarouca denominado *Arcos de Paradella*: ahi em tempo existiam dois arcos de pedra, de que ainda resta um (a tradição onomastica foi tão forte, que, apesar da denominação estar hoje em contraste com a realidade, persistiu, e persistirá). Em Lisboa temos algumas *Ruas do Arco*, e nellas se vêem effectivamente arcos. Os *Arcos* de que é rico o onomastico gallego-castelhano devem ter a mesma origem.

Tambem se conhecem em Portugal localidades com a denominação de *Arcozêllo*, nas provincias de Entre-Douro-e-Minho, e da Beira; ella corresponde á gallega *Arcucélos*, na provincia

<sup>1</sup> E até possui brasão especial: « seis arruellas vermelhas em campo d'ouro », — vid. *Armario* de Diogo Fernandes & Albuquerque e Noronha, ms. da Bibl. Nac., pag. 40. Para elle não escolheram porém symbolos fallantes; contentaram-se com elementos geraes da heraldica.

<sup>2</sup> *Obras*, ed. de D. Carolina Michaëlis, pag. 524.

de Orense. Em documentos nossos dos sec. XI e XIII lê-se *Arcozelo*, *Arcucelo*, e *Arcuzelo*<sup>1</sup>. Creio que devemos ver em *Arcozello* um deminutivo correspondente ao typo latino \**arcucellus*, onde o suffixo *-cellus* se juntou ao thema, como em *navicella*, de *navi-s*, e em *mollicellus*, de *molli-s*. Como deminutivo propriamente litterario esperaríamos \**arcuculus* (cfr. *veruculum*), \**arculus* (cfr. *arculum* «rodilha», de formação analoga), ou \**arcellus* (cfr. *arcella*, de *arca*); mas no latim provincial usavam-se muitas fórmas que destoam dos hábitos classicos: numa inscripção lusitano-romana de Tras-os-Montes encontrei, por exemplo, *laciculus*, de *lacus*<sup>2</sup>, ao passo que a boa latinidade nos offerece *lacusculus*. Se em latim vulgar ha \**acucula* (em vez de *acicula*), que deu em portuguez e provençal *agulha*, e em italiano *aguglia*, etc., e se havia *genuculum* (em vez de *geniculum*), que deu *geolho* em portuguez archaico, *genolho-s* em provençal, *hinojo* em hespanhol archaico, etc., — palavras onde o suffixo *-culus* (-a, -um) se juntou, real ou apparentemente, ao thema: que admira que em \**arcucellus* o suffixo *-cellus* se juntasse a *arcu-*, tanto mais que em latim vulgar o suffixo *-culus* foi substituido muitas vezes por elle? — O deminutivo *Arcozello* só poderia ter sido formado em epoca muito remota, em que o *c* intervocalico se mudava ainda em *-z-*. Fica incidentalmente provado que deve escrever-se *Arcozello*, com *z*, e não com *-s-*.

A proposito de *Arcos* notarei que o nome gentilico (litterario) que os habitantes de Arcos-de-Valdevez adoptam é *Arcoense*, escrito com *o*; publica-se mesmo nessa villa um jornal intitulado *O Arcoense*. Ha aqui manifesto erro orthographico-morphologico. Tendo-se, como se tem, em mente o substantivo portuguez *arco*, não póde d'ahi derivar-se senão *Arquense*; cfr.

<sup>1</sup> Fórmãs colligidas\* pelo Dr. Cortesão no *Onomastico medieval* (vid. *O Archeologo Port.*, VIII, 236).

<sup>2</sup> Vid. *O Arch. Port.*, III, 178-179.



*arquinho*, de *arco*, *Farense*, de *Faro*, porque, ao juntar-se o suffixo, o *o* final do thema desaparece<sup>1</sup>. Póde porém admittir-se que assim como a *Porto* se dá como nome gentilico *Portuense*, em attenção ao latim *portus* (cfr. mesmo já nessa lingua *Portuensis*, adjectivo particularmente referido a Ostia, que era porto de mar), tambem, em attenção ao latim *arcus*, se tenha *Arcuense*, mas escrito com *u*, como se viesse de \**Arcuensis*: tanto em \**Arcuensis* como em *Portuensis* é normal a junção do suffixo ao thema, por este terminar em *-u*. Não deve surprehender que o que é normal em latim (manutenção do *-u* do thema), o não seja em português (supressão do *-o* do thema), visto que aquelle, ao transformar-se neste, experimentou grandes alterações. Em português não ha themas em *-u*, pois *motu* na expressão *motu proprio* é propriamente latinismo (mas tambem se escreve *moto proprio*<sup>2</sup>), e *tribu* tem a par a fórma *tribo*, como póde ver-se em B. Pereira, *Prosodia*, s. v. «tribus», e em Moraes, *Diccionario*, a que juntarei os *Ined. de Alcobaça*, II, 122 (a graphia *tribu*, com *u*, encontra-se tambem noutras linguas: hesp. *tribu*, fr. *tribu*; o italiano tem *tribù*, com accento no *u*, como em francês, a par de *tribo*)<sup>3</sup>. *Spiritu Santo*, que se lê em alguns livros antigos (por *Espirito S.*) é tambem latinismo, quanto ao primeiro elemento. Palavras como *fructuoso*,

<sup>1</sup> Êrro semelhante se nota no nome gentilico correspondente á ilha do Pico (Açores), o qual tenho visto ser *Picoense*, em vez de *Piquense*. O que deu origem ao êrro, tanto aqui como em *Arcoense*, foi a estranheza que causaria o *-qu-* do derivado em comparação com o *-co* do primitivo.

<sup>2</sup> Aos exs. que traz Moraes accrescentarei «de meu proprio *moto*», na Carta da villa das Galveias passada por D. João III em 1538 (ms. particular).

<sup>3</sup> Os nossos antigos faziam *tribo* ora feminino, por causa do latim, ora masculino, por terminar em *-o*: vid. B. Pereira, *Prosodia*, s. v. Nos *Lusiadas* ha «ô *tribo* illustre», III, 140: cf. G. Viana, *Apostilas*, II, 501, e *Ortografia Nac.*, pag. 174. Em italiano ant. tambem *tribo* é masculino. *Tribu* em hespanhol é masculino ou feminino: cf. Cuervo, *Gram. castell.* de Bello, § 181, e nota 34. — Jeronymo Cardoso, no *Dict. Lat.-Lusit.* (sec. XVI), não usa sequer a palavra, e traduz o latim *tribus* por «a linhagem, ou quadrilha».

*manual, usual, annual, casual* vem assim formadas do latim. *Autuar* justifica-se com provir *auto* de um nome com o thema em *-u* (i. é. *actus*, d'onde *\*acturare*). *Pactuar* é êrro, pois a palavra foi formada como se *pacto* viesse de um nome latino da 4.<sup>a</sup> decl., em vez de *vir*, como vem, de *pactum*; melhor seria *pactar* (como em hespanhol) e *pactear*, que tambem se encontram. Ao passo que em portugunês se diz *usual*, em gallego diz-se *usal*: este regulou-se por *uso*, formando directamente o adjectivo; aquelle reportou-se ao latim.

### 3. Braga.

No *Nobiliario* de Rangel de Macedo, que existe manuscrito na Bibliotheca Nacional de Lisboa (Collecção Pom-balina), diz-se na lettra «B», fl. 374, que este appellido parece ser tomado da cidade de Braga, onde deviam ser moradores os primeiros que o usaram; mas logo em seguida se accrescenta que, segundo outra tradição, que o A. porém julga infundada, elle provém de haver certo fidalgo sido cativo dos Mouros, e por estes mettido em uma torre, «com guarda de gente e hũa braga no pé», da qual torre depois se escapou, matando ao Mouro que o guardava. Por *braga* deve entender-se aqui uma «argola com cadeia de ferro, com que se prende alguem pela perna, andando a cadeia atada á cinta» (Moraes).

A segunda hypothese é pura fantasia. A verdadeira explicação é a primeira. Um individuo, filhote de Braga, ou ahi residente, pôde ser chamado *Braga*, isto é, *de Braga*, e o appellido assim adoptado passar aos descendentes. Temos tambem como appellidos *Aveiro, Beja, Bragança, Castello-Branco, Coimbra, Faro, Guimarães, Lamego, Miranda, Pinhel, Porto, Viana, Viseu*, com origem analoga. Á mesma classe pertencem *Barros, Campos, Fontes, Mello, Monte, Pedreira, Portella, Rego, Rocha, Serra*, e os que se relacionam com o reino vegetal, v. g. *Macedo, Matos, Pereira, Silva*, e dezenas de outros. Todos estes nomes designaram primitivamente sitios ou povoações. Um *Fulano de Macedo* appellida-se assim, porque ou elle ou um ascendente nasceu ou viveu em uma terra ou sitio chamado

d'aquelle modo, ou possuiu uma propriedade com aquelle nome. E assim por diante.

#### 4. Canto.

O *Thesouro da Nobreza*, já citado, diz que no brasão da familia dos Cantos se vê no campo «hum *canto de muralha* de prata»<sup>1</sup>. Evidentemente o genealogista que primeiro imaginou o brasão, quis dar-lhe certo ar historico, poisque a muralha evocava fortalezas e castellos, e por tanto lembranças e costumes medievaes<sup>2</sup>.

É certo porém que o appellido, como tantos outros, não passa de nome geographico: abundam as terras chamadas *Canto* em Portugal, Galliza, e Castella. Quer em portuguez e gallego, quer em castelhano ou hespanhol, a palavra *canto* tem, entre outras significações, a de «angulo de casa ou outro edificio, interna ou externamente» (Moraes), e a de «pedra grande». Qual d'estas significações se applica na geographia? Em expressões como *Canto do Muro*, nome de um lugar no districto d'Aveiro, *Canto da Vinha*, nome de uma quinta no districto de Lisboa, pôde estar-se em duvida se se tem ahí «pedra» ou «angulo», pois tambem ha *Pedra da Fonte*, nome de uma quinta no districto da Guarda, e *Canto do Muro*, nome de um lugar no districto do Porto: se *canto* pôde significar «esquina», etc., pôde tambem significar «pedra». O mais provavel é que *Canto* no onomastico seja, senão sempre, pelo menos geralmente, no sentido de angulo.

Como illustração do assunto, direi que é de *canto* no sentido de «pedra» que vem *canteira* «pedreira», *cantaria* «pedra aparelhada», e *canteiro* «o que trabalha pedra de cantaria». Fallando da escaramuça que os Portugueses tiveram com os de Moçambique, diz Camões:

---

<sup>1</sup> Fl. 63 v. e 64 r.

<sup>2</sup> Deve-se a isso, sem dúvida, o abundarem tanto as torres nos brasões.

Fugindo, a seta o Mouro vai tirando,  
Sem força, de covarde e de apressado,  
A pedra, o pão, e o canto arremessando <sup>1</sup>,

passo em que *canto* significa «pedra» ou «calhau» <sup>2</sup>.

### 5. Chaves.

A palavra *Chaves* explica-se perfeitamente por *Aquis Flaviis* ou *Aquis Flavis*, ablativo de *Aquae Flaviae*, nome de uma cidade que no tempo dos Romanos existiu no local onde está a moderna villa. A primeira parte do nome tem por origem as «*thermas*» que ahí ha; a segunda parte provém do nome de Tito Flavio Vespasiano (69-79), que certamente fundou ou restaurou as *thermas* <sup>3</sup>. Por brevidade disse-se na linguagem corrente apenas *Flaviae*, isto é, *Flavis*, omittindo-se um dos elementos do nome, como vimos a pag. 43-44.

Apesar da transparente etymologia de *Chaves*, deu-se á villa como brasão d'armas um escudo com cinco chaves <sup>4</sup>. É a isto que os Franceses chamam *symbolo fallante* <sup>5</sup>. A familia dos Chaves usa analogo brazão <sup>6</sup>. Ambos elles são verdadeiros contra-

<sup>1</sup> *Lusiadas*, I, 91.

<sup>2</sup> Acerca da origem da palavra *canto*, vid. Diez, *Et. Wb.*, I, s. v., e Thurneysen, *Keltöromanisches*, Halle, 1884, pag. 53. Talvez que seja celtica: \*cambitos.

<sup>3</sup> Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 41, e *Corpus Inscriptionum Lat.*, t. II, pag. 344.

<sup>4</sup> Vilhena Barbosa, *As cidades e villas*, I, 124; e Pinho Leal, *Port. ant. e mod.*, s. v. «Chaves».

<sup>5</sup> [Notarei uma curiosa coincidência. As armas da cidade de Chiavasso, na Italia, são, de modo semelhante, duas chaves, *due chiavi*, porque os que formaram o brasão imaginaram correlação etymologica entre *Chiarasso* e *chiave* ou *chiavi*, quando o etymo, como se mostra das fórmulas medievas, está em *clivus*. Vid. Dr. Massia, *Del nome locale di «Chiavasso»*, Ivrea, 1909. Cá e lá, más fadas ha!]

<sup>6</sup> Vid. *Nobiliarchia Portuguesa* de Villas-Boas, ed. de 1727, pag. 264-265.

sensos historicos, por isso que o nome da villa nada tem com o nome commum *chave*, que vem do latim *clavis*, e o appellido nasceu d'aquelle, analogamente a outros de que ha pouco tratei. Primeiro disse-se *Fulano de Chaves*, porque o respectivo individuo era de lá, ou foi lá residente; por fim o *de* desapareceu, como tantas vezes acontece, e hoje diz-se em geral *Fulano Chaves*.

## 6. Costas.

A familia dos *Costas* «tem por armas, em campo vermelho, seis *costas* de prata, postas em tres faxas; timbre duas *costas* em aspa, atadas com hũa fita vermelha»,—escreve Carvalho Athaide<sup>1</sup>. Neste trecho *costas* quer dizer «*costellas*».

Os linhagistas escolheram para armas d'esta familia as *costas* ou *costellas*, porque não sabiam que *Costa* provém de um nome geographico. Ha dezenas de lugares e sitios assim chamados. Teriam cabimento aqui as mesmas observações que fiz a proposito de *Braga*.

Sem embargo, é curioso notar que *Costa* no onomastico é metaphora da significação anatomica d'essa palavra no sentido de «dorso». Na orographia ha outras metaphoras tiradas das partes do corpo do homem ou dos animaes, como: *cabeço*, *cerro*, *garganta*, *sopé* = *so(b) o pé*. A hydrographia está no mesmo caso: *braço*, *boqueirão* = *boq(u)-eir-ão* (de boca), *desembocar* = *des-em-boc-ar*, *boca do rio*. A palavra *bôca* apparece tambem como designação de «entrada» nã expressão «boca do forno», e no onomastico: *Boca da Lapa*, *Boca do Valle*, *Boca do Inferno* (Cascaes)<sup>2</sup>. Os proprios litteratos imitaram o instincto popular:

<sup>1</sup> *Nobiliario* ms. da Bibliotheca Nacional, letra «C», fl. 5653.

<sup>2</sup> Sobre a significação de *Inferno*, nesta última expressão, vid. Adolfo Coelho na *Rev. d'Ethnologia*, pag. 153: «A toponymia revela que a imaginação popular viu a abertura do Inferno ou a entrada para elle em diferentes pontos». A mesma concepção tinham os povos antigos: cf. *Dict. des antiquités* de Daremberg & Saglio, s. v. «Inferi», pag. 502, col. 1.

Fr. Luis de Sousa descreve o sitio ou local de Santarem, comparando-o a *hũa mão esquerda*, apartada do braço, com a palma e dedos estendidos, e dividido um do outro; e acrescenta que não faz mais que seguir « o costume dos geógrafos, que » usaõ de comparação de alguns membros do corpo humano, » pera se declararem na significação de outros do grande corpo » da terra » <sup>1</sup>.

### 7. Cunha.

Embora o auctor da *Nobiliarchia Portuguesa* diga que se entende ser o solar d'esta familia na terra de Cunha-a-Velha, termo de Guimarães, dá-lhe por armas *nove cunhas*, e *tymbre hum meio Grifo . . acunhado de azul, com asas acunhadas de ouro* <sup>2</sup>.

*Cunha* é appellido muito vulgar, e elle provém sem dúvida de nome geographico; ha muitas povoações e lugares com o nome de *Cunha* e *Cunhas* por todo o país, principalmente no Norte e Centro. Este nome nada tem com o do utensilio chamado « cunha », porque a sua fórma archaica soa *Cuína* e *Cuíinha* em documentos dos seculos XI e XV <sup>3</sup>; em gallego temos tambem na geographia bastas vezes *Cuiña* e *Cuiñas*. Provavelmente o etymo ascende ao latim *culīna* « cozinha », palavra que no uso vulgar foi substituida por \**cocina* (deriv. de \**cocere* por *coquere*), a qual deu *cozinha* em português, *cociña* em gallego, e *cocina* em hespanhol. Em apoio do que digo está o haver em Galliza e noutras regiões de Hespanha locaes chamados *Cocina*, *Cocinas*, e *Cociñas*, que serão de origem mais recente que *Cunha* e *Cunhas*. Na minha hypothese a evolução de *Cunha* foi: \**culīna* > *Cuína* > \**Cuíã* > *Cuíinha* > *Cúinha*

<sup>1</sup> *Hist. de S. Domingos*, pt. I, liv. II, cap. 1, pag. 126, da ed. de 1767.

<sup>2</sup> Villas-Boas, ed. de 1727, pag. 272.

<sup>3</sup> Vid. Cortesão, *Onomastico medieval*, s. v. O mesmo auctor cita *Cuíã*, que talvez esteja por *Cuíã*, e pertença pois á mesma série.

> *Cunha*: cfr. molīnu->\**moino*>*moño*<sup>1</sup>>*moinho*=*muinho*, que nos Minhotos soa *múinho* e *munho*. Temos assim em *Cunha* e *cozinha* os representantes de duas fases da evolução do lexico latino-romanico.

### 8. Dias.

O *Thesouro da Nobreza* da Bibliotheca Nacional dá por armas á familia d'este appellido «em campo azul hũa estrella de oiro de dez raios».

De certo a estrella d'oiro representa o sol, que produz o dia, pois se viu em *Dias* um plural. No emtanto *Dias* está por *Diaz*<*Didaz* (ou *Diazi*)<*Didazi*<*Didaci*, genetivo do nome proprio *Didacus*: cfr. supra, pag. 42 e 174 ss. Todas estas cinco fórmas se encontram em documentos medievaes<sup>2</sup>. Nada ha pois commum entre *Dias* e *dia*.

### 9. Escovares.

Do *Thesouro da Nobreza* de Fr. Manoel de S. Antonio, ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa, extráio o seguinte: «Esta familia he de Castella, aonde tem caza e solar: passou a »Portugal no tempo do Rey D. Affonso v . . São suas armas »em campo de prata cinco escovas de azul, com correas verme- »lhas, em sautor; timbre hũ braço vestido de vermelho com »hũa escova na mão . . em Castella trazem em campo de oiro »as escovas de verde»<sup>3</sup>. Noutro ms., *Genealogia*, da mesma Bibliotheca, marcação C $\frac{1}{2}$ , lê-se: «*Escouares*. Campo de ouro »tres escouas verdes, como quer A. Lopez de Haro, 2 p., l. 10, »fol. 375, ou sinco escouas, como se escreue na *Bene(dictina)* »*Lus(itana)*, 2 pt. no fim»<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Assim se pronunciaria a palavra *moio* que se lê no *Ined. de Alcobaca*, I, 287, tambem citada por Cortesão, *Subsidios*, s. v.

<sup>2</sup> Cortesão, *Onomastico*, s. vv.

<sup>3</sup> Pag. 103. Cf. Villas-Boas, *Nobiliarchia*, 1703, pag. 271.

<sup>4</sup> Fl. 48 v. A obra de Lopez de Haro a que se allude aqui, é o *Nobiliario Genealógico de los Reyes y títulos de España*, Madrid, 1622

Antes de proseguir convem saber: 1) que em hespanhol se diz, pelo menos geralmente, *Escobar*; 2) que *escoba* nessa lingoa significa «vassoura», e ao mesmo tempo «retama» ou «giesta»; 3) que *escova* em portuguêz corresponde a *cepillo* em hespanhol, e é tambem em algumas regiões nossas nome da «giesta».

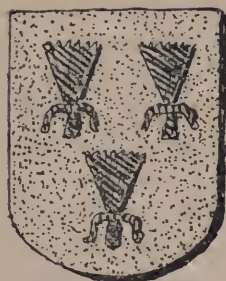
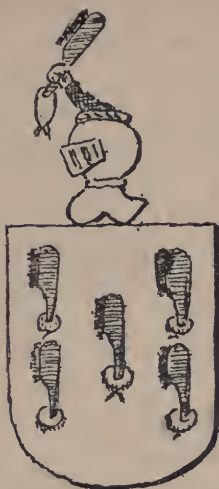
A palavra hespanhola ou castelhana *Escobar* deriva de *escoba*, em accepção botanica, e significa «sitio plantado de *escobas*». De nome commum tornou-se nome geographico: ha, por exemplo, *Escobar* nas provincias de Lião, Murcia, e Segovia. Existem outros vocabulos castelhanos da mesma familia: *escobo*, na lingoa commum, «matorral espeso, como retamar y otras semejantes»<sup>1</sup>; *Los Escobos*, *Escobedo*, *Escobosa* etc. no onomastico. Os genealogistas de Hespanha commetteram o êrro de relacionar *Escobar* com *escoba* na accepção de «vassoura», quando o deviam relacionar com o nome geographico que tem a mesma fórma. E os genealogistas portuguezes attingiram o absurdo, ao traduzirem o hesp. *escoba* pelo portuguêz *escova*, em vez de «vassoura», e ao representarem no escudo nobiliarchico cinco escovas. Na página seguinte copio os dous escudos, o hespanhol com as vassouras, e o portuguêz com as escovas.

Ao hespanhol *Escobar*, como nome geographico, corresponde morphologicamente o portuguêz *Escoval*, nome de um casal no concelho de Tavira. Esta ultima palavra prova só por si que o nosso appellido *Escovar* é originario de Hespanha: com effeito, aqui vemos o suffixo *-ar*, e alli o suffixo *-al*. Onde o portuguêz tem *-al*, tem o hespanhol ou castelhano várias vezes *-ar*: cfr. *habar*—faval, *manzandar* (e *manzanal*)—Maçal (por \**Maçãal*), *castañar* (e *castañal*)—castanhal, *pinar*—pinhal. *Escova*, como planta, usa-se em Portugal, pelo menos, em Lagoaça—Mogadouro (Tras-os-Montes), onde tambem deu o derivado *escovalho*,

---

<sup>1</sup> *Dicc. de la Academia.*



escobas hespanholas <sup>1</sup>escovas portuguesas <sup>2</sup>

no sentido de «vassourão» <sup>3</sup>. Cfr. além d'isso *escovinha*, nome de uma herva.

A palavra hespanhola *escoba* relaciona-se com a latina *scopae*, -arum «ramusculus», e metaphoricamente «vassoura». *Scopae* é *plurale tantum*, isto é, palavra só usada no plural, ou que no plural tem acceção diferente da do singular (além da do número); outras palavras analogas são *arma*, *castra*, *cunae*, *exuviae*, *liberi*, *spolia*. As palavras d'esta classe que passaram para o românico tomaram a fórmula do singular,

<sup>1</sup> O desenho por onde se fez a gravura foi-me enviado pelo sr. D. Juan Menéndez Pidal, que o extrahi da collecção de *Ordenes Militares, Pruebas de Caballeros*, Expediente n.º 2712, do Archivo Historico Nacional, de Madrid.

<sup>2</sup> O desenho por onde se fez a gravura foi tirado do *Thesouro da Nobreza* pelo sr. Gabriel Pereira, a meu pedido.

<sup>3</sup> *Rev. Lusit.*, v, 48-49 (Moreno).

como *castra* { *castrum*, em port. *castro*, *cunae* { *cuna*, em hesp. *cuna*. Por isso de *scopae* resultou *scopa*, que já em Petronio, *Cena Trimalchionis*, cap. 34, significa «vassoura» (*argentum. .inter reliqua purgamenta SCOPIS coepit [e]verrere*), e explica immediatamente o hespanhol *escoba*. Em latim tambem ha no singular *scopa regia*, que na *Prosodia* se traduz por «valverde», «gilbarbeira», «navão», etc. Mas foi a outra *scopa* que deu o hesp. *escoba*; depois *escoba* applicou-se á planta que servia para em Hespanha se fazerem «escobas». Cfr. *escovalho*, supra. Phenomeno sematologico semelhante, embora inverso, acontece em português: a palavra *vassoura*, que vem do lat. *versoria*<sup>1</sup>, applica-se em algumas terras, por exemplo em Sangalhos (Anadia)<sup>2</sup>, a uma planta dos matos e pinhaes que serve para se fazerem vassouras. — Comprehende-se que da ideia de «vassoura» se passasse metaphoricamente para a de «escova», em virtude do character de «limpar», commum a ambos os respectivos objectos.

A palavra portuguesa *escova*, comparada com a lat. *scopa*, apresenta *v* por *p*, contrariamente á regra mais geral, que é *p* dar *b*, como em *lŭpu*->*lobo*. Por isso Gaston Paris, numa das suas lições do Collegio de França, a que assisti, explicou *escova* como palavra vinda do hespanhol *escoba*, baseado em que nós ao *b* hespanhol fazemos corresponder por vezes *v*; todavia ha mais exemplos de *v* português por *p* latino: *esteva* (a par de *esteba*) < *stĭpa*, *estivar* (a par de *estiba*) < *stĭpare*, *povo* (arc. *poboo*) < *populŭ-*, *riva* (a par de *riba*) < *ripa*, *seve* (a par de *sebe*) < *sepe*, *seiva* (a par de *seiba*) < \* *sapia*<sup>3</sup>, *polvo* <

<sup>1</sup> A evolução phonetica foi: *versoria* > \* *vessoira* > *vassoira*. O grupo *rs* deu *ss* como em *vessada* < *versata*, *pessoa* < *persona*. O *e* mudou-se em *a*, por influencia do de *varrer*, e não por causa do *r*. Não houve pois \* *varsoria*. Cf. *vessada* (e não *va-*), *pessoa* (e não *pa-*).

<sup>2</sup> Informação do Dr. Joaquim da Silveira.

<sup>3</sup> D. Carolina Michaëlis in *Miscellanea di Filologia*, pag. 126.

polypu-, *pavio* < \*papīlu<sup>1</sup>, arc. *prove* (a par de *pobre*)<sup>2</sup>. Não é pois necessario recorrer ao hespanhol para explicar *escova*<sup>3</sup>.

Tornando a *Escovar*, concluirei dizendo que se usam em Portugal muitos outros appellidos, de procedencia hespanhola, v. g., *Aguilar*, *Alarcão*, *Aragão*, *Arbués*, *Avila*, *Avilès*, *Barahona*, *Castilho*, *Centeno*, *Cisneiros*, *Espinosa*, *Lacerda*, *Lião*, *Moncada*, *Navarro*, *Oliva*, *Puga*, *Sepulveda*, *Soriano*, *Sotomayor*, *Trigueiros*, *Valdès*, *Xavier*.

### 10. *Ferreira*.

A uns *Ferreiras* dá-se por timbre no brasão uma ema com uma *ferradura* d'oiro no bico<sup>4</sup>; outros, como os *Herreras* de Hespanha, usam nas armas *duas caldeiras* de oiro<sup>5</sup>. Em qualquer dos casos se pensou nos utensilios que costumam fabricar-se de *ferro*, ainda que, transportados para a heraldica, se metamorphosearam em oiro, pela facil alchimia genealogistica. O ferro foi evidentemente posto em connexão com *Ferreira*.

Sem duvida *Ferreira* se relaciona com *ferro*, porque vem do latim *ferraria* «mina de ferro», «officina de ferreiro». Mas

<sup>1</sup> Acerca de papīlus < > papyrus vid. A. Thomas, *Nouveaux essais de philol. fr.*, pag. 176-177. — O port. *pavio* não póde ter vindo do hesp. *pabilo*, por causa da quéda do -l- (em hesp. ha *pabilo* e *pábilo*).

<sup>2</sup> As fórmãs *esteba*, *estiba*, *riva*, *seve*, *seiba*, *paboo*, *prove*, podem ver-se justificadas em Moraes, *Diccionario*. Cf. também sobre o assunto J. Cornu, *Die port. Spr.*, § 179, e Adolfo Coelho, *Questões*, I, 281. — Se *caride*, que coexiste com *cabide*, vem de capitulum, temos nelle outro exemplo.

<sup>3</sup> Nesta passagem de -p- para -v- houve primeiramente mudança em b, como o mostram as fórmãs que citei ao lado das que tem v. Depois, já em epoca portuguesa, o b tornou-se v. Ha tambem, ás avéssas, exemplos de b por v originario: *bodo* < votu-, *barrer* < varrere, *barbeilo* < veruactu-. Tanto nos exemplos que cito na nota, como nos que cito no texto, refiro-me á lingua commum. Na lingua popular do Norte e Centro as confusões são sem fim.

<sup>4</sup> [Braamcamp Freire, *Armario Portuguesa*, pag. 194].

<sup>5</sup> *Thesouro da Nobreza*, fl. 99 v.

*Ferreira* é vulgarissimo nome geographico, e o não menos vulgar appellido nasceu d'elle, como outros que ha pouco estudei. Villas-Boas não anda longe da verdade quando diz que o primeiro fidalgo que se chamou *Ferreira* tomou o appellido de Ferreira d'Aves, de que foi senhor, e onde teve o solar; só ha-de entender-se que a connexão entre o appellido e o topónimo é mais geral do que a que fica indicada. Ha tantos Ferreiras, que não podiam descender todos elles de um tronco commum. A multiplicidade dos appellidos corresponde aqui, mais uma vez, á das terras.—A explicação que dou de *Ferreira* convém tambem ao appellido hespanhol *Herrera*, a que a cima alludi.

### 11. Freixo d'Espada á Cinta.

Esta villa «tem por armas hum freixo, & d'elle pendente hum espada», diz o P.<sup>o</sup> Carvalho da Costa<sup>1</sup>, o qual expõe a seguinte lenda explicativa: «Seus naturaes tem por tradição que » hum rey ou capitão chamado *Espadacinta*, cançado de hum » batalha, chegando a esta villa, se assentára nas escadas que » rodeão hum grande freixo, que ainda se conserva a hum lado » da igreja matriz, & pendurando a espada nesta arvore, lhe dera » o nome<sup>2</sup> & a insignia »<sup>3</sup>.

Sem poder aclarar completamente a origem historica do nome da villa, vou comtudo apresentar alguns elementos para esse estudo.

O nome antigo é *Freixo d'Espada Cinta*, sem *á*, como consta de numerosos documentos medievaes, citados por Viterbo<sup>4</sup>. Este nome escrevia-se assim ainda no sec. xvii. Francisco Matos, de Sá, auctor do *Livro de Nossa Senhora do Desterro*, impresso em Lisboa em 1620, diz-se natural da villa

<sup>1</sup> *Corographia*, I (1706), 429.

<sup>2</sup> Isto é, o sobrenome.

<sup>3</sup> Ob. cit., I, 429.

<sup>4</sup> Vid. o Indice do *Elucidario*, feito por A. Fernandes Pereira, Lisboa, 1836, s. v. (Vem appenso á 2.<sup>a</sup> ed. do *Elucidario*). Cf. alem d'isso Cortesão, *Onomastico*, s. v. (sec. xv).

de *Freixo de Espada Cinta*. No citado volume da *Corographia* do P.<sup>o</sup> Carvalho, que, com quanto impresso em 1706, foi evidentemente escrito no sec. xvii, porque o primeiro documento das licenças do Santo Officio para a impressão da obra tem a data de 21 de Janeiro de 1701, lê-se *Freixo de Espada Cinta e de Espadacinta*<sup>1</sup>; além d'isso o proprio ferrabrás lendario de que falla Carvalho chama-se, como vimos, *Espadacinta*. Nos meados do sec. xviii já porém nos apparece á (e a): Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, escreve ora *Freixo de espada á cinta* (II, 196), ora *Freixo de Espada á cinta* (II, 331), e *Freixo de espada acinta* (II, 849; III, 723)<sup>2</sup>.

*Cinta* é participio feminino do verbo *cingir*, e corresponde ao lat. *cinctus*, -a, -um, de *cingere*. Posso aqui dar um exemplo igual, da lingua commum, tirado de um texto do sec. xv. Tratando de como o Mestre d'Avis foi a Lisboa matar o conde Andeiro, diz Fernão Lopez: «E ell tragia huña cota vestida, e ataa viimte comsigo com cotas e braçaaes e *espadas çintas*, como homens caminheiros»<sup>3</sup>. Por isso *Freixo d'Espada Cinta* quer dizer «Freixo d'Espada Cingida». Como com o tempo este participio sahio do uso, por parecer anomalo, e foi substituido por *cingida*, participio regular, e o povo, por outro lado, encontrava *Cinta* no nome da villa, palavra que era homophona do substantivo feminino *cinta*, que tem, entre outras accepções, a de «cintura», que fez elle? Suppôs que *Cinta* no nome da villa era substantivo, e visto que, sendo-o, *Freixo d'Espada Cinta* correspondia a «Freixo d'Espada Cintura», que ficava sem regularidade logica, juntou á a *Cinta*, e estabeleceu regencia syntactica entre esse pseudo-substantivo e aquillo que vinha antes, ficando assim apparentemente salva a grammatica, embora falseada a historia.

<sup>1</sup> Pag. 423.

<sup>2</sup> O t. II é de 1747; o III é de 1752.

<sup>3</sup> Pt. I, cap. IX, ed. de Braamcamp Freire, pag. 16-17.

É claro que *d'Espada Cinta* não se liga na origem ideologicamente a *Freixo*. Devemos entender que a villa se chamou só *Freixo* na primitiva, e que este nome, que apparece com frequencia no onomastico, recebeu depois um apposto explicativo, de que *d'Espada Cinta* fazia parte, acaso *Cavalleiros d'Espada Cinta*, ou com outra palavra; cfr. *Macedo de Cavalleiros*. Em Torres Novas ha uma rua denominada *dos Cavalleiros da Espora Dourada*, expressão que corresponde a uma antiga categoria de cavalleiros <sup>1</sup>.

Tudo isto nos leva muito longe do pittoresco brasão em que se mostra um freixo cingido de uma espada.

## 12. Mesquita e Dâmesquita.

Lê-se nas *Noticias de Portugal* de Severim de Faria o seguinte: « Quando elRey Dom Affonso v passou a Africa a tomar » Arzilla, o acompanháraõ sinquo irmaõs da familia dos Pimentes . . ; & como sendo entrada a cidade, os Mouros se fizessem » fortes na Mesquita . . : estes irmaõs, tirando os cintos, & atados » hũs nos outros, os lançáraõ a huũ ameya, & sobindo por elles » acima, levantaraõ hũa bandeira, & por alli foi entrada a Mes- » quita, & mortos os Mouros. Por este feito lhe deu Dom Affonso v » por armas . . sinquo cintos vermelhos . . por timbre hum meio » Moiro com hũa azagaya na maõ, & hũa badeira . . & por appel- » lido o mesmo nome de *Mesquita* » <sup>2</sup>.

Sem dúvida este appellido tem a mesma origem geographica do precedentemente estudado. Não só elle é muito vulgar, o que mostra que não podia ter origem unica, mas muito vulgares são tambem as povoações e sitios que se chamam *Mesquita* e *Mesquitella* (deminutivo).

Deve entender-se que em portugûes antigo houve *Amesquita*, com *a-*, como *Amoreira* a par de *Moreira*. Um Fulano natural de uma terra denominada *Amesquita*, chamava-se natural-

<sup>1</sup> Gama Barros, *Hist. da Administração*, I, 405, nota 5.

<sup>2</sup> Ed. de 1655, pag. 109-110 (discurso 3.º).

mente da *Amesquita*, o que na pronúncia corrente valia por *Dâmesquita*, como *Dâmoreira* = *da Amoreira*. Esta pronúncia veio a encontrar-se com (Fulano) *da Mesquita* e *de Mesquita*, por isso que com *Amesquita* concorria *Mesquita*; e por isso os que em etymologias só attendem ao que tem nos ouvidos ou diante dos olhos, e não á historia das palavras, decompuseram *Dâmesquita* em *Dâ Mesquita*, do que se formou um novo e absurdo appellido. A um fidalgo, já fallecido, da familia dos *Dâ Mesquitas*, ouvi eu contar, para cumulo de desvario, que esse appellido resultára de numa batalha, em que um *Mesquita* combatia contra os Mouros ao lado do rei, este lhe dizer: «*dá Mesquita!* dá para baixo!»

Abundam phenomenos phoneticos analogos a *Dâmesquita*. Em *Fulano da Fonseca*, que se pronúncia *F. d'Afonseca*, separou-se *Afonseca*, escrito de mais a mais *Affonseca*, um e outro facto por influencia de *Affonso*. O nome *Tiago* resulta de se julgar *Sant'Iago*, que soa *Santiago*, composto de *Sam* e *Tiago*. Em textos antigos acham-se graphias como estas: *villa Douguella* = d'Ouguella, *em poder Daires da Silva* = d'Aires da Silva, *paços Daleceva* = d'Alcávea<sup>1</sup>. *Dominguenes*, que se lê num documento do sec. XIV<sup>2</sup>, por *Domingo Enes* = *Doming' Enes*, foi decomposto em *Domingue Enes*<sup>3</sup>. Temos semelhantemente: *Vaasque Enes*, *Esteve Enes*, *Rodrigue Anes* (= *Rodrig' Eanes*), *Pere Estevez*, todos do mesmo seculo<sup>4</sup>. E veja-se pag. 167, nota 1, e o que acima se disse de *Dantas* = *d'Antas*.

Para terminar, notarei que a graphia antiga de *Mesquita* é com *z*, isto é, *Mezquita*. Acerca do etymo arabico, vid. David Lopes, *Trois faits de phonétique historique*, Paris 1906<sup>5</sup>. Cfr. G. Viana na *Rev. Lusit.*, VIII, 13. A mais antiga fórma

<sup>1</sup> *Livro das Obras, de G. de Resende*, Evora, 1554, fl. 1 e 26.

<sup>2</sup> *Archivo Hist. Port.*, I, 353.

<sup>3</sup> *Ibidem, ib.*, 354.

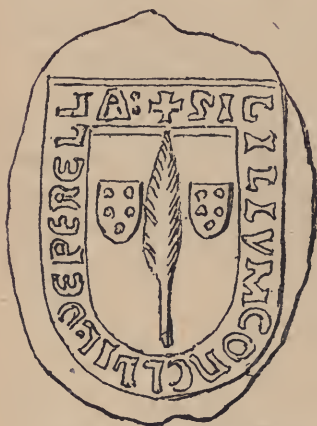
<sup>4</sup> *Ibid., ib.*, 353, e IV, 40.

<sup>5</sup> Separata das Actas do 14.º Congresso Internacional dos Orientalistas.

portuguesa é *mizquita*, como se lê na *Chronica dos Vicentes* (sec. XIV) <sup>1</sup>.

### 13. Penella.

Num sello do sec. XIII, que existe na Torre do Tombo <sup>2</sup>, e me foi indicado pelo sr. Pedro d'Azevedo, lê-se, na orla, *sigillum concilii de Penella*, e vê-se no campo, entre dois escudetes das quinas, uma penna d'escrever, isto é, uma penna d'ave, — como consta da figura junta.



Brasão medieval de Penella

Quis-se pois considerar a palavra *Penella* deminutivo de *penna*, o que é manifesta inexactidão. *Penella* é, sim, deminutivo, mas de *pena*, na acepção de «pedra». Tanto *Pena*, como *Penas*, se encontram muitas vezes no onomástico. Fórmias correlativas são *Peninha* e *Peninhas*. A palavra *pena* desapareceu da lingua commum; vive apenas o seu derivado *penedo* (com *penedia*, etc.).

### 14. Vidigueira.

Escreve Vilhena Barbosa, *Cidades e Villas*, III, 144, a respeito da villa da Vidigueira, no districto de Beja: «O seu brasão é um castello enlaçado com uma vide. Allude este brasão ao castello da villa, e ás muitas vinhas que o seu territorio outr'ora continha. Dizem que d'esta circumstancia tirou a villa o seu primeiro nome de *Videira*, que depois se trocou no de *Vidigueira*».

De certo quem imaginou o brasão relacionou-o com *vide*,

<sup>1</sup> *Port. Mon. Hist.*, Script., pag. 407, tambem cit. por Cortesão, *Subsidios*, s. v.

<sup>2</sup> Papeis do convento de Santa Cruz de Coimbra, maço 6.º, caixa 39.



mas falsamente, como falso é que *Vidigueira* venha de *Videira*.

Em primeiro lugar, *Vidigueira* repete-se varias vezes no onomastico (districtos de Evora, Aveiro, Porto). Em segundo lugar, correlacionam-se com tal palavra as seguintes: *Vidigal*, muito repetida (Beira, etc.); o seu plural *Vidigaes* (districto de Lisboa), e o seu deminutivo *Vidigalinho* (districto de Evora); e alem d'isso o augmentativo, real ou apparente, *Vidigão* (Alemtejo e Estremadura).

O etymo de todas ellas está no lat. *vitex*, que os nossos lexicographos e botanicos traduzem por «hũa arvore chamada *pimento*» (J. Cardoso), *anhos castos* (B. Pereira), — e «auho casto», «arvore da castidade», «pimenteiro bastardo» (J. J. de Figueiredo). Outros dizem *agnocasto* (Moraes), e *agno casto* (Bluteau). De *vitex* veio: \**viticaria*, que explica *Vidigueira*; e \**viticale-*, que explica *Vidigal*.

A proposito de *agno casto* diz Bluteau: «A ignorancia dos boticarios & o abuso ajuntáraõ nesta palavra os dous nomes, Grego, & Latino, que significam a mesma cousa, porque *agnos* em Grego val o mesmo que *castus* em Latim: de sorte que *agno casto* vem a ser o mesmo que *casto casto*»<sup>1</sup>. O judicioso philologo andou por perto da verdade, mas não chegou de toda a ella. Effectivamente em grego ha *ἀγρός*, que quer dizer «casto», «puro», mas ha outro nome semelhante, *ἄγρος*, que denota a planta que chamamos «agnocasto». Em epochas passadas confundiu-se o segundo nome com o primeiro, e por isso *ἄγρος*, que os botanicos medievaes transcreveram á latina por *agnus*, recebeu como apposto o synonymo latino *castus*. Por tanto *agnus* aqui é mera reproducção do grego, e nada tem com o seu homophono *agnus* «cordeiro». — De desconhecer tudo isto resultou o declarar afoitamente o auctor do *Novo Dice. da ling. port.*, volume 1 (1899), que o nosso *agnocasto* vinha «do latim

<sup>1</sup> *Vocabulario*, I, s. v.

*agnus + castus*», tomando evidentemente *agnus* no sentido de «cordeiro», visto que essa palavra não tem outra significação em latim. E elle não pôde desculpar-se, porque o assunto já ha muito tempo estava deslindado pelos philologos.

\*

Estudo analogo ao que fiz d'estes quatorze brasões, se pôde fazer de outros mais, quer de povoações, quer de familias. Não pretendi esgotar o assunto; apenas quis dar ideia de como o methodo philologico, applicado á heraldica, restringe muita gloria que pelos seculos fóra se apoiou em meras consonancias de nomes. Hoje os brasões não tem a importancia que tiveram outr'ora, e de que ainda dão testemunho numerosas casas nobres, cujos portaes se vêem encimados de escudos de pedra coalhados de labores symbolicos, — sobretudo nas provincias do Norte, e na Beira, como regiões onde desde o comêço assentou arraiaes, posto que modestos, o nosso feudalismo, em contraste com as provincias do Sul, que estiveram longo tempo sujeitos aos Arabes, só de todo expulsos de lá no sec. XIII—; quando muito, ha um ou outro *amador de antigas eras* que traz timidamente no dedo um anel brasonado, ou adorna de um timbre o seu cartão de visita.

## Voçabulos avulsos, e flexões verbaes

*Certo* como adverbio. — *Comparar*. — *Dia*. — *Eigleija*. — *Fazenda* e suas acceções. — *Namorado*, e o caracter dos Portugueses. — *Sazom*. — *Ventuira*. — Verbos archaicos e modernos; verbos defectivos e inchoactivos; nivelamento de flexões.

A maior parte das lições durante o 3.º anno do curso de Philologia foi consagrada ao estudo de trechos de litteratura portuguesa antiga, contidos no opusculo *Textos Archaicos*, Porto, 1905, separata do vol. VIII da *Rev. Lusit.*, pag. 187 ss. Como d'este opusculo fiz 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1907-1908, e juntei commentario aos textos, alem de vocabulario mais amplo, — dispenso-me de repetir aqui o que o leitor póde facilmente lá encontrar, e limito-me a apresentar algumas poucas observações a vocabulos d'aquelles trechos.

### 1. certo, como adverbio.

Para exprimir melhor o seu affecto a uma dama, diz o nosso rei-trovador que Tristão, o typo do namorado medieval, não amou tanto a Iseu, quanto elle amava a dama, e accrescenta: *esto certo sey eu* <sup>1</sup>.

*Certo* é originariamente adjectivo, mas figura neste passo como adverbio, uso que se manteve até hoje. Moraes e Silva

---

<sup>1</sup> *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 115; *Rev. Lusit.*, VIII, 196.

tratou do assunto no seu *Epitome de Gramatica da ling. port.*, cap. VI, onde juntou muitos exemplos: «vender *barato*», «comprar *caro*», etc. Não é o português a única lingua romanica que emprega adverbialmente adjectivos masculinos; todas as outras o fazem, imitando assim o latim, que dizia na fórmula neutra *tantum, facile, recens*. Ha mesmo uma lingua, a ruména, que pôde usar todos os adjectivos como adverbios <sup>1</sup>.

## 2. comparar.

Lê-se num texto do sec. XIII: *comparej . . u casal* <sup>2</sup>, no sentido de «comprei». *Comparar* vem do latim *comparare* «adquirir», «comprar». Este verbo *comparare* tornou-se \**comperare* em latim vulgar, talvez por influencia de *recuperare*; e d'ahi procede directamente não só o port. moderno *comprar*, senão também o hesp. *comprar*, o prov. *comprar*, e o ital. *comprare* e *comperare*. O nosso archaico *comparar* é certamente litterario, pois que os escribas medievaes empregavam com frequencia em documentos latinos *comparare*.

## 3. dia.

Em cruel desespêro de amor, diz o poeta Duarte de Brito no *Cancioneiro* de Rêsende:

Que dias tam mal gastados!  
que noytes tã mal dormidas! <sup>3</sup>

*Dia* relaciona-se com o lat. *dies*; não vem porém directamente d'ahi, como o prova o *-a*. No lat. vulg. houve \**dia*, que está para *dies*, como em latim classico *barbaria, luxuria, materia, mollitia, segnitia* para *barbaries, luxuries, materies, mol-*

<sup>1</sup> Diez, *Gram. des lang, rom.*, II, 427.

<sup>2</sup> *Rev. Lusit.*, VIII, 191.

<sup>3</sup> Vol. II, pag. 354, da ed. de Kausler; *Rev. Lusit.*, VIII, 203.

*lities, segnities*, em virtude das oscillações que existiam entre a 1.<sup>a</sup> e a 5.<sup>a</sup> declinação, isto é, entre os *themas* em *a-*, e os *themas* em *e-*. É este \**dia* que explica a nossa palavra, como também as que em hespanhol e provençal tem fôrma identica á portuguesa.

A par de *dia*, o provençal usa *jorn*, que corresponde ao fr. *jour*: do lat. *diurnu-*; todavia o lat. \**dia* mantem-se este-reotypado no fr. *dimanche* < \**diaminica* < \**dia dominica* <sup>1</sup>, do mesmo modo que *dies* se mantém em *lundi* (arc. *lunsdi*), *mardi* etc., por \**lunis die* = *lunae die*, *Martis die*. Em latim *dies* é masculino ou feminino no singular: por isso, ao passo que o fr. *dimanche* faz presuppôr a fôrma feminina, o português tem *dia* masculino, e concomitantemente *domingo* < *dies* (ou \**dia*) *dominicu-*. A fôrma *diurnu-*, nos derivados \**diurnatu-*, isto é, \**diurnata-*, e \**diurnale-*, está representada na nossa lingua por *jornada*, propriamente «o que se anda num dia», e por *jornal* «salario de um dia»; d'esta última palavra veio, por derivação regressiva, *jorna* (palavra que creio não é muito antiga). Derivações regressivas analogas, de origem recente, são: *estranja* (de *estrangeiro*), *janta* (de *jantar*), *piurra* (de *piurrinha* = *piorrinha*, nome de um pião, em Braga).

Parallelamente a \**dia* < > *dies* está *rabia* < > *rabies*; de *rabia* veio *raiva*.

#### 4. egleija.

Num texto do sec. XII ha *eygleyga* <sup>2</sup>, que ha-de lêr-se *eigleija*.

Do lat. *ecclesia*, que de certo se pronunciou *েকেlesia*, veio *eigleija* = *eigleja*. Já no sec. XIV *eigreia* = *eigreja* <sup>3</sup>. Depois o *ei* inicial, por ser atono, mudou-se em *i*: cfr. *Idanha* < *Eidãia*,

<sup>1</sup> *Dict. général*, s. v.

<sup>2</sup> *Rev. Lusit.*, VIII, 190.

<sup>3</sup> *Ined. da Acad.*, IV, 586.

*Inês* < *Einês*, *iró* < *eiró*, e na lingua popular *Ito* < *Heitor*. É pois êrro escrever *egreja*, com *e*-; deve ser com *i*-.

### 5. fazenda.

Dizen-mi as gentes por que non trobei  
 á gran sazon, e maravillhan-s'en;  
 mais non saben de mia fazenda ren <sup>1</sup>,

isto é: «Todas as pessoas me perguntam porque é que não faço versos ha tanto tempo, e maravillham-se d'isso; mas é que não sabem nada das minhas circumstancias». Assim falla o poeta Rodrig' Eannes Redondo (sec. XIII-XIV). A expressão *saber da fazenda* occorre tambem no Cancioneiro de D. Denis <sup>2</sup>. O sentido é, como disse, de «circumstancias», ou de «situação», «estado», «condições», «negocios».

Propriamente *fazenda* é o latim vulgar \**facenda*, por *facienda*, «cosa que se ha-de fazer». D'aqui passou-se á ideia de «acção», «negocio», e ás outras mencionadas a cima, assim como á de «bens», concretizada em «propriedade rural» na lingoagem extremenha: «faço aquella *fazenda*» = amanho ou cultivo aquelle terreno <sup>3</sup>. No Alemtejo *fazenda* significa «rebanho de gado macho» <sup>4</sup>.

Se não fosse o empregar-se uma palavra em muitos sentidos, e pelo contrário houvesse necessidade de traduzir sempre cada ideia por sua palavra, a memoria do homem mal poderia bastar para armazenar o vocabulario d'ahi resultante. Recorre-se pois a

<sup>1</sup> *Cancioneiro da Ajuda*, ed. de D. Carolina Michaëlis, I, 360.

<sup>2</sup> Na ed. de Lopes de Moura, pag. 160 (lede porém: *E per quãto de ssa fazenda sey*, que é como vem no *Canc. da Vaticana*, n.º 183).

<sup>3</sup> Acerca d'algumas d'estas accepções vid.: Moraes, s. v.; Ad. Coelho, *Questões da ling. port.*, I, 37; *Rev. Lusit.*, IX, 23.

<sup>4</sup> *A Tradição*, I, 100.

translações <sup>1</sup>, no que coopera também a imaginação de quem falla. E essas translações variam com as localidades e os tempos, segundo o exemplo que *fazenda* nos deu.

#### 6. namorado.

Esta palavra figura no texto que citei no § 1, onde el-rei D. Denis falla de Tristão.

Vem de *enamorado*, pela apherese do *e*-, como em *bispo* de episcopu-. Todavia *enamorado* não é de procedencia portuguesá, como dizem os nossos lexicologos, que a suppõem formada de *em*, ou *en*-, e *amor*; o prefixo *en*- ou *em*-, junto a nomes começados por vogal, soaria *ẽ*, e não *e-n*-. cfr. *ẽader* <sup>2</sup> < in-addere, *ẽalhear* <sup>3</sup>, *ẽaugamento* <sup>4</sup>, *ẽaugar* <sup>5</sup>, *ẽavessar* <sup>6</sup>. Evidentemente *enamorado* tem origem hespanhola, onde o *n* conserva o seu valor proprio, segundo as leis d'esse idioma <sup>7</sup>.

A importação deu-se em epoca muito antiga, e a palavra, com os respectivos verbos (*namorar*, *enamorar*), ganhou raizes profundas, o que a ninguem deve causar estranheza, attento o nosso character ethnico, de sua condição apaixonado. *E não me negareis ser esta a principal inclinação portuguesá*, escreve Jorge Ferreira, *e desta lhe veyo a cavaleirosa opinião . . & estimarem as molheres sobre todos. Porque o enganoso Italiano dissimula o amor, louva a sua dama por trovas; se a alcança, logo a encerra . . O alegre Francês trabalha contentála por serviços; . . como a alcança, logo a despreza . . O frio Allemão ama brandamente . . Só o Português . . compadece todos os*

<sup>1</sup> Cf. A. Darmesteter, *La vie des mots*, Paris, pag. 37-38.

<sup>2</sup> *Esmeraldo*, ed. de Epiphanyo Dias, pag. 163.

<sup>3</sup> Moraes, s. v.

<sup>4</sup> *Rev. Lusit.*, v, 45 (Moreno).

<sup>5</sup> *Rev. Lusit.*, v, 45 (Moreno).

<sup>6</sup> *Elucidario*, s. v.

<sup>7</sup> *Enamorado*, participio de *enamorar* = en-amor-ar (verbo parasynthetic).

*efeitos de amor puro; não consente mal em sua dama, não sofre verse ausente della* <sup>1</sup>.

Tal caracter nunca se entibia, nem na paz, nem na guerra. Por uma indicação de Fernão Lopez sabemos que a ala direita do nosso exercito na batalha de Aljubarrota, em 1385, se chamava *dos Namorados* <sup>2</sup>, certamente porque os *boês fidalgos* que a compunham, ao mesmo tempo que com uma das mãos empunhavam a espada em prol da patria, pousavam melancolicamente a outra sobre o peito acceso de paixão de amor. Nos *Lusiadas* apparece-nos Lionardo (acaso allusão ao proprio Poeta) como

.. soldado bem desposto,  
Manhoso, cavalleiro, e namorado,

conforme se lê em ix, 75. Da paz então, quantas lembranças poderia eu evocar!

Não sabes que significa  
A arruda pelos vallados?  
Significa durar pouco  
Arrufos de namorados.

Muito bem que diz o preto  
Ao pé do branco lavado!  
Muito brilha uma menina  
Ao pé do seu namorado!

Esta rua cheira a cravos,  
É sinal de namorados:  
É Manoel com Maria...  
Deus os faça bem casados!

A oliveira é paz,  
Que se dá aos bem casados;  
O alecrim é ramalhudo,  
Que se dá aos namorados.

<sup>1</sup> *Eufrosina*, V, v (pag. 294-295 da ed. de 1786). — Sobre o caracter amoroso dos Portuguezes vid.: Th. Braga, *Hist. de Camões*, II, 6, 580-581; D. Carolina Michaëlis, na *Zs. für rom. Phil.*, VII, 429; Storck, *Vida de Camões*, pag. 306-307.

<sup>2</sup> *Chronica de D. João 1.º*, pt. II, liv. II, § 38 (a pag. 92 da ed. de 1644).



Assim dizem as cantigas populares <sup>1</sup>, porque, segundo tambem nota uma (do Alemtejo),

Namorar não é defeito,  
É modo de passar tempo:  
Emquanto nós namoramos,  
Distrac-se o pensamento. .

#### 7. sazom.

Já acima (§ 5) vimos o passo em que esta palavra apparece, no sentido de «tempo».

Ella provém do lat. *satione*-, que significa «acto de semear» (*serere*). D'esta ideia resultou a de «tempo de semear», «estação do anno», e depois a de «tempo em geral», «tempo opportuno»; cfr. nas mesmas accepções o provençal *sazo*.

#### 8. ventuira.

Lê-se esta palavra (i. é, *ventuira*), na accepção de «sorte», no *Livro de Linhagens*, pag. 238 <sup>2</sup>, e essa fórma é corrente na nossa litteratura antiga, bem como *ventuirança*. Faz presuppôr como etymo \**venturia*, mero ampliamento de *ventura*, por analogia com *penuria*, *miseria*, *gloria*.

#### 9. Flexões verbaes.

adusse «trouxe» < lat. *adduxit*, de *adducere*. Este infinitivo deu em portuguez archaico *aduzer*, vid. por ex. *Demanda do santo graall*, p. 34, 39; ahi se encontram outras flexões, como *adusseron*, 37, 51, *adugas*, 34. Tambem ha *dusserom*, 45. O preterito

<sup>1</sup> Vid. A. Th. Pires, *Cantos pop. port.*, II (1905), 12, 126, 325; e as minhas *Trad. pop. de Portugal*, pag. 119.

<sup>2</sup> *Port. Mon. Hist.*, (Scriptores); *Rev. Lusit.*, VIII, 201.

*adusse* chama-se forte, por ter o accento no radical; preteritos fracos são os que tem o accento na terminação, por ex. *amei*. Ha certos verbos que outr'ora tinham preterito forte, e hoje o tem fraco, porque seguiram a analogia dos verbos regulares: de *jazer* havia d'antes *jouve*, e hoje *jazi*. Tambem as crianças dizem *trazi*, *fazi*, em vez de *trouxe*, *fiz*; regularizam o que lhes parece irregular. Quem dizia *jouve*, continuava a tradição historica; quem diz *jazi*, obedece a uma lei psychologica (nivelamento das flexões verbaes). Comtudo convém notar que em *jouve* influiu já a acção da analogia, pois a fórmula verdadeiramente regular seria \**jougue* < lat. *iacui(t)*; mas assim como de *trouve* se fez *trougue*, tambem de \**jougue* se fez *jouve*. De modo que a fórmula *jouve* tem existencia historica só de certa epoca em diante, não data do latim vulgar <sup>1</sup>.

avém «acontece» < lat. *ad-vénit*. Propriamente em latim dizia-se *ádivenit*, por isso que o *e* é breve, mas houve o que em Philologia se chama recomposição etymologica, isto é: decompôs-se *ádivenit* nos seus elementos formativos, *ad* e *vénit*, e formou-se ou recompôs-se com elles o verbo *advénit*. Outro exemplo dá-no-lo o *Auto da Festa*<sup>2</sup>, pag. 124, no seguinte passo:

Era elle vosso irmão  
Ou outro que vos *pertém*?

onde *pertém* vem do lat. *per-tínet*, recomposição de *pértinet*. A esta classe de phenomenos pertence o

<sup>1</sup> Cf. *Rev. Lusit.*, II, 270-271.

<sup>2</sup> Ed. do Conde de Sabugosa, Lisboa, 1906.

verbo *receber* < lat. vulg. *recipére* (de *recipere*): *re-* foi considerado como prefixo (e de facto *recipere* = *re* + *capere*), e evitou que *-c-*, apesar de estar antes de *i*, se mudasse em *z*, conformemente á regra.

dizem. Em latim classico a 3.<sup>a</sup> pess. pl. do pres. do ind. de *dicere* é *dicunt*; mas *dizem* não póde ter vindo d'ahi. Nas flexões verbaes desempenha grande papel a acção da analogia, como já tenho dito. Por isso de *dizer*, que vem do lat. vulg. *dicére*, fez-se *dizem*, de accôrdo com os verbos regulares: *dévem*, de *dever*, etc. Poderemos mesmo já suppôr que na lingoa dos Lusitano-Romanos havia \**dicent* (como *debent*).

for. O futuro do conjunctivo regula-se pelo preterito do indicativo. Ora o preterito de *sum* na lingoa vulgar tinha como 2.<sup>a</sup> pessoa \**fusti* (por *fuisti*), pois só essa fórma explica *foste*. Analogamente a \**fusti* havia \**furit* (por *fuérit*); é \**furit* que explica *for*. E havia \**furat* (por *fuérat*), que explica *fôra*.

morrei «morrerei». O verbo latino *mori*, que era depoente, tornou-se activo em latim vulgar, segundo a regra: *morire*, *morio*, etc.<sup>1</sup>. De *morio* veio o port. arch. *moiro* (*mouro*), ainda usado no seculo xvi. A *morire* corresponde o hesp. *morir*, o fr. *mourir*, o ital. *morire*. Em port. antigo não conheço fórma nenhuma equivalente a estas, mas devia ter havido ou \**morir* ou \**morer*, pois é uma d'ellas que explica *morrei* = *mor'r* + *ei*. Cfr. hesp. ant. *morrei* no mesmo sentido. — Como *morrei*, temos na nossa lingoa antiga *querrei* «quererei», *querria* «quereria», *tenria* «teria», *venria* «viria», etc.; o hes-

<sup>1</sup> Georges, *Lexic. der lat. Wortf.*, s. v.

panhol antigo tem analogamente *querrá, parrá, guarrá*.

offeiro «offereço». Ao lat. offero correspondia theoreticamente na lingua do povo romano \*offerēre, de accordo com *scribere*, que corresponde a *scribo*. Mas nem todos os verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação se conservaram em romanço; muitos passaram, já para a 2.<sup>a</sup>, já para a 4.<sup>a</sup>; por isso d'aquelle infinitivo fez-se \*offerire, que está conhecidamente representado pelo ital. *offerire* e pelo fr. *offrir*. Em gallego antigo, que, pouco mais ou menos, é o mesmo que portuguez antigo, temos tambem *offerir* nestes versos de Affonso o Sabio (sec. XIII):

De quantos uos fordes partir  
de uossas eigreias et ir  
a Terena por y seruir  
nen dar do uoss' e *offerir* <sup>1</sup>.

Ora, como os verbos em *-ire* tem a 1.<sup>a</sup> pessoa do pres. indic. em *-io*, claro está que \*offerire fazia \*offério. É este \*offério que explica o nosso archaico *offeiro*; cfr. *pairo* <pario, arc. *feira* <feriat, arc. *queiro* <\*quaereo, *madeira* <matéria. Tambem num texto gallego do sec. XIII, mas em prosa, se lê: «*offeyro* a Deus padre .. e a bééyta virgē .. ea vos abbade e convento .. toda mja herdade <sup>2</sup>. — Com o andar dos tempos o verbo *offerir* foi substituído por *offerecer*, como *guarnir* o foi por *guarnecer*; as fórmias em *-cer* são incho-

<sup>1</sup> *Cantigas de Santa Maria*, vol. II, Madrid, 1889, pag. 395.

<sup>2</sup> *Doc. gallegos de los siglos XIII al XVI* de A. M. Salazar, pag. 65.

ativas, mais amplas que as simples, e por isso preferidas. Convém aqui notar que certos verbos chamados defectivos, como *florir* e *empedernir*<sup>1</sup>, o são, porque em parte se conjugam como inchoativos:

<i>floreço</i>	<i>empederneço</i>
<i>floreces</i>	<i>empederneces</i>
<i>florece</i>	<i>empedernece</i>
<i>floreçemos - florimos</i>	<i>empedernecemos - empedernimos</i>
<i>floreceis - florís</i>	<i>empederneceis - empedernis</i>
<i>floreçem</i>	<i>empedernecem</i>

facto que Mussafia esqueceu, quando tratou do assunto em um seu trabalho célebre<sup>2</sup>.

parecer. O lat. *parēre* está representado em português também por uma forma inchoativa, isto é, por *parecer* < \**parescere*; todavia já na lingua commum a não consideramos hoje como tal, e o verbo funciona pois como simples. Os nossos verbos inchoativos ou provém directamente do latim, por ex., arc. *chorecer* < *florescere*; ou formam-se de nomes, por ex. *amollecer*, de *molle*. Esta formação é ainda vivaz; podem criar-se a todo o instante verbos novos. Os verbos inchoativos coexistem muitas vezes, e naturalmente, com os simples: *adormecer*, com *dormir*; arc. *acaecer* com o arc. *caer*, embora não só a significação de *caer* já não se perceba em *acaecer*, mas também este perdesse o character inchoativo (verbo inchoativo morto). Verbos como *enrijecer* (de *rijo*), arc. *engraecer* (de *granum*)

<sup>1</sup> Vid. Epiphanyo Dias, *Gram. element.*, § 90-a.

<sup>2</sup> *Zur Prätensbildung im Romanischen*, Viena, 1883; vid. pag. 5.

são parasyntheticos, isto é, ao mesmo tempo, e inseparavelmente, compostos e derivados.

sabem. O verbo *saber* vem do lat. *sapere*; mas *sabem* não corresponde a *sapiunt*, formou-se analogicamente como *dizer*, citado acima.

vído. De *venire* fez-se \**venítu-* no lat. vulgar, por analogia com *fínitu-*, de *finire* etc.; de \**venítu-* veio para a lingua archaica *vído*, que na moderna se tornou *vído* = *vindo*, com synizése, como em *fído* > *fído* = *findo*. Em apoio de \**venítu-* temos *ven-diço*, nome que no Gerês dão a quem não é natural de lá, isto é, a quem é «adventicio»; essa fórma presuppõe \**veniticiu-*, formada como *adventicius*. O substantivo participial *vinda* vem tambem de \**veníta*, como *venida* em hespanhol.

# IV

(ANNO LECTIVO DE 1906-1907)





## O estudo da lingua patria, e suas vantagens

Palavras latinas e lusitano-latinas que se tornaram portuguezas.— Evolução no tempo e no espaço.— Habitos phoneticos.— Sciencia lingüística, e patriotismo.

Com este curso pretendo dar ideia da historia da nossa lingua, e *ipso facto* habituar os meus ouvintes ao methodo glotto-logico.

Por historia da nossa lingua entendo principalmente o estudo da origem e evolução d'esta, no tempo e no espaço.

A origem está no latim trazido pelos Romanos para a Peninsula, do sec. III a. C. em diante, latim que chegou modificado de boca em boca até hoje <sup>1</sup>. Por exemplo:

memorare (latim),

|  
\* mem'rar (fórma theorica),

|  
membrar (fórma existente em hespanhol antigo),

|  
nembrar (por ex. no *Leal Conselheiro*),

|  
lembrar (fórma litteraria moderna),

|  
alembrear (fórma popular).

---

<sup>1</sup> Vid. supra, pag. 11 ss., e 117 ss.

Mas os Romanos, ao mesmo tempo que introduziram palavras suas, acceitaram algumas das que encontraram em uso nos indigenas, as quaes, assim encorporadas no latim vulgar, tiveram depois as mesmas transformações que as d'este <sup>1</sup>. Por exemplo:

Coniumbriga (fórma epigraphica e pliniana),  
 |  
 Conimbriga (fórma usual na antiguidade) <sup>2</sup>,  
 |  
 Conimbria } (sec. IX-XI),  
 | }  
 Colimbria }  
 |  
 Coimbra (fórma moderna).

Vê-se que entre o latim e o português existem por vezes fórmas intermedias. Quando dizemos que uma lettra se muda noutra, empregamos lingoagem figurada; não é o *n* que se muda, por exemplo, em *l*. O que se passa é o seguinte: os órgãos phonadores, que estavam dispostos de certo modo para produzirem o som que chamamos *n*, dispõem-se de outro para produzirem o som que chamamos *l*; e isso opera-se sem que quem falla tenha consciencia do phenomeno. Esta e analogas transformações não se dão porém á toa, dão-se em condições especiaes; ou por outra, obedecem a leis. Nesta regularidade dos phenomenos consiste uma das bellezas da Glottologia. Baseando-se em taes leis, o glottologo póde não só reconstituir palavras desaparecidas, como o paleontologo, que por um osso recompõe o aspecto de um animal extincto, mas ás vezes prever a evolução de um phenomeno, como o astronomo que prediz um eclipse. Apesar do que digo, tem de se saber: 1.º, que ha apparentes excepções ás

<sup>1</sup> Vid. supra, pag. 24.

<sup>2</sup> Incidentemente notarei que é erro dizer *conimbricense*, pois a fórma primitiva não termina em *-ica*, termina em *-iga*; o que deve dizer-se é *conimbrigense*.

leis phoneticas, excepções que se explicam pela acção mais energica de outras leis, porque sempre em tudo o mais forte vence o mais fraco: 2.º, que na evolução da lingoagem se manifestam aqui e alem influencias individuaes, sobretudo no estilo, na syntaxe, e no vocabulario.

Da evolução da nossa lingoa, no que toca ao tempo, provém duas fases, como já sabemos, — uma archaica, outra moderna. Gil Vicente, e Sá de Miranda são em parte archaicos; Camões é quasi moderno, com um ou outro archaismo, v. g.: *lũa, enxuito, valeroso, no'mais*.

Da evolução no que toca ao espaço resultam os dialectos, ou fases dialectaes. A nossa lingoa não se falla uniformemente em todo o territorio portuguez: no Minho diz-se *ãurma* «alma», *carbõu, bõo* «veio», *fõo* «feno»; em Tras-os-Montes *lanço* «lenço», *andiveste* «andaste»; na Beira chama-se *quintã* ao que noutras provincias se chama *pateo* e *cabanal*; os Saloios dizem *Lisbõa*; os Alentejanos *andí* «andei»; os Algarvios *vom* «vou», *stom* «estou»; em todo o Sul se diz *mê pai*; no Centro e em todo o Norte se diz, ou póde dizer, *binho, a-i-alma*. E já não me refiro ás ilhas, nem ao ultramar, nem aos Judeus Portugueses, nem á Galliza, senão muito mais teria que notar agora. A determinadas particularidades que distinguem um indivíduo de outro, no andar, nos olhos, no cabelo, na estatura, na intelligencia, na sensibilidade, na vontade, correspondem differenças na lingoagem, na voz, na rapidez e emphase com que falla, na preferencia que dá a varios vocabulos, no estilo. E o que acontece entre os individuos, acontece entre os povos, ou entre os grupos de um mesmo povo, em virtude de muitas circumstancias, nem sempre faceis ou possiveis de destrinçar, — ethnicas, historicas, geographicas.

Antes de tratar dos assuntos que faço proposito de desenvolver, convém chamar a attenção para o seguinte. Os habitos phoneticos variam com o tempo. Assim os Lusitano-Romanos, de certa epoca em diante, não pronunciavam um *p* entre vogaes, mudavam-no em *b*, por exemplo: *lũpu* tornou-se *lobo*; nós hoje,

pelo contrário, podemos pronunciar esse *p*, e dizemos, por exemplo, *Lopo*, nome de homem. Visto que os sons dependem dos órgãos phonadores, é claro que, variando os homens de seculo para seculo, tambem os órgãos variam, e com elles a capacidade de emittir os sons. Independentemente das alterações individuaes a que o organismo está sujeito, comprehende-se quão grande deve ter sido a mudança nos habitos phoneticos, desde a epoca romana até hoje, por causa das variedades ethnicas. Naquella epoca occupavam a Lusitania: Turdetanos no Sul, Celticos no Sul e no Norte, Turdulos ao Norte do Tejo, Igeditanos na Beira, Presuros ao Sul do Douro, Grovios ao Norte, Bracaros no Minho, Zelas em Tras-os-Montes,—tribus em parte nativas, em parte resultantes do cruzamento dos Celtas, e de outros, com os Lusitanos. Alem d'isso os Romanos não eram uma raça pura, eram um povo composto de muitas raças. Depois dos Romanos vieram povos do Norte e Arabes. E já por cá havia Mouros e Judeus desde tempos antigos. Com a expansão dos Portugueses, do sec. xv em diante, pelo mundo fóra, novas influencias vieram, de Africanos, Americanos, etc. Tudo isto modificou a nossa constituição anthropologica, e por tanto, como disse, os habitos phoneticos.

\*

A par com o prazer que, estudando a Glottologia, experimentamos ao observarmos as leis do espirito humano, habilitamo-nos, com relação á lingua antiga, para podermos ler os centenares de documentos escritos nella, e para apreciarmos muitos monumentos litterarios, taes como os Cancioneiros, a *Demanda do santo graall*, o *Leal Conselheiro*, as *Chronicas*; com relação á lingua moderna, quanto maior for a sciencia que d'ella tivermos, o que se obtem mais facilmente pela análise glottologica do que pela simples prática, tanto melhor a fallaremos e escreveremos. De empregarmos com exactidão uma lingua, isto é, com correcção e pureza, acontece que nos oppo-

mos de algum modo á corrente de estrangeirismos que de todos os lados nos invade, e que na lingoagem actua insensivel e desagradavelmente (por exemplo os gallicismos); e já que a lingoagem é, por assim dizer, a fôrma e concretização do pensamento, exprimiremos aos outros com maior precisão o que se passa dentro de nós. Se no primeiro caso cumprimos um dever patriótico, no segundo estreitamos as relações sociaes.



## O L latino em português

Especies do *l* português. — Condições do *L* latino, e suas alterações. — Português e hespanhol.

Em português ha tres especies de *l*, a saber: *l* puro, ou inicial de syllaba, por exemplo em *lata*, *lumieira*, *alegre*, *bolichoso*; *l* gutturalizado (ʔ), ou final de syllaba, por exemplo em *saldo*, *golpe*, *azul*, *Felgueiras*, *culpado*, antigamente escrito ás vezes *-ll* (*ell-rei*, etc.)<sup>1</sup>; *l* palatal, ou *lh*.

O *L* latino, ao passar para o português, transformou-se de varios modos, conforme era inicial, intervocalico, duplo, ou ligado com uma semi-vogal ou com outra consoante. Vejamos todos estes casos.

- 1) *L* inicial mantem-se em regra: *largu*-> *largo*, *lepore*> *lebre*, *libru*> *livro*, *loco*> *logo*, *luna*> *lũa*, *legale*-> *leal*, *ligaculu*-> arc. *legalho* (que depois deu *negalho*, *nagalho*, por dissimilação de *l-lh*).

Nisto differe o português do catalão e do mirandês, que apresentam *l* palatal: aquelle diz *llarch*, *ļebra*, *lloch*, *lluna*; este diz *lhargo* « comprido », *lhiãbre*, *lhibro*, *lhõugo*, *lhuna*.

O português só em raras palavras admite *lh* inicial, cada uma das quaes tem explicação especial, por exemplo: *lhe* (vid. pag. 52); *lhano* (e seus derivados) que vem do hespanhol *llano*.

---

<sup>1</sup> Vid. *Rev. Lusit.*, I, 64.

A orthographia antiga usa ás vezes *ll-* sem razão justificada pela phonetica: *llouvores*, *llaa* (=lá), *llogares*, *Llixboa*, *llealdade*,—no sec. XVI <sup>1</sup>.

- 2) L intervocalico (isto é, entre vogaes oraes), não sendo a vogal seguinte *-i(t)*, *-e(t)*, ou *-e (-ae)*, cae em regra: *solere* > *soer*, *malu* > *mao*, *volare* > *voar*, *solu* > *soo* > *só*, *molinu-* > *moinho*, *umbilicu-* > *imbiigo* > *imbigio*, *candela* > *candea* > *candeia*, *scalata* > *escaada* > *escada*, *silentiu-* > *seenço* (archaico), *Sanctu-Pelagiu-* > *Sampaio* = *S. Paio*, *pélagu-* > *peego* > *pégo*, *notula* > *nodoa*, *palatiu-* > *paaço* > *paço*, *solanu-* > *soão*, *Portugalense-* > \**Portugaês* > *Português*, *salire* > *sair*, *mula* > *mua*, *balistá* > *baesta* > *beesta* > *bésta*, *Calambria* (sec. XI) > *Caambra* (sec. XV) > *Cambra*, *salíva* > *saíva* (arc.) <sup>2</sup>. Curiosa palavra é *soar*, que em Moncorvo significa «soleira da porta», e entra no seguinte adagio:

A violinha do nosso Gaspar  
Toca-se ao lume, e ouve-se ao *soar*,

isto é, só se ouve perto do lugar onde se toca; *soar* vem de \**solare-*, derivado de *solum*. O citado adagio tem uma variante: «ouve-se ao *lar*», certamente porque *soar* vae cahindo em desuso, e ha desejo de substituir essa palavra por outra mais conhecida, como a pag. 25 vimos acontece com *bragas*, substituida por *barbas*. Creio que *Soenga*, nome de uma casa fidalga da Beira, e *Soengas*, nome de lugares do Minho e da

<sup>1</sup> *Archivo Hist. Port.*, II, 223, 248, 277.

<sup>2</sup> Cf. D. Carolina Michaëlis na *Miscellanea di Filologia*, pag. 126. — O povo em Baião diz *séiva* (*séiba*).



Galliza, provém também de *solum*, adjectivamente, por intermedio do suffixo germanico *-enga*, como a fôrma litteraria *solarengo*, *-a*, de *solar*; cfr. *Reguengo* < *Regaengo* < \**regalengo* } *regalis*.

O mecanismo do phenomeno da syncope do *L* foi este: o *l* pronunciou-se unido á vogal antecedente, e por tanto ficou final de syllaba, e gutturalizou-se, cahindo em seguida: *mala* > *mal-a* = *mal-a* > *maa* > *má*. Facto paralelo temos na historia do *x*, que se transformou primeiro em resonancia nasal, e depois (em certas circumstancias) cahiu também: *moneta* > *mõeda* > *moeda*.

A quêda ou syncope do *L* parece ter-se realizado pelo seculo *XI*.

Esta quêda distingue o portuguez actual do hespanhol; no último o *L* mantem-se, porque não se gutturaliza: *soler*, *mala* «*má*», *volar*, *solo* «*só*», *molino*, *candela*, *solano*, *salir*.

Em portuguez também ha numerosos casos em que o *L* se mantém, mas existem para isso razões especiaes, como vamos ver.

a) Palavras de origem popular:

*cãleiro* (de \**canalariu*- } *canalis*); a evolução foi \**canalariu*- > \**cãaleiro* > \**caãleiro* > *caaleiro* > *cãleiro*; a nasal impediu a syncope. Palavra analogica é *Canle*, nome de um sitio nos Arcos de Valdevez: *Canle* = *cãle* < \**cãale* < *canale*; em gallego mod. ha ainda *canle* «canal para conducir agua», «línea que deja el arado» (Valladares y Nuñez);

*mal'* (de *malu*-), em algumas frases estereotypadas, como «era follia e *mal'* sen» na *Demanda do santo graall*, pag. 137; «aquele *mal'* tempo», no ms. da mesma obra, fl. 164 v.; *mal'* *peccado*, frase vulgar: em todos estes casos *malu*- tornou-se proclítico, e o *u* cahiu, deixando pois de ficar intervocalico o *L*;

*melão* (de *melone*-), que supponho resultar de influencia de *mel*: o povo como que julgou *melão* augmentativo de *mel*, e conservou pois o *l*;

*moleiro* (de *molinarium*). As fórmulas antigas são *molneiro* e *monleiro*<sup>1</sup>; em nenhuma d'ellas o *l* fica intervocalico;

*oliveira* (de *olivaria*), que assenta em *ulveira* (*olveira*), fórmula arcaica, intercalando-se o *i* em época relativamente moderna;

*pelo* (de *pilu-*); o lat. *capillu-* cruzou-se com *pilu-*, por causa da semelhança das ideias que estas palavras traduzem (cfr. esp. *pelo* no sentido do nosso *cabello*), e d'isso resultou \**pillu-* para o lat. vulg. da Lusitania: de modo que *pelo* vem propriamente de \**pillu-*, e não de *pilu-* (comtudo temos *arripilar* < *horripilare*);

*valer* (de *valere*), por influencia do preterito *valui*, onde o *L* não está entre vogaes, mas entre vogal e semi-vogal; de *valui* veio o port. arch. *valvi*.

b) Palavras de origem litteraria:

*amolar* } mola, a par de *mó*, ant. *moa*;

*feliz* < *felix*, a par com o appellido *Fins*, e com a fórmula antiga *Sã-Fiiz* < *Sanctu-Felice-*;

*gelo* < *gelu*, *gelar* < *gelare*, a par da fórmula pop. *geada*;

*Olaia* < *Eulalia*, a par de *Santavalha* = *Santa-Valha*, e de *Santavaia* = *Santa Vaia*, nomes de terras;

*pilar* } pila, a par de *pia*;

*saliva* < *saliva*, a par de *salva* e *seiva*: vid. supra pag. 294;

*soleira* } *solum*, a par de *soar*, de que tratei ha pouco;

*zelo* < *zelus*, a par com as fórmulas arch. *zeo* (semi-pop.) e *cio*;

e numerosos outros, alguns dos quaes não tem correspondencia popular: *agricola*, *symbolo*. Do que se disse a pag. 24 comprehende-se perfeitamente que, sendo estas palavras mais modernas que as outras, obedecessem a outras leis.

---

<sup>1</sup> Cf.: *Rev. Lusit.*, II, 180 (G. Viana), e III, 175 (D. Carolina Michaëlis); e *Subsidios de Cortesão*, s. v.

c) Palavras várias:

*alegre* <> *alācris*, palavra cuja origem não está ainda aclarada;

*combro* < *cumululus* (a forma intermedia foi \**cum'lu-*);

*merencorio* e *menencorio* } *melancholicus*: são formas semi-populares (archaicas), provavelmente de origem medica;

*Mértola* } *Myrtilis*, palavra que pertence a uma zona geographica especial (zona moçarabica), por estar comprehendida entre a do português propriamente dito, e a do hespanhol. Cfr. supra, pag. 16-17.

*nespera* <> *mispilus* (cfr. hesp. *néspera*, *níspero* « nesperreira », *níspola* « nespera »).

Quando a vogal que se segue ao L é *-i(t)*, *-e(t)*, *-e* (ou *-ae*), o L forma syllaba com a vogal precedente, e mantem-se, cahindo a vogal seguinte: *sole(t)* > arc. *sol*, *male* > *mal*, *sali(t)* > arc. *sal*, *capu(t)-scholae* > arc. *cabiscol*.

Em palavras como *solitudine-*, se o *i* se mantém durante certo tempo, o L cae, por ficar entre-vogaes: *soidom* (arc.); mas em palavras como *solitariu-*, se o *i* cae cedo, o L conserva-se, por ficar antes de consoante: *solteiro*.

O lat. *mortalitate-* está normalmente representado na lingua archaica por *mortaidade* e *morteydade*. A par temos a forma moderna e puramente litteraria *mortalidade*, e as formas populares *mortindade* (arc.) e *mortandade* (mod.), que se explicam respectivamente por influencia de outras palavras terminadas em *-indade* e *-andade*, como *divindade* > *divinitate-*, e *irmandade* < *germanitate-*. Cfr. *christindade* (arc.) e *christandade* (mod.) <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Do latim *christianus* veio a forma antiga galleco-portuguesa *chrischão* (*crischão*, *crichão*), como de *Sebastianus* veio *Sebachão*. A forma *christão* supponho-a mais moderna, e derivada directamente de *Christo* por meio do suffixo *-ão* ou *-ano*.

- 3) LL dão em regra *l* (embora na escrita se duplique geralmente o *l*, a pronúncia normal é *l*): *capillu*-> cabelo, *catella*> cadela, *collu*-> colo, *illa*> ela.  
Cfr. supra, pag. 35.

Está aqui outra distinção entre português e hespanhol: este tem *l* palatal, isto é, *ll*=*lh*: *caballo*, *ella*, *cuello*.

Palavras como *galgo* < Gallicu-, *val* < valle-, *mel* < \*melle- explicam-se como aquellas em que ha L singelo.

- 4) Ly: vid. supra, pag. 35.

5) Grupos consonanticos de origem popular antiga, em que uma das consoantes é L:

uLç: *dulce*-> doce; \**ulcera* (de *ulcerare*)>(h)*úçara* (arc.);

LS: *pulsare*>\**puixar*>*puxar*;

LT: Depois de *u*: *multu*-> muito, *cultellu*-> cuitelo;  
Depois de *a*: *altariu*-> outeiro (oiteiro), *saltu*-> souto (soito). Excepções: *alto*, a par de *Montouto*=  
*Mont'outo*, e de *Penouta*=*Pen'outa*; *salta*;

L'N: vid. *molleiro* supra, pag. 296;

PL: *plorare*> *chorar*, *plenu*-> *chêo*>*cheo*>*cheio*, *plus*>  
*chus*;

FL: *flamma*> chama, *Flammula*> Chámoa;

CL: *clamare*> chamar;

GL: *glande*-> lande.

Alguns dos phenomenos citados estabelecem tambem diferenças entre hespanhol e português: aquelle diz *mucho*, *llorar*, *llama*, *llamar*.

Os grupos consonanticos de origem não popular, embora tornados populares com o tempo, estão sujeitos a outras leis, por exemplo: *placere*> *prazer*, *fluxus*> *froxo*, *glossa*> *grosa*, *plana*> *Prã* (nome de um sitio em Baião), *clamar*> *cramar* (arc.). A par estão as fórmias puramente litterarias: *beneplacito*, *plano*, *clamar*.

\*

Acêrca da dissimilação, vid. pag. 215-217. Acêrca de *lo*, vid. pag. 60 ss.

\*

São estes, de modo summário, os factos mais importantes que nos apresenta a historia do L latino em portugûês. Vid. tambem sobre o assunto: Ad. Coelho, *Questões da ling. portug.*, liv. II, cap. 2.º; Cornu, no *Gundriss* de Gröber, 2.ª ed., pag. 963 ss.; J. J. Nunes, na *Rev. Lusit.*, III, 300 ss., e na *Chrestomathia Archaica*, pag. LXXII ss. [Acêrca do gallego, vid. *Gram. hist.* de Garcia de Diego, Burgos, 1909, pag. 35 ss.]. Ahi se encontram outros desenvolvimentos, sobre tudo no trabalho de Cornu.



## Dos nomes numeraes

Cardinaes, ordinaes, distributivos, multiplicativos e fraccionarios. — Números redondos. — Systema sexagesimal e vigesimal (vestigios). — Reflexo dos nomes numeraes no onomastico. — Varios caracteres demopsychologicos.

### I. Numeraes cardinaes.

O latim declina os cardinaes até *tres* (masculino, feminino, e neutro). Ha outras lingoas indo-europeias em que acontecem factos semelhantes, por exemplo (cito fórmas avulsas): em sanscrito *tri trayāṇām trīn*; em irlandês antigo *dá dib, tri tri n- trib*; em gotico *twai twa twans twaddjē twa twōs twaim*; em grego δύο δύοιν, τρεῖς τρία τριῶν, τέσσαρες τέσσαρα τέσσαρι(ν) τέσσαρας. D'esta rica vegetação o portuguez só conserva quatro fórmas para o primeiro numeral (*um, uma*, com os pluraes), e duas para o segundo (*dous, duas*).

O numeral *um* provém da fórma antiga *ūu*, latim *ūnu*-. O numeral *uma* provém da fórma antiga *ūa*, pela intercalação da consoante labial nasal *m* depois de uma vogal tambem labial e nasal; cfr. o que succedeu em *vinho*, de *vīo*, onde uma consoante palatal-nasal se intercalou depois de uma vogal da mesma natureza. A vogal nasal do feminino manteve-se até tarde na lingua litteraria (na popular ainda hoje se conserva), obrigada pela nasalidade do masculino, como em *bōa* o *ō* se manteve muito tempo por causa do de *bō* (*bom*).

O numeral *dous* (*dois*) provém do lat. *duos*, por interméd-

dio de \*doos<sup>1</sup>. O numeral *duas* provém do lat. *dŭas*, tendo ũ dado *u*, por estar em hiato, como em *tua* < tŭa, *sua* < sŭa<sup>2</sup>. O numeral *dous* na origem é dual, como *ambos*. Podemos, sobretudo na linguagem familiar, reforçar aquelle com este, e dizer *ambos os dois*; na linguagem popular usa-se tambem *ambos a dois*, *ambos e dois*, *ambos de dois*<sup>3</sup>; na linguagem estremenha *amordois* < am(b)os dois<sup>4</sup>.

*Tres* < lat. *tres*. *Quatro* < lat. vulg. \**quattro* < *quattor* < *quattuor*; o povo dis *catro*.

Em port. arch. dizia-se *cinque* < lat. pop. *cinque* < lat. class. *quinque*; hoje diz-se *cinco*, tendo-se mudo o *-e* em *-o* por influencia do *-o* de *quatro*. Tambem na nossa litteratura antiga se encontra *sinco* ou *sinquo*, com *s*, por influencia do de *seis* e *sete*, vizinhos de *cinco* (e analogamente *sincoenta*): assim escreve, por exemplo, Severim de Faria (sec. xvii) nas *Noticias de Portugal: sinquo escudetes, sinquo outavas, sinquo reis*<sup>5</sup>.

*Seis* < lat. *sex*. *Sete* < *sette* < lat. *septe(m)*.

*Oito* < lat. *octo*. No Norte e no Centro diz-se geralmente *óito*, com *ó*; no Sul diz-se *ôito*, com *ô*. O *ôi* de *ôito* é normal; cfr. *biscôito* < lat. *bis-coctu-*, *nôite* < lat. *nocte-*. O *ói* de *ôito* provém de influencia do de *dezôito*.

*Nove* < lat. *nove(m)*. *Dez* < lat. *dece(m)*. *Onze* < \**ond'ze* lat. < *undeci(m)*. *Doze* < lat. *d(u)odecim*. *Treze* < lat. *tredecim(m)*. *Quatorze* (pop. *catorze*) < lat. *quatt(u)ordecim*. *Quinze* < lat. *quindecim(m)*.

Os numeræes seguintes, até *dezanove*, são periphrasticos. *Dezôito* tem *ói*, (ao passo que *oito* tem normalmente *ói*), porque

<sup>1</sup> Ao passo que o arch. *soo* deu *só*, aqui \**doos* deu *dous*, porque pertence a uma epoca mais antiga que a de *soo*.

<sup>2</sup> Cf. *Estudos de philol. mir.*, I, 231.

<sup>3</sup> Cf. Manoel de Mello, *Notas lexicologicas*, Rio de Janeiro, 1889, pag. 56 [e Julio Moreira, *Estudos da ling. port.*, I, 6 ss.].

<sup>4</sup> *Esquisse d'une dialectologie*, pag. 127.

<sup>5</sup> Vid. pag. 184, 189, 190, da ed. de 1655, que é a 1.<sup>a</sup>.



resulta das fórmãs archaicas *dezoito* < *dezaeito*; esta última é parallela a *dezanove*, *dezasete*, e *dezaseis*. Em alguns sitios, por exemplo em Villa-Real de Tras-os-Montes, diz-se *dezôito*, com *ôi*, por influencia do de *ôito*, que tambem se ahí usa.

De *vinte* a *oitenta* ficaram os numeraes latinos, á parte as alterações phoneticas. *Vinte* < arc. *viinte* < lat. pop. \**viinti* < lat. class. *viginti*. *Trinta* < arc. *triinta* < lat. pop. *trięnta* < lat. class. *triginta*. *Quarenta* < arc. *quareenta* < *quadráginta*. *Cincoenta* < arc. *cinquaenta* < \**cinquáginta* < *quinguáginta*. *Sessenta* (arc. e pop. *sassenta*) < > hesp. arc. *sessenta* < *sexáginta*. *Setenta* < arc. *seteenta* e *setaenta* < *sept(u)áginta*, *oitenta* < arc. *oitaenta* < \**octáginta*. Para se explicar *noventa*, arc. *noveenta*, tem de se admittir em latim vulgar \**nováginta*, em vez de *nonáginta*, por influencia de *nove(m)*; cfr. hespanhol ant. *novaenta*. — Temos assim, analogicamente com *sexáginta* (= *sexa-ginta*), a serie: *sept* < *u* > *áginta*, \**octáginta*, e \**nováginta* <sup>1</sup>.

Em portugûes archaico *cento* póde empregar-se adjectivamente: *cento varões* <sup>2</sup>. Hoje é substantivo; adjectivamente diz-se *cem*, para os dois generos.

De *duzentos* (*dozentos*) até *novecentos*, umas vezes conservou-se o latim, por exemplo *trezentos*, ontras, foi substituido por expressões analyticas: *seis-centos*, *sete-centos*, *oito-centos*. A palavra *quinhentos* vem de *quingentos*, com assimilação do *g* á nasal precedente, como em *Sanhoane* < *Sam-Joane*.

O lat. *mille* deu *mil*. O lat. *milia*, que era substantivo, tornou-se *milha* em portugûes, palavra que só se applica a medidas geographicas; com sentido numeral emprega-se *milhar* e *milheiro*.

<sup>1</sup> Cfr. sobre o assunto J. Jud, *Die Zehnerzahlen in den romanischen Sprachen*, Halle, 1905.

<sup>2</sup> Vid. *Rev. Lusit.*, IX, 14. Outros exemplos: «jrmãdade de *cento* *homões*», «os quaes *çento* *jrmaões*», no *Compromisso* da Misericordia de Guimarães, 1516.

Para se exprimir quantidade indefinida e hyperbolica, diz o povo, com numeros redondos: «com seiscentas pipas!», «com trezentos Diabos!»; já os Romanos se serviam de *sexaginta* e de *sescenti* e *trecenti* naquelle sentido, o que alguns auctores suppõem que denota um antigo systema numeral sexagesimal <sup>1</sup>. É tambem da lingoa corrente, tanto popular, como litteraria, o uso de *mil* como número indeterminado (cfr. lat. *mille* no mesmo sentido): «com mil Demonios!», «Mil arvores estão ao ceo subindo» (*Lusiad.*, IX, 56) <sup>2</sup>. — Em Tras-os-Montes (Bragança) o número *vinte*, no derivado *vintados*, serve de base para contar o gado ovino e caprino, o que é um vestigio do systema vigesimal: *Fulano tem 5, 10, 20 VINTADOS de ovelhas ou de cabras, isto é 100, 200, 400 cabeças* <sup>3</sup>. No geral do país conta-se collectivamente por *dúzias*. Na venda da fruta (excepto figos) e do peixe entende-se em várias terras por *duzia* uma collecção de treze peças, ao que se chama *duzia*, ou *conta, de frade*. A peça que vae a mais é como que para compensar preventivamente o comprador, no caso de estar estragada alguma d'ellas <sup>4</sup>.

## II. Numeraes ordinaes.

Primus > *primo*, que, como numeral, só se usa na lingoa litteraria. Como substantivo significa o «primeiro

<sup>1</sup> Cf. S. Reinach, *Origine des Aryens*, pag. 103, que cita a Schmidt, *Die Urheimat der Indogermanen* (pag. 41). [Cf. tambem Margarete Rösler, *Das Vigesimalssystem im Romanischen*, na Homenagem a Meyer-Lübke, Halle, 1910, pag. 189].

<sup>2</sup> [Cf. *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 115].

<sup>3</sup> Informação do Rev. Francisco Manuel Alves, illustrado Reitor do Baçal. Cf. Gonçalves Viana, *Apostillas*, II, 297. [D'este costume trasmontano se occupou Margarete Rösler a pag. 190 e 204 do trabalho que citei a cima, na penultima nota. A autora vê nelle influencia franceza (cf. *quatre-vingts*); o systema francês julga-o de origem germanica (escandinavica), e dá-lhe como epoca inicial o sec. XII].

<sup>4</sup> [Cf. a outros respeitoos Margarete Rösler, obr. cit., pag. 193].

grau de parentesco»: *primo co-irmão*; na lingua popular tambem se dis *primbo*. A palavra *primus* foi substituida em latim vulgar por *primarius*: d'ahi vem *primeiro*; cfr. hesp. *primero*.

*Secundus* > *segundo*. D'ahi vem *segundar* (com muitas significações), e *segundeiro* na accepção de *moinho segundeiro*, isto é, que moe milho e centeio (*Elucidario*). Assim como havia *primo co-irmão*, havia *segundo co-irmão* = primo segundo (*Ordenações*)<sup>1</sup>. Fallando do tempo, temos tambem *segundo*, como substantivo.

*Tertius* > *terço*, que porém só se usa em *terça-feira*, *terça-parte*, e como substantivo: *terço* («3.<sup>a</sup> parte», e certa reza), *terços* (soldados). Cfr. Moraes, s. v. — Em latim vulgar foi *tertius* substituido por *tertiarius*, que deu *terceiro*; cfr. hesp. *tercero*. Numa poesia de D. Denis lê-se *oje tercer dia*<sup>2</sup>, frase que deve comparar-se com a que vem num doc. do mesmo rei: «e que aia<sup>3</sup> feyra de mes em mes, *tercer dia* depo'la de Chaves»<sup>4</sup>, e com *por tercerdia*, do *Canc. da Vaticana*<sup>5</sup>: *tercer dia* está por *terceir'dia* < *terceiro dia*; a proclise fez que desaparecesse o -o, e que o ditongo *ei* se simplificasse (a syllaba *éir* seria insolita em português). — Á mesma familia pertence *terçã* (febre) < *tertiana*.

*Quartus* > *quarto*. Ficou, mas tambem se substantiva, e toma então várias accepções, todas derivadas da

<sup>1</sup> Vid. Moraes, s. v. «coirmão», e «primo».

<sup>2</sup> *Cancioneiro*, ed. de Lopes de Moura, pag. 126.

<sup>3</sup> «haja».

<sup>4</sup> *O Instituto*, XLVI, 944.

<sup>5</sup> Ed. de Monaci, n.º 1017.

ideia de número: *quarto d' hora*, *quarto da cama*, *uma quarta* (bilha). — Á mesma familia pertence *quartã* (febre) — *quartão* (medida) < *quartanus*, -a, *quarteiro* < *quartarius*, *quarteirão*.

*Quintus* > *quinto*. É d'esta familia *quintãa* (< *quintana*), que se tornou *quintaa*, *quintã* e *quinta*, — porque o portuguez não tolera *ã* tonico final, e retrahiu pois o accento; cfr. *ventãa* > *ventaa* > *ventã* > *vénta*, e *campãa* > *campaa* > *campã* > *câmpa* («ao som de *campa* tanjuda», expressão archaica). Algumas d'estas fórmias conservam-se: *quintã* na Beira «pateo», e no onomastico geral; *ventã* no Douro «venta do boi»; cfr. *campainha*, por *campãinha* < \* *campanina*. O substantivo *quintal* vem de \* *quintanale* (cfr. *Quintanale* no onomastico hespanhol); o substantivo *quinteiro* vem do arc. *quintaeiro* (por *quintãeiro*), de \* *quintanariu*.

*Sextus* > *sexto*. A lingua antiga possuia *seismo* (e *sesmo*), «sexta-parte», que vem de \* *seximus*, palavra formada na epoca romana por analogia com *septimus*. Na *Pratica d'Arismetica* de Ruy Mendez, Lisboa, 1540, fl. 60 v., lê-se *sesma* «sexta parte», *duas sesmas*. D'aqui veio *sesmaria*, certa terra foreira, etc.<sup>1</sup>; e *sesmar* e *sesmeiro*. Os usos antigos permanecem ás vezes estereotypados no onomastico moderno: por isso ha muitos lugares e propriedades com o nome de *Sesmaria*, pelo menos na Beira-Baixa e nas tres provincias do Sul.

*Septimus* > *setimo* (na lingua litteraia). A lingua antiga

---

<sup>1</sup> Vid. Viterbo, *Dicc. portatil*, s. v., e *Elucidario*, s. v. Cf. Esteves de Carvalho, *Observ. hist. e criticas sobre a nossa legislação agraria, chamada commumente «das sesmarias»*, Lisboa, 1815, — obra citada por Innocencio em nota á 2.<sup>a</sup> ed. do *Elucidario*, pag. 211 do vol. II.

tinha igualmente *séitimo*<sup>1</sup>, e *seitemo* (cfr. Cornu, *Gr. d. portug. Sprache*, 2.<sup>a</sup> ed., § 309): o PT de *septimus* deu *it*, cfr. *receita* <recepta, *preceito* <praeceptu-.

**Octavus** > *oitavo*. Como substantivo *oitava* («oitavas da Páschoa», etc.). Havia também na língoa antiga *oitavo* no sentido de certo fôro; o onomástico moderno conserva essa designação, por exemplo *Oitavos*, no districto de Lisboa.—Derivado antigo: *oitaveiro*.

**Nonus** > *nono*, na língoa litteraria; na língoa popular antiga temos regularmente *noa* (por \**nōa*), que se conservou como hora canonica.

**Decimus**. Representado na língoa litteraria por *décimo*, *décima*, *dézima*<sup>2</sup>, e na popular por *dizimo*, *dizima*; cfr. hesp. *diezmo*, *diezma*. O *e* mudou-se em *i* por influencia do *i* postónico (Umlaut)<sup>3</sup>. Um derivado lat. de *decem* é *decania* «dezena», d'onde veio o hespanhol antigo *decana*, representado inexactamente no Dicionario da Academia Hespanhola por *decana*, em vez de *decaña*, porque *nn* valiam *ñ*; esta palavra significa «herdade», «granja». Com ella se relacionam as antigas palavras portuguezas *deganha* e *daganha*, nos documentos latinos *deganea*: «terras iucultas e bravias, reduzidas a cultura, e nas quaes se fundava alguma capella ou igreja rural»<sup>4</sup>; ellas não vem pois de *ganhadia* e *ganhar*, como alguns dictionaristas disseram. Comprehe-de-se que um derivado de *decem*, isto é, de um número, se tornasse nome de propriedade; cfr. *quintã*, que citei supra,

<sup>1</sup> Por ex.: *Ined. de Alcobaça*, I, 163, e *Archivo Hist. Port.*, II, 196.

<sup>2</sup> *Ined. de Hist. Port.*, V, 577.

<sup>3</sup> Cf. J. Cornu, *Gram. der port. Sprache*, § 7.

<sup>4</sup> Viterbo, *Dicc. portatil*, s. v., e *Elucidario*, s. v.

e alem d'isso *sesmaria*, tambem citado, e *coirella* <quadrella. Comparavel a *deganha* em portu-  
guês, e *degaña* em hespanhol, é *degagna* em lom-  
bardo «parte de uma aldeia» <sup>1</sup>. A palavra tomou  
accepção especial no italiano corrente: *dagagna*  
(*degagna*) «rede de pesca»,—d'onde veio o francês  
antigo *dagagne* <sup>2</sup>.—Do mesmo modo que *quinta*,  
*sesmaria* e *oitavo* se mantiveram no onomastico,  
tambem *daganha* se manteve: no Minho e em Tras-  
-os-Montes ha povoações com o nome de *Adeganha*,  
o qual vem manifestamente d'aqui; o *a* inicial é  
prosthetic.

A cima de «decimo», não se conservaram, como taes, os ordi-  
naes latinos na lingua tradicional; só na litteraria. Ha sim  
*quaresma* <arc. *quareesma* <> hesp. ant. *cuaraesma* (qua-  
dragesima), mas é de origem ecclesiastica.

O povo faz pouco uso de ordinaes, e só emprega os  
primeiros. A analyse philologica que fiz agora, confirma isso.  
*Dizima* <decima tem aspecto semi-litterario, embora antigo,  
senão a vogal postonica cairia, como em *séismo*, citado supra,  
e em *marisma* <lat. *maritima* <sup>3</sup>; alem d'isso funciona prin-  
cipalmente como substantivo, e tem de certo origem ecclesias-  
tica. A mesma origem attribuo a *noa*, que é igualmente  
substantivo. Parece que a concepção popular estacionou em  
*sextus* ou *septimus* (cfr. *séitimo*, semi-popular). Sendo  
*sextus* ou *septimus* o limite superior, deverá admittir-se  
para *oitavo* tambem origem culta (ecclesiastica ou juridica).—  
Não nos surprehendamos d'esta curteza da arithmetica rustica,

<sup>1</sup> Meyer-Lübke, *Gram. des l. rom.*, II, § 405.

<sup>2</sup> Antoine Thomas, *Mélanges d'étymologie française*, Paris, 1902,  
pag. 62.

<sup>3</sup> O *i* tonico é breve, mas deu *i* por *Umlaut* (influencia do *i* seguinte);  
cf. *dizima*.

pois ha povos que não tem palavras para contar alem de «um», por exemplo os Chiquitos (America do Sul), os quaes, para exprimir numeros superiores àquelle, dizem «tanto como os olhos de uma pessoa», «tanto como os dedos da mão»; os Tasmianios só contam até «dois». Os Pretos da Australia dizem: «um», «dois-um» (=tres), «dois-dois» (=quatro); dizer «mais de quatro» é exprimir um número indefinido. Já dos Thracios referiu Aristoteles (*Problemas*, xv, 3) que elles não contavam alem de «quatro»<sup>1</sup>. Contar não é pois tão facil como pôde parecer ao primeiro aspecto. As proprias pessoas cultas terão embaraço ou impossibilidade de imaginar uma fila de objectos equidistantes superior a quatro, ou de os contar de repente, olhando para elles.

### III. Numeraes distributivos.

Singuli, accusat. pl. singulos. Deu em portugûes arch. *senhos*, que faz presuppôr a fôrma intermédia \**sêlhos*, havendo-se *lh* assimilado á nasal precedente, como em *unha* < \**ũlha* < ung'la. A palavra *senhos* significava «cada um seu», por exemplo: «e tenhamos *senhos* cirios nas mãos açesos» (sec. xiv)<sup>2</sup>. A fôrma intermédia \**selhos* = *senhos* está representado em leonês antigo por *senlos* = *senllos*, e em gallego antigo por *senllos*; cfr. tambem em portugûes antigo *senlheiros* < singularios.—Concomitantemente com *senhos* havia *sendos* na nossa lingua archaica e na hespanhola, palavra de difficil explicação, apesar do que diz Cornu<sup>3</sup>.—A lingua moderna substitue *sendos* e *senhos* por periphrases.

<sup>1</sup> Vid. sobre isto: *Anthropos* (revista), I, 120; e Tylor, *La civilisat. primit.*, I, 279 ss.

<sup>2</sup> *Archivo Hist. Port.*, I, 351. Vid. outros exs. no Diccionario de Moraes, e nos *Subsidios* de Cortesão.

<sup>3</sup> *Dic. portug. Sprache*, § 140.

Os restantes distributivos perderam-se geralmente. Alguns adquiriram na lingua litteraria o significado de ordinaes, como se vê d'esta serie que vem na *Pratica d'Arismetica* de Ruy Mendez, Lisboa, 1540, fl. 1 e 1 v.: *primeiro segũdo terceyro quarto quinto seisto septimo oytauo noueno dezeno onzeno dozeno trezeno quatorzeno quinzeno dezaseszeno dezaseteno dezoyteno*, no feminino: *novena dezena onzena dozena trezena quatorzena quinzena* <sup>1</sup>; em textos mais antigos lê-se mesmo *novẽo* «nono» <sup>2</sup>. Ha tambem distributivos que se tornaram substantivos: *terno, caderno, novena* (a par d'este último ha na lingua antiga *anoveas* por *anovẽas*, com o derivado *anoveado*) <sup>3</sup>, *dezena, onzena* (com o derivado *onzeneiro* e *onzaneiro*), *trezena, quinzena, vintena*. Todos são tomados do singular: *ternus, novenus*, etc. As fórmãs *dezena* e seguintes são analogicas, e de origem não popular. A esta classe pertence *duzia*, cuja formação não é muito clara; corresponde-lhe em gallego moderno *dúcia*, em gallego ant. *docêa*, em hesp. *docena* <sup>4</sup>.

Na lingua antiga fazia-se frequentemente a repetição do numeral cardinal (a cima de um) para se compensar a falta de distributivõs, por exemplo (sec. XIV): «e paguemos todos *quatro quatro* dinheiros» <sup>5</sup>, isto é, quatro dinheiros cada um; «paguemos *dez dez* libras» <sup>6</sup>, isto é, cada um dez libras <sup>7</sup>.

<sup>1</sup> O exemplar da *Arismetica* de que me sirvo, existe na nossa Bibliotheca Nacional. Innocencio, *Dicc. Bibl.*, traz *Rodrigo* (como nome do auctor) em vez de *Ruy*, que é o que se lê naquelle exemplar.

<sup>2</sup> J. J. Nunes, *Chrestomathia Archaica*, pag. CXIV. E cf. Viterbo, s. v. *novea* por \**novẽa*.

<sup>3</sup> Vid. *Elucidario*, s. v.

<sup>4</sup> Poderemos acaso imaginar como protótypo \**duócina* por cruzamento de *duodécima* + \**duodecēna* (<> *duodēna*), com recuamento do accento por influencia de *duódecima*, e com *Umlaut* devido á acção do *i*.

<sup>5</sup> *Archivo Hist. Port.*, I, 351.

<sup>6</sup> *Archivo Hist. Port.*, I, 352.

<sup>7</sup> J. P. Ribeiro, *Observ. hist.*, I, 105 ss., tem um capitulo sobre este assunto.



## IV. Multiplicidade e fracções.

A multiplicidade exprime-se com nomes de origem litteraria ou semi-popular: *dobro* < duplus, *tres dobro* « triplo », *triplo* < triplus. A lingua antiga dizia: *duas vezes tanta, dous tanto, dois tantos, cem dobro* <sup>1</sup>; cfr. hesp. *tres tanto*.

As fracções exprimem-se de diferentes maneiras:  $\frac{1}{2}$  diz-se *metade*;  $\frac{1}{3}$ ,  $\frac{1}{4}$ ,  $\frac{1}{5}$ ,  $\frac{1}{6}$  exprimem-se substantivamente com os ordinaes, *um terço, um quarto, um quinto, um sexto*, na ling. ant. *sesma (duas sesmas)* <sup>2</sup>, — analogamente ao latim (*pars tertia*, ou só *tertia*), ou *setima parte, oitava parte, nona parte, decimo*, etc. A cima de *dez* usa-se o elemento *avos*, que provém da terminação de *oitavos*, palavra que foi considerada como que composta de *oit'avos*, e deu origem analogicamente a *onze avos, doze avos*, etc. <sup>3</sup>; na *Pratica d'Arismetica* de Ruy Mendez, que ha pouco citei, tanto se emprega *avo* (no singular), como *avos* (no plural): *quarto, oytauo, dezaseis auo, trinta dous auo; dezaseis auos, trinta dous auos* <sup>4</sup>. A par temos « cinco *dozuos* » (sec. XVI) <sup>5</sup>.

\*

Resumindo agora o nosso estudo, — que eu poderia ampliar um pouco mais, se mais recorresse aos dialectos do que recorri <sup>6</sup>, — achamos que alguns dos numeræes latinos se conservaram com ou sem alteração phonetica, por exemplo *um* e *tres*; que

<sup>1</sup> Vid. *Rev. Lusit.*, IX, 73 [e Julio Moreira, *Estudos da ling. port.*, I, 11-14, onde trata o assunto com algum desenvolvimento].

<sup>2</sup> R. Mendez, *Pratica d'Arismetica*, Lisboa, 1540, fl. 60 v.; *Archivo Hist. Port.*, II, 239.

<sup>3</sup> Cf. o que escrevi na *Rev. Hispanique*, V, 419.

<sup>4</sup> Fl. 59 v. e 60.

<sup>5</sup> *Archivo Hist. Port.*, II, 240.

<sup>6</sup> Sobre estes vid. *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 126-127.

outros foram substituídos, ou por fórmulas analógicas, por exemplo *noventa*, ou analíticas, por exemplo *sete centos*; que outros mudaram de classe, por exemplo *novenus* > arc. *novêo*, que de distributivo passou a ordinal («nono»); que outros se tornaram substantivos, por exemplo *quinta*; que outros tem uso limitadíssimo, por exemplo *sexta* > *sexta* em *sexta-feira*; que, finalmente, outros foram suplantados por adjetivos de fórmulas mais amplas, por exemplo *tertius*, suplantado por *tertiarius*, que deu *terceiro*. Factos parallelos se observam, como é natural, noutras línguas românicas.

## Phenomenos de estilo e syntaxe

Allitteração.—Attracção syntactica.—Collocação de varias palavras na oração.  
— Ellipse.

### I. Allitteração.

Chamam-se allitteradas aquellas frases cujas palavras commecam systematicamente pelo mesmo som. A repetição do som inicial faz que se fixem melhor as respectivas palavras, e portanto as ideias que ellas traduzem. Umaz vezes estas frases são fórmulas estereotypadas e adagios; outras pertencem apenas ao auctor que as usa.

Já na *Revista Lusitana*, I, 277 e 350, juntei alguns exemplos de allitteração, quer populares, quer litterarios. Aqui juntei outros. O assunto é inexgotavel.

*De viva voz.* Cfr. em latim viva voce. E vid.: *Archiv für lat. Lexik.*, XIV, 525; Otto, *Die Sprichwörter der Römer*, 1890, pag. 378.

*Ás mil maravilhas* « muito bem ». Cfr. fr. *à merveille*. O hesp. diz *á maravilla*, como o francês, e, com allitteração, como o portuguez: *á las mil maravillas*. — Á allitteração junta-se o empregar-se *mil* elegantemente como número indeterminado: vid. supra, pag. 00.

Na *Eufrosina*, III, II (pag. 192 da ed. de 1786) diz Cario-philo a Zelotipo: « Assim que errais tudo de *popa a proa* », isto é, de um extremo ao outro, inteira-

mente. É natural que tendo sido os Portugueses povo de navegadores, a sua linguagem reflecta as cousas do mar; todavia já em latim, embora noutra accepção, se unia prora a puppis em uma frase proverbial de origem grega: vid. Otto, *ob. cit.*, pag. 288-289.

*Fazer fosquinhas*: attrahir com festas, com engodos. Os nossos antigos diziam unicamente *fazer foscas* «fazer ostentação» (vid. Moraes, s. v.). Não propriamente no mesmo sentido, porém com fórma semelhante, isto é, com *f-* e o mesmo verbo, diziam os Romanos: *fucum facere* «illudir».

*Do mal o menos*. Em latim: minima de malis.

*Levar coiro e cabelo* (por allusão ao trabalho do barbeiro): levar caro de mais. Cfr. em allemão *Haut und Haar*, e em Lucrecio, *De nat. rerum*, VI, 967-969: *ignis . . CORIA ET CARNEM trahit*.

*Entre coiro e carne*: levemente (Moraes). Cfr. Wölfflin, *Die allitterierenden Verbindungen der lateinischen Sprache*, Munich 1881, pag. 39, onde se cita o hesp. *entre* (ou *con*) *cuero y carne*, e o fr. *entre cui et chair*.

*Flores sem fruto* é o titulo de um livro de versos de Almeida Garrett; cfr. a allitteração latina *flores frugesque* em Wölfflin, *ob. cit.*, pag. 59.

A expressão *menina e moça* com que começam as *Saudades* de Bernaldim Ribeiro (sec. XVI) serviu para designar essa obra nas edições posteriores á primeira. Cfr. *menino e moço* num adagio que cito infra, e este verso do *Cancioneiro Geral*, III, 617:

Eu era moça e menina.

*Quem te conhecer, que te compre*. Diz-se por ironia.  
*Quem cala, consente*.

*Cale a caixa*: cale-se! *Caixa* é aqui metaphora, tirada de «caixa de rufo» ou tambor.

*Correr a coxia*: andar por um lado e pelo outro. Vid. Bluteau e Moraes, s. v. «coxia».

*Deus não castiga com pau nem com pedra*. Cfr. tambem: *dar por paus e por pedras*.

*Não fazer boa farinha*. Cfr. Moraes, s. v. «farinha».

*Em qual cabaça! qual carapuça!* os substantivos são vazios de sentido, e meramente rhythnicos.

*Malhar em ferro frio*: inutilmente. Cfr. em latim: *neque ferrum, neque frigus* (Wölfflin, *ob. cit.*, pag. 56).

*A Mouro morto, grã lançada*, como em hespanhol: *á Moro muerto, gran lanzada*, isto é, ostentar valor, quando não ha perigo. O sentido é o mesmo que se colhe da fabula de Phedro (V, II) em que se falla do encontro de dois soldados com um ladrão.

Os nomes *Pedro* e *Paulo* associam-se facilmente um ao outro por causa da allitteração. Nas *Poesias* de Fr. Agostinho da Cruz, Lisboa, 1771, pag. 49, lê-se:

Aquelle verdadeiro adagio antigo:  
*Que quando Paulo enferma, Pedro sara.*

Nos ensalmos figura tambem frequentemente *S. Pedro* e *S. Paulo*; o povo liga os dois nomes em um unico, e diz, com o verbo no singular, *Pedro-Paulo foi a Roma*<sup>1</sup>, visto que os nomes d'estes dois vultos tão preeminentes na historia da Igreja e implantação do Christianismo começavam por «P». Na lingoagem familiar a frase *seja Pedro ou Paulo*

<sup>1</sup> Vid. *Ensaíos Ethnogr.*, II, 21, e III, 193. — Cfr. em Veneza a igreja de *S. Zanipolo* («S. João» & «S. Paulo»).

significa «seja quem for»; alguns accrescentam, sem allitteração, *Sancho ou Martinho*.

Outros adagios allitterados são os seguintes (e ha muitos mais), que vem em Rolland, *Adagios*, Lisboa, 1780, os quaes ao mesmo tempo apresentam rima consoante:

*Abre a tua bolsa, | abrirei a minha boca*, pag. 42;

*Quem compra cavallo, | compra cuidado*, pag. 80;

*Menino e moço | antes manso que formoso*, pag. 167.

Em Bluteau: *Cheire-me a bolsa, | fêça-me<sup>1</sup> a boca*, s. v. «bolsa».

Nos *Lusiadas*, I, 11:

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas  
*Fantasticas, fingidas*, mentirosas,  
Louvar os vossos . .

(onde alguns editores escrevem *fantasticas* com *ph*, destruindo para os olhos a allitteração). Tambem os Romanos diziam *falsus fictus*: Wölfflin, pag. 54. Camões tem outras allitterações, umas só d'elle, outras tradicionaes, por ex. (não pretendo citá-las todas):

Co *ferro e fogo* seu queimada e fea, — *Lus.* x, 27;

O mar todo com *fogo e ferro* ferve, — *Lus.* x, 29;

Fará yr ver o *frio e fundo* assento, — *Lus.* x, 35;

Opprimi com tão *firme e forte* peito,

— Soneto VI (ed. de Hamb., II, 4),

no ultimo verso dos quaes se repercute a expressão latina *fortis et firmus* (Wölfflin, *ob. cit.*, pag. 58),

<sup>1</sup> <foeteat, de foetere «feder», «cheirar mal».

e nos dois primeiros se traduz *ferro flammaque* (Wölflin, pag. 55).

Não raro a allitteração deixa de se restringir só num pho-nema ou dois, para abranger mais,—de modo que no espirito do povo estabelece-se como que relação etymologica, embora nem sempre verdadeira, entre as respectivas palavras: o rhythmo fica assim reforçado grammaticalmente. Por exemplo:

*Alma até Almeida, | e d'Almeida p'ra diente | alma p'ra sempre!*

*Passar as passas do Algarve*, i. é, passar trabalhos (allusão ao commercio algarvio das passas), o que consta tambem de uma cantiga popular:

Meu amor é Algarvio,	Quando vem pr'ò Alentejo,
<i>Passa as passinhas</i> do Algarve;	Vende passinhas alarves <sup>1</sup> .

*O bom e o bonito* (cfr. em latim *bonus beneficus, bonus benignus*: Wölflin, *ob. cit.*, pag. 49). Em Lisboa ha uma loja de fanqueiro, cuja divisa é allitterada: *bom, bonito e barato*.

*Nem amigo, nem amado* (cfr. em latim *amicus amatusque*: Wölflin, pag. 47).

Numa canção popular:

Ando por aqui de noite	Minha mãe botou-me fóra,
Como o <i>perdigão perdido</i> :	Deixa-m'ir dormir contigo!

canção com a qual se póde comparar o conhecido adagio: *Perdigão perdeu a penna, | não ha mal que lhe não venha*, igualmente allitterado.

---

<sup>1</sup> A. Th. Pires, *Cant. pop. port.*, II, 163 (n.º 3535). E cfr. os n.ºs 3534 e 3536.

Adagio de Rolland, pag. 128: Assim é o *marido amarelado* | *como casa sem telhado*.

No *Cancioneiro do Norte* de Rodrigues de Carvalho (Brasileiro), Fortaleza, 1903, pag. XLVII: *Amarante, Amarante, amar*.

De Serpa se diz: *Serpa, serpente*, | *boa terra, má gente*.

*Fevereiro, feveras de frio* | *e não de linho*: Rolland, pag. 118.

*Vento e ventura* | *pouco dura*,—onde ha uma particularidade syntactica, que é (por causa da rima) concordar o predicado com cada um dos sujeitos, em vez de ir para o plural.

*A quem doe o dente, doe a dentuça*.

*Assim e assado*: de um modo e de outro.

*Deixar passar carros e carrêtas*: permittir tudo. Tambem o hespanhol associa carros e carrêtas neste proloquio: *lo que ha de cantar el carro, canta la carreta*.

Se ás vezes existe realmente relação etymologica entre os vocabulos, como em *amigo & amado, dente & dentuça*, outras ella é fantastica, segundo já ponderei, como em *alma & Almèida* (aquelle do latim, este do arabe), *Serpa & serpente* (aquelle do iberico, este do latim), etc. Entre *passou* e *passas* ha parentesco, pois *passou* deriva de *passo*, que vem do latim *passus*, do vb. *pando*, e *passa* vem do lat. *passa* «sêcca», que na origem é tambem participio do mesmo verbo; mas esse parentesco é tão remoto, que já não pôde ser conscientemente percebido em português.

A análise de todos os exemplos citados daria ainda origem a outras muitas observações, no que toca á ideia e á fórma; todavia isso só pôde fazer-se propriamente num tratado, e não numa lição.

A allitteração em português e nas restantes lingoas romanicas é em parte herança do latim, em parte criação nova. Sobre a allitteração em latim ha o importante opusculo de Wölflin que já mencionei a cima; tambem ahi se faz referencia ás



lingoas romanicas. A respeito d'estas vid. além d'isso: *Aliteratiunea in limbile romanice* de O. Densusianu, Iasi, 1895; *Die allitteration in der italienischen Sprache* de Kriete, Halle, 1893; *Alliteration in Italian* de R. Longley Taylor, New Haven, 1900; *Studien zur rom. Wörtschöpfung* de D. Carolina Michaëlis, Leipzig, 1876, pag. 26-27. E amplie-se esta bibliographia com a que indiquei na *Rev. Lusit.*, I, 350.

## II. Attracção syntactica.

Num exemplo como:.. *Lisboa e Porto, das quaes cidades venho agora*, em vez de *cidades, das quaes venho agora*, o substantivo *cidades* foi attrahido para a oração relativa,—mero latinismo, como *Santones non longe a Tolosatium finibus absunt, quae civitas est in provincia* (Caesar): vid. Madvig, *Gram. Lat.*, § 320.

Tratando da *origem da lingua portuguesa*, diz Filynto <sup>1</sup>:

Quem vendo em carcomidos pergaminhos  
 Foraes de goda-arabica escriptura,  
 Dirá que elles descendem da elegancia  
 Da lingua dos Romanos, que a foi nossa,  
 Que a bem fallámos muitos centos de annos?

A frase *que a foi nossa* não quer dizer *que foi a nossa*, mas «que foi nossa», isto é, *que o foi nossa*, havendo sido o pronome demonstrativo neutro *o* (nome predicativo) attrahido pelo pronome possessivo *nossa*, que, apesar de ser attributo d'aquelle, concorda com *lingoa*, que vem antes.

Lê-se na *Nova Floresta*, II (1759), 118: «A que nós chamamos no firmamento Estrada de Santiago, e os Latinos *Via Lactea*, . . he aquella zona, ou faxa, que vemos rodear o Ceo, e apparecer de noyte » <sup>2</sup>. O pronome demonstrativo *a*, que inicia a

<sup>1</sup> *Obras completas*, I (1817), 31-32.

<sup>2</sup> O texto tem *noyre*, por êrro typographico.

frase, está por *o*, cujo genero foi attrahido pelo de *estrada*. Tambem no verso dos *Lusiadas*, III, 21,

*Esta he a ditosa patria minha amada,*

a ideia contida no pronome *esta* substitue, como creio, a de «isto», por «este reino» (estancia 20); o genero de *patria* attrahiu o do pronome neutro.—Cfr. em latim: quae *apud alios iracundia dicitur* (Sallustio), e *haec mea est patria* (Cicero),—em Madvig, *Gram. Lat.*, § 315-c, e 313.

### III. Particularidades de collocação.

#### 1. AQUI.

a) *Moro aqui*: indica de modo geral a morada, e tambem que é aqui, e não noutro logar; o que é melhor expresso, e com emphase, nas frases da alinea b.

b) *É aqui que eu moro* = *aqui é que eu moro*.

c) *Aqui moro eu*, isto é, *eu*, e não outra pessoa. Com maior emphase:

d) *Aqui é que moro eu*, ou: *eu sou quem mora aqui*.

#### 2. PRONOME SUJEITO NA CONJUGAÇÃO PERIPHRASTICA.

Hoje dizemos: *como hei-de eu crer*, ou *como hei-de crer eu*; *elle não ha-de folgar*, ou *não ha-de elle folgar*; *o tempo não se ha-de gastar*, ou *não ha-de o tempo gastar-se*. Em Camões, *Filodemo*, I, 1 (ed. de Hamburgo, pag. 10 e 34), lê-se:

*Como hei eu de crer;*

*Não ha elle de folgar;*

*Não se ha o tempo de gastar;*

com o sujeito posto entre o verbo auxiliar e o infinitivo.

#### 3. ADJECTIVO ATTRIBUTIVO.

A regra geral é collocá-lo depois do substantivo, como em

latim. Exemplos do onomastico: *Vinha Velha*, *Beira-Alta*<sup>1</sup>, *Ponte Nova*, *Penalva* = *Pena Alva*, *Portantigo* = *Porto Antigo*, *Portalegre* = *Porto Alegre*<sup>2</sup>, *Janellas Verdes*, *Rio Frio*, *Pena Ventosa*, *Terra Quente*, *Monte Bello*, *Cruz Quebrada*, *Môfreita* = *Mola fracta*, *Rio Caldo*, *Rio Corvo*, *Villa Pouca*, *Villa Chã*, *Monte Redondo*, *Pena Firme*, *Pena Grande*, *Pena Longa*, *Fonte Boa*, e dezenas de outros. A expressão *Alto Douro* será devida a influencia estrangeira, talvez por causa da Companhia dos Vinhos do Alto-Douro: o povo diz *Cima do Douro*, e assim se lê tambem nos documentos da instituição da Companhia<sup>3</sup>, e num relatorio do próprio Pombal, anterior a essa instituição<sup>4</sup>. As expressões semelhantes, *Baixo-Douro*, *Alto* e *Baixo-Minho*, *Alto* e *Baixo-Alemtejo*, seguem a analogia da primeira, mas nenhuma d'ellas é popular. — Frases estereotypadas: *porco preto*; *Porco çujo* (=o Diabo); *o da carapuça vermelha* (=o Diabo); *homem de barba ruiva | uma faz e outra cuida*; *dedo mendinho*; *boca torta*; *olhos azues*; *mãos frias*, *coração quente*; *bolo pôdre* (Beira); *noite velha*; *agoa molle em pedra dura | tanto dá, até que a fura*; *mãos rotas*; *fato novo*; *anno bom*.

A collocação do adjectivo attributivo antes do nome obedece geralmente a emphase. No onomastico: *Boa Vista*, isto é, «da boa vista»; *Bellas Agoas*, isto é, «das bellas agoas»; *Nova Sintra*, por opposição á velha Sintra (além d'isso é provavelmente de origem litteraria). *Alto Pacheco* está por *Alto do Pacheco*,

<sup>1</sup> Balthasar Telles publicou a *Historia geral de ETHIOPIA A ALTA* (dos PP.<sup>os</sup> Almeida & Paes), Coimbra, 1660. Ib., fl. 2, lê-se: «entre as regioens . . das quaes . . foy huã, a de *Ethiopia* a *Alta*». A fl. 3 ha «das cousas desta *Ethiopia Alta*», sem artigo, porque ahi *Alta* está como attributo corrente, e não como epitheto. — Cfr. *Montemór-o-Velho* e *Montemór-o-Novo* (ou, abreviado, *Montemór-Novo*), e o que escrevi na *Rev. Lusit.*, IV, 49.

<sup>2</sup> O povo ainda diz assim *in loco*.

<sup>3</sup> *Collecção de Legislação* (1756), pag. 426 ss.

<sup>4</sup> [Lucio d'Azevedo, *O Marquês de Pombal*, Lisboa, 1909, pag. 36].

onde *Alto* é adjectivo substantivado. Na lingua litteraria: «achou nella hũa *nova occasião* de desassos(s)ego»<sup>1</sup>; «não sentia outra pena naquelle tẽpo, mais que o que perdera de tão *boa conversação*»<sup>2</sup>; «a cortesia tem *muito grande lugar* entre os Portugueses»<sup>3</sup>; «este nome de cortesia . . no seu *verdadeiro sentido*, ainda he mais estreito que o Latino»<sup>4</sup>; «entrou nesta afeição um *gentil soldado*»<sup>5</sup>; «tão justamẽte reprovados na republica Catholica, quanto na *barbara opiniaõ* antiga» (contraste)<sup>6</sup>; «aquellas duas colunas que Leonardo & Alberto levantarão no *estreiro limite* da policia civil»<sup>7</sup>.

Às vezes, de se collocar um adjectivo antes ou depois do substantivo, resulta differença de sentido: *boas noites* (frase emphatica estereotypada) e *noites boas* (i. é, não más); *está em casa sua* (i. é, que lhe pertence, a elle, e não a outrem) e *está em sua casa* (de modo geral); *bom homem* e *homem-bom* (locução medieval), *santo homem* (emphase) e *homem santo* (canonizado, ou «bom» de modo geral). É indifferente, quanto á significação, dizer *Santo Padre* (lingoa culta) e *Padre Santo* (lingoa popular; cfr. o hespanhol).

#### 4. PRONOME PESSOAL DEPOIS DO VERBO.

Frases da lingoagem familiar: «Está ahi? — Isso *está elle!*». «Elle esqueceu-se? — Ah! isso se *esquece elle!*». «Elle vae lá? — Isso *vae elle!*». «Elle quer ir? — Isso *quer elle!*». Em todas ellas se repete o verbo, entre *isso* e *elle*, o que denota negação emphatica. Significa respectivamente: *não está*; *não se esquece*; *não vae*; *não quer*. — O pronome *isso* é sujeito grammatical.

<sup>1</sup> *Côrte na Aldeia*, dialogo x (fl. 87 da 1.<sup>a</sup> ed.).

<sup>2</sup> *Ib.*, dialogo xi (fl. 111).

<sup>3</sup> *Ib.*, dial. xii (fl. 112 v.).

<sup>4</sup> *Ib.*, dial. xii (fl. 113).

<sup>5</sup> *Ib.*, dial. xiii (fl. 127).

<sup>6</sup> *Ib.*, dial. xiv (fl. 147 v.-148).

<sup>7</sup> *Ib.*, dial. xv (fl. 152 v.).

## 5. INVERSÃO DO SUJEITO.

Nas seguintes frases populares ha ironia: *isso, esperto é elle...*; *lá, esperto é elle...* O que significa: « pelo que toca a ser esperto, é-o ».

## 6. PRONOME DEMONSTRATIVO.

Os riffs antigos dão muitos exemplos de se collocar na ordem directa o pronome demonstrativo, quando vae seguido do relativo, — como em Rolland, *Adagios*, 1780, pag. 27-28:

Aquella é bem casada, | que não tem sogra nem cunhada;

Aquella é boa e honrada, | que está viuva sepultada;

Aquelle é teu amigo, | que te tira do arruido;

Aquelles são ricos, | que tem amigos;

Aquelle vai mais são, | que anda pelo chão;

Aquelle ha-de chorar, | que teve bem, e veio a mal.

Na litteratura tambem os achamos: « *Aquel dá o seu pam e o seu vynho aos peccadores, o qual dá aos maaos ajuda* », diz D. Duarte no *Leal Conselheiro*, ed. de Roquete, pag. 425.

Hoje diriamos: *é bem casada aquella que..; é teu amigo aquelle que..* No passo de D. Duarte poriamos *que* em vez de *o qual*, isto é: *dá o seu pam aquelle.. que.*

## 7. CONTRASTE.

*Se Pedro era interesseiro, Paulo interesseiro era*, ou: *Pedro era interesseiro, e Paulo interesseiro era.*

*Como não pudeste vir, venho eu.* — Neste exemplo as frases estão dispostas ao invés: é o que em Rhetorica se chama « chiasmo ».

Locução proverbial: *atrás do tempo, tempo vem.*

## IV. Ellipse.

## 1. SUJEITO.

Depois de *mandar* e verbos synonymos, a oração integrante de *que* não tem sujeito expresso, quando o verbo d'ella se refere a

um complemento enunciado na principal: *mandei-lhes que viessem; dize a João que esteja cá logo. Mas mandei que elles viessem.*— Se se quiser estabelecer contraste, junta-se um apposto (ao sujeito que está occulto na mente): *mandei-lhes que viessem elles* (isto é, elles, e não outros). Para se ver que *elles* é apposto, e não sujeito pleonastico ou expletivo, basta substitui-lo por um substantivo: *ordenei-lhe que partisse, o Manoel*, o que vale por *ordenei a Manoel que partisse, elle* (e não outro).

Quando o verbo declarativo ou sensitivo traz depois de si um verbo referido ao mesmo sujeito, a oração integrante fica elliptica: *elle confessou que viria; elle dirá quando faz isso; elle não sabe se pôde auxiliar-te.* E não: *elle confessou que elle viria.*

Nas orações condicionadas, em que o sujeito é o mesmo da condicional, omittie-se geralmente: *se eu vier, fallar-te-hei; se quizeres, pôdes ir.* Só com emphase se diria: *se eu vier, eu te fallarei; se quizeres, tu pôdes ir.*

Omitte-se o sujeito em repetições como: *lá que elle vem, vem; lá que elle morreu, morreu.* Isto é: é certo que elle vem, é certo que elle morreu.

## 2. TEMPO E LUGAR.

Em certas indicações de tempo e lugar pôde omittir-se a preposição *em*, por ex.: *fui lá este anno* (com o pronome demonstrativo); *Ucanha, concelho de Tarouca* (=no concelho de T.). Nas datas: *Lisboa, 8 de Abril* (=em L., em 8 d'A.). Os autos forenses começam: *Anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo*, em vez de *no anno do nascimento.*

As expressões *para o anno* e *para a semana* significam: *para o anno proximo, para a semana proxima.* Não pôde porém dizer-se *para o mês, para a quinzena*; é preciso juntar adjectivo.

## 3. ADVERBIOS.

*Tu vaes lá?* Resposta: *Eu não.*— *Chove?* Resposta: *Elle não.* Em ambos estes casos evita-se com o adverbio *não* a repetição do verbo. A replica, assim expressa, é mais energica do que sendo expressa plenamentè: *eu não vou*, ou *não vou*.

*Eu sim!* quer dizer «eu não». É expressão ironica. Por exemplo: «Ouvi dizer que compraste um palacio». Resposta: «Eu sim!». Quem assim responde, dá a entender que falla com estranheza, por julgar impossivel o que lhe attribuem.— A frase plena, seria: *eu, sim, comprei!*

*Isso sim!* quer dizer «não póde ser». Por exemplo: «Dizem que Fulano vae regenerar-se». Resposta ironica: «Isso sim!», o que corresponde a: «Póde lá ser!» (tambem com admiração).— A frase plena seria: *sim, vae regenerar-se!* Com ironia, já se vê.





## Onomástico antigo e moderno

Preliminares. — Nomes lusitano-romanos conservados até hoje. — Varios nomes de povoações. — Perda do « de » no onomástico. — Deminutivos. — *Saxonia*.

Por mais de uma vez me tenho referido nestas lições ao estudo dos nomes proprios, quer de pessoas, quer de terras. Proseguirei agora no assunto, attenta a sua importancia. E não nos despediremos ainda d'elle.

*Onomástico* é originariamente adjectivo, tirado do grego ὀνομαστικός, que deriva do thema de ὀνομάζω « chamar », e significa « que serve para dar nome »; depois passou a significar « explicativo de nomes proprios », « relativo ao nome proprio de uma pessoa », e substantivamente « conjuncto de nomes proprios », « maneira de denominar »: diz-se, por exemplo, *vocabulario onomástico* (Moraes), *dia onomástico*; e De-Vit escreveu um *Totius latinitatis Onomasticon*. Tambem ha quem use substantivamente *onomástica*: em francês *onomastique*, no feminino; em grego ὀνομαστική, sc. τέλη « arte ».

O « estudo dos nomes proprios em geral » denomina-se, como já sabemos, *Onomatologia*. O dos nomes geographicos tem em particular o nome de *Toponymia*. Podiamos dizer parallelamente, com relação aos nomes de pessoas e seres personificados, *Anthroponymia*. Todavia, a par com os nomes de pessoas, ha os nomes proprios de animaes, verdadeiros e fabulosos, por exemplo, *Bucephalo*, *Esphinge*, os nomes de ventos, por exemplo, *Ábrego* < Africu-, de deuses, etc.

Dos nossos nomes geographicos, uns provém da antiguidade, — são pre-romanos, e romanos; outros reflectem a dominação germanica e arabica; outros formaram-se com os recursos geraes da lingua. De nomes arabicos compostos do elemento *odi-* « rio » dei uma lista a pag. 27. Dos outros vou aqui apresentar exemplos, aos quaes juntarei algumas observações geraes, e o estudo de um nome peregrino adaptado ao nosso idioma.

### I. Nomes lusitano-romanos conservados até hoje.

Começarei pelo Norte. Nem sempre indicarei as fontes. As antigas encontram-se mencionadas nos *Monumenta linguae Ibericae* de Hübner e no *Alt-celtischer Sprachschatz* de Holder; cfr. tambem as minhas *Religiões da Lusitania*, II, 7 ss. As fontes medievaes vem citadas pela mór parte no *Onomastico* de Cortesão.

Mīnius, rio: Miniu- > *Minho*, como Iuniu- > *Junho*, ciconia > cegonha. Do rio passou o nome á provincia. — Cfr. supra, pag. 129-130.

Limia, rio: \**Líima* > *Lima*, pois nestas ligações o *i* da terminação (semi-vogal) é attrahido pela vogal accentuada, como no arc. *coimo* < comho = comio < lat. come(d)o. No nosso caso a vogal accentuada era *i*; o outro *i* foi pois absorvido por elle. — Do nome do rio se diz *Ponte do Lima* (e *Ponté de Lima*); na Galliza *Ginzo de Limia*.

Naebis, rio. D'esta palavra deve ter-se feito no latim vulgar lusitano \**Naebia*, por analogia com *Limia*. De \**Naebia* veio *Nevia*<sup>1</sup> (-B- > *v*, vid. pag. 33), e *Neiva*, com attracção do *i*, como em *goiva* < *gubia*<sup>2</sup>. — Nomes a que o rio deu origem: *Terra de Neiva*, *S. Romão de Neiva*, etc. — Com o nome d'este rio se

<sup>1</sup> No seculo XI. Cortesão, *Onomastico*, s. v.

<sup>2</sup> Cf. Cornu, *Gram. des port. Spr.*, § 111.

relaciona também o moderno *Navió* (S. Salvador de Navió), cuja fôrma no sec. XIII é *Nevioo* (e bem assim *Nivioo* e *Nivió*)<sup>1</sup>. Temos propriamente: *Nevia*: \**Nevióla* (deminutivo) > *Nevioo* > *Navió*. Ha outros exemplos de se mudar *e* em *a* junto de *n*: *Nagosa* < \**Negosa*<sup>2</sup> < \**Nogosa* < \**nucosa* (de *nux*), e na linguagem popular *Napomuceno*, *açanar*, *naboeiro*, *anadota*, *tanazes*, e em gallego *anamigo* «inimigo». A fôrma \**Nevióla* está representada por *Neivola* em um documento do sec. XI, citado por Pinho Leal, *Port. ant. e mod.*, VI, 32<sup>3</sup>. Devê entender-se que ha um riacho que tem ou teve o nome de *Navió* (certamente affluente do Neiva)<sup>4</sup>, e que tal nome passou á povoação. — Alem do nome *Navió*, temos *Nabuinho*, de um ribeiro que o meu amigo e antigo condiscipulo Dr. Almeida Ferraz me diz atravessar o lugar de Navió, e desagoar também no Neiva: *Nabuinho* faz presuppôr como fôrma anterior \**Nebiinho* ou \**Neviinho*, deminutivo de *Névia* (no Minho alterna *v* com *b* na pronúncia geral). Em \**Nebiinho* = \**Neviinho* o primeiro *i* manteve-se certo tempo por influencia do de *Névia* (cfr. *sêriinho*, deminutivo de *sério*); como porém *-iinho* se dissimilava facilmente em *-einho*, princi-

<sup>1</sup> Vid. *Inquisitiones*, I, 46, 129, 320, etc.

<sup>2</sup> *Negosela* no sec. X: Cortesão, *ib.*, s. v.

<sup>3</sup> A fôrma *Neivola* mostra qual o desenvolvimento que \**Neviola* devia tomar em português corrente (attracção do *i* pelo *e*). Se se manteve *-iô-* inalteravel em *Nabió* isso é devido á influencia da phonetica regional, pois também no Alto-Minho se diz *rabiar* < > *raivar*, *chubia* < > *chuiva*, etc.: vid. *O Archeologo Port.*, X, 290, nota, onde citei varios exemplos do phenomeno.

<sup>4</sup> Não me foi possível ainda averiguar isso, apesar dos esforços que empreguei.

palmente depois que *Névia* se mudou em *Neiva*, a fôrma \**Nebiinho* tornou-se \**Nebeinho*; esta passou a \**Nebuinho*, por influencia do *b* (como em *buber* < *beber*); e d'ahi veio *Nabuinho*, pela mudança do *e* em *a*, como em *Navió*.—Póde perguntar-se: primò, porque é que eu dei como etymo de *Navió* a fôrma feminina \**Naviola*, e não \**Naviolus*, visto que os nomes dos rios em latim são geralmente do genero masculino; secundò, porque é que, tendo nós de um lado essa fôrma feminina, temos do outro a fôrma masculina *Nabuinho*. A isto respondo o seguinte: o dizer-se -ó postula que o etymo era -ola, (cfr. *Grijó* < *ecclesiola*), e não -olu-, porque este deu -ô (cfr. *Mosteirô* < *Monasteriolu-*); se os nomes latinos dos rios são geralmente masculinos, nem por isso deixa de haver alguns femininos, como *Allia*, nome de um affluente do Tibre, o que bem se comprehende, sobretudo na lingoagem popular, onde -ia provocava o genero feminino<sup>1</sup>; finalmente, se temos *Nabuinho*, masculino, a par de *Navió*, originariamente feminino, é que este provém do latim vulgar, em que \**Naebia* era feminino, e aquelle formou-se, já em portuguez, no tempo em que o nome do rio se tornou masculino, como é hoje.—Existem varios outros nomes de rios, que tem deminutivos, como *Mondeguinho*, *Rio Mourinho*, *Paivó*.

---

<sup>1</sup> O povo no Alentejo diz *a Gudiana* e *a Guadiana* (d'onde *Agoa-Diana*), em vez de *o Guadiana*; na Beira diz *a Vouga* em vez de *o Vouga*; no Baixo-Douro diz *a Tamega* em vez de *o Tamega*: fazem-se femininos os nomes dos rios, por terminarem em -a. Em francês são femininos os nomes de rios acabados em -e proveniente de -a: *la Seine* (Séquana), *la Garonne* (Garumna), *la Saône* (Saucona).

Bracara, cidade: \* *Brágara* > *Brágala* (sec. XI)<sup>1</sup> > *Bráгаа* (sec. XII-XV)<sup>2</sup> > *Braga*. — Todos os phenomenos phoneticos que se manifestam aqui, são já nossos conhecidos: abrandamento de -c-, dissimilação de r-r, syncope de -l-, e simplificação de -aa em -a. Cfr. supra, pag. 216.

Avus, rio: *Avi*<sup>3</sup> > *Ave*. — O Ave tem um affluente chamado *Vizella*, nome cujas fórmulas antigas são *Avizella* (sec. X) e *Avezella* (sec. XI)<sup>4</sup> < \* *Av-ic-ella*, como quem dissesse « Ave pequeno » ou « pequena », por isso que se confundiu *Ave* com o nome comum feminino *ave*, d'onde veio o chamar-se na idade-media, e mesmo em tempos posteriores, *Entre-ambas-as-Aves* á região abrangida pelos dois rios<sup>5</sup>.

Durius e Dorius, rio: *Doiro* > *Douro*. Cfr. coriu- > *coiro*, -toriu- > *-doiro* (lavadoiro, etc.). — O nome do rio estendeu-se a regiões ou povoações banhadas por elle: *Entre-Douro-e-Minho*, *Cima do Douro*, *Alto-Douro*, *Baixo-Douro*, *Miranda do Douro*. — Quando existem povoações que tem um mesmo nome, costuma uma d'ellas receber uma qualificação para se distinguir das outras: no caso presente *Miranda do Douro* distingue-se de *Miranda do*

<sup>1</sup> Fôrma justificada pelo derivado *Bragalensis* (na *Hespanha Sagrada*, XXXVI, append. n.º XXVI: *Petrus Bragalensis*): vid. Menéndez Pidal nos *Bausteine zur rom. Philologie*, 1905, pag. 344. A fôrma castelhana medieval é *Brágana*: ibidem.

<sup>2</sup> Vid. exemplos em Cortesão, *Onomastico*, s. v., Menéndez Pidal, *loc. cit.*, e no *Archivo Hist. Port.*, IV, 40.

<sup>3</sup> Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 35.

<sup>4</sup> Cortesão, *Onomastico*, s. v.

<sup>5</sup> Vid. *Rev. Lusit.*, III, 222. *Entre-ambas-as-Aves* vem ainda citado num doc. do sec. XVI: vid. G. Pereira, *Pergaminhos da Universid.*, pag. 89.

*Corvo*. Em Hespanha ha tambem *Miranda de Duero*, por opposição a *Miranda de Ebro* e *Miranda del Castañar*. Esta distincção faz-se com os nomes dos rios, como aqui, ou com indicações diversas, umas tiradas da situação geographica, outras da historia, outras da idade, etc., por exemplo: *Mondim de Cima*, a par de *Mondim de Baixo*; *Macedo de Cavalleiros*, a par de *Macedo do Peso* e *Macedo do Mato*; *Montemór-o-Velho*, a par de *Montemór-o-Novo*. Tornando a *Miranda*, direi que essa palavra, que provém do lat. *mirandus*, 3 (do verbo *mirari* «admirar»), deve ter significado na origem «miradoiro» ou «atalaia»: cfr. catal. *miranda* <sup>1</sup>. No Alto-Minho ha uma localidade chamada *A Miranda* (o nome está ainda precedido do artigo, o que mostra ter-se mantido a consciencia de que elle na origem era substantivo appellativo ou commum). Em Ortigueira (Galliza) ouvi tambem fallar de um alto chamado *coto d-A Miranda*.

*Cales* <sup>2</sup>, cidade: accusativo *Cale(m)*, d'onde se deduziu *Cale*, que em alguns auctores apparece como indeclinavel (Hydacio). Como *Cales* era porto de mar, formou-se o composto syntactico *Portus Cale(s)*: «*Cale(s)*, que é um porto». Declinação: *Portum Cale(m)* > *Portu-Cale* = *Portuale (Portocale)* > *Portugale* > *PORTUGAL* <sup>3</sup>. A palavra, que primeiro se applicou á cidade do Porto, propagou-se, com o andar do tempo, e em virtude de circumstancias historicas, a territorio mais extenso, e designa hoje todo o nosso país. Outro exemplo de um nome,

<sup>1</sup> Cfr. *Estudos de Philolog. Mirandesa*, I, 34.

<sup>2</sup> Vid. *Sallustii Historiarum Reliquiae*, ed. de Maurenbrecher, III, 43.

<sup>3</sup> Acêrca das fórmas medievaes vid. *O Arch. Port.*, XI, 322-323.

que a principio teve applicação modesta, se estender a região grande, é-nos dado por *Iberia*, o qual originariamente significava apenas «a região do rio Ebro». Os habitantes de Portucale tinham porém a consciencia de que a palavra que designava a sua cidade era composta de duas, e por isso empregavam na lingoagem corrente apenas uma, isto é, a primeira, e esqueceram a outra: d'onde o ficar até hoje só *Porto*. A pag. 43-44 citei muitos exemplos de phenomenos analogos. — Convém saber, de um lado, que o nome da nossa patria soa *Pertugal* (dissimilação) num documento português do sec. XVI<sup>1</sup>, e do outro, que em documentos estrangeiros tem diferentes fórmulas: *Portogallo* (em italiano), *Portugal* (em castelhano antigo)<sup>2</sup>, *Portingale*<sup>3</sup>, *Portingal*<sup>4</sup>, *Portigal*<sup>5</sup>. Cfr. tambem sobre o assunto: D. Carolina Michaëlis no *Cancioneiro da Ajuda*, II, 695 e 727; Pedro A. d'Azevedo no *Archeologo Port.*, XIII, 359-360. Á laranja chama-se na Italia *portogallo*, e na Grecia πορτογάλλι e πορτοκάλλι: assim ouvi em Napoleões e Athenas; as fórmulas gregas, embora no singular, e do genero neutro, vem provavelmente do plural italiano *portogalli*<sup>6</sup>. — De Portucale deriva o adjectivo Portucalensis, isto é: Portucaleense->Portugalense>Portugalês >\*Portugaês>PORTUGUÊS.

<sup>1</sup> *Visitação do mosteiro de Carquere*, ms. da Universidade. Cfr. *Pertual* em mirandês: *Estudos de Philolog. Mir.*, I, 272.

<sup>2</sup> Pidal, *La leyenda de los infantes de Lara*, pag. 208.

<sup>3</sup> Sec. XV (Flandres): *Archivo Hist. Port.*, VI, 345.

<sup>4</sup> Vid. os meus *Ensaio Ethnographicos*, I, 133, nota.

<sup>5</sup> Sec. XIII: *Archivo Hist. Port.*, VI, 324, nota 3.

<sup>6</sup> O x de -κάλλι provém talvez, por etymologia popular, de influencia do de κάλλος «belleza», καλός «bom». Ninguem pensará no c de *Portucale*.

Aquae Flaviae, cidade: Flaviis (ablativo)<sup>1</sup> > Flavis > *Chaves*. Vid. o que acêrca d'esta palavra se disse a pag. 43-44.

\*Tamaga, rio: *Támaga* (archaico) > *Tâmega*. — A fórma latina \*Tamaga não apparece em textos classicos, mas deduz-se de Tamagani, nome ethnico<sup>2</sup>.

Vacua, rio: > \*Vaüca (trisyll.) > \**Vaiüga* (id.) > *Váuga* (dissyll.) > *Vouga*. A fórma *Vauga*, mais como pertencente ao latim barbaro do que á lingoa viva, vem num texto do sec. XIII<sup>3</sup>; a pronúncia viva era já então *Vouga*. — No mesmo texto figura um rio chamado *Vouzela*, vizinho (e não sei se affluente) do *Vouga*<sup>4</sup>. No meu entender, *Vouzela*, ou, em orthographia etymologica, *Vouzella*, é deminutivo, que se formou assim: \*Vaüca (vid. supra) > \*Vaücella (quadrisyll.) > *Vaiüzella* (id.) > \**Vauzella* (trisyll.) > *Vouzella*. O nome da villa provém certamente d'aqui; o rio que hõje se chama *Zella*, e que banha a villa, teria outr'ora o nome de *Vouzella*<sup>5</sup>. A cima admitti \*Vaüca (trisyll.) e Vaücella (quadrisyll.), porque só nessas condições -c- daria respectivamente,

<sup>1</sup> As lingoas romanicas offerecem outros exemplos de ablativos analogos a este: *Poitiers* < *Pietavis*, *Aix* < *Aquis*. Cf. Meyer-Lübke, *Gram. des l. rom.*, II, 13.

<sup>2</sup> Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 40, e 320.

<sup>3</sup> *Leges et Cons.*, pag. 687.

<sup>4</sup> Ahi se diz: *quomodo intrat ipsa aqua* (rio ou ribeiro de *Portu de Asinis*) in *VOUZELA*.

<sup>5</sup> Costuma explicar-se *Vouzella*, nome da villa, por *Vouga* + *Zella*. Tenho esta explicação por fantastica, visto que um doc. medieval me dá *Vouzela* como nome de rio. Fantastica é tambem a explicação que se dá de *Alcobaça* por *Alcôa* + *Baça*, nomes de dois rios que banham a villa: basta attender a que na provincia de Badajoz ha *Alcobaza*, para se ver que o nome da nossa villa não póde explicar-se d'aquelle modo (foram provavelmente os Frades bernardos os inventores de *Alcôa* e *Baça*).



como deu, -g- e -z-; se *au* fosse ditongo, o -c- permaneceria intacto no primeiro nome, como em *rouco* <raucu-, *pouco* <paucu-, e mudava-se em ç no segundo, como em *fouce* <\*fauce <falce-.

Longóbriga, cidade: *Longóbria* (sec. x) > *Longróvia* (sec. xii) > *Longroiva* < > *Langroiva* <sup>1</sup>.

Coniumbriga e Conimbriga, cidade: *Colimbria* (seculos x-xii) <sup>2</sup> > *Coimbra*. — Propriamente Coniumbriga (Conimbriga) era o nome da cidade lusitano-romana cujas ruínas se contemplam hoje em Condeixa-a-Velha; depois, por causa da mudança da séde do bispado, o nome applicou-se á cidade hoje representada por Coimbra, a qual cidade se chamou outr'ora *Aeminium* <sup>3</sup>. — Cfr. supra, pag. 288.

Munda e Monda: \*Mondaecus <sup>4</sup> > *Mondego*. — Acêrca de *Mondeguinho*, nome que o rio toma em certa parte do seu curso, onde as aguas são deminutas, cf. supra, pag. 330.

\*Igaeditania, cidade: Egitania <sup>5</sup> > *Eidãia* <sup>6</sup> > *Idanha*. A fórma \*Igaeditania não existe nos textos classicos, mas deduz-se de Igaeditani, nome ethnico <sup>7</sup>; está nas mesmas circumstancias que \*Tamaga, que ha pouco citei. — Acêrca do bispado de *Eidaña*, vid.

<sup>1</sup> Vid. *Religiões*, II, 34, n. 3.

<sup>2</sup> Cortesão cita *Colimbrie*, sec. x; mas ha tambem *Colimbriensis*, sec. xii, nas *Leges et Cons.*, pag. 506. Nesta última compilação, pag. 470, lê-se *Conimbria*, fórma evidentemente litteraria.

<sup>3</sup> Vid. sobre isto Borges de Figueiredo, *Coimbra antiga e moderna*, Lisboa (1886), pag. 261-262.

<sup>4</sup> Vid. *Religiões*, II, 27.

<sup>5</sup> Assim vem nas moedas de ouro visigoticas.

<sup>6</sup> Viterbo, *Elucidario*, onde porém se lê, sem til (que evidentemente falta), *Eidaya*.

<sup>7</sup> *Religiões*, II, 76.

Viterbo, s. v. «Garda». Os bispos da Guarda creio que ainda hoje se chamam *Egitanienses*.

\*Cũda, rio: \*Coda > Coa. O -D- cahiu como em pede > pee > pé, sudat > sua<sup>1</sup>. — A forma \*Cuda não existe em textos antigos, mas deduz-se de *Transcudani*, nome ethnico<sup>2</sup>; cf. *Tamega* e *Idanha*.

Olisipo, cidade: Olisipona = Ulyssipona<sup>3</sup> > \*Lisbona > *Lisbõa* (*Lixbõa*)<sup>4</sup> > *Lisboa*.

Tagus, rio: \*Tago > Tejo. O -G- mudou-se em -j-, e o A em e, por influencia arabica: vid. supra, pag. 37.

Abelterion = Abelterium, cidade: Abelterii (locativo) > \*Avelteri > \*Aelter > Alter. — Sobre o locativo, vid. supra, pag. 47; sobre a syncope do -v- (<-B-), cfr. Cornu, *Die port. Spr.*, § 190. A forma \*Aelter é prehistorica<sup>5</sup>.

Mons sacer. Esta expressão foi na lingua vulgar dos Lusitano-Romanos substituida pela sua synonyma Mons sanctus: *Monte-santo* > *Monsanto*<sup>6</sup>.

Equábona, cidade: \*Cauna > Coina<sup>7</sup>. — O B- cahiu, como em Emerita > Mérida; o -B- (>-v-) cahiu como em Abalterii, ha pouco citado, e em caccabu- > caco.

Ebora, cidade: *Evora* > *Evra* (pop.).

Pax Iulia, cidade: Pace- > \*Paca > *Beja*, por influencia arabica: vid. supra, pag. 37 e nota 2.

<sup>1</sup> Cf. Cornu: *Gram. der port. Spr.*, § 195.

<sup>2</sup> *Religiões*, II, 33, n. 5.

<sup>3</sup> Vid. supra, pag. 130, e *Religiões*, II, 29-30.

<sup>4</sup> Forma archaica, e ainda hoje popular.

<sup>5</sup> Houve quem considerasse as duas primeiras letras de *Abelteri* como a proposição *ab*, — do que resultaria *Elteri*, forma que estava muito vizinha de *Alter*; não temos porém razões sufficientes para acceitar tal hypothese. Vid. o *Itinerarium*, ed. de 1735, pag. 419, nota.

<sup>6</sup> Vid. o que escrevi na *Rivista di stor. antica*, II (Messina, 1897), 5-6.

<sup>7</sup> Cf. *O Arch. Port.*, III, 7, nota.

Serpa (Sirpa), cidade: *Serpa*<sup>1</sup>.—A fôrma antiga conservou-se inalteravel.

Myrtilis, cidade: \*Mĩrtula > *Mertola*. O -L- conservou-se, contrariamente á phonetica portugueza; talvez isto se deva a ter-se desenvolvido no Sul da Lusitania um romanceo diverso do do Norte, mantido durante o dominio arabigo. Cfr. supra, pag. 16-17 e 297.

Mira, rio. Deduzo esta palavra de Miróbriga=Miro-briga: vid. *Religiões*, II, 236, nota. Hoje ha um rio, chamado *Mira* e *Odemira*=*Ode-mira* (vid. supra, pag. 27), em cujas margens está a villa de *Odemira*. Provavelmente Miróbriga ficava por ahi.

Ana, rio: *Odiana*=*Odi-ana* (fôrma portugueza antiga) e *Guadiana*=*Guadi-ana* (fôrma hespanhola, que substituiu a legitimamente portugueza): cf. supra, pag. 27-28. A conservação do -n- em *Odiana* deve ter explicação analogá á da conservação do -L- em *Mértola*, palavra de que fallo a cima.

Além dos citados nomes antigos, que nos foram conservados na litteratura e na epigraphia, poderemos reconstituir outros com o auxilio do onomastico medieval e moderno.

*Bragança*, que em documentos da idade-media tem a fôrma *Bregança* (o povo hoje pronuncia *Brègança*), faz presuppôr o etymo \*Brigantia, nome celtico<sup>2</sup>. O nome do rio *Tua* tem character antigo; cfr. *Tuy* < *Tude*. *Melgaço* parece relacionar-se com o nome de homem Melgaecus, que se lê em inscrições romanas do Minho<sup>3</sup>; o etymo seria acaso \*Melgaceus = \*Melg-aceus. De *Távares*, que considerei derivado de Talavus, fallei a pag. 165-167. Derivado do celtico briga

<sup>1</sup> Cf. *Arch. Port.*, VI, 83.

<sup>2</sup> Vid. *O Arch. Port.*, III, 57, e *Religiões da Lusitania*, II, 42. Fôrma intermedia: \**Bregança*.

<sup>3</sup> *Corpus inscr. Latin.*, II, 2427 (Dume) e 2435 (Braga).

«monte fortificado» serão: *Alcóbria* (sec. x) < Arcóbriga <sup>1</sup>; *Seliobria* (sec. x) <sup>3</sup> < \*Selióbriga <sup>3</sup>. O nome *Almourol* tem já sido, com razão ou sem ella, comparado a Moron, nome de uma cidade lusitânica <sup>4</sup>. *Sagres* vem de Sacris: vid. supra, pag. 43. Nas moedas visigoticas do sec. VII lê-se Veseo «Viseu» e já *Lamego* (talvez de \*Lam-aecus); em um documento do sec. X *Viseo*.

## II. Varios nomes de povoações portuguezas.

### 1. ARMAMAR.

O nome antigo d'esta villa beiroa é *Ermamar*: assim se lê em docc. dos secc. XII e XIII citados por Viterbo, s. v. «fisco» e «ferros», e no foral de Valdigem <sup>5</sup>; em um doc. particular do sec. XVI lê-se ainda «na villa *dermamar*». A palavra *Ermamar* é originariamente um genetivo pessoal, e compõe-se de duas germanicas, que se encontram respectivamente em *Ermesinde* = *Erme-sinde*, e *Gondomar* = *Gondo-mar* < Gunde-mari, isto é: ermans «forte», e marhs «cavallo». O nominativo é \**Ermamarus*, palavra que pois significa «o que vae montado em um cavallo forte», concepção que nos fez ascender aos tempos heroicos da historia germanica. No *Altdeutsches Namenbuch* de Förstemann, *Personennamen*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 472, ha *Ermemar* como nome de homem. Deve entender-se que na idade-media existiu in loco uma propriedade, *villa* ou outra, pertencente a certo \**Ermamarus*, e que por isso ella se denominou *villa*\**Ermamari* «quinta de Ermamaro»; depois ficou só o genetivo, como já

<sup>1</sup> Este nome encontra-se varias vezes no onomastico antigo da Iberia. — Cf. supra, pag. 215.

<sup>2</sup> *Dipl. et Chartae*, pag. 10 (doc. XV).

<sup>3</sup> O onomastico lusitanico tem Coeliobriga (cf. *Religiões da Lusitania*, II, 41), mas não é certamente d'aqui que vem a palavra *Seliobria*, por causa do S-.

<sup>4</sup> *Religiões*, II, 24, n. 4.

<sup>5</sup> Cortesão, *Onomastico*, s. v.

várias vezes temos visto no decurso d'estas lições. De *Ermamar* passou-se para *Armamar*, porque *e* atono antes de *r* se muda facilmente em *a*: cfr. *sargento* < *sergento* (arc.), *tarei* (Extremadura) < *terei*, *amaricano* (pop.) < *americano*. Em resumo: \**Ermamari* > *Ermamar* > *Armamar*.

É possível que *Ermamar* se conservasse até àquem do sec. XVI, mas não conheço documentos d'isso. Tanto lá, como em concelhos vizinhos, manteve-se até hoje tal ou qual tradição da antiga fórma, porque muitas vezes ouvi dizer que *Armamar* vem de «ermo mau», etymologia impossível, mas ethnographica-mente curiosa. O povo procura sempre a razão das cousas. No que toca ás denominações geographicas, inventa a cada passo lendas que as explicam, e nellas figuram não raro personagens mythicos, ou de alta categoria, — fidalgos, principes, santos, Moiros. Já nos meus *Ensaaios Ethnographicos*, II, 176, e na *Miscellanea di Filologia* (Florença, 1886), pag. 265-266, mencionei algumas d'essas lendas, e muitas mais poderia mencionar. Analogia á explicação popular de *Armamar* é a de *Celorico*, que dizem denominar-se assim, de *cerro rico*, e até existiu, ou existe ainda, em Celorico da Beira um jornal chamado *O Cerro Rico!* Não conheço a verdadeira etymologia; comtudo direi que a *cerro rico* falta a base phonetica. *Avelleda* (Tras-os-Montes), palavra que vem claramente de \**avellaneta*, ha quem a interprete pela frase «*avè, leda!*», que fôra proferida por alguém que em tempos remotos ficára encantado á vista do panorama da respectiva localidade. De *Almofalla*, palavra de origem arábica, que significa «acampamento», «corpo de exército» (Dozy), conta-se uma lenda em que figura um *alamo* que *falla*. Para se explicar *Lisboa* inventou-se a vinda de *Ulysses* ás margens do Tejo, só porque na *Geographia* de Estrabão, III, II, 13, e III, IV, 3, se enuncia a hypothese de uma cidade da Betica, chamada Ὀδύσσεια, ter sido fundada por aquelle heroe; e logo roncaram as buzinas epicas á roda do assunto: *Ulyssêa* de Pereira de Castro (1636). e *Ulyssipo* de Sousa de Macedo (1640). Noutros países acontecem cousas no mesmo gôsto. O nome da cidade de

*Aosta*, que a pag. 43-44 vimos ter origem em Augusta, explica-o o aldeão suiço por «*otha! otha!*», exclamação de umas Fadas<sup>1</sup>. De Ocno, filho da prophetisa *Mantua*, diz Vergilio, *Eneida*, x, 200:

Qui muros matrisque dedit tibi, Mantua, nomen.

Veja-se tambem Tylor, *La Civilisation primitive*, I, 460 ss.: ahi se citam exemplos tirados das lendas de povos selvagens, etc.

## 2. LIGARES.

Nome de uma aldeia e frèguesia no concelho de Freixo d'Espada-á-Cinta.

Fórmulas antigas: *Iligares*, que se lê nos registos parochiaes<sup>2</sup>, e *Ilgares*, que se lê no foral do Freixo, seculo XVI<sup>3</sup>.

O topónimo é \**ilicare*- «azinhal»: \**ilgar*: *Ilgares* > *Iligares* > *Ligares*. Cfr. *Selivestre* < Silvestre; *Selivana* < Silvana.

\**Ilicare* formou-se de *illex* «azinheira», com o suffixo -are, segundo a regra enunciada a pag. 161; é synonymo de *ilicetum*, cujo plural *iliceta*, tornado feminino (cfr. pag. 82 e 209), deu *Izeda*, nome de outra terra trasmontana. A syncope do *i* em \**ilgar* corresponde á que se observa em *Ilcedo* (Asturias) < *ilicetu*-. (Tambem em Santander ha *Las Ilces* < *ilices*).

## 3. RIO-CALDO.

A povoação de Rio-Caldo é o assento da frèguesia de S. João Bâtista, no concelho de Terras do Bouro. O nome provém do de

<sup>1</sup> *Bulletin du gloss. des patois de la Suisse*, II, 29.

<sup>2</sup> Informação do Rev. José Augusto Tavares, que ahi foi parochio.

<sup>3</sup> Na Torre do Tombo. O foral falla do termo de *Espada-Cinta*: «fornos, masouco, *Ilgares*, e poyares». Principios do sec. XVI. Informação do sr. Pedro A. d'Azevedo. — No *Diccionario postal e chorogr.* de Silva Lopes, II (1893), 250, diz-se tambem: «*Ligares* (antigamente *Ilgares*)».

um rio que ahí passa, assim chamado. Segundo informações que me enviou o meu amigo e antigo condiscipulo Dr. Almeida Ferraz, médico em Barcellos, posso acrescentar que este rio nasce de uma penha no sitio da Leonte, na serra do Gerês, frêguesia de Villar de Veiga, onde se chama *Rio do Gerês*; ao passar nas Caldas do Gerês, recebe as agoas das thermas (75° de calor), e toma o nome de *Rio Caldo*. A este propositte lê-se tambem no « Ensaio Fysico-Medico das Caldas do Gerez » de I. A. da Fonseca Benevides, escrito em 1830, e publicado no t. XI do *Jornal das sciencias medicas de Lisboa*: « Haverá 130 a 140 annos que os moradores de Villar da Veiga e Rio Caldo, frêguesia vizinha, . . observárão que sahia fumo das margens do rio, o qual elles virão sahir em torno da penha, apparecendo agoa quente » (pag. 207).

O rio chama-se pois *Caldo*,—em latim *rivus calidus*—, porque é quente. Deve entender-se que tal denominação data de muito cedo, da epoca em que *caldo* ainda era adjectivo, e significava « quente », como em italiano. A ideia adjectival perdeu-se ha muito: hoje *caldo*, do mesmo modo que *calda* e *caldas*, é apenas substantivo. No sec. XVI dizia-se, é certo, *ferro caldo*, por « ferro em brasa » (Moraes); mas essa frase estava já então estereotypada.

#### 4. VALDIGEM.

Assim se chama uma frêguesia do concelho de Lamego.

As fórmas antigas d'esta palavra são: *Baldigem*<sup>1</sup>, *Baldige*<sup>2</sup>, *Baldigi*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Baldigẽ* em docc. de 8 de Maio de 1327 e 5 de Nov. de 1328: Chancellaria de D. Denis, na Torre do Tombo, fl. 258 v., e 278 v. (informação do sr. Pedro A. d'Azevedo). Ainda no sec. XVIII assim escrevia Viterbo, por ex. s. v. « aacima ».

<sup>2</sup> Nos *PMH*, *Leges*, pag. 425; e Cortesão, *Onomastico*.

<sup>3</sup> Sec. XI: Cortesão, *Onomast.*, s. v.

Temos aqui mais outro genetivo de um nome germanico: Baldvigii, de Baldvigiis, citado por Berzenberger, *A-Reihe*, pag. 8 (em E. Förstemann, *Personnenamen*, vem *Baldwig*, *Baldvic*, *Paldwic*). Baldvigiis compõe-se do gotico balths «audaz», elemento que entra tambem em *Baldomar*, nome de uma aldeia do concelho de Lousada, e de wîgs «batalha»<sup>1</sup>; significa pois «o que combate com valentia».

A pronúncia *Baldige* conserva-se ainda hoje *in loco*: assim ouvi no concelho de Lamego, mesmo a pessoas que normalmente dizem *virgem* e *origem*. Cfr. o seguinte dictado popular:

Sande<sup>2</sup> e *Baldige*  
Foi terra que Deus num quije,

onde a rima é tambem em *-ige*<sup>3</sup>. Uma cantiga diz igualmente:

O sete-estrello cahiu	Num te gabes que me deixas,
Lá no alto de <i>Baldige</i> :	Que eu fui a que te num quije.

Deve entender-se que *Valdigem* é pseudo-correcção litteraria de *Baldige*; visto que o povo transforma frequentemente *-igem* em *-ije* (por ex. *virje* ou *birje*, *impije*, etc.), e por outro lado, na Beira, *val* ou *valle* se muda em *bal* ou *bale*, supuseram os doutores que *Baldige* era corrupção de *Valdigem*, e começaram a escrever d'este modo, em vez d'aquelle. Como diz com razão Garcia de Orta, «nestas cousas dos nomes . . se enganão muitos dos nossos nas suas proprias terras»<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Cf. o verbo gotico *weihan* «combater».

<sup>2</sup> Aldeia proxima de Valdigem.

<sup>3</sup> O mesmo dictado se applica a outras terras, por ex.:

Avis  
Foi terra que Deus não quis.

<sup>4</sup> *Coloquios dos simples*, Goa 1563, fl. 11 r.



### III. Perda da preposição «de» em nomes compostos.

Ha muitos nomes geographicos compostos por intermedio da preposição *de*, ou simples, ou ligada com o artigo (*do, dos, da, das*), por exemplo: *Mondim de Cima, Sever do Vouga, Casa dos Porcos, Cova da Beira, Cerro das Pedras*. Com ella denota-se a situação topographica, a posse, a qualidade, etc.

A tendencia geral da lingoa, quando o complemento começa por consoante, é simplificar estes compostos, supprimindo a preposição (e mesmo fazendo outras alterações). Se nelles entra a preposição simples, omitta-se immediatamente; se entra *do-dos, da-das*, a simplificação não se faz de um jacto, mas muda-se *do-dos, da-das* em *de*, que depois se omitta, como no primeiro caso. Exemplos farão comprehender melhor o que digo.

*Cas-Freires* < *Casa de Freires* < *Casa dos Freires* <sup>1</sup>. Tratei d'esta expressão nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 446, nota. Parallelamente temos *em cas* e *a cas*, antigas locuções prepositivas, que tambem estudei *ibid.*, e de que vemos aqui outros exemplos: *em cas dona Costança* <sup>2</sup>, *em cas sa madr[e]* (D. Denis) <sup>3</sup>.

*Casal-Tras-Cova* < *Casal de Tras da Cova*.

*Cauvilla*, citado por A. Sampaio *As «villas» do N. de Portugal*, pag. 32. Creio que está por *cabo de villa* < *cabo da villa*, isto é, no «extremo da villa»; é corrente dizer-se na Beira-Alta *no cabo do povo* por «no extremo».

*Chão-Sapo* (Cadaval): assim diz o povo, em vez de *Chão de Sapo* (fórma litteraria) < *Chão do Sapo*.

<sup>1</sup> Cf. *Etucidario* de Viterbo, s. v. «ferros» (1.<sup>a</sup> ed., pag. 453; 2.<sup>a</sup> ed., pag. 321).

<sup>2</sup> *Cancioneiro da Ajuda*, ed. de D. Carolina Michaëlis, I, 788.

<sup>3</sup> *Cancioneiro de Colocci Brancuti*, pag. 173.

*Porto-Mós* < *Porto de Mós* < *Porto das mós*. — Ouvi dizer *Porto-Mós* a muita gente de Rio-Maior.

*Riba-Coa* em um ms. do sec. XIV<sup>1</sup>; a par temos *Riba-de-Coa*, no sec. XV<sup>2</sup>. Em vez de *Riba do Coa*. Hoje diz-se *Cima-Coa*, que está em lugar de *Cima-do-Coa* (cfr. *Cima-do-Douro*); substituiu-se ahi a fórma archaica *riba* por *cima*, como se substituiu a fórma archaica *fundo* por *baixo* em *Mondim de Baixo*, que outr'ora se dizia *Mondim de Fundo*.

*Ribatejo* = *Riba-Tejo*, em vez de *Riba do Tejo*.

*Val-Alvito* (Baião) < *Val d'Alvito*.

*Vallongueiras* (Villa Real) < *Val-nogueiras* < *Val de nogueiras* < *Val das nogueiras*. Em *Val-nogueiras* houve nasalação do *o* pelo *n* (cfr. supra, pag. 59, n. 1), d'onde \* *Valnogueiras*, e depois assimilação do *n* ao *l*.

*Villa-Flor* < *Villa de Flor* < *Villa da Flor*.

*Chão-de-Maçãs* < *Chão-das-Maçãs*.

*Cova-de-Lua* (Tras-os-Montes), pronúncia popular de *Cova da Lua*: vid. *Religiões da Lusitania*, II, 337.

*Fundevilla* < *Fundo de villa* < *Fundo da villa*.

*Ponte-de-Lima* a par de *Ponte-do-Lima*.

*Ponte-de-Sor* a par de *Ponte-do-Sor*.

*S. João-de-Ponte*, frèguesia no concelho de Guimarães: por *S. João da Ponte*.

*Serra d'Estrella* < *Serra da Estrella* (« de N. Senhora da Estrella »<sup>3</sup>).

*Val-de-Lapa*, nome de um sitio no casal do Carapuço (Cada-val): assim diz o povo em vez de *Val da Lapa*.

<sup>1</sup> G. Pereira, *Pergam. da Universid.*, pag. 56.

<sup>2</sup> Sousa Viterbo, *Duarte Galvão*, pag. 51.

<sup>3</sup> Explicação do sr. Pedro A. d'Azevedo.

*Villa-Chã-de-monte* (Beira-Alta) a par de *Villa-Chã-do-monte*.  
*Villa-de-Conde* < *Villa do Conde*. — Ovi *Villa de Conde* lá mesmo, e assim li em um ms. do sec. XVII, existente na Póvoa de Varzim.

O que acontece no onomastico (onde ha ainda outras simplificações, como *Montemór-Novo* por *Montemór-o-Novo*) é paralelo ao que se passa na lingoagem corrente, que nos mostra: *prato de meio* por *do meio*, *beira-mar* por *beira do mar*, *ponta-pé* por *ponta do pé*, *pedra-pau* por *pedra de pau* (Extremadura). Cfr. *tudo-nada* por *tudo de nada*, com haplologia, como em *madre-Deus* por *madre de Deus*, e *juiz-direito* por *juiz de direito*: vid. pag. 219.

Uma expressão como *Casa dos Freires* traduzia várias ideias: *casa*, *Freires*, e a que resultava da ligação d'estas duas. O povo, transformando-a em *Casa de Freires*, tornava-a mais vaga, porque supprimia o artigo definido, e poupava pois esforço intellectual; simplificando-a successivamente em *Casa-Freires* e *Cas-Freires*, deminuia ainda mais aquelle esforço, porque tinha agora um composto que correspondia a uma unica palavra, e portanto a uma unica ideia, a ideia de « certo sitio ».

A proposito de *Ribatejo* e *ponta-pé*, convém observar o seguinte. Com quanto em cada um d'estes compostos o primeiro elemento seja feminino, e a palavra total devesse pois receber esse genero, acontece que, se se perde completamente a consciencia da composição, o genero do determinante influe ás vezes no do determinado: é por isso que, em vez de se usar o feminino, se diz *um ponta-pé*, o *Ribatejo*. Para se tornar masculino o último composto concorreu tambem o designar elle uma região, e poderem taes nomes ser já femininos, já masculinos: cfr. o *Alentejo*.

\*

Nos compostos de que tratei a cima, a segunda parte começa, como disse, por consoante. Quando em um nome de terra d'essa

especie o complemento ou determinante começa por vogal, a preposição encorpora-se nella, e não se omitta: *Riba d' Ave*, *Riodades* = *Rio d'ades*. Ha alem d'isso numerosas expressões onde, embora o segundo elemento comece por consoante, a preposição tambem não se omitta. Tudo depende das circumstanças.

#### IV. Deminutivos geographicos.

Os principaes suffixos deminutivos que se usam no onomastico são: *-inho*, *-inha*; *-êllo*, *élla*; *-ô*, *-ó*. Todos elles se podem empregar no plural. Por exemplo:

<i>Rendufinho</i>	<i>Momentinha</i>	<i>Fontêllo</i> <sup>2</sup>	<i>Covella</i>	<i>Mosteirô</i>	<i>Grijó</i> <sup>6</sup>
<i>Freirinho</i>	<i>Bèbinha</i>	<i>Cotêllo</i>	<i>Varziella</i>	<i>Paçô</i>	<i>Figueirô</i>
<i>Tojalinho</i>	<i>Granjinha</i>	<i>Seixesêllo</i>	<i>Penella</i>	<i>Cortiçô</i>	<i>Labrujó</i>
<i>Ribeirinho</i>	<i>Antinha</i>	<i>Soutêllo</i>	<i>Quintella</i>	<i>Sequeirô</i> <sup>3</sup>	<i>Sequeirô</i> <sup>7</sup>

<i>Forninhos</i>	<i>Fontainhas</i> <sup>1</sup>	<i>Fornêllos</i>	<i>Covellas</i>	<i>Celleirós</i> <sup>4</sup>	<i>Figueirós</i>
<i>Canavesinhos</i>	<i>Covellinhas</i>	<i>Agrêllos</i>	<i>Varziellas</i>	<i>Sequeirós</i> <sup>5</sup>	<i>Bouçós</i> .

A origem d'esses tres suffixos está no latim: *-inho* em *-inu-*, *-ello* em *-ellu-*, *-ô* em *-olu* <sup>8</sup>.

Umaz vezes os deminutivos denotam que uma povoação tem menor importancia ou extensão que outra do mesmo nome: *Barcellinhos*, menor que *Barcellos*. Outras vezes podem ser já de si deminutivos os objectos ou locaes que deram as denomina-

<sup>1</sup> Deminut. de fontana.

<sup>2</sup> Arc. *Fontanello* (sec. XI) nos *Dipl. et Ch.*, pag. 258, l. 5. Deminutivo de fontanu-.

<sup>3</sup> De *Sequeiro*.

<sup>4</sup> Arc. *Celleiros* (sec. XIII): Cortesão, *Onom.*, s. v.

<sup>5</sup> Cf. arc. *Sequeirolos* (sec. XI) nos *Dipl. et Ch.*, pag. 258, l. 9.

<sup>6</sup> <ecclesiola. Cf. Viterbo, *Elucid.*, s. v.

<sup>7</sup> De *Sequeira*.

<sup>8</sup> A *-ô* me referi nos *Estudos de Philol. Mir.*, I, 90.

ções, por exemplo *Mosteirô* «mosteiro pequeno». O suffixo *-inho*, com as suas flexões, é vivo, isto é, serve ainda hoje para formar qualquer diminutivo. Os suffixos *-ello* e *-ô*, com as respectivas flexões, são mortos, isto é, já não se empregam como taes, existem apenas como restos de usos passados.

A par com os mencionados suffixos, temos também *-ilha* em *Quintanilha* (Bragança, na raia)<sup>1</sup>, e *Alcantarilha* (Silves), em regiões afastadas da área em que mais vernaculamente se desenvolveu a lingua portuguesa. Cfr. hesp. *-illa*<sup>2</sup>.—O suffixo *ô*, pelo contrário, parece ser mais proprio d'essa área; pelo menos é maior o número de vocabulos com *-ô* no Norte e no Centro do reino, do que no Sul.

## V. Saxonia.

Por causa das visitas principescas que actualmente (1907) temos, e estamos ainda para ter, fallam muito agora os nossos jornalistas em *rei de Saxe*. Mas a expressão *Saxe* é erronea, e convém corrigi-la.

Em portugûês classico diz-se *Saxonia*, com o derivado *Saxão*, no plural *Saxões*. O *x* tem aqui o mesmo valor que em *seixo*. Um dos impressores da traducção portuguesa da *Vita Christi*, vinda a lume em 1495, assigna-se *Nicolao de Saxonia*. Na *Prosodia* de Bento Pereira, cuja 1.<sup>a</sup> edição é de 1634 (mas sirvo-me de uma do sec. XVIII), e no *Dicc. Geogr.* de Poyares (1667) não vem de outro modo senão *Saxonia*. Também se lê *Duque de Saxonia* em um documento do sec. XVII (cópia do sec. XVIII), citado por Cardoso de Bettencourt, *Voyage à Lisbonne du prince de Saxe*, Lisboa, 1907, pag. 12. Mesmo na 1.<sup>a</sup> metade do sec. XIX, quando a lingua não estava ainda tão

<sup>1</sup> Cfr. *Estudos de Philol. Mirand.*, II, 49.

<sup>2</sup> No onomástico hespanhol ha também *Quintanilla* e *Alcantarilla*, palavras que não podem separar-se das nossas, comquanto em portugûês exista o suffixo *-ilho* proveniente de *-ī'clū-* (ex. *vencilho*), ao lado de *-elho* < *-īc'lu-* (ex. *vencelho*).

esfarrapada como agora, se encontra frequentemente *Saxonia*, e não *Saxe*, por exemplo: *Almanach para o anno de 1820*, pag. XLVI; *Diario ecclesiastico* (folhinha). .para 1834, pag. 111; *Synchronismos do reinado de D. Maria II* (anonimo), 1848, pag. 16.

Em allemão ha *Sachsen*, nome de uma provincia, de um reino, e de varios outros estados. A *Sachsen* corresponde *Sachse*, nome do habitante, isto é, «Saxão», no plural *Sachsen*. A origem está em *sahs*, que em alto-allemão antigo significa «faca», «espada», d'onde derivou successivamente *Sahso*, *Sahse*, *Sachse*, «o que traz uma espada», designação muito propria de um povo guerreiro<sup>1</sup>. Parente de *sahs*, é o latim *sec-are* «cortar», com *saxum* = *sac-sum* «seixo», *seg-men* «pedaço»<sup>2</sup>. Do allemão, como vizinho do francês, tirou este a palavra *Saxe*, que foi depois macaqueada, como de costume, em Portugal, quando é certo que deviamos seguir a tradição da nossa lingoa, e dizer *Saxonia*, como realmente dizem alguns jornaes. Outros porém persistem no *Saxe*. Se na imprensa periodica houvesse mais respeito da lingoa nacional, seria agora occasião excellente de banir de vez *Saxe*, e substituir esta palavra correctamente por *Saxonia*, visto que tanto anda na baila o respectivo reino.

A palavra germanica foi pelos Romanos interpretada por *Saxo*, no plural *Sáxones*: d'aqui tirou-se *Saxonia*, que passou para o portuguez nesta mesma fórma (só com alteração na pronúncia do *x*), para o hespanhol na fórma *Saxonia-Sajonia*, para o italiano na fórma *Sassónia* e *Sássogna*. O proprio francês usava outr'ora *Saissoigne*; se os jornalistas portuguezes a descortinassem, talvez algum a adoptasse! — O nosso *Saxões* não corresponde ao lat. *Saxōnes*, porque aqui o *o* é breve, e por

<sup>1</sup> Vid. sobre o assunto: Tetzner, *Deutsches Wb.*, Leipzig (s. d.), s. v.; Detter, *Deutsches Wb.*, Leipzig 1897, s. v.; Much, *Deutsche Stammeskunde*, Leipzig 1905, pag. 97.

<sup>2</sup> Walde, *Lat. etymolog. Wb.*, 1906, pag. 557.

isso atono: formou-se de *Saxão* <> Saxo e Saxonia; cfr. *Gascões* <> lat. Váscōnes. O mesmo acontece com algumas outras lingoas románicas: hesp. *Sajón-Sajones*, fr. moderno *Saxon-Saxons*. O italiano tem porém *Sássone*, de *Sássoni*, e o fr. antigo tinha *Saisnes* < Saxōnes. Nuns casos manteve-se a tradição latina, noutras seguiu-se a analogia geral.

A lingoa é um dos elementos da nacionalidade: pugnar pela vernaculidade d'ella, é pugnar pela autonomia d'esta.





## Algo de Dialectologia

Crioulos. — Ceilão. — O ceilonense. — *No País do Sol* (Algarve).

### I. Amostra do indo-português de Ceilão.

Com a expansão colonial dos Portugueses, do sec. xv em diante, a nossa lingua, como se disse a pag. 19-20, foi levada a longes terras, em algumas das quaes constituiu dialectos muito notaveis, chamados «crioulos».

Foi Addison van Name quem primeiro assignalou a importancia scientifica dos crioulos em geral, num artigo escrito em 1869-1870, e publicado em Hartford em 1871, no qual já allude a um crioulo portuguez. Em 1872 o philologo italiano E. Teza tratou do indo-português. Seguidamente Adolfo Coelho e H. Schuchardt occuparam-se do assunto com algum desenvolvimento, mas pararam, sobretudo o primeiro. Depois vieram outros investigadores, e hoje a nossa litteratura philologico-crioula conta bastantes escritos, como póde ver-se na minha *Esquisse d'une Dialectologie*, Paris, 1901, pag. 52 ss., e 71 ss., e nas resenhas que tenho inserido nos *Jhairesberichte* de Vollmöller.

Um dos crioulos mais importantes, pela sua litteratura, é o ceilonense, a respeito do qual ha um bello livro de Monsenhor Sebastião Dalgado, impresso em 1901, *Dialecto indo-português de Ceylão*.

A ilha de Ceilão recebeu o dominio portuguez no sec. xvi. No sec. xvii passou ao dominio hollandês, e por fim ao inglêz. A população de Colombo, sua capital, compõe-se de Singaleses,

Tamis, Moiros, Malaios, Europeus-*descendentes*, e Indios. A este proposito deu-me o sr. Tavares de Mello, de Goa, e que residiu algum tempo em Ceilão, curiosas informações estatísticas que aqui aproveito. Os *descendentes*, que se intitulam *Burghers*, provém de Portugueses e Hollandeses; contam-se em toda a Ilha cêrca de 25:000 almas. A sua lingoa é o crioulo-português. Todos são christãos, e pela mór parte protestantes. Dizem-se descendentes de puro sangue hollandês, mas em geral são filhos de prostituição portuguesa e hollandesa. De vez em quando imprimem obras em crioulo-português, em prosa e verso. Nesse dialecto se prega todos os domingos em uma ou outra igreja protestante, e nelle se faz o serviço religioso. As igrejas catholicas romanas, desde que chegou a missão francesa, perderam o uso do português, ou porque os missionarios não o aprendem, ou porque não ha padres nativos na respectiva classe. Os padres da igreja catholica independente, outr'ora pertencente ao Paddoado português, agora mantida por padres goenses, prégam algumas vezes nessa lingoa. Ha tambem muitas familias pobres, e antigas familias singalesas, que usam o português. Em Colombo o português é fallado por 10 % da população.

Eis algumas adivinhas em crioulo ceilonês, que darão rapida ideia da lingoagem. Foram-me tambem enviadas pelo sr. Tavares de Mello:

Santá né mesa;  
Cortá, partí, tomá ne mã,  
Mas não podê comê.  
— *Baralho de cartas.*

«Senta-se na mesa; corta, distribue e toma na mão, mas não póde comer».

Manhá andá com quatro pê,  
Meo-dia cõ dôs pê,  
Ne tarde cõ tres pê.  
— *O homem (é o conhecido enigma proposto por Édipo á Esphinge).*

«De manhã andá com quatro pés, ao meio-dia com dois pés, de tardo com tres pés».

Vi quilae <sup>1</sup> rei,  
 Já santá quilae lião,  
 Tem cabeça não tem <sup>2</sup> cabello.  
 — Rã.

«Veio como um rei, sentou-se  
 como um lião, tem cabeça  
 sem cabello».

Rico gardá ne bolsa,  
 Pobre botá fóra.  
 — Monco.

«O rico guarda no bolso (no  
 lenço), o pobre bota («deita»)  
 fóra».

Entre os caracteres do crioulo de Ceilão nota-se o poder vir o complemento directo acompanhado da particula *per* (que em certo modo corresponde ao nosso *a*), como em: «pae de un ladrán não condiná *per* sua filho de laderviça» (pae de um ladrão não condena seu filho por furto <sup>3</sup>). O presente, o preterito e o futuro representam-se respectivamente por *tá* (<está), *já*, e *ló* (<logo), por ex.: *tá dá* «dá», *já dá* «deu», *ló dá* «dará». Em *duventi*, *excluido*, *distruvi*, intercalou-se um *v*, como na expressão portuguesa *Santa Vaia* por *Santa Oaia* ou *Olaia*; cfr. também *laderviça*, que cito a cima, e na nota. Numa oração, correspondente á nossa do Anjo Custodio, entra a expressão *varan saran*, que, quanto a mim, significa *varão Cibrão*, como quem dissesse *S. Cypriano*, porque *Cibrão* em português antigo significava «Cypriano», e é ainda hoje appellido, e entra num nome de terra, *S. Cibrão*. Este santo figura em uma das versões do Anjo Custodio, e goza de grande prestigio na litteratura magica do nosso povo <sup>4</sup>.

O estudo dos crioulos tem muita importancia, tanto no que toca á Psychologia da lingoagem, como no que toca á Philologia propriamente dita, porque elles revelam-nos processos notaveis

<sup>1</sup> De *que laia* «que especie». Também em Macau.

<sup>2</sup> *Não tem* = sem.

<sup>3</sup> *laderviça* vem do port. arch. *ladroíça*.

<sup>4</sup> [Cfr. o que escrevi nos *Jharesberichte* de Vollmöller, II, 169-170].

no desenvolvimento da falla humana, e conservam por vezes fórmas obsoletas dos idiomas de que descendem.

## II. Flexão verbal algarvia.

Num livro publicado em 1906 com o titulo de *No País do Sol*, onde se archivam algumas expressões algarvias, vem o verbo popular *poseu* no sentido de « pôs », que o auctor compara inexatamente com o archaico *poseo* que elle encontrou em um documento.

Ora *poseo* soava *pôse-o* (como ainda hoje na Beira etc.), e *pôse* é o latim *posit*, por *posuit*<sup>1</sup>: por isso nada tem com o algarvio *poseu*, que é meramente *pôs* reforçado com a terminação *-eu*; *poseu* está para *poséste* (*puseste*), como, por exemplo (na mente do povo) *deu* para *déste*.

Ha exemplos analogos. Em provençal diz-se *fezii* (por *fis*), que presuppõe o lat. vulg. *fecivi*, com a terminação pleonástica *-vi*. Em Lisboa é corrente dizer-se *hãodem*, *handem*, *hadem*, com duplo plural.

Quem quiser apreciar os phenomenos lingüísticos, tem de os estudar comparativa e historicamente; explicações avulsas e apenas *a ratiõne*, não dão resultados satisfactorios.

---

<sup>1</sup> *Posit* vem, por exemplo, numa inscripção romana da Peninsula Iberica: *Corpus*, II, 2698; Carnoy, *Le latin d'Espagne* [et de Portugal]; Georges, *Lexik. der lat. Wortformen*, s. v.; e supra, pag. 126.

## Auto da Festa

*Auto da Festa, nouamente feito por Gil Vicente*, — publicado e commentado pelo Conde de Sabugosa, Lisboa, 1906.

Conscio de que as conquistas realizadas serenamente pelo espirito na arena da sciencia e da arte não nobilitam menos um pergaminho heraldico do que as façanhas semifabulosas dos matamouros das antigas pelejas,—o sr. Conde de Sabugosa é dos poucos fidalgos de cepa que entre nós actualmente se prêzam de cultivar as lettras.

A tradição já provinda dos Cancioneiros medievaes, em que collaboraram tantos poetas aristocraticos; do *Nobiliario*, a cujas paginas tem ligado o nome o Conde de Barcellos; de D. Francisco de Mello, *fidalgo da Casa delRei D. João 3.º*, de quem Gil Vicente diz «que sabe sciencia avondo»; do 1.º Conde de Vimioso, o *Catão Português* do seculo XVI, e de seu filho D. Manoel de Portugal, amigo e discipulo de Sá de Miranda; de D. Francisco Manoel, uma das mais famosas individualidades nossas do sec. XVII, já pela vida aventureira, já pela malleabilidade do talento; do Conde da Ericeira e do Duque de Lafões, que no sec. XVIII promoveram respectivamente a fundação da Academia de Historia e a das Sciencias; do Morgado de Matheus, que fez em 1817 uma luxuosissima edição d*Os Lusíadas*; do Conde de Villa-Franca, auctor do *Portugal e a alliança inglesa*; do Conde de Ficalho, professor de sciencias naturaes, que ao mesmo tempo se applicou á litteratura amena e á Histo-

ria: essa tradição illustre mantem-na tambem com brilho o sr. Conde de Sabugosa.

Demonstra-o, alem de outros trabalhos, a recente publicação do *Auto da Festa, nouamente feito por Gil Vicente*, que existe na sua rica livraria, e que era desconhecido dos bibliographos.

O sr. Conde reproduz em *fac-simile* o auto, — curioso exemplar de litteratura de cordel, infelizmente sem data, mas que foi impresso no sec. XVI ou começos do XVII. Este *fac-simile* é acompanhado de transcripção mais ou menos fiel, que facilita a leitura, pois que o original contém muitas letras falhas e algumas abreviaturas, e os dialogos não estão tão nitidamente separados como hoje costuma fazer-se. Serve de introdução á obra um estudo que consta de dez capitulos, onde se falla do valor geral das obras de Gil Vicente e das edições d'ellas, se analysa externa e internamente o *Auto da Festa*, e se trata da sua authenticidade e importancia.

Para provar a authenticidade do auto, isto é, a sua attribuição ao fundador do theatro portugûes, baseia-se o sr. Conde não só na análise do estilo, que é semelhante ao das peças que constituem as *Obras* de Gil Vicente, mas no parallelismo que estabelece entre vários trechos d'essas peças e outras do nosso auto. Neste caso a argumentação mais importante está no estilo, que é sempre o mais difficil de reproduzir, pois, suppondo que o *Auto da Festa* não fosse authentico, era natural que o auctor d'elle procurasse imitar ou copiar frases e trechos do modêlo. Todavia acho notavel que neste auto se repetisse quasi *ipsis verbis* grande parte de uma scena do *Templo de Apollo*, como o sr. Conde mostra a pag. 83-87, nota.—O auto está encadernado, com mais vinte obrinhas dos sec. XVI-XVII, algumas d'ellas igualmente raras, em um volume miscellaneo, miudamente descrito no cap. v. Acho muito bem architectado o cap. I, em que o sr. Conde de Sabugosa se apresenta artisticamente, com trechos *ad hoc* tirados de Camões e Gil Vicente, como « a figura que no theatro antigo vinha á bôca da scena declamar o prologo, explicar a acção ».

Exposto assim o plano do importante livro do sr. Conde de Sabugosa, passarei a fazer diversas observações philologicas.

Antes de as fazer, notarei que a alguns exemplares da edição de Hamburgo das *Obras* de Gil Vicente (1834), em 3 volumes, se juntou em 1843 novo rosto e ante-rosto, o que faz que os exemplares pareçam d'outra edição. O ante-rosto diz: *Classicos || Portugueses || Tomo V || Gil Vicente ||*, ao que se segue o n.º de cada um dos volumes; no verso do ante-rosto, em baixo, lê-se: *Pariz—Na officina typographica de Fain e Thunot, || Rua Racine, 28, junto ao Odeon ||*. O rosto só differe do dos exemplares de Hamburgo em ter, em vez de *Hamburgo, na officina typographica de Langhoff, 1834*, o seguinte: *Lisboa || Acha-se tambem em Pariz || na Livraria Europea de Baudry || 3, quai Malaquais, près le pont des Arts || 1843 ||*. Na Bibliotheca Nacional ha um d'estes exemplares, o qual foi adquirido ha poucos dias.—Á lista dos autos de Gil Vicente publicados avulsamente antes e depois da sua morte, lista dada por Barbosa Machado na *Bibl. Lusit.*, e augmentada pelo sr. Conde, no cap. v, com os da sua livraria, addicionarei estes que eu possuo: *Pranto de Maria Parda, 1665; Auto do juiz da Beyra, 1721; Arrenegos* de Gregorio Affonso & Gil Vicente, 1762. Do *Don Duardos*, 1720, que Barbosa cita, tambem possuo na minha modesta bibliotheca particular um exemplar. Tres d'estes exemplares comprei-os ao livreiro lisbonense Pereira da Silva; o outro obtive-o no Alto-Minho.

A pag. 99, v. 1, é possível que *e tendo* seja a boa lição, pois o uso de *e* nem sempre é rigoroso nos textos antigos. Vid. outro ex. no meu *Livro de Esopo*, fab. III.

A pag. 100, v. 6, está bem *perol*; cfr. *mas perol* nas *Obras* de Gil Vicente, I, 135.

Quando o Villão vem em uma demanda pedir conselho á Verdade a respeito do que elle deve fazer para obter bom despacho do juiz que o accusa, a Verdade diz-lhe, pag. 101:

Se tu diante lhe deitas  
 duas duzias de perdizes  
 e outras semelhantes penitas,  
 farás que as varas dereitas  
 se tornem em cousas fritas.

O sr. Conde observa em nota que *penitas*, ou está por *peitas*, ou é deminutivo de *pennas*, no sentido de outras aves analogas ás perdizes. Com quanto Gil Vicente, nas *Obras*, II, 343, se sirva da expressão *ave de pena*<sup>1</sup>, aqui não ha duvida que *penitas* deve lêr-se *peitas*, o que se prova não só pela symetria das rimas das quintilhas antecedentes e subseqüentes (pois as fórmulas *abbab* e *abaab* alternam entre si, devendo pois ser *abaab* a de que se trata), mas tambem pelo verso 3 de pag. 102, onde a Verdade, notando ao Villão que não tem que lhe aconselhar, accrescenta, com visivel allusão ás *peitas* anteriores: « pois que não tens que *peitar* »<sup>2</sup>.—Na mesma quintilha de pag. 101 não acho sentido á expressão *cousas fritas*, embora antes se falle de perdizes que deviam ser cozinhadas. O que ao Villão importava saber era que a *vara de juiz*, a mesma de que Gil Vicente falla em III, 168, se pudesse *torcer*, como em II, 341, e não que as perdizes se *fritassem*, ou cozinhassem. Por isso proponho que em vez de *cousas fritas* se leia *contraditas*, termo juridico que vinha muito a proposito («allegação em contrario», «objecção ao dito ou verdade das testemunhas», como o definem Fonseca & Roquete). Imagino que o manuscrito ou edição que serviu para esta que o sr. Conde reproduz, continha por engano (*lapsus calami* ou «gralha» typographica) *contadritas*, d'onde o typographo ou o revisor facilmente extrahiam *cousasfritas* = *cousas fritas*, por isso que: *u* e *n* alternam constantemente; um *t* sem córte se

<sup>1</sup> O dialogo que aqui cito é em hespanhol, mas para o nosso intento tanto importa.

<sup>2</sup> O *n* de *penitas* póde ter origem em qualquer abreviatura em que entrasse um signal analogo ao til.



tomava por *f* (*s* comprido), usado nesta edição e nas do tempo; a curva do *d*, falhada, correspondia a *s* (*s* curto ou final) e a haste a *f*. Todos os que lidam com manuscritos e edições antigas conhecem alterações semelhantes. Em vista do que fica ponderado, transcrevo assim a quintilha:

Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de perdizes  
e outras semelhantes peitas,  
farás que as varas dereitas <sup>1</sup>  
se tornem em contraditas...

isto é, que em vez de a Justiça proceder com rectidão, venha com réplicas que dão resultado opposto ao que se esperava. A má rima de *perdizes* com *contraditas*, ou rima toante, é a mesma que se estivesse *fritas*. Outros exemplos de rimas toantes no nosso auto são: *nemigalha-valha-demanda*, pag. 101; *ventura-rua*, pag. 108; *mate-farte*, pag. 115; *porcos-cachopos-biocos*, pag. 115; *esfolem-come*, pag. 116; *desgosto-tosco-comvosco*, pag. 123; e ha muitos mais.

A pag. 107 não vejo motivo para a supressão do *me* de *dadme*.

A pag. 108 *ou de la gente honrada!* deve entender-se *oudelá, gente honrada!*, onde *oudelá* vale por «oulá» (archaico), isto é «òlá».

Pag. 111, nota: *quiçá* não póde explicar-se por *qui sapit*, pois *s* não daria *ç* em português, nem o *z* ou *ç* do hespanhol *quizá, quiçá*; tem de se admitir *quid sapit*, onde *ds* davam regularmente esses sons, como em *Gonçalo* e *Gonzalo*, de Gund'salvus.

A pag. 112 creio que o v. 14 deve mudar-se em *Quereis o*

---

<sup>1</sup> *dereitas*. Assim se lê no original (e não *direitas*, como se reproduz a pag. 101). É fórma antiga.

*ruim conhecer*; senão fica o *dizer* do v. 12 sem rima. Por motivo analogo parece que a pag. 128 o v. 14 deve mudar-se em *Vedes-me onde estou aqui*, porque *estou* não tem rima, e assim rima *aqui* com os outros versos que tem *i*. Nos vv. castelhanos de pag. 112 ha um, o 7.º, sem rima; faltará um verso?

Com a expressão de pag. 116 *cada sempre* cfr. a provençal *pauc cada pauc* « pouco a pouco », e a ainda hoje usual nos titulos de venda: *para todo o sempre*, onde o adverbio é tambem substantivado.

A pag. 117, o v. 16 termina em *cubra*, que não rima com *sombra* nem com *senhora* nos vv. 18 e 20. Supponho que deverá ser *cobra*, fôrma verbal, que não conheço, mas que é admissivel na lingoagem popular.

A pag. 123, v. 16, está bem *não haja*, que significa « escusa de haver », « é inutil haver ».

\*

Espero que o sr. Conde de Sabugosa veja nisto que digo a prova de que o li com todo o prazer, e que, correspondendo de certo modo á amabilidade que para comigo teve de me citar várias vezes, procurei contribuir com uns nonadas para a constituição definitiva do texto do auto, ao mesmo tempo que tornei conhecedores de um util e apreciavel livro os meus ouvintes da aula de Philologia.

V

(ANNO LECTIVO DE 1907-1908)



## Erros de linguagem no uso quofidiano

Considerações geraes.— Erros de Grammatica (pronúncia, orthographia, morphologia, syntaxe). — Erros lexicologicos, pela mór parte gallicismos.

Antes de entrar propriamente no assunto, permittam-se-me umas breves observações.

Pela rotura do tratado do anno de 226 antes de Christo, que determinava que o Ebro fosse o limite da esphera de acção de Romanos e Carthagineses na Iberia, ficando comtudo independente a cidade de Sagunto, os Romanos invadiram a Peninsula. É em 193 antes de Christo, que os Lusitanos do Sul apparecem em luta com os Romanos. Seguidamente estes conquistam a Lusitania, começando do Sul (Algarve) para o Norte. No anno de 25 antes de Christo estava já conquistada toda a faixa occidental da Iberia <sup>1</sup>.

Teſtemunhos da civilização romana entre nós: em *Bracara*, um templo fontanario e inscripções latinas; em *Conimbriga* (Condeixa), muralhas, mosaicos e esculpturas; em *Collippo* (Leiria), tambem mosaicos, um d'elles conservado no Museu Ethnologico por dadiwa do sr. Luis Gaspar Portella, de Marrazes, outro levado para fóra de Portugal; em *Scallabis* (Santarem), esculpturas e inscripções; em *Olisippo*, noticia de um theatro e de duas thermas; em *Ebora*, um bello templo, que é um dos

---

<sup>1</sup> [Vid. *Religiões da Lusitania*, III, 100 ss.].

monumentos mais notáveis da Península naquella epoca, um arco, e numerosos objectos no Museu Eborense; em *Pax Iulia* (Beja), outro arco, e alem d'isso capiteis, ceramica, inscripções no Museu Municipal; em *Ossonoba* (Faro), umas notáveis thermas que o vandalismo dos visitantes vae porém destruindo; em *Balsa* (Tavira), esculpturas, lapides epigraphicas, ceramica, vidros e bronzes. Com as cidades coexistiam muitas *villas* ou quintas, cujos nomes ainda hoje perduram em parte, e *vici* ou aldeias, um dos mais notáveis dos quaes era o da mina de Aljustrel (*metallum Vipascense*). Uma rede de estradas ou *viae militares* ligava entre si várias povoações: o *Itinerario* de Antonino diz-nos que partiam duas do Algarve, quatro de Olisippo, quatro de Bracara; mas devia haver outras. A civilização lusitano-romana attinge o maximo esplendor no sec. II da era christã <sup>1</sup>.

Em consequencia da propagação da civilização romana, implanta-se o latim, que faz desapparecer os fallares locaes. Temos provas da existencia dos fallares pre-latinos da Iberia até meados d'aquelle seculo <sup>2</sup>.

Nas duas margens do rio Minho desenvolveram-se do latim vulgar, nos primeiros seculos da era christã, o portuguez e o gallego, a principio quasi iguaes, mas com o tempo discordantes um pouco um do outro. Por causa do dominio arabigo no Sul até meados do sec. XIII (D. Affonso III), não possuímos d'essa região senão tarde documentos escritos. No sec. VIII apparecem os Arabes ao Norte do Douro, mas foram expulsos em meados do mesmo seculo por Affonso I das Asturias <sup>3</sup>; nos sec. X-XI temos Arabes na Beira, mas os seus vestigios apagam-se com a reconquista, levada a effeito por Fernando I, o Magno, de Castella e

<sup>1</sup> [Vid. *Religiões da Lusitania*, III, 164 ss.].

<sup>2</sup> Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 89-90.

<sup>3</sup> A. Sampaio, *As «villas» do N. de Portugal*, Porto, 1903, pag. 8. Cf. Herculano, *Hist. de Port.*, I (5.<sup>a</sup> ed.), 129.

Lião (sec. XI)<sup>1</sup>. Ainda assim, durou uns tres seculos no Norte e Centro do reino a luta com os Arabes, embora intermeadamente. Seguem-se as conquistas de D. Affonso Henriques, e seus descendentes, no Sul (sec. XII-XIII). Os nossos mais antigos documentos escritos são pois do Norte, e datam do sec. IX: em latim barbaro.

É ao sec. XII que pertencem os primeiros documentos propriamente portuguezes. Do sec. XII ao XIV floresce a litteratura poetica provençalesca; o seu principal representante é el-rei D. Denis<sup>2</sup>. A influencia da lingua provençal na dos nossos poetas não foi grande, e como foi litteraria, não se reflectiu no uso geral. No sec. XIV fizeram-se numerosas traducções e compilações do latim; existem ainda hoje, como já sabemos<sup>3</sup>, muitos dos respectivos manuscritos na Bibliotheca Nacional e na Torre do Tombo. Traducções do francês e do hespanhol são a *Demanda do Santo Graall* e a *Estoria Geral*. Todas estas e outras semelhantes traducções influiram na lingua portuguesa, principalmente no vocabulario.

Os nossos auctores dos seculos XV e XVI sabiam hespanhol, italiano e latim; eram as respectivas litteraturas o que sobre tudo lhes alimentava o espirito. O francês então cultivava-se pouco. Ora a influencia exercida no nosso idioma por aquelles não foi nefasta, como foi depois a do francês, do sec. XVII em diante, quando elle começou verdadeiramente a dominar. O francês, de facto, distanciava-se mais do portuguez do que o hespanhol e o italiano; o latim era lingua-mãe. Em 1679 publicou-se a *Arte da lingua francesa* de Joam da Costa, que é de certo uma das primeiras destinadas ao ensino do francês entre nós.

---

<sup>1</sup> A. Sampaio, *As «villas»*, pag. 8. — Fernando o Magno, em meados do sec. XI, toma Lamego, Viseu, S. Martinho de Moures, Travanca, Coimbra: vid. *Chronica Gothorum*, nos PMH, pag. 9-10.

<sup>2</sup> Vid. supra, pag. 107 ss.

<sup>3</sup> Vid. supra, pag. 17-18, e 133-134.

No sec. XVIII a acção franceza attinge grandes proporções. Traduzia-se muito, e nem sempre com primor: romances, poemas, obras de theatro, livros scientificos. Nos *Elementos de cirurgia* do Doutor Sue o Moço, vertidos por Manoel da Cunha, lê-se por exemplo o seguinte, t. II, Lisboa, 1790: *hum mesma enfermidade presenta muitas indicações a encher* (pag. 4); *em hum membro aonde a gangrena tem chegado*<sup>1</sup> *ao seu ultimo periodo, a indicação he de amputar* (ibidem); *se o enfermo . . he . . de hum bom temperamento* (ib.); *os meios que se applicam . . são no numero de tres* (pag. 5); *que elle não deixe jamais fazer uso de hum remedio, que depois delle se lhe sigam mais accidentes, que lhe resulte de proveito* (pag. 6); *o accidente o mais urgente* (ibid.).

Em vão combateram contra os gallicismos os nossos puristas Freire, Cardial Saraiva, e Filinto.

Na verdade uma lingua não póde ficar estacionaria de seculo para seculo, e tem de reflectir os accidentes sociaes, os progressos do espirito, as mudanças dos habitos, os cruzamentos ethnicos; mas ha sempre uma norma que todos precisam de acatar: é o que os antigos chamavam *genio idiomatico*.

Principalmente do sec. XIX para cá, esta norma, este *genio*, pelo que toca a Portugal, vae-se apagando cada vez mais, e assiste-se, por assim dizer, ao desmoronamento da lingua, o que é devido ás seguintes causas:

1) Frouxa ou nenhuma leitura dos nossos livros classicos, já porque em parte ella é aborrecida, já porque, pelo feito indolente dos Portugueses<sup>2</sup>, *ninguem está para a maçada* de ler velharias, já pelos cuidados da agitada vida moderna, que raro tempo deixam livre. A isto accresce a deficiencia do ensino escolar: habilitação incompleta do professorado; maus livros;

<sup>1</sup> No texto, por erro typographico, *chagado*.

<sup>2</sup> Esta indolencia synthetiza-se vulgarmente na frase: *não te vales*.



falta de exercicios. Permanece sòmente na memoria a fraseologia e o vocabulario quotidianos.

2) Desconhecimento, cada vez maior, do latim. Altera-se a significação dos vocabulos portuguezes, erra-se a pronúncia, a orthographia, os generos, a syntaxe.

3) Influencia da litteratura franceza, em virtude das nossas relações cada vez mais intensas com a França. Compendios de aulas, livros de sciencia, romances, — tudo o que lemos, é em francês. Pela falta de vocabulario e fraseado classicos na memoria, pela má aprendizagem d'aquelle idioma, e pela preguiça de procurar no dictionario a expressão portuguesa que corresponde á franceza que se quer traduzir, traslada-se o puro francês, o que é exacerbado de mais a mais pelo gôsto que todos tem da novidade, e pela presunção de empregar locuções estranhas. — Se é certo que devemos muito á França, no que toca ás sciencias, ás lettras, ás artes, e a outros elementos da civilização, não é menos certo que temos no idioma francês o maior inimigo do nosso.

4) Falta de sentimento patriotico. Parece que todos porfiam em se desnacionalizarem!

Depois uns effeitos tornam-se por sua vez causas. Assim, os jornalistas e os commerciantes escrevem e fallam errado, e propagam vertiginosamente os erros.

Quantos são os individuos que, ao principiarem a escrever para público, se preparam estudando umas regras de syntaxe, mettendo na cabeça um catalogo de gallicismos, para que os possam evitar <sup>1</sup>, meditando em uma página de Arráis, Vieira, Bernardes, Fr. Luis de Sousa, D. Francisco Manoel, ou propondo dúvidas a quem estiver no caso de lh'as dissipar? Muito poucos! E todavia o mais elementar criterio aconselha esse trabalho preliminar.

---

<sup>1</sup> Aos que escrevem, seria util o estudo do *Glossario das palavras e frases da ling. franceza que se tem introduzido na locução portug. moderna* de D. Fr. Francisco de S. Luis, Lisboa, 1827.

Sem ser meu intento desenvolver o assunto, ou atalhar o mal pela raiz, vou comtudo enumerar alguns dos erros mais communs do fallar quotidiano. Ao menos haverá uma ou outra pessoa que preste attenção ao que digo, e a quem isso sirva de cautela para de futuro.

Afim de melhor especificar os êrros, formarei categorias d'elles: erros de grammatica e de vocabulario. Na grammatica perlustrarei os tres campos: phonologia, morphologia, e syntaxe.

Erros prosodicos ou de pronúncia:

antanacláse (figura de Rhetorica) em vez de *antanáclase*.

Vem do lat. antanaclāsis, gr. ἀντανάκλασις.

aulíco em vez de *áulico*. Vem do lat. aulīcus.

chrysanthêmo em vez de *chrysântemo*. Vem do latim chrysantēmum, gr. χρυσάνθεμον.

especíme ou *especímen* em vez de *espécime* ou *espécimen*.

Vem do lat. specīmen. Podemos dizer sem *-n*, do mesmo modo que dizemos *carme* (de *carmen*).—

O êrro resulta talvez de influencia da palavra *regímen*—*regíme* (tambem errada na pronúncia, pois vem do lat. regīmen).

hippodrómo em vez de *hippódromo*. Vem do latim hippodrōmus, gr. ἵππῶδρομος.

hótel em vez de *hotél*. Vem do fr. hôtel=arc. hostel.

—A proposito direi que esta palavra não era muito necessaria, pois já tinhamos: *albergue*, *estalagem*, *estao* (e *hostao*), *hospedaria*, *pousada*. Deu-se-lhe acceitação, mais pelo sentimento da aristocracia lingüistica de que fallei a pag. 205-207, do que por outra causa, pois se *estalagem* não deixa entrever o apregoado «confôrto moderno» das guias de viagem, se *estao* é archaico, se *albergue* se applica sobre tudo a casas de caridade, e *pousada* tem significações especiaes, de que já vou fallar, *hospedaria* servia optimamente. Os Italianos, a par de *hótel*,

não engeitam o familiar *albergo*, com quanto aquelle vocabulo sirva de titulo geralmente a hospedarias de primeira ordem. *Pousada*, alem das suas acepções antigas, já notadas por Viterbo e Moraes, denota no Alentejo (Evora) a casa reservada que os lavradores, que vivem no campo, tem nas villas ou na cidade, na qual descansam ou dormem, quando alli vão em negocios. O vocabulo apparece com frequência como nome geographico, o que testemunha usos d'outr'ora. Em hespanhol moderno *posada* significa «estalagem». Na origem *pousada* exprime e acção do verbo *pousar*, como *acolhida*, *entrada*, *sahida*, a respeito de *acolher*, *entrar*, *sahir*: «perguntou-lhes onde determinavaõ fazer a *seguinte pousada*» (i. é: pousar no dia seguinte)<sup>1</sup>. Em *dar pousada ao peregrino* («dar acolhimento») o vocabulo *pousada* póde ainda entender-se como abstracto; mas com *vou para a pousada* elle é já concreto. Do mesmo modo *subida* em *aquella subida* = «aquella encosta» é tambem concreto.

pensíl em vez de *pénsil*, plural classico *pénsiles*. Vem do lat. *pensilis*.

púdico em vez de *puídico*. Vem do lat. *puídicus*. — Cfr. o soneto canoniano n.º 88 da ed. de Hamburgo:

Ornadas de *puídica* continencia,  
Obra, por certo, da celeste altura...

textíl em vez de *téxtil* (plural *téxteis*). Vem do latim *textilis*.

Na lingua corrente existem muitas palavras que, em virtude da sua origem, andam erroneamente pronunciadas, como *oceáno*,

<sup>1</sup> Bernardes, *Nova Floresta*, II (1759), 33.

do lat. *oceānus*, e *reptil*, do lat. *reptīlis*; é porém impossível hoje pronunciá-las de outro modo, porque já se aclimaram. Em todo o caso Moraes accentua *réptil*, e cita *Océano*, a par de *Oceáno*, como usado em poesia. — Acerca de *regimen* vid. supra, pag. 368.

\*

Erros orthographicos. Na orthographia temos de considerar duas especies de factos: 1) uns, que dependem da maneira de encarar as cousas, por ex.: *archaico*, *systema*, *rhythmo*, *apparecer*, *gallo*, *phrase*, em attenção á etymologia, embora taes palavras soem *archaico*, *sistema*, *ritmo*, *aparecer*, *galo*, *frase*, — e nesse modo de escrever não ha propriamente motivo de censura; 2) outros, que são erros, — e de varios d'entre elles vou fallar de relance:

anciar, e palavras da mesma familia, como *anciedade*, *ancioso*, *ancia*, *anceio*. Tudo deve escrever-se com *s*, i. é, *ansiar*, *ansioso*, etc., porque em latim é *anxiosus*, onde *x* vale por *cs*, que se tornaram *s*.

-ct- por -it-, por ex. *fructo* e *lucta*, em vez de *fruto*, *luta*. Em verdade em latim é *fructus* e *lucta*, mas em português archaico dizia-se *fruito* e *luita*, onde o *c* está representado por *i*. Depois a pronúncia simplifcou *ui* em *u*, como em *cutello* de *cuitello*, *chuva* de *chuiva*. Ora escrever *fructo* e *lucta* é unir o latim com o português moderno, dando um salto sobre o português antigo! E está-se em contradicção com outras palavras, como *truta*, *enxuto*, que ninguem escreve com *ct*, apesar de os etymos latinos o terem. Os que escrevem *fructo* e *lucta* por causa do latim, poderiam tambem escrever *epse*, porque em latim é *ipse*!

egreja por *igreja*. A fórmula archaica é *eigreja*: vid. supra, pag. 275-276; quem pois escreve *egreja*, passa em

claro alguns seculos de historia, aquelles durante os quaes se dizia *eigreja*.

-eiá- por -eá-. Embora se diga e escreva *areia, ceia, ideia, passeio*, é erro escrever-se *areial, ceiar*, etc.; deve escrever-se *areal, cear, ideal, passear*, porque estas palavras não só se pronunciam com *i (e)*, mas não vem propriamente das de cima, como parece. Em portuguez antigo dizia-se, por exemplo, *cea*, do lat. *cena*, e *cear*, do lat. *cenare*: depois *cea* tornou-se *ceia*, visto que o digrapho *ea*, quando o *e* é tonico, deu *eia*; e *cear* tornou-se *ciar* (cear), visto que o digrapho *ea*, quando o *e* é atono, deu *iá* (eá).— Cfr. supra, pag. 169-170.

im- (in-) por em- (en-) em *ingenho, intender*, etc., como alguns escrevem, idos na esteira de Garrett, que assim escreveu, por exemplo, no *Parnaso Lusitano*. As fórmulas antigas são *engenho, entender*, etc. Todavia é difficil, em certos casos, ir de encontro ao uso, porque tambem os antigos escreviam, consoante a pronúncia, *emperador, enteresse, inteiro, entençom*, que hoje custaria notar com *i-*.

licção por *lição*. Erro crasso, porque de *lectione* veio \**leicom*, que foi tido por substantivo verbal do arch. *leer*, e em virtude d'isso pronunciado como trisyllabo (*le-i-çom*); e depois \**leicom* deu \**liçom, liçom*, e *lição*. Logo no *i* de *lição* está fundido o *c* do latim, e não deve pois repetir-se.

A par com estes e analogos erros, que são, por assim dizer, latino-pedantescos, ha-os verdadeiramente grosseiros, como:

lyrio em vez de *lirio*. Os que assim escrevem supõem *lirio* aparentado com *lyra*. Mas *lirio* vem do lat. *lirion* = gr. *λίριον*, e não tem pois *y*.

sachristão em vez de *sacristão*. O *h* provém de se cuidar erradamente que a palavra se relaciona com *christão*; nada tem com ella, vem do lat. \**sacristanus*,

derivado do baixo-latim *sacrista* (Ducange), como *scribanus* de *scriba*.—A proposito direi que de *sacristão* se faz vulgarmente *sancristão*: o povo vai mais longe que os cultos, ou semi-cultos, e correlaciona o vocabulo com *san(to)*, como que explicando-o por este. Eis aqui um caso de etymologia popular. Na mesma categoria entram as palavras populares: *Santanás* por *Satanás*, *sanselimão* por *signo de Salomão*, onde tambem se introduziu a ideia de *san(to)*. Com *sanselimão* concorre *cinco-saimão* < *sino-saimão*, em que se manifesta a ideia de *cinco*, por causa das cinco pontas ou angulos da respectiva figura magica (pentagramma), tão querida do nosso povo.

Existem outras palavras em que o *h* apparece indevidamente: *cathegoria*, por *categoria*, do gr. *κατηγορία*; *Themudo*, por *Temudo*, que não é mais que o participio archaico de *temer* (cfr. pag. 188); *Thomar*, por *Tomar*, como se escrevia d'antes (o *h* não tem justificação); *hontem*, por *ontem*, porque as fórmulas archaicas são *ooytem*, *oõtē*, *oõtem*, do lat. *ad nocte(m)*, como mostrou Cornu na *Romania*, xi, 91, citando tambem o hesp. *anoche* «ontem á noite», e o suiço roman. *anê* «a noite passada», ao que eu juntarei o fr. ant. *anuit* «esta noite».

Palavras que ora se escrevem com *s* e *-s-*, ora com *ç* e *z*. Até o sec. xvi a pronúncia geral distinguia *s* de *ç*, e *s* intervocalico (*-s-*) de *z*. Esta distincção mantém-se ainda em varias localidades da Beira e das raias transmontana e minhota. É por isso que umas palavras se escrevem com *s*, outras com *ç*, e respectivamente com *s* intervocalico ou com *z*; ainda que hoje em Lisboa não haja differença na pronúncia de *paço* e *passo*, e na de *coser* e *cozer*, antigamente havia-a, e ha-a hoje mesmo nas citadas regiões <sup>1</sup>. Quanto á orthographia actual, considerarei varios casos:

<sup>1</sup> Cfr.: *Estudos de Philologia Mirandesa*, i, 34; *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 114-115. E vid. supra, pag. 178.

1) Erros devidos a convenção: *-ez* por *-es* em *inguez*, *portuguez*, etc. A convenção é erronea, por isso que o etymo d'aquelle suffixo é o lat. *-ense-*. Outra convenção é substituir *s* inicial por *ç*, em certas palavras, mas devia escrever-se *çapato*, *çarça*, *çumo*, *çafira*, e não *sapato*, *sarça*, *sumo*, *safira*, porque assim o pede a historia d'estas palavras.

2) Erros inveterados e geraes, que mal podem emendar-se por serem em nomes proprios: *Sinfães*, que devia escrever-se *Cinfães*<sup>1</sup>, *Cea*, *Çâtão*, e *Cezimbra*, que deviam escrever-se *Séa* ou *Seia*<sup>2</sup>, *Çûtão*<sup>3</sup>, e *Sesimbra*<sup>4</sup>; *Cintra*, que devia escrever-se *Sintra*, como mostrei nas *Religiões da Lusitania*, vol. II, pag. 217.

3) Erros que podiam facilmente evitar-se: *puz* por *pus*, do lat. *posui*; *quiz* por *quis*, do lat. *quaesii*; *mez* por *mês*, do lat. *mense-*; *sentinella* em vez de *centinella* (ha por ex. um livro de 1710 intitulado *Centinella contra Judeos*), porque a palavra veio do francês *sentinelle*, e *s* tem ahi o valor do nosso

<sup>1</sup> Ainda no sec. XV: vid. *Archivo Hist. Port.*, IV, 53 (*Cynfaees*; falta o til). Em textos anteriores: *Cynfanee*, sec. XI: vid. *Dipl. et Ch.*, pag. 304. Esta palavra deve ser na origem um nome germanico, em genetivo.

<sup>2</sup> Nos sec. XI e XII *Sena*: vid. *Dipl. et Ch.*, pag. 156; *Leges et Cons.*, pag. 370. A evolução foi pois: *Scna* > *Sēa* > *Sea* > *Seia* = *Ceia*.

<sup>3</sup> Em docc. ant. *Zaatam*: J. P. Ribeiro, *Reflex. Hist.*, I, 91. Aqui *Z* vale por *Ç*.

<sup>4</sup> No sec. XIII *Sisimbria*: vid. *Leg. et Cons.*, I, 515 (repetidamente). Já no sec. XVI, porém, com *C-* ou *Ç-*: no *Archivo Hist. Port.*, IV, 355, *Çezimbra*; nos *Lusiadas*, III, 65, *Cezimbra* ou *Cizimbra*. — A origem d'esta palavra está, quanto a mim, no greco-lat. *sisymbrium*, que Cardoso traduz por «enxadrea» (herva), e B. Pereira assim, e tambem por «agroens», «mentrasto», e «masturços de agua». A par de *sisymbrium* ha *sisymbria* (*sisinbria*) como *plurale tantum* (vid. Georges, *Lat. Wortf.*), que se tornou sing. feminino (cfr. supra, pag. 209), e explica perfeitamente a nossa palavra, por *Umlaut* (pag. 52, 92): cfr. arc. *alvidro* < *arbitrium*, *vidro* < *vitreu-*, *vendima* (ou *viudima*) < *vindemia*. — Em francês ha *sisymbre*, e num dialecto ital. *susémbro* (Salvioni, *Postille*, 1897, pag. 20).

*c* ao pé de *e*; *setim* em vez de *cetim*<sup>1</sup>; *socegar* em vez de *sos-segar*, porque a forma antiga é *sessegar*, que vem de *sessicare*, como a sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis demonstrou<sup>2</sup>; *assucar* em vez de *açucar* (orthographia antiga, e pronúncia trasmontana); *Brazil* em vez de *Brasil*<sup>3</sup>; verbos em *-isar*, por *-izar*, como *modernisar*, *utilisar* (e os derivados *modernisação* etc.), pois a origem está no lat. *-izare*, que corresponde ao gr. -ζειν.

Varios modos de escrever errados: *n'um*, *n'este* etc., em vez de *num*, *neste* (o apostropho é inutil, por isso que nada aqui se suprime)<sup>4</sup>; *vel-o*, *amal-a* etc., em vez de *vê-lo*, *amá-la* (conservação do pronome archaico *lo*, *la*)<sup>5</sup>; *empreza* e *defeza*, em vez de *empresa* e *defesa*, visto que vem do lat. *-ensa*.

Julgo pouco conforme com a etymologia escrever *veiu* em vez de *veio*, porque temos aqui um preterito forte em *-o* (arc. *vêo*, hesp. arc. *vieno*)<sup>6</sup>; comtudo o povo diz no Minho *bêu* (a par de *bêo* ou *bêu*).

A nossa orthographia anda muito embrulhada, e torna-se necessario regularizá-la, conformando a prática geral com os principios historicos.

<sup>1</sup> No sec. XVI: *cetim de Bruges* (vid. *Archivo Hist. Port.*, IV, 75).

<sup>2</sup> *Studien zur hispan. Worldeutung*, pag. 155-156: \*sub-sessicare, de *sessum* (*sedere*), com o suffixo *-icare*. Cf. *madrugar* < *maturicare* (*maturus*), *cavalgar* < *caballicare* (*caballus*), *outorgar* < \**auctoricare* (*auctor*).

<sup>3</sup> Fallando do nome de *Santa Cruz*, dado por Pedro Alvares Cabral em dia da festa de Santa Cruz, 3 de Mayo, á terra que hoje se chama *Brasil*, diz Pero de Magalhães de Gandavo, *Historia da Provincia Sancta Cruz*, LX.<sup>a</sup>, 1576, fl. 7, r. e v.: « Por onde nam parece razão, que lhe neguemos este » nome, nem que nos esqueçamos delle tam indiuidamente por outro que lhe » deu o vulgo mal considerado, depois que o pao da tinta começou de vir a » este Reino. Ao qual chamaram *brasil*, por ser vermelho & ter semelhança » de brasa, & daqui ficou a terra com este nome *Brasil* ».

<sup>4</sup> Vid. o meu opusculo *As « Lições de Língua »*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 58 s.

<sup>5</sup> Vid. o opusculo citado na nota antecedente, pag. 59 ss.

<sup>6</sup> É um dos poucos exemplos de preteritos fortes em *-o*, que ha em português. Corrijo assim o que disse nos *Est. de Philol. Mirandesa*, I, 393.



\*

Dos erros prosodicos e orthographicos passarei aos morpho-  
logicos.

Erros na formação do plural dos nomes:

alcools e ethërs em vez de *alcooes* e *etheres*. É preciso ser absolutamente surdo, para pronunciar *alcools*; nem ao menos o ouvido ajuda a dizer bem!

seniors (termo de *sport*) em vez de *seniôres*, por isso que é palavra latina, cujo plural se fórma assim; cfr. *carácter-caractères*, porque em lat. é *character-characterēs*<sup>1</sup>.

sorors em vez de *sorôres*, já assim mesmo em latim. Cfr. Gonçalves Viana, *Apostillas*, II, 440.—Creio que no tempo dos conventos se dizia usualmente *sorôr* (por *sóror*), como tratamento freiratico.

textis em vez de *téxteis*, porque o singular é *téxtil* (vid. supra, pag. 369).

É ridiculo: *uma calça* (lingoagem de alfaiate) por *umas calças*. Ha certas palavras que, por corresponderem a objectos constituídos por duas partes symetricas, se enunciam no plural, como alem de *calças*, tambem *alforges*, *bragas*, *olhos*; são uma especie de dual. O povo diz pelo mesmo principio: *tesoiras*.

Erros nos generos:

o chólera (doença) em vez de *a cholera* ou *a cólera*. A palavra *cholera* (doença) é a mesma que *colera* (sentimento), e por tanto deve ser feminina: greco-lat. *χολέρα*-*cholēra*. Os medicos (e com elles o vulgo) dizem<sup>2</sup> *o chólera*, porque imitam o francês

<sup>1</sup> Já Gonçalves Viana, *Apostillas*, II, 415, verbera o *seniors*.

<sup>2</sup> Aquelles que dizem! Porque ainda ha medicos classicos que fallam bem!

*le choléra*, onde a palavra é masculina, por ter entrado na linguagem corrente, onde são geralmente masculinos os nomes em *-a*: *un opéra, le phylloxéra, le mica, le coca* (a par de *la coca*). Mas se, pelo contrário, os nossos nomes em *-a* são em regra femininos, e nessa categoria entra *colera*, claro está que devemos sempre dizer *a cholera*, e não no masculino. Aos que dizem que é necessario distinguir *cholera* (doença) de *colera* (sentimento) objectarei que, segundo esse principio, teriamos até de inventar generos para distinguirmos palavras como *cabo* e *ponto*, que tem numerosas accepções! <sup>1</sup>.

o *facies* em vez de *a facies*. Tambem esta expressão pertence á linguagem dos medicos: *o facies de um doente*. Mas tão erroneo e absurdo é *o facies* como *o cholera*. Se *cholera* em latim é feminino, *facies* é-o igualmente, e deve pois dizer-se *a facies*. Porque é que ha-de dizer-se no masculino? Só porque os Franceses dizem *le facies*? Em francês a palavra é masculina, por uma regra propria d'esse idioma. Em portugûes é feminina, porque assim o é em latim, d'onde ostensivamente a tomámos, e porque não ha motivo para a masculinizarmos. A par de *facies*, que é pura palavra latina, temos na nossa lingua *face*, a que todos dão o feminino.

Com *esse, aquella*, etc. concorrem *ess'outro, aquell'outro*, fórmãs compostas que realçam a ideia contida nas fórmãs simples <sup>2</sup>. Os antigos escreviam *essoutro*, e essa fórmula foi outr'ora tão popular, que no Alentejo se diz ainda *sôtro dia* = *essoutro dia*, e em mirandês e no fallar popular do Alto-Minho é corrente

<sup>1</sup> Já tratei d'este assunto em 1886 na *Saude Pública* (Porto), 1.º anno, n.º 42.

<sup>2</sup> Cf. supra, pag. 58.

*sôutro* a par de *ôutro*; num e noutro caso cahiu o *e* iuicial, como em *bispo*, de *episcopus*. Hoje na lingua culta diz-se e escreve-se geralmente *esses outros*, *aquelles outros*, mas o classico é *ess'outros*, *est'outros*, *aquell'outros*, e assim por diante. Bernardes tem: «fazendo que .. *estoutros* ficassem melhor opinados»<sup>1</sup>. A um aldeão de Macedo de Cavalleiros, sem instrucção, ouvi ha pouco em flagrante: «queima-se ãa *d'aquell'outras*». O povo da provincia falla ás vezes melhor que os litteratos, porque não lê jornaes, nem sabe francês, e conserva os modismos tradicionaes e naturaes da nossa falla.

Pior porém mil vezes do que *aquelles outros* é empregar *cada* desacompanhado de nome ou pronome. É vulgar, quando se vae a uma loja de venda, ouvir: «é a vintem *cada*» em vez de *cada coisa*, *cada uma*. Tambem nos mostradores se vê a cada passo: «100 rs. *cada*» ou «*cada* 100 rs.» (ao repente parece que *cada* concorda com 100!) Lojistas e caixeiros corrompem assim inconscientemente a lingua<sup>2</sup>. O pronome *cada* é proclítico, não deve empregar-se avulso<sup>3</sup>.

Erros na ligação do pronome com o verbo: *dão-o* por «dão-no», *chamam-os* por «chamam-nos», *amam-a* por «amam-na». Quem tal diz e escreve, desconhece que *no*, *nos*, *na* são fórmias archaicas dos pronomes, modificadas e mantidas por acção da nasal antecedente.

Outros erros: *porei-o*, *chamarei-a*, por *pô-lo-hei*, *chama-la-hei*; todavia aquellas fórmias usaram-se na lingua archaica. Não deixa tambem de se ouvir *deti-me*, *entreti-me*, por *detive-me*, *entretive-me*. Da gente de Lisboa, mesmo da que põe gravata (mas que não estuda!), é *hãodem d'ir*, *hadem fazer*, em lugar

<sup>1</sup> *Nova Floresta*, II (1759), 33.

<sup>2</sup> A origem d'este uso está em dizerem tambem os Franceses familiarmente (e mal!) *chaque* por *chacun* e *chacune*. Todos imitam sempre o que é mau!

<sup>3</sup> Cf. já Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 68, observação.

de *hãode*. Não deve escrever-se *vêem* e *têem* por *vem* e *tem* (plural); são erros da mesma categoria do de *hãodem*<sup>1</sup>. Melhor seria dizer também *dem* por *dêem*, e *vem* por *vêem*; mas as fórmulas com os digraphos já ganharam raizes<sup>2</sup>.

\*

Vejamos alguns exemplos de palavras e denominações mal formadas.

a) Suffixo *-eria* em vez de *-aria*.

Um letreiro de uma loja em Lisboa contém o seguinte: «*Alfayateria*, camisaria, luvaria, perfumaria». Porque é que no primeiro caso temos *-eria*, e no outro *-aria*? Não ha lógica nenhuma.

Analogamente ao primeiro modo de escrever, encontra-se a

<sup>1</sup> De facto o latim *tenent deū tēe* na lingua archaica, mas depois o digrapho *ēe* simplificou-se em *-ē* (= *-em*); igualmente de \**venent* (por *veniunt*) sahiu *vēe*, e *vē* (= *vem*). Já no sec. XVI o pl. *vem* e *tem* se contavam como monosyllabos:

Pelas praias vestidos os soldados  
De varias côres *vem*, e varias artes. — *Lus.* IV, 85.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,  
Que *tem* por mestra a longa experiencia,  
Contão por certos sempre e verdadeiros. — *Lus.* V, 17.

Modernamente duplicou-se o plural *tem* e *vem*, por causa do singular, e fez-se *têem*, *vêem* (que soam *têem*, *vêem*). — Cfr. supra, pag. 96.

<sup>2</sup> Cf. em Fr. Agostinho da Cruz, *Varias Poesias*, Lisboa, 1771, pag. 31:

● Cujos olhos não *vem* fingidas côres.

Não vale a pena citar mais exemplos (tenho outros colligidos).

cada passo: *feiticeria*, *artilheria*, *infanteria*, *cavalleria*, etc., com quanto ninguem escreva, -v. g., *livreria* ou *luveria*.

O suffixo é *-aria*, e não *-eria*, porque os nomes d'esse typo não provém de themas em *-eiro*, como falsamente se suppõe. Se *cavallaria* se formasse de *cavalleiro*, seria, não assim, mas *ca-valleiria*<sup>1</sup>.

Deve pois dizer-se e escrever-se: *alfaiataria*, *artilharia*, *cavallaria*, *feitçaria*, *infantaria*.

b) Nomes de ruas, praças e bairros sem *de*:

As Camaras Municipaes são culpadas de que haja hoje le-treiros publicos como estes: *Rua Garrett*, *Praça Camões*, em vez de *de Garrett* e *de Camões*. Os nomes antigos estão bem, porque são do tempo em que se sabia mais portuguez, e se liam menos romances. Dá-se ás vezes o caso curioso de haver uma rua com dois nomes, um antigo, correcto, outro moderno, incor-recto, por ex.: toda a gente diz *Rua do Chiado* (nome antigo), mas nella está escrito *Rua Garrett* (modernice). A rua dos Navegantes péga com a de João de Deus, e os letreiros estão escritos a par, em cada uma das faces contiguas das respectivas casas; pois um, o antigo, está com grammatica: *Rua dos Nave-gantes*: o outro, o moderno, está falho: *Rua João de Deus!* Nem ao menos se reparou na incongruencia das duas syntaxes, assim de mãos dadas, e de analogia significação, mas cada uma de seu teor!

A proposito das denominações dos locaes publicos, entendo que deviam estabelecer-se estes preceitos: 1) só serem escolhi-dos nomes de pessoas fallecidas; 2) e de pessoas ou factos importantes; 3) serem escritos com grammatica; 4) só serem dados a ruas ou praças novas, e não virem substituir nomes antigos.

---

<sup>1</sup> Acêrca da origem do suffixo romanico *-aria*, vid. Meyer-Lübke, *Gram. des l. rom.*, II, § 406.

Do penultimo acabo de fallar. Com relação aos dois primeiros, sabe-se que é ordinariamente a bajulação politica quem os dita, e que, ao passo que ha por todo o reino ruas e praças dedicadas a individuos que ninguem conhece, ou que gozaram só de gloria local ephemera, ou que mesmo até foram nocivos, fallecem-nos denominações importantes. Onde são em Lisboa as ruas ou as praças *de Macao, de Goa, de Dio, de Angola, ou de João Pedro Ribeiro, de D. Francisco Manoel de Mello, de Antonio Ferreira, etc.*? O povo, repetindo esses nomes, habituar-se-hia a conhecer e a respeitar a historia.

Pelo que toca ao quarto preceito enunciado, observarei que os nomes antigos se correlacionam amiudadamente com factos notaveis, que não devem ser esquecidos. Ha em Lisboa uma *Rua da Fonte Santa*, nome que se mudou em de *Possidonio da Silva*. Sem dúvida Possidonio foi um benemerito da patria, a quem a Archeologia nacional muito deve, mas podia o seu nome ser imposto a uma rua nova, isto é, ainda innominada, e conservar-se o de *Fonte Santa*, que se liga a concepções mythicas e religiosas da antiga Lisboa, da Lisboa prè-christã. Estas substituições, porém, são por via de regra intempestivas, porque o povo, na sua prudencia secular, despreza as appellações camarrarias, e continúa a adoptar as que elle já conhecia, herdadas de seus avós.

Quem é que hoje diz ou escreve em Lisboa *Bairro d'Andrade*? Talvez seja eu o unico! E comtudo ha um opusculo dos fins do sec. XVIII ou começos do XIX, com este titulo: *Carta metrica de hum sujeito assistente no BAIRRO DE ANDALUZ*<sup>1</sup>. Ora porque é que não ha-de conservar-se a tradição do *de*, se ella é tão portuguesa, emquanto a omissão é francesismo?<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Existe um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa, secção de Litteratura:  $\frac{1434}{azul}$ .

<sup>2</sup> Acêrca da apparente contradicção que ha entre o que exponho aqui, da suppressão errada do *de*, e o que expus a pag. 343 ss., da suppressão nor-

c) Outros exemplos de omissão da preposição *de*:

Os modernos votam intranhavel odio á preposição *de*, ora substituindo-a por *em*, como veremos em breve, ora supprimindo-a, como ha pouco disse.

A supressão não se limita ás denominações das ruas, praças e bairros. Nos jornaes se lê não raro: *Casa Palmella*, *Casa Cadaval*, em vez de CASA DE PALMELLA, e de CASA DE CADAVAL. E todavia elles, como de ordinario, estão em contradicção comsigo mesmos, porque por outro lado tem sempre CASA DE BRAGANÇA, e não *Casa Bragança*. A vernaculidade exige o *de*. Fallando de D. Duarte de Meneses, chama-lhe Diogo do Conto «senhor DA CASA DE TAROUCA»<sup>1</sup>. Um jornalista da actualidade não teria pejo de transformar essa boa expressão em *casa Tarouca!*

Em Lisboa abundam denominações como *Hotel Universo*, *Hotel Francfort*, e quejandas. A provincia tambem paraphraseia a capital; sem embargo ficou um ou outro recanto, onde a classica lingua portuguesa achou albergaria, pois na Povia de Varzim e em Villa do Conde vi hoteis cujos nomes são correctamente escritos, quanto á construcção syntactica, *Hotel da Lealdade*, e *Hotel da Avenida*. Se ahi ha defeito, é só no emprêgo de *hotel* em vez de *hospedaria*, e no de *avenida* (francês *avenue*) em vez da linda palavra nacional *alameda!*

Nem por estarem mais em contacto com as lettras as livrarias e typographias do que os hoteis, ellas se avantajam a estes em correcção grammatical! *Livraria Ferreira*, *Casa Bertrand*, *Typographia Progresso*, *Imprensa Lucas*, *Imprensa Libanio*

mal, vid. os *Estudos de Philol. Mirandesa*, I, 77 (-78), nota. Quem diz *Bairro Andrade*, erra, porque *bairro* é nome appellativo, tem lá toda a sua significação, e *Andrade* é apposto definitivo; quem diz *Cas-Freires*, não erra, porque *Cas* = *Casa* perdeu a sua significação, passando á classe de nome proprio, e esse composto vale por *Casfreires*, isto é, por uma só palavra, para o espirito de quem falla.

<sup>1</sup> Decada XII, liv. I, c. 1 (Paris, 1642, pag. 2).

*da Silva*, — tudo sem *de*. Outr'ora, ou punha-se *de*, ou formavam-se, com os nomes dos donos, adjectivos que concordavam com as palavras *livraria*, *officina*, etc., ou dizia-se *impresso* ou *imprimido* (clara ou subentendidamente) *por* (*per*), a saber: *emprimida per Valentino de Moravia* (sec. xv)<sup>1</sup>, *per João de Barreira* (sec. xvi)<sup>2</sup>, *na officina de Ioam da Costa* (sec. xvii)<sup>3</sup>, *officina Ferreyriana* (sec. xviii)<sup>4</sup>, *na officina Joaquiniana* (sec. xviii)<sup>5</sup>, *na Typographia Rollandiana* (sec. xviii)<sup>6</sup>, *na Typographia Lacerdina* (1807)<sup>7</sup>, *na imprensa do Gandra*<sup>8</sup>, *na impressão de Galharado e irmão* (1842)<sup>9</sup>. Além dos adjectivos citados, ha outros, como *Nunesiana* (de *Nunes*), *Silviana* (de *Silva*). Dos meados do seculo xix em diante começou a predominar a moda franceza; e comtudo, que excellentes titulos portuguezes se podiam criar, como *Casa Bertrandiana*, *Imprensa Libaniana*, etc.!

As denominações de sociedades estão no mesmo caso: *Sociedade tal*, ou *Sociedade Fulano*, sem *de*. Todavia num opusculo de 1822, impresso no Porto, lê-se correctamente: *Estatutos da Sociedade do Giro dos Vinagres do Alto Douro*. Os modernos diriam *Sociedade Giro dos Vinagres!*

Ao abastardado rotulo de *Pilulas Pinck* poderei oppôr a denominação de *curvianos*, que o Dr. Curvo Semedo dava aos seus medicamentos: «*Compendio dos segredos medicinaes ou remedios curvianos* que inventou e compôs o Doutor etc.», Lisboa, 1783. — Os Italianos prezam sobremaneira estes adjecti-

<sup>1</sup> *Historia de Vespesiano*, 1496.

<sup>2</sup> *Orthographia* de D. N. do Lião, 1576.

<sup>3</sup> *Orthografia* de J. F. Barreto, 1671.

<sup>4</sup> *Peregrinação* de F. M. Pinto, 1725.

<sup>5</sup> *Regras da Orthographia* por Amaro de Roboredo (1738).

<sup>6</sup> *Adagios*, 1780.

<sup>7</sup> *Noções sobre a ortografia*.

<sup>8</sup> Não tomei nota do titulo da obra.

<sup>9</sup> *Posturas da Camara Municipal de Obidos*.



vos em *-iano*, como *Biblioteca Ambrosiana* (Milão). Nós temos hoje *camoniano*, mas quasi por aqui ficámos.

Depois que a praga dos animatographos assolou Portugal, pullulam annuncios estramboticos como estes: *Chiado Terrasse*, *Estephania Terrasse*.

Outro diz o seguinte: «*Theatro Chalet Esperança, dia Natal, noite alegria*» (falta de várias vezes); não pôde ser mais desastrado!

d) Titulos com syntaxe arrevesada:

Na Athenas portuguesa vi ha tempos estes lettreiros exóticos: *Coimbra-Club*, *Photo-Velo*: o primeiro parece que quer dizer «club coimbrão»; no segundo ha as primeiras syllabas de *photographia* ou *photographico*, e de *velocipedia* ou *velocipedico*, o que lembra o *autobus* parisiense (palavra composta das duas syllabas iniciaes de *automobile*, e da última de *omnibus!*). A par com o *Coimbra-Club* temos em Lisboa um *Lusitano-Club*, nas Caldas de Vizella um *Mourisco Club*, e no Porto um *Elite Sport Club*: a última denominação foi tão desengonçadamente imaginada, que nenhum dos seus elementos componentes é português! Que poderei dizer d'este letreiro, que se lê numa villa provinciana: «*AUTO-GAZO vende-se aqui*»? Significa: «vende-se gazolina para automoveis»! Só por adivinhação se entendem ás vezes taes enigmas. Não fica atrás um *Auto-Palace* lisbonense, que designa, pelos modos, um barracão envidraçado em que se guardam automoveis. Já não reparo no *club* e no *palace*, palavras inglesas pronunciadas á francesa, nem no *auto*, que vem do grego *αὐτός* «mesmo», «proprio», primeiro elemento de *automovel*; o que desejo principalmente é assignalar o insolito de construcções syntacticas como as que ficam citadas, onde o nome determinante precede o determinado. Estas construcções vieram-nos do inglês por intermedio do francês.

\*

As expressões mencionadas a cima levam-me naturalmente a dizer algo mais dos erros de syntaxe que andam inveterados no fallar commum. Na syntaxe os erros são infinitos, e necessitar-se-hia de muito espaço para dissertar sobre elles. Contentar-me-hei com pouco.

a) Mau emprêgo da preposição *em*:

Se entrarmos numa loja de negocio, vem logo um caixeiro perguntar-nos se queremos *luvas em Suède, chapéus em palha, lenços em seda, collarinhos em linho, gravatas em côr, punhos em bretanha*, e dizer-nos infinitas outras baboseiras, que patenteiam a corrupção da lingua, e a dos artefactos vendidos. Se olharmos para um lettreiro commercial, lemos, por exemplo num da Rua da Palma, em Lisboa: *grande variedade em talheres*. Em todos estes casos se emprega avariadamente *em* por *de*: a preposição *em* denota, não materia, qualidade, respeito, como seria o caso aqui, mas lugar, etc. Deve pois emendar-se tudo isso em *lenços de seda, gravatas de côr*. O ruim hábito obriga até a dizer *papel em verde*, em lugar de *papel verde!*

Uma expressão como «*a estátua em oiro, de um deus*», usada pelo Conselheiro Jaime Moniz<sup>1</sup>, significa *estátua pousada*

---

<sup>1</sup> *Estudo elementarissimo da Historia dos povos orientaes*, Lisboa 1896, pag. 45. (A obra appareceu anonyma, mas ninguem ignora quem a escreveu). — Na mesma obra ha outros defeitos que, por não pertencerem á lingoagem diaria, não vão citados acima, por exemplo:

Phila, nome de uma ilha no Nilo, pag. 11: em portuguez deve ser *Philas*, do lat. *Philae*, como *Athenas, Patras, Thebas*;

memphita, como adjectivo, — *brilho memphita* (pag. 11), *escola memphita* (pag. 13): em portuguez é *memphítico, -a*; e assim se lê nos *Lusiadas*, VII, 48: *Anubis memphítico*;

ninivita, tambem como adjectivo, — *edificações ninivitas* (pag. 42): esperar-se-hia em portuguez *ninivíticas*, por isso que em latim o que temos é *Ninivitae* como substantivo; cfr. *Israeliticus*, adjectivo correspondente a *Israelitae*.

*em oiro* (isto é, ser a estátua uma cousa, e o oiro outra); o auctor queria porém dizer *estátua de oiro!* Escolhi este auctor, ou orador, para exemplificação, por causa do elevado posto que elle occupa nos negocios da instrucção pública de Portugal, e por ser dos poucos que põem diligencia em escrever bem. Quando assim se descuidam os incolas do excelso Olympo, *que farão os bichos da terra, tão pequenos?* Outros erros do mesmo Conselheiro (*em por de*): «estatuas, *em dolerita*, de Gudea, principe»<sup>1</sup>, «estatuetas (de deuses e de demonios) *em pedra, bronze e terra cotta*»<sup>2</sup>, «algumas *figuras em bronze e terra cotta*»<sup>3</sup>, «as obras *em marfim*, as taças cinzeladas *em oiro, prata e bronze*»<sup>4</sup>.—A isca de taes erros já se sabe que é o francês: *montre en or, statue en marbre*, levados por fim ao exaggêro.

Pertence tambem ao Conselheiro Jaime Moniz a seguinte má frase: «A perfeição technica dos *lavoros em madeira, em pedra, e em metal*»<sup>5</sup>. A palavra *lavoros* está em sentido concreto, e por isso devia elle dizer: *lavoros de madeira*, etc.

b) Varias preposições:

Preposição *de*. Erros: *augmentar de um metro*, e *mais velho de um decennio*, por *augmentar um metro*, e *mais velho um decennio*, ou *um decennio mais velho*; *peço-lhe de vir* por *peço-lhe que venha*.—Cfr. *Gram. Francesa* de von Hafe & Epiphaniao Dias, § 156.

Preposição *a*. Êrro: *ter a*, por *ter de*. Isto é: *tenho a ir*, por *tenho de ir*.—Do francês *avoir à*.

Preposição *por*. Erros commettidos pelo Conselheiro Jaime

<sup>1</sup> *Obra cit.*, pag. 54.

<sup>2</sup> *Obra cit.*, pag. 54.

<sup>3</sup> *Obra cit.*, pag. 54.

<sup>4</sup> *Obra cit.*, pag. 68.

<sup>5</sup> *Estudo elementarissimo*, pag. 30.

Moniz: *gosto pelo bello*<sup>1</sup>, em vez de *gôsto do*; *respeito pelos velhos*<sup>2</sup>, *respeito pela pessoa*<sup>3</sup>, *respeito pela propriedade alheia*<sup>4</sup>, em vez de *respeito dos e da* (cfr. *respeitar os velhos*; o verbo *respeitar* é transitivo, e por isso o substantivo verbal tem complemento de objecto, com *de*); *veneração pelo Senhor*<sup>5</sup>, em vez de *veneração do* (cfr. *venerar o Senhor*); *amor pelo poder*<sup>6</sup>, em vez de *amor de* (cfr. *amar o poder*); *admiração pela gloria do Creador*<sup>7</sup>, em vez de *admiração da* (cfr. *admirar a gloria*). — Outro erro muito corrente é *repugnancia por*, em vez de *repugnancia de* ou *a*. Em francês *répugnance pour*. — Muitos dizem: *tem grande estima por elle*. Arrais escreveu mais portugueŝmente: «nelle (no homem) se acham cegueiras, & enganos notaueis na estima dos bẽ[s] apparẽtes»<sup>8</sup>.

c) *De maneira a*:

É frequentissimo ler-se e ouvir-se *de maneira (de modo, de molde) a*, em vez de *de maneira (de modo, de molde) que*. Basta abrir ao acaso um jornal ou um livro moderno, encontrar-se-hão frases como:

«levantou-se um muro de *maneira a ter mão na terra*».

«Postou-se um mastro de *maneira a ver-se de longe*».

Isto são gallicismos intoleraveis. Um Francês é que dirá com propriedade *de manière à*.

No nosso bom e classico portugueŝ diz-se nestes casos *de maneira que*.

Alguns escritores modernos sommam mesmo as duas synta-

<sup>1</sup> *Ibid.*, pag. 13.

<sup>2</sup> *Ibid.*, pag. 29.

<sup>3</sup> *Ibid.*, pag. 66.

<sup>4</sup> *Ibid.*, pag. 120-121.

<sup>5</sup> *Ibid.*, pag. 79.

<sup>6</sup> *Ibid.*, pag. 108.

<sup>7</sup> *Ibid.*, pag. 103.

<sup>8</sup> *Dialogos*, 2.<sup>a</sup> ed. (1604), fl. 55, col. 2.

res uma com a outra, e dizem *de maneira a que*, não ficando pois nem português, nem francês.

Em Arrais, *Dialogos*, 2.<sup>a</sup> ed., fl. 50, lê-se: «a natureza assi o requiere, mas não *de modo que* deixe de conhescer que nam está sam». No mesmo A., *ibid.*, fl. 53: «... como averem caydo *de modo que* ficarão impossibilitados». Em Bernardes, *Pam partido*, II, 28: «a corrente o arrebatou *de modo que* não pôde escusar-se». Em Severim de Faria, *Discursos*, fl. 2 r.: «este mal da divisão se pode remediar *de maneira que* em nenhũa cousa fique a nossa monarquia inferior ás passadas». — Um jornalista contemporaneo escreveria nestes casos: *de modo a deixar, de modo a ficarem, de modo a não poder, de maneira a não ficar*, ou *de modo a que não fique*, — e ainda em cima cantaria glórias.

Não se abre um jornal, uma carta, um livro; não se ouve uma conversa, — que não surja, ás vezes muito sem razão, o *de maneira a*. Deve porém evitar-se absolutamente.

d) *em quanto que*:

Não se dirá assim, mas *em quanto*. Cfr. o proverbio: *em quanto se capa, não se assobia*. Muitas vezes podemos substituir essa conjunção por *ao passo que*, ou *quanto a* («eu não vou; *quanto a elle*, vae», ou «*ao passo que elle vae*»).

*Em quanto que* provém de imitação do francês *tandis que*. Manoel Bernardes, na *Nova Floresta*, II (1759), 334, tem todavia: «Mas d'estes conselheiros.. dissera eu o mesmo em contrario sentido, EM QUANTO *res sacra* quer dizer cousa maldita».

e) Uso de «que» depois de conjunção circumstancial:

De uma tira de um jornal extráio o seguinte, que, segundo parece, faz parte de um discurso politico:

«Quando o rei estava fóra da constituição, *que* o principe real não quis pôr-se á frente do movimento . . e *que* o sr. pre-

»sidente do conselho disse que eram legitimos todos os proces-  
» sos . . ».

Neste trecho é errado o uso de *que* nos dois lugares que pus em italico; deve supprimir-se essa conjunção.

Imita-se ahí indevidamente o francês. Cfr. Epiphanio Dias, *Grammatica Francesa*, § 390.

f) *ter que*:

Não falta quem diga: *tenho que ir lá, tenho que escrever uma carta*. Deve dizer-se: *tenho de ir lá, tenho de escrever uma carta*, pois *ter* significa «possuir», e *possuir* não póde ser seguido de oração integrante de *que*.

O êrro provém de analogia com *tenho que fazer, tenho que escrever*, mas aqui o *que* é pronome, e serve de complemento directo: *tenho (cousas) que fazer*. Arrais, *Dialogos*, 2.<sup>a</sup> edição, fl. 30 r., diz: «por . . não ter *que fazer* com medicos», e fl. 105: «nisso pouco ha *que disputar*».

g) Gerundio em vez de oração relativa, ou de complemento:

Publicou-se em 1899 uma obra com este titulo: *Novo Diccionario da lingua portuguesa*, COMPREHENDENDO . .  *muito mais de trinta mil vocabulos*.

Outro tem tambem no frontispicio: *Diccionario manual etymologico da lingua portugueza*, CONTENDO a *significação e prosodia*.

Em ambos estes exemplos ha êrro no emprêgo do gerundio; elle deve ser substituido por *que comprehende, que contém*, ou, mais singelamente, por *com* <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Um dos nossos melhores classicos escreveu uma obra intitulada *Nova Floresta* . . com reflexoens. O mesmo auctor, nessa obra, iv (1726), 48, diz: «conhecemos aqui em Lisboa hum homem que glossava motes». Quem se regulasse pelo exemplo dos dictionarios citados a cima, poria falsamente: *Nova Floresta* . . contendo reflexoens; e *hum homem* glossando motes.

O erro nasce de imitação do francês, onde em taes casos *comprenant* e *contenant* estariam bem. Mas as origens de *comprenant* e *comprehendendo*, de um lado, e de *contenant* e *contendo*, do outro, são completamente differentes. As citadas flexões francesas vem do participio do presente latino, e o seu uso justifica-se, por servirem de apposto. As flexões portuguesas, pelo contrário, vem do gerundio latino, e exprimem, não apposto, mas circumstancia. O portuguez archaico poderia dizer, á semelhança do francês, *comprehendente* e *contẽente*: assim estaria bem.

Os Latinos diziam *hostes perseguendo*, que nós traduzimos por *perseguindo os inimigos*, porque se exprime circumstancia. Mas se em francês tivéssemos, por exemplo, *un homme POURSUIVANT un autre*, devíamos trasladar *poursuivant* em latim por *persequens*, e em portuguez por *que persegue* ou *perseguidor de*, e nunca por *perseguindo*.

Em resumo: O participio portuguez em *-ndo* só exprime circumstancia, e não mero apposto. O particio presente francês é o latino; o participio presente portuguez é o gerundio latino, que não tem nominativo, e só se emprega como complemento <sup>1</sup>.

h) Concordancia do predicado, quando ha complemento partitivo:

*Um dos homens que lá esteve*. Assim dizem muitos. O correcto é: *um dos homens que lá estiveram*, porque o sujeito do predicado da segunda oração é *que*, referido ao plural *homens*.

A razão da primeira construcção está na attração produzida pelo numeral *um*, o que tambem acontece em francês, onde as duas construcções são adoptadas (Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Francesa*, § 103-b).

---

<sup>1</sup> [Cf. tambem sobre o assunto Julio Moreira, *Estudos da ling. port.*, I, 92 ss.].

i) Superlativo relativo:

É êrro grosseirissimo dizer: *achei-me nos lances os mais graves*, e frases semelhantes. Deve emendar-se em *achei-me nos lances mais graves*, ou *nos mais graves lances*.

O êrro tem origem em imitação do francês, onde é regular dizer-se: *la ville la plus belle*.

\*

Para terminar, formarei uma lista de vocabulos e frases, pela mór parte gallicismos, que devem evitar-se no bom fallar<sup>1</sup>.

alarme, em vez de *rebate*.

artigo em sentido industrial: *artigos de Paris*, *artigos para verão*, *artigos para escriptorio*, etc., e nos seguintes trechos do Conselheiro Jaime Moniz: «o negocio abrangia muitos dos *artigos* já mencionados, e tambem aromas, pedras preciosas, etc.»<sup>2</sup>, «o alfabeto deve contar-se como o principal *artigo* exportado pelos Phenicios»<sup>3</sup>. Temos *objecto*, *instrumento*, *manufactura*, *artefacto*, *producto*.

banal. Deve dizer-se *frivolo*, *trivial*, *corriqueiro*.

costumes, em vez de *trajos*. Chega a ser estupidez dizer *baile de costumes* por baile de mascaras, ou por baile figurado (Moraes), e *bilhete postal com costumes*, pois se traduz o francês *costume* «trajo» pelo nosso *costume* «uso», que em francês se diz *coutume* (do genero feminino).

croquis, em vez de *esbôço*, *borrão*. Esta última expressão usa-se com toda a propriedade na *Memoria sobre os exercicios*

<sup>1</sup> Cf. o trabalho de Fr. Francisco de S. Luis citado supra, pag. 367, nota, e o *Dicc. Port.* de Fonseca & Roquete, onde os gallicismos vem marcados com um sinal (mão que aponta).

<sup>2</sup> *Estudo elementarissimo*, pag. 67.

<sup>3</sup> *Ob. cit.*, pag. 69.



*de medição militar* pelo Conde reinante de Schaumbourg Lippe, s. d., appenso a um livro de 1794 (*Regulamento para o exercício e disciplina* pelo mesmo): «o official ajuntará á memoria em que dá conta das suas disposições hum *borrão* da carta do local».

debute, em lingoagem theatral, por *estrela*. — É o francês *début*, mal traduzido.

descoberta, em vez de *descobrimento*. Do francês *découverte*. Cfr., em bom português: *Historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses*, feyta por F. L. de Castanheda, Coimbra, 1551; *O descobrimento da Australia*, traducção de D. José de Lacerda, Coimbra, 1863.

despacho, em vez de «telegramma». Grosseirissima adaptação do francês *dépêche* (do genero feminino).

destacar-se, por exemplo nesta frase do Conselheiro Jaime Moniz: «no projecto que discutimos . . . *destaca-se* principalmente o pedido de auctorização»<sup>1</sup>, em vez de *avulta*, *sobresae*; e noutra frase do mesmo Conselheiro: «. . . cadeia do Elbourz, a qual *se destaca* das montanhas da Armenia»<sup>2</sup>.

enclave, por exemplo num jornal: a Guiné «esse esquecido *enclave* no Senegal francês». Moraes diz *enclavamento*.

escombros, neste passo do Conselheiro Jaime Moniz: «de tantas grandezas só restam *escombros*»<sup>3</sup>, em vez de *entulhos*, *destroços*. A palavra é de uso tão moderno, que nem sequer vem ainda no *Dicc.* de Fonseca & Roquete. Do hesp. *escombros*. Cfr. fr. *décombres*.

facto. Dizer «o *facto de ser* a situação referida», e «como se deprehende *do facto de prestar a povoação carthaginesa tributo* ao templo», como diz o Conselheiro Jaime Moniz<sup>4</sup>, em

<sup>1</sup> *Discurso na Camara dos Pares em 17 de Julho de 1890*, pag. 21.

<sup>2</sup> *Estudo elementarissimo*, pag. 104.

<sup>3</sup> *Ibid.*, pag. 54.

<sup>4</sup> *Ibid.*, pag. 56 e 62.

vez de *o ser a situação*, e de *prestar a povoação*, é traduzir muito á lettra o francês *le fait*.

filho. Quando ha um Fulano escritor, que tem um filho que tambem escreve para público, este é moda actualmente assignar-se *Fulano filho*, em vez de *Fulano junior*, como fazem os simples mortaes que não aspiram á eterna gloria das lettras. Imita-se assim o francês: por exemplo *Alexandre Dumas fils*. Os nossos antigos, fallando dos dois Plinios, tio e sobrinho, diziam *Plinio o Antigo*, e *Plinio o Moço*. Num livro do sec. XVIII, que já citei numa d'estas prelecções como exemplo de má traducção do francês <sup>1</sup>, lê-se porém acertadamente no rosto: *Elementos de cirurgia compostos em francês* . . pelo DOUTOR SUE o MOÇO. Usar em assignatura *Fulano filho* parece-me affectação.

fornecer, em vez de *ministrar*, por exemplo em *fornecer materia á discussão*, *fornecer informações á imprensa*.

fundo em expressões como: «os livros do *fundo* antigo da bibliotheca», em vez de *do nucleo*; ou «no *fundo* não passa de», em vez de *na essencia*; ou «o *fundo* da população», em vez de *a base*; ou *artigo do fundo*, em vez de *artigo principal*, *editorial*; ou *o fundo da questão*, em vez de *o amago*; ou *o fundo d'um quadro*, em vez de *o campo*.

furar a greve. O nosso calão academico tinha a pittoresca expressão *fazer parede*: isto é, combinarem-se todos os estudantes de uma cadeira para não irem á aula. A ella correspondia naturalmente a metaphora *furar a parede*, se um quebrava o ajuste. Ultimamente introduziu-se *greve*, palavra vinda das espheras industriaes; mas em vez de se dizer *faltar á greve*, ou expressão analoga, adapta-se á *greve* o *furar* da expressão antiga, e diz-se tambem *furar a greve*, sem aquella propriedade com que se dizia *furar a parede*, visto que parede é um objecto material, e *greve* não.

---

<sup>1</sup> Vid. supra, pag. 366.

garantia. É termo já inveterado, mas os nossos antigos diziam:

E vós, ó bem nascida *segurança*  
Da lusitana antiga liberdade<sup>1</sup>,

e «pera firmeza de todo, lhe mandei dar esta carta» (sec. XVI)<sup>2</sup>. Em vez de *garantir*, preferível seria *assegurar*, *afiançar*, *abonar*, *obrigar-se*, *responder por*. Em vez de *suspensão de garantias*, temos *suspensão de regalias*.

*intemerato*. É infelizmente já grande o numero de palavras que andam no uso commum com significação errada. Lembrarei aqui mais uma da actualidade: *intemerato*. Nos jornaes, nos livros, nos discursos lê-se e ouve-se a cada passo: *pessoa intemerata*, *guerreiro intemerato*, por *pessoa intrepida*, *guerreiro sem temor*; e todavia isto é desacertadissimo, porque *intemerato* quer dizer «puro», «candido». *Pessoa intemerata* significa «sem macula». A palavra vem do latim: *fides intemerata* «fé pura». O latim *intemeratus* (feminino *intemerata*) é o contrario de *temeratus*, participio do verbo *temerare*, que significa «manchar», «deshonrar», «violar». — O êrro dos que usam *intemerato* no falso sentido de «destemido», provém da casual semelhança de som que existe entre aquella palavra e *temer* e *temor*: mas, ao passo que *intemerato* vem de *intemeratus*, as palavras *temer* e *temor* vem de *timere* e *timor*, e pertencem por tanto a outra categoria lexicologica.

*interesse*. Com quanto esta palavra venha do latim *inter esse*, que significa «importar», «pertencer», ella tomou na nossa lingua classica o sentido de «lucro». Dizer «tenho

<sup>1</sup> *Lusiadas*, I, 6.

<sup>2</sup> Apud Brito Rebello, *Ementas Historicas*, II, 111; e vid. pag. 106, etc.

muito *interesse* em que tu lá vás», por «importa-me que» ou «tomo a peito que», parece-me gallicismo inutil. No mesmo caso está *interessante* por «importante», «curioso», «valioso», etc.

ligeiro. Em vez de *ligeiro artigo* devemos dizer *leve, breve, ao correr da penna, modesto, parco*. A palavra *ligeiro* significa «que vae depressa»; só o fr. *léger* tem aquella significação.

montra. Êrro grosseiro por «mostrador». Do fr. *montre*.

obra. Usam-se muito agora titulos de livros como este: *Fulano e a sua obra*, onde *obra* está em sentido colectivo por «conjuncto das obras d'esse auctor». Mas *obra*, litteraria e artisticamente fallando, tem significação singular, e não collectiva. Deve pois dizer-se *Fulano e as suas obras, e o seu labor, e a sua actividade, e a sua producção*, ou de modo analogo.

par e passo. Muitos dizem *a par e passo*, interpretando acustica, mas erroneamente, o lat. *pari passu*. O proprio Camillo, que conhecia de modo tão intimo a lingoagem do povo, escreveu nos *Mysterios de Fafe*, pag. 42 (4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Companhia Editora): «a cegueira amorosa do artista recrescia *a par e passo* que a indole . . de Rosa ia ganhando poderio». Não prestou aqui ao latim a attenção que um litterato da sua polpa devia prestar.

partida. No *Estudo elementarissimo* escreve o Conselheiro Jaime Moniz: «Cythera, . . *ponto de partida* para o occidente» (pag. 61); «no respeito a Deus . . se vê sempre o *ponto de partida* essencial a todos» (pag. 80). Não é modo feliz de verter o fr. *point de départ*, embora assim se faça frequentemente. Melhor seria dizer, conforme os casos: *comêço, base, impulso, origem, inspiração*, ou empregar uma perifrased.

parvenu. Poderá traduzir-se por *de fresca data, da última hora*.

passagem. Convém substituir esta palavra por *passo* em frases como estas do Conselheiro Jaime Moniz, e empregadas por muitos com elle: «diversas *passagens* de composições religio-

sas»<sup>1</sup>, «mais de uma *passagem* do texto biblico»<sup>2</sup>. Mais avisado andou Vasconcellos Abreu, quando intitulou assim um seu opusculo: *Passos dos Lusíadas* (1892), pois evitou o francês *passage*.

portador. «A policia judiciaria prendeu seis individuos *portadores de navalhas*»: assim se lê num jornal. E analogamente dizem os medicos: *o portador de um tumor*. Ora *portador* quer dizer «o que leva um recado, ou apresenta uma lettra que tem de ser paga» (Moraes); por isso aquellas expressões são improprias, e dir-se-hia melhor: *individuos que levavam navalhas no bolso, um doente com um tumor*.

questão. Não se deve dizer: «o assunto *em questão*», mas *de que se trata*; nem *é questão de poucos dias*, mas *é coisa de*; nem *é questão de eu chegar*, mas *logo que eu chegue*; nem *é questão de ciumes*, mas *por ciumes*; nem *é questão para se pensar*, mas *é caso*.

remontar. O já por vezes citado Conselheiro Jaime Moniz escreve no *Estudo elementarissimo*: «os trabalhos da lavoura no valle do Nilo *remontavam* a um passado distantissimo»; (pag. 29); «civilização que *remontou* á noite dos tempos» (pag. 46). Neste sentido *remontar* (fr. *remonter*) deve substituir-se por *ascender*, *ter origem*, etc.

rendez-vous. Póde ás vezes traduzir-se por *aprazamento*.

restaurant. A não querer substituir-se por *casa de pasto*, deve dizer-se *restaurante*, e não *restaurant*, á francesa. É curioso que no Porto, pelo menos aqui ha uns annos, só se via escrito *restaurante*; em Lisboa, com excepção, tanto quanto sei, de um unico *restaurante*, de mais a mais francês, que se intitulava ou intitula assim mesmo, o usual é *restaurant*; na Figueira da Foz, como cidade intermedia, ora se usa *-ante*, ora *-ant*. Parece que a lingua se vae debilitando do Norte para o Sul!

<sup>1</sup> *Estudo elementarissimo*, pag. 49.

<sup>2</sup> *Ibid.*, pag. 87.

viavel. É grande disparate dizer *viavel*, no sentido de *exequivel*, porque tal vocabulo vem do francês *viabile*, derivado de *vie* «vida», applicado originariamente á criança que nasce em condições de viver, isto é, *vivedoura*.—Muita gente cuida que *viavel*, vem de *via* «caminho»!

vista. Não digamos *debaixo d'este ponto de vista*, mas: *a este respeito, no que toca a, debaixo do aspecto de, a esta luz, neste campo*.

viveres. Caem em francesismo, embora usado já ha muito, os que, desejando referir-se a *vitualhas, mantimentos, comestiveis*, disserem com o Conselheiro Jaime Moniz: «alguns soberanos . . . levaram as riquezas e *viveres* que acharam»<sup>1</sup>.

\* \* \*

Ao pôr agora ponto final neste exame de delinquencias grammatico-vocabulares, o qual em verdade não fechei com chave d'oiro, devo observar que, de eu desfiar tantas, não ha-de inferir-se que em meus escritos não se encontrem tambem muitas d'ellas, e outras. *Mas*, como com optimo senso pondera o nosso rei-philosopho<sup>2</sup>, *quem hi ha tam acabado, que todo perfeitamente diga e faça?*

---

<sup>1</sup> *Estudo elementarissimo*, pág. 72.

<sup>2</sup> *Leal Conselheiro*, Paris, 1854, pag. 386.

## Dispensario

Condições de uma etymologia.—O suffixo *-ário*.—O fr. *dispensaire*.—*Dispensatorio*.

Eis aqui uma palavra agora muito usada, para significar o local em que se dispensam cuidados aos doentes pobres (*Dispensario anti-tuberculoso de Lisboa*). Por a ter visto hoje, 21 de Junho de 1908, num jornal, foi que me lembrei de falar d'ella nesta lição. Embora pertença á classe dos erros que enunerei ha pouco, discuti-la-hei em separado, para poder desenvolver um pouco mais o assunto.

Segundo diz certo dicionarista, a palavra *dispensario* formou-se do verbo *dispensar*, isto é, do thema d'este verbo, e do suffixo *-ario*. Mas bastava attender ás funcções do suffixo *-ario*, para vêr o absurdo de tal explicação. Uma etymologia não se estabelece ao acaso, avulsamente: é necessario, para buscar a origem de uma palavra, estudar todos os phenomenos que com ella se relacionam.

Ora o suffixo *-ario* junta-se apenas a themas nominaes, e não a themas verbaes.

Quando fórma substantivos, significa agente, etc., por exemplo: *bibliothecario*, *boticario*, *depositario*, *estatuario*, *notario*. É a fórma litteraria do suffixo popular *-eiro*, em *azeiteiro*, *cauteleiro*, *çapateiro*, *ferreiro*, *pedreiro*. Já em latim temos *-arius* em *argentarius*, *statuarius*, *marmorarius*, *sicarius*: cfr. Madvig, *Gram. Lat.* § 180.

O mesmo suffixo *-ario* fórma substantivos que significam lugar de collecção, guarda ou depósito, como *bullario*, *diccionario*. Em latim: *aerarium*, *aquarium*, *granarium*. Na fórma popular portugueza temos: *espigueiro* (onde se guardam *espigas* de milho), *mealheiro* (onde se contém *mealhas*), *tinteiro* (onde se deposita *tinta*).

Com *-ario* se formam tambem adjectivos, como *camarario*, *semanario*, *partidario*. Na fórma popular *-eiro*, temos: *agoireiro*, *feiticeiro*, *justiceiro*. Do latim: *-arius*, em *antiquarius*, *itinerarius*, *lapidarius*.

Se pois o suffixo *-ario*, quando se junta a themas de substantivos, significa: 1) pessoa que trata de um assunto, por ex. *boticario*, que trata da botica; 2) local onde se tem um objecto, por ex. *receitario*, fio em que se enfiam receitas; 3) qualidade pertencente a uma cousa, por ex. *fontanario* (e não *fontenario*), respeitante a uma fonte ou *fontana*: que é então *dispensario*? Não é nada do que se quer que seja. A ser alguma cousa, seria unicamente «pessoa que trata da dispensa», como *notario* é «aquelle que trata da nota», e corresponderia morphologicamente a *dispenseiro*, pois o suffixo *-ario* e o suffixo *-eiro* alternam entre si, como vimos a cima.

Quem primeiro adoptou cá a palavra *dispensario*, não fez mais do que traduzir grosseiramente o francês *dispensaire*; e já mesmo nessa lingua *dispensaire* é tão mal formado como o baixo-latim *dispensarius*. (de *dispensare*) e *elucidarium* (de *elucidare*)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Quer *elucidarium*, quer *dispensarius* vem citados no *Lexicon manuale ad scriptores mediae et infimae lalinitatis* de Maigne d'Arnis, publicado por Migne, Paris 1866, s. vv. De *dispensarius* diz-se ahi «idem q. dispensator»; quanto a *elucidarium*, nota-se que essa palavra pertence a S. Anselmo ou a um anonymo que escreveu certo livro de Theologia. Infelizmente *elucidario* acimou-se já em portugnês por causa da obra monumental que com esse titulo publicou Viterbo.



Causa em verdade estranheza que exista na nossa capital um estabelecimento público com um titulo inexacto. O coherente com a historia da lingua seria: DISPENSATORIO DE LISBOA. De facto a palavra *dispensatorio* é já classica: « officina de medicamentos, e armazem ou botica d'elles » (Moraes), e está bem formada: cfr. *purgatorio*, *lavatorio*, *laboratorio*, *observatorio*. Assim como *lavatorio* é o « local onde se lava », *dispensatorio* é o « local onde se dispensa (soccorro) ».



## As palavras *patena*, *figado*, e *fivela*

Accentuação de *patêna*. — Lat. vulg. *ficatum*. — Suffixos latinos *-ula* e *-ella*.

Tendo alguém perguntado a um seu antigo mestre se na pronúncia das palavras portuguesas se seguia sempre a accentuação latina, este respondeu da cathedra: « Nas palavras portuguesas de origem latina, é essa a regra. Mas ha excepções, em que o *accento tonico* se desloca do verdadeiro lugar: » *patena*, em latim, é esdruxulo (*pá-te-na*); e em portuguez corrente, MAS ERRÓNEO, diz-se *pa-tê-na*. *Figado* é esdruxulo, e comtudo veio do latim *ficatum*, que é grave. *Fivela* é grave, e veio do latim *fibula*, que é esdruxulo » <sup>1</sup>.

As cousas não se passaram tão comesinhamente como o tal « mestre » pensa. Discutamos cada palavra em separado.

### 1) *Patêna*:

A pronúncia de *patêna* não é errónea; também em hespanhol se diz *patêna*, em italiano *paténa*, em provençal *padéna* (antigo) e *padéno* (moderno), em francês *patène*. Todas estas palavras postulam a base latina *paténa*, como já vem em Körtling, *Lat.-romanisches Wb.*, 2.<sup>a</sup> ed., § 6:922, auctor com

---

<sup>1</sup> *Diario de Noticias* de 1 de Julho de 1908.

que o referido «mestre» enche ás vezes a boca, embora elle não goze da auctoridade que este suppõe <sup>1</sup>.

Da accentuação de paténa trataram: G. Paris, *Rôle de l'accent latin*, Paris, 1862, pag. 98, que explica essa accentuação por influencia da do grego *patáne* «prato»; e G. Cohn, *Die Suffixwandlungen*, Halle, 1891, pag. 226.

Em todo o caso, a nossa palavra *paténa* é de origem liturgica, e não obedece ás mesmas leis a que obedecem as palavras de origem tradicional.

## 2) Fígado:

Effectivamente em latim classico dizia-se *ficátum*; mas G. Paris, num copioso artigo «*Ficatum* en roman», publicado em 1901 na *Miscellanea Linguistica in onore di G. Ascoli*, mostrou que, a par de *ficátum* (grave), havia em latim vulgar *fecátum* (grave), *fécatum* (esdruxulo), e *ficatum* (esdruxulo).

É d'esta ultima fórma que provém a nossa palavra *figado*; não houve pois para ella deslocamento de accento.

## 3) Fivela:

Do latim *fibula*, mesmo com deslocamento de accento, não podia vir *fivela*: primò, porque *u* tonico não dava *é*; secundò, porque, numa palavra popular como esta, o *l* intervocalico latino devia syncopar-se. Temos pois de seguir outro caminho.

É factò sabido que em certas palavras latinas terminadas em *-ula* e *-ulus* se substituíram estas terminações átonas por correspondentes terminações tonicás, criando-se assim novas fórmas, que umas vezes coexistiram com as primeiras (ainda que com mudança ou differença de significação), outras vezes as expulsaram. Por exemplo:

---

<sup>1</sup> Ainda ha bem pouco tempo, na *Berliner philologische Wochenschrift*, de 16 de Maio do anno corrente (1908), Meyer-Lübke, fallando da 3.ª ed. do *Diccionario* de Körting, lhe chama «caricatura dos estudos etymologicos».

<i>cátula</i>	<i>rótula</i>
<i>catella</i> > cadela	<i>rotella</i> > rodela
<i>mácula</i>	<i>síngulus</i>
<i>macella</i> > mazela	<i>singellus</i> > singelo
<i>mártulus</i>	<i>spátula</i>
<i>martellus</i> > martelo	<i>spatella</i> > espadela
<i>ránula</i>	<i>súbula</i>
<i>ranella</i> > rela	<i>subella</i> > sovela;

e muitos outros exemplos podiam citar-se.

Se do latim *spatula* veio o português *espádoa*, a palavra portuguesa *espadela* tem outro sentido. Pelo contrário, a palavra latina *subula* desapareceu, e só existe hoje na nossa lingua *sovela*. Com o latim *fibula* aconteceu o mesmo que com as palavras que citei a cima: a terminação atona *-ula* foi substituída pela tónica *-ella*, d'onde se fez \**fibella*: e d'aqui veio *fivela*, e não de *fibula*.



## «Passar uma pernefa»

*Perneta* por *planeta*. — Acção da Astrologia. — Palavras d'essa mesma familia sematologica.

A frase provinciana (Beira-Alta) *passar uma pernefa* significa: passar difficuldades ou trabalhos, vencer obstaculos. Por exemplo: «fui a Madrid, mas *passei uma pernefa* para lá chegar»; «consegui o que queria, mas *pássei uma pernefa*».

A palavra *pernefa* é metathese de \**preneta*, que está por *praneta* = *planeta*. No *Auto da Barca do Purgatorio*, de Gil Vicente, *Obras*, I, 272, no dialogo do Taful com o Anjo, aquelle, justificando-se de ter peccado, diz:

A *pernefa* me forçou,  
Que era senhora de mi...

isto é: forçou-me a isso a planeta, a qual era senhora de mim.

Aqui *pernefa* é nome feminino. Tambem no latim de S. Isidoro Hispalense (sec. VI-VII), planeta pertence ao genero feminino. Como o mais usual em portuguez é serem femininos os nomes em *-a* (com algumas excepções<sup>1</sup>), o substantivo planeta,

---

<sup>1</sup> Dos nomes em *-a* são em regra masculinos os que já em latim o eram na 1.<sup>a</sup> declinação (themas em *a-*), como: *poeta*, *propheta*, *Papa*, *nauta*. De alguns que são masculinos ou femininos tomámos o masculino, como *parri-*

embora fosse masculino em latim classico, e o seja igualmente na nossa lingua litteraria moderna, tornou-se feminino na lingua popular, analogamente àquelles nomes, visto que na distincção dos generos tem grande importancia as terminações das palavras. Num texto do sec. xvi lê-se: «ou *as planetas* me descompuseram»<sup>1</sup>. Por motivo semelhante, em auctores classicos nossos *cometa*, comquanto palavra originariamente masculina, é do genero feminino<sup>2</sup>. E o povo diz tambem correntemente *uma sistema*<sup>3</sup>. Num artigo publicado no *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) de 19-1-908, tratou d'este assunto o Dr. Mario Barreto, e citou muitos outros exemplos, como *mappa*, *crisma*, etc., todos do genero feminino na lingua classica (hoje são masculinos)<sup>4</sup>. No *Esmeraldo*, ed. de Epiphanyo Dias, pag. 162, lê-se *crima* «clima», igualmente feminino<sup>5</sup>.

---

*cida*. São tambem masculinos os nomes que correspondem a neutros greco-latinos, como *enigma*, *diploma*. Do lat. *dies*, que no sing. é m. ou f., e no pl. só m., fez-se no nosso romanceo *dia*, que é masculino. Os nomes compostos de verbo + subst., ainda que a vogal final do primeiro elemento seja *-a*, são masc., como *cata-vento*, *mata-Mouros*, *fura-bolos*. Nomes, como *guia*, *vigia*, *inculca*, que denotam originariamente acção, e depois agente, eram femininos na lingua classica; hoje o uso quer fazê-los masculinos. Outr'ora dizia-se *a lingua*, no sentido de «interprete»; hoje diz-se *o lingua*. Lutam de um lado, a terminação *-a*, feminina, e do outro a applicação das palavras a entidades do sexo masculino. *Cura*, em sentido ecclesiastico, é nome já muito antigamente masculino, tanto em portugês, como em hespanhol. São tambem masculinos: *rapa* (nome verbal, que designa um instrumento de jogo infantil), *sota* «moço de estrebaria».

<sup>1</sup> Apud Brito Rebello, *Ementas Histor.*, I, 100.

<sup>2</sup> Vid. Moraes, *Grammat. Port.*, cap. II, § II, n.º 12.

<sup>3</sup> Vid. a minha *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 125.

<sup>4</sup> *Mappa* em hespanhol é m. ou f., e em italiano é f., como em latim. Todavia *mappamondo* em italiano, e *mapamundi* em hespanhol são masculinos. Em francês *mappemonde* é feminino.

<sup>5</sup> Noutras linguas romanicas observam-se factos parecidos com estes: em provençal diz-se *la propheta* e *la Papa*; em francês antigo *la Pape*; em hespanhol *el* ou *la emblema*; em ital. ant. *la pianeta*.



Justificado assim o genero de *perнета*, notarei agora que esta palavra é de origem litteraria, e que o *pl-* de planeta se mudou em *pr-*: exemplos parallelos são *pranto* de *planctus*, *prantar* de *plantare*, *prazer* de *placere*, etc.<sup>1</sup>. A syllaba *pra-* de *praneta* mudou-se em *pre-*, por assimilação ao *e* tonico seguinte. Quanto á mudança de *pre-* em *per-*, ella é muito conhecida:

*preguntar* = *perguntar*,  
*prefeito* = *perfeito*;

podia tambem ter influido nella a palavra *perna*.

No citado passo de Gil Vicente *perнета* «planeta» significa «signo» ou «sorte». Eis outro passo vicentino:

E vós mano frei trogalho,  
Em que *perнета* nacesstes,  
Que má ora cá viestes?

como na *Romagem de Aggravos* diz Marta a Fr. Paço (*Obras*, II, 513). No mesmo sentido empregou Camões, *Lusiadas*, III, 19, a palavra *planeta*:

..... o grande e raro  
Castelhano, a quem fez o seu *planeta*  
Restituitor de Hespanha..

E Diogo Bernardes, *O Lyra* (1820):

E o teu *mau planeta* não te impida ...<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Se a palavra fosse de origem popular, isto é, se datasse da epoca lusitano-romana, como pertencente ao *sermo vulgaris*, apresentar-se-hia com alterações mais profundas.

<sup>2</sup> Pag. 99.

Não a má influencia dos planetas  
Tão rigorosamente nos castiga ... <sup>1</sup>

E claro:vi os lucidos planetas  
Mostrarem sobre ti aspeitos claros  
Em suas influencias mais secretas <sup>2</sup>.

E Antonio Ferreira, soneto 37:

Do mau planeta me defende agora <sup>3</sup>.

Em todos estes casos temos um eco das crenças astrologicas d'outr'ora, pois os antigos suppunham que os astros influiam nos homens: *astra movent homines*: crenças correntes na Chaldea, na Grecia, no *Orbis Romanus*, na Europa medieval, — e ainda hoje não de todo apagadas no nosso vulgo, do que são testemunho práticas diarias, e o *Lunario Perpétuo*, livro muito estimado d'elle <sup>4</sup>. Nem os proprios reis se furtaram a esta pécha: o nosso D. Duarte tinha por astrologo Mestre Guedelha, como Luis XI tinha Galeoti; D. Manuel I consultou a Astrologia antes de enviar Vasco da Gama á India. Felizmente a sciencia vai vencendo a superstição; e já no proprio sec. XVI podia Garcia de Rêsende exclamar na *Miscellanea*:

Vimos a Astrologia  
Mentir toda em todó o mundo,  
Que toda junta dizia  
Que em vinte e quatro havia  
De haver diluvio segundo!

Da crença que os astros influiam na vida humana resultou a

<sup>1</sup> Pag. 201.

<sup>2</sup> Pag. 223.

<sup>3</sup> *Poemas Lusitanos*, Lisboa, 1598, fl. 24 v.

<sup>4</sup> Obra traduzida do hespanhol. A 1.<sup>a</sup> ed. portuguesa é de 1703.

nossa antiga palavra *astroso*, do latim *astrosus*, que em S. Isidoro Hispalense significa: *malo sidere natus*. A palavra *astroso* apparece em varios adagios, como:

Março ventoso, Abril chuvoso  
Do bom colmal farão *astroso*...

Nas barbas do homem *estroso* <sup>1</sup>  
Se ensina o barbeiro novo...

vid. Delicado, *Adagios*, Lisboa, 1651, pag. 184 e 147. A acceção de *astroso* é pois «infeliz», «mofino», «desventurado», e corresponde a *desastrado*. Em hespanhol tambem *astroso* tem como synonymos *desastroso* e *desastrado*. Na origem *astroso* devia significar apenas «influenciado pelos astros», quer em bem, quer em mal: mas o portuguez e o hespanhol tomaram a má parte, ao passo que o provençal tomou a boa parte, ainda que juntando outro suffixo ao thema da palavra *astrum*, pois nessa lingua *astruc* = *astr-uc* significa «feliz», por exemplo neste passo de Bernard de Ventadorn, trovador do sec. XII: *qu'astrucs sojorn' e jai* <sup>2</sup>. Tambem a nossa palavra *manha*, que a principio significava «prenda», por exemplo *boas manhas*, adquiriu significação depreciativa. Palavras provençaes correlacionadas com *astruc* são: *benastruc* «nascido em boa constellação», e *malastruc* «infeliz». Em francês moderno ha *malotru*, que significa «desalinhado», «grosseiro»; esta palavra vem de *malotru*, *malastru*, fórmãs que combinam com a palavra provençal *malastruc*, propriamente = \*male-astr-ucus. Ao francês antigo pertence alem d'isso *benastru*, que creio não se conservou na lingua moderna.

Outras palavras portuguezas de uso corrente, que entram no circulo das ideias astrologicas, são:

<sup>1</sup> Fôrma parallela a *astroso*. Cfr. *Estrologia* por *Astrologia*.

<sup>2</sup> Vid. *Chrestomathie Provençale* de Bartsch, 6.<sup>a</sup> ed., col. 65.

**estrella**, isto é «boa estrella», «má estrella», igualmente na accepção de «sorte», como nestes passos camonianos, na comedia dos *Amphitriões*:

Patrão, vossa *boa estrella*  
 Me fará deixar com vida  
 Quem me não merece tella... <sup>1</sup>

Assi que quis minha *estrella*,  
 Para nunca ser contente,  
 Que agora, estando presente,  
 Viva mais saudoso d'ella... <sup>2</sup>

Tambem Camões na canção que começa por *Vinde cá, meu tão certo secretario*, diz:

Quando vim da materna sepultura  
 De novo ao mundo, logo me fizerão  
*Estrellas infelices* obrigado <sup>3</sup>.

**jovial**, do latim *iovialis*, «relativo a Jove ou Juppiter», planeta que infunde alegria <sup>4</sup>.

**lunatico** «louco», «maluco», derivação de luna; **aluado**, com accepção analoga, palavra formada de *lua*;

**soturno**, palavra que a sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis explica por *Saturno* <sup>5</sup>, e que já tambem assim fôra explicada por Bluteau

<sup>1</sup> Acto v, sc. 1 (ed. de Hamburgo, III, 373).

<sup>2</sup> Acto v, sc. 6 (ed. de Hamburgo, III, 379-380).

<sup>3</sup> Ed. de Hamburgo, II, 333-334.

<sup>4</sup> A palavra encontra-se noutras lingoas romanicas: hesp. *jovial*, fr. *jovial*, ital. *gioviiale*. Sobre o etymo, cfr. *Dictionn. général* de Hatzfeld, Darmesteter & Thomas, s. v.; *Latinisch-romanisches Wb.* de Körting, 2.<sup>a</sup> ed., n.º 8:389; *La vie des mots* de Darmesteter, Paris, 1887, pag. 106.

<sup>5</sup> Na *Miscellanea in memoria di Caix e Canello*, Florença, 1886, pag. 157.

no *Vocabulario*, s. v., onde se diz que ella «he corrupção do > vulgo por *Saturno*, planeta que, segundo a astrologia, influe > melancholia, taciturnidade, e tristeza »<sup>1</sup>.

\*

Voltemos á frase que nos serviu de *thema* nesta lição. Vê-se que *perneta*, isto é, *planeta*, significou successivamente «sorte», «má sorte», «desgraça», «difficuldades»: a frase *passar uma perneta* torna-se assim perfeitamente clara<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Cfr.: Madureira Feijá, *Orthographia*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 490; Monte Carmelo, *Compendio de Orthografia*, 1767, pag. 690.

<sup>2</sup> [Já depois de redigido o texto d'esta lição, e publicado a primeira vez (summariamente) nas *Noticias de Lisboa* de 16 de Julho de 1908, encontrei nas *Note di lingua sarda*, de C. Salvioni, III-IV, 1909, § 150, menção de uma palavra logudoresa parallelá á nossa, na fórma, no genero, na significação, e na origem: *prenèta*, «sorte», «destino»].



## Euphemismos

Influencia da religião na vida da lingoagem.— Bibliographia do assunto.

Muitas vezes, por decóro, ou para evitar peccado ou mau agouro, alteram-se de modo especial certas palavras que, se seguissem a sua evolução natural, se apresentariam com outra fórma. Chama-se a isso *euphemismo*, vocabulo que provém do grego εὐφημισμός, composto de εὖ «bem», «felizmente», e φημισμός, synonymo de φήμη «palavra».

De expressões que se alteram por decóro, escuso de fallar, pois todos conhecem algumas. Fallarei das outras.

Os crentes, para não proferirem o nome do Diabo, visto que este nome é uma especie de *tabú*, dizem, como euphemismo religioso, *Diacho, Decho, Dialho, Dianho, Diangas, Diangras, Diogo*. Nenhum de taes nomes provém directamente do lat. Diab'lus, como já a respeito dos dois ou tres primeiros se tem dito. Foi evidentemente substituida a terminação *-abo* por *-acho, -echo, -alho, -anho, -angas, -angras*, por causa do sentido depreciativo que tem diversas palavras assim terminadas: *porcalho* (onde entra o suffixo *-alho*), *gord-alh-udo, bandalho; coiracho, sombracho* (com o suffixo *-acho*); *tacanho, canho* (terminação *-anho*); *piranga, nariganga* (suffixo *-anga*). Em *-angras*, por *-angas*, ha epenthese de *r*. Em *-angas*, por *-anga*, ha *-s* prosthetico, como em *Pitangas*, alcunha. Em *Diogo* houve substituição de *Diabo* por outra palavra que começa como esta.— Nas demais lingoas notam-se phenomenos semelhantes: em gallego

diz-se também *Diaño* e *Diacho*, como em português, o que não deve causar estranheza, por isso que estes dois idiomas são fundamentalmente um mesmo. Em hespanhol ha *Dianche* e *Diantre*. Em francês ha *Diantre*.

A palavra *Demonio* evita-na, desfigurando-a em *Demontes* e *Demôngre*. Na primeira ha prothese ou accrescentamento final de *-s*, como em *Diangas*, e substituição da terminação *-abo* por *-onte(s)*. A segunda assenta provavelmente no latim *Daemónicus* (d'onde \**Demongo*), com epenthese ou accrescentamento medial de *-r-*, e mudança anormal de *-o* em *-e*.

Em Pedrógão-Grande exclamam, como praga: «valha-te o *Nabo!*» A palavra *Nabo* é evidentemente euphemismo, por *Diabo*: substituição de uma palavra por outra semelhante na terminação; cfr. *Diogo*, supra, quanto ás primeiras syllabas.

*Almanegra* (= alma negra) é igualmente uma praga, usada em algumas localidades trasmontanas; o povo attenua-lhe por vezes o mau sentido, dizendo *almanicha*, com substituição de *-egra* por *-icha*, como em *Diacho* por *Diabo*.

Os nossos antigos usavam interjectivamente a expressão *pardês*, isto é, «por Deus!», especie de jura. Como esta era frequentemente falsa, desfiguravam aquella expressão em *pardelhas*. Analogamente diziam *bofelhas*, por «á boa fé!». Em castelhano ha *pardiez* e *pardiobre*. Em francês *par Diez*<sup>1</sup>, e também *pardi*, *pardine*, *pardienne*, e *morbleu* «mort-Dieu», *corbleu* «corps-Dieu», *parbleu* «par Dieu». Em provençal moderno *pardiéure*, *pardinche*. Em gallego *pardiós*, *pardiôla*, *pardiôlas*, *pardioliña*, conjunctamente com o citado castelhano *pardiobre*. Na Toscana, para não proferirem em vão o nome de Deus, dizem: *permio* (por *per Dio*), *permio se Bacco*, *perdinci*, *perdirindina*. Em Roma: *per Crispo* (em vez de *per Cristo*). — Sempre em todos os tempos se procurou illudir os preceitos religiosos, os votos, as juras. Assim os povos da antiguidade

<sup>1</sup> Vid. *Romania*, xxix, 361.



offereciam aos deuses por vezes moedas falsas, em vez de moedas boas. Hoje conta-se que os negociantes, para inculcarem bondade nas mercadorias com que enganam os frêgueses, mettem a occultas o dedo na *casa* do casaco ou do çollete, e dizem: *arrasada seja esta casa, se eu não fallo verdade!* querendo porém fazer crêr que se referem á *casa* em que habitam,—como se a religião fosse mera fórmula, e não um sentimento.

\*

Vid. sobre o assunto a *Pratica dos tres pastores* da Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis, Braunschweig, 1881, pag. 40-41, e os meus *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 309. Cfr. também Moraes, *Dicc.*, s. v. «pardelhas», e G. Viana, *Apostilas*, II, 230.



## Palavras criadas pela rima

Lista de algumas. — *Araganças*. — *Baldrocas*.

Ha em portugûes muitas palavras que, com quanto formadas com suffixos e terminações usuaes, só tem existencia em fórmulas rhythmicas, adivinhas, canções, adagios. Por exemplo: *agoaço*, *Araganças*, *baldrocas*, *brancal*, *carnola*, *catareiro*, *dourida*, *iguarço*, *impòlborir*, *mortaço*, *orvalheiras*, *orvalhudas*, *varunca*. Algumas d'estas expressões já as citei na *Revista Scientifica*, do Porto, 1883, pag. 200, e nos *Ensaio Ethnographicos*, II, 257; cfr. tambem *Revista Lusitana*, II, 117, e IX, 307. Noutras lingoas acontecem factos parallellos <sup>1</sup>.

A palavra *Araganças* figura na expressão popular beirão: «prometten-lhe Franças e *Araganças*», isto é, mundos e fundos; *Araganças* está em vez de *Aragão*, e recebeu a terminação *-anças* de *Franças*, plural de *França*. Ha aqui antigas allusões historicas, de que um romance tradicional dá tambem testemunho:

Oh que guerras vão armadas  
Entre *França* e *Aragão*!

A palavra *baldroca*, que entra na locução *trocas e baldrocas*, não foi, que eu saiba, ainda explicada. De *baldroca* diz Moraes:

---

<sup>1</sup> Vid. R. de Gourmont, *Esthétique de la lang. fr.*, Paris, 1905, pag. 288 ss.

«troca de coisa vil». Como em hespanhol ha *balda*, que quer dizer «cosa de poquísimo precio y de ningún provecho», talvez a nossa *baldroca* se relacione com essa palavra ou com o seu radical, sendo *-roca* pedido pela rima com *troca*, de accôrdo com o exemplo que citei a cima.

Na seguinte cantiga de Sinfães (Cinfães),

A hortelã é crueza,	Se eu soubera quem tu eras,
E a salsa é <i>traidoria</i> ;	Não t'amava nem um dia,

o substantivo *traidoria* «traição», embora formado de *traidor*, como *contadoria* de *contador*, creio que é só usado aqui, por causa da rima.

A rima e o metro fazem tambem que os verbos se empreguem indevidamente em certos modos e tempos, o que tanto acontece na litteratura popular, como na culta. No romance de *Santa Iria* diz-se (em duas versões)<sup>1</sup>:

Pastores do monte,	Pastorinhos,
Que gado guardaes,	Que no monte andaes,
Que ermida é aquella	Que ermida é aquella
Que alem <i>branquejaes</i> ?	Que alem <i>alvejaes</i> ? <sup>2</sup>

onde *branquejaes* e *alvejaes* estão por «branqueja» e «alveja», isto é, «vedes branquejar» e «vedes alvejar»<sup>3</sup>. Nos *Lusiadas*, I, 90:

<sup>1</sup> Nos meus *Romances pop. portug.*, Barcellos, 1881, pag. 80-81.

<sup>2</sup> Noutra versão temos: «Que alem *aljevava*», com o imperfeito em vez do presente. Todavia o povo, numa versão de Armamar, melhora-se: «Que ermida é aquella || Que alem *avistaes*?». — O uso do imperfeito pelo presente é vulgarissimo nos romances. [Cfr. sobre o assunto «Stilistisch-Syntaktisches aus den spanisch-portugiesischen Romanzen» de Leo Spitzer in *Zs. f. roman. Philolog.*, xxxv, 192 ss].

<sup>3</sup> Em *alvejaes* não pôde ver-se o verbo *alvejar* no sentido de «fixar o alvo», como o prova *branquejaes*; além d'isso não faria sentido.

Já blasphema da guerra e maldizia  
O velho inerte e a mãe que o filho cria,

com *maldizia* por *maldiz*, pois que antes está *blasphema*, no presente <sup>1</sup>.

Vê-se que uma lingua tem muitas delicadezas, que só ás vezes por anályse miuda se podem apreciar devidamente.

---

<sup>1</sup> [Vid. a magnífica edição crítica d*Os Lusíadas* do sr. Epiphânio Dias, vol. II, pag. 340-341, onde vem notado este e outros exemplos camonianos].



## Gama vocálica na derivação

Suffixos que só differem uns dos outros na vogal tónica.—Differenças de terra para terra.—Agglutinação.—Suffixos mortos e suffixos vivos.

Na nossa lingoa ha muitos suffixos de uma mesma ou parecida significação, cujas vogaes tónicas formam series: *á, é, i, ó, u*. Por exemplo:

*-ato, -eto, -ête, -ito, -oto, -ôte, -uto*, em *regato, corêto, vareta, pedreiroete, pedrita, montito, perdigôto, fidalgote, casota, coruto* (se esta palavra vem de *coroa*);

*-acos, -éca, -ico, -ôco, -ôca, uco*, em *Poçacos, coiséca, mulherica, bichôco, Pedróca, fachuco*;

*-alho, -elho, -ilho, -ôlho, -ulho*, em *frad-alh-ão, cortelho, tomilho, geolho, capulho*;

*-acho, -echo, -icho, -ocho, -ucho*, em *fogacho, ventrecho, artiguicho, realocho, gorducho*.

Cfr. tambem: *-arro, -erro, -ôrro*, em *prat-arr-il, beb-err-ão, grand-ôrro*.

Certos suffixos são tidos em maior estima em algumas localidades que noutras, por exemplo: *-ico* em Tras-os-Montes (*cousíca*)<sup>1</sup>, e *-éco* na Extremadura (*coiseca*), onde porém tambem *-ico* se usa bastante<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Vid. *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 331.

<sup>2</sup> Vid. *Dialectos Extremenhos*, I, 17.

Em várias palavras os suffixos apresentam-se agglutinados a outros, por exemplo em *frad-alh-ão*, *Poc-eir-ão*, *lam-aç-ál*, *pequ-err-ucho*.

Ha suffixos mortos e suffixos vivos: mortos são os que já não servem para formar palavras hoje, e só se conservam, por assim dizer, fossilizados, em uma ou outra palavra, como *-acos* em *Poçacos*, *-oiços* em *Pedroiços*; vivos são os que ainda servem para formar palavras novas, como *-ito*, *-ico*, as quaes são perfeitamente reconhecidas como formadas de outras (*rapazito* ou *rapazico*, de *rapaz*).



## Nomes patrios e gentílicos

Differentes maneiras de designar a patria de um individuo. — Suffixos ethnicos e geographicos.

O modo mais natural de designar a naturalidade de um individuo, é dizer *F. de tal parte*, por ex. *Gomez Eannes, de Zurara* ou *de Azurara*. Às vezes este complemento tornou-se appellido: como *João de Barros*, *Luis de Camões*, *Antonio José da Silva*, pois que *Barros*, *Camões*, e *Silva* são na origem nomes geographicos. Temos porém dois processos especiaes para designar a patria. Umaz vezes é o nome d'esta, simples ou modificado, como *os Jaos* (de *Jáoa* = Java), *os Brasis*, *os Indios*, *os Japões*, *as Japôas* (na nossa antiga litteratura), *os Mirandellos* (assim chamam os de Bragança aos de Mirandella); cfr. em hespanhol *los Noruegos* «os habitantes da Noruega». Outras vezes empregam-se nomes derivados.

Nomes derivados são aquelles que se formam de um thema ou radical, com suffixos. Dos suffixos, uns são normaes, empregados a serio; outros são mais ou menos satiricos, porque sempre entre povos vizinhos ha rivalidades que motivam expressões zombeteiras.

Os suffixos mais vulgares são **-ense** (litterario), como em *Bejense*; e **-ês** (popular), como em *Português*, palavra que resultou de *Portugalês*. Um e outro provém do latim *-ensis*, que se vê por exemplo em *Hispalensis*, *Pacensis*, de *Hispalis*, e *Pax*.

Mas temos outros; **-ano** em *Alentejano*, *Bragançano*, *Maçorano* (de *Maçôres*), *Torreano* (de *Torres Vedras*), *Transmontano* ou *Trasmontano*; **-ão** em *Beirão*, *Cintrão* ou *Sintrão*, *Coimbrão*, *Palmellão*, *Setubalão*. Um e outro do latim *-anus*, como em *Romanus*, de *Roma*.

Mais: **-eiro**, do latim *-arius*, em *Berlengueiro* (vento berlengueiro), *Brasileiro*, *Brincheiro* (de *Brinches*), *Cartaxeiro*, *Norteiro* (na Índia), *Penicheiro*, *Soajeiro*, *Sanjoaneiro*; **-ino**, do latim *-inus*, em *Abrantino* (de *Abrantes*), *Amarantino*, *Campino*.

Suffixos raros são:

- eta** em *Lisboeta*, o qual tem aspecto deminutivo;
- ato** em *Felgarato* (de *Felgar*, Moncorvo), *Larinhato* (de *Larinhos*, Moncorvo), *Maiato* (da *Maia*), — também usado na lingua commum em *mulato* (de *mulo*), *regato* (de *rego*), e cfr. *muato* e o appellido *Lobato*;
- ôto** em *Paivôto* (do coucelho de *Paiva*), *Minhoto* (tambem em *perdigôto*), feminino *Minhoteira* (*Tras-os-Montes*), como se vê nesta cantiga popular:

Sou do Minho, sou Minhoto,  
Filho d'uma Minhoteira:  
Pégo nos picos ás costas,  
Vou a trabalhar p'ra a Beira.

- engo** em *Martolengo* (por *Mertolengo*, de *Mértola*), suffixo de origem germanica, também existente em *renguengo*, *mostrengo*, *mulherengo*;
- ico** em *Mindrigo* ou *Minderico* (de *Minde*; o povo diz *Mindre* ou *Míndere*);
- ejo** em *Alcotenejo* ou *Alcoutenejo* (de *Alcoutim*), *Crastejo* (de *Castro Laboreiro*), *Ferralêjo* (de *Ferrel*, *Peniche*)<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> Por *Ferrelejo* (e deu a por causa do l). Também se diz *Furrel*, e concomitantemente *Furrelêjo*.

*Poêjo* (de *Pó* ou *Poo*, Obidos), *Torrejano* = *Torr-ej-ano* (de Torres Novas);

**-enho** em *Estremenho*, e *Ribeirenho* (Sado);

**-ista** em *Freixenista* (de *Freixo de Espada à Cinta*)<sup>1</sup>;

**-eno** em *Madrileno* (de *Madril* por Madrid);

**-éo** em *ilhéo* (feminino *ilhôa*); cfr. arch. *romêu* (*romeo*), «o peregrino que vae a Roma», de \**Romaeus* = *Ῥωμαῖος*.

Em *Algarvio* ha o apparente suffixo *-io*: aquella palavra vem do arabe *algarbî*. A palavra *Louletano* é irregular, e parece que foi formada por analogia com *Mahometano*, de *Mahome(t)*; os habitantes viram-se em difficuldades, porque os nomes terminados em vogal aberta, como *Loulé*, recebem geralmente uma consoante antes do suffixo, como *pêzínho*, *pázada*, etc.

Observámos no decurso do nosso estudo que alguns suffixos são compostos (*Minhoteira* = *Minh-ot-eira*); outro exemplo é *Minderiqueiro* (= *Minder-iqu-eiro*), synonymo de *Minderico*. Observámos tambem que existem palavras que no masculino tem um suffixo (*ilheo*) e no feminino outro (*ilhôa*, como se o masculino fosse \**ilhão*: cfr. *insulano*).

Certos nomes derivam dos nomes antigos das povoações, ou mesmo de suppostos primitivos, isto é, de latinizações ou hellenizações de nomes modernos, como: *Flaviense* (Chaves), de *Aquae Flaviae*, nome antigo; *Vimaranense*, de *Vimaranis*, nome medieval; *Colliponense* (Leiria), de *Collipo*, nome antigo; *Albicastrense* (Castello Branco, alatinado em *Castrum Album*); *Callipolense* (Villa Viçosa, hellenizado em *Καλλιπολις*, «bella cidade ou villa»).

Quando ha um nome que está real ou apparentemente no plural, o derivado sae normalmente do thema: *Elvense* (de Elvas), *Barcellense* (de Barcellos), *Abrantino* (já cit.), *Torre-*

<sup>1</sup> O *-n-* é originario: lat. *fraxinus*, hesp. *fresno*; nos docc. lat. medievas *fréixeno*; em port. arc. devia ser *fréixêo*.

*jano* (id.), *Torreano* (id.). Já em latim: *Thebanus*, do thema de *Thebae*; *Patrensis*, do thema de *Patrae*. E o mesmo em grego: Ἀθηναῖος, de Ἀθήναι. Os dos Arcos-de-Val-de-Vez chamam-se *Arcoenses*, escrevendo a palavra assim; mas a palavra deve escrever-se *Arcuenses*, porque devemos suppô-la formada do thema do latim *arcus*, que é *arcu-*, á maneira de *Portuensis*, de *portus*, thema *portu-*; se quizerem uma palavra completamente formada em português, devem dizer *Arquenses*, porque o *o* de *Arcos* desaparece na derivação <sup>1</sup>.

Acontece que para uma mesma povoação ha não raro derivados pluriformes: *Bracarense* e *Braguês*; *Bragançano*, *Braganção* (antigo), e *Brigantino*. Um é formado da palavra antiga (Bracara); outro da palavra moderna (Braga). A pluralidade póde tambem resultar do emprêgo de dois ou mais suffixos originariamente differentes: *Redondeiro* (satirico) e *Redondense* (normal). Lisboa tem: *Olisiponense* (Olisipo), *Lisbonense* (Lisbona), *Lisboeta* (Lisboa), e em certos textos *Lisboês*, *Lisbonês*, e *Ulixbonense*.

---

<sup>1</sup> Cf. supra, pag. 254-255.

## Nomes de ventos

Nomes antigos. — Designações vulgares, usadas no continente e archipelagos dos Açores e Madeira. — Poesia popular.

A menção da palavra *Berlengueiro* na lição precedente leva-me a fazer aqui algumas considerações acêrca dos nomes dos ventos.

Já os Romanos diziam: (*ventus*) *Vulturnus*, o que soprava de *Vulturnum* (na Campania)<sup>1</sup>, (*ventus*) *Africus*, o que soprava de OSO; e os Hispano-Romanos do sec. VI-VII (*ventus*) *Gallicus*, « quod eis a parte Galliae flat »<sup>2</sup>.

Os ventos em Portugal recebem denominações não só tiradas dos nomes das regiões ou lugares d'onde sopram, mas de outras circumstancias.

Em Torres Vedras, como me informa o Sr. Pedro d'Azevedo, ha estas: *vento xaróco*<sup>3</sup>, *vento da Bolengra*<sup>4</sup>, *vento da Boiça*, *vento do mar*. A designação de *vento palmellão*, ou que sopra

---

<sup>1</sup> VULTURNUM regionis incolae vocant. T. Livio, XXII, 46.

<sup>2</sup> S. Isidoro Hispalense, *Etymolog.*, XIII, 11, onde cita muitos nomes de ventos.

<sup>3</sup> Do italiano scirocco. O nome *xaroco* vem nos dictionarios, embora não se use em todo o reino.

<sup>4</sup> = *Berlenga*, pl. *Berlengas*: ilhotas defronte de Peniche. O nome *Berlenga* é analogo ao de *Berlanga* na Hespanha: do thema germanico Beril. Vid. *Romania*, XXXVII, 390 e nota (E. Muret).

de Palmella, é muito conhecida em Lisboa. Em Obidos, a par de *vento berlengueiro*, isto é, *berlenguêro*, dizem *Berlenjo*, — palavra formada como *Mirandêllo*, etc., de que fallei a pag. 423; também ao *vento do mar* de Torres Vedras corresponde alli *marêro*.

Em Tras-os-Montes (Moncorvo) ouvi: *vento marinheiro* (do Poente), *cieiro*<sup>1</sup> (do Nascente), *gallego* (do Norte), *cantaril*<sup>2</sup> (do Sul). E como o povo põe sempre algo de poesia nas suas concepções, usa lá este proverbio:

Sopra do *cantaril*?

Solta os bois, e deita-te a fugir.

No Alto-Minho (Arcos de Valdevez) o vento forte, do Sul, com chuva, tem o nome de *zimbre*; quando elle entra por uma varanda dentro, com porta ao Sul, ou por baixo d'alguma porta, diz-se: «é o *zimbre*; bate aqui o *zimbre*». O vento do Norte, frio e cortante, tem o nome de *guieira*: «está hoje uma *guieira*, que ninguém pára»<sup>3</sup>. A palavra *zimbre* é de certo originariamente nome verbal, tornado concreto, de *zimbrar* «dar com alguma cousa, dar pancadas», verbo usado pelo vulgo, e citado por Bluteau<sup>4</sup>. A palavra *guieira* relaciona-se com áquilo, que em breve citarei; temos de presuppôr como etymo o adjectivo

<sup>1</sup> Decerto assim chamado, por se suppor que produz *cieiro*.

<sup>2</sup> Provavelmente *cantaril* quer dizer «como que canta»; cf. quanto á fórma, *pastoril*, e o hesp. *cantarín*.

<sup>3</sup> Informações do Dr. Felix Alves Pereira.

<sup>4</sup> Nas *Noites de Vianna*, de meu primo Silva Campos, t. I (1877), pag. IX, leio porém «o *zimbro* que vem assobiar». As informações que a este respeito me deu outro meu primo, o Engenheiro L. Xavier Barbosa, são as seguintes: «O vocabulo *zimbre* é aqui (Viana do Castello) muito pouco usado, > e, pelo geral, até desconhecido. No emtanto, consoante o que me foi dado > apurar (frèguesias de Perre, Meadella, Santa Martha, Areosa, e Afife), todos > pronunciam *zimbre*, com -e».

latino-vulgar \*aquilonaria: cfr. o hespanhol archaico *aquilonario*, -a.

Em Aguiar da Beira e Castello-Rodrigo chamam *castelhano* ao Soão, isto é, ao vento que sopra do lado de Hespanha; esta designação é antiga, do tempo em que ainda havia o reino de Castella, e cá se dizia pois *castelhano* em vez de *hespanhol*, como hoje se diz geralmente. *Vento de baixo* é o do Sul ou Sudoeste; *está de baixo*, o que quer dizer «temos chuva» (Aguiar da Beira). Em Oliveira de Frades o vento de Sudoeste denomina-se *Alcovês*, e d'elle reza o dictado:

Alcovês,  
Venta um, chove tres,

isto é: um dia, — em tres dias <sup>1</sup>. Diz Moraes que «*Regateiras de Abril*, na Beira, são umas ventanias frias, que, estando o ceo nublado, dão nas arvores, e as desflorão» <sup>2</sup>.

No Alentejo (Ponte de Sor) usa-se a expressão *vento das adegas de Evora* para designar o Sudoeste: «Temos ágoa! Está das bandas *das adegas de Evora*». Tambem no Alentejo ouvi (creio que no mesmo concelho de Ponte de Sor): «Temos ágoa, porque o vento está do *lado das adegas de Borba*». Esta ultima expressão comprehende-se bem, porque o vinho de Borba é muito apreciado no Alentejo; Evora, porém, não tem fama de vinhateira. Em todo o caso, taes expressões são ironicas. *Esfola-vaccas* designa no Redondo o vento do Nascente, porque sécca os pastos. Ao mesmo vento chamam em Ourique *vento hespanhol*, que é synonymo de *vento castelhano*, citado a cima <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Alcovês* parece derivado de *alcova*, mas não ha povoação nenhuma assim chamada na região. Ha apenas *Alcôfra*, no concelho de Vouzella, ao Sul de Oliveira de Frades. Não posso dizer se existe relação entre esse nome e o de que estou fallando.

<sup>2</sup> *Dicc. da ling. port.*, s. v. «regateira».

<sup>3</sup> Informação da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Dias.

A brisa do mar nomeiam-na no Algarve por *vento mareiro*, e a da terra, por *vento terreno*. O vento de SO é o *vento do Cabo*, isto, é do Cabo de S. Vicente. Também se usa a expressão *vento hespanhol*, como no Alentejo <sup>1</sup>.

No Funchal, *Camacheiro* é o vento que sopra do lado da freguesia da Camacha <sup>2</sup>; o suffixo é aqui o mesmo que em *Berlengueiro*. Na mesma cidade dão o nome de *vento terral* e *terralzinho* (mais brando) ao que sopra da terra, e favorece a navegação costeira dos barcos <sup>3</sup>. Nos Açores *vento carpinteiro* é o do Sueste, e *vento esfolha-vaccas* (cfr. supra) é o de Oeste <sup>4</sup>.

Dizer *ventos*, ou dizer *pontos cardinaes*, é ás vezes o mesmo. Num documento manuscrito do sec. XIV, proveniente de Obidos, e existente no Museu Ethnologico, lê-se: «os termhos do dicto herdamento sũ estes: contra *Soã* .. en *Trauesia* e en *Aguyõ* e en *Aurego*». Os mesmos vocabulos *Soão*, *Travessia*, *Aguião*, e *Ávrego* são muito vulgares dõ sec. XII ao sec. XVI <sup>5</sup>. *Soão* «Nascente» é o latim *solanu-*, derivado de *sol*; ainda se usa hoje em todo o país, e tem adagios como:

Quando Deus quer, até com o Soão  
Os moinhos se vão!

Chuvas de Soão,  
As pedras abrandecerão,

ambos proferidos no Alentejo, e denotadores de grandes chu-

<sup>1</sup> Devo estas informações ao sr. J. J. Nunes.

<sup>2</sup> Informação do sr. Dr. Jordão de Freitas. Cfr. Gonçalvez Viana, *Apostilas*, I, 210, que diz por engano «Camacho» em vez de «Camacha». [E cf. também Julio Moreira, no *Correio do Norte*, n.º 566].

<sup>3</sup> Informação também do sr. Jordão de Freitas.

<sup>4</sup> *Rev. Lusitana*, II, 55 (artigo de H. R. Lang).

<sup>5</sup> Viterbo, *Elucidario*, s. v. «ociente».



vas <sup>1</sup>. *Travessia* «Poente» quer dizer propriamente «vento de través» (termo nautico); a par havia *vento travessão* <sup>2</sup>. O vocabulo *Travessia* conservou-se no Alentejo e no Algarve: «hoje está *Travessia*» <sup>3</sup>. Em Aguiar da Beira dizem «hoje o vento está *travessio*». *Aguiom* «Norte» vem do lat. aquilone-. *Ávrego* «Sul» vem do lat. Africu-, já citado a cima.

Quando está muito vento, dizem na Beira-Alta: «sempre faz uma *noruega!*». Evidentemente temos aqui o nome de um país do Norte da Europa transformado em nome de vento, por esse país ser tido como typo do «frio». Na *Comedia Eufrosina*, acto III, sc. II, explica-se bem o caso: «esbarrão logo por pequices mais frias que *noruega*» <sup>4</sup>. No Brasil a palavra *noruega* significa a encosta meridional das montanhas: «os terrenos de *noruéga* são sombrios, frescos e até frios . . a elles se contrepõem os terrenos soalheiros» <sup>5</sup>. Á *noruega* brasileira corresponde a *umbría* alentejana <sup>6</sup>, e o *abixeiro* do Norte do reino <sup>7</sup>. Na Estremadura ha uma quinta chamada *Noruega*; a origem do nome fica assim patente.

<sup>1</sup> Com os adagios concorre uma curiosa lenda. No Corgo e na Penajoia diz-se *Soão d'Aveiro*, ou *Soão de baixo*. Personifica-se o vento (como os povos antigos faziam), e accrescenta-se que o *Soão* tem a mulher em Aveiro, e que vae para baixo a cantar, porque a vae ver, e vem a chorar de saudades d'ella, isto é, traz chuva; d'aquí o dictado:

Vae a cantar,  
E vem a chorar.

<sup>2</sup> Moraes, s. v.

<sup>3</sup> Informação dos srs. Gabriel Pereira, e J. J. Nunes.

<sup>4</sup> Ed. de 1786, pag. 182.

<sup>5</sup> Beaurepaire-Rohan, *Dicc. de vocabulos brasileiros*, Rio, 1889, s. v.

<sup>6</sup> De \*umbriva <> umbrosa. *Umbría* é tambem palavra hespanhola: «parte ó paraje en que casi siempre hay sombra» (Dicc. da Acad.). Cf. *sombrio*, quanto ao suffixo.

<sup>7</sup> Julio Moreira, *Estudos da ling. port.*, I, 173. — No meu entender, o etymo de *bixeiro* é \*adversarius, e não adversarius, pois só *rsi* > *ssi* davam *x*.

A um vento aspero que nos açoita e molesta o rosto chama-se, mais ou menos por todo o reino, *barbeiro*: metaphora pittoresco-sarcastica, pois ha muitos barbeiros que inscientemente «fazem a barba pelo amor de Deus», arrancando ao soffredor frèguês coiro e cabello. No Algarve o substantivo atenua-se, e torna-se *barbeirinho*. O povo de Táboa, na Beira, a cujos ouvidos chegou, ao que parece, lembrança de Rossini, julgou falha a expressão corriqueira que tinha na memoria, e completou-a com outra que se lhe afigurou mais nobre, appellidando o vento de *barbeiro de Sevilha*; nunca o grande maestro italiano poderia imaginar que os ecos da sua ópera immortal haviam de vir assim a coar-se tão prosaicamente pelas ramagens dos pinheiraes e dos soutos da Beira!

Ao apresentar este elenco de nomes de ventos, usados no continente e ilhas adjacentes, não fiz mais do que esboçar o assunto. Elle prestava-se a maior desenvolvimento.

## Classes de nomes pessoais

A proposito de *Carlos*, *Luis*, e *Manoel*.

Como, em vista dos acontecimentos de 1 de Fevereiro de 1908, se proferem repetidamente agora os nomes de *Carlos*, *Luis*, e *Manoel*, vou indicar a origem d'elles, unicamente para aproveitar o ensejo de dar algumas explicações philologicas aos meus ouvintes.

### 1. Carlos.

*Carlos* é de origem germanica, e significa de modo geral «homem»: alto-allemao antigo *charal*, *charl*, *karal*; allemao moderno *Karl*, nome proprio. Fórmias paralellas: allemao moderno *Kerl* «homem do povo», «criado», etc., inglês *churl* «aldeão». A primeira serie de fórmias differe da segunda apenas no *Ablaut* ou deflexão: uma apresenta *a*, outra *e*<sup>1</sup>.

A palavra «Carlos» teve grande importancia na idade-media por causa de Carlos Magno (sec. VIII-IX), — em allemao *Karl der Grosse*. Latinização medieval: *Cárolus*, *Károlus*, *Karlus*. A palavra passou para o eslavo no sentido de «rei» (russo *korólh* ou *karólh*).

---

<sup>1</sup> Cfr.: O. Schade, *Altddeutsches Wb.*, 2.<sup>a</sup> ed., s. v. «charal»; Kluge, *Etymologisches Wb.*, 4.<sup>a</sup> ed., s. v. «Kerl»; Dettler, *Deutsches Wb.*, 1897, s. v. «Kerl».

De Carolus Magnus, isto é, Carolu- Magnu-, veio o francês *Charlemagne* (*Charlemaigne*, *Karlemaigne*); também nos textos medievaes se encontra *Charlemaignes* (*Karlemaines*), com o -s do nominativo. Em francês antigo dizia-se *Charle* e *Charles* (*Carle*, *Carles*) no nominativo, e *Charlon* (*Carlou*) no caso obliquo. Em italiano ha *Carlo*, e em hespanhol *Carlos*.

A palavra de que estou fallando tornou a ter importancia no sec. XVI, por causa de Carlos V, e de S. Carlos Borromeo.

Em Portugal encontra-se já no *Cancioneiro* de Rêsende<sup>1</sup>, e em varios docc. do sec. XVI<sup>2</sup>, num e noutro caso applicada a gente nobre. Anteriormente ao sec. XV supponho que será rara, se é que apparece; só num documento do sec. X, de Lorrão, ha *Carlou*<sup>3</sup>, que talvez corresponda á citada fórma francesa *Charlon* (*Carlou*). Do sec. XVI em diante abunda<sup>4</sup>. Talvez *Carlos* nos viesse da Hespanha. A fórma popular é *Calros*, no Algarve e noutras terras.

## 2. Luis.

É igualmente de origem germanica: allemão *Ludwig*, na lingua dos Francos *Chlodwig*, (*Chlodowig*), palavra composta, que significa «famoso guerreiro», «glorioso campeador».

A palavra passou para o francês: fórmas antigas *Lodhuwig* (*Lodhuwigs*), *Lodoïs*, *Loëys*, *Looïs*, *Loueïs*; fórma moderna *Louis*. É com S. Luis (sec. XIII) que ella começa a adquirir importancia nos povos catholicos. Em Portugal, quando ha uma

<sup>1</sup> Por ex. no vol. III, pag. 186.

<sup>2</sup> *Somaryo dos Livros da Fazenda*, ed. de Braamcamp Freire (no *Archivo Hist. Port.*, vol. II), fl. 18 e 31.

<sup>3</sup> Cortesão, *Onomast. mediev.*, s. v.

<sup>4</sup> Em 1616 publicou-se em Lisboa uma obra com este titulo: *Relação summaria da vida, morte, milagres e canonisaçam de S. Carlos Borromeu*, cardeal de santa Praxede, arcebispo de Milão, protector do reyno de Portugal, trad. da lingua toscana por o P. M. Fr. Pedro Fragoso. Lisboa 1616, 4.º. Vid. *Archivo do bibliographo*, 1908, n.º 7, pag. 100.

criança muda, levam-na debaixo do andor de S. Luis em uma procissão bracarense, e diz quem a acompanha:

S. Luis, rei de França,  
Dae falla a esta criança,  
Que ella quer fallar, e cansa <sup>1</sup>,

versos onde o santo faz lembrar os deuses romanos *Fabulinus*, *Farinus*, e *Locutius*, que presidiam ao successivo desenvolvimento da falla infantil <sup>2</sup>. Creio porém que *Luis* não abunda nos nossos documentos medievaes. No utilissimo *Onomastico* do Dr. Cortesão, que se está publicando no *Archeologo*, cita-se *Lois* e *Luis* só em documentos do sec. xv. Todavia no *Cancioneiro Português* da Vaticana, n.º 410, figura um *Luis Vaasquez* (ou *Vaasquíz*). No *Cancioneiro* de Rêsende tambem figuram varios *Luises*. Do sec. xvi em diante a palavra é correntissima.

*Luis* veio-nos pois da França, ou directamente, ou por intermedio da Hespanha, onde ha *Lois*.

A fórma correcta d'esta palavra é, como se viu, com -s, e não com -z, como vulgarmente se faz. Tanto os nossos textos antigos, como a etymologia, a preconizam.

O allemão *Ludwig* foi latinizado em *Ludovicus*. Outra latinização, talvez por influencia da fórma veneziana *Alvise*, é *Aloysius* <sup>3</sup>, de novo germanizada em *Alois*, e romançada em *Aloysio* ou *Aloisio*. Tanto *Ludovicus* como *Aloysius* tem tido uso nos nossos auctores que escreveram em latim. No livro de Damião de Goes intitulado *De bello Cambaico*, Lovaina, 1549, ha, por exemplo, esta dedicatoria: LUDOVICO, *Lusitaniae infanti*.

<sup>1</sup> *Trad. pop. de Portugal*, Porto, 1882, pag. 207.

<sup>2</sup> Preller, *Römische Mythologie*, II (3.<sup>a</sup> ed.), 211-212.

<sup>3</sup> [Vid. Dr. R. Kleinpaul, *Die deutschen Personennamen*, Leipzig, 1909, pag. 46]. Tetzner, *Namenbuch*, Leipzig (Reclam), diz: «*Aloysius*, wahrscheinlich maurisch-griechische Umbildung des fränkischen Chlowis, Chlodwig (Louis, Ludwig). Oder = Alwis, der sehr Erfahrene ».

No *Corpus poetarum Lusitanorum* de Reis & Monteiro, t. VI, pag. 1, vem um poema seiscentistico dirigido *in illustrissimum D. Aloysium de Sousa, archiepiscopum Bracharensem*. Todos sabem que existem moedas de D. Luis onde o nome do soberano soa *Ludovicus*. Na placa de cobre que se encerrou nos fundamentos do monumento de Camões, em Lisboa, lê-se *Ludovicus* (nome do rei) e *Aloisius* (nome do poeta).

### 3. Manoel.

A origem remota d'esta palavra está na hebraica *Himmanuel*, que se explica por «Deus conosco»<sup>1</sup>. O mesmo elemento *-el* apparece noutras palavras de identica origem: *Daniel* «juizo de Deus», *Gabriel* «varão de Deus». A palavra «Manoel» tem voga nos povos catholicos, porque Isaias, VII, 14, disse que uma virgem daria á luz um filho chamado «Manoel»: *ecce virgo concipiet, et pariet filium, et vocabitur nomen eius EMMANUEL*, —o que S. Matheus, I, 23, tambem repetiu. Em virtude d'isto applicou-se a Christo o nome de *Manoel*<sup>2</sup>. Por causa das relações mythicas que se estabeleceram entre Christo e o sol, usa-se na Beira esta curiosissima saudação, que se dirige ao astro-rei, quando elle rompe pela manhã no horizonte:

<sup>1</sup> Cfr. S. Isidoro de Sevilha, *Etymolog.*, VII, 5: «*Emmanuel ex Hebraeo in Latinum significat nobiscum Deus*».

<sup>2</sup> Tal é a tradição ecclesiastica; mas a critica scientifica observa o seguinte: «Les textes dits messianiques qui, dans l'Ancien Testament, passent pour préfigurer Jésus, ont tous été ou mal compris, ou détournés volontairement de leur sens. Le plus célèbre est celui d'Isaïe (7, 14) qui prédit qu'une vierge enfantera Emmanuel; mais le mot *almah*, que les Septant ont rendu par *vierge*, signifie, en hébreu, *jeune femme*, et il s'agit seulement, dans ce passage, de la prochaine naissance d'un fils du roi ou du prophète lui-même. Le contre-sens des Septante est une des origines de la légende relative à la naissance virginale de Jésus. Des le 11<sup>e</sup> siècle, les Juifs s'en aperçurent et le signalèrent aux Grecs; mais l'Église a sciemment préféré mal comprendre ce passage et elle persévère depuis plus de quinze siècles dans cette évidente erreur». Reinach, *Orpheus*, cap. V, § 61.

Lá vem o Manoel do dia,  
Que tudo cria!

e est'outra, que se profere na hora do poente:

Já lá vae o Manoel do dia,  
Que nos tem alumiado todo o dia!

A palavra hebraica Himmanuel foi transcrita por Ἐμμανουήλ na versão grega da Biblia (versão chamada *dos Setenta*: sec. III a. C.). Exemplos epigraphicos de Ἐμμανουήλ ha-os em Pape, *Wörterbuch der griechischen Eigennamen*, s. v. Nas moedas byzantinas de João I (sec. X) o nome de Christo soa tambem Ἐμμανουήλ, e o mesmo acontece nas de Theodoro II, imperador de Thessalonica (sec. XIII)<sup>1</sup>. Analogamente temos em latim *Emmanuel*, com *mm*, correspondentes aos μμ gregos. Na *Apotheosis* de Prudencio (sec. IV) lê-se de facto *Emmanuel*<sup>2</sup>. Numa medalha religiosa, que De Rossi attribue ao sec. V-VI, figura no anverso a imagem de Christo, tambem com a legenda EMMANUEL<sup>3</sup>; e a mesma legenda, assim escrita, existe numa fibula de bronze da Dalmacia, que Bulic' julga da epoca christã, mas antiga<sup>4</sup>. Estes factos não podem ser infirmados por se ler em um anel hispanico d'ouro da epoca visigotica *Emanuel*, só com um *m*<sup>5</sup>, ou por outros exemplos com um só *m*, que por acaso se encontram. Vemos, por tanto, que a tradição latina é

<sup>1</sup> Vid. Sabatier, *Essai de classif. des monnaies byzantin.*, pag. 142-143. Cfr. tambem Rasche, *Lexicon rei numariae*, s. v. « Emmanuel ».

<sup>2</sup> V. 604. Ed. de Dressel, Leipzig, 1860. Sem embargo, noutra obra do mesmo A. lê-se *Emanuel*, só com um *m*, talvez por erro de copista: *Cathemerinon*, VII, 180. Vid. tambem sobre o assunto De-Vit, *Onomasticon*, s. v. « Emmanuel ».

<sup>3</sup> *Bullettino di archeologia christiana*, t. VII (1869), pag. 44 e 54.

<sup>4</sup> *Corpus inscriptionum Latin.*, III, 10195-4.

<sup>5</sup> *Inscriptiones Hispan. christ.* de Hübner, n.º 206.

*Emmanuel*, com *mm*; e essas duas consoantes as ha-de adoptar quem hoje quiser escrever latim. Assim escreveu André de Rêsende, *In obitum D. Ioannis III*, Lisboa, 1557, fl. 1 v.:

Quae tibi de magno dudum *Emmanuele* vigebat,

J. Osorio, *De rebus Emmanuelis regis Lusitaniae*, Lisboa, 1571, e Fr. Th. de Faria na sua traducção latina dos *Lusíadas*, Lisboa, 1622: *Emmanuel*, fl. 51 v., 62 r., 145 v. Não occultarei porém que outros latinistas nossos, menos acurados neste particular, escreveram a palavra só com um *m*. As proprias moedas de D. Manoel 1 tem *Emanuel*; mas a par ha muitas cacographias, como *Immanuel*<sup>1</sup>, *Imanel*<sup>2</sup>, *Emantel*, *Emael*, *Emnuel*, *Manuel*<sup>3</sup>, *Manueles*, *Mnuelis*<sup>4</sup>, de modo que essas moedas não podem servir de normas a quem ingenuamente quisesse orientar-se por ellas. Em contraste com tal impericia dos moedeiros está uma inscripção lapidar latina de 1532, primorosamente esculpida num altar da capella do Palacio da Pena, em Sintra, na qual inscripção se lê duas vezes EMMANVEL (isto é, *Emmanuelis* e *Emmanuele*<sup>5</sup>), com a correcção devida.

A palavra latina *Emmanuel*, isto é, *Emmanuele*-, passou ecclesiasticamente para o portugûes, na fórma *Manoel*, que na boca do vulgacho soa *Manel*: o *E*- cahiu como em *bispo*, de episcopu-; o *n* manteve-se por estar antes da semi-vogal *u*, como em *Janeiro* < Ianuariu-; o *u* mudou-se em *o*, como em

<sup>1</sup> Isto é < I: IMANVEL > = *primus Imanuel*.

<sup>2</sup> Isto é < I: IMANEL > = *primus Imanel*.

<sup>3</sup> Propriamente é a fórma portuguesa.

<sup>4</sup> Vid.: Aragão, *Moedas*, t. I, pag. 248 ss. (moedas de D. Manoel I), e os *Catalogos* que Schulman, d'Amsterdam, publicou em 1906 e 1909 dos monetarios de Judice dos Santos (§§ 747, 757, 760, 769, 770, 775), e de Araujo Ramos (§§ 131, 134, 136). A cacographia *Emnuel* vê-se numa moeda do Gabinete Numismatico da nossa Bibliotheca Nacional.

<sup>5</sup> Neste ultimo exemplo os *mm* estão ligados.



*mingoar*, de \*minuare; o ditongo ou digrapho *-ue-* (*-oe-*) reduziu-se a *e*, como em *janella* <ianuella (deminutivo de ianua). A simplificação de *Emmanuel* em *Manoel* é comparavel á que se nota no nome de imperadores gregos dos seculos XII-XV, Μαμανήλ, por Ἐμμανουήλ.

Pelo que toca ao uso da palavra em portugûes, notarei que ella, com a fórma *Manuel*, apparece já em um documento latino do mosteiro de Moreira, do sec. X<sup>1</sup>; todavia creio que não se vulgarizou senão seculos depois. No *Cancioneiro* de Rêsende lê-se ella várias vezes, e adquire todo o brilho na pessoa do rei venturoso (1495-1521). Alguns auctores, por latinismo, escreveram-na com *E-*, duplicando ou não o *m*, por exemplo Camões: «Acorda *Emanuel*»<sup>2</sup>, «Forão de *Emanuel* (*Emanoel*) remunerados»<sup>3</sup>, «Teu nome, *Emmanuel*»<sup>4</sup>; o mesmo poeta escreve comtudo *Manoel* noutros lugares, por exemplo nos *Lusiadas*, IV, 66.

\*

Mostra-nos esta breve resenha a curiosidade e importancia que tem o estudo dos nomes proprios. Elles na origem são em geral expressões communs, que no decorrer dos tempos se modificam. Reflectem crenças religiosas, influencias historicas, gostos e usos sociaes.

Nos nossos mais antigos documentos predominam os nomes germanicos, como *Argemirus*, *Berenaldus*, *Cartemirus*, *Donadildi*, *Eldebredus*, *Fáfila*, *Gondesindus*, *Leodegunda*, *Monderigus*, *Recemundus*, *Romarigus*, *Silvaldus*, *Tundulfus*, *Vimara*,

<sup>1</sup> Cortesão, *Onomastico*, s. v.

<sup>2</sup> *Lusiad.*, IV, 75.

<sup>3</sup> *Lusiad.*, IV, 83.

<sup>4</sup> Soneto n.º 187 da ed. de Hamburgo (dirigido a Manoel Barata). Assim vem tambem na ed. de Faria y Sousa, vol. I, pag. 297.

apenas aqui e além intermeados de nomes de origem latina e hebreia, como *Antonio, João, Joaquim, Marcos*. Do seculo XII em diante predominam os nomes dos santos e dos personagens biblicos. Todavia os gostos mudam com os tempos. No sec. XVI era vulgar *Briolanja, Gil, Guiomar, Martin, Mem, Pero*, que depois caíram em desuso. Como observou o sr. Pedro d'Azevedo<sup>1</sup>, muitos nomes femininos propagaram-se durante a idade-média com os das princessas estrangeiras que vieram casar cá, por exemplo, *Constança, Isabel, Urraca*. Em documentos do seculo XV ha nomes tirados dos romances arthurianos: *Lançarote, Percival, Tristão, Yseu*<sup>2</sup>. A maior parte dos nomes modernos usavam-se já no seculo XVI. A moda introduz constantemente novidades: *Alice, Ananisa, Bohemia, Elodia, Iveta*, nomes muito saboreados no Brasil. As paixões politicas tambem: *Miguel e Pedro* no tempo das guerras da Liberdade; *Republica* (nome de mulher) nos nossos dias.

---

<sup>1</sup> *Rev. Lusitana*, x, 325.

Vid. Th. Braga, *Curso de Hist. da Litt.*, pag. 145.

## Análise lexicographica de duas poesias de Sá de Miranda

(Vid. *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 69-70)

Sá de Miranda (seculo XVI), se foi o introductor dos hendecasyllabos italianos, ou versos de *medida nova*, escreveu muitos versos com a medida peninsular, ou *medida velha*. Nesse metro são redigidas duas poesias, de que passo a analysar lexicographicamente alguns elementos.

**comigo** = co(m)-migo, com repetição pleonastica de *com*, pois *migo* (antigo *meço*, italiano *meco*) vem do latim *mecum* = me + cum; o *i* resulta da influencia do de *mi* (mim). Vid. supra, pag. 53.

**me** fórma atona do pronome pessoal dativo e accusativo. Pronuncia-se *mi* ou *m'* antes de vogal, por ex. *dá-mi um*, *vês-mi aqui*, ou *dá-m'um*, *vês-m'aqui*; só se usa *me* em pausa, por ex. *vou-me*, ou antes de consoante, por ex. *acho-me doente*. Esta alteração do *-e* dá-se em todas as palavras terminadas em *e* atono.

**desavim** = *des-a-vim*: *des* < de ex, *a* < ad, *vim* < veni (com *Umlaut* ou metaphonia; arc. *vīi*).

**som** por \* *sono*, arc. *sōo* <sup>1</sup>.

---

Cf. Adolfo Coelho, *Theoria da conjugação*, pag. 21-23.

**perigo**, de *periculum*, arc. *perigoo*, como *bagoo* = lat. *baculum*, *ángeo* (anjo) = lat. *angelus*, *Diaboo* = lat. *Diabolus*. São palavras que não pertencem o 1.º *stratum* da língua, pois tem origem culta.

**aturar**, de *obturare*, com troca de prefixo<sup>1</sup>. Da ideia de «tapar», veio a de «deter» (por ex. um liquido numa vasilha); em catalão *aturar* quer dizer «parar». Depois «resistir».

**fugir**, do lat. *fúgere*, tornado \**fugire*; pois os verbos da 3.ª conjugação latina passaram uns para a 4.ª, como aqui, outros para a 2.ª (cfr. supra. pag. 93 e 113).

**dor**, arc. *door*, do lat. *dolor*, que de masculino passou a feminino, como *côr* e *flor*, que em latim são masculinos.

**antes**. Vem do lat. *ante*, com *-s*, paragógico, por analogia com o *s* final de muitos advérbios latinos, taes como *eras*, *magis*, *minus*. O povo ainda hoje obedece ao mesmo principio, quando diz *sòmentes*, *malmentes*. Incidentalmente notarei que é por principio analogo que elle pronuncia *Leites*, *Mathildes* ou *Methildes*, *Freires*, em vez de *Leite*, *Mathilde*, *Freire*, palavras acabadas em *-e*: imita os nomes que etymologicamente terminam em *-es* (*-ez*), como *Gomes*, *Guedes*, *Fernandes*, *Nunes*, e outros parecidos. Tambem em alguns romances populares se diz *condes* e *duques* no singular.

**crecer**. De *crescere*, com mudança da 3.ª conjugação para a 2.ª, e assimilação de *s* a *c*, do que já tratei em outra lição: vid. supra, pag. 149.

**meo**. De *medium* (*médeo*, \**méeo*). O ditongo desenvolveu-se depois, como em *ceia*, do antigo *cea*, e em *cheio*, do antigo *cheo* (cfr. supra, pag. 167-170).

**trabalho**. Substantivo relacionado com *trabalhar*, cuja etymologia tem embaraçado os romanistas. Na *Romania*, xvii, 421 ss., assentou Paul Meyer que ao prov. *trebalho*, *trebalhar*, convinha como etymo o lat. *tripalium* «certo instrumento de

<sup>1</sup> Cf. Diez, *Etymologisches Wb.*, 4.ª ed., pag. 30.

tortura». Antes d'elle havia Diez, *Et. Wb.*, 4.<sup>a</sup> ed., pag. 325 s., presuppuesto trabs. Vid. tambem Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

**seguir.** De sequor, que perdeu, como outros verbos, a fôrma depoente (cfr. supra, pag. 92 e 281, e infra): por isso \*sequo, \*sequere, com mudança de conjugação, como fugere (vid. supra).

**trazer.** Vid. *Rev. Lusitana*, II, 269 e 349 (artigos meus), e III, 188 (artigo de D. Carolina Michaëlis).

**tamanho** = *tam-manho* < tam magnu-: vid. supra, pag. 200.

**imigo.** Costuma ensinar-se nas aulas que a palavra *imigo*, que ás vezes se lê em versos antigos, é mèramente poetica, e devida a necessidades metricas. Tal ensinamento é erroneo, porque *imigo* é a genuina fôrma popular que corresponde ao latim inimicus. A palavra *inimigo* é mais moderna e de origem litteraria. Cfr. *Rev. Lusitana*, IX, 20 e 27.

**avindo.** De \*advenítu-, em vez de adventu-. Aquelle participio formou-se por analogia com os outros participios em -itu- dos verbos da 4.<sup>a</sup> conjugação. Igualmente *vindo*, por *viindo*, vem de \*venítu- (ventu-); cfr. hesp. *venido*, e supra, pag. 284.

**cuidado.** Participio substantivado de <cogitare<sup>1</sup>. Cfr. *feito* <factu-, *dito* <dictu. São numerosos os exemplos portuguezes d'esta substantivação: *achado*, *assado*, *braçado*. A tendencia latina (*factum*, *dictum*) continuou pois a manifestar-se em romanço com grande actividade.

**tomar.** A etymologia ainda não está sufficientemente averiguada: vid. Körting, *Lat.-rom Wb.*, § 9576.

**alma** < an'ma < anima.

**repousar** = re-pousar. De pausare.

**dia.** De \*dia = dies. Mudança da 5.<sup>a</sup> declinação para a 1.<sup>a</sup>

---

<sup>1</sup> A. Thomas, *Romania*, XXXIV, 332, admite \*cugitare já no lat. vulgar.

Já em latim classico havia *materies* a par de *materia*. Vid. supra, pag. 274-275.

**dentro.** De *de* + *intro*.

**ousar.** De *ausus*, participio de *audeo*, formou-se em lat. vulgar \**ausare*, como o attestam as várias lingoas romanicas: vid. supra, pag. 4.

**confiar.** Não vem de *com* + *fiar*, como dizem alguns dictionaristas, mas ascende já ao latim vulgar \**confidare* = *cum* + *fidare*, pois existem outras fórmulas romanicas: hesp. *confiar*, fr. *confier*, it. *confidare*. Quando uma palavra, como esta e a antecedente, tem parallelos nas demais lingoas neo-latinas, é mais presumível que houvesse já um protótipo latino-vulgar para ella, e para os parallelos, do que se formassem independentemente, com os recursos morphologicos de cada lingoa.

**recear.** Cfr. hesp. *recelar*. Do latim *re-zelare* (de *zelus*). O *z* latino nesta palavra soava *ds*, e tornou-se *ç* no romance iberico. A nossa palavra *zelo* é de origem litteraria. Nos *Ineditos de Alcobaça* ha *zeo* e *zear*; resta saber se *z* vale ahi *z* ou *ç*.

**aggravar.** Substantivo verbal de *aggravare*, do lat. *aggravare*. Tratei da formação dos substantivos d'este typo nos meus *Respigos Camonianos*, I, 41 sqq.

**esperança.** Não de *esperar*, mas de \**sperantia*, pois noutras lingoas romances ha fórmulas affins: fr. *espérance*, ital. *speranza*, etc.

**inda (ainda).** Costuma explicar-se por *inde* + *ad*, ou *ab* + *inde* + *ad*, mas como em *inde* o *i* é breve por natureza, e esta palavra, assim avulsa, se tornou *ende* em portuguez archaico, a palavra *inda* não deve explicar-se d'aquelle modo. A verdadeira explicação não foi ainda dada. Poderia acaso pensar-se em *hinc* + *de* + *ad* (*ad* + *hinc* + *de* + *ad*; prefiro *ad* + *hinc* a *abhinc*). Esta adjunção de particulas não é facto que cause estranheza: cfr. supra, pag. 213.

**moura.** Na passagem do latim para o portuguez não só as fórmulas passivas foram substituidas por fórmulas activas (excepto o participio), mas as fórmulas depoentes perderam o seu caracter:

assim de *moriatur* fez-se \**moriat*, e esta palavra tornou-se normalmente *moira* e *moura*, o que em português arcaico significa «morra». Cfr. supra, pag. 92, 109, e 281. Vem a proposito dizer que costuma ensinar-se nas aulas que nos *Lusiadas*, II, 41, ha a cacophonia *mas morra*; este ensinamento, como muitos outros, é erroneo, pois Camões escreveu, segundo a lingoagem do tempo, *mas moura*: alguns editores é que, com o sestro de modernizarem as obras antigas que reproduzem, transcreveram aqui indevidamente *moura* por *morra*.

**sei, possa, vivi, cri.** Uns verbos influem nos outros, provocando o apparecimento de fórmãs que não correspondem aos typos latinos: *sei*, não vem directamente de *sapio*, mas formou-se por analogia com *hei*, que vem do lat. vulgar \**haio* = *habeo*; *possa*, não vem do latim *possim*, mas de *posso*, por analogia com os outros conjunctivos em *-a* (*possa* : *posso* :: *deva* : *devo*); *vivi*, não vem do lat. *vixi*, mas criou-se por analogia com os preteritos regulares (*devi*, etc.); *cri*, não vem do lat. *credidi*, mas de *crei* (*creer*), pelo mesmo motivo.

\*

Julgo que, a proposito de lingoagem, mais convém ministrar ao público explicações philologicas e uteis indicações bibliographicas, do que, como alguns fazem, estar a entretê-lo com grãças que não deleitam nem instruem, e pelo contrário dão a entender ou que a disciplina a que ellas se referem não tem methodo nem problemas, o que é falso, ou que aos que as divulgam falta inteiramente capacidade scientifica.

O estudo historico da lingoagem é muito importante, porque nos habilita para sabermos melhor o quê havemos ou não havemos de dizer (por exemplo *Fulano filho*)<sup>1</sup>, faz que apre-

---

<sup>1</sup> Vid. supra, pag. 392.

ciemos certas leis do espirito humano (por exemplo a analogia no genero: *a crisma* em vez de *o crisma*<sup>1</sup>; a analogia nos verbos: *possa*, e não *possim*)<sup>2</sup>; e ajuda-nos a desvendar no passado ideias que, comquanto hoje quasi extinctas, tiveram noutros tempos grande acceitação e curso (por exemplo as astrologicas, a proposito da palavra *pernêta*)<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Do neutro *chrisma* (greco-latim): cfr. supra, pag. 405-406. A palavra em portugês tanto é feminina como masculina.

<sup>2</sup> Vid. supra, pag. 445.

<sup>3</sup> Vid. supra, pag. 405.



## Notícias bibliographicas

Trabalhos de Gonçalves Viana, J. J. Nunes, Julio Moreira, O. Nobiling, e Mario Barreto.

### 1. **Apostilas aos dictionarios portugueses.**

Na lista dos dictionarios formada supra, pag. 230-232 ss., vem entileirar-se as *Apostilas* do sr. Gonçalves Viana<sup>1</sup>, que contém addições e correções aos dictionarios anteriores, e etymologias novas. O sr. Viana, que era já consummado phoneticista, e como tal apreciado e louvado de todos os que se occupam de Philologia romanica, apresenta-se agora, no presente trabalho, como lexicologo, adquirindo assim novos creditos.

Embora num ou noutro lugar se possa discordar das opiniões do auctor, porque não ha ninguem infallivel, esta obra deve occupar lugar de honra na banca dos estudiosos.

\*

### 2. **Chrestomathia Archaica.**

Outro livro de que convém dar noticia é a *Chrestomathia Archaica*<sup>2</sup> do sr. José Joaquim Nunes, professor do Lyceu de

---

<sup>1</sup> *Apostilas aos dictionarios portugueses*, Lisboa, Livraria Classica Editora, 2 vols., 1906.

<sup>2</sup> Lisboa, Ferreira & Oliveira, 1906.

Beja, e dedicado cultor da Philologia portuguesa. A *Chrestomathia* consta de uma parte doutrinaria (grammatica historica), e de trechos da nossa litteratura medieval. Accrescem notas e glossario (o qual, porém, devia ter, e não tem, referencias ás paginas do texto).

Este livro prestará bons serviços aos que se quiserem informar da nossa lingua e litteratura. O sr. Nunes, ao contrário de muitos auctores de compendios escolares, está bem orientado, e trabalha com materiaes colligidos por elle proprio, ou jõeirados pelo seu criterio.

\*

### 3. Estudos da lingua portuguesa <sup>1</sup>.

O sr. Julio Moreira, auctor d'este livro, além de ser habil humanista, conhecedor, como é, das lingoas e litteraturas grega e latina, sabe perfeitamente o allemão e o inglês, entende o arabe, e applica-se com esmêro á Philologia romanica.

Neste último campo formam os *Estudos* o seu trabalho de maior vulto; mas havia já dado á estampa meritorios ensaios <sup>2</sup>. O presente livro consagra-se principalmente á syntaxe popular, onde ha muitas e boas observações, acompanhadas de citações litterarias; em appendice estudam-se muitos vocabulos transmuntanos. O livro, se se recommenda pela doutrina, recommenda-se tambem pela fórma, pois está escrito elegantemente, e ao alcance do commum dos leitores.

---

<sup>1</sup> Vol. I, Lisboa, 1907, Livraria Classica Editora.

<sup>2</sup> Publicou tambem, noutro campo, uma excellente *Grammatica inglesa* (já em 6.<sup>a</sup> ed.), e tem feito edições annotadas de classicos latinos.

\*

#### 4. Cantigas de João de Guilhade.

Das *Cantigas* de João de Guilhade, trovador português do sec. XIII, deu-nos em 1907 o illustre philologo suiço Dr. Oscar Nobiling, professor na cidade de S. Paulo, duas edições criticas<sup>1</sup>, uma, apenas de algumas poesias escolhidas, outra, completa. Ambas estão providas de excellentes notas e commentarios, que revelam no auctor conhecimento amplo da nossa litteratura poetica medieval. O Dr. Nobiling pertence àquella pleiada de lusitanophilos estrangeiros que, taes como Cornu, Lang, Monaci, Ovidio, Prestage, Schuchardt, Storek, e outros, muito tem corrido fóra de Portugal para que, no dizer do Poeta, e com a nossa íntima gratidão,

Floreça, fale, cante, ouçafe, & viua  
A Portuguesa lingua, & já onde for  
Senhora vâ de *fi foberba*, & *altua*<sup>2</sup>.

\*

#### 5. Cartas philologicas.

No *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro está inserindo o Dr. Mario Barreto, professor do Collegio Militar d'aquella cidade, uma serie de *Cartas philologicas*, que são muito instructivas, porque o auctor, pugnando pelos direitos da lingua portuguesa, que no uso quotidiano, lá, como cá, vae decahindo da propria correcção e pureza, se apoia constantemente em textos classicos para justificar as asserções que faz. Vantajoso seria para os estudiosos reuni-las em volume.

<sup>1</sup> Erlangen (Jung & Sohn).

<sup>2</sup> Antonio Ferreira, *Poemas Lusitanos*, 1598, fl. 133.



# VI

(ANNO LECTIVO DE 1908-1909)



## «Vergilio» não «Virgilio»

Documentos epigraphicos.— Uso medieval.— Litteratura portuguesa.

A proposito da traducção da *Eneida*, feita ultimamente (1908) pelo distincto poeta Dr. Coelho de Carvalho, no rosto da qual elle emprega a fórma *Vergilio*, em vez da muito usual *Virgilio*, apresentou-me um dos meus ouvintes alguns reparos, concluindo por perguntar-me: 1) se aquella fórma se justifica; 2) se ella se adopta agora em Portugal pela primeira vez.

Vou aqui responder.

O problema consiste apenas em saber como é que os Romanos, principalmente no tempo do seu poeta nacional, pronunciavam e escreviam esta palavra. De modo geral direi que, para se apreciar qual era a pronúncia do latim, temos varios meios: a prosodia dos poetas, as noticias dos grammaticos romanos (collecção moderna, publicada por Keil), os manuscritos antigos, a epigraphia, as lingoas romanicas, a transcripção em grego e noutras lingoas. Para o nosso caso não se torna necessario recorrer a tudo isto; bastam alguns d'esses criterios.

Os mais antigos manuscritos que nos restam das obras do Poeta tem *Vergilius* e não *Virgilius* <sup>1</sup>.

Como o nome se usou muito durante a epoca romana, apparece frequentemente, no masculino, ou no feminino, em inscri-

---

<sup>1</sup> Vid. Benoist, ed. d'essas obras, t. I, 1867, pag. xxxi, e nota.

ções lapidares, e, por vezes, em monetarias: umas e outras são documentos directos da lingua do tempo em que foram gravadas.

As inscripções romanas acham-se reunidas no *Corpus*, obra de que já fallei noutra lição <sup>1</sup>, e que consta de muitos volumes. Colligi ahi dezenas de exemplos. Entre elles: *P. Vergilius Laurea* e *P. Vergilius Paullinus*, dos annos 7 e 8 da era christã, isto é, do tempo de Augusto <sup>2</sup>; *Cn. Vergilius Capito*, do anno de 47 e 48, isto é, do tempo de Claudio <sup>3</sup>; *M. Vergilius Athictus*, *Vergilia Successa*, *Vergilia Helpis*, *M. Vergilius Celer*, *M. Vergilius Romanus*, todos elles membros de uma familia que figura em uma inscripção da cidade de Roma <sup>4</sup>; *Vergilius Eutychus*, *Vergilia Apollonia*, *Vergilia Fortuna*, membros de outra familia romana <sup>5</sup>; *C. Vergilius Secundus*, *C. Vergilius Euthycus*, *Vergilia Benigna*, membros de outra <sup>6</sup>; *A. Vergilius Maximus*, do sec. III <sup>7</sup>; *L. Vergilius Hilaris*, *P. Vergilius Samnis*, *Vergilia Quinti filia*, *Vergilia Anus*, *Vergilia Caesia*, *Vergilia Gemina*, *Vergilia Maxima*, em inscripções da Peninsula Iberica <sup>8</sup>. A par de setenta e nove exemplos que, em rapida consulta do *Corpus*, colhi de *Vergilius* e *Vergilia*, achei uma unica vez *Virgilia* <sup>9</sup>, que de nenhum modo infirma a regra geral. Numa ara funeraria do Museu das Thermas, em Roma, copiei eu este comêço de inscripção: *Dis Manibus* || VERGILIAE *Augtæ* (= *Auctæ*), e no Museu Lateranense, na mesma cidade, copiei esta, na secção das inscripções christãs: D. M. || Q. VERGILIUS *Felix*, || *qui vix(it) annis* III, ||

<sup>1</sup> Vid. pag. 120.

<sup>2</sup> V, 7567.

<sup>3</sup> III, 6024.

<sup>4</sup> VI, 28562.

<sup>5</sup> VI, 28567.

<sup>6</sup> VI, 28573.

<sup>7</sup> III, 6919.

<sup>8</sup> II, 5934, 3512, 3511, 3513, 5935, 4289, e 3514.

<sup>9</sup> X, 4791.



*mes(ibus)* VI, *dieb(us)* XVII<sup>1</sup>. — Na *Prosopographia Imperii Romani*, t. III, Berlin, 1898, pag. 400 ss., não vem senão *Vergilius*, e citam-se muitos personagens d'este nome. — Nas moedas consulares romanas ha apenas, como nome de um monetario, a abreviatura VER, que tanto póde interpretar-se por *Ver(gilius)*, como por *Ver(ginius)*; mas conhece-se uma moeda da cidade de Pesto com *Vergiliu(s)*<sup>2</sup>.

Os auctores gregos que empregaram a palavra, disseram (segundo os bons manuscritos) Οὐεργίλιος, o que mostra ao mesmo tempo o valor guttural do *g* antes de *i*<sup>3</sup>.

Schulze, na *Geschichte lateinischer Eigennamen*, 100-101, correlaciona *Vergilius* com *Verginia* e *Verginius*, do etrusco verena. Seja porém qual fôr o etymo, não ha dúvida que era *Vergilius* a orthographia e a pronúncia no tempo do Poeta e ná epoca romana.

Foi na idade-media que se propagou litterariamente o uso da fórmula *Virgilius*, pois uns, por ser o Poeta alma candida, identificaram o seu nome com *virgo*, *-inis*, — e assim explicava tambem um professor que eu tive de latim —, e outros inventaram uma lenda em que entrava uma *virga* ou « vara »<sup>4</sup>.

No sec. xv o humanista italiano Angelo Policiano mostrou que *Vergilius* era a fórmula exacta<sup>5</sup>, mas o seu *veredictum*, embora attendido por muitos editores do sec. xvi, que adoptam *Vergilius*<sup>6</sup>, não o foi totalmente, e tornou-se preciso que se

<sup>1</sup> *mes(ibus)* denota pronúncia popular por *mens(ibus)*.

<sup>2</sup> Vid. *A diction. of Roman coins* de Stevenson, pag. 850.

<sup>3</sup> Pape, *Vb. der griech. Eigennam.*, s. v. — Outros exemplos de transcripções gregas que nos elucidam acêrca da pronúncia do latim são (quanto ás consoantes): *Κικέρων* = *Cicero*, *Καῖσαρ* = *Caesar*, *Γέτα* = *Geta*, nome de um imperador; além d'isso, conforme *e* e *o* eram breves ou longos em latim, assim os Gregos diziam respectivamente ε-ο, e η-ω.

<sup>4</sup> Cf. Forcellini, *Lexicon totius latinit.*, s. v.

<sup>5</sup> Vid. *Opera*, t. I, Lião de França, 1523, pag. 624 ss. (isto é: *Miscellanea*, cap. 77).

<sup>6</sup> Cf. Benoist, ed. do Poeta, t. I, pag. xxxi, nota.

realizassem os grandes estudos que no seculo XIX se realizaram acêrca da orthographia latina, para que o uso d'essa fórma se generalizasse. A Allemanha entrou ha muito no bom caminho, adoptando-a constantemente em edições de classicos, em dictionarios, em citações, e prescrevendo-a mesmo pela voz de Brambach no Manual de Orthographia Latina.

Pelo que toca a Portugal, já em 1626 Leonel da Costa publicou *As Eglogas e Georgicas de Vergilio*, obra em que faz uma observação para justificar o escrever *Vergilio*, e transcreve de Policiano as razões paleographicas e epigraphicas em que este se funda <sup>1</sup>. O douto lexicographo Bento Pereira, na *Prosodia*, com quanto pareça inclinar-se mais ao *Virgilius*, conhece e cita tambem *Vergilius* (sec. XVII). A doutrina de que Leonel da Costa foi apologista teve outro defensor em 1765 em A. Pereira de Figueiredo nas *Observ. sobre a ling. e orthogr. lat.*, onde a pag. 174 diz: «*Virgilius* não he melhor, nem mais seguro que *Vergilius*», e a pag. 101 dá as provas do que affirma.

As razões de Angelo Policiano, advogadas em Portugal, como vimos, por humanistas nossos do seculo XVII e XVIII, não calaram nos animos dos Portugueses, e continuou durante muitos annos a rotina de se escrever *Virgilius*. Só depois de conhecidos cá os resultados obtidos na Allemanha, foi que *Vergilius* começou realmente a supplantar *Virgilius*. Ao sr. Epiphanio Dias, a quem pertence a gloria de haver reformado modernamente entre nós o ensino da lingua latina, pertence tambem, creio eu, a de ter dado novos foros de cidade a *Vergilius*: na traducção que em 1872 publicou da *Gram. Lat.* de Madvig não se cita de outro modo o nome do Poeta. D'ahi em diante todos os que estão informados dos progressos dos estudos philologicos

---

<sup>1</sup> Innocencio da Silva, que, como era natural, conhecia muitos livros só pelos frontispicios, ao transcrever o titulo d'esta obra no seu utilissimo *Dicc. Bibliog.*, v, 175, não havendo lido o que diz Leonel, e achando estranheza no *Vergilio*, juntou-lhe discretamente um «*sic*» entre parenthesis!

usam geralmente *e*, e não *i*, o que vou provar. Adolfo Coelho, nas *Noções de litteratura antiga e medieval*, Porto, 1881, pag. 95, diz *P. Vergilio Marão*, e repete várias vezes a palavra de que estou fallando. Em 1885 deu a lume Julio Moreira no Porto as *Obras de VERGILIO annotadas*. Em 1904 fez-se para uso dos lyceus uma edição da *Aeneis P. VERGILII Maronis*. Do mesmo anno são os *Subsidios para a leitura dos «Lusiadas»* de Barbosa de Bettencourt, onde a pag. 315 etc. se lê *Vergilio*, — e a *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, onde a pag. 162 se lê tambem d'aquelle modo o nome do Poeta romano.

Fica pois demonstrado: 1) que *Vergilio* é a unica fórma correcta; 2) que ella tem tradição antiga em Portugal, algum tempo interrompida, e depois renovada.

Incidentemente notarei que em Portugal, embora d'antes se escrevesse *Virgilio*, a pronúncia foi sempre *Vergilio*, pela lei de que *i-i* soa *e-i*, segundo vimos a pag. 219. De modo que a reforma é propriamente para os olhos; o ouvido está habituado ao *e*.



## A terminação afoxa -ade e -ada

A proposito de *pleiade* ou *pleiada*.—Formação da palavra *Lusiadas*.

Quem attender ao número de pessoas que actualmente na imprensa periodica pugnam pelos fóros e regalias do idioma português, ha-de pensar que este, longe de se depauperar, melhora. Em verdade, no Porto o sr. Julio Moreira em artigos no *Correio do Norte*, em Lisboa o sr. Gonçalves Viana em artigos no *Dia*, no Rio de Janeiro o Dr. Mario Barreto em artigos no *Correio da Manhã*, todos espalham boa doutrina philologica pelos infieis. Na capital ha tambem dois jornaes, *A Epoca* e *O Povo Português*, que publicam de vez em quando vocabularios, com o intuito de enriquecerem o lexico, ou de estabelecerem normas orthographicas; e até veio alguém mais afoito que instituiu uma enfermaria na redacção de um dos primeiros jornaes da cidade, e ahí acolhe pelo amor de Deus, posto que em tom galho-feiro, os achacadiços da falla, que em chusmas lhe imploram dia a dia mêninha para seus aleijões grammaticaes.

Apesar d'isso, escreve-se cada vez pior. Raro se abre uma gazeta, ou se folheia um livro, que não se encontrem formigueiros de erros; já não me refiro aos orthographicos, refiro-me aos vocabulares e grammaticaes, que são os mais graves.

Não regatearei palmas aos escriptores que procuram com seriedade e consciencia atalhar o damno; porém mal posso deixar de oppor antidotos aos venenos que enfermeiros descaroados propinam com o rotulo de medicamentos salutiferos.

É assim que no n.º 15:522 do *Diario de Noticias* (2 de Fevereiro de 1909), jornal cujo nome subentendi quando fiz allusão á enfermaria philologica, o enfermeiro de que trato, pretende inculcar a um consulente que, não obstante ser a fórma *pleiada*, com *-a*, auctorizada, a fórma rigorosa, etymologica, é *pleiade*, com *-e*. Como elle declama *ex cathedra*, sem apresentar razões, ficamos um pouco atordoados, pois, se para defender o *-e*, quer fundar-se no latim *pleiade(m)*, accusativo de *pleias*, está em contradicção com o que preconiza no *Novo Diccionario*, onde se lé que a palavra é grega: ora  $\text{πλειάς}$  faz no accusativo  $\text{πλειάδα}$ , e tem pois *-α*, d'onde se vê que a orthographia rigorosamente etymologica é com *-a*, e não com *-e*, como agora affirma. Mas como se explica a accentuação de *pléiada*, visto que em grego é  $\text{πλειάδα}$ ?

Ponhamos de parte os pannos quentes do enfermeiro, que neste, como noutros casos, embrulha tudo, procurando soluções avulsas, e copiando d'aquí e copiando d'alli, sem plano preconcebido: e estudemos de modo geral o assunto.

Como a accentuação latina se baseia na quantidade da penultima syllaba, acontece que as palavras gregas do typo *-άς* (nominat.), *-άδα* (accusat.), onde o *α* é breve, se interpretam em latim por *-as*, *-ādem*, v. gr.:  $\text{ἑβδόμας}$ , *-άδα*, lat. *hebdōmas*, *hebdómādem*;  $\text{λαμπάς}$ , *-άδα*, lat. *lampas*, *lámpādem*. O mesmo succede, é claro, em palavras de outras terminaões, como  $\text{πυραμῖς}$ , *-ῖδα*, lat. *pyrāmis*, *pyrāmīdem*;  $\text{χλαμύς}$ , *-ύδα*, lat. *chlamys*, *chlāmīdem*.

A par d'essas terminaões, meramente latinas, os Romanos conservaram ás vezes as terminaões gregas, embora com a accentuação propria da lingua d'elles, por exemplo: com *hebdómādem* concorre no accusativo *heptómada*; com *lámpādem* concorre no mesmo caso *lámpada*; com *triādem* concorre *triada*. Agora é que se comprehende a razão pela qual, se em português se póde dizer *pleiade*, com *-e*, se póde tambem, como é mais usado, dizer *pleiada*, com *-a*. A fórma *pleiade* assenta no lat. *pléiade(m)*; a fórma *pleiada* assenta no gr.  $\text{πλειάδα}$ , pronun-

ciado á latina pléiada (no proprio latim ha o accusativo *pliada*, com *-a*: nominativo *plias*).

A mesma serie pertencem as nossas palavras *chlamyda*, *monada*, *myriada*, *triada*, etc., que uns pronunciam e escrevem d'esse modo, e outros, mais por causa do francês (*chlamyde*, *monade*, *myriade*, *triade*), do que do latim, pronunciam e escrevem com *-e*. Assim é, que se em portuguez se diz *pyramide*, com *-e*, e não com *-a* (só o povo diz *pirámbula*, não por attenção ao grego, mas para identificar a palavra com outros nomes femininos em *-a*), existem todavia palavras portuguezas em *-a*, que estão muito enraizadas, taes como *década* (por ex. em João de Barros, que tem esta palavra como titulo de uma obra sua, sec. XVI).

Para illustração do assunto accrescentarei que, á maneira do nosso povo, que de *pyramide* fez, segundo já disse, *pirámbula*, os Romanos tinham na lingua vulgar, como nomes da 1.<sup>a</sup> declinação: *década*, gen. *-ae*; *lâmpada*, gen. *-ae*; *hebdómada*, gen. *-ae*, concorrentemente com as fórmulas greco-litterarias, *decas*, *lampas*, *hebdomas*, da 3.<sup>a</sup> declinação. A fórmula *hebdómada* > (he)(b)doma(d)a passou mesmo para a nossa lingua em epoca muito antiga, como fórmula popular (*década* e *lampada* são litterarias); na *Demanda do santo graall*, Berlim, 1887, pag. 9, lê-se, por exemplo: «E a outra seeda fora de hũu caualeiro . . que matára Tristam aquella *dómaa*», isto é: naquella semana; nos *Ineditos da Academia*, t. IV, pag. 586, lê-se tambem, num texto do sec. XIV: «He custume de fazerem conçelho huũ dia na *dómaa*, convem a saber, aa quarta feyra»<sup>1</sup>.

Em resumo: as fórmulas portuguezas com *-e* representam latinização, na pronúncia e na terminação, de fórmulas gregas; as fórmulas com *-a* representam tambem latinização, mas só na pronúncia.

<sup>1</sup> Virl. outros exemplos em Viterbo, *Elucidario*, s. v.; e em Cortesão, *Subsidios*, s. v.

\*

A proposito das diferenças da accentuação latina e grega, não vem fóra de proposito notar que a palavra *Lusiadas*, derivada de *Luso*, e só usada no plural, se formou por analogia com as seguintes palavras latinas: *Iliãdas*, accusat. plur. de *Iliüdes*, -ae, «descendente de Ilo»; *Laertiãdas*, accusat. plur. de *Laertiüdes*, -ae, «descendente de Laerte». Ás citadas fórmulas latinas correspondem fórmulas gregas com accento na penúltima: -ἀδης, genet. -ου.

Segundo uma antiga e falsa tradição, baseada em meras consonancias onomasticas, a palavra *Lusitania*, que designou outr'ora um territorio em que hoje está comprehendido quasi todo o Portugal, provinha do nome do fabuloso heroe *Luso*: d'ahi o haver-se criado *Lusiadas* no sentido de «descendentes de Luso»<sup>1</sup>, isto é «Lusitanos», ou, por metonymia, «Portugueses». O proprio Poeta o diz (*Lusiadas*, VIII, 2):

Este, que vês, he Luso, d'onde a fama  
O nosso Reyno *Lusitania* chama.

Quem, revolvendo lexicos greco-latinos, assim criou, e pôs em circulação, a palavra *Lusiadas*<sup>2</sup>, não suspeitou de certo quão grande exito ella teria, nem que havia de ser por uma expressão fantasmagorica, isto é, proveniente de uma lenda destituida de todo o valor real, que a litteratura portugueza se tornaria principalmente conhecida lá fóra. *Habent sua fata vocabula!*

<sup>1</sup> Vid. *Religiões da Lusitania*, I, xxviii, e nota.

<sup>2</sup> Antes de ser usada por Camões, foi usada em latim por Jorge Coelho, André de Resende, e Manoel da Costa, nas fórmulas *Lysiadae* e *Lusiadae* (em diferentes casos): vid. Dr. Theophilo Braga, *Camões* (n.º unico, publicado em 1880 pela Bibliotheca Progressista), e sobretudo as *Fontes dos Lusiadas* do Dr. José Maria Rodrigues, Coimbra, 1905, pag. 6-10 e notas.



## Um vocabulo com tres fórmas

*Esquadrinhar.* — *Escudrinhar.* — *Esculdrinhar.*

Concorrentemente com a fórma vulgar *esquadrinhar*, que significa « examinar », « investigar miudamente », temos as fórmas menos usadas *escudrinhar* (*escodrinhar*) e *esculdrinhar* (*escoldrinhar*), embora classicas.

A base é evidentemente o verbo \**scrutiniare* (derivado de *scrutinium* « pesquisa »), explicação já entrevista por Moraes no *Dicc. da ling. portug.*, e justificada por Diez e Körtling nos seus respectivos Dictionarios etymologicos; cfr. provençal moderno *escudrinhá*, hespanhol *escudriñar*.

De \**scrutiniare*, sahiu primeiramente \**escrudinhar*, formação muito regular e normal: d'aqui veio, por um lado, com metathese, *escudrinhar*, e por outro, com dissimilação incompleta, acompanhada tambem de metathese, \**esculdinhar*; do *cruza-mento* d'estes dois ultimos verbos sahiu *esculdrinhar*. A fórma *esquadrinhar*, ou resultou de influencia de etymologia popular (*quadrinho*, etc.), do que já tenho dado outros exemplos no decurso d'estas lições, ou mais provavelmente da equivalencia que na lingua, desde epochas antigas, se estabeleceu entre *qua-* e *co-*, o que se vê em *contia* < *quantia*, *corenta* < *quarenta*, *corentena* < *quarentena*, *coresma* < *quaresma*, *cortel* < *quartel*, — equivalencia que faz que por *co-* se empregue *qua-*.



## Notícia do idioma de Riodonor

que se falla no concelho de Bragança

Com o titulo de *O Rio d'Onorensense* (dialecto trasmontano) publicou o sr. Daniel Rodrigues um opusculo de 22 pag., Coimbra, 1909, separata do vol. LV d'*O Instituto*. O trabalho é nova edição de outro apparecido na *Illustração Trasmontana*.

Pela expressão *Rio d'Onorensense* quer-se designar a lingua especial de Rio d'Onor ou Riodonor, aldeia do concelho de Bragança. Entendo que não deve escrever-se *Rio d'Onorensense*, mas *Riodonorensense* ou *Rionorensense* (ou com *-ês*: *Rionorês*, *Riodonorês*), pois que para a formação de um adjectivo ethnico derivado de um nome composto concorre todo o composto, e não a segunda parte apenas: assim diz-se *Villacondense* (de *Villa-do-Conde*), *Portomosense* (de *Porto de Mos*), *Villanovense* (de *Villa-Nova*); já os Romanos diziam *Aquiflaviensis* (de *Aquae Flaviae*). No nosso caso póde entrar o *de*, porque o povo diz *Riodonor* numa só palavra; a par existe *Rionor*. Na formação de derivados como o de que estou fallando, não se estranharia que o suffixo se juntasse á primeira parte, considerada um tanto independente, quando essa independencia fosse clara: assim se diz, por exemplo, em hespanhol, *Castellano Viejo* (de *Castilla la Vieja*).— Nos meus escritos costumo dizer *riodonorês* ou *rionorês*.

O riodonorês é bastante curioso; não constitue propriamente «portuguez muito antigo e muito modificado pela influencia castelhana», como se diz no opusculo mencionado, mas um idioma *sui generis*, intimamente aparentado com o leonês, e influenciado pelo portuguez. São seus analogos o guadramilês e

o mirandês, aquelle fallado em Guadramil, outra aldeia do concelho de Bragança, este na Terra de Miranda.

Creio que a primeira informação litteraria que se publicou acêrca do *riodonorês* ou *rionorês* foi em 1886 na *Revista de Guimarães*, em artigo de que se fez separata com o titulo de *Linguas raianas de Tras-os-Montes*, Porto, 1886. Depois tornei a occupar-me d'elle nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, II, pag. 55-56, e na *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, pag. 198-199.

O opusculo do snr. Daniel Rodriguez é bem vindo, porque consta principalmente de textos. Convem porém de preferencia colligir expressões e narrativas populares a traduzir trechos da nossa lingua culta; importa igualmente notar certas delicadezas phoneticas, como *ou* e *y*.

Com quanto eu possuia bastantes elementos para o estudo da lingua de Riodonor, colhidos *in loco* em 1884, e em Bragança (da bôca de gente de lá) em 1902, não posso aqui ir além de algumas indicações muito summárias no que toca á grammatica:

O lat. *cr* está representado por *it*: lacte->*leite*.

O lat. *av* está representado por *ou*: auru->*ouro*.

O lat. *speculu*- deu *speio*.

O *õ* tornou-se *iu*: positu->*piosto*.

O *ẽ* tornou-se *ie*: dece(m)>*dieç*.

O lat. germana deu *ermá*; cena deu *cê*; malu- deu *malo*.

Nos verbos ha: *tengo*, *tubiẽnũ*, *quixo* (tenho, tiveram, elle quis).

Nos nomes e pronomes: *frol*, pl. *froles*; *el*, pl. *elos*: *al mesmo* «o mesmo».

Nas particulas: *acá*, *eilí*, *ende* «ahi», *delante*, *manhã* «amanhã», *nò*, *acausso* «acaso».

Segundo observa o sr. Rodrigues, o riodonorês vae desaparecendo diante do português; em 1908 só havia um velho que o fallava na sua antiga pureza.—É esta a sorte de todos os idiomas populares, quando tem pouca importancia litteraria ou geographica.

## Onomástico do concelho de Mertola

Estudo de vocabulos colhidos nas matrizes prediaes

Nos Mozarabes ou Moçarabes do Sul do reino deve ter-se desenvolvido um romance provincial, de que os fallares actuaes e a toponymia manterão acaso vestigios <sup>1</sup>. Com intuito de esclarecer o problema no que toca á toponymia, iniciei um estudo de varios nomes de propriedades colhidos por mim nas matrizes prediaes da repartição de fazenda do concelho de Mertola; mas ficou por ora incompleto. Em todo o caso aqui reproduzo o que disse na aula.

**Achada dos Sapos**, courella. *Achada* ou *chada* vem de *planata*. *Chada* «planicie» é corrente no fallar de Mertola, mas desapareceu da lingua usual. O *a-* é prefixo formativo: cfr. *aplanar*, e hesp. *allanar*. A lingua antiga manteve a nasal intervocalica até o sec. xv: lê-se *achãado* numa Chronica de Azurara <sup>2</sup>. *Achada* vive tambem nos Açores, na accepção de «planalto» <sup>3</sup>.—Os vocabulos de uma lingua nem sempre morrem de uma vez, ou de todo: ora ficam como que petrificados no

---

<sup>1</sup> Cf.: *Rev. Lusitana*, xi, 354, onde publiquei uma nota sobre o assunto; e supra, pag. 16-17.

<sup>2</sup> Cortesão. *Subsidios*, s. v.

<sup>3</sup> *Rev. Lusit.*, II, 306 (artigo meu), e v, 216 (artigo de H. das Neves).

onomastico, ora continuam vida obscura numa região ou numa localidade. — Quanto á expressão *dos Sapos*, cfr. *Chão-de-Sapo* (Extremadura), *Sapal* (Norte e Sul), *Sapaínho* (Norte) < sapa(l)inho <sup>1</sup>. No proprio concelho de Mertola existe tambem *Pêgo do Sapo* e *Cruz do Sapo*. O sapo, já pelo seu aspecto repugnante, já pela importancia que tem nas superstições, não admira que se torne lembrado nas designações topicas.

**Alagoa da Barreira**, courella. *Alagôa* = *a-lagoa*, com a prosthetico, como em *Amoreira*, *agarrafa*, etc. Já nos *Estudos de Phil. Mirand.*, I, 123, expliquei *lagoa* como feminino de *lagão*, pois o *u* do lat. *lacūna* não dava *o*, por ser longo. Aqui *lagoa* deve ter a accepção de « agoa empoçada », ou « charco ». — *Barreira* significa local d'onde se extrae barro.

**Algorões**, ferragial. Talvez esteja por *Algarões*, pois no districto de Leiria ha *Algarão*, augmentativo de *algar*, que é frequente tanto no onomastico, como na lingoagem do Sul, onde ás vezes, por etymologia popular, mudam essa palavra em *algarve*, por exemplo na Extremadura.

**Almarginho**, courella. Deminutivo de *Almargem*, palavra de origem arabica, que significa « prado » <sup>2</sup>. No *Dicc.* de Moraes vem tambem *almargem* no sentido de « certa herva que cresce nos almargeaes ». É conhecido o adagio antigo: *deitar um cavallo ao almargem*, — onde modernamente *ao almargem* se mudou, por etymologia popular, em *á margem*, visto que *almargem* sahio do uso; facto semelhante observámos supra, pag. 267, em *Freixo de Espada Cinta*, mudado em *Freixo de Espada á Cinta*. Á familia de *Almargem* pertence *Almarginho*, *Almarjão*, e *Almarjões*. No onomastico os deminutivos e augmentativos nem sempre o são dos objectos (plantas, etc.) que deram origem

<sup>1</sup> Analogas a esta palavra temos *Casaínhos* e *Fontainhas*, por *casalinhos* e *fontaninhos*. E ha mais.

<sup>2</sup> Fr. João de Sousa, *Vestigios da ling. arab.*, s. v.; Dozy & Engelmann, *Glossaire*, s. v. « almarcha ».

aos nomes, mas dos sitios: assim conheço no Alentejo (Ponte-de-Sôr) uma herdade chamada *Almo*, isto é, *Alamo*, com seu « monte »<sup>1</sup>, a qual, por fallecimento do dono, foi dividida em duas, construindo um dos herdeiros na sua parte novo « monte », a que chamou *Alminho*; *Alminho* não designou pois aqui originariamente um *alamo pequeno*, como ao repente podia parecer. — Acerca dos deminutivos no onomastico, vid. pag. 346-347.

**Alvarianes**, courella. Provém de *Alvar'Eanes*, certamente nome de um antigo possuidor. De *Eanes*, patronymico de *João*, tratei na *Revista Lusitana*, x, 164 ss. Variante phonetica de *Eanes* é *Enes*.

**Areia-Gorda**, terreno. Da ideia de « grosseiro », « tolo », contida no lat. *gurdus*, desenvolveu-se a de « gordo »<sup>2</sup>, e por extensão a de « volumoso », « amplo », « grande », com que a palavra apparece no nosso onomastico, Cfr. mais: *A da Gorda*, *Cabeça Gorda*, *Laja Gorda*, *Lages Gordas*, *Monte Gordo*, *Outeiro Gordo*, *Penedo Gordo*, nomes de povoações e sitios do Sul e da Beira. No sec. xv a palavra é ainda empregada em accepção commum. neste curioso texto eborense: « caminho que » vaay pera a Corte da pedra, direito a huns *penedos gordos* que » estam hi acima . . , e de hi se vay a lynda, direita a outros *penedos gordos* que estam aa de cima de hum valle panascoso . . , e » de hi se foram a outros *penedos gordos* que estam no valle per » que vem o ribeiro . . , e de hy lyndaram acima pelo dito ribeiro, » direito a hum *penedo gordo* que está de rostro da *Cabeça » Gorda* . . , e de hi direito a hum *penedo gordo* que está no valle aa de cima do logar »<sup>3</sup>.

**Arrancada**, courella: nome derivado de *arrancar*, como *arada* (de *arar*), *lavrada* (de *lavrar*). O Dr. Cornú, *Die portug.*

<sup>1</sup> A palavra « monte » tem aqui a significação de « casa da herdade ».

<sup>2</sup> Diez, *Etym. Wb.*, I, s. v. « gordo », e *Gram. des l. rom.*, I, 85.

<sup>3</sup> *Docc. historicos da cid. de Evora* de G. Pereira, II, 35.

*Sprache*, § 92, deduz *arrancar* do lat. *e-runcare*, mas Todd, in *Mod. lang. Notes*, I, 236, propõe origem germanica.

**Cabeção**, courella. Augmentativo de *cabeço*. No Alentejo o povo diz mesmo: *cabeção* por «cabeço grande»; assim ouvi em Ponte-de-Sôr. Varios vocabulos que se relacionam com o corpo humano ou o dos animaes adquirem significação geographica (metaphorica): temos, além de *cabeço* e *cabeção*, as palavras *cerro*, *costa*, *lomba*, *lombada*, que se usam tambem no onomastico. Cfr. o que disse supra, pag. 259-260, ondê citei um passo de Fr. Luis de Sousa.

**Carrasquinha**, courella. Cfr. *Carrasca*, nome vulgar noutras localidades. No *Novo Dicc.* dá-se a *carrasca* a accepção de «especie de oliveira»; em hespanhol temos *carrasca* «especie de azinho». O etymo de *carrasco*, de que *carrasca* é feminino, estará no lat. *cerrus* + suffixo *-asco*<sup>1</sup>; o *e* mudar-se-hia em *a* (antes da mudança de *e* em *ç*): cfr. *lacertu-*, d'onde *lagarto*; sarta «grinalda», d'onde *sarta*. A palavra *carrasco*, alem de significar arvore, significa tambem «algoz», o que, segundo diz Bluteau (*Voc.*, s. v.), provém de um assim chamado. Ha em verdade muitas palavras communs que resultam de nomes proprios, directa ou indirectamente, como: *baioneta*, *casimira*, *çaragoça*, *galgo*, *gaforina*, *malvasia*, *marrafa*, *pantalonas*, *simão* «macaco» (alteração graciosa do lat. *simius*), *sirgo*, *vicente* «corvo» (lenda de S. Vicente)<sup>2</sup>.

**Cascalheira**, courella. De *cascalho*; palavra derivada de *casca*. Cfr. *Seixeira*. A palavra *casca* tomou metaphoricamente a accepção de «pedra miuda».

**Cerro das Pedras**, courella. Vid. o que se disse s. v. «Cabeção».

<sup>1</sup> Diez, *Etym Wb.*, s. v. «\*cerrasca».

<sup>2</sup> Vid. outros exs. em G. Viana, *Apostilas*, I, 35; cf. Sainéan, *Le chat*, pag. 23; Counson, *Mélanges Chabaneau*, Erlangen, 1907, pag. 401 ss.; e os meus *Estudos de Philologia Mirand.*, I, XVI-XVII (e nota).



**Corga da Andresa**, courella. *Corga* é, morfologicamente, feminino de *corgo*<sup>1</sup>; mas em Mertola *corga* significa «encosta suave», menos ingreme que a *ladeira*. *Andresa* (que se usa também na raia trasmontana) é feminino de *Andrés*, fôrma que se conserva em hespanhol; em portuguez ha *André*. A origem está no grego *Andréas*, cujo nominativo deu a fôrma hespanhola, e cujo accusativo deu a fôrma portuguesa. *Andréas*, isto é, Ἀνδρέας, é ainda hoje corrente na Grecia, como nome de homem.

**Eira da Bilharda**, courella. Esta denominação provém certamente do «jogo da bilharda». As eiras são muitas vezes terreas, e por isso o pau que figura no jogo espeta-se ahí no chão com facilidade. A palavra *bilharda* deve ter vindo do hespanhol (*billarda*).

**Eira da Talica**, courella. A palavra *Talica* é, como supponho, deminutivo de *atalaia*, e estará pois por *a-talaíca*.

**Eira das Semalhas**, courella. Assim está escrito na matriz, mas deve ser *Cemalhas*. Esta palavra é da lingua usual: friso da chaminé onde estão os *arames* (vasilhame metallico). O etymo está em \**cymacula* (de \**cymaculum*), por *cymatium* = grego κυμάτιον, que é deminutivo de κύμα, -τος «onda», com ampliamto de sentido, «linha ondulosa»; o suffixo deminutivo grego -ιον foi substituido pelo seu syonimo latino -culum (-cula), que se juntou aqui a um substantivo, como em *tabernaculum*.

**Eira dos Cardos**, courella. A palavra *cardo* vem do lat. *carduus*, cujos *uu* se reduziram a um só, como em *mortuus*, d'onde veio \**mortus*, que provocou o feminino \**morta*, em vez de *mortua*. O participio *mortuus* provém já de outro \**mortus*; o *u* introduziu-se nelle como em *vivus* = *uiuus*: cfr. Bréal, *Dict. Etym. Lat.*, Paris, 1886, pag. 202. De modo que de \**mortus* (primitivo) veio o latim *mortuus*, e d'este em romãoço

<sup>1</sup> Vid. supra, pag. 119, nota 2.

outra vez \* *mortus*. Ha muitos factos como este, aparentemente contradictorios, na vida da lingoagem. Digo *apparentemente*, porque o não são na realidade; elles passaram-se em epochas differentes, e na boca de povos tambem differentes.

**Eira Tardona**, courella. *Tardona* é de certo o feminino de *tardão*, e pôde referir-se a seára tardia. Suffixo *-ona*, como em *mulherona*, *quarentona*, *trintona*.

**Entre-as-Estradas**, terreno. Ha muitos nomes de povoações e sitios, que como este, são breves descripções topographicas formadas por intermedio de preposições. Outros exemplos:

- 1) com a preposição *a*: *Aos Ribeiros*. Em Lisboa é muito usual dizer-se assim (*a Campolide, á Ajuda, ao Rato, a Santos*).
- 2) com a preposição *ante* e *antes*: *Ante Porta, Ante Ribeiros*. Na frèguesia de Gião, no concelho de Villa do Conde, ha uma leira chamada *Ante-la-Torre*; este nome deve provir de *antes la torre*, isto é « que fica antes da torre », havendo-se o *l* conservado como em *tòdollos* (cfr. supra, pag. 61).
- 3) com a preposição *entre*, — para se designarem locaes limitados por correntes d'agoa, ou existentes na affluencia e confluencia de rios e ribeiros: *Entre Agoas, Entre ambos os Rios, Entre as Agoas, Entre as Ribeiras, Entre os Regatos, Entre os Rios, Entre Ribeiras, Entre Rios*, e na lingoa antiga ou popular *Entre ambalas augas, Antre Doiro e Minho, Antre Tejo e Odiana*, etc.<sup>1</sup>, — com fórma latina: *Inter ambas Aves*<sup>2</sup>. Outros locaes: *Entre as Casas, Entre as Devesas, Entre*

<sup>1</sup> Cfr. *Rev. Lusit.*, III, 222.

<sup>2</sup> Acêrca da palavra lat. *confluentes* e analogas expressões no onomastico, vid. Meyer-Lübke in *Mélanges Chabaneau*, pag. 591 ss., e Schuchardt in *Zs. f. rom. Phil.*, xxxi, 77.

*as Latas, Entre as Quintas, Entre Caminhos, Entre Carreiras, Entre os Outeiros, Entre Serras, Entre Valles.*

- 4) com a preposição *so(b)*: *Subtorre* = *so(b)* a torre. Na *Rev. Lusit.*, VIII, 67, estudei muitos nomes d'este typo.
- 5) com a preposição *sobre*: *Sobre a Fonte, Sobre a Ribeira, Sobre as Eiras, Sobre Fonte, Sobre Igreja, Sobre Outeiro, Sobre Tamega, Sobre Villa.*
- 6) com a preposição *trans*, que deu *trans-*, *tras-*, *tres-*, *tra-*, *tre-*<sup>1</sup>: *Tras a Forca, Trelavinha* < *tras la vinha*, *Trelamouta* < *tras la mouta*, *Trelameiro* < *tras lameiro*. O povo confundiu ás vezes *tre-* com *entre*, do que resultou o curioso nome *Entre-las-Bouças*, de uma bouça na freguesia de Mindello, concelho de Villa do Conde, no qual nome entra aparentemente o artigo *las*; mas o *l* resulta de assimilação do *s* de *tres-* (por *tras-*) em *tres las bouças*. — Cfr. *entremoços*, nome que o povo dá aos *tremoços*.

Não propriamente com preposições, mas com locuções prepositivas, temos: *Alem do Rio, Alem de Paços, Alentejo* = *alem do Tejo*; *Ao pé da Igreja; Fóra da Porta; Cima do Douro*; na lingua antiga, «*Quinta de S. Martinho de apar de Cea*»<sup>2</sup> (ha outras designações com *a par de*). — Á mesma categoria pertencem os nomes formados de locuções adverbias: *S. Vicente de Fóra, Leira do ao redór, Campo d'além, Mondim de Cima, Mondim de Fundo* (antiga designação de *Mondim de Baixo*).

O assunto é inesgotavel.

<sup>1</sup> Cfr. supra, pag. 84, nota 2.

<sup>2</sup> Sec. XVI: G. Pereira, *Pergam. da Universid.*, pag. 76.

**Farrobeira**, courella. De *farroba*, por *al-farroba*. Corresponde pois a *alfarrobeira*. Num caso temos o artigo arabe *al* agglutinado ao substantivo, no outro temos este sem elle.

**Fonte do Ermo**, courella. A palavra latina *fons* é masculina, mas ao tornar-se *fonte* mudou de genero, por influencia talvez de *fontana* ou de *agoa*. A palavra *ermo*, greco-latina, não tem accentuação correspondente a *erēmus*, mas a de *ἐρημος*.

**Gamanitos**, courella. Deminutivo de *gamão*, especie de abrótea, palavra muito conhecida no Alentejo: cfr. J. J. de Figueiredo, *Flora Pharmaceutica*, 1825, pag. 178. A par de *gamão*, tambem no Alentejo se diz *gaimão*. No Sul abundam os deminutivos em *-nito*, de nomes terminados no positivo em *-ão*, por exemplo *botanito*, *canito*, e outros. Fórma parallela a *gamanitos* é *gamonitos*, que vem no *Thesouro* de B. Pereira, Lisboa, 1647, pag. 56, como synonymo de *gamões*, pl. de *gamão*.

**Lavajo**, eira. No Alentejo *lavajo* é o terreno que foi lavado por uma ribeira, nas cheias, e ficou descarnado; em hespanhol, onde o *j* porém tem outro valor, ha tambem *lavajo*, que significa «charco perenne de agua llovediza» (Dicc. da Academia).

**Lentiscaes**, courella. Nome derivado de *lentisco*, planta.

**Loendrinho**, courella. Nome deminutivo de *loendro*, fórma que no Alentejo concorre com a fórma puramente meridional *alandro* = *a-landro*. A primeira fórma vem de *rhododendro-*, a segunda vem de *lorandru-*, ambas com dissimilação: cfr. *Rev. Lusit.*, II, 34, e supra, pag. 128. Incidentemente notarei que *Alandroal* se formou de \**alandrão*, como *meloal* de *melão*, *Sardoal* de *sardão*. Ha em portuguez muitos nomes botanicos derivados de outros do mesmo radical com a adjuncção do suffixo *-ão*, antigo *-om*, por exemplo: *arruda-arrudão*, *botelho (botelha)-botelhão*, *couve-couvão*, *malva-malvão*, *manjarico-manjaricão*, *ortiga-ortigão*; cfr. em gallego *albaca-albacón*, *faba-fabón*, *malva-malvón*, *ortiga-ortigón*; e em francês *chardon* com relação ao latim *carduus*. Creio que \**alandrão* pertence á mesma categoria. A fórma antiga de *Alandroal* é *Landroal*, como se lê nos *Lusiadas*, VIII, 33:

Pero Rodriguez he do *Landroal*;

e ella se encontra tambem ainda hoje na poesia popular alentejana.

**Malhadinha**, courella. Deminutivo de *malhada* « espaço onde está o bardo e a choça do pastor »; ha tambem *malhada* de porcos. etc.<sup>1</sup>. Julgo que *malhada* provém do lat. *magalia* (isto é \**magaliata*).

**Malhanito**, courella. Nomes deminutivos de *malhão*, conjuncto de « pedras que servem de divisão de terrenos semeados, e que se juntam quando se cava ». Tambem ha *Malanitos*, outra courella. — Acêrca da terminação *-nito*, vid. supra, *Gamanitos*.

**Mantrastos**, terreno. Plural de *mantrasto* « mentrasto », palavra aparentada com a mirandesa *maltrasto* e a hespanhola antiga *mastranto*: latim *mentastrum* (metatheses); é derivado d'aquí *Mentestrído*, no sec. XIII *Mentrastido(s)*<sup>2</sup>, com o suffixo *-ido*, que figura tambem em *Boucidos*, *Carvalhido*, *Lagido*, *Mularido* (de *mular* « hervã »), e talvez *Lapido* (appellido de origem gallega, topographica): cfr. supra, pag. 163. A este suffixo, corresponde em França, na epoca dos Francos, *-idu*<sup>3</sup>.

**Maroiço**, por *moroico* = *marouço*, courella. No Norte ha *Marouços* (Mesão Frio) e *Merouço* (Villa do Conde). O sr. Julio Moreira, *Estudos da ling. port.*, I, 192, cita *morouço* e *emmorouçar* como da lingua trasmontana. Em *Maroiço* temos *a* na primeira syllaba por influencia do *r*: cfr. *americano* (carro americano), *maravilha* (de *mirabilia*).

**Pederneira**, terreno. Esta palavra não póde vir de *pedra*, como se diz no *Novo Diccionario*, porque fica sem explicação o

<sup>1</sup> *Rev. Lusit.*, II, 250.

<sup>2</sup> Cortesão, *Onomastico*, s. v.

<sup>3</sup> *Origines des noms de communes de la Haute-Marne* por E. Leclerc (resumo de lições de Longnon), Langres, 1908, pag. 25.

n, nem pôde vir de *pederna*, como se diz no *Dict. Manual Etym.*, porque *pederna* não é nada; deve admitir-se como etymo o lat. \**petrinaria*, derivado de *petrinus*.

**Pedra da Zorreira**, courella. *Zorreira* deriva de *zorra*, nome que no Alentejo e Algarve dão á raposa, como tambem na Hespanha; propriamente *Zorreira* é a cova ou ninho da raposa; cfr. *Laboreiro* (antigo *Leboreiro*) <leporarium «vi-veiro de lebres»<sup>1</sup>, *Coelheira* (de *coelho*), *Lobeira* (de *lobo*), *Gallinheiro* (de *gallinha*).

**Pedra Vermelha**, courella. Em todo o nosso onomastico é corrente o uso de adjectivos que designam côres (dos terrenos, dos penedos, das agoas, das plantas): *Pego-Negro*, *Penalva* = Pena alva, *Pena Amarella*, *Pena Verde*, *Pedras Ruivas*, *Penarroias* = Penas rubeas ou robias, *Agoalva* = Agoa alva, *Vermelha*. Cfr. infra, *Val Verde*.

**Pégo do Sapo**, courella. O *sapo* já a cima o encontramos noutra designação onomastica. *Pégo* é palavra muito usual em Mertola: de *peego* <*péago* <lat. *pelagu*-.

**Poçanquinha**, courella. Na língua usual do Sul ha *poçanco*, que significa «poço não enpedrado». Entra aqui o suffixo *-anco*, de origem obscura; cfr. *barranco*.

**Pocilgão**, courella. Augmentativo de *pocilgo* ou *pocilga*. Por analogia com *bovile* «curral de bois», *canile* «casa dos cães de caça», *caprile* «curral de cabras», *ovile* «curral de ovelhas», *suile* «córte de porcos», fez-se em latim vulgar \**porcile*, de *porcus*, na mesma accepção de *suile*, por isso que *sus*, d'onde vem *suile*, foi em geral substituido por *porcus*; de \**porcile* deduziu-se o adjectivo \**porcilius*, -um, que, substantivado, explica *pocilgo*, com *rc* > *c* (cfr. *alicece* <*alicerce*, *cacereiro* e arc. *caçareiro* <*carcereiro*). Os nomes *caprile* e *ovile*, que ha pouco citei, estão representados no onomastico portugês por *Cabril* (*Cabris*) e *Ovil*.

<sup>1</sup> D'ahi *Castro-Laboreiro*, por *Castro do Leboreiro*.

**Portella da Morianes**, courella. A primeira parte é termo da lingua commum. *Morianes* podia explicar-se por *Maria Anes* ou *Eanes*, com *o* em vez de *a*, por influencia da labial inicial, e a vogal se ter tornado atona; mas é muito mais provavel que tenhamos ahí *Mor Eanes*, como me suggere o sr. Pedro d'Azevedo. *Mor*, *Moor*, *Maor*, *Maior* apparecem frequentemente nos nossos documentos antigos como nomes de mulheres<sup>1</sup>. O uso vinha já da antiguidade, pois os Romanos usavam Máior ou Májor como cognome masculino ou feminino: *C. Atulius Maior*<sup>2</sup>, e *Caecilia Maior*<sup>3</sup>; a par usavam igualmente *Minor*. Significação analoga achamos em *Paullus* «o irmão mais novo», e *Maximus* «o irmão mais velho»<sup>4</sup>; d'estes nomes derivam respectivamente *Paullinus* e *Maximinus*, por meio do suffixo deminutivo -*īnus*; com *Maximus* se relaciona tambem *Maximianus*. — De *Eanes* fallei supra, pag. 469<sup>5</sup>.

**Rochinha**, courella. Deminutivo de *rocha*, palavra que pressuppõe o etymo \**roccula*, derivado de \**rocca*, de origem obscura. De \**rocca* veio o francês *roche*, e o portuguez *roca* (em *Cabo da Roca*, ou arc. *Roca de Sintra*), com o adjectivo *roqueiro*. D'ahí não podia vir *rocha*; é por isso que propus \**roccula*, pois CL precedidos de consoante dão *ch*: cfr. *sacho* <*sarcu*- , *funcho* <\**fenunc*'lu- (= *fenuculum*; não *feniculum*), *facho* <\**fasc*'lu- (<>*facula*), *concha* <\**conc*'la (<\**conchula*).

<sup>1</sup> Cortesão, *Onomastico*, s. vv. Outro ex.: *Dona Moor Vcegas* no Livro de Linhagens (*PMH, Script.*, pag. 353). Num doc. latino da Galliza, do sec. XIII: *Dona Maior* (em Vaamonde Lores, *Ferrol y Puente deume*, Coruña, 1909, pag. 42). No proprio concelho de Mertola temos hoje uma aldeia chamada *Quintã de Dona Maior*.

<sup>2</sup> De-Vit, *Onomasticon*, s. v.

<sup>3</sup> *Corpus inscript. Latin.*, II, 651.

<sup>4</sup> Cfr. Schulze, *Geschichte lateinischer Eigennamen*, pag. 503.

<sup>5</sup> Para explicar *Morianes* ninguem pensari em *Moriana*, nome que apparece no romanceiro peninsular.

**Seixal**, courella. De *seixo* < saxu-, como *Pedral* de *pedra*, *Penedaes* de *penedo*.

**Tijolos**, isto é, *herdade dos Tijolos*. Esta designação provém ou de algum fôrno de telha, ou do apparecimento de tijolos e tegulas antigas, o que se observa no Alentejo com frequencia. A palavra *tijolo* não veio directamente do latim, mas do hespanhol *tejuelo*, tendo sido em portuguez traduzida aqui a terminação *-uelo* por *-ôlo*.

**Umbria da Penha d'Agoa**, courella. Na lingua transtagana *umbria* significa lugar onde não dá sol, e é pois opposto a *soalheira*, e corresponde ao *abixeiro* trasmontano: cfr. supra, pag. 431, nota 6 e 7. A palavra *umbria* é conhecida dos nossos lexicographos, mas nunca a ouvi senão no Sul.

**Valle de Linhares**, courella. *Valle* ou *val* é masculino em portuguez, ao passo que *vallis* em latim é feminino; a mudança de genero operar-se-hia por influencia de *monte*<sup>1</sup>; cfr. a frase estereotypada *por montes e valles*. O vocabulo *linhar* é archaico, e corresponde-lhe hoje *linhal*, « terreno onde se cria linho ». Na lingua antiga o suffixo *-ar* está geralmente soldado aos themas em que já ha uma lingoal, como nesta palavra, e em *Felgar* (do lat. *filix*); o suffixo *-al* apparece nos outros casos, como *Maçal* (de *matiana*). Hoje o suffixo *-ar* está morto, e foi substituido por *-al*, que por isso se junta mesmo a themas que tenham lingoal, por exemplo *aboboral*, *alhal*, *ervilhal*, *linhal*, *meloal*, *milhal*; aquelle suffixo só apparece em palavras antigas, ou fossilizado no onomastico. Póde mesmo acontecer que um mesmo thema apresente os dois suffixos, um recebido em epochas antigas, outro em epochas modernas; já vimos *linhar*-*linhal*, e junto mais *Marmellar*-*Marmellal*. A distincção entre *-al* e *-ar* baseia-se na phonetica latina<sup>2</sup>.— Já me referi a este assunto supra, pag. 161.

<sup>1</sup> Meyer-Lübke, *Gram. des l. rom.*, II, § 330.

<sup>2</sup> Vid. Madvig, *Gram. Lat.*, § 180, n.º 5.



**Valle Travêso**, herdade. A segunda parte é o adjectivo latino *traversus* «atravessado», «obliquo». Cfr. *caminho travesso*, *rua travessa*.

**Valverde**, courella. Explico *valverde* por *valle verde*, e não pelo nome da planta assim chamada, o qual provém de *belverde* <*belveder*, por etymologia popular.— Já a cima, s. v. «Pedra Vermelha», fallei das côres no onomastico. Deve entender-se que a verdura aqui resulta, não de arvoredos, mas de mato ou herva.

\*

Além de havermos respigado, no estudo precedenté, alguns vocabulos que são, ao que parece, privativos da lingoagem meridional, taes como *alandro*<sup>1</sup>, *lavajo*, *umbría*, *Zorreira*, vimos que basta o onomastico ás vezes para poder fazer-se ideia dos caracteres physicos de uma região. No nosso caso a paisagem myrtaliana apresenta-se-nos triste, solitaria, nua. Com effeito, os nomes de propriedades significam frequentemente pedregaes, plantas rasteiras, animaes bravos, poços, desertos, descampados. Não ha ahi nada que lembre, por exemplo, o vivo e alegre Minho, com seu casario profuso, seus vergeis e pomares mimosos de frutas, suas fontes que correm, cantando.

---

<sup>1</sup> Cf. *Rev. Lusit.*, II, 34.



QUADRO SYNOPTICO  
DE  
PHILOGIA PORTUGUESA



# PHILOLOGIA PORTUGUESA <sup>1</sup>

---

## Introdução:

Philologia e sciencias congeneres: 1-9.

Plano de estudos philologicos: 229-250.

Bibliographia: 250.

Latim vulgar e lingoas romanicas: 11 ss., 49-50.

Civilização lusitano-romana: 363-364.

Latim lusitanico (e hispanico): 13-14, 117-130, 131 n.,  
254.

Origem da lingoa portuguesa: 11 ss.

Português e gallego: 364, 16.

Romanço moçarabico do Sul: 16-17, 173, 297, 467.

Latim barbaro: 14-16.

Epocas da lingoa portuguesa: 16, 131-133, 241.

Área geographica e dialectos: 19-21, 249, 289.

Vid. «Dialectologia».

---

<sup>1</sup> Este quadro, como se disse no prologo, pag. x, é constituido com as materias estudadas na presente obra, postas por ordem methodica.

**Grammatica historica:**I. Phonologia <sup>1</sup>:

Constituição material da palavra (syllabas e sons simples): 29.

Vogaes e consoantes portuguesas; ditongos e tritongos: 30.

Pronúncia de *s-ç* e *f-z*: 178 e n., 179, 372.

Accento e quantidade (oxytonos, paroxytonos, proparoxytonos; accento primario e secundario): 29-31.

Parte postonica nos esdruxulos: 86.

Vogal aberta em syllaba atona: 145-167.

Manutenção do accento latino: 31.

Retracção do accento: 306, 84 (analogia).

Vogaes latinas em portuguez (tonicas e atonas): 31-32.  
-*u* lat. dá -*o*: 204.

Digraphos atonos *aa*, *ee*, *oo* tornam-se *â*, *ê*, *ô*: 146 ss.  
*oe* atonos dão *o*: 162.

*eo*, *ea* dão *êio*, *eia*; -*ear* > -*iar*: 32, 167 ss., 371, 442.  
-*â* não tolerado: 306.

-*ária*, -*ória*, -*úria* dão respectivamente -*eira* (147 e 35), -*ôira* (92 e 36), -*uira* (279).

*os*-, *es*-, -*s*: 97.

-*iz* > -*ez*: 174 ss.

Evolução de -*om* (-*ão*): 136 n., 139.

*em*- (*en*-): 79-80.

*in*-: 79-80.

---

<sup>1</sup> Bibliographia: pag. 30 (-31) notas 1 e 2, e 299.

*em-* (*en-*) junto a nomes começados por vogal (*ẽalhear* etc.): 277.

*ãa*, *ẽe*, *ĩi*, *õo*, *ũu* simplificam-se: 157.

*ẽe* > *ẽ* = *em*: 378.

*-igem* < > *-ige*: 342.

Ditongos latinos e portugueses: 32.

*ei-* atono > *i*: 275-276.

*ui* > *u*: 34.

Consoantes latinas em português: 32-36.

*z-ç*: 444.

Historia do *l*: 293, 442 (e 33-35).

cons. *cl* > *ch*: 477.

*stl* + vogal > *ch*: 297 (e 35).

*-ũla* > *-oa*: 147, n. 2.

*-ivu* > *io*: 33, 148.

*p* > *v*: 264-265 e notas.

*v* < > *b*: 265, n. 3.

*-ici* > *-izi* > *-iz* > *-ez* > *-es*: 174 ss.

Diferenças phoneticas entre português e hespanhol:  
295, 298, 45.

Sons germanicos em português: 37, 164 n. 5.

Sons arabicos: 37.

Sons hespanhoes e italianos: 38, 478.

Phonetica syntactica: 176 notas.

Próclise: 29 (em geral), 49 (*bel*), 56 (pronomes atonos), 61 (*alfim*), 80 (*se*), 81 (« não »), 95 (*frei*), 157 (*bom*).

Ênclise: 29.

Agglutinação e deglutinação: 176 nn. 1 e 2 (*Pere Estevez, Fernand' Alvarez*<sup>1</sup>), 269 (*Afonseca*), 63 (*Degebe, Zeive*).

Habitos phoneticos, e sua alteração: 289-290.

Fórmas intermedias na evolução dos sons: 287-288.

Simplificações na lingoagem: 44.

Noticia historica da nossa Orthographia: 223 ss.

Orthographia antiga: 62 (*h* inicial), 69-70 (varios exemplos), 112 (*todas las*), 158 (digraphos), 167 (*eo = eio*), 174 (*-it < > -iz*<sup>2</sup>).

Uso da plica: 89.

Accidentes geraes: *Umlaut* ou metaphonia, 373 n. 4, 441, 129 e n. 1. Assimilação, 61, 91, 100, 309; influencia do *ɾ* no *e* atono, 150, 339, e no *e* tonico, 470; influencia das labiaes, 194, n. 4; consoante nasal que nasaliza a vogal seguinte, 88, 95. Dissimilação e suas especies, 213; varios casos de dissimilação, 80 (*m'n, n'm*), 82 (*rebóra*), 94 (*fleire*), 105 n. 2 (*priol*); haplologia, 219, 345. Metathese, 463, 475. Accrescentamento e supressão de sons: prosthesse, 64, 308; epenthese, 97 (*esprital*), 90 (*-nh-*); suarabhacti, 146; paragoge, 442 (-s); apherese, 97; syn-

<sup>1</sup> Acerca d'este phenomeno lê-se em Duarte Nunez do Lião, *Orthographia*, Lisboa, 1576: «Qua por o que vulgarmête dizemos *Fernão dalvarez*, » *Pedrafonso*, tudo junto, hemos de dizer, separado *Fernand' Alvarez*, » *Pedr' Afonso*. E afsi não diremos *foão Dalmeida, Daguiar, Dantas*, » *Doliveira, senão d'Almeida, d'Aguiar, d'Antas, d'Oliveira, &*». Fl. 68 r.

<sup>2</sup> O ex. que cito é *Fernandit < > Fernandiz*. Como -t, na pronúncia escolar do latim, valia -d, o escriba medieval representou por esse modo aproximadamente o som do -z: cf. *Textos Archaicos*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 151.



cope, 302, 331; apocope, 110. Varios phenomenos de etymologia popular: 25, 468, 479. Cruzamento: 194-195, 216, 236 n. 1, 297, 463. Analogia, 84.

\*

Erros prosodicos e orthographicos no fallar usual:  
368 ss.

## II. Morphologia<sup>1</sup>:

### 1. DECLINAÇÃO:

#### A. *Nomes*:

Vestigios de casos latinos: 41 ss. Genetivo medieval, patronymico e possessivo, 173 ss., 162-165, 338, 342.

Origem de *-ICI*: 177 n. 2.

Caso typico latino em portugûes: 49.

Mudança de declinação: 443-444.

Declinação germanica: 43.

Plural dos nomes em *-ão*, 142; em *-l*, 91, 170, 171;  
de *dom*, 143 n. 4.

*Plurale tantum*: 263, 192, 252, 373 n. 4.

---

<sup>1</sup> Bibliographia: *Chrestomathia Archaica* de J. J. Nunes, pag. CVIII ss.; *Rev. Lusitana*, IX, 52 ss.; Cornu, *Gramm. der portug. Sprache*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 95; Reinhardstoettner, *Gramm. der portug. Sprache*, 1878. E vid. as obras citadas a pag. 76, n. 1, e as *Grammaticas* de Diez e Meyer-Lübke.

Plural neutro latino tornado singular feminino: 82, 126, 209.

Dual: 302.

Genero dos nomes terminados em *-a*: 376, 405 (-406) nota.

Genero dos nomes de rios: 330 e nota.

Nomes communs de dois: 109 (*senhor*). Adjectivos uniformes: 112 (*sabedor*).

Juncção de *-a* a adjectivos originariamente uniformes: 182.

Genero de nomes de plantas e de nomes estrangeiros: 202.

Genero que oscilla: 255 n. (*tribo*).

Mudança no genero: 442 (*dor*) e 136 n. 2 (id.).

Influencia do genero do determinante (nos compostos): 345.

Gradação: comparativo antigo com *chus*: 98; *os chus muitos* (superlativo relativo): ibidem; *mais bem* (comparativo, e superlativo relativo): 203.

#### b. *Numeraes*:

Cardinaes, ordinaes, e proporcionaes: 301 ss.

*Cento* como adjectivo: 303.

Quantidade indefinida: 304.

Vestigios de um systema sexagesimal e vigesimal: 304.

Contagem elementar: 309.

Modo de exprimir fracções: 311.

#### c. *Pronomes e artigos*:

Especies de pronomes antigos e modernos, litterarios e populares: 51-67, 183, 376, 441.

Especies de artigos: 59 ss.

Vestígios de artigos arcaicos: 61-63.

Agglutinação e deglutinação do artigo: 62-64, 184.

## 2. CONJUGAÇÃO:

Mudanças de conjugação na passagem do latim para o português: 95, 149, 442, 443. Conjugação em -ere: 118 n. 1.

Fórmulas passivas substituídas por activas (periphrásticas): 444.

Voz deponente tornada activa: 92, 109, 443, 444.

Verbos inchoativos (-scere > -cer): 149, 283.

Verbos defectivos: 283.

-des, -de (2.<sup>as</sup> pessoas do plural): 136 n. 2, e 186.

Typo de *pêso*, *pêsas* e *pésas*: 185-186 e 518.

Analogia nos verbos: 78, 110, 118, 280, 245.

Participio do presente antigo, e vestígios actuaes: 75, 187, 76. Participios em -udo: 188, 372. Participio gerundivo: 209. Participios que se tornaram nomes ou preposições: 187-188, 483, 91.

Várias flexões: *adusse* 279, *arço* 35, *avém* 280, *avindo* 443, *cinta* 267, *dem* 96, 378, *desavim* 441, *deiver* ou *devier* 81, *dixe* 54, *dizem* 281, *escolheiro* 136 n. 2, *estém* 77, *fal* 110, *for* 281, *i-vos* 187 nota, *moira* (*moura*) 92, 444, *morrei* (fut.) 281, *offeiro* 282, *pôs* 126, *querrei* 111, *quiso* (galleguismo) 114, *recébia* 89, *remaser* (*remasérũ*) 90-92, *sabem* 284, *sei* (imperat. de *seer*) 136 n., *seendo* 75, *som* 78 (1.<sup>a</sup> pessoa), 90 (3.<sup>a</sup> pessoa), *teiver* 91, *têe* 378 n. 1, *val* 110, *veio* 56 e 374, *vem* (*vêem*) 378 n. 2, *vïer* 92, *vïdo* 284.

## 3. PARTICULAS:

Preposições: *a* 76, *antes* 442 (*s* paragógico), *após* 77, *atá* 89, *atá en* 93, *dentro* 444, *depos* 94, *empós* 77, *excetes* 91, *ontre* 92, *per* 189 e 77, *pos* 77, *pora* 90, *so* 189, *tra'lo* 113.

Conjunções: *come* 89, *empero* 99, *em que* 189, *se* 80.

Adverbios: (a)inda 444, *aly hu* = quando 112, *aqui* 190, *certo* 273, *chus* 98 e 190, *cras* 33, *en* 92 e 109, *ende* 92, *er* 113, *i* ou *hi* 190 e 90, *-mente* 183, *nom* 81, *no' mais* 190, *quicá* 359, *suso* 94, *u* 92. — Expressões adverbias: *u quer que* 92, *hoje este dia*, *oje dia*, *agora est'hora* 46 e 244, *por sempre* 93, *desy* 113, *já quanto* 136 n. 2.

Interjeições: *oxalá* 27, *oulá* 359.

Sobreposição de particulas: 93, 213; e vid. supra.

## 4. FORMAÇÃO DE PALAVRAS:

Alteração ou manutenção da vogal do radical: 145.

Augmentativos: vid. suffixo *z-arr-ão*. Nomes botanicos em *-ão*: 474.

Deminutivos em geral: 145. Com *-z-*: ibidem. Topographicos: 329 e 346. Em *-n-ito*: 474.

Nomes patrios e gentilicos: 254, 423 ss.

Palavras criadas pela rima: 417.

Derivação regressiva: 275.

Recomposição etymologica: 280.

Nomes verbaes: 76, 82, 89, 93, 444.

Verbos formados de participios: 92.

## Suffixos:

-acho 413	-eno 425
-al 161, 262, 478	-ense 423
-alho 413	-ento 194
-anco 476	-éo 426
-ano 424	-ería (êrro) 378
-ão 424	-ês 423
-ar 161, 262, 478	-eta 424
-ardo 26	-icar 374
-aría 378	-ico 424, 471
-ário 397	-icus 476
-arro 24	-ido 152, 475
-asco 470	-ilha 347
-ato 424	-inho 346
-cellus 254	-io 148
-deira 210 n. 3	-ista 425
-dôr 151	-itu- 162
-ear 194, 169	-izar 374
-edo (-eda) 163	-ô e ó 164, 235, 346-347
-eiro (-eira) 147, 393- 398, 424, 476, 235	-ôto 424.
-ejo 424	-n-ito 474, 475
-ella 402	-orius 131 n.
-ello 346	-t-orio 399
-ellus 402-403	-t-orius 131 n.
-engo 424, 26	-ulus 402-403, 254
-enho 425	-z-arr-ão 24.

Troca de suffixos: 254, 402.

Suffixos compostos: 425.

Suffixos vivos, e suffixos mortos: 161, 347.

Gama vocalica nos suffixos: 421.

Suffixos atonos: 87 n. 3.

Prefixos: *a-* 467, *em-* (*en-*) + vogal 277, *ex-* 149.

Nomes geographicos e communs, compostos com *de*:  
343, 345.

Familia de palavras: 199, 211.

Analogia na formação das palavras: 140.

Formações pleonasticas (*oje dia*, etc.): 46 e 244.

\*

Erros morphologicos no fallar usual: 375 ss.

### III. Syntaxe<sup>1</sup>:

Concordancia (conjunção *ou*): 88.

Verbo impessoal: 93.

Construcção de *rogar*: 89, 190.

*veer por*: 90, 97.

*voontade por*: 91.

*por sempre*: 93.

Complemento de genero: 113.

*que* referido a pessoa, e precedido de preposição: 109.

*a* em expressões temporaes: 98; equivalente a «para»: 76.

*nengũu* por «ninguem»: 95.

*o um .. o outro*: 192.

---

<sup>1</sup> Bibliographia: vid. os trabalhos citados a pag. 487 nota, e além d'isso: *Estudos da lingua portuguesa* de Julio Moreira, Lisboa, 1907; *Der portugiesische Infinitiv bei Camões* de R. Otto, Erlangen, 1888; *Zur Syntax des portugiesischen Verbs* de Wernekke, Weimar, 1888; *Der portugiesische Infinitiv* de D. Carolina Michaëlis, Erlangen, 1891; *Estudos da lingua portuguesa* de Mario Barreto, Rio de Janeiro, 1903; *Rascunhos grammaticaes* de B(ätista) C(actano), Rio, 1881. É-me impossivel citar tudo. Já se entende que nas Grammaticas ha tambem capitulos de Syntaxe (Moraes e Silva, Ephanio Dias, João Ribeiro, etc.).

Infinitivo com *a*, depois de (*h*)*aver*: 98.

Infinitivo dependente de *mandar*: 100.

Infinitivo-sujeito com preposição: 191.

*foi amar* = amou: 109.

Modos e tempos alterados pela rima: 418.

Particularidades de collocação: 320 (varios exs.).

Diferença na collocação do adjectivo: 322.

Collocação de *outro*, *algum*, *nenhum*: 191.

Ordem directa e inversa: 81, 98.

Attracção: 319.

Ellipses varias: 323.

Omissão do artigo: 76.

Omissão de *nem*: 111.

*nom* depois de negação: 99.

Complemento pleonastico: 95.

\*

Erros syntacticos no fallar commum: 383 ss.

### Estilística e Métrica<sup>1</sup>:

A Estilística relacionada com a Grammatica: 6.

Allitteração, *rhythmo*, *realce*: 6, 75, 313 ss.

Emphase: 321.

Synonymia: 75, 77, 79, 99, 5.

Aristocracia da lingoagem: 206-207.

Expressões estereotypadas: 77, 88, 154.

Euphemismo: 413.

Verbo vicario: 97, n. 2.

<sup>1</sup> Bibliographia: pag. 242.

Metrica medieval: 108-109, 111.

Hiato: 108.

### Sematologia ou Semantica <sup>1</sup>:

Em geral: 4, 187.

Mudanças de categorias grammaticaes: participio tornado nome 187-188 e 443, tornado preposição 91; adjectivo substantivado 4 e 193, tornado adverbio 274; flexões verbaes tornadas nomes 185.

Traslações em geral: 276-277. Acepções de *barba* 87, *bésta* 160, *cair* 149-150, *chegar* 84 (-85) nota, *mandar* 77, *reborá* 87. Metaphoras: 259, 470.

Verbos latinos usados como substantivos em portugês: 84, n. 2.

### Lexico:

Plano de um Diccionario: 229.

Diccionarios portugueses: 230-233, 447.

Fontes do lexico portugês: 23 ss., 181-182.

Latinismos: 255.

Palavras introduzidas pela Igreja: 80, 93, 94 e nota.

Hespanholismos: 23 n., 221, 478.

Provençalismos medievaes: 94, 113.

Galleguismo poetico: 112.

Archaismos historicos: 88, 154.

Fórmás allotropicas ou divergentes: 23, 26.

Palavras litterarias contrapostas a palavras populares: 23, 36.

---

<sup>1</sup> Bibliographia: Bréal, *Éssai de semantique*, Paris, 1899; Pacheco da Silva Junior, *Noções de Semantica*, Rio, 1903. E cf. supra, pag. 5.



Abuso de gallicismos: 365-367.

\*

Erros lexicologicos: 390 ss.

N.B. — Os principaes vocabulos citados na obra agrupado-alphabeticamente adiante, pag. 501 ss.

### Onomatologia:

Generalidades: 7, 327.

Sua importancia: 26, 467, 232, 479, 439-440.

Methodo: 232-238.

Bibliographia: 232-233, 238 ss.

Lendas onomasticas: 251, 338 ss.

#### a) *Toponymia*:

Nomes lusitano-romanos conservados até hoje: 328.

Denominações historicas 160, botanicas 161, tiradas dos caracteres physicos em geral 479, dependentes do tamanho das povoações 155, correspondentes aos nomes dos possuidores (nomes acabados em *-ães, -im, -iz, -mar, -ões*, etc.) 155 ss., 338, 341. Metaphoras do corpo humano: 259, 470.

Regras adoptaveis nas denominações das ruas: 379 s.

Expressões preposicionaes: 472-473. Emprêgo da preposição *de*: 125, n. 1; 343, 381. Perda da preposição *de*: 125, n. 1; 343-345. Supressão do primeiro elemento dos compostos: 43-44.

Collocação do adjectivo attributivo: 321.

Nomes precedidos do artigo: 332.

Deminutivos dos nomes de rios: 329-330, 335. Suffixos deminutivos em geral: 346-347. Deminutivos e augmentativos em geral: 468.

Genero dos nomes fluviaes: 330 e nota.

Onomastico de Mertola: 467-479.

\*

Erros nas denominações: 379-383.

b) *Nomes de pessoas:*

Classes historicas dos nomes: 172-182; 42-43; 439-440.

Origens várias: 181. Origem geographica: 162-164, 252 ss.

Patronymicos: 173-181.

Degeneração dos patronymicos em meros appellidos: 180-181.

*De*, particula nobiliarchica: 125, n. 1.

c) *Nomes do Diabo:* 413-414.

d) *Nomes de ventos:* 427-432.

### Dialectologia <sup>1</sup>:

Definição: 7.

Variações dialectaes no continente, ilhas, e ultramar: 20, 249.

Phenomenos minhotos: 142 (-*ou*), 147 n. (*pádoa*), 153 (*maor*); beirões: 142 (-*ou*), 158 (*mélroa*); trasmontanos: 154 (*mór*); alentejanos: 158 (*párvoa*); algarvios: 354 (flexão verbal); gallegos: 142 (-*om*), 174 n. (-*oa*), 163 (*Freita*).

---

<sup>1</sup> Bibliographia: *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Paris, 1901; *Revista Lusitana*, VII, 33 (J. J. Nunes).

Gallego e outros co-dialectos: 20-21, 249. E vid. supra, pag. 483.

Riodonorês: 465.

Crioulos em geral: 351. Dialecto de Ceilão: 351.

Linguagem dos Judeus portuguezes: 20 e n. 1.

### Litteratura:

Historia da Litteratura (e bibliographia): 247.

Monumentos da lingua archaica: 17-19, 133 ss. e 518.

Alcobaça: riquezas litterarias que os seus monges nos legaram: 17-18.

Bibliothecas e archivos: 18.

Influencias provençalescas: 103 ss.

Cancioneiros portuguezes medievaes: 102-103.

D. Denis, rei-trovador: 107; seu Cancioneiro: 19 e n. 9.

Affonso o Sabio: 103.

*Cantigas* de João de Guilhade: 449.

*Boosco deleytoso*: sua linguagem: 136 n. 2.

*Espelho de Christina*: 137 nota.

*Auto da Festa*: 355 ss.

Várias edd. de Gil Vicente: 357.

*Chrestomathia archaica*: 447.

Litteratos aristocraticos: 355.

Crítica de textos: 243 ss.

Testamento de D. Affonso II, e seu exame philologico: 69-101.

Análise de varias poesias: 108-114 (trovadorescas), 441-446 (Sá de Miranda).

Relações da Litteratura popular com a Philologia e a Ethnologia: 8.

Adagios: 6, 25, 88, 294, 315 ss., 321, 409, 428-431.



## BIBLIOGRAPHIA

---

Devem procurar-se nas respectivas secções as obras que tratam de cada assunto: por exemplo as Grammaticas das lingoas romanicas vão citadas numa das paginas correspondentes á rubrica «Lingoas romanicas», supra, pag. 483; as que tratam de Geographia lingüística vão citadas numa das paginas correspondentes á rubrica «Sciencias congeneres da Philologia», supra, pag. 483; as que tratam dos vestigios dos casos, dos nomes verbaes, do verbo vicario, vão citadas nas paginas correspondentes a essas rubricas, supra, pag. 487, e 493. E assim por diante. Sobre a Orthographia, Lexico, Onomatologia, e Litteratura, tenho mesmo paragraphos especiaes: supra, pag. 486, 495, e 497. A outras secções (Phonologia, Morphologia, Syntaxe, Estilistica, Semantica, e Dialectologia) appus notas.—De modo que o leitor encontrará facilmente os livros que desejar conhecer.

Melhor sería formar aqui uma lista completa das obras citadas: como isso, porém, me tomaria muito tempo e espaço, limito-me ás indicações precedentes, e a designar em seguida varios periodicos que se occupam de Philologia romanica em geral, e que convem que o estudioso conheça: *Revue des langues romanes*, *Romania*; *Studi romanzi*; *Zeitschrift für romanische Philologie*, *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* (unicamente criticas bibliographicas), *Romanische Forschungen*, *Revue de Dialectologie romane*, *Bulletin*

de *Dialectologie romane*, *Germanisch-romanische Monatschrift*; *The Romanic review*. Ha além d'isso outros que, ou se referem especialmente a certos países, como *Archivio glottologico italiano*, *Revue des patois*, *Zeitschrift für neufranzösische Sprache und Literatur*, ou, dedicando-se a todos os ramos da Philologia ou Glottologia, dão á romanica bastante attenção, por exemplo *Modern language notes* (Baltimore), *Archiv für das Studium der neueren Sprachen, Wörter und Sachen*. Para os assuntos portuguezes, Philologia e Ethnologia, temos a *Revista Lusitana* (1887-1910).

# INDICE DOS VOCABULOS





## I. PALAVRAS DA LINGOA COMMUM

### A

*abixeiro*, 431.  
*accórdão*, 185.  
*-ade, -ada*, 459.  
*aduzer*, 93.  
*afilhastro*, 198 (-199), n. 2.  
*agno casto*, 271.  
*agora*, 45.  
*aguíom*, 431.  
*ainda*, 444.  
*ajudar*, 4.  
*al*, 65, 113.  
*alarme* (gallicismo), 390.  
*alcouço, alcoucês, alcovês*: vid.  
*Alcovês*.  
*alembrear*, 287.  
*alfim*, 61.  
*algaravia*, 192.  
*algarvio*, 425.  
*algorrém*, 67.  
*alguem*, 65.  
*almenos*, 61.  
*alomear*, 217.  
*alpardo*, 61.  
*alvez*, 61.  
*anciar* (êrro), 370.  
*anis*, 204.  
*-ânis*, nos nomes germani., 43.  
*anta* (archeol.), 252.  
*anta* (zool.), 252 e nota.  
*antanacláse* (êrro), 368.  
*após*, 77.

*apostóligo*, 89.  
*aquècer*, 149.  
*aquesto* e congeneres, 57.  
*arábio*, 196 n. 1.  
*araganças*, 417.  
*aravia*, 196, n. 1.  
*arávia*, 196 n. 1.  
*arcabuz*, 160, n. 3.  
*arcoense*: vid. com A-.  
*arredar*, 215.  
*arroio*, 119 e nota.  
*artigo* (gallicismo), 390.  
*arvore*, 216.  
*assessego*, 136, n. 2.  
*assuar*, 98.  
*astroso*, 409.  
*atá*, 89.  
*atêna*, 63.  
*atrêveste*, 185.  
*aturar*, 442.  
*aulico* (êrro), 368.  
*autoar*, 256.  
*avejão*, 35.  
*ávrego*, 431.

### B

*baldroca*, 417.  
*banal* (gallicismo), 390.  
*barba*, 87.  
*barca*, 127.  
*barom*, 81.  
*bel'*, 49, 61.

*bésta*, 160.  
*bexiga*, 54.  
*bixeiro*, 431, n. 7.  
*bofelhas*, 414.  
*braga*, 24, 192.

**C**

*cabiscol*, 297.  
*calças bragas*, 24.  
*caldo*, 341.  
*cãleiro*, 295.  
*cantar* (subst.), 111.  
*cantaria*, *canteiro*, *canto*, 257 s.  
*cantaril*, 428.  
*canto*, 257-258.  
*cão* (adj.), *cães*, 181 n. 4, 192.  
*caonigo*, 93.  
*cascalho*, 470.  
*caveira*, 146.  
*centinella*, 373.  
*certo* (adv.), 273.  
*che*, 53.  
*cholera*, 375.  
*chor*, 34.  
*chrichão*, 297 nota.  
*christão*, 297 nota.  
*christindade*, 297.  
*chrysantêmo* (êrro), 368.  
*chus*, 33, 98, 190.  
*cieiro*, 428.  
*cilha*, 34.  
*cinque*, 96.  
*còdório*, 47.  
*comparar*, 274.  
*comprar*, 274.  
*comprida*, 112.  
*compridamente*, 113.  
*comunal*, 112.  
*confiar*, 444.  
*congradoar*, 136 n. 2.

*cõ no*, 63.  
*contradança*, 207.  
*còrado*, 152.  
*corga*, *corgo*, 119 e 471.  
*êostumes* (gallicismo), 390.  
*cozinha*, 260.  
*eras*, 33.  
*erèdor*, 149.  
*croquis* (gallicismo), 390.  
*cuidado*, 443.

**D**

*D.* = *dom* (particula nobiliar-  
 chia), 49.  
*de* em compostos topographi-  
 cos e da ling. commum, 343.  
*debute* (gallicismo), 391.  
*deganha*, 307-308.  
*depós*, 77.  
*descoberta* (gallicismo), 391.  
*despacho* (id.), 391.  
*destacar-se* (id.), 391.  
*desleixado*, 193.  
*dereito*, 90.  
*devir*, 81.  
*dezóito*, 303.  
*dia*, 274 e 443.  
*dñeiro*, 90.  
*dispensario* (êrro), 397.  
*dispensatorio*, 399.  
*doce*, 298.  
*dolor*, 152.  
*dom*, 1) pl. *dões*, 143 n. 4;  
 2) vid. «*D.*» *supra*.  
*dómaa*, 461.  
*dona*, 110.  
*dor* (masc.), 136 n. 2.  
*dòrido*, 152.  
*duzia*, 310.

**E**

*ēader*, 277.  
*ēalhear*, 277.  
*ēaugar*, 277.  
*-ear* (não *-eiar*), 32.  
*ēavessar*, 277.  
*egreja* (êrro), 370.  
*eigreja*, 275.  
*eigreja*, 14 n. 1.  
*el* (art.), 89.  
*-el* (hebr.), 436.  
*elucidario*, 398 e nota.  
*empècer*, 149.  
*empós*, 77.  
*enamorado*, 277.  
*enclave* (gallicismo), 391.  
*endêz*, 43 nota.  
*endouto*, 25.  
*enha*, 56.  
*entegramente*, 79.  
*er*, 133.  
*escombros* (hespanholismo), 391.  
*escomulgado*, 217.  
*escudrinhar*, 463.  
*esculdrinhar*, 463.  
*esfaimado*, 194.  
*especime* (êrro), 368.  
*espital*, 97.  
*espitaleiro*, 96.  
*esquadrinhar*, 463.  
*esquècer*, 149.  
*esso e congeneres*, 58.  
*estar, estem*, 77.  
*estrella*, 410.  
*estroso*, 409.  
*excetes, excete, exetes*, 91.

**F**

*facho*, 34, 477.  
*facto* (gallicismo), 391.

*fada*, 126.  
*fame*, 194.  
*faminto*, 194.  
*fazenda*, 276.  
*figado*, 402.  
*fiarella*, 402.  
*flor*, 215.  
*fome*, 194.  
*fornecer* (gallicismo), 392.  
*frade*, 94 n. 2.  
*franças*, 417.  
*franças e araganças*, 417.  
*freire*, 94.  
*fundo* (gallicismo), 392.

**G**

*garantia* (gallicismo), 393.  
*geitar*, 96.  
*gèração*, 150.  
*glora*, 92 n. 1.  
*goivo*, 136 n. 2.  
*gordo*, 469.  
*gotico*, 26.  
*grilanda*, 136 n. 2.  
*groria*, 92 n. 1.  
*guarda (fazer)*, 100.  
*guia f.*, 406 nota.  
*guieira*, 428.  
*guisa*, 92.  
*guisado*, 97.

**H**

*haver*, 79, 195.  
*hervaunça*, 236.  
*hippodrómo* (êrro), 368.  
*hoje, hoje este dia*, 46; (*h*)*oje dia*, 244.  
*homem*, como pronome, 66.  
*hótel* (êrro), 368.

## I

-i, -is, decinencia de genetivo pessoal, 173.  
 -íca, 84.  
 -īcus, 85.  
 -īcus, 85.  
 -ici, -iz, 42.  
 -ici, -izi, -iz, -ez, -es, decinencia patronymica, 174.  
 icólemo, 218.  
 ilhéo, 425.  
 ilhóa, 425.  
 -ila nos nomes germanicos, 43.  
 imigo, 443.  
 inãa, 444.  
 ingresia, 195.  
 interesse, 393.

## J

janta, 275.  
 jogral, jogar, 105 n. 2, 517.  
 jorna, jornal, jornada, 275.  
 jovial, 410.

## L

lausiae, 24.  
 lavandeira, 207.  
 leixar, 193.  
 lembrar, 217, 287.  
 lhelo, 53.  
 lição (êrro), lição, 371.  
 ligeiro (gallicismo), 394.  
 lingoa « interprete » 406 nota.  
 loar, 111.  
 loitosa, 90.  
 loor, 113.  
 lousa, 24.  
 lunatico, 410.  
 lyrio (êrro), 371.

## M

madrasta, 214.  
 madre, 88.  
 mãe, 88.  
 maestre, 94.  
 maior, 81.  
 mal' adj., 295.  
 malvaisco, 218.  
 maná (fem.), 136 n. 2.  
 manda, 76.  
 marmello, 217.  
 medês, mendes, 59.  
 mego, migo, 53.  
 meiadade, 91.  
 melão, 295.  
 menina e moça, 314.  
 mentes (parar, ter), 136 n. 1.  
 mêzinha, 131 e 150.  
 mezquindade, 136 n. 2.  
 mha, 56.  
 mizquita, 270.  
 moesteiro, 93.  
 moimento, 14 n. 1.  
 moleiro, 296.  
 molher, 76.  
 mólho, 33.  
 montra (gallicismo), 394.  
 mor, 153, 154.  
 mórdomo, 153.  
 mörgado, 154.  
 mortaidade, 297.  
 mortandade, 297.  
 mortindade, 297.

## N

nagalho, 293.  
 namorado, 277, 278.  
 nemigalha, 67.  
 nengũu, 65 e 95.  
 nódoa, 147 n. 2.

*nom*, 81.  
*no' mais*, 53, 190.  
*nombro*, 98.  
*nonada*, 65.  
*no' nas*, 91.  
*noruega*, 431.  
*nosco*, 53.  
*nostro*, 57.  
*novêa*, *novêa*, 100.

**O**

*obra*, 394.  
*ode-*, *odi-*: vid. com *O-*.  
*ogano*, 45.  
*oliveira*, 296.  
*-o(n)-< >-ona*, 130.  
*ontem*, 372.  
*ontro*, 59.  
*orate*, 63 n. 1.  
*órdim*, 97.  
*orelha*, 196.  
*-orius*, 131 nota.  
*osso* «urso», 235.  
*outrem*, 59.  
*ouvida*, 197.

**P**

*pactuar*, 256.  
*pãdeiro*, 147.  
*pãdoa*, 147 nota.  
*padre*, 197.  
*pantomineiro*, 218.  
*par e passo* (êrro), 394.  
*páramo*, 127.  
*pardês*, 414.  
*partida* (*ponto de*) (êrro), 394.  
*parvenu* (substituível), 394.

*parvo*, 158 n. 2.  
*parvoice*, 158 n. 2.  
*passagem* (gallicismo), 394.  
*patêna*, 401.  
*pavio*, 265.  
*pelíngrino*, 216.  
*pelo*, 296.  
*pensar*, 185 e nota.  
*pensil* (êrro), 369.  
*per*, 77, 189.  
*pêrda*, 219.  
*pernêta*, 405.  
*pero*, 59.  
*pesar*, 185-186.  
*pêsame*, 185.  
*petis*, *-isa* (do fr.), 182.  
*piadade*, 99, 152 n. 1.  
*picoense*: vid. com *P-*.  
*piurra*, 275.  
*planeta* (fem.), 405.  
*pléiada*, 459.  
*portador*, 395.  
*português* (adj. uniforme), 182.  
*pos*, 77.  
*postrar*, 215.  
*praneta*, 405.  
*prasme*, 185.  
*pregar* «pedir», 99.  
*prègar*, 150.  
*prez*, 111.  
*proe*, 76.  
*proles*, 177 n. 2.  
*proveador*, 518.  
*púidico* (êrro).

**Q**

*qualxequer*, 66.  
*questão*, 395.  
*quexiquer*, 67.  
*quiçá*, 359.

**R**

*raiva*, 32.  
*redor*, 130, 219.  
*rem*, 66, 109.  
*remaer*, 89.  
*remontar*, 395.  
*rendez-vous* (francês), 395.  
*réplica*, 84.  
*reposte*, 100.  
*restaurant* (francês), 395.  
*revóra*, 81.  
*riir*, 113.  
*riquo-omêe*, 99.  
*rocha*, 477.  
*rôdo*, 215.  
*rôga*, 191.  
*romance e romanço*, 14 n. 2.  
*romêu*, 425.

**S**

*sachristão* (êrro), 371.  
*sádio*, 147.  
*sanguixuga*, 54.  
*santório*, 47.  
*são e salvo*, 75.  
*sarar*, 148 n. 1.  
*sazom*, 279.  
*se*, 80.  
*seer*, 75, 78.  
*segundo*, 91.  
*seismo*, 306.  
*séitimo, séitimo*, 307.  
*sémel*, 80, 218.  
*sen*, 113.  
*sendos*, 309.  
*senhor*, 56 n. 2.  
*senhos*, 309.  
*senlheiros e senlhos*, 309.  
*sentinella (centinella)*, 373.  
*ser*, 200. Vid. *seer*.

*serandar*, 210.  
*serão*, 32.  
*seroar*, 210.  
*serrazina*, 220.  
*sim* (pronome), 54.  
*simildão*, 211.  
*sinco por cinco*, 302.  
*sirvente* (êrro), 104 nota.  
*sirventês*, 104 nota.  
*so*, 189.  
*soão*, 430.  
*soar* (subst.), 294.  
*sóbolo*, 61.  
*soidom*, 297.  
*sontro*, 59 n. 1.  
*sossegar*, 374.  
*soturno*, 410.  
*soutro*, 59.

**T**

*tamanho*, 200, 443,  
*templeiro*, 96.  
*tercer*, 305.  
*terra* (ant.) e *terral*, 99, 430.  
*textil* (êrro), 369.  
*tim*, 54.  
*todo*, 65 e nota.  
*trabalho*, 442.  
*tráfico*, 84 n. 2.  
*traidoria*, 418.  
*tra'lo*, 113.  
*trans-* (*tras-*, *tra-*, *tres-*, *tre-*),  
 84 nota.  
*travessia*, 431.  
*trazer*, 443.  
*tréplica*, 84.  
*tribo*, *tribu*, 255.  
*trobador, trovador*, 105 e 517  
 n. 1.  
*tudenada*, 67.  
*túido*, 66.

**U**

*ũ*, *ũu*, 31.  
*ũa*, 301.  
*uma*, 62, 301.  
*umbria*, 431.  
*urso*, 235.  
*usso*, 235.

**V**

*vadio*, 148.  
*valer*, 296.  
*vassoira*, 131.  
*veador*, 151. Na lingua archaica  
 tambem *proveador*.  
*veador* « caçador », 152 n. 1.  
*vêdor*, 150.  
*venda*, 219.  
*venção*, 284.  
*verça*, 35.  
*viador*, 151.

*viavel* (gallicismo), 396.  
*villa*, 42, 156, 159, 162, 164,  
 165.  
*vindoiro*, 131.  
*vintados*, 304.  
*vista* (*ponto de*) (êrro), 136.  
*viveres* (gallicismo), 336.  
*você*, 44, 57.  
*vosco*, 53.

**X**

*xarôco*, 427.  
*xe*, *xi*, 53.

**Z**

*zeo*, 296.  
*zimbrar*, 428.  
*zimbre*, *zimbro*, 428 e nota, e  
 519.  
*zorate*, 63 e nota.





## 2. NOMES PROPRIOS

---

### A

*Achada dos Sapos*, 467.  
*Adeganha*, 308.  
*Afonseca*, 269.  
*Alagoa da Barreira*, 468.  
*Alandroal*, 474.  
*Albicastrense*, 425.  
*Alcobaça*, 334 n. 5.  
*Alcóbria*, 215 e 338.  
*Aleouço*, *Alcovês*, 429, 519.  
*Alcoutenejo*, 424.  
*Algarvio*, 425.  
*Algorões*, 468.  
*Almargem*, *Almarginho*, *Almarjão*, 468.  
*Almofalla*, 339.  
*Almoster*, 47.  
*Almourol*, 338.  
*Aloysio*, 435.  
*Alter*, 336.  
*Alvarianes*, 469.  
*Alvite*, 49.  
*Alvites*, 174 nota.  
*Alvito*, 174 nota.  
*Alvitos*, 48.  
*André*, 471.  
*Andresa*, 471.  
*Antas*, 251.  
*Araganças*, 417.  
*Arcoense* (erro), 254.  
*Arcos*, 253.  
*Arcozello*, 253.

*Areia-Gorda*, 469.  
*Áriz*, 159.  
*Armamar*, 338.  
*Arrancada*, 469.  
*Ave*, 331.  
*Áveiro*, 159.  
*Ávões*, 167.

### B

*Baldige*, 341.  
*Beja*, 37, 336.  
*Beltrão*, 216.  
*Berlenga*, *Bolegra*, 427 e n. 4.  
*Bernaldim* e *Bernaldo*, 216.  
*Bertiandos*, 48.  
*Bêsteiros*, 159.  
*Braga*, 216, 256, 331.  
*Bragança*, 337.  
*Brasil*, 374 e n. 3.  
*Bretiande*, 49 e nota.  
*Brincheiro*, 421.

### C

*Cabeção*, 470.  
*Cacella*, 37.  
*Caldo (Rio)*, 340.  
*Callipolense*, 425.  
*Cambra*, 294.  
*Câmões*, 161.  
*Canto*, 257.

Cão, 181.  
 Carlon (cfr. *Carlão*), 434.  
 Carlos, 433.  
 Cárquere, 216.  
 Carrasquinha, 470.  
 Cas-Freires, 343.  
 Cauvilla, 343.  
 Ceia (Seia), 373.  
 Cemalhas: vid. *Eira*.  
 Cerro das Pedras, 470.  
 Cesimbra (*Sesimbra*), 373.  
 Châmoa, 147 n. 2.  
 Chaves, 43-44 e nota, 258, 334.  
 C(h)ristos, 47.  
 Cid < Zidi, 173.  
 Cidadelhe, 47.  
 Cintra (*Sintra*), 373.  
 Coa, 336.  
 Coimbra, 217, 288, 335.  
 Côina, 336.  
 Colliponense, 425.  
 Corga da Andresa, 471.  
 Costa, 259.  
 Croyo < > Claudio, 23.  
 Cunha, 260.

**D**

Damesquita, 268.  
 Dantas, 251.  
 Degebe, 27.  
 Delouca, 27.  
 Demongre, 414.  
 Decho, 413.  
 Diacho, 413.  
 Dialho, 413.  
 Diangas e Diangras, 413.  
 Dianho, 413.  
 Dias, 261.  
 Doiro, 331.  
 Dom, 44, 49.

**E**

*Eidãia*, 335.  
*Eira da Bilharda*, 471.  
*Eira dos Cardos*, 471.  
*Eira das Semalhas*, 471.  
*Eira da Talica*, 471.  
*Eira Tardona*, 472.  
*Em(m)manuel*, 439.  
*Entre-ambas-as-Aves*, 331.  
*Entre-as-Estradas*, 472.  
*Ermamar*, 338.  
*Escovares*, 261.  
*Espôsende*, 162.  
*Evora*, 336.

**F**

*Farrobeira*, 474.  
*Felgarato*, 424.  
*Ferreira*, 265.  
*Fonte do Ermo*, 474.  
*Frágoas*, 84.  
*Franças e Araganças*, 417.  
*Frederico*, 215.  
*Freixo d'Espada à Cinta*, 266.  
*Fruitos*, 48.

**G**

*Gais*, 47.  
*Galliza e Galicia*, 129 e nota.  
*Gamanitos*, 474.  
*Gordo no onomastico*, 469.  
*Guadiana*, 27, 337.  
*Guilherme*, 217.  
*Guilhufe*, 42.  
*Guimarães*, 42.

**I**

*Idanha*, 335.  
*Ilgares*, 340.  
*Iligares*, 340.  
*Inferno*, 259.

**J**

*Jaos*, 423.  
*Japões*, 423.

**L**

*Lalim*, 217.  
*Larim*, 217.  
*Lamego*, 338.  
*Lavajo*, 474.  
*Lavoriz*, 49.  
*Lentiscães*, 474.  
*Ligares*, 340.  
*Lima*, 328.  
*Lisboa*, 130, 336.  
*Lisboeta*, 424, 426.  
*Lobrigos*, 48.  
*Loendrinho*, 474.  
*Longroiva*, 335.  
*Lorvão*, 184.  
*Luca*, 48.  
*Luis*, 434.  
*Lusiadas*, 459.  
*Luzes*, 174 n. 1.

**M**

*Maçorano*, 424.  
*Maiorca*, 155.  
*Maiorga*, 155.  
*Malhadinha*, 475.  
*Malhanito*, 475.  
*Malhorca*, 155 n.  
*Manganha*, 181.

*Manoel*, 436.  
*Mantrastos*, 475.  
*Marco*, 48.  
*Maroiço*, 475.  
*Melgaço*, 337.  
*Mende*, 42.  
*Mertola*, 297 e 337.  
*Mertolengo*, 424.  
*Mesquita*, 268.  
*Mindrico*, 424.  
*Minho*, 129-130, 328.  
*Minhoteira*, 424.  
*Mira*, 337.  
*Miranda*, 332.  
*Mirandello*, 423.  
*Môfreita*, 163.  
*Moimenta*, 252.  
*Mondego*, 335.  
*Monsanto*, 336.  
*Monteiro*, 181.  
*Mor*, 477.  
*Morianes*, 477.

**N**

*Nabuinho*, 329.  
*Navió*, 329.  
*Neiva*, 328.  
*Neri*, 181 e nota.  
*Neutel*, 217.

**O**

*Ode-, odi-*, 27.  
*Odemira*, 337.  
*Odiana*, 337.  
*Odivellas*, 28.  
*Olaia*, 296.  
*Olisiponense*, 426.  
*Orvão*, 184.  
*Ossa, Ossella, Osseira, etc.*, 235.

**P**

*Paçô*, 163.  
*Paços*, 178 n. 2.  
*Paes*, 175 n. 1.  
*Pederneira*, 475.  
*Pedra da Zorreira*, 476.  
*Pedro-Paulo*, 315.  
*Pégo do Sapo*, 476.  
*Penella*, 270.  
*Picoense* (êrro), 255 n.  
*Pilato*, 47.  
*Poçanguinha*, 476.  
*Pocilgão*, 476.  
*Portella de Morianes*, 477.  
 «*Portugal*»: fórmias estrangei-  
 ras d'esta palavra: 333.  
*Portugal*, 36, 332.  
*Proença*, 103.

**Q**

*Quental*, 125.  
*Quixote* (não com *ch*), 38 e n. 1.

**R**

*Recarei*, 42.  
*Rêsende*, 164.  
*Ribatejo*, 345.  
*Riengo*, 218.  
*Rio-Caldo*, 340.  
*Roboredo*, 82.  
*Rochinha*, 477.  
*Romariz*, 42.  
*Ròriz*, 165.  
*Ròsende*, 164.

**S**

*Sá*, 26.  
*Saes*, 234 ss.

*Sagres*, 43, 338.  
*Sãmeiro*, 167.  
*Sandim*, 42.  
*Santavaia*, 296.  
*Santavalha*, 296.  
*Santo Tisso*, 34.  
*Sapo* (no onomastico), 468, 476.  
*Sâtão* (*Çâtão*), 373.  
*Saxe* (êrro), 347.  
*Saxonia*, 347.  
*Sebachão*, 297.  
*Seixal*, 478.  
*Selióbria*, 338.  
*Serpa*, 337.  
*Sesimbra*, 373.  
*Sesmaria*, 306.  
*Sêtil*, 167.  
*Sever*, 42.  
*Sinfães* (*Cinfães*), 373.  
*Soenga*, 294.

**T**

*Tàgilde*, 165.  
*Talavus*, 166.  
*Talica*, 461.  
*Tamega*, 334.  
*Tàvares*, 165, 337.  
*Tàveira*, 165.  
*Tàveiro*, 165.  
*Tejo*, 37, 336.  
*Temudo*, 372.  
*Tijolo*, 478.  
*Torreano*, 424.  
*Torrejano*, 425.  
*Tua*, 337.  
*Tuy*, 337.

**U**

*Umbria da Penha d'Agoa*,  
 478.

**V**

*Valdigem*, 341.  
*Valle de Linhares*, 478.  
*Valle Travêso*, 479.  
*Vallongueiras*, 344.  
*Valverde*, 479.  
*Ventura*, 279.  
*Vergilio*, 453.  
*Vermoim*, 42.  
*Vidigueira*, 270.  
*Vimaranense*, 425.

*Viriato*, 120.  
*Visigodo*, 26.  
*Viseu*, 338.  
*Vizella*, 331.  
*Vouga*, 334.  
*Vouzella*, 334.

**Z**

*Zidi*, 173.  
*Zimbre*: vid. com z-.



## ADDENDA & CORRIGENDA

---

Páginas	Linha	Erros	Emendas ou acrescentos
19	10. <sup>a</sup>	—	Accrescente-se depois da chamada: «, e das finas observações de Mussafia na <i>Antica metrica portoghese</i> , Viena, 1895».
31	última	—	Falta um colchete no fim da nota.
38	15. <sup>a</sup>	—	Accrescente-se: « Mas já em hespanhol moderno ha <i>frente</i> ».
57	11. <sup>a</sup> -12. <sup>a</sup>	<i>disfigurado</i>	<i>desfigurado</i>
63	24. <sup>a</sup>	—	No <i>Onomastico</i> de Cortesão vem <i>Ozezar</i> como do sec. XI.
66	1. <sup>a</sup>	—	A palavra <i>tuido</i> soa <i>túido</i> .
105	4. <sup>a</sup>	—	Acerca da differença entre <i>jogral</i> ( <i>jograr</i> ) e <i>trovador</i> ( <i>trobador</i> ), vid. uma poesia de João de Guilhade, que começa assim:
			<p>« Lourenço jograr, ás muy gran sabor          » De citolares, ar queres cantar,          » Des i ar filhas-te log' a trobar,          » E tões-t' ora ja por trobador »,</p>
			na ed. de Nobiling, pag. 55; e cfr. as poesias seguintes a esta.
132	25. <sup>a</sup>	<i>corresponde</i>	<i>correspondia por vezes</i>
134	18. <sup>a</sup>	<i>momentos</i>	<i>monumentos</i>
135	22. <sup>a</sup>	—	Ultimamente encontrou na Bibliotheca Municipal de Viseu o Dr. Amadeu da

Páginas	Linha	Erros	Emendas ou acrescentos
			Silva, Professor do Lyceu da mesma cidade, um bello exemplar do <i>Trautado da virtuosa benefeytura</i> , ms. pergaminaceo do sec. xv, o qual pertenceu successivamente ao arcebispo eborense D. Theotónio, á Cartuxa de Evora, e ao Dr. Antonio Nunes de Carvalho, que o legou a Viseu.
137	3. <sup>a</sup>	—	Acêrca de uma rara obra portuguesa (traducção), impressa, ao que parece, nos começos do sec. xvi, e existente na bibliotheca dos herdeiros de Fernando Palha, vid. <i>Evangelios y epistolas con sus exposiciones en romance</i> , ed. de Isak Collijn & Erik Staaf, Leipzig (O. Harrazowitz), 1908. D'esta última obra ha um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Cfr. tambem <i>Bulletin de Dialectologie romane</i> , I, 121.
152	2. <sup>a</sup>	—	Accrescente-se: «A par de <i>veador</i> ha <i>proveador</i> em português archaico, palavra que, quanto a mim, vem tambem do hespanhol ( <i>procedor</i> )».
153	15. <sup>a</sup>	-l	-l-
156	4. <sup>a</sup>	—	Accrescente-se <i>de</i> depois de <i>Villa Chã</i> .
158	14. <sup>a</sup>	sec. XVI	sec. XV
»	33. <sup>a</sup>	deminutivo	feminino (na nota)
161	22. <sup>a</sup>	n. <sup>o</sup>	n. (quer dizer «nota»).
185	26. <sup>a</sup>	—	A um individuo de Macedo de Cavalleiros ouvi ha pouco effectivamente: <i>pêso, pêsas, pêsam</i> (ao passo que dizia <i>revêzo</i> ou <i>rebêzo</i> , etc.).
188	22. <sup>a</sup> -24. <sup>a</sup>	—	<i>Teudas e manteudas</i> é uma só frase.
204	27. <sup>a</sup>	camp	campo
226	23. <sup>a</sup>	antiga	existente. — Ao especializar os trabalhos do Sr. G. Viana, não foi meu intuito desconsiderar os de outros campeões da reforma orthographica; citei só aquelles, por brevidade, e por serem os mais notaveis.



Páginas	Linha	Erros	Emendas ou acrescentos
231	12. <sup>a</sup>	—	O nome todo é <i>Antonio de Moraes Silva</i> .
265	10. <sup>a</sup>	<i>Ferreira</i>	<i>Ferreiras</i>
269	25. <sup>a</sup>	<i>pag. 167</i>	<i>pag. 176</i>
277	antepen. <sup>ma</sup>	—	A «s. v.» accrescente-se: «emavesar».
302	11. <sup>a</sup>	<i>mudo</i>	<i>mudado</i>
306	15. <sup>a</sup>	<i>Quintanale</i>	<i>Quintanal</i>
>	29. <sup>a</sup>	<i>litteraaia</i>	<i>litteraria</i>
309	21. <sup>a</sup>	* <i>selhos</i>	* <i>sêlhos</i>
313	22. <sup>a</sup>	<i>pag. 00</i>	<i>pag. 304</i>
336	19. <sup>a</sup>	—	Entre * <i>Cauna</i> e <i>Coina</i> accrescente-se: « <i>Couna</i> (sec. XVI)».
>	21. <sup>a</sup>	<i>Abalterii</i>	<i>Abelteriï</i>
348	5. <sup>a</sup>	—	Accrescente-se: «Em português arcaico ha <i>Sansonha</i> numa nota de um lais de Bretanha: vid. <i>Revista Lusit.</i> , VI, 5 (D. Carolina Michaëlis); e cfr. pag. 8». A nasal póde explicar-se por influencia de outras palavras assim começadas, por exemplo <i>Sansão</i> , <i>Sã Fulano</i> .
428	29. <sup>a</sup>	—	<i>Zimbro</i> , com -o, tambem se diz em Paredes de Coura, como me informa o Sr. Dr. Narciso Candido Alves da Cunha.
429	11. <sup>a</sup>	—	A palavra <i>Alcovês</i> é já conhecida de Viterbo, <i>Elucidario</i> , que diz, I, 81: «alcoucês ou alcovez, vento do >Sul. <i>Alcouço</i> ou <i>Alcouso</i> : Sul, á >banda do Sul. Doc. do sec. XIV e >XV».







PC  
5043  
L4  
1911

Leite de Vasconcellos Pereira  
de Mello, José  
Lições de philologia  
portuguesa dadas na Biblioteca  
Nacional de Lisboa

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

# LIVRARIA CLASSICA EDITORA

20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

A. R. GONÇALVES VIANA

APOSTILAS AOS DICIONARIOS PORTUGUESES. Valiosissimo archivo de numerosas dicsões que até hoje não haviam sido incluidas nos dicionarios portuguezes, e novas acepções de vocalulos já coligidos ábonados com publicações antigas e modernas. 2 grossos vol. . . . .	2\$000
ORTOGRAFIA NACIONAL. Simplificação e uniformização siste- matica das ortografas portuguezas. 1 vol. . . . .	1\$000
PALESTRAS FILOLOGICAS. Vocabulário — Grammatica — Vária. 1 vol. . . . .	700
VOCABULARIO ORTOGRAFICO E ORTOÉPICO DA LINGUA PORTUGUESA. 1 vol. . . . .	1\$000

JULIO MOREIRA

ESTUDOS DA LINGUA PORTUGUESA. Subsídios para a syn- taxe historica e popular. 1 vol. . . . .	600
---	-----

EPIFANIO DA S. DIAS

GRAMMÁTICA HISTÓRICA DA LINGUA PORTUGUESA (No preço)

## Revista Lusitana

Archivo de estudos philologicos e ethno-  
logicos relativos a Portugal

DIRECTOR: D.<sup>OR</sup> J. LEITE DE VASCONCELLOS

Primeiro Bibliothecario da Bibliotheca Nacional de Lisboa, Director do Museu  
Ethnologicos Portuguezs

*Com os a honra de communicar aos nossos freguezes que a Revista  
Lusitana, precioso repositorio de estudos philologicos e ethnographicos, que  
já em seus 22 annos de existencia, passa a ser publicada pela nossa casa do seu  
vol. XIV em diante.*

*Esta Revista, já bem conhecida e acreditada tanto no pais como fóra,  
tem se occupado de muitos dos varios problemas que pertencem aos campos das  
dicas referidas sciencias: grammatica, lexico, etymologias, textos antigos, ono-  
mastico, litteratura, tradições populares, etc., — já em artigos desenvolvidos, já  
em notas breves, já em criticas ou meras noticias bibliographicas, collaborada  
por numerosos e consagrados especialistas nacionaes e estrangeiros, por exp.  
D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Gonçalves Viana, Julio Moreira,  
Epifanio Dias, F. Adolfo Coelho, A. Thomaz Pires, J. J. Nunes, W.  
Storck, J. Cornu, G. Huet, Dr. O. Nobiling, Dr. H. Lang, etc., etc.*

### Condições das publicações:

A REVISTA LUSITANA publicar-se-ha em fasciuculos trimensaes ou semes-  
traes, respectivamente de cerca de 80 ou de 160 paginas, formando os 4 ou 2  
numeros um volume por anno.

Preço da assignatura annual (franco de porte) 2\$400 réis, pagamento  
adiantado.